

**Ao Grande Occidente**

Casa de Moveis e Tapeçaria  
Manufatura de Moveis finos

**Marques, Almeida & C.**

Completo sortimento de moveis nacionaes e estrangeiros.  
Tapetes, Capachos, Coleções, Aeolchoados, Cortinas, Cor-  
tinados e tudo mais concernente a este ramo de negocio.

Mátriz: RUA LIBERO BADARO' N. 51 — Telephone N. 932

Filial: RUA DE S. JOÃO N. 97 — Telephone N. 4643 — **São Paulo**

**“REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA”**

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA, A MAIS UTIL, A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS SOBRE Sciencia do Commercio, Technica do Commer-  
cio e da Industria, Contabilidade, Escripturação, Politica Commercial, Geogra-  
phia Commercial, Finanças, Sciencias Económicas, Estatistica Commercial, In-  
dustrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE Legislação commercial, Jurisprudencia  
commereial, Alfandegas, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Com-  
mercial, Movimento Bancario, Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados,  
Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa encyclopedia commercial - Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: Livrarias **ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

Redacção: RUA DIREITA, 27 (1.º andar) -- S. PAULO -- Officinas: RUA DR. ABRANCHES, 43

CAIXA, 1172 - TELEPHONE, 1908

*Placas Esmaltadas e de Metal*  
*Massucci Petracco Nicoli*

*Gravuras, Carimbos de*  
*Borracha, Formas para*  
*Sabonete*

TELEPHONE N. 3641

*Escrlptorio: R. Florencio de Abreu, 52*

*Fabrica: R. dos Alpes, 79*

S. PAULO

# Hotel Fraccaroli

*Antigo Hotel  
Roma* ::



Em frente á  
Estação  
da Luz

**60** quartos  
elegante-  
mente mobiliados

Diarla:  
8\$000 e 9\$000

Rua Mauá N. 121-A :-: S. PAULO



## CASA AVOLIO

◆◆◆ Alfaiataria e Camisaria

Importação Directa

Ternos sob medida desde  
Rs. 45\$000 até 140\$000

## Luiz Avolio

Sua Anhangababú, 6

Telephone, 1510 ≡

SÃO PAULO

Confecções  
para homens

CASA DE  
1.ª ORDEM



Secção espe-  
cial de  
vestidos

::: GENRE  
TAILLEUR

para Senhoras  
e Moças



ALFAIATARIA  
**Louverso**

Ultima criação da casa

Rua Boa Vista, 52 (sobrado)

Teleph. Central, 5379 = **S**ão Paulo

# Empreza Cinematographica Pinfildi

**E**MPREZA

estabelecida exclusivamente  
para a compra, venda e alu-  
gueis de films :: ::

AGENTES EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

Escritorio e Deposito Central: \_\_\_\_\_

**RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 49, 49-A E 49-B**

Telephone, 3196 :- Caixa Postal, 22  
Endereço Telegraphico: "PINFILDI"

**S. PAULO**

SUCCESSAL:

Rua 13 de Maio N. 43 (sobr.)

**RIO DE JANEIRO**

## Industrias de Esmaltação

ENAMEL  
INDUSTRIES

**FABRICA DE FERRO ESMALTADO E FUNDIÇÃO**

Placas esmaltadas, Numeros, Letreiros, Fogões  
economicos esmaltados, Caixas de descarga,

————— Latas frigorificas —————

## M. Boeris & Comp.

**BREVEMENTE:**

Fabricação de ferro Fundido  
Esmaltado, Artigos Sanitarios  
etc.

*Unicos Fornecedores da Prefeitura  
Municipal da Capital do Estado*

**Telephone N. 4794**

Loja e Escritorio:

**Caixa N. 903**

**Rua Florencio de Abreu, 6-A - S. PAULO**

**Fantazio Restaurante**  
de **A. Seabra**

Rua José Bonifácio, 43-A  
Esq. Largo Ouvidor  
TELEPHONE, 4207

Esta casa oferece aos srs. freguezes o maximo asseio e rapidez, estando todo o serviço a cargo dos proprietarios. - Serviço à la carte a preços modicos. - Refeição avulsa 1\$000. - Todas as quartas-feiras, Feljoada completa á carioca.

Accetamos pensionistas e mandamos pensão á domicilio

Especialidade em Vinhos do mosa e Licores nacionaes e estrangeiros

**404** Marca **33**  
**Registrada**

*Com a maravilhosa injeção seccativa e capsula 404, cura-se qualquer blenorragia. Quando tudo falhar este exiraordinario preparado sempre triumphará. O unico allivio da mocidade inexperiente. Experimentae e vereis o effeito assombroso. Não ha blenorragia que resista a esta assombrosa descoberta. :-; Vende-se em S. Paulo nas drogarias:*

Barroso Soares & C., Baruel & C., Braulio & C., Figueiredo & C. e nas principaes pharmacias e drogarias desta cidade e de todo o Brasil.

*Café Academico*

Telephone, 1336

*Café e Bar completo  
Casa de 1.a ordem ::*

*Bernardino José Borges*

*Rua Direita, 53*

*S. PAULO*

OFFICINAS DE OBRAS DE

**“O ESTADO DE S. PAULO”**

JORNAES, REVISTAS E TRABALHOS COMMERCIAES EM GERAL

Rua 25 de Março, 145 - Telephone N. 725

SECÇÃO ARCHIVO - S. PAULO

==== EDIÇÃO DA NOITE DO  
"ESTADO DE S. PAULO"



Jornal moderno, de formato commodo,  
publicando oito paginas diariamente  
Inserere telegrammas de ultima hora

ASSIGNATURAS - Anno . . . . 15\$000  
6 mezes. . . 8\$000

Para annuncios:

*Pedro Didier*

RUA S. BENTO N. 61 (sala n. 5)

*Valentim A. Harris & C.*

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 45

**Sociedade  
Anonyma**

## **Perfumaria Bizet**

Perfumaria em geral, fabricadas com o maior capricho e essencias de primeira qualidade

Relação de algumas especialidades da Perfumaria  
**“BIZET”**

**Agua de Kolognia Russa, Loção tonica  
“Jaborandina” Petroleo Oriental, Pós  
para toilette, Talco “Mimoza” Tintura  
para cabelo “Favorita”**



**Caixa Postal, 1705**

**Escritorio: Rua de S. Pedro, 50**

**Telephone Villa 1337**

**Fabrica: Rua Maria Amalia**

**(Transversal á do URUGUAY)**

**RIO DE JANEIRO**

# As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBA, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor. Rodas de agua,  
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado  
e pertences*

---

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

**Rua Alvares Penteado N. 14**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"



# REVISTA DO



# BRASIL

## SUMMARIO

OLAVO BILAC . . . . . da Academia Brasileira	Affonso Arinos . . . . .	3
MARIO PINTO SERVA . . . . .	A politica e o sentimento da humanidade . . . . .	7
JACOMINO DEFINE . . . . .	Vac-vens do Sonho e da Vida . . . . .	13
OLEGARIO MARIANNO . . . . .	Poesia . . . . .	19
MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . . . . da Academia Brasileira	Livros ... . . . .	24
MONTEIRO LOBATO . . . . .	Almeida Junior (com il- lustrações) . . . . .	35
GODOFREDO RANGEL . . . . .	O estylo de Fialho . . . . .	53
OCTAVIO AUGUSTO . . . . .	Esthética da Decadencia . . . . .	60
FRED. G. SCHMIDT . . . . .	Nacionalismo . . . . .	65
JOÃO KOPKE . . . . .	O Corvo . . . . .	70
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	87

(Continúa na pagina seguinte)

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 13 - ANNO II

VOL. IV

JANEIRO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



**RESENHA DO MEZ** — Impressões de Napoles (*Ricardo Gonçalves*) — Defesa Nacional (*Mario de Alencar*) — Os medicos e o futuro do Brasil (*Miguel Couto*) — As bibliothecas no Brasil — O problema do funcionalismo — A missão da mocidade (*Albino Camago*) — Constança e Ignez (*Carlos Malleiro Dias*) — As cooperativas de consumo nos Estados Unidos — Os amigos dos artistas — O elemento sobrenatural na historia — A utilização dos idiotas — Desaparições mysteriosas — As “gaffes” — Publicações recebidas — As caricaturas do mez. Illustrações: *Caipira picando fumo, Amolação interrompida, Saudades, Importuno e Partida da Monção*—quadros de Almeida Junior.

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO . . . . .	15\$000
SEIS MEZES . . . . .	8\$000
ESTRANGEIRO . . . . .	20\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$500
NUMERO ATRAZADO . . . . .	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia dovo ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

**TELEPHONE, 745**

**SÃO PAULO**

# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Baneo tem correspondentes em todas as principais cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Baneo e seus correspondentes.

Enearrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Baneo, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

# Almeida Guedes

41. RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

## JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511  
ESTABELECIMENTO DE 1.<sup>A</sup> ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,  
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

## Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

### Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



# WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523      End. Electr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

## IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO  
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-  
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E  
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;  
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA. ETC.

## AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-  
ÇA"** de LONDRES (*Alliance Assurance Co. Ltd.*)  
Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The  
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

**CIMENTO** - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.  
White & Bros. - Londres.

**CREOLINA E PACOLOL** - de WM. PEARSON Ltd.  
de Londres e Hull.

**WHISKEY** - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de  
Edimburgo - Escócia.

**TINTA PREPARADA** - "LAGOLINE" e outras mar-  
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

**CERVEJA "GUINNESS"** - marca "CABEÇA DE CA-  
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

**ASPHALTO** - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val  
de Travers - Suíça.

**MATA-BORRÃO "FORD"** - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

**"BRICKTOR"** e MALHAS para CIMENTO ARMADO de  
Johnson Clapham & Morris - Manchester.

# REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos. Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impecavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthème, a chronista das segundas-feiras do "Palz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

**"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LEL-A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"**

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de aguiha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECÇÕES de educação social, de educação privada.

SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECÇÕES de ornatações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originaes de fogão e forno.

SERVIÇO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correio.

Dirijam suas cartas á Directora  
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

*Vicente Lattuchella*  
*Alfiate*

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

# CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

## APPARELHOS PARA JANTAR

O MELHOR SORTIMENTO

### CASA FRANCEZA

DE

### L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS DO

O ESTADO DE S. PAULO

EXECUTA-SE QUALQUER  
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145

TELEPHONE 725 S. PAULO

UNESP - Biblioteca - Assis

Class.: 0R050

Tombo/Tit: 1084

REVISTA  
DO  
BRASIL

---

VOLUME IV

JANEIRO - ABRIL DE 1917

ANNO II

---

PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA

S. PAULO - BRASIL



20287



**DIRECTORES**

L. P. BARRETTO,  
JULIO MESQUITA,  
ALFREDO PUJOL.

**REDACTOR-CHEFE:**

PLINIO BARRETO

**SECRETARIO-GERENTE:**

J. M. PINHEIRO JUNIOR

58305



---

---

## AFFONSO ARINOS <sup>(1)</sup>

---

Ha poucos mezes, em Bello Horizonte, falando a homens de letras de Minas, proenrei evocar, em poucas linhas, nnuma reminiscencia, a figura de Affonso Arinos, homem e artista:

“Conheci-o, a principio, em Ouro Preto, na austera Villa Rica; alli vivi com elle, no silencio e na poeira dos archivios; e alli comecei a admirar o profundo brasileiro organico, que forrava o seu espirito. Conheci-o depois, e melhor, na Europa, no tumulto de Pariz, e em longas viagens, romarias a cathedraes e a castellos, passeios por cidades e campos. Na Europa, Affonso Arinos era ainda mais brasileiro do que no Brasil. Alto, robusto, elegante, de nnuma estatura e um ar de gigante amavel, em que se alliavam a energia e a graça, conservando no olhar e na alma o nosso cén e o nosso sol, elle era como uma das arvores das nossas matas, exilada nas frias terras do velho continente. Nos *boulevards*, nos salões, nos theatros, e ainda nas geladas galerias de Rambonillet e de Versailles, onde erravam os espectros de Francisco I e Luiz XIV, — Affonso Arinos mantinha, sob a polidez das snas maneiras de fidalgo, o andar firme, um pouco pesado, e o geito reservado, um pouco timido, e o falar comedido, nnum pouco hesitante, de um sertanejo forte, andeiro e cavalleiro, caçador e escoteiro, simples e ousado... Ainda hoje ó vejo, e me vejo, claramente, nnum dia de Fevereiro de 1909, quando visitámos juntos a cathedral de Chartres. Era duro o inverno. Quando chegámos a

---

(1) Estas paginas servirão de prefacio ao terceiro volume da Sociedade de Cultura Artistica, em que são reunidas as conferencias, alli realisadas pelo saudoso escriptor Affonso Arinos.



dos que o exploram; e um dia os fracos e os máus desaparecerão, e os fortes e os bons, sahidos da massa anonyma, já livre e instruida, serão os definitivos governadores.

Edouard Schuré, no prefacio da sua "Histoire du Lied", escreveu estas linhas admiraveis: "O povo, muito tempo desprezado, sonha e canta, e tem a sua poesia e o seu ideal; opera-se nelle um grande e surdo trabalho. Muitas vezes, este trabalho instinctivo passa-se para a litteratura; e os verdadeiros autores da obra ficam desconhecidos. Os homens da imprensa e das classes cultas não percebem isto; mas a imaginação popular continúa a agitar-se, subterranea, multipla, criadora, incessante, como a vegetação do coral, que lentamente se levanta do fundo do mar em ramificações infinitas, acabando por abroilhar em ilhas encantadoras que deslumbram os navegadores."

Palavras, que sempre devem ser meditadas por nós, homens de pensamento e de palavra. Os poetas, quando jovens, pensam, no innocente orgulho da sua mocidade, e no natural engano do seu talento, que são elles que dão ao povo idéas e sentimentos; e ignoram que são apenas instrumentos de uma força estranha, que os inspira e exalta, emanações insensíveis da sua terra, effluvios invisíveis da sua gente. O tempo e a reflexão, que dão modestia, esfriam esse enthusiasmo. Depois de certa idade, sabemos que os melhores poemas são os que nascem sem artificio, independentes do uso das metricas e dos lexicos, — os que sahem do seio da natureza, frescos e limpidos, como a agua salta das rochas. São os poemas melhores, e os mais duradouros. Os nossos livros, concebidos e dados á luz na anciedade e na tortura, viverão menos do que esses contos singelos, essas lendas infantis, essas trovas ingenuas, que o povo ideou e criou, sem esforço, em sorrisos, entre o amanho da terra e a contemplação do céu.

Affonso Arinos conheceu bem, de perto, esse claro e eterno manancial da nossa poesia. Viajador da nossa terra, familiar do sertão e dos sertanejos, elle teve o dom de tratar os homens de alma simples, sabendo falar-lhes e sabendo ouvi-los, e enternecendo-se com o seu sonho rustico.

Este enternecimento perfumou a sua vida, e adoçou a sua morte.

Janeiro, 1917.

OLAVO BILAC.



---

---

## A POLITICA E O SENTIMENTO DA HUMANIDADE

---

De Gladstone, o grande homem de Estado da Inglaterra, dizia um seu biographo que a suprema aspiração de toda a sua vida e de todos os seus esforços, em uma carreira de meio seculo de actividade, havia sido o melhorar a sorte da grande massa de homens, mulheres e crianças de seus compatriotas, minorando-lhes a fome, a miseria, e provendo-lhes ao conforto, á cultura, á prosperidade.

A preocupação maxima da politica de Gladstone era o diminuir os onus que pesavam sobre a vida do povo, de maneira a alliviar as classes trabalhadoras, tornando-lhes mais facil a vida, mais productiva a actividade.

E por isso a Inglaterra nunca foi mais forte, mais rica, mais acatada entre as nações, que quando Gladstone attingiu ao zenith de sua autoridade.

Dil-o tambem Woodrow Wilson:

O bem estar, a felicidade, a energia e o conforto de todos os homens e de todas as mulheres que trabalham dia a dia, em nossas minas e em nossas usinas, em nossas estradas de ferro, em nossas casas de commercio e em nossos portos, em nossas lavouras ou em nossas embarcações, — eis em que é que consiste o fundamento de toda prosperidade. Não pode haver nada de legitimo si elles não têm uma vida confortavel; não pode haver prosperidade si elles não são felizes. O seu bem estar physico é a base do bem estar nacional.

Peel, abandonando o poder britannico, dizia com a consciencia tranquillizada, ao deixar a politica:

Deixarei, sei-o, um nome execrado por todos os monopolisadores que, sob pretexto de interesse publico, não visam senão seu lucro particular; mas o meu nome será quem sabe lembrado com gratidão nas habitações dos homens cuja vida consiste em ganhar o pão de cada dia com o suor de seu rosto. Nesses lares porventura se recordarão de mim com benevolencia, quando esses humildes obreiros repararem suas forças com uma alimentação abundante e livre de impostos, tanto mais reconfortante quanto ella não terá como fermento o sentimento da injustiça.

Assim em todos os paizes o melhor titulo de benemerencia a que aspiram os estadistas é o serem considerados amigos do povo. Em outros paizes os estadistas procuram auseultar a alma popular, procuram attenuar os soffrimentos que a conturbam, procuram penetrar nos arcanos do espirito nacional, trazendo-lhe o conforto que amorteee as dores a crueciarem-no.

Eis ahi uma concepção politica que ainda não penetrou na mentalidade brasileira. A phraseologia banal e superficial que a caracteriza nunca fez brotar dos labios uma referencia a isso que devêra ser o fim final da politica — o trabalhar para fazer a felicidade deste misero povo que, desde as florestas sombrias do Amazonas longinquo, vive a vida mais ingrata e adversa a que jámais raça alguma foi condemnada pelos erros da visão politica.

Euelydes da Cunha desereve a epopéa dantesca daquelles miseros seringueiros, sumidos na Amazonia remota, arrastando a existencia inteira monotona, obscura, dolorosissima e anonyma, a girar acabrunhadamente na via crueciante, inalteravel, sem principio e sem fim.

“Então, diz Euelydes, pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham á borda do rio solitario, que no proprio volver das suas aguas é o primeiro a fugir, eternamente áquelles tristes e desfrequentados rincões”.

“Domina-lhe (ao seringueiro) o criterio rudimentar de uma convieção demasiado objectiva ou ingenua, mas irreductivel a entrar-lhe a todo o instante pelos olhos a dentro, assombrando-o: elle é um excommungado pela propria distancia que o afasta dos homens; e os grandes olhos de Deus não podem descer até aquelles brejaes, manchando-os”.

E esse seringueiro miserrimo, abandonado, inculto, é a população toda da Amazonia inteira.

No Centro do Brasil não é menos aspera e selvagem a vida do brasileiro, antes a terra vive em permanente insurreição contra o homem, constituindo-lhe o mais inhospito dos habitats, obrigando-o não raro a um exodo penosissimo para a costa ou para as serras distantes, até que o flagello lhe permita o regresso ao sertão adusto onde vai reomeçar do principio a vida penosa.

A secca despoeva os campos, desloando a sua população inteira, em vastas caravanas, que se dirigem famintas para o litoral, onde se agglomeram nas cidades e aldeias á espera de minguidos e tardios socorros, dispensados com avareza.

Sobre a physionomia urbana do Norte do Brasil diz Chrispim Mira: "Dir-se-ia, encarando o Norte de um modo geral, que todas as suas cidades tiveram outr'ora algum desenvolvimento, e depois se deixaram ficar paradas na soturnidade das suas velharias, incapazes de acção, vivendo no limo dos casarões vetustos, mortas para a gloria da luz e do bello".

Mesmo ao sul ainda, primitivo e desherdado, o nosso caboclo vegeta na indigencia voluntaria que contrasta com a exuberancia do scenario que o cerca. Dêm-lhe o feijão, a viola e a caehaça e elle nada mais deseja, nada mais aspira na existencia. Mergulhado numa apathia fatalista e inerte, eachimbando indolentemente, o nosso caboclo, desprotegido, isolado, ignorado, exilado na propria terra, é elle a grande massa da população nacional, é a base da formação do paiz, é a patria que os homens do litoral ignoram e abandonam no deseaso secular das nacionalidades que cvolvem á tóa e não attingiram ainda á formação da consciencia collectiva que as integre.

Eis ahí o que é o povo brasileiro no Norte, no Nordeste, no Noroeste, no Centro e em boa parte do Sul: uma grande caravana de saericados a perambular a sua miseria physica, mental, moral, economica e politica por sobre esta immensa região americana em que a terra só espera o trabalho intelligente para se desentranhar em fruetos opimos.

O seringueiro do extremo Norte, o sertanejo do hinterland central, o caboclo do Sul — são esses tres typos, fruetos de ealdeamentos multiseculares, amalgamas confusos de braneos, pretos e amarells, são elles porventura a grande massa da popula-

ção brasileira, constituem o fundo da estrutura nacional, os tres expoentes maximos da raça brasileira, abandonada, desamparada de qualquer esforço educador, de qualquer acção eivilisadora, de qualquer earinho social.

A Patria para o seu espirito rude e primitivo é uma abstracção incomprehensivel quando não a grande irrisão que se lhes apresenta na função brutal e unica de cobrar-lhes impostos, em troca de nenhum serviço, e de appellar para o seu sacrificio pessoal nos transe de conflictos internacionacs.

Quando é que a politica nacional cogitou de levar o conforto, o bem estar, a cultura, a eivilisação e a educação a esses miseros entes humanos que a má sorte fez nascer na Patria mais ingrata que lhes podia ser aquinhoada?

Quande é que se lhes procurou sequer ensinar o alphabeto? Si o descobrimento anonymo do fogo é mais fundamental que o dos raios X; si a domesticação do primeiro animal é mais fundamental que o aperfeicoamento das raças modernas; a tudo isso sobreleva em importancia eivilisadora o inveno do alphabeto pelo povo phenicio. Nem o alphabeto, base fundamental da eivilisação, nem isso nós ensinamos ao nosso caboelo.

Entretanto, si o brasileiro no vasto hinterland central é um paria na sua terra natal, o brasileiro do Rio, de S. Paulo e dos Estados mais adeantados só tem hoje uma funeção na vida — é pagar impostos.

Em todos os passos da nossa vida, em todos os actos de sua existencia, o brasileiro defronta com o mais voraz dos fiscos, tem a pagar-lhe os mais formidaveis impostos. Ao levantar-se da cama elle calça botinas que pagam 149,0 0|0 de impostos. Si veste uma roupa de casemira paga 70 0|0 de impostos. Si quizer tomar uma cerveja paga 837,5 0|0 de impostos. Si tiver de fazer uma viagem em estrada de ferro paga 30 0|0 de impostos. Si não quizer ser ocioso e se entregar a um trabalho productivo, como plantar café, em lugar de um premio de encorajamento, extorquem-lhe 20 a 30 por cento de impostos. E assim em tudo na vida. dormindo, almoçando, jantando, vestindo, trabalhando, viajando, indo ao theatro, em toda parte o Fisco o persegue feroz e inexoravel, até que, deprimido em tudo, cançado de viver para pagar impostos ou privado de medicamentos pela careza dos impostos, o baixam á sepultura com umas cordas sobrecarregadas com 100 ou 200 0|0 de impostos.

Eis a grande Patria que é o Brasil, cujos estadistas todos se consideram benemeritos e aham pessimista quem quer que ouse constatar as realidades nuas.

Ainda ha pouco um grande intellectual brasileiro, constatando a vida social do Norte do Brasil, deelarava que a sua situação moral e material ainda não permite o uso da autonomia estadual, só eabivel talvez em alguns Estados do Sul. Tal é, reconhecia esse intellectual; a situação em que se acha a população do Norte do Brasil.

Nos Estados do Sul em que a situação é menos primitiva, todavia economicamente os precalços são difficeis de vencer em faee do estado social em que nos achamos.

A lavoara, o commereio e as industrias encontram-se completamente tolhidos em seus movimentos, asphyxiados pelo Fiseo em suas differentes modalidades, entregando-lhe quasi todo o fructo do seu trabalho.

Por outro lado é factu reconheido que o eommerceio em geral tem augmentado o valor das mercadorias em 20, 50 e 100 por cento. O commercio de drogas, por exemplo, esse creou preços novos para as suas mercadorias, tal a elevação do custo. De momento podem ser eitados as seguintes drogas: benzonaphtol, que eustava o kilo 16\$000, hoje custa 1:000\$000 e 1:100\$000. Lyeetol, que eustava \$250 a gramma, hoje custa 1\$500. Salyçilato de sodio que eustava o kilo 12\$000, hoje eusta 80\$000. Anthypirina, que eustava o kilo 30\$000, hoje custa 450\$000. Todas essas drogas são empregadas diariamente.

Ha mercadorias que subiram cerea de 500, 1.000, 2.000, 3.000 e 5.000 0|0 do seu valor, sem tendeneias a melhorar a situação do mercado. De 1.º de Janeiro eorrente as mercadorias têm augmentado em 40 0|0 do seu valor pela cobrança do augmento da taxa ouro nas Alfandegas.

Mesmo antes do augmento da taxa ouro, já as mercadorias tinham subido de forma colossal. A tonelada de carvão Cardiff subiu de 48\$000 a 110\$000; o cimento em barriea de 180 kilos subiu de 14\$000 a 28\$000; o saeco de farinha de trigo de 12\$000 a 22\$000; a caixa de gazolina de 10\$500 a 18\$200; a arroba de algodão em rama de 16\$000 a 42\$000; o kilo de assucar branco de 350 a 650 réis; o rolo de 40 kilos de arame farpado de 10\$000 a 24\$000; as telhas de zinco de 1\$250 a 3\$000; o kilo de ferro em barras e em chapas de 280 a 650 réis, e assim por deante.

Ajuntem-se a isso as difficuldades que crescem na navegação e ver-se-á como é difficil hoje a vida nacional.

Nessa terrivel collisão surge o augmento da quota ouro, de 40 a 55 0|0, redundando num acrescimo geral de cerca de 40 0|0 no valor das mercadorias.

Por outro lado a taxação na exportação augmenta da mesma forma.

Em S. Paulo, nós tinhamos no anno passado, em 1916, a seguinte tributação por sacca de café:

5 francos a 800 réis o franco .....	4\$000
Imposto de exportação .....	3\$510
Total . . . . .	<u>7\$510</u>

De accôrdo com a lei promulgada em Outubro de 1916, porém, ficou estabelecida a pauta de 700 réis por kilo de café, o que fará elevar-se a 945 réis o imposto de exportação sobre cada arroba do producto: e como a taxa de 5 francos corresponde, ao cambio actual, a 900 réis para aquelle peso, temos que os impostos de exportação oneram agora o café com o pesadissimo gravame de 1\$845 réis por arroba ou sejam mais de 20 0|0 do valor do producto.

A tributação sobre a sacca de café no anno corrente vai ser a seguinte:

5 francos a 900 réis o franco .....	4\$500
Imposto de exportação . . . . .	3\$780
Total . . . . .	<u>8\$280</u>

Eis ahi em que condições se encontra o trabalho nacional em qualquer de suas manifestações, eis ahi a situação geral do paiz no momento presente.

MARIO PINTO SERVA.



---

---

## VAE-VENS DO SONHO E DA VIDA

---

Carlos Villalba voltara da Europa. Pouco a pouco reentrava nos hábitos, nas relações, nas occupações que o misturavam á vida da idade. Dentre as visitas que tinha de fazer, avultava uma, que elle desejava e receava ao mesmo tempo. Era a visita a Dona Amelia. Houvera entre elles um doce romance. Romance vago, quasi sem entrecho, feito apenas de algumas situações puras e ardentes em que a phantasia e o devaneo representavam a melhor parte, mas que todavia o trouxera captivo e enlevado por quasi um anno e ainda agora lhe ajujava a alma de uma doçura contida e trepidante.

Logo ao chegar, tivera novas d'ella. As noticias não tinham sido boas. A senhorinha Maia? Cada vez mais bella e mundana. Frequentava-lhe agora a casa com assiduidade, o Dr. Beirão, um advogado moço e galante, rico de ambições e de esperanças.

Carlos não dera mostras de emoção ou de amargor. Mas o espinho penetrara fundo. Um lento trabalho de repulsão e denigramento começou a operar-se nelle.

O remedio, porém, era amargo e agia mal. Dar azos á sua instinctiva prevenção contra a astueia, a inconstancia, e a fragilidade do eterno feminino, corroborar com factos e razões novas as theorias e os queixumes dos bardos e dos philosophos misogynos, de nada lhe valia.

— Fraço lenitivo!

A's vezes mesmo era contraproducente e lhe reacutizava o mal. Nunea Dona Amelia lhe pareceera tão bella, preciosa e desejavel, como agora que a presentia duplice e fugente.

Sem querer, Carlos sentia os seus pensamentos voarem para ella. Pedacos do seu passado commum, reminiscencias que elle julgava delidas, vinham-lhe á tona frescas e suaves, douradas de sonho e saudade.

Uma das ultimas vezes que a vira fora num baile. A sua carne moça tinha o alvor e o polido das estatuas, um perfume doce vagava-lhe em torno e uma abelha fulgida, de brilhantes, abria na massa negra dos seus cabellos um fulgor de estrella.

Como estava bella!

Quasi não dansara. Tinham fallado pouco. Todavia o seu olhar, o seu sorriso, as suas palavras, tudo nella lhe dizia que os seus pensamentos, a sua belleza, a sua ternura eram para elle, só para elle.

Podia ella ter esquecido tão cedo esse tacito e manifesto accordo, esses silenciosos trepidos tão eloquentes e profundos, esses mil laços subteis e doces que os prendiam?

Não podia ser. Todavia queria vel-a, precisava vel-a. Só a sua presença lhe diria a verdade, lhe traçaria a sentença que redime ou que condemna.

Foi. Estava uma tarde seismarenta. Aerea e suave, uma melancolia vaga dourava a terra. A tristeza das coisas tinha não sei que de trepido e sussurrante como a sua alma. As ruas, os terrenos vagos, os recantos de paisagem, pareciam ceder alguma coisa da sua realidade, fundir-se docemente na fluida harmonia vespéral.

Pelo caminho Carlos cogitava. Mil hypotheses desencontradas lhe combatiam a alma. Sem saber como orientarse, lançava ao acaso, a mil circumstancias adventicias o papel de arbitro da situação.

Se lhe apertasse a mão com calor e jubilo, se tocasse aquella sonata que elle amava, se o convidassem para jantar num dos proximos domingos, queria dizer que não havia nada mudado. Senão... A sua futilidade fel-o sorrir. Para que todos esses expedientes pueris quando ia vel-a, quando se ia certificar com os seus proprios olhos e com os seus ouvidos, se ella ainda o amava ou não?

Chegou. Acolheram-no bem. Uma discreta e banal alegria illuminava o rosto do pae e da mãe de Dona Amelia, o menino João, ultimo rebento da estirpe dos Maias, como de costume, apoderouse da sua bengala para brincar.

Mas Dona Amelia não soubera mascarar bem a sua frieza. Estava a mesma e todavia tão outra que um frio doloroso apertou o coração de Villalba.

A sala morna, cheia de recordações, acolhia-o com o seu bando de coisas carinhosas que lhe fallavam doce e tristemente á alma.

Lá estava o piano severo e magestoso com a sua vida mysteriosa e prompta a despertar. Duas jarras translucidas erguam na longura fragil do collo o esplendor das rosas e dos cravos frescos. Das paredes os retratos e os quadros sorriam-lhe familiares, a mesma doce paz de outrora habitava o ambiente, as cortinas e os repositores tombavam com as mesmas pregas lentas, adumbrando o mesmo luxo ordenado e discreto.

Nada mudara. E comtudo, sentia-se quasi estranho e intruso no meio d'esse mundo familiar e querido.

A conversa estabeleceu-se fragmentaria, aos solavancos, varia. Fallou-se de viagens de actualidades, de mundanismos.

Carlos dominava-se bem; com garbo e desinvoltura esfolava os assumptos, dava á conversa esse tom leve e vazio que occorre ás pessoas que não têm nada de importante a dizer-se.

Mas uma especie de engulho o atormentava. De quando em vez fitava os olhos negros e grandes de Dona Amelia. E de cada vez percebia uma reserva ambigua, não sei que brusco e fugente que lhe estarrecia a alma.

Pouco a pouco um obscuro rancor, uma onda de fel e ironia começou a erguer-se nelle, desvendando-lhe os olhos e a alma, projectando uma luz rude sobre a figura de Dona Amelia. Escrutou-a sem piedade, com espicçada acrimonia. Fria e fatua, viu-a. Nada nella revelava a bondade, a inteireza de animo, o ser firme e constante que sabe amar e soffrer. A sua vida e a sua alma eram um tecido de vaidades, egoismos, frivolidades. As linhas do seu rosto tinham perdido para elle a graça, e frescura, o poder de attracção que os animava.

Carlos começava a sentir-se senhor de si: podia vel-a sem sujeição nem entusiasmo.

Por acaso fallou-se no Dr. Beirão; Dona Amelia fingiu-se distrahida e indifferente. Mas a sua propria indifferença pareceu a Villalba affectada, reveladora.

A esse pensamento, de subito, Carlos sentiu reavivar-se-lhe a dor, a inveja, a colera. Viu o outro, querido, afagado, adivinhou o

novo circulo que se formara, excluindo-o para sempre.

Entre Dona Amelia e os seus, sentiu-se isolado, perdido, victima de uma conspiração tacita e inappellavel. Uma impressão de expulso, de vencido, esmagava-o. As forças pessimistas clamaram nelle. Julgou-se inerte, rigido, indeciso, incapaz de maleabilidade e de conquista.

Na nevoa da indecisão, na vaguez do sentimento, na delieidez timida que sonda e que espera a vontade alheia, se deixara levar docemente para o afastamento e para a derrota.

A ausencia cumplice, a versatilidade d'Ella, a pequenez e a fragilidade da sua alma mal lhe appareciam.

Elle é que fora o culpado. Não soubera querer, agir, vencer-a, defender o seu bem, a sua parte de doçura e felicidade sobre a terra.

Essa aspera vontade que circue e doma, que fizera d'ella? Como um palerma, deixara evoluir as conjecturas e as possibilidades melhores da sua vida, ao sabor do tempo e do acaso...

Mas agora era tarde demais para esses arrependimentos e recriminações extemporaneos.

Tarde? Quem sabe? Uma esperança luziu-lhe n'alma deslumbrante e rapida como um corisco. Movediça, magica, mysteriosa, pareceu-lhe a trama de todas as coisas. A cada instante a vida forjava-se a si mesma, rebrotava nova, diversa inexaurivel. Tudo lhe pareceu indeciso, ondeante, mutavel, cheio de lateneias favoraveis, capaz de redundar em doçura a felicidade nova.

Uma ancia de mudar os eventos, reconquistar o perdido, refazer atmosphaera antiga dominava-o e incitava-o.

Agora via elaro em si mesmo: não pod<sup>1</sup>a renunciar assim a ella. Ao só pensar nisso, um vazio, umá tristeza immensa, apoderavam-se d'elle.

Tudo, tudo, mas não perdel-a! clamava-lhe a alma eombatida. A angustia dos enxotados e dos reprobos pairou sobre elle. A sua rigidez amollentava-se. Sentia-se prestes a todas as transigencias, todas as fraquezas, todas as humildades supplices, com tanto que a não perdesse, a Ella.

Olhou-a. O sorriso d'iscreto, o seio que arfava, a mão que pendia branca e macia, encheram-no de uma suave delicia, de um embasbacado desejo.

Uma instante vontade de curvar-se aos seus pés, contar-lhe o amago da sua alma, dizer-lhe ternuras nunca ditas, agoniava-o.

Sem saber o que dizer-lhe, pediu-lhe que tocasse alguma coisa.

—Ha tanto tempo que não a ouço tocar, Dona Amelia! Façamos, por favor, ouvir aquella sonata de Mozart, que a senhora toca com as mãos divinas. Quer?

Ella accedeu gentilmente.

Os sons magicos disseram o palpitar das almas, a graça das aguas crespas, os turbilhões das nuvens degrenhadas, a saudade das coisas queridas e distantes...

Carlos sentia a alma vazia, tumultuosa, angustiada de delicia. O mundo tinha não sei que de fluido, enlevante, encantado. No centro, Ella pairava como uma visão, como a origem e a convergencia de todas as coisas, como o fim unico e absorvente de toda a sua vida.

No albor do lustre e dos candelabros ella emergia vestida de graça e claridade, destacando a cabeça altiva, a alvura do collo, as feições claras e delicadas que a luz ombreava e a sombra tornava ainda mais suaves.

Parecia-lhe que elle correra terras e mares, atravessara o mundo, soffrera, amara, vivera até agora só para chegar a essa confluencia do destino, para que essa creatura vaga, mysteriosa, pueril, que dedilhava as teclas, num recanto escuso do mundo, decidisse do seu coração e do seu porvir.

Carlos approximou-se do piano. Toda a sua alma esperava, tendiase para um desses olhares ou uma d'essas palavras que abrem os corações, que redimem todas as penas, que refazem em nós a confiança, a certeza, a alegria de não vegetar em vão sobre a terra...

Sem achar outra phrase murmurou-lhe quasi ao ouvido:

— Como é lindo!

—Não, hoje não toco bem, não sei porque. Demais, esta musica já não me agrada muito.

As suas palavras, a sua expressão neutra e distante, geraram-no.

Nenhuma graça, nenhuma revivescencia a tocara. Alheia e bronca ella executava machinalmente, sem que o rhythmmo, a belleza, a paixão que se alavam em sons, desmanchassem sequer a crosta marmorea da sua indifferença.

As notas findavam. Com ellas Villalba teve a sensação nítida que o seu sonho acabava.

Comprehendeu a inanidade e a insensatez das suas esperanças e ehymeras.

Sentiu o contraste e o antagonismo immenso e incolmavel entre elle e ella, e os seus; entre o seu eu e esse mundo fatuo, futil, burguez, ao qual elle quizera misturar-se á força sem ouvir a voz do bom senso e da razão.

Com dureza estoiea estrangulou no seio todas as ternuras superstities, todos os pesares enlanguecedores, todas as fraquezas sentimentaes.

— Muito bem! Muito bem! — disse dirigindo-se a Dona Amelia que largara o piano.

Carlos sentia voltar-lhe uma relativa calma. Com desinvoltura e familiaridade gabou a arte da pianista, alludiu a coizas passadas, preparou a sua sahida.

Não o detiveram.

Sahiu maguado e sorridente. O ar da rua reanimou-o. Uma noite clara e fresea pontilhada d'astros, ensalmava a terra. Carlos admirou o milagre mudo e eterno. A amplidão do mundo, a belleza das coizas, a poesia esparsa, semeavam-lhe a alma de doçura, promettiam-lhe não sei que vasta e inexgottavel aventura.

Magua, rebellião, amargor eoneentravam-se-lhe no intimo, numa só energia combativa, victoriosa. A gloria de sentir-se só, livre, indomito, indemne de apoucamentos e humilhações, exaltou-o. Dentre os enganos e as illusões desfeitas uma ironia subtil e libertadora serpeou nelle, aguçando-lhe o espirito, eauterizando-lhe as feridas; e mentalmente, á guiza de madrigal, dedieou a Dona Amelia, os dois versos da "Maldição", ligeiramente modificados:

"*Bemdicta* sejas pelo ideal perdido,

Pelo *bem* que fizeste sem querer..."

Sorriu quasi consolado e refeito. Todavia percebeu, bem no fundo de si mesmo, que a cura seria longa e não sempre amena.

JACOMINO DEFINE.



---

---

# POESIA

---

## BACCHO

*Baccho, o pagão que traz a cabeça coroada  
De folhagens de myrtho e de parras e acantho,  
Baccho é o sátyro da capripede manada.*

*Seus olhos turvos onde o sensualismo explode,  
Num deliquio augural de apathia e quebranto,  
Lançam faúlhas mortaes como os olhos de um bode.*

*O vinho, a mocidade, a luxuria, o peccado,  
Todas as sensações lhe fervilham na mente ...  
E Baccho, expondo ao sol o alvo corpo torneado,*

*Farcja o ambiente morno, as narinas dilata  
E quêda á escuta; é que fluctúa pelo ambiente  
O aroma virgem das Oréadas da matta.*

*E Baccho, as mãos juntando em concha, olha o caminho  
E invocando para o alto o seu dominio, grita:  
Eu quero vinho, vinho, um diluvio de vinho!*

*O vinho rola, torrencial, espumejante...  
E Baccho bebe..., bebe... e que sede inaudita!  
A sua bocca está quasi sempre escaldante.*

*E, bebedo, no seu devaneio indistincto,  
Baccho procura, em cambaleios, delirante,  
As Oréadas para a ancia do seu instincto.*

*Mas finalmente chega a um planalto e divisa  
Ao longe, na extensão de uma curva sinuosa,  
O bando espiritual que se volatilisa...*

*Dansam, saltando no ar comas longas e esparsas  
Na meia-tinta da distancia nebulosa ...  
São trapos de neblina ou um bando alvo de garças?*

*E elle avança; porém, quanto mais se aproxima,  
As Oréadas vão fugindo lentamente ...  
E tudo é verde em baixo e é tudo azul em cima...*

*E Baccho, esaneando os grandes olhos pardos,  
Estende o corpo de formoso adolescente  
Entre um manto de relva e uma moita de cardos.*

*Exhausto! Arde-lhe a fronte ao calor do mormaço  
E elle fica a arquejar de volupia e cansaço.*

*Pesadamente o somno o envolve e Baccho sente  
Que as pupillas lhe vão baixando suavemente ...*

*Agora o Sonho, a arder com os vapores do vinho,  
Dá-lhe a impressão de que elle vac, triste e sozinho,*

*Ebrio, os olhos chispando em volupias estranhas,  
Pelo eseuo da matta ou o sopé das montanhas.*

*E encontra, á sombra verde-azul de arvore enorme,  
O alvo corpo immortal da Oréada que dorme.*

*E Baccho alonga o immenso olhar insatisfeito  
Para esse corpo nú, desejado e perfeito.*

*E sente o aroma voluptuoso activo e quente  
Que ao seu olfacto sobe estonteadoramente...*

*A coma negra que o seu corpo ensombra e enviúva  
E aquella bocca transformada em bago de uva.*

*E Baccho, sem conter a explosão dos sentidos,  
Atira se a collear entre uivos e gemidos...*

.....

*Em espasmos sexuaes, Baccho abre os olhos e olha ...  
E' um fim de tarde. O vento as arvores desfolha ...*

*Baccho tão só! tão só! A noite já se escombria  
E a sombra em tôrvo espalha o seu manto de sombra.*

*De novo elle ergue as mãos em concha e pede vinho  
Mas não lh'o dão. E' fogo o estendal do caminho.*

*A Solidão lhe dá sensações de tristeza.  
E Baccho que ama o vinho, o luar, a Natureza,*

*Apoiando a cabeça ás mãos toscas e brutas,  
Chora e choram com elle as trevas absolutas.*

*Fica em seus olhos a obsessão perfeita e clara  
De um corpo nu', num vago sonho que sonhara.*

## OS ELFOS

(Leconte de Lisle)

A M. P. de Villaboim, mestre e amigo.

*De mangerona e de tomilho enguirlandados  
Farandolando os Elfos dansam pelos prados.*

*Por um atalho verde aos gamos familiar,  
Sobre um corcel de treva, um cavalleiro, ao luar  
Avança... A espora lhe transluz na noite nua  
E quando elle atravessa alvo raio de lua,  
Sobre o cabello seu que ao vento se desata,  
Brilha, dentro da noite, o seu elmo de prata.*

*De mangerona e de tomilho enquirlandados,  
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*Cercam-no todos como um enxame fugace  
Que, ligeiro, pelo ar parado, volitasse...  
—O' cavalleiro audaz, pela noite de opala  
Onde vacs tu tão tarde? — a linda rainha falla —  
Andam sombras fataes na floresta sombria;  
Vem connosco dansar sobre a relva macia! —*

*De mangerona e de tomilho enquirlandados,  
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*Não! minha noiva, além, de olhos humedecidos,  
Me espera. E' que amanhã ficaremos unidos.  
O' deixai-me passar, Elfos dos verdes prados  
Que em ronda machucacs os canteiros doirados;  
Não mais me retardeis longe do meu amôr;  
Já o dia entreabre, em fogo, a corolla de flôr.*

*De mangerona e de tomilho enquirlandados,  
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*O' cavalleiro, fica. Eu te dou, de bom grado,  
A opala magica e o anel de oiro lavrado.  
E, mais precioso que a fortuna e a gloria tua,  
Meu manto feito com a filigrana da lua.  
—Não! diz elle. — Vae, pois! — e o dedo branco erguido  
Toca no coração do guerreiro aturdido.*

*De mangerona e de tomilho enquirlandados,  
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*Sob a pressão da espora o corcel arremette,  
Rompe a distancia, vae, phantastico ginete.  
Mas treme o cavalleiro e se debruça, ancioso,  
Vendo no ermo da estrada um vulto silencioso  
Que caminha sem ruido e estende os longos braços:  
—Elfe, espirito máo, não me embargues os passos!—*



*De mangerona e de tomilho enguirlandados,  
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

*Não me detenhas não, phantasma horrendo e grave,  
Vou desposar meu lindo amor languído e suave...  
—Amado noivo! a tumba eterna, erma e fatal,  
Será para nós dois o alvo leito nupcial.  
Estou morta! — Ao vel-a, o cavalleiro allucinado  
De angustia extrema e amor, rola morto a seu lado.*

*De mangerona e de tomilho enguirlandados,  
Farandolando, os Elfos dansam pelos prados.*

OLEGARIO MARIANNO.



---

---

## LIVROS...

---

VICTOR GODINHO — Don Quichote  
Tradução em verso do drama heroi-  
comico de Jean Richepin.

—Que é, com precisão o que procuram os leitores de uma revista, quando leem artigos do que se chama a critica literaria?

—Em geral, uma opinião que lhes indique si devem ou não devem lêr certos livros. A indicação do artigo pode ser seguida ou repelida. Ha, por exemplo, na França uma excelente revista bibliográfica, uma das mais antigas e mais celebres, o *Polybiblion* que é redijida por Jezuitas. Suas opiniões em materia filozofica e relijioza são, portanto, as da rigorosa ortodoxia catolica. Desse modo, o leitor advertido, quando nela acha um elogio ás boas doutrinas de qualquer obra, pode logo saber — si é catolico, que lhe convém ler o livro; — si não é, que com ele estará em desacordo. O *Polybiblion* serve por isso muito bem de indaeador pozitivo ou negativo. Como ele tem um ponto de vista fixo, quem o lê já sabe o que significam as suas opiniões.

Com as revistas de certos cenáculos literários, ha tambem a mesma vantajem. Conhece-se o que valem os seus elogios e censuras. Ninguem, por exemplo, tinha hesitação alguma, quando, na famoza revista *Poesia*, de Marinetti, lia um rasgado eucômio a qualquer volume de versos. Eram versos futuristas.

Essa fixidez de ponto de vista falta na maioria dos criticos literarios. As apreciações variam e contradizem-se. Variam com as influencias de amizade e de inimidade, variam mesmo com certas tendencias pessoais. Só se pode ter ideia da significação da critica, conhecendo e critico.



Tomem, por exemplo, Sylvio Romero e Jozé Verissimo.

Sylvio Romero tinha uma illustração filozófica e científica infinitamente superior á de Jozé Verissimo. Era, porém, um deploravel julgador de méritos individuais. Decidia-se pela amizade, pela affeição.

Conta-se que, algum tempo, ele considerou Cruz e Souza o que de fato esse poeta era: um metrificador sonóro e ðeo, quazi absolutamente destituído de ideias. Sylvio dizia-o francamente. Mas, um dia, alguém lhe contou a vida de Cruz e Souza, pobre e excelente rapaz, tuberculozo, pai de familia numeroza, lutando com dificuldades, simples, modesto, sofrendo com o preconceito de eôr, que pezava sobre ele.

Ora, em tudo isto havia motivos para se estimar pessoalmente o poeta; mas não para deelarar que os seus versos mereciam louvôres. Sylvio, apiedado, foi tão lonje na transformação de suas ideias que acabou por datar de Cruz e Souza uma época na historia de nossa literatura!

Por outro lado, na exuberancia de sua vida generosa, batalhadora, o critico serjipano só compreendia os sentimentos fortes. O que constituia o ideal para Verlaine: "*pas la couleur, rien que la nuance*", e escapava absolutamente á compreensão de Sylvio Romero. D'ai' a sua ineapacidade de apreciar o *humour* fino de Machado de Assis. Parecia-lhe insipido. Em materia de alegria, dir-se-ia que ele só queria a gargalhada — no genero das bôas, altas e sonóras gargalhadas, que ele gostava de soltar.

Critico excelente para as largas ideias, as amplas generalizações. Critico instavel, parcialissimo para as apreciações individuais.

Jozé Verissimo estava quazi no polo oposto. Carecia de um vasto cabedal científico e filozófico para o julgamento das grandes questões de doutrina. Guardava, porém, nos julgamentos individuais uma certa linha de que, em geral, não se afastava.

Faltava-lhe, porém, absolutamente a noção da harmonia poetica.

Tendo sido um dos raros homens de letras brasileiros, que não começaram pelo inevitavel volume de poezias, tinha o que se pode ehamar um "ouvido" detestavel. Na conversa, citando versos, citava-os frequentemente errados, sem dar pela falta ou pelo excesso de silabas.

Suas apreciações sobre belezas poeticas espantam e dezo-riantam.

Em todo o caso, sem ser imparcial, era menos parcial que Sylvio Romero. Da sua parcialidade, ha, porém, um documento incontestavel e exatamente a proposito de Sylvio. Basta dizer que na sua "Historia da Literatura Brasileira" deu apenas a esse formidavel trabalhador oito linhas, enquanto com personalidades mediocres, que não tiveram influencia alguma na nossa literatura foi extenso e minuciozo.

Aludindo ao exemplo de dois dos nossos maiores criticos, chamando a atenção para esses lados intimos das suas personalidades, o que se quer é mostrar a dificuldade de achar um guia literario.

Esses guias, incertos, flutuantes ao sabor das suas simpatias e antipatias. um, como Sylvio, sem ideia das meias-tintas, outro, como Verissimo, sem a menor noção de harmonia poetica, eram para os leitores como metros feitos de uma extranha substancia, que ora diminuísse ora aumentasse de comprimento, obedecendo ás mais diversas variações do meio. Como medir qualquer couza com justeza tomando por estalão esses metros, que nunca eram iguais a si mesmos?

Essa é a continjencia mais habitual dos leitôres de eriticas literarias.

Mas ha outro modo de entende-las: é o de fazer, a proposito dos livros analizados, artigos sobre os mesmos assuntos de que eles se ocupam.

E' o sistema mais agradavel á leitura. Não aplaude, nem condena. O livro serve apenas de pretexto. E o critico—a que em verdade não cabe esse nome — não critica. Pode mesmo fazer os melhores artigos exatamente a proposito das obras de menos mérito. Isto succede tanto mais naturalmente quanto os maus autores, tendo esquecido o que havia de melhor a dizer sobre o assunto, o critico aproveita para expor tudo o que eles deixaram de lado.

São numerosos os artigos de Faguet e Lemaitre que entram nesta categoria de trabalhos.

Resta o que se chama a critica scientifica.

Essa, porém, não satisfaz o desejo do leitor, que quer informações estéticas sobre as obras. Ela pretende determinar as influencias que pezaram sobre os autores, desmontar-lhes, por as-



sim dizer, a psicologia, explicar como eles foram resultantes do meio e do momento. Hennequim pensava em dar balanço á adjectivação de cada volume e determinar si o autor era do tipo visual, do tipo auditivo ou do tipo motor.

Tudo isso é muito interessante; mas só quando se refere a obras e autores já consagrados. Que importaria a leitores de hoje, si, acerca de qualquer volume, alguém mostrasse que ele era feito por um escritor do tipo "visual" ou do "tipo olfativo?"

Do ponto de vista científico, seria notável revelar essa perspicacia, deduzindo-a do estudo dos textos.

Si porém, se examina bem a questão, o que ha de científico nesses cazos é de ordem psicologica, de ordem sociologica; mas não de ordem estética. Não se determina o gráu, a qualidade e a quantidade da Beleza, que ha nas obras. E só ha, de veras, ciencia quando ha medida. "Passar da noção da qualidade á de quantidade é o limiar primordial de toda evolução científica". (1)

Ora, disso não ha a menor ideia na critica que toma aquele nome: ela não diz nem o que, nem quanto ha de belo em obra alguma.

Uma determinação científica tem de ser a mesma para todos os que a conferem. Assim, o pezo, a dimensão, o gráu de calor dos objetos são identicos seja quem fôr que os meça.

Quando se achar o meio de determinar com segurança a qualidade e quantidade de beleza das obras de arte e que essa qualidade e quantidade sejam fatalmente encontradas por todos os que as examinarem, então — e só então — se poderá realmente falar em *critica científica*. E isso, por ora ao menos, nem se comprehende que seja possível.

Assim, de todas as possíveis formas de critica — principalmente em artigos de revista, que ainda os mais pensados são sempre um pouco apressados — a unica que convém é realmente a impressionista. Que o apreciador dos trabalhos diga a impressão que eles lhe produziram!

Parecerá uma tarefa vã, porque eles podem não cauzar o mesmo efeito em outras pessoas.

Mas, em primeiro lugar, ele deve justificar a sua apreciação, pondo assim as peças do processo á vista do leitor. Depois,

---

(1) Alfred Martinet — Principes de biométrie.

si as apreciações obedecem mais ou menos aos mesmos criterios constantes, os leitôres, apoz algumas verificações, acabarão por conhecer as preferencias habituais do critico — e isso lhes servirá, ou para segui-lo ou para fazer, justamente o contrario do que ele dissér... E, si esta segunda hipóteze é pouco lizonjeira para o autor das apreciações, não deixa de ter uma grande utilidade para o leitor, que fica, de todo modo, com um ponto de referencia nas suas escolhas. Ponto de referencia para dele se aproximar ou dele se afastar...

Foi, creio eu a Theodoro de Banville que um joven poeta levou um dia uma trajedia, em verso, em cinco atos. Era uma obra detestavel.

Banville, quando ele veio saber-lhe a resposta, perguntou-lhe si havia feito aquêla obra sob ameaça de morte e, quando teve resposta negativa, disse-lhe convencidamente:

— Não imagina como é facil *não fazer* uma trajedia em 5 atos, em verso!

Diante da tradução que Victor Godinho fez da peça de João Richepin — *Don Quichote*, fica-se tambem a pensar:

— Como seria facil *não fazer* essa tradução!

Não é, entretanto, porque ela seja má. Pelo contrario. Vê-se que o autor seguiu de perto o orijinal. Vê-se que gastou tezuoros de habilidade para ser fiel ao seu modelo, dando-lhe forma, colorido e expressão. Mas o modelo é que não valia grande couza.

Richepin é uma figura absolutamente secundaria na literatura franceza. Tendo exceletes dotes oratorios, servidos por uma bôa figura e uma exceleste voz, é o discursador sempre pronto para todos os assuntos possiveis e imaginaveis, não tratando, de fato, de nenhum deles com a profundeza necessaria. E' verbozo e é ôco. Tem apenas um pouco do colorido da instrução classica e do conhecimento da literatura ingleza.

Môço, publicou dois livros em que havia um certo sôpro de audacia: *Les Blasphêmes* e *La Chanson des Gueux*. Ambos lhe valeram processos e prizões — e, por isso mesmo, renome.

O primeiro era, sobretudo, irrelizoz. Tinha força, tinha veemencia. Era, porém, um livro em que raras poezias se mantinham de principio a fim em uma nota elevada. Si, ás vezes, sentia uma rajáda lirica:

On ne peut pas trouver la mort.  
 Partout la vie est répandue.  
 Aussi loin que va l'étendue,  
 cherche comme une enfant perdue,  
 cette mort que ton coeur rêva;  
 partout, de l'astre à l'étincelle,  
 partout la vie universelle  
 se fond, tourbillonne, ruisselle,  
 et tout passe et rien ne s'en va,

logo apoz vinha um palavrão ou uma ehalança de máu gosto. Desse livro o eseandalo maior foi eauzado pelo eeebre soneto: *Teu pai e tua mãe* ...

*La Chanson des Gueux* era em grande parte eserita em gíria. Tinha o mérito de eantar a vida do povinho simples e humilde, eom a sua linguajem habitual, o que era, no tempo em que o volume apareceu, um poueco novo. Mas esse livro estava, eomo *Les Blasphèmes*, esmaltado de palavrões e obeenidades.

Depois, Richepin eonseguiu entrar para a Aeademia. Passou a ser uma figura obrigada da *Université des Annales*, onde faz eursos sobre tudo. Seus eursos lembram, porém, aquela explicação eeebre sobre o meio de fazer eanhões: "Toma-se um buraco e põe-se bronze em torno". Ele toma um vazio qualquer, põe-lhe algumas palavras em torno e as moeinhas da *Université des Annales*, que vão ali por distração passar nma hora gracioza, aplan-dem-n-o ealoroçamente.

Apezar disso, Richepin não perdeu a mistura, de boemia e lirismo, que sempre o earaterizou. Boemia, de bôea suja... Ainda ha dias, respondendo em verso a uma aeuzação de Guilherme II, terminou a sua poezia (?) por aquela palavra imunda, que só eonseguiu um dia, dita por Cambronne, ser heroiea; mas antes e depois disso pareceu sempre a todos absolutamente sórdida.

Eserevendo para o teatro, Richepin não saiu dessa medioeridade palavroza. Nenhuma das suas peças se pode apontar como obra de grande valor. Tendo a faeilidade, por suas relações pessoais, de fazê-las representar por artistas notaveis, eonsegue que as aturem, sem muito dezagrado. Mas as melhores não são siquer bôas. Não são bôas, nem más... São lugares eomuns, ditos em versos eorretamente métrificados, mas em que os surtos de lirismo e as ehatezas de máu gosto andam lado a lado.



Sua peça *Don Quichote* está nesse cazo.

Não valia a pena tomar a creação célebre de Cervantes para chegar a esse rezultado.

Ha quem diga, diante de todas as grandes obras classicas, que é um saerilégio toear-lhes. Outros asseveram que só na lingua orijinal podem ser apreciadas.

Exajêros! As bôas obras classicas suportam perfeitamente a tradução. Valem pelas ideias nelas contidas e essas ideias são suetiveis de ser enunciadas em todas as linguas. Lueram em ser traduzidas e, geralmente em ser rezumidas.

Ha, é certo, as produções em verso que perdem um pouco na traduçã o valor da forma metrificada. Mas a verdade é que elas as perdem mesmo dentro do proprio paiz. A harmonia poetica varia continuamente. Basta lêr o teatro classico francez para sentir que si alguém, hoje, fizesse versos com o molde que ha nele, seria insuportável.

No seu grande amor ás letras clássicas, ha quem se extazie com os versos dos autores latinos. E, no emtanto, ninguem sabe com muita preeizão como é que eles os liam. A restituição da prozódia latina é um problema insolúvel, porque a invenção do fonógrafo não data preeizamente dos tempos de Horaeio e Virgilio... E quando hoje um latinista francez, lendo versos latinos á franceza, declara que são harmoniozissimos — impliceitamente aeuzo o autor deles de não ter noção alguma de harmonia, porque, quando esse autor os fez foi procurando efeitos prozódicos inteiramente diversos.

Assim, a verdade é que as bôas traduções podem sempre dar uma noção muito exaeta, ao menos das ideias do autor. O tradutor tem ainda o recurso de uzar formas metricas que produzam, com os ritmos da sua lingua nacional, efeitos, sinão identieos, ao menos analogos aos dos ritmos empregados pelo autor.

No fim de contas o *Don Quichote* de Richepin nem merece esta diseussão.

Todos sabem o intuito que teve Cervantes eserevendo o seu livro. Ele poupou a esse respeito o trabalho dos comentadores. O seu foi o tempo em que os romances de aventuras cavalheirescas perturbavam de tal modo certos espiritos aventurezozos, que a publicação deles chegou a ser proibida. Sucedeur-lhes o que acontee em nossos dias com os romances policieais, no genero dos de Conan Doyle. Sómente, hoje, como é impossivel vedar a impres-

são de livros de qualquer especie, o que a policia, em muitas cidades, impede é a exhibição de aventuras extraidas dessas obras, nos cinematografos.

Cervantes escreveu que "não tinha sinão um dezejo: fazer detestar as historias vãs e absurdas dos livros de eavalaria..."

Essa declaração ele a fez ao publicar a primeira parte do seu romance e repetiu-a, quando, anos depois, editou a segunda. A primeira foi aliaz escrita quando Cervantes, bom soldado e bom escritor mas detestavel administrador, estava na prisão. A sua obra, de tão aparente jovialidade, é no fundo, por isso mesmo, uma obra triste. Don Quixote aparece como um tipo supremamente bom, entuziasta, generoso — vitima, pela imaginação, dessa bondade, desse entuziasmo, dessa generosidade.

E' preciso, lendo as suas aventuras, sair dessa leitura com a dupla impressão de um tipo quazi anjélico, temperado por uma grande dóze de ridiculo; de um tipo quazi grotesco, corriji-do por uma bondade superior.

No seu largo deenvolvimento, a obra de Cervantes tem espaço para nos transmitir essa dupla impressão. Ela preeiza de notações finas e minueiozas, que se vão acumulando e contraba; lançando: ao pé de um ato de perfeita insensatez, uma tirada cheia de razão e generosidade; apoz o mais justo dos diseursos, um novo ato de loucura.

Não parece que o drama heroi-comico de Richepin dê bem nenhuma dessas impressões. Ele é tão chôchamente heroico, como chôchamente comico.

A tradução de Victor Godinho segue, porém, o poeta francez fidéllissimamente. E' um *traduttore* que não pode ser acimado de *tradittore*.

No emtanto, ha pontos que merecem reparo.

Em varios lugares, o tradutor recorre á giria brasileira para verter. o *argot* francez. Tudo aconselharia, entretanto, que, nessas hipótezes, ele empregasse frases de giria, que não parecem singularidades muito passageiras ou modos de expressão muito local. No primeieo cazo, está a expressão "conto do vigario". Naseida de um incidente policial no Rio de Janeiro, ela vai certamente tornar-se incomprehensivel dentro de pouco:

"E' de se suspeitar um conto do vigario..."

No segundo eazo, figura indiscutivelmente uma expressão,



que talvez seja de giria paulista, mas que, fóra de S. Paulo, ha de constituir um misterio para os proprios brasileiros:

“ — E tu, quati mundé?”

No fim de contas, melhor seria evitar “*que amolação*”, “*a couza esteve preta*”, “*no alto da sinagoga*” e outras frases identicas, embora possam justificar-se, porque se trata de uma peça herói-comica e o comico permite isso. Podem justificar-se; mas não podem louvar-se.

Um verso absolutamente abominavel, porque á giria, se junta a incorreção gramatical é aquele em que o tradutor diz: “*Estás me debochando o meu elmo, seu bôrra!*”

Don Quichote, o leitor assiduo dos livros de cavalaria, teria de certo, uma linguagem menos trivial e baixa.

A's vezês mesmo, a giria se agrava, soando como um anacronismo violento:

“Diz que, não sendo assim, não é conjungo, é fita”.

Um termo modernissimo, sucitado pela modernissima invenção do cinematografo e que sem ela é incomprehensivel, destôa dita por um personagem do tempo de D. Quichote!

E' tambem um anacronismo que Ginez chame Don Quichote um “*infeliz paranoico*”. Anacronismo, porque essa designação é uma designação técnica de psiquiatria, relativamente muito moderna. Por isso mesmo assombra tanta certeza de diagnostico—diagnostico seguro e profético—em quem não se podia presumir nenhuma capacidade especial para tanta ciência.

Depois, a despeito do celebre manifesto de Victor Hugo. perdindo a admissão de todas as palavras na poezia, ha algumas que nela cabem muito mal. Assim, neste verso:

“*Foi uma laranjeira eventualmente em flôr*”,

aquele adverbio *eventualmente* é de um prozaismo dezolador.

Falar de uma “*caterva taful*” de “*asquerozas lesmas*” importa em uma contradicção evidente. E' um ilojismo chocante. *Asquerozo e taful* — são dois termos que se repelem.

O tradutor faz, em certo ponto, do verbo *resurgir* um verbo tranzitivo. Por pouco que valha a pena andar catando miudas incorreções, essa merece reparo. Quanto á fórmula interrogativa “o que?” de que Victor Godinho uza muito — os gramaticos não se entendem entre si, nem para condena-la, nem para louva-la. Assim, o melhor é considera-la bôa e válida. O povo, que é o dezempatador legal dessas questiunculhas, não tem duvida

em aceitar esse modo de dizer, aliaz perfilhado por numerosos e excelentes autores.

Não vale, porém, a pena insistir nessa especie de espulgamento de senões minuseulos.

Já está dito que a tradução de Victor Godinho é fiel. Fiel e bem feita. Não basta a meia-duzia de pequenos reparos acima feitos para informar o valor de um volume, de perto de 300 paginas, que faz honra ao tradutor.

São do final quando D. Quichote está prestes a morrer, estes versos que elle diz:

“...Não foi portanto, em vão que os meus dias correram.  
Do sonho por que morro estão brotando as flôres,  
que virão perfumar seus futuros cultôres.  
O' homens! neste val de torturas nefárias  
essas flôres irreais são flôres necessarias,  
e tanto ou mais talvez para o genero humano  
do que a farta ração de pão quotidiano.  
No emtanto, desprezais a sublime ambrozia:  
o belo, o verdadeiro, a justiça, a poezia,  
o grandiozo, o ideal! Das suas sementeiras  
muitos arrancâm mesmo essas belas rozeiras!  
Eis porque neste mundo imbecil e malvado,  
em que o homem se esfalfa a cumprir o seu fado,  
é bom de vez em quando um gesto de demencia,  
que faça renacer, em sua alta consciencia  
a semente imortal. Insultais esse louco!  
Escarraís no seu rosto e inda achais que isso é pouco!  
Que importa? Semeou. As flôres vem nascendo  
e vão dezabrochar com vigor estupendo...”

E, apelando para os tempos vindouros, em que os seus sonhos serão realidades, ele exclama:

“Alba dos tempos bons, que o louco viu nacer!  
Alba, em que a geração, por quem devo morrer,  
mais feliz do que eu fui nesta luta empenhada,  
ha de gozar meu sonho, ó Dulcinéa amada!”

Os versos do tradutor, que são bons, dizem bem o que disse o autor do drama francez. Não dizem, porém, o que Cervantes quiz. Don Quichote morreu assizado e calmo, sem pensar mais em Dulcinéas.

Mas os poetas abuzam dos seus direitos, a ponto de transformar as mortes dos herois. Ainda Richepin não foi tão longe como Gonçalves Crespo, que deu a D. Quichote, poucos instantes antes de succumbir, um acesso de delirio:

Tinha em brazas o olhar e truculento o aspeito  
e vibrava em redor a imaginária lança...  
Logo depois caiu no respaldar do leito,  
morto, — tendo no labio um rizo de criança!

O ultimo verso faz com que se perdôe a calunia — porque afinal é uma calunia fazer morrer como louco quem já recuperára inteiramente a razão. E D. Quichote é um personagem tão simpático, que somos todos nós agora quem temos vontade de constituir-nos cavaleiros andantes para defendê-lo do menor agravo que lhe queiram fazer. Augusto de Lima disse bem:

Conseguiste o brazão maravilhoso  
com que os herois os séculos aclamam:  
foste um burlesco, um doido, um generoso;  
ri-se o mundo de ti, mas todos te amam!

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



---

---

## ALMEIDA JUNIOR

---

Nunca a pintura no Portugal antigo floriu com o viço notado na Flandres, na Hollanda, na Hespanha, e nas republicas italianas — paizes chamados á comparação como os melhores affins do luso. Não vingou ali um Rembrandt, um Rubens, um Buonarotti, um Velasquez, e para a fulgente pleiade dos Halls, Ticianos e Riberas, Portugal dará, talvez, um nome só, Sequeira.

Herdeiro das boas e más qualidades da metropole, o Brasil-colonia, que outra cousa não era senão o proprio Portugal em projecção rarefeita sobre uma terra nova, não revelou signal de capacidade esthetica em nenhum campo plastico. Sem vocação congenial, e não esporeado por injunções sociaes susceptiveis de creal-a, chegamos até S. M. Fidelissima o sr. D. João VI sem ver pintor na terra além duns santeiros vulgares. Com o advento da eôrte e por exclusivo reclamo da fidalguia transplantada, o luxo exigiu arte, e promoveu-se então o seu cultivo official. Crear-se uma escola e importam-se professores de França. A' luz do eriterio nacionalista foi um erro isso. Com bons francezes, os pintores encommendados trouxeram eomsgo a tárra mortal do francez: incompreensão da alma alheia. Em vez de operarem como tutores da arte local, que emittia debeis vagidos, e embora primitiva, rude, ingenua, tinha o alto valor de ser uma tentativa da terra, elles despresaram-n'a para enxertar os amancirados em moda na França. Fervia lá o elassicismo. David e satellites só concebiam a vida moldada pelas attitudes da esculptura grega.

Tudo soffria as consequeneias dessa convenção.

Envenenados pelo mal da epoca Debret, Tannay, Montigny e

os outros agravaram o erro francez inoculando-o n'uma colonia em formação. E assim amancirados, desorientados, inintelligentes, incapazes da visão larga das cousas, a obra educativa desses mestres consistiu em eivar as vocações artisticas confiadas á sua lieção com o "virus" funesto do convencionalismo.

As obras desse periodo accumulam-se boas, mediocres, más quanto á technica, mas selladas todas com o carimbo do falso. Não denunciam a escola brasileira. Até Porto Alegre, os nomes dessa epocha não se fixam na retentiva de ninguem. Porto Alegre annunciara uma aurora promissora. Talento multiforme, galgou rapido as maiores eminencias sociaes. Foi poeta, critico, diplomata e pintor — e isso o perdeu. O leonardismo só deu um Leonardo!... Como poeta e pintor viciou-o a frouxidão e a emphase.

Delle a Pedro Americo, como se alargara a comprehensão da pintura, e os artistas já se libertassem do estreito quadro primitivo, nota-se uma continua ascenção de nivel que culmina nesse artista excepcional.

A "Batalha de Avahy" marca o apogeu. O romantismo atingiu com ella um pincaro só accessivel ao genio. Foi um occaso. Occaso esplendido de um sol que não teve meio dia. A'quella luz tudo se obscureceu, e a arte romantica fechou o seu cyclo. A madrugada do dia seguinte raia com Almeida Juior. Elle conduz pelas mãos uma coisa nova, e verdadeira, o naturalismo. Exerce entre nós a missão de Courbet em França. Pinta não o homem, mas um homem — o filho da terra, e crea com isso a pintura nacional em contraposição á internacional, dominante até ahi.

Vem de França, onde aperfeiçoára estudos, e traz consigo quadros biblicos differentes de tudo o mais, pessoalissimos, reveladores duma visão extremamente lucida da verdadeira arte.

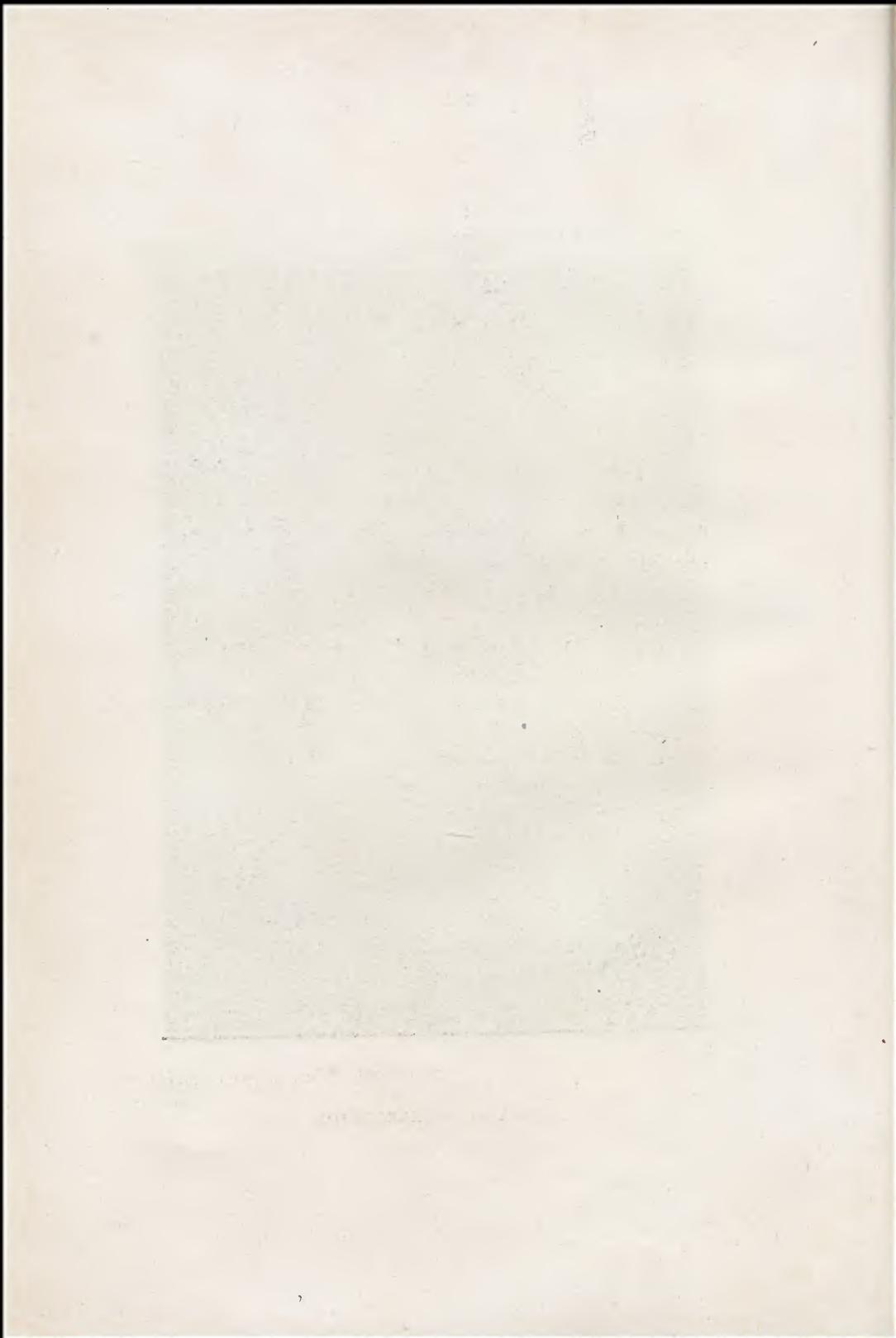
A "Fuga para o Egypto" é bem um carpinteiro humilde, fugindo por um areal de verdade, com mulher e filho de verdade, montado num burrico de verdade. Mudem-se áquellas figuras os trajas, vistam-nos á moda nossa, deem-lhes a nossa paisagem como ambiente, e o quadro biblico continuará verdadeiro: é sempre um marido, a mulher e o filhinho, humanissimos todos, que fogem para salvar a vida. Se era assim o pintor num quadro dessa ordem, genero no qual, de commum, a arte naufraga no mar do convencionalismo anti-humano e anti-natural, conti-

ALMEIDA JUNIOR



(Propriedade do dr. Sampalo Vianna)

CAPIRA PICANDO FUMO



ALMEIDA JUNIOR



(Propriedade do dr. Sampaio Vianna)

AMOLAÇÃO INTERROMPIDA

1911



nua assim humano e natural, despreocupado de modas e escolas até o fim da carreira.

Não ha obra mais una que a sua. Nunca foi senão Almeida Junior no individuo; paulista na especie; brasileiro no genero.

Entretanto, quando appareceu a "Partida da Monção", como em França Puvis de Chavannes andava na vóga, a critica ligeira filiou a sua grande tela na escola que o painelista francez acolytava. Nada mais falso. Basta erguer os olhos para o seu quadro tendo nas mãos a obra de Puvis reproduzida em gravura, para nos convenceremos da leviandade do juizo. E' um juizo irmão do que dava "O crime do Padre Amaro" como filho de "La fonte de l'abbé Mouret." Puvis é um symbolico, um pre-raphaelita á sua moda, um primitivista, ou melhor, falando technicamente, um estylisador de figuras e paisagens. Corren da sua arte o natural e deu a tudo attitudes rebuscadas, onde o davidismo revê sua greguice e a conjuga com as hysterias de Botticelli, Rosetti, Jones e outros. As arvores nascem e crescem sempre n'um mêsmo sentido, esgalhando e enfolhando com symetria prestabelecida. As figuras movem-se guardando attitudes que não destoam das arvores. A terra, o ceu, tudo é estylisado. Na "Partida da Monção", ao contrario disso não ha uma attitude inventada. E' naturalismo puro. Ha côr local. Ha reconstituição exacta de uma scena como ella o foi na realidade. Onde se denuncia então a influencia de Puvis? No tom enevoado da tela... Mas como pintaria elle uma scena matutina, sobre o Tieté, sem mergulhal-a na bruma? Refugado pois da sua arte, esse pseudo chavannismo, integrada a "Partida da Monção" no bloco massiço das suas obras, resalta a verdade da affirmação: Almeida Junior, nunca foi senão Almeida Junior.

José Ferraz de Almeida Junior nasceu em Itu' a 8 de Maio de 1850. Desde menino revelou a vocação, e de tal forma que varios amigos entusiasmados por um "S. Paulo" e varios retratos, metteram-n'o na Escola de Bellas Artes do Rio. Alli fez o caboclinho um curso magnifico, rematando-o com a obtenção dum primeiro premio. Muito pobre, voltou para o estado natal dedicando-se á profissão. Vegetava por aqui quando o sr. D. Pedro II em excursão á provincia para assistir á festa inaugural da Mogyana, dá com elle, examina-lhe os ultimos trabalhos e offerece-lhe uma viagem á Europa por conta do seu bol-



so particular. Almeida Junior seguiu para o velho Mundo, installou-se em França sob a orientação de Cabanel — cuja maneira entretanto não seguiu — e estudou furiosamente.

Sempre nostálgico da patria, a quantos o interpelavam, com inveja de vel-o aboletado na Paris, que elles lá dizem capital do mundo, “cidade luz” e mais assombros de nhambiquara em face de vitrina de joias, respondia sempre:

—Ando mas é morto por me pilhar no Brasil.

Isto define-o mais que um tratado inteiro de psychologia. Era uma individualidade inteiriça, rija como o corindon, insophismavel, rude, incapaz de dessorar-se em terra alheia.

Seis annos durou o seu curso de aperfeiçoamento, concluso o qual viajou pela Italia, regressando á patria em 82. Entrou para a exposição do anno seguinte com quatro telas typicas, “Remorso de Judas” e “Fuga para o Egypto”, obras biblicas mas de forte interpretação naturalista, “Repouso do Modelo”, precioso quadro de composição já medalhado em Paris e dos mais elegantes sahidos dum pineel brasileiro, e “Derrubador”, mais um vigoroso estudo de tronco caboclo do que um quadro, embora precioso como o germen da serie de telas que o immortalisariam. A critica consagrou-o incontinentemente. E Almeida Junior deu inicio, na patria, á sua obra pessoal. Em contacto permanente com o homem rude do campo, unico que o interessava porque unico representativo, hauriu sempre no estudo delles o thema das suas telas. Comprehender-os e amava-os. Ligava-o a elles uma profunda affinidade racial. Pintou os “Caipiras negaceando” que Chicago medalhou a ouro; quadro de vulto a que empresta grande valor a expressão maravilhosa, estampada no rosto e no gesto, dada ao estado d’alma do caçador que entrepára ao ouvir de surpresa o rumor da caça.

Não é o retrato de dois manequins vestidos a caipira e postos no ambiente da matta. São de facto dois caçadores caboclos, vivos, no quanto comporta de vida a illusã pitorica. Em seguidã a esse trabalho memoravel, abre Almeida Junior um interregno para compor grandes telas religiosas para a Sé, “Conversão de S Paulo”, “Christo no horto”, e varios paineis decorativos, de cor muito fina, para a Paulicea e Club Internacional.

Libertado da necessidade de ganhar dinheiro, entrega-se finalmente á pintura exclusiva do que lhe sabe ao temperamento.

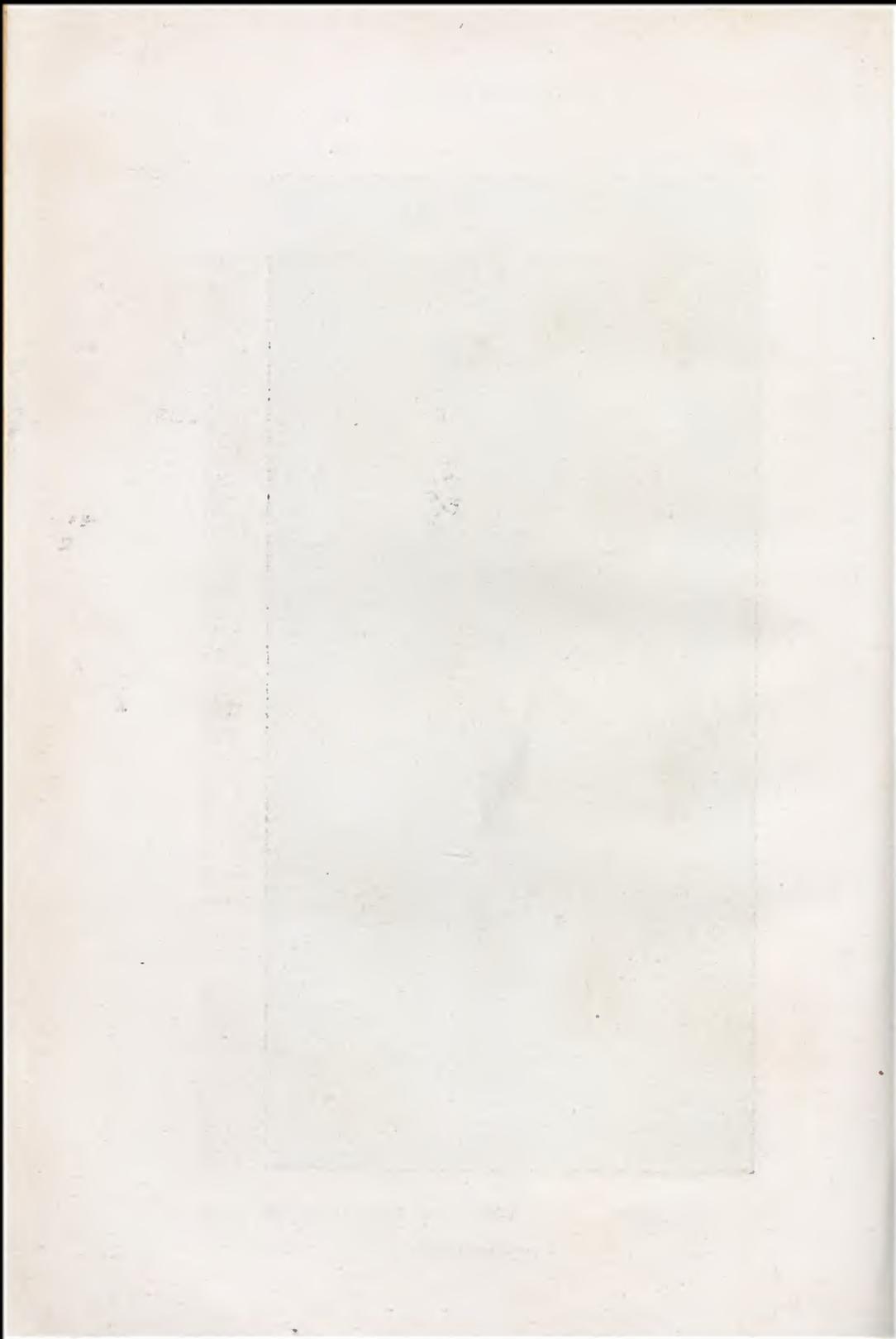


ALMEIDA JUNIOR



(Propriedade do dr. Octavio Mendes)

SAUDADES

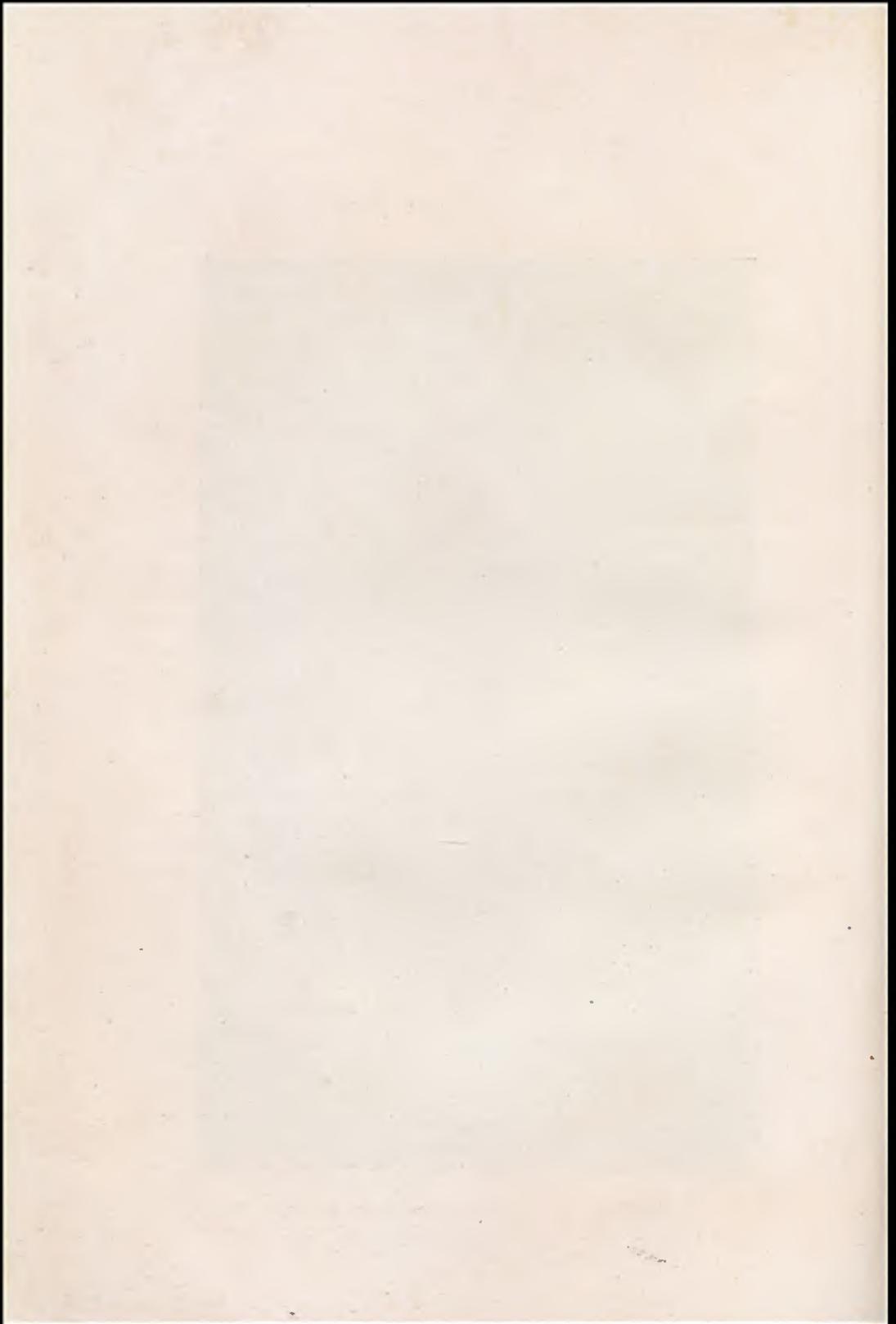


ALMEIDA JUNIOR



(Propriedade do dr. Guimarães Junior)

O IMPORTUNO



Data daqui a parte capital da sua obra. Pinta o "Caipira pican-do fumo" e "Amolação interrompida" de que a nossa Pinacotheca possui duas más copias ampliadas. Digo más porque essa é a impressão de quem as coteja com os originaes em poder do Dr. Sampaio Vianna. Copiadas pelo proprio autor, porisso mesmo não valem as primitivas. Explica-se. Estas foram pintadas pelo natural. no local adequado, ao ar livre, com a alma do artista impregnada do thema. Possuem toda a vida dos quadros sentidos e amorosamente feitos. As copias, feitas em epocha diversa, com outras preoccupações na cabeça, n'um estado d'alma diverso, com technica diversa, com variantes de côr e tons, tem todos os graves defeitos duma segunda edição ampliada, preparada ás pressas, para exclusivos fins commerciaes. Só é capaz de boa copia quem copia obra alheia. Copiando a obra propria o artista não se adstringe á fidelidade necessaria e faz sem o saber obra nova. Nova e má, pela ausencia do mysterioso *quid* da obra vivida. Todas as mais telas que Almeida Junior pintou nesse periodo aureo jazem exparsas pela cidade. E é pena. Se ha pintor que mereça figurar inteiro na Pinacotheca do Estado é sem duvida o grande ytmano.

Quem visita aquelle inicio de museu, é na intenção de conhecer as obras dos nossos pintores e não para estarrecer de assombro diante do chromos de Salinas, charadas de Amisani, pagas a preços fantasticos, tripticos absurdos, com erros de desenhos e durezas inconcebiveis de miniaturistas que se mettem a fazer grande para que grande seja o negocio. Revolta ver a nossa Pinacotheca transformada em salão de despejo de quanta tela medioere de pintor estrangeiro medioere tem a habilidade de explorar o criterio negociista de quem nos dirige o movimento artistico. Revolta ver toda a obra do maior pintor paulista oculta em galerias particulares, e propositadamente mantida lá, para que os Amisanis possam receber fortunas em troca de *blagues* mystificatorias. Com o dinheiro que o Estado deu pelo mostrengo, risivel em si, e contristador pelo attestado de inepecia que passa aos nossos homens "entendidos" em coisas d'arte... de comprar quadros, entraria para lá meia duzia de obras primas.

"Saudades", faz parte desse grupo de telas preciosas. E' talvez o quadro de mais sentida expressão que possuímos. Uma mulher do povo, moça ainda, morena, do moreno quente pecu-



liar ao nosso clima, vestida de lucto modesto, contempla á luz duma janella o retrato do marido morto. A luz dá-lhe de chapa no rosto onde se lê a dor muda duma viuvez precoce. Brotam lagrimas dos olhos, lagrimas da amante inconsolavel. E' dor e é saudade. Quanta verdade naquillo! Quanto sentimento! Que poema inteiro de maguas resignadas naquella expressão!

O "Importuno" lembra o thema do "Repouso do Modelo". Um pintor aprestar-se para o trabalho de nu, quando batem á porta. O modelo que se despia para o pouso, occultar-se e espia, enquanto o pintor entrecabre a porta para ver quem é. As mesmas qualidades distinctivas do "Repouso" accentuam-se no "Importuno". Desenho elegante, expressão psichologica, harmonia de composição, sobriedade e factura de mestre.

"Nha Chica" é um prodigioso estudo de caboela. Uma roceira madura achega-se á janella em cujo batente está uma chcolateira de café, e enquanto sorve com uma baforada por um longo pito de barro, fixa os olhos no campo onde deve estar o marido. A sua expressão diz-nos que já chamou o homem para o café do meio dia, e espera-o. E' uma figura viva na qual se leem os pensamentos occultos sob a mascara impassivel.

O "Violeiro", quadro a que elle dava a primazia dentre todos os do genero, é outra criação soberba de verdade, de sentimento, de colorido exacto, e de tonalidade local. Dentro daquelle corpo sente-se pulsar o coração ingenuo de nossos musicistas espontaneos, filhos do campo e do ar livre.

"Os caipiras", "Mendiga", "O caçador", "Cosinha da roça", "Secna da roça", e outros, denunciam sempre a mesma factura honesta e a intenção realisada de pintar as almas habitadoras dos corpos.

Na paisagem, genero de pintura que Almeida Junior desadorava a avaliar pelas poucas que deixou, a qualidade dominante é sempre a probidade de um sincero que, como nunca mentiu aos homens, não sabe mentir ás arvores e ás aguas.

"Ponte da Tabatinguera" e "Curva do Tieté" são typicas no demonstral-o.

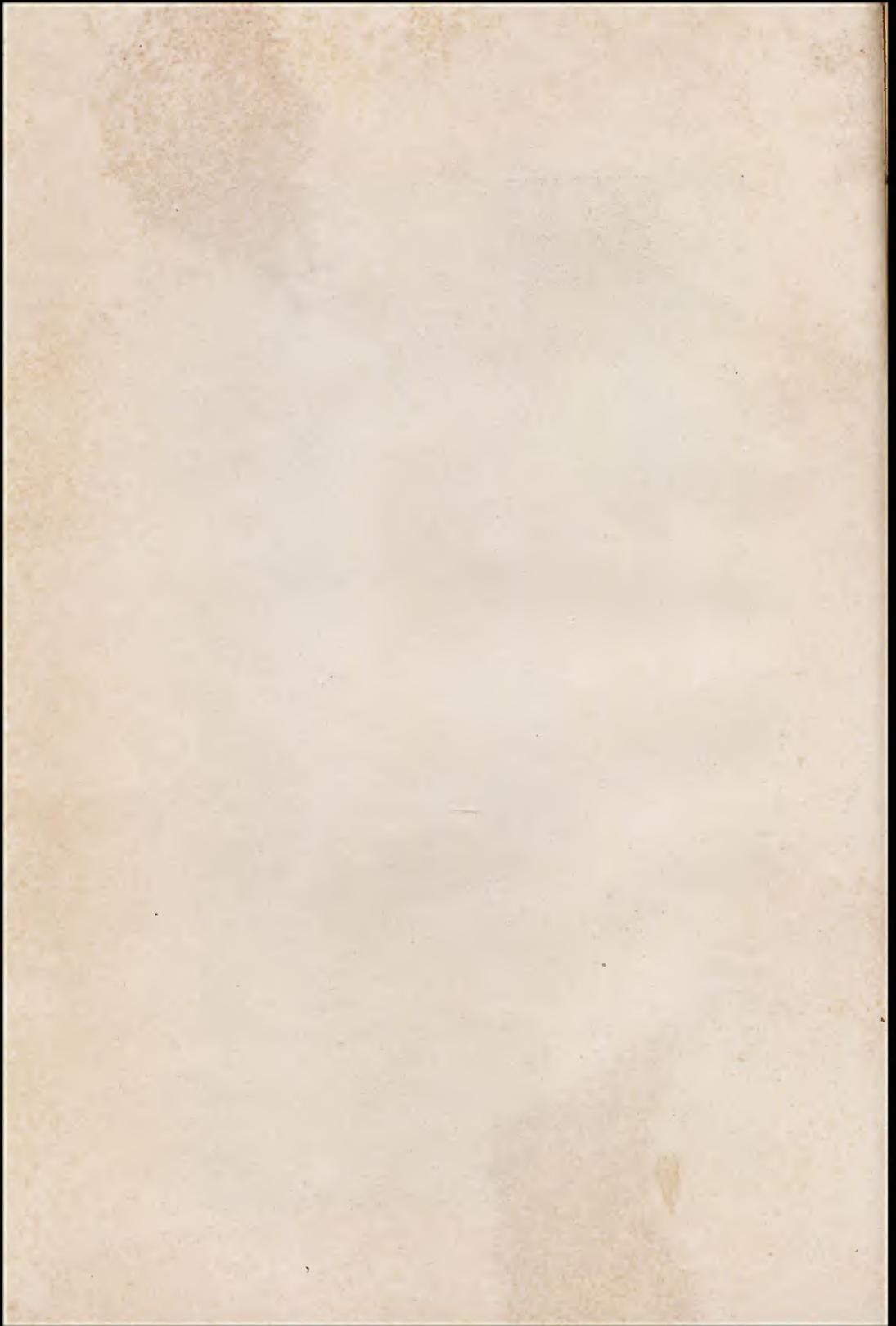
Tambem pintou retratos, sempre norteado pelo criterio da honestidade, e com vigorosa largueza de technica. Na "Partida da Monção" elles abundam. Veem-se lá o Conde do Pinhal, Campos Salles, Prudente, o pae do artista, o vigario de Ytu, Dr. Leite

ALMEIDA JUNIOR



(Pinacotheca do Estado)

PARTIDA DA MONÇÃO



de Moraes, Luiz P. Barreto, Severino da Cruz, seu sobrinho João Firmiano e outros.

Até isto denota o carinho de Almeida Junior pela verdade. Como netos dos bandeirantes que figuraram nas monções, era no typo delles que se poderiam colher os traços energieos dos seus destemerarios avós. Um pintor menos sincero tomaria ao acaso, na rua, os modelos necessarios, ageitando-lhes barbaças e vineos de testa truculentas, e talvez fizesse coisa de mais agrado para o publico. Mas Almeida Junior, inimigo mortal do eabotinismo e da mentira, paulista da velha tempera, caboelo de bem, adoptava por temperamento a concepção de Alberto Durer de que a preocupação da belleza é noeiva á arte. Preocupava-se com a verdade sómente — e nisto revelava uma comprehensão maravilhosa da verdadeira esthética. A belleza não existe por si, mas como emanação mysteriosa da verdade. Quem mente a esta não alcança áquella. O criterio da belleza em si está sujeito ás injunções do espaço e do tempo. A moda nol-o exemplifica. Houve tempo em que a saia balão era a belleza. Depois veio como nova forma de belleza a hedionda anquinha. E dahi até nós quanta extravagância macaca inventa o cerebro hysterico dos costureiros europeus, goza durante seis mezes, no consenso universal dos papalvos, as honras de supremo estalão de belleza. No emtanto basta que saia da moda uma “moda” para que a todos se represente ella como um “horror”. Salvam-se unicamente as que respeitando as formas do corpo humano e denunciando-lhe as ondulações atravez do panno, eximem-se de mentir ao nu’ que vestem.

Assim na pintura. As escolas passam, os estylos morrem, as “maneiras” exaltadas n’uma epocha são mettidas a riso logo em seguida, o pintor cortesão que lisongeia o transvio esthético dum periodo de máu gosto, perde logo o nome e a eotação quando a moda eae. Só fica, só resiste á acção da critica e do tempo a obra sincera que nunca falsifica a verdade em nome de um ideal de occasião. A Grecia é eterna, porque os canones da arte grega eram decalecados sobre os canones da verdade. Rembrandt é eterno porque nunca mentiu, preferindo morrer pobre a transigir com as hysterias movediças do publico. Entre nós Almeida Junior será sempre grande, e cada vez maior, porque nunca, em phase nenhuma da sua carreira, officiou no altar do conven-

cionalismo, erro que sombreia a obra do maior genio pictural do continente, Pedro Americo.

A "Carioca" nunca dirá nada a ninguem; é um nu' mudo e vasio; já a viuva das "Saudades" falará sempre e sempre será comprehendida. Emquanto houver corações dentro do peito humano, aquella simples figura de mulher commoverá profundamente.

A obra do convencionalismo dura o que dura o pedantismo duma escola. Só a obra da verdade é imperitura.

Almeida Junior estava em pleno apogeu quando, de pancada, um assassinio infame corta-lhe o fio da vida preciosa. O pincel creador de tantas obras primas jáz esquecido. Ninguem se atreveu a segui-lo na vereda aberta.

O vicio dos themas nacionaes continua apenas tocado á espera de novas individualidades de genio que lhe garimpem o ouro. Por fatalidade nossa mal abrolha um artista capaz a morte violenta vem amordaçal-o. Porque ha de o destino roubar-nos em flôr os talentos mais representativos, Almeida Junior, Euclydes, Pompeia, Ricardo? deixando por ahi gordos e anafados, para morrer de pigarro senil, justamente os falsificadores do bom gosto, os inimigos da verdade, os Pachecões atravessados de Aceacio e Brummel, carnes balofas e almas de capacho que a terra está reclamando para elaborar com a substancia dellas os joás amarellós, a guanxuma, a barba de bode e outras calamidades vegetaes?

MONTEIRO LOBATO.



---

---

## O ESTYLO DE FIALHO

---

Cinco manadeiros caudalosos confluem para formar o estylo de Fialho, essa linguagem tão ductil, tão plastica, que outra não ha mais apta para exprimir eambiantes de sensação ou fixar subtis matizes de idéas:

- 1.º A lingua commum;
- 2.º O Portuguez classico;
- 3.º O calão popular;
- 4.º Estrangeirismos;
- 5.º Neologismos.

Relativamente ao purismo, acima de todas as contingencias grammaticas, põe Fialho as necessidades superiores da arte, as exigencias da expressão..

Este é o supremo criterio e unica excusativa. Parece que se referê a si proprio, quando escreve sobre Cesario Verde:

Oh meu loiro e irregular Cesario Verde! E' lendo os rapazes do teu tempo que a minha adoração por ti redunda em fanatismo! Bem te importavas tu que a Academia te discutisse a legitimidade d'um Termo, quando esse termo exprimisse, num barbarismo insolito que fosse, a cambiante de sensação fina e moderna que tu pretendias dar num verso teu!

Accresce o poder suggestivo de seu estylo, a energia com que dogmaticamente, rigidamente elle affirma. D'este modo, phrases que seriam incharacteristicas ditas por outro, adquirem, cahindo de sua penna, uma saliencia nitida, como se pela primeira vez fossem escriptas. Nossa attenção, detem-se em termos

seria doce o escutar de boccas amigas, n'uma ovação suprema, palavras d' affecto, que lhe enchessem de paz os ultimos dias! e como havia de resignar-se a entrar na grande noite, esse rebelde, que sendo o maior escriptor portuguez do nosso seculo, ainda achou meo de ser tambem, entre os homens de genio, o maior desgraçado!

Sabe-se que ha uma "arte da prosa", e que essa arte tem evoluido, tem enriquecido seus processos, buscando condensar no menor volume de palavras, maior capacidade emotiva. Par e passo com esse desenvolvimento, num estreito parallelismo, evoluiu tambem a preocupação da nota physica, sensitiva, ampliando a alçada das letras, levando-as a forçar a fronteira das artes e-irmãs. A prosa é verso, é pintura, é musiea, é estatuaría. Attingimos por esse modo a uma perfeição que é poueo provavel que no futuro se ultrapasse. As necessidades dessa nova prosa, crearam novos recursos de dizer, que, generalisando-se, originaram essa tão conhecida architectura de phrase, hoje largamente divulgada, e mesmo barateada, a que se póde chamar—estyllo moderno.

Fialho é um representante genuino de tal estylo pelo talento com que soube apropriar-se de seus *truques*, até de seus defeitos. Destes nos veio a maior parte, talvez, por infiltração do zolismo, porque a rudeza, como material, da sua phrase, e a monotonia dos seus processos estylistieos, a tornam mui apta a ser assimilada pela grande massa dos leitores.

Um d'esses séstros naturalistas, é uma certa toada monotoná, como eseandida a golpes de batuta, aos arrancos, aos arques-jos. Leia-se Zola:

Il avait aperçu, au milieu de la foule, ses deux fils, en compagnie de Guillaume Porquier, accourus tous les trois, sans cravate, d'une maison des remparts, pour voir le feu.

Confronte-se Coelho Netto:

Uns touros grandes, lustrosos, quasi sem chifres, lerdos, pesados, sentindo-se nos pastos, sem prestimo, morrendo á toa; cavalicos que não aguentavam uma tirada, frouxos, aguando logo, carneiros muito gordos, mas felos.

E Gustavo Barroso:



A rede é sempre á sombra de um joazeiro, onde ella (a vacca) fica quieta, muda, magra, ossos furando a pelle chagada, leprenta, côr de cinza, encontros feridos, com postemas rôxas, onde negrejam moscardos buliçosos.

### E Fialho:

E sympathisavam, tinham entrado logo a discutir, apertaram-se as mãos á despedida, e ás noites, depois do jantar, eram certos na Brasserie para o cavaco.

### Em outro sitio:

Eram cantigas num tom destoado, arrastando-se, esguichando-se em uivos, roquejos sanguesedentos, brados de gente que pede soccorro, e esse rir imitando o rir humano, sardonico mas inconsciente, que faz arrepiar os cabellos.

\*

Como os modernos, prodigaliza Fialho riquezas de substantivos e adjectivos, retieencias expressivãs, attributos tomados pelas eousas, pluraes agradavelmente sonoros. A's vezes excede-se nos ss:

Jámais, nas lethárgias lividas do opio, um china faminto sonhou mais pantagruelicas abundancias, molhos mais odoriferos, cogumellos e truffas mais tenras e succulentas.

\*

Seria um não findar, enumerar suas predilecções por vocabulos, desinenencias ou eonstrucções; entre tantas, merece referida sua affeição por "mil" significando grande quantidade indefinida. Veja-se "A Cidade do Vicio":

Mil peças (206) — mil attentões (207) — mil ingratições (210) — mil allusões (211) — mil torturas (211) — mil coizas pueris (231) — mil coizas evocadas (251) — mil precauções (253) — mil planos (257), etc.

\*

Modos de dizer estafados do naturalismo, que Fialho não desdenhou:

- a) *Se* interrogativo, em citação indirecta, com palavras do autor. "Se tinham visto o artigo de fulano?"
- b) Emprego de *vinham* por *sentiam*. "Vinham-lhe cobardias (*note-se o plural*), transigeneias graduacs em materia de fé, vacillações atrozes".
- c) Emprego afrancezado do indefinido *todo*. "Hordas de federalistas, communistas, todo o arraial de opprimidos".  
"...toda uma arte estrondosa e moderna". Coteje-se Zola: "Ce carnaval des dieux, l'Olympe trainé dans la bouc, toute une religion, toute une poesie bafouées, semblérent un régal exquis".
- d) Improriedade de emprego do indefinido *um*, por influxo francez. "Era tão soberba, que se ficava num panico". Confronte-se Zola: "Une chaleur montait de galerie en galerie jusqu'au eentre".
- e) Interrogativas sem resposta, intercaladas em falas de personagens. "Já olhaste bem Lisboa? Vale a pena como estudo de monstruosidade".  
E outros.

\*

Traço bem saliente da obra fialhesca, irmão gêmeo do tom categorico, affirmativo, já assignalado, é a liberdade com que diz tudo que quer, cruamente, gallegamente, sem euphemismos nem circumloquios, com a expressão justa, embora porea.

Outro não menos typico, tambem revelador de sua absoluta emancipação de espirito, impondo-se ao leitor com seu feitio proprio, sem adaptar-se a um typo de harmonia preconcebido, embora usualmente acceito, é a versatilidade com que vae do serio ao picaresco e reverte novamente d'este ao serio; ás vezes no mesmo periodo acotovelam-se o sublime e o ehulo, mas tão bem amalgamados pela personalidade inteiriça de quem esereve, que não ha quebra de effeito e apenas relevo de idéa. Não posso forrar-me á tentação de citar mais este primor de antithese, onde tão bem se destaca o faecis jocò-serio do escriptor:

Porém as flôres... Cuidarão vocês que ellas não tenham sensibilidade, idéas, nervos, sangue, como qualquer de nós? Entre a nossa alma e a natureza, não ha apenas analogia, ha identidade. Como individuo, nós somos simplesmente a edição quintessenciada d'esse obscuro ser que se agita diffusamente na mais pequena molecula do universo. Interesses analogos, gestações analogas, analogas luctas... Dizer que uma planta não soffre, porque se não sabe queixar na lingua em que nós dizemos asneiras, é um erro profundo.

Seu periodo é cheio, musico, doce de dizer. Com tanta frequencia, verseja, que Fialho é quasi um poeta. Veja-se, para exemplo, o ultimo periodo citado:

Dizer que uma planta não soffre (verso de oito syllabas) — porque se não sabe queixar (idem) — na lingua em que nós (de cinco syllabas) — dizemos asneiras (idem) — é um erro profundo (idem).

GODOFREDO RANGEL.



---

---

## ESTHÉTICA DA DECADENCIA

---

Tão intimas são entre ellas as noções de Esthética e Moral que, como involuntariamente, todos as associam e as fazem conexas. Falar de Esthética da Decadencia é quasi sempre provocar a suspeita desgraçosa de Moral que se desfaz, que decae.

Se a Esthética é entidade sujeita a desfallecimentos, a altos e baixos, ás contingencias geraes e infalliveis de toda a existencia que conhecemos, então, dir-se-á, tambem a Moral, sua gêmea, filha assim que ella de um parto philosophico da humanidade, não vive com a vida superior e robusta com que a queremos conceber.

Em um seculo em que as idéas de evolução e determinismo attingiram o ápice que permittia o espirito humano, taes receios aberram do conceito tão logico de universal mutabilidade.

A Moral e a Esthética, na sua capacidade de flexão e torção sob vae-vem do fluxo humano, sob o caminhar, nunca sensivelmente rectilíneo, da grande onda, em nada differem das outras grandes instituições espirituaes da humanidade. Todas acompanham o mundo que as gerou, e esse mundo, formidavel e complexo, tanto quanto o mundo real, é o homem no que elle tem de menos animal: — o homem no seu sonho divino de perfeição, no seu adivinhamento fulgurante e miraculoso de um fim que mal conhece, e que, com segurança, adora e persegue.

Isto é que é eterno. Quaesquer que sejam as contingencias e as aberrações, quaesquer que se apresentem os accidentes e as lacunas, o que vive sempre, no fundo de toda a Historia, com um fulgor que pode ser sophismado mas não decreesce, é o genio da especie, como se poderia dizer em estylo schopenhaueriano, ou a scintilla divina, que se não extingue no homem, como a poderia



chamar Victor Hugo, ou em synthese mais flagrante, a vontade clara da humanidade.

A conquista maior desta humanidade, a conquista que espantaria o universo material se este, em um relampago divino, pudesse penetrar-nos, é essa: — a descoberta genial e penosa da sua propria divindade. Seculos e seculos ella consumiu em labores immensos e lentos, em busea, ás tontas, como a agulha de uma bussola magnetisada, de si propria. Procurou na terra e no céu, no fogo e no ar, na materia e no espirito, no áquem e no além, a razão d'esta magestade plethorica que lhe transbordava da alma. Deseoseu, no afan gigantesco, as dobras do infinito, que continuou fechado. Sondou, com a sciencia e a arte, a immensidade invisivel, e, em vez de unificar o cosmos entre os infinitesimaes do microscopio e as graudezas do telescopio, duplicou-o, multiplicou-o, e juntou, para maior desengano, ao infinito que crescia o infinito que decresce. Ao abysmo que se estendia para o além conjugou, sem synthese objectiva possivel, o abysmo que se estende para o áquem.

Se é verdadeiro esse clarão deslumbrante da philosophia moderna, que nos revela em nós mesmos o que tão dolorosamente só buscámos até hoje fóra de nós, então, não ha contestar, a Esthética é a voz mais robusta e fiel do genio humano. Embalde se proeuraria na sciencia a força autonoma e fecunda, capaz de representar, como a representa a Esthética, a vontade firme da nossa especie. Se o scepro da humanidade o empunhasse a Sciencia, era certo o desastre, e mentirosa a affirmação a que ehegamos de nós mesmos. Quem o empunha, e nunca o abandonou, desde o primeiro raeiocinio que aclarou a primeira mente humana, é a Esthética, ou a Arte, que é a realização penosa das nossas mais puras necessidades de Esthética.

Arte e Esthética serão termos identicos? Não, porque a Esthética é um edificio, um templo, e a Arte o seu ritual. Esthética é religião, Arte é sacerdotiza.

Como se conceber então, quando se entende a Esthética de maneira tão religiosa, que possa ella desfallecer, embora por épocas de curta duração?

Aos olhos absolutos de remota philosophia, a Esthética devia ser uma. Immutavel e inflexivel, não lhe cabia logar nas éras de decadencia. Assim o concebia Platão, e assim o aceitavam os espiritos da formação catholica da civilização medieval, embora

ninguem assim conseguisse realizações em Arte. Para esses é absurda qualquer estética de decadencia.

Para os que, entretanto, se habituaram á relatividade do mundo perceptível nenhuma falha moral se deduz do conceito philosophico de Esthetica da Decadencia. Antes, ousemos affirmar, ha uma grandeza e uma nobreza singulares em reconhecer ás decadencias o direito de arte e ideal, de belleza e espiritalidade. Durante o sossobro triste de victorias éticas, que já pareciam firmes e inalienaveis, é mais difficil e raro o affluxo pungente de sonhos de belleza moral e esthetica, do que nas épocas felizes de affirmativas religiosas ou de construcções sociaes.

Dostoievski nos emociona, com o magieo prestigio da sua arte de sortilegios, quando nos narra, os olhos rasos de agua, as dores profundas que santificam, e as grandezas moraes que sublimam a alma de uma prostituta. Tão legitima é a nossa sympathia pelo soffrimento moral dos que tentam erguer-se, que se poderia dizer que o segredo do grande tragico russo consiste simplesmente na dramatisação d'essa sympathia.

Raskolnikoff é o heróe mais significativo que poderia crear o genio moderno, se quizesse esclarecer e systematisar a idéa evangelica, semeada pelo Christianismo, de que toda regeneração é pssivel pelo soffrimento.

Pois é pelo soffrimento que as decadencias se salvam. E' pela Esthetica que estas épocas de acabrunhamento moral se erguem e carminham. Todos os grandes artistas da Decadencia são especies de Raskolnikoffs. Impulsionados pela natureza ideal eom que se formaram, erram, desvirtuam-se, patenteam falhas ou crimes, retrogradam no progresso moral que o genero humano a si mesmo se impoz. Depois, a consciencia desperta. O passado hereditario entra em conflicto. Espectros, esquecidos no enthusiasmo da luta social, surgem fantasticamente do fundo obscuro das fatalidades atavicas ou ancestraes. E a antinomia esmagadora entre o facto irreparavel e a moral que o coudemna, crea, mais tarde ou mais cedo, o regenerado, ou o artista.

Byron é um fructo da Decadencia. A revolta, porém, salva-o do nivel da época, e a arte, em que lhe estrugem os maiores desesperos de ironia e negação, é um elemento de moralidade da propria decadencia, é o unico archote que poderá passar de mão em mão até que alguém, algum dia, o possa preservar da ruina



e do apagamento, e com elle illuminar outra civilização de mais unidade e belleza.

Baudelaire é um sensual, um extravagante, um obsesso, mas a aneia pungente do ideal consome-o na sua consciante miseria. Ergue-o do seu nivel. E Baudelaire transmite ás gerações vindouras o horros do proprio tédio, o remorso do vasio do seu eorração amovavel, e com isso a aspiração, jámais extincta, para o bem e para a belleza.

Se é nocivo éo porque é um producto da decadencia. Mas da sua rara poesia desprende-se, como de uma floresta de lyrios enraizados em pantanos, um perfume suave de ideal, e n'ella perpassam, em visões que mal podemos fixar, brancuras de sonhos surgindo de brejões espirituaes. O proprio poeta é por si um poema da natureza. Porque soffre em nome de uma multidão futura, victima da decadencia que o suffoca e inspira.

Em Shelley a decadencia ambiente actua por intellectualidade, enquanto age sobre Byron por erise moral. Para o philosopho de "Alastor" o problema puramente intellectual traz a mesma perturbação profunda que fez ruir pelos alicerces, sob o aspecto moral, a organização mais energica do ereador de Manfred. Shelley era mais contemplativo do que Byron. A acção não o preocupava como ao nobre lord. Pungiam-n'o apenas as interrogações sobre o destino, as perplexidades, quasi budhistas, sobre o principio e o fm dos sers. O seu largo e abstracto panteismo era uma especie de poesia sem objecto, um romance á procura de um enredo. Era extranho e hostile á acção. Era um puro espirito que poetava como Platão philosophára: — correndo após a alma recondita das coisas, passando ao lado da materia e não a percebendo. Se Aristoteles é para Platão um correctivo e uma força benefica de resistencia, tambem Byron foi para Shelley um antagonista que corrige. Ambos elementos de decadencia, não podiam edificar as affirmações esthéticas de Dante ou Shakespeare, mas ambos fizeram surgir dos tremedaes terribes da duvida moderna ancias de perfeição moral ou extases de puro goso intellectual.

Os caracteres da Esthética da Decadencia são sempre esses. O soffrimento se aguça e culmina. As normas acceitas assumem ares de imposições despoticas, em sociedade, em politica, em moral, em esthética. A propria vida, no que tem de mais impulsivo e menos acessivel ao exame, é reanalysada, reinterrogada, e da

falta da resposta surge a duvida. Da impotencia ante os reclamos do ideal nasce a ironia ou a negação. Mas sempre, entre os grandes artistas da Decadencia, uma chamma mantem-se viva, tenaz perpetua. E' o sonho, o ideal, a aspiração para um mundo melhor, não mais com a alegria de Dante entrando o Paraiso, senão com a tortura e a incerteza moral que dilaceram os mais fortes organismos.

A todos se applicaria a phrase de Baudelaire :

Certes je sortirai, quant á moi satisfait,  
D'un monde ou' l'action n'est pas la soeur du rêve.

Nos archivos humanos guardam-se preciosamente as grandes obras affirmativas e viaveis dos creadores de Arte das épocas constructoras:—desde a epopéa inicial dos gregos até a tragedia ibseniana, que marcou talvez o fim da nossa Decadencia, a aurora de uma nova construcção. Não se guardam com tanto amor os poemas torturados e pouco populares dos malditos cantores, das épocas de entorpecimento moral. E' medida de boa hygiene da especie, no estylo de Spencer. Mas é duro e um tanto iniquo o repudio. Seria bondoso que olhassemos com mais attenção a esse purgatorio humano. E' o purgatorio das grandes almas de esecól. que não puderam respirar nos ambientes malsãos da Decadencia. Aspiraram ás altas esferas dos outros. Mas que fazer? A força humana é ás vezes tão fatal e céga como as cataractas do Niagara ou as marés dos oceanos.

Amemos com relativismo philosophico os grandes poetas da Decadencia. Foram os élos dolorosos da cadeia humana, que, sem elles, se teriam fracturado muitas vezes durante o nosso longo percurso da animalidade para a espiritualidade. O soffrimento torceu-lhes o senso moral. O vacuo ambiente deu-lhes a sensação do vazio universal. O absurdo pungente das interrogações que fizeram não podia obter resposta, e a negação acudiu-lhes á mente como a blasphemia aos labios de um desesperado. Amaram e soffreram, acima das multidões, e deixaram em obras que não morrem imprecções tremendas e desejos eternos.

Apiedemo-nos da Esthética da Decadencia. Não nos envergonhemos da emoção singular com que ella nos abranda e seduz.

OCTAVIO AUGUSTO.



---

---

## NACIONALISMO

---

A's considerações que expendemos no numero de Junho desta Revista, sobre assumptos raciaes, especialmente sobre assimilação do immigrante, desejamos adduzir mais algumas, dada a importancia e opportunidade da questão.

E' facto ineoneusso que o problema não se apresenta ainda por todo o paiz. Elle manifesta-se, entretanto, latente em certas regiões, o que na verdade deve ser sufficiente para provar a sua existencia côm todo o seu cortejo de perplexidades, especialmente emquanto não o encaramos devidamente para solvel-o de accôrdo eom os grandes interesses nacionaes.

E' mister oppôr, quanto antes, a esses exclusivismos e desintegrações produzidos fatahmente pelo congestionamento de elementos estranhos, o ideal de uma Patria unida, integrada, grandiosa.

A tendencia do "hyphen" na vida brasileira, vae-se revelando de fórmula alarmante, particularmente nos Estados sulistas. E sabem os leitores o que queremos dizer quando nos referimos a esses brasileiros "hyphenados?" São esses agrupamentos de cidadãos, nascidos realmente em nosso paiz, mas que vivem e procedem eomo se estivessem "a duas amarras" no dizer pittoresco do vulgo. Descendentes do immigrante que para aqui trouxe a sua actividade e a sua energia, e que em troca conseguiu o seu bem estar, e muitas vezes a ascendencia, a proeminencia eom que nunca souhára, esses brasileiros "hyphenados", longe de coooperarem para o advento duma raça nova e forte, comprazem-se em criticar asperamente as nossas eoisas, repudiam os ideaes nacionaes, e só reclamam a sua qualidade de cidadãos brasileiros quando surgem conveniencias positivas mas infelizmente subalter-

Quando taes coizas se affirma, pela observação calma e desapixonada dos factos, elles de pareeria com os que trabalham pela implantação de tendencias e ideaes estranhos e dissolventes dum puro e sadio nacionalismo, são os primeiros a protestar e a fazer novas profissões de fidelidade, de sinceridade á “terra que os viu naseer...”

As nações novas como a nossa, têm que ser fatalmente melhoradas e engrandecidas com o concurso duma immigração escolhida. Mas, como aleançar tal méta e tal “desideratum”, se não cuidamos devidamente do immigrante nem do seu descendente? Deixamol-o segregado, isto é, deixamol-o entregue a si mesmo, não cuidamos que elle aprenda a nossa lingua e a nossa história, a nossa geographia,—sim, deixamol-o, a elle eseu descendente—vegetando num ambiente sem a instrueção das nossas coizas, e sem o gozo dos verdadeiros e elevados ideaes, que deve acarieiar uma nacionalidade nova e em formação.

Mais uma vez nos vem o exemplo da nossa republica irmã dos Estados Unidos. O movimento de “americanisação” tem-se intensificado notavelmente alli, especialmente depois desta terrível conflagração, que infelieita o mundo inteiro. Ha razões poderosas para isso, como as ha aqui.

O caso é que em nossa patria denunciemos muitos “perigõs”, iniciemos muitas “campanhas”, damos azas aos nossos enthusiasmos, mas realmente bem pouco se consegue no terreno real e positivo da — pratica. Disse ha pouco um escriptor: “Os actos fallam mais alto do que as palavras, e elles fallam uma linguaem que pôde ser entendida por todos”.

Para corroborar o que ficou dito, vamos traduzir de considerada revista norte americana um trecho sobre o assumpto que ora nos prende a attenção:

O problema da assimilação racial e de ideaes raciaes antagonicos tem sido projectado de fórma patente durante esta guerra, e nestes ultimos doze mezes, pela propaganda varia instituida por uma porção de certo elemento da população. O ideal de certos estrangeiros é essencialmente opposto ao ideal americano, e o resultado tem surgido, na fórma da attitude para com esse ideal de todos os cidadãos de nascimento ou parentesco estranhos. Haverá um povo americano unido, verdadeiro e leal, á nova republica e como um só homeni sustentando seus reconhecidos fundamentos? Ou os diversos grupos



raciaes quererão impôr ao resto suas idéas particulares? Unificaremos ou desintegraremos?

Note-se que o movimento, a acção americana, passou além dos limites das columnas dos jornaes e das revistas. O "bureau" de naturalisação começou logo a esforçar-se seriamente no sentido de obter a cooperação larga e effectiva das escolas publicas, propondo mais que nos logares onde existe uma grande população estrangeira, todas as oportunidades sejam facilitadas para que os candidatos á "cidadania" sejam devidamente instruidos, tornando-se aptos para a mesma. Dá-se alli emphase especial ao conhecimento da lingua do paiz e em seguida a algum conhecimento da sua historia, e de suas instituições industriaes, sociaes e moraes

A resposta ao appello do "bureau" tem sido fervorosa, e as escolas estão cooperando activamente para realizar o programma do mesmo.

Ha ainda mais um facto significativo, que nos serve de proveitosa illustração. A campanha presidencial, ou aliás a escolha de candidatos ás duas convenções republicana e democrata, nos revela dum modo convincente, como se resguardam os grandes interesses e ideaes nacionaes na grande republica norte americana.

Ainda que ás vezes as platafórmias dos partidos nada digam, nota-se, entretanto, que os candidatos falam corajosa e francamente. "Sustento", diz Hughes, "um americanismo que não conhece proposito ulterior; um patriotismo que é o unico e completo. Nato ou naturalizado, seja de que raça ou eredo fôr, temos só uma patria, e não toleramos por um instante qualquer divisão de lealdade". E como alguns orgãos de publicidade não entenderam ou talvez torceram estas categoricas declarações, elle declarou aos "reporters" o seguinte, affin de que fosse publicado amplamente: "Minha attitude é de Americanismo indissolúvel. Qualquer pessoa que me apoia, está apoiando um americano completo, uma politica americana completa, e nada mais".

Ainda ha pouco o illustre Dr. L. P. Barreto, de S. Paulo, num bem traçado artigo, denunciava essa "divisão de lealdade", essa "primeira e segunda patria", idéas que se procura com afincamento inculcar no descendente do immigrante. Com calma, mas com toda a energia, precisamos oppôr diques a esse movimento que



vae paulatinamente minando os aliceres do nosso nacionalismo. Devemos convir, que os propagandistas do "estrangeirismo", entre nós, acham até certo ponto, um campo propicio, um terreno adaptado, para a germinação da semente que com tanto empenho procuram lançar. Como assim? perguntareis. Elles procuram impressionar a mocidade, especialmente, com a narração vivida, com a emphase calculada, dada aos descalabros moraes que se presenciam muitas vezes em nosso paiz, sem terem, entretanto, a lealdade de dizer que essas coisas não têm absolutamente o apoio dos caracteres bem formados, dos cidadãos dignos, daqueles, emfim, que acariciam os elevados ideaes duma Patria grande pelo caracter são de seus dilectos filhos.

Na classificação das sciencias, feita ha perto de um seculo, por um philosopho, e depois divididas em inferiores e superiores, foi observada para a moral a maior preeminencia.

Se não nos enganamos, foi Lavelaye que num notavel estudo sobre o "Futuro dos povos catholicos", provou á evidencia que a verdadeira superioridade não está no — sangue, e sim no character. Um povo, como elle bem affirma: "não está condemnado a declinar por causa do sangue que corre em suas veias. . . "Por outro lado, é preciso, duma vez para sempre, acabar com a especulação de certos propagandistas "raciaes", que levam a repetir com uma insistencia digna de melhor causa, que o méro facto de escolherem uma determinada nacionalidade, que elles reputam superior, os tornará "imunes" a todo o mal, a toda a deshonestidade. . .

Muito bem escreveu illustrado escriptor patricio:

... o que mata uma nação não é a existencia do mal, por que NUNCA HOUE NAÇÃO, AINDA NO APOGEU DA GLORIA, que o não trouxesse no seio; o que mata uma nação é a carencia de elementos colligados para rechassar os elementos deletorios; é a indifferença, por vezes a desfaçatez—com que elementos officiaes, representativos, se assentam no festim da iniquidade, a rir do descalabro social; é o egoismo cynico de homens publicos que tantas vezes fazem de sua posição politica o meio mais facil de gratificar suas paixões inferiores unicamente, num completo descurar dos interesses geraes.

A capacidade assimiladora de nossa nacionalidade será, pois, augmentada, fortalecida, á medida que os cidadãos forem mode-

lando e fortalecendo o seu caracter. E' certo que ha muitos microbios damninhos, mas a estes devemos oppôr as bacterias energeticas dos elementos bons. A garantia da Nação está nessas forças de reconstrução moral, que não admittem dois pesos e duas medidas.

Não nos preocupemos exclusivamente com — a força; cultivemos a justiça e a rectidão. Não confiemos apenas no — sangue; modelemos um caracter são. E, enfim, que nossos ideacs não sejam apenas fantasias; mas, que tomem corpo, que tenham effi-ciencia, que se revelem nessas vidas regeneradas e puras de cidadãos dignos de uma grande Patria!

Rio Grande do Sul.

FRED. G. SCHMIDT.



---

EDGAR ALLAN POE

THE RAVEN

Uma vez, por volta da meia noite, hora triste, enquanto, alquebrado pela fadiga e cheio de tédio, eu meditava sobre vario e vario volume, exquisito e curioso, de letras hoje esquecidas, quando, já a cochilar, quasi passava pelo somno, chegaram-me, de repente, ao ouvido, umas pancadinhas repetidas como de alguém, que de mansinho batesse, batesse á porta do meu quarto. "É alguém", disse eu commigo, "é alguém, que bate á porta do meu quarto... Ha de ser isso, e nada mais."

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,  
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,  
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,  
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.  
"T is some visitor", I muttered, "tapping at my chamber door.  
Only this, and nothing more."

Ah, lembra-me perfeitamente! — era em Dezembro, o mez das Invernias, — e cada braza, que, por sua vez, se la apagando, estampava no chão o seu espectro. Estava eu morto por que aiaanhecesse; em vão procurara tirar, dos meus livros, allivio á saudade, — saudade de Lenora, que perdera, — da rara e radlante virgem, a quem os anjos chamam Lenora, — e nome aquil na terra não terá jamais.

Ah, distinctly I remember, it was in the bleak December,  
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.  
Eagerly I wished the morrow; vainly I had sought to borrow  
From my books surcease of sorrow, sorrow for the lost Lenore,  
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore, —  
Nameless here for evermore.



---

EDGAR ALLAN POE

O CORVO

Mela noite seria, hora triste! alquebrado  
E de tedio vencido, uma vez, debruçado  
Sobre tomo e mais tomo, em que antigos autores  
Expuzeram saber, que bem raros leitores  
Tem hoje, eu meditava, o lido ponderando,  
Que em taes livros de antanho andara consultando,  
E já, do cochillar, meio ao somno passava,  
Quando ouvi de repente um bater, que soava  
A' porta do meu quarto, alli á mão, baixinho  
Como o bater de quem batesse de mansinho,  
Batesse de mansinho á porta do meu quarto.  
Dentro em mim, mal o ouvi, disse eu: "A horas taes,  
Quem pode vir bater á porta do meu quarto?  
Alguem, que me procura. Ha de ser. Nada mais."

Era então — claramente ainda hoje o relembro!  
Bem entrado era então o inclemente Dezembro;  
E seu espectro, no chão, cada braza deixava,  
Que, aos poucos, a morrer, no lar agonizava.  
Affileto estava eu já por que nasceesse o dia;  
E, em vão, d'essa leitura, ao meu soffrer, queria  
Tirar allvilo — allvilo a crua e dura magua;  
Allvilo, que abrandasse a enorme, a funda magua  
De haver perdido, haver perdido, ó, sim! Lenora,  
A virgem radiante, a quem saudade chora!  
A virgem peregrina, a quem os anjos chamam  
Lenora — Aquella a quem, nos coros triumphaes,  
Lenora, lá no céu, os anjos ora chamam  
E nome não terá na terra nunca mais!

E o sedoso, triste, incerto farfalhar de cada pano das cortinas roxas fazia-me tremer, — enchia-me de terrores fantasticos, que nunca d'antes sentira; de modo que, então, por quedar o bater ao coração, fiquei a repetir: "E' alguém, que bate á porta do meu quarto — alguém que a deshoras vem bater á porta do meu quarto; é isso, e nada mais."

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain  
Thrilled me, — filled me with fantastic terrors never felt before;  
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating,  
"T is some visitor entreating entrance at my chamber door, —  
Some late visitor entreating entrance at my chamber door;  
This it is, and nothing more."

Minha alma sentiu-se, de tal após, mais forte; sem mais hesitar, então, "Senhor", disse eu, "ou senhora, peço-vos sinceramente perdão; mas a verdade é que eu ia a passar pelo somno e vós batestes tão devagarinho, tão de leve batestes, batestes á porta do meu quarto, que eu nem quasi certeza tinha de o haver ouvido." E, em tal dizendo, escanearei a porta: lá fóra — escuridão, e nada mais.

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,  
"Sir", said I, "or madam, truly your forgiveness I implore;  
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping  
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,  
That I scarce was sure I heard you." Here I opened wide the door:  
Darkness there, and nothing more.

Fundo n'aquella escuridão cravando os olhos, estive por longo tempo ali, a pensar, apavorado, em duvida, sonhando sonhos, que mortal nenhum antes de mim ousou sonhar; mas o silencio persistia, e, de nada, a escuridão, indico dava; e a unica palavra, que ali se proferia, era apenas, em murmurio, a palavra "Lenora". Essa era eu que a murmurava, e o echo, murmurando, repetia a palavra "Lenora!" Isto simplesmente, e nada mais.

Deep into that darkness peering, long I stood there, wondering, fearing,  
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before;  
But the silence was unbroken, and the darkness gave no token,  
And the only word there spoken was the whispered word "Lenore!"  
This I whispered, and an echo murmured back the word "Lenore!"  
Merely this, and nothing more.

E o frouxo farfalhar, que vinha das cortinas  
De seda roxa, incerto e mesto, nas retinas  
Me punha visões taes, e, na alma, taes terrores  
Que iguaes nunca eu sentira; e em tão cruéis tremores  
Me entrava a sacudir que, por conter os saltos  
Ao coração — por ver quedar os sobresaltos  
Em que dubio tremia, entrei a repetir,  
A repetir sem conta, alheio a repetir:  
“Está alguém a bater á porta do meu quarto;  
Bate alguém, certamente, á porta do meu quarto;  
Alguem que me procura e quer falar. De certo,  
Alguem, que, sem querer, se atrazou. Pois que mais  
Póde ser?... E' alguem. Ha de ser. E', de certo.  
E', de certo, isto mesmo. Ha de ser. Nada mais.”

A alma se me aquietou assim; e, então, perdendo,  
Perdendo a hesitação, afolto fui dizendo:  
“Quem quer que vós sejais, ou senhor ou senhóra,  
Vosso perdão aqui sinceramente implora  
Quem, quasi a cochliar, confessa, e tão de manso  
Batendo vós á porta, á porta tão de manso  
Batendo, tão de manso, á porta do seu quarto,  
Mal ponde perceber que á porta do seu quarto  
Baticeis.” Neste ponto, á porta dirgindo  
Os passos, neste ponto, agora, eu, acudindo  
A' porta, ao enfrental-a, abril-a prompto buseo;  
E, de braço estendido, ao tocar-lhe os humbraes,  
Escancearo-a de vez num movimento bruseo:  
Lá fóra, a escuridão. E só. E nada mais.

E, dessa esenridão, cravando o olhar no fundo,  
A revovel-a estive, a revolver-lhe o fundo,  
Surpreso, apavorado, hesitante, a sonhar  
Sonhos, que não ousou ninguém jamais sonhar.  
Mas, o silencio, mudo: o mesmo sempre. E, a treva,  
Calada em frente a mim, nenhum Indício a treva  
Me dava. Della só, sómente me chegava,  
Me chegava ao ouvido em voz, que o murmurava,  
Um nome, e em murmurio, um nome só, Lenora!  
Era eu que o murmurava; era eu, e já Lenora  
Els o celio a responder, Lenora repetindo;  
Palavra, que só eu, na treva, entre as lethaes  
Angustias da incerteza, em sonhos me afundindo,  
Ficara a repetir. Só isso. E nada mais.

Outra vez voltando para o quarto com a alma toda a arder dentro de mim, d'all a pouco ouvi de novo bater de leve, um tanto mais alto que primeiro: "Com certeza, "disse eu", com certeza, o que ouço agora é a gelosia da janella; vou ver o que all ha e apurar que mysterio é este. Que meu coração se quede por um momento, e apure que mysterio é este. E' o vento, e nada mais."

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,  
Soon again I heard a tapping, something louder than before:  
"Surely, "said I", surely that is something at my window-lattice;  
Let me see what thereat is, and this mystery explore, —  
Let my heart be still a moment, and this mystery explore;  
"T is the wind, and nothing more."

Abri, então, bruscamente a janella, e, eis que, com giro e adejo varlo, entrou por ella a, dentro um majestoso corvo dos bons tempos d'outr'ora. Nem a menor cortezia fez elle; nem por um instante se deteve ou parou; mas, com ares de fidalgo ou fidalga, empoletrou-se por sobre a porta do meu quarto; empoletrou-se num busto de Pallas, justamente por cima da minha porta; empoletrou-se, deixou-se estar, e nada mais.

Open then I flung the shutter, when with many a flirt and flutter  
In there stepped a stately raven of the saintly days of yore.  
Not the least obeisance made he; not an instant stopped or stood he;  
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door;  
Perched upon a bust of Pallas, just above my chamber door;  
Perched, and sat, and nothing more.

Ah, como esta ave negra cambiasse em riso a minha triste fantasia pelo grave e austero decoro, que na apparencia mostrava: "Embora tosado cerce tragas o pennacho, tu, "disse eu, "não és, com certeza, um covarde, oh, velho corvo, lugubre e horripilante, que andas tresmalhado das regiões da noite. Diz-me, pois, qual é o teu titulo de nobreza nas regiões plutonicas da noite?" Disse o corvo: "Nunca mais!"

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,  
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,  
"Though thy crest be shorn and shaven, thou, "I said", art sure no erraven:  
Ghastly, grim and ancient raven, wandering from the nightly shore,  
Tell me what thy lordly name is on the night's plutonian shore?  
Quoth the raven: "Nevermore!"



Voltando ao quarto, então, com a alma em fogo a arder,  
 Com pouco ouvi de novo, ouvi baixo bater,  
 Bem de leve outra vez, mas mais alto um pouquinho,  
 Mais alto desta vez, mais alto um boeadinho.  
 "E', com certeza, "eu disse", é com certeza, agora,  
 Uma cousa qualquer, que bate lá de fóra  
 Nas gelosias. E'. Mas será?... Quem n'ó sabe?...  
 Quem sabe que mysterio ha nisto? Quem n'ó sabe?...  
 Socega, coração! e deixa-me que o veja;  
 Que, por meus olhos, soude o que fôr que alll esteja;  
 Que soude o que lssó fôr; que o soude por meus olhos;  
 Que o mostre ao meu pavor, e, em lhnhas naturaes,  
 O facto ponha á luz, mostrando-o claro aos olhos.  
 E', com certeza, o vento. O vento e nada mais."

Para a janella, pois, cresecendo, eu a escaneareo;  
 E, mal o ollhar firmel, logo o vulto deparo  
 De um corvo senhoril dos bons tempos de outr'ora,  
 Que, da lufada em pós, entrando já de fóra,  
 E circumgira e para e se val, por fim, pôr,  
 Sem saudar, nem deter-se ou pousar, se val pôr,  
 Com ares de fidalgo ou fidalga, assentado  
 Bem por cima da porta, ao alto empoleirado  
 Da porta do meu quarto, em um busto de Pallas;  
 Alcendorado all sobre o busto de Pallas;  
 Alcendorado all, do branco busto emcima;  
 Do branco busto sobre as formas divlnaes.  
 Nesse busto pousou, que a miuha porta emcima.  
 Pousou; delxou-se estar. Só lssó, e nada mais.

Ao ver dessa ave negra o modo asslm severo,  
 Ao ver com que decoro e com que porte austero,  
 All, defronte a mim, tão grave procedia,  
 Desfez-se num momento aquella fantasia.  
 Que a mente me assaltara, e transmudou-se em riso.  
 "Embora", disse eu, pois, dando expansão ao riso,  
 "Tosado, embora, cerce o teu pennacho veja,  
 Não quero crer que tal á covardia seja  
 Taxada punção. Não és um velho corvo,  
 Repellente e fatal, que foges ao céu torvo.  
 Certo, um titulo tens e fóros de grandeza;  
 Tens estirpe e braços nos reinos avernaes.  
 Dize, pois, qual teu nome entre a illustre nobreza  
 De Plutão?" E tornou-me o corvo: "Nunca mais".



Muito maravilhado fiquei ao ouvir esta ave desgraçosa falar tão claramente, comquanto sua resposta pouco sentido, pouco aleanee tivesse, porque não podemos deixar de convir em que nenhuma creatura humana nesta vida jamais teve a felicidade de ver pousado sobre a porta do seu quarto, empoletrado sobre o busto esculpado, que enclma a porta do seu quarto, ave ou animal por nome "Nunea mais!"

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,  
Though its answer little meaning, little relevancy bore;  
For we cannot help agreeing that no living human being  
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door,  
Bust or beast upon the sculptured bust above his chamber door  
With such name as "Nevermore".

Extranhando a mudez, que tão pertinente resposta assim interrompia: "Sem duvida", disse eu", as palavras, que profere, são todo o cabedal, que lhe ficou da convivencia com algum dono infeliz, sobre quem desastres inelementes eahlram uns após outros com rapidez crescente até dar-lhe ás cantigas por constante estribilho, — até que as lamentações do seu desespero se rematassem sempre pelo triste estribilho "Nunea mais! Nunea mais!"

Startled at the stillness, broken by reply so aptly spoken,  
"Doubtless, "said I", what it utters is its only stock and store,  
Caught from some unhappy master, whom unmerciful disaster  
Followed fast and followed faster, till his song one burden bore  
Till the dirges of his hope that melancholy burden bore, —  
Of "Nevermore, — nevermore!"

Mas o corvo, pousado solitário sobre o placido busto, só disse essas unicas palavras, como si a sua alma nessas unicas palavras houvesse vertido. Nada mais então disse, — nem uma penna saediu, até que eu, mal e mal, pouco mais que murmurei: "Outros amigos já se me tem ido; ao amanhecer este me deixará como as minhas esperanças se me foram." Torna, a isso, a ave: "Nunea mais!"

But the raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only  
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.  
Nothing further then he uttered, — not a feather then he fluttered,  
Till I scarcely more than muttered, "Other friends have flown before;  
On the morrow he will leave me, as my hopes have flown before."  
Then the bird said, "Nevermore!"



De pasmo me tomei ao ver com tal clareza  
 Falar essa ave horreuda, embora, com certeza,  
 Sentido não tivesse, ou pouco ou nullo alcance,  
 A resposta, que deu assim tão de relance.  
 De pasmo me tomei, porquanto ninguem pode  
 Fugir a concordar, ninguem, na vida, pode  
 Dizer que outro mortal já tivesse a ventura  
 De ver pousar uma ave, ou outra creatura,  
 Ao alto, sobre a porta, a porta do seu quarto;  
 Sobre busto, que encime a porta do seu quarto;  
 Pousar, deixar-se estar e nada mais; uma ave  
 Horrendo, que viesse, affrontando hibernaes  
 Rigores de procella, á noite, austera e grave.  
 Dizer-lhe que no inferno a chamam Nunea mais.

Assustou-me resposta assim tão bem cabida,  
 Que rompeu a mudez até ahí mantida.  
 Assustou-me a resposta; e, então, para explical-a,  
 Eu me puz a dizer qual quem a medo fala:  
 "Nestas palavras só consiste certamente  
 O seu vocabulario; e, nelias, inconsciente,  
 Reproduz o que ouviu. Com certeza, a algum dono  
 Infelz pertenceu. Pode ser que a algum dono  
 Tivesse pertencido, a quem com telmosia  
 Perseguisse a desgraça, e, na monotonia  
 Desse estribilho só, distracção procurasse  
 A's dores, que gemia — ás dores sem lguas  
 Do seu soffrer, e a magua aos lablos lhe levasse,  
 Por desabafo e aiento, o grito: "Nunca mais!"

No entanto, o corvo, só, pousado sobre o busto  
 Quedo, pousado e só, d'all de sobre o busto,  
 Não me deu mais que tal resposta, em que puzera  
 Talvez toda a sua alma. E nem ao que dissera  
 Mais nada acrescentou. Nem uma só das penas  
 Moveu. Não mais moveu de leve uma das pennas  
 Que fosse, a não ser quando eu, mal e mal, baixinho  
 E murmuro, falei, mas baixo, bem baixinho:  
 "Em antes delle já perdi muitos amigos:  
 Perdido tenho, sim, por varia vez, amigos,  
 Que foram sem retorno. Irá elle tambem  
 Sem retorno, assim como aos caros ideaes  
 A esperança se foi, e, com o dia que vem,  
 Este irá." Grasua o corvo apenas: "Nunea mais".

Camblando, porém, o corvo novamente em sorriso toda a tristeza á minha alma, fiz de prompto rodar um assento acolhoado para defronte e da ave e do busto e da porta; e, então, no velludo afundando, entre a ajustar fantasia a fantasia para ver si atinava com o que esta ave de outros tempos, com o que esta fela, desengraçada, lugubre, escavelrada e agourenta ave de outros tempos queria dizer com grasnar "Nunca mais!"

But the raven still beguiling all my sad soul into smiling,  
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird and bust and door,  
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking  
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore,  
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt and ominous bird of yore  
Meant in croaking "Nevermore!"

Estava eu assentado a querer com isto atinar, sem, contudo, cousa alguma dizer á ave, cujos olhos de fogo, então, me ardiam no amago do seio; — Isto, e outras cousas mais, estava eu assentado a querer decifrar, com a cabeça commodamente reclinada na capa de velludo do coxim sobre que a luz da lampada cahia como um olhar eupido, capa de velludo roxo, sobre que a luz da lampada cahia como um olhar eupido, e que ella não mais ha de premer — ah, nunca mais!

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing  
To the fowl whose flery eyes now burned in my bosom's core;  
This and more I sat divining, with my head at ease reclining  
On the cushion's velvet lining that the lamplight gloated over,  
But whose velvet violet lining, with the lamplight gloating over,  
She shall press, ah, nevermore!

Pareceu-me, neste ponto, que o ar se tornava mais denso, porque o perfumava um thuribulo invisivel, agitado por seraphims, cujos passos echoavam tilintantes no chão aleatificado. "Desgraçado", exclamei, teu Deus te empresta, — por estes anjos te manda tregua — tregua e olvido ás saudades de Lenora! Traga, ó, traga a taça deste olvido benefico e esquece esta Lenora que perdeste!" Disse o corvo: "Nunca mais!"

Then methought the air grew denser, perfumed from an unseen censer.  
Swung by seraphim, whose footfalls tinkled on the tufted floor.  
"Wretch, "I cried", thy God hath lent thee, — by these angels he hath  
sent thee  
Respite, — respite and nepenthé from the memories of Lenore!  
Quaff, O, quaff this kind nepenthé and forget this lost Lenore!  
Quoth the raven, "Nevermore!"

Porém, mais uma vez, essa ave transformando  
 A tristeza á minha alma e em riso a transmutando,  
 Fiz rodar um assento e della o puz em frente,  
 E do busto e da porta em face justamente.  
 Bem defronte lh'ò puz; e o corpo, no velludo,  
 Todo o peso largando, afundei; e já tudo  
 Que estivera a pensar — idéa ou fantasia,  
 Comecel a prender como elos, que querla  
 Jungidos, para ver que sentido quizera  
 Aquella ave ominosa á resposta, que dera,  
 Inculcar; para ver si encontrava o sentido  
 Que essa ave de feições e gestos espectraes  
 Na resposta puzera; — achar com que sentido  
 No erocitar dizia apenas: "Nunca mais".

Para tal, eu, sentado, a rever, mas commigo,  
 O que vira, fiquei, mas a sós, só commigo,  
 Seiú palavra siquer dirigir á agoureira  
 Ave, que, com o olhar, qual rubida fogueira,  
 O amago ao coração me estava requeimando.  
 No coxim de velludo a cabeça pousando,  
 No coxim, que o clarão da luz como um olhar  
 De eupidez voraz descla a illuminar,  
 Eu, a gosto, escritava o que quizera o corvo  
 Dizer no sen falar, que tinha em tanto estorvo  
 A facil comprehensão. Nesse coxim, agora,  
 A fronte eu descansava, em que d'Ella jamais  
 A fronte pousará qual se pousava outr'ora.  
 Não mais se pousará, oh, nunca, nunca mais!

Como que o ar então me pareceu mais denso;  
 A modo que um perfume allí pairou de incenso,  
 Que, em thuricremo vaso, ao ar silente alçassem  
 Seraphins, cujos pés em eadencia roçassem  
 A aleatifa, que o chão do meu quarto alfalava.  
 E, pois, á inspiração, que sobre mim baixava,  
 Cedendo, a me exprobrar do pavor, que sentia,  
 Contra mim revoltado, em alta voz dizia:  
 "Desgraçado! Teu Deus, teu Deus, pór estes anjos,  
 Teu Deus tregua te dá; teu Deus, por estes anjos,  
 Remedio á dôr te manda. Esquece de Lenora  
 A perda, e emplna a taça, em que as dores mortaes  
 Tu podes afogar. Rísea dessa Lenora  
 Na mente o uome." E grasna o corvo: "Nunca mais."

"Propheta!" disse eu, "creatura fatal! — propheta ainda assim, quer ave, quer demonio! Ou venhas incumbido de tentar-me ou te haja a tempestade lançado a estas plagas, desiado, mas indomito sempre, — no ermo desta terra encantada, — a este ar, que o terror assombra, — faia-me a verdade, eu t'ò imploro, — ha, ha balsamo em Gilead? dize-me, dize-me, eu t'ò imploro!" Disse o corvo, "Nunca mais!"

"Prophet!", said I, "thing of evil! — prophet still, if bird or devil!  
Whether tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,  
Desolate, yet all undaunted, on this desert land enchanted, —  
On this home by terror haunted, — tell me truly, I implore, —  
Is there — is there balm in Gilead? — tell me, tell me, I implore!"  
Quoth the raven, "Nevermore!"

"Propheta", disse eu, "creatura fatal! — propheta ainda assim, quer ave, quer demonio! Por aquella ceu, que se arqueia sobre nós, — por aquelle Deus, que ambos adoramos, dize a esta alma de magua acabrunhada, si, lá no distante Eden, abraçará ella uma virgem santificada, a quem os anjos chamam Lenora! Abraçará uma linda e radiante virgem, a quem os anjos chamam Lenora!" Disse o corvo, "Nunca mais!"

"Prophet", said I, "thing of evil! Prophet still if bird or devil!  
By that heaven that bends above us, — by that God we both adore,  
Tell this soul with sorrow laden, if, within the distant Aidenn,  
It shall elasp a sainted maiden, whom the angels name Lenore!  
Clasp a fair and radiant maiden, whom the angels name Lenore!"  
Quoth the raven, "Nevermore!"

"Que sejam essas palavras o signal da nossa despedida, ave ou inimigo!" gritei eu, pondo-me em pé. "Voita á tempestade e ás regiões plutonicas da noite! Não deixes nem uma só negra piuma em testemunho dessa mentira que a tua alma disse! Não perturbes a minha solidão! Sae-te do pusto, que enclma a minha porta! Tira teu bico de dentro do meu coração e tira o teu vulto de cima da minha porta!" Disse o corvo, "Nunca mais!"

"Be that word our sign of parting, bird or fiend!" I shrieked, upstartling.  
"Get thee back into the tempest and the night's Plutonian shore.  
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!  
Leave my loneliness unbroken! Quit the bust above my door!  
Take thy beak from out my heart and take thy form from off my door!"  
Quoth the raven, "Nevermore!"

"Propheta", eu disse então, "ave ou demonio sejas,  
Propheta mesmo assim e como quer que o sejas!  
Pelo Ceu, que nos cobre, e o Deus, que veneramos,  
Por tudo quanto os dous por mais caro prezamos,  
Dize, dize á minha alma, a que a dor tanto preme,  
A' alma, que esta saudade infinda e crua geme,  
Dize por compaixão si, no Eden distante,  
Em seus braços verá a Virgem fulgurante;  
Aquella Virgem santa, a que, no ceu, Lenora  
Chamam, e que ninguem na terra chama agora;  
A Virgem, por quem peno — a Virgem, que a saudade,  
Me traz sempre na mente em sonhos perennaes!  
Oh, dize si algum dia abraça-la, em verdade,  
Lá no Ceu, poderá!" E o corvo: "Nunca mais."

"Propheta", eu disse então, "ave ou demonio sejas,  
Propheta mesmo assim! Quer vindo aqui tu sejas  
A tentar-me, ou lançado o sopro das borrascas  
Te houvesse a esta plaga — afflicto, mas das vascas  
Do desespero livre; — ao ermo desta plaga,  
Que um poder infernal no seu effluvio alaga;  
Ao seio deste lar, onde o terror domina —  
Si tem a dôr, que assim saudade me propina,  
Lenitivo, que a acalme, oh, dil-o, que t'o imploro!  
Oh, dize-me si tem este luto, em que choro,  
Tregua, que ao meu soffrer as torturas abrande;  
Lenitivo, que á dôr embote os seus punhaes  
E, á saudade, que peno, o esquecimento mande.  
Oh, dil-o, corvo, dil-o!" E o corvo: "Nunca mais".

"Que seja essa resposta a nossa despedida,  
Ou ave ou tentador! "bradei com a vor erguida,  
N'um salto em pé me pondo. "Oh, volta á tempestade!  
Volta á noite do inferno! Em minha soledade  
Que eu fique sempre só! Não deixes uma penna,  
Nem uma penna só, nem uma negra penna  
Das tuas, em penhor desta mentira atroz,  
Que acabas de affirmar com refalsada voz!  
De sobre o busto sae! O vulto, cia, retira  
De sobre a minha porta! O adunco bico tira  
Daqui do coração, onde o cravaste! Oh, vai-te  
Embora e deixa em paz meus tristes penetraes!  
Ou ave ou tentador, deixa-me em paz! Oh, vai-te!"  
E, immovel, diz o corvo apenas: "Nunca mais!"

E o corvo, sem se mover, ainda pousado está, ainda pousado está sobre o pallido busto de Pallas, bem por cima da porta do meu quarto; e seus olhos tem toda a apparencia dos de um demonio, que está sonhando; e a luz da lampada, cahindo sobre elle, projecta-lhe no chão a sombra; e, minha alma, d'essa sombra, que está a fluctuar no chão, não se erguerá nunca mais!

And the raven, never flitting, still is sitting, still is sitting  
On the pallid bust of Pallas, just above my chamber door;  
And his eyes have all the seeming of a demon that is dreaming;  
And the lamplight o'er him streaming throws his shadow on the floor;  
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor  
Shall be lifted — Nevermore!

---

#### NOTAS

A' estrophe 2.ª:

“And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor”

Este verso quer literalmente dizer: “E cada brazza, que em separado la morrendo, *elaborava* no chão o seu espectro.”

Offerece difficuldade a traducção, desde que se procure fazer uma idéa exacta do que por esse verso quiz o poeta significar, em vez de verter mais ou menos fielmente a idéa contida em cada vocabulo sem attenção á propriedade do que exprimir devam na intenção do autor.

Tratando-se de um sala illuminada por uma lampada de luz tão poderosa, que lançava no chão a sombra de uma ave empoleirada ao alto da verga de uma porta, encimada por um busto, e não de uma sala, cuja illuminação fosse feita pelas chammas da lareira, não é facil conceber como as brazas, que se extingulam, lançavam, no extremo bruxolelo, sombras fantasticas á superficie clara do chão,

Tendo-o traduzido por:

“E seu espectro no chão cada brazza deixava,  
Que, aos poucos a morrer, no lar agonisava,”

confesso que não fiquei satisfeito.

Pela mesma razão não me satisfaz a traducção:

“Cada brazza do lar sobre o chão reflectia  
A sua ultima agonía”

de Machado de Assis, a quem, entretanto sobrava competencia e autoridade para



E, sem mais se mover, allí se tem pousado,  
 Immovel sempre, o corvo; allí, alcandorado  
 De Pallas sobre o busto — erguido ao alto — acimá  
 Da porta do meu quarto — e mudo e quedo a encima!  
 E os olhos seus são como os olhos de um demonio  
 Absorto a machinar — são olhos de um demonio!  
 E, da lampada a luz, sobre elle em chelo desce  
 O clarão com fulgor, que vivo resplandece,  
 E lhe estampa no chão a dura e negra sombra!  
 E, minha alma, oh, horror! da treva dessa sombra,  
 Que fluctua no chão pairando eternamente,  
 Minha alma do negror, que os giros infernaes  
 Adensam no voar, que palra eternamente,  
 Nunca mais se ha de erguer! Ai, nunca! Nunca mais!

interpretação mais accommodada á verosimilhança, mórmente quando a phrase “*dying ember*” já modificada pelo restrictivo “*each*”, restringiu-a ainda o poeta pelo adjuncto “*separate*”, que, talvez sem forçar a mão, se podesse entender como exprimindo um facto muito commum, isto é, a separação de brazas, que a erepitação atira, dos carvões ou tofos, do interior da lareira, para o chão ou soalho (*floor*), onde deixam vestígios mais ou menos superficiaes da sua estada.

Cotejando esta passagem com a da estrophe 14.<sup>a</sup>, em que foi por Machado de Assis supprimido o “*tilintar de passos sobre chão atapetado*”, não seria muita ousadia traduzir de modo mais consentaneo com a realidade possível, dadas as circumstancias do local, a passagem em que ambos deixámos uma chama menos brilhante projectar sombra sobre uma superficie esclarecida por luz muito mais intensa.

#### A' estrophe 8.<sup>a</sup>:

Referindo-se á ausencia de ornato na cabeça do corvo da especie, a que allude, o CORVUS CORAX, emprega o poeta a palavra “*crest*”, crista, o ornato natural, tambem ausente n'essa ave, e “*pennacho de capacete ou elmo*”, quando a lingua Ingleza tem “*tuft*”, tufo, e “*cap*”, poupa.

Tendo, na estrophe 7.<sup>a</sup>, dado ao corvo “*ares de lord ou lady*”, parece ter o poeta empregado o termo no sentido heraldico, pois que logo em seguida lhe pede declare qual é, nas regiões infernaes, o seu *titulo de nobreza*.

Assim crendo, repndlámos o termo “*poupa ou topete*”, appendices que se não poderiam dizer “*shorn and shaven*”, isto é, *tosados e raspados*, visto não os ter o corvo; e adoptámos o “*pennacho*”, que allude ao capacete do guerreiro, o qual, convencido de cobardia (*craven*), era, noutras epochas, degradado, raspando-se-lhe em parte a cabeça e a cara.

Ainda n'esta estrophe, umas edições trazem:

..... thou, “I said,” art surely no craven,  
 Ghastly grim and ancient raven wandering from the nightly shore.



e outras :

..... thou, "I said," art surely no craven;  
Ghastly, grim, and ancient raven wandering from the nightly shore, etc.

Si se attender, como se deve, a pontuação, os primeiros versos hão de ser traduzidos :

..... tu, "disse eu," não és de certo covarde, lugubremente medonho e velho corvo, que andas tresmalhado das regiões da noite

e os ultimos :

..... tu, "disse eu," não és de certo covarde; lugubre, medonho e velho corvo, que andas tresmalhado das regiões da noite, dize-me, etc.

Quer isto dizer que, no primeiro caso, tratar-se-la de uma affirmação, em que o corvo seria qualificado como covarde, lugubre, medonho e velho, enquanto, no segundo, equivaleria, o que está escripto, a um vocativo, referente áquelle a quem é endereçado o pedido de declaração dos seus titulos de supposta nobreza no inferno.

Mesmo, porém, dado o tom de ironico ludibrio, em que o protagonista se dirige á ave, pareceu-nos que não devia elle melindral-a com os qualificativos depreelantes, que se encontram no texto; sim, de preferencia, assegurar-lhe, por ilsonja simulada, é claro, que não era elle o que o seu aspecto lhe estava mostrando; tanto mais quanto já lhe deveria ter assumado ao espirito a possibilidade das interrogações, que posteriormente lhe fez e a que aguardava resposta mais ao agrado das suas esperanças.

Este o criterio, que determinou a manelra por que traduzi a passagem.

A' estrophe 12.ª:

"On the cushion's velvet lining that the lamplight gloated o'er"

O verbo "gloat" não se pode traduzir por verbo correspondente em portuguez, porque, embora applicado á lampada, não significa *brilhar*, *illuminar*.

Derivado do Islandez "*glotta*", rir escarninhamente, passou a significar em Inglez, segundo se vê em Funk & Wagnalls, New Standard Dictionary, — em Clarkson, Standard American Dictionary, — e em Cassell's Encyclopaedic Dictionary: — *olhar firme, especialmente com prazer para qualquer cousa, que satisfaz maus almejos ou paixões morbidos — com malignidade, luxuria ou avariza — sentir um prozer maligno em olhar para qualquer couso.*

Embora no sueco e no dinamarquez o correspondente signifique: "*brilhar com esplendor*" (glow), não foi nessa accepção adoptado o vocabulo pela lingua Ingleza. Portanto, nesta estrophe o "*gloat*" não se pode traduzir senão por uma personificação, isto é, tomando a fixidez da luz da lampada como o expoente da inveja, que sentisse ella ao amor, que approxmava os amantes, ou do almejo ao gozo, que defructavam de companhia no moel, que illuminava.

D'ahi a versão, que adoptámos:

“No coxim, que o clarão da luz como um olhar  
De voraz cupidez descia a illuminar”

Dada, todavia, a significação, que nas línguas, de que o Inglez derivou, tem os vocabulos *gloc* e *gloa*, é possível que o poeta se reportasse ao parentesco e conservasse o sentido original. Shakespeare não ousou tal.

Em todo o caso, attendendo á preocupação, evidente em todo o poema, de lhe dar um tom lugubre, cóadunado á depressão psychica do protagonista, cremos não ter andado mal fazendo corresponder a esse verbo a comparação, que empregámos.

A' estrophe 14.ª:

“..... Seraphim whose footfalls tinkled on the tufted floor”

A traducção literal seria:

“..... Serafins cujos passos tilintavam no chão tapetado”

E', porém, possível que, sobre um tapete felpudo, os passos *tilintem*?

Manifestamente quiz o poeta dizer que os seraphims, acompanhando com o corpo a vibração das correntes do thuribulo agitado, o tilintar destas coincidia com o movimento dos passos em avanço e recuo. Não o fez, entretanto; mas deixou á comprehensão do leitor estabelecer a relação, que as palavras não estabeleceram explicitamente.

Não justificará esta passagem a interpretação, que quizeramos ter dado ao caso das brazas, que, ao morrer, deixavam no chão o seu espectro?

Ainda na mesma estrophe se encontra:

“..... respite and nepenthé”

NEPENTHA, traz Cándido de Figueiredo: genero de plantas asiaticas (do grego *né*, privativa, e *penthos*, tristeza).

NEPENTHÉ, forma empregada pelo poeta, é, na Odysséa, epitheto de uma droga dada a Helena no Egypto, e que se suppunha ter o poder de trazer o esquecimento da dôr ou pesar, crendo-a derivada do opio ou da cannabis (The New International Encyclopaedia).

Man grado a identidade etymologica com o nome da planta carnivora, NEPENTHES DISTILLATORIA, é na ultima accepção que emprega o poeta o vocabulo, á similhança do que fez Thomas Nabbes:

“Oh, let me kiss those pair of twinn'd cherries  
That do distil NEPENTHE,”

e Holmes, em “*To the Eleven Ladies*”, st. 8:

“Better love's perfume in the empty bowl  
Than wine's NEPENTHE for the aching soul”

Desde, pois, que foi tomado em acceção metaphorica, deixei, crelo que sem prejuizo da esthetica, o termo, e consagrel a symbolisação nelle concretisada e que, sem duvida, é o elemento preponderante para a expressã e a comprehensã do pensamento.

A estrophe 14.ª:

..... is there balm in Gilead?"

"Ha balsamo em Galaad?"

E' nma evidente allusã ao texto biblico.

Em Jeremias, 8, lê-se:

21 — Quebrantado eston, e entristecido pela dôr da filha do meu povo: o espirito se apodrou de mim.

22 — Acaso não ha resina em Galaad? ou não se acha lá medgo? etc.

GILEAD, em vernaculo GALAAD, do arabe "jal'ad", aspero, rude, é um districto montanhoso da margem oriental do Jordão, enjos limites varlam no Velho Testamento. Apesar do que significa o seu nome, é uma bella e productiva zona, de luxuriosa vegetação, especialmente na parte central, nas immediações do regato Jabbok, onde se encontram florestas de carvalho e terebintho. Conta excellentes pastagens e produzia outr'ora resinas ou gomas e especiarlas.

Com certeza, esta noção de um territorio formoso e rico, onde abundavam os ingredientes, que se empregam na confecção de balsamos analgesicos, foi que levou o poeta a fazer a referencia, quando quer indagar si além, na ontra vida, a que nada deve faltar — no Eden, a que allude na estrophe seguinte e onde quizera encontrar a amante, — ha lenitivo, que lhe allivle a dôr da sua perda. A sua duvida é clara no grlpho, que põe ao verbo — is there balm in Gilead?.

Como em relação ao NEPENTHE da estrophe anterior, e pelas mesmas razões, preferi omittir o termo, o que, sem prejudicar o sentido, antes o torna mais prompta e facilmente comprehendido.

JOÃO KOPKE.

---

---

## RESENHA DO MEZ

---

### IMPRESSÕES DE NAPOLÉS

Ricardo Gonçalves que o destino nos roubou tão tragicamente, esteve em Nápoles muito tempo, numa demorada viagem que fez ha annos. Ricardo amava ternamente a Italia — tanto que, indo á Europa, não pensou senão na Italia, e só lá esteve. Escrevendo de Nápoles a seu pai, eis coe elle refere as suas primeiras impressões atravez das quaes se percebe a mesma sensibilidade delicada que tanto o fez soffrer:

“Nápoles, 20 de Novembro de 1907

Meu querido Pae: — Venho neste momento de Posillipo, onde estive o dia todo, em companhia de alguns amigos brasileiros. Como a noite está fria, quasi hybernal, e eu não tenho vontade de sahir, estendi deante de mim esta grande folha de papel, que pretendo encher com algumas das minhas impressões de Nápoles.

Antes, porem, saibam que estou bom, forte, completamente curado daquelle maldita dyspepsia que me fez soffrer tanto. Ando, porém, de uma sensibilidade aguda, roquintada, morbida. Cada vez é maior a minha fraqueza deante dos soffrimentos alheios: em presença de uma desventura qualquer, afflijo-me, procurando um meio de attenuala. Isto, que os outros chamam bondade, é para mim

uma satisfação intima tão grande que lhe tira quasi todo o merito.

Tenho feito esmolas relativamente grandes, mas só á indigência que não pede, porque a outra, a das ruas, é uma das fórmas da exploração, um dos tentaculos da Camorra.

Estou convenido de que não ha cidade no mundo em que a miseria seja tão grande e nenhuma tambem em que seja mais difficil exercer a caridade. Talvez por isso a pobreza aqui raras vezes é digna e corajosa. Um dia destes, voltando do Vomero (uma collina a dois passos do centro, com estupendo panorama da Cidade e do golfo) vi, numa das *fermatas* do bond um grupo de tres pessoas, duas senhoras e um homem: este engravadado, as senhoras de chapéu, todos decentemente vestidos e com um ar respeitavel. Mal o bond parou, uma das senhoras, uma velha de cabellos brancos, começou a cantar uma romanza qualquer enquanto a outra estendia o pires aos passageiros, sem o menor vexame, como cousa naturalissima.

Fiquei horrorisado. Tive a impressão de que essa gente, não tendo aquelle dia o que jantar, adoptára sem hesitação tal meio de vida e viera resolutamente para a rua arranjar o almoço do dia seguinte. De resto, a cada instante, ha um imprevisto neste gigantesco Pateo dos Milagres.

Hontem, pereorri a Nápoles antiga, os *bassifondi* da cidade, quarteiros immundos em que espapaça na

lama de todas as abjeções uma gentilha andrajosa e faminta. Bem poucos são os que se afoitam pela trama d'esses beccos lamacentos. E, entretanto, quanta cousa curiosa elles offerecem. O sol jamais penetra entre os altos paredões das mansardas lobregas, e, no alto, apenas uma nega estreita apparece deste suavissimo céu napolitano sempre tão claro e tão azul.

Ha viellas que ninguem seria capaz de descobrir nesse cahos, alfurjas cuja entrada é uma porta abobadada, humida e escura como a bocca de uma cisterna. De um lado e de outro, habitações humanas que mais parecem fojos de animaes ferozes, sem outra luz que a de uma lampada mortica, bruxoleiando ao fundo, deante de um retabulo da madona. Por todos esses beccos exanxia uma multidão extravagante e suspeita — creanças enfezadas e repugnantes, velhos horri-veis, megeras hediondas, garotos, vagabundos, mendigos, ladrões — physionomias de presidio, typos lombrosianos de catadura sinistra.

Não obstante, de quando a quando, descobre-se nma flor nessa estremeira: uma carinha angelica chama-nos a attenção, uns olhos negros e pensativos, um porte airoso e flexivel, ou encanta-nos o ouvido uma vozinha fresca e maguada, que rouxinoleia da janella de um quarto andar o estribilho melancolico de uma canção.

Cada viella apresenta uma confusão cahotica, indizivel, em que ha officinas de mareneiros, botequins, forjas, lavanderias, lojas de revendedores, tudo ao ar livre, em plena rua, atravacando-a quasi completamente em certos trochos. Porjam humidade as fachadas dos casarões recobertas de uma lepra secular e de lado a lado, de janella a janella trapos ignobeis seccam ao sol, — lamentavel attestado de indigencia e de penuria. A' exhalção pestileneal que sobe das poças d'agua estagnadas mistura se um cheiro forte de fritura de pimentões e de azeite rançoso.

A cada momento, um incidente comico ou tragico, uma scena curiosa, um aspecto interessante da vida popular. Aqui são dois virágos, com as

physionomias repellentes transtornadas de colera que so engalfinham, golvando um chorrillo de palavras; quatro passos adeante, uma planturosa matrona que de pente em punho desbrava tranquillamente a breuha capillar da filha, em plena rua; mais longe, uma infeliz mulher a quem prenderam o marido, que esbraceja e se lamenta em altos gritos, arrancando os cabellos, em meio a um bando do comadres.

De repente, resoa um bombo e estridula uma ocarina. E' o *pazziariello* uma especie de truão, enfiado numa zartola velha, mottido numa sobre-casaca prehistorica, com uma grande gravata de papel esvoaçante. Acompanham-n'o dois *suonatori* de calções vermelhos, e meia duzia de garotos empunhando bandeiras. Fernal-se logo um ajuntamento de *basbaques*. O *pazziariello* (brincalhão) começa as suas bufonadas, diz pilherias, entõa canconetas humoristicas e em seguida circula entre o povo, com esgares e tregeitos hilariantes, annunciando os generos de uma *cantina* qualquer com os respectivos preços. Se apregõa vinho, traz consigo uma amostra da mercadoria em um grande frasco que corre de bocca em bocca, entre os assistentes. E' um meio original de *reclame*, um espectaculo gratuito, de que se aproveitam os larpios, os quaes têm justamente o seu quartel general nesses *nicoletos* ru. morosos do Baixo Porto e do Vasto.

De resto, essas furnas fornecem a enorme legião de degenerados e delinquentes, que enriquecem a historia da *mala vita* napolitana, os *cammorristi*, os *piccinoti*, os *giovanotti onorati*, todos os membros, em summa, da Camorra, criminoso associação perfeitamente organizada, que ha já alguns seculos estende os seus tentaculos não só por toda a Napoles mas pela Italia meridional, impondo sua vontade omnipotente ás autoridades, roubando, extorquindo, matando, temerosa e ameaçadora.

Da porta Capuina sae o *capocenta*, o chefe supremo da bella *società riformata*, porque *in chesto quartiere ó camorrista sape fa pure buono ó dduvere sujo*. Assim é natural que

o estrangeiro, já advertido, não se aventure por esses latifúndios, e retroceda amedrontado mal põe os pés em uma dessas ruas em que vagueiam cabras soltas, rolam carretas tiradas por burricos, bailam zingaros, feriram-se cavallos, lamuriam realejos, ruflam pandeiros, choram creanças, retinem bigornas, — tudo ao mesmo tempo, causando uma balburdia phantastica, produzindo um fragor infernal. Se acaso tem a coragem de ir avante, ao desse pandemio, estonteado e ensurdecido. E cá fóra, ao desembocar inopinadamente, em uma das ruas largas e movimentadas da Napoles moderna, respira soffregamente, com ancia, a plenos pulmões, o ar fresco e puro que vem do mar, e experimenta uma sensação de allivio, como quem acorda de um pesadelo angustioso.

Daqui a meio seculo, já será difficil observar estas cousas. A epidemia do cholera, que nos ultimos tempos, por diversas vezes, tem dizimado a população, impoz aos poderes publicos sanear a cidade rasgando ruas largas e arojadas nessas subúrbis infectas. Do uns vinte annos a esta parte começaram os *sventramenti*. Demoliram-se trechos inteiros da cidade velha para a construcção de avenidas espaçosas e extensas. Em substituição nos pardieiros d'antanho ergueram-se enormes edificios de construcção moderna, de modo que a Napoles do vice-rei D. Pedro de Tolodo vai desaparecendo aos poucos, dando lugar a uma nova Napoles mais civilisada e confortavel para deseseparação dos poetas e gaudío dos inglezes.

Já vi a Napoles de Matilde Scrao. Falta-me agora, ver a Napoles de Lamartine.

Não irei para Florença sem deixar as pégadas dos meus brasileiros pés...

*Sur la plage sonore où a mer de  
[Sorrente  
Déroule ses flots bleus au pied de  
l'oranger*

E com esta, *addio*. Saudades a todos o um abraço do

Ricardito".

## REVISTAS E JORNAES

### HOMENS E COISAS NACIONAES

#### DEFESA NACIONAL

Sem duvidar da sineiridade, da influencia o da competencia dos notaveis brasileiros que por verdadeiro impulso patriótico tomaram a iniciativa de organizar a defesa nacional, receio que o esforço de sua actividade, por mais que se propague e exemplifique, ao cabo resulte improfficuo. Parece-me que o problema do Brasil, tão complexo, vai sendo considerado som a conveniente ponderação de todas as suas faces. E' um problema a um tempo nacional, politico, moral, intellectual e economico; e em cada um desses aspectos a solução só será dada com o tempo, determinada pelos factores naturaes, que podem ser previstos, mas não podem ser contrariados. O ardoroso impulso com que os fundadores da Liga da Defesa Nacional iniciaram o seu nobre empreendimento não lhes deixou serenidade ao espirito para reflectirem quo a mera formulação de um programma de ensino de patriotismo é a declaração do deserdido do patriotismo alheio.

O patriotismo, entretanto, é uma força natural, instintiva, immanente em todo o homem, salvo os casos raros de perversão, como tambem acontece a outros instinctos. Mas neste mais raros, porque elle é ainda o desdobraimento moral do proprio instincto animal de consorvação. Não se aprende a ser patriota, como não se aprende a ter caracter ou a ser heróe. O ensino ali, theorico ou pratico, dado na tribuna ou no livro, ornado de eloquencia e poesia, ou traduzido no acto exemplar, é inefficaz. A vida dos homens, desde a antiguidade até a actualidade, é um ensinamento constante, e a humanidade continua a ser a representação variada e inconstante de todos os grãos da veissitude entre a fraqueza e a força, entre a bondade e a maldade, entre a virtude e o crime.



O ensino, o saber, não formam o caracter, não fazem a virtude, não cream o heróe. Instrucção e saber não fazem tambem por si a felicidade, nem incutem o sentimento do dever. A média da humanidade o está mostrando. No nosso paiz se ha um contraste sensível entre a gente que o habita, é o do alphabetismo e do analphabetismo; e estou que de boa fé ninguem attribuirá aos analphabets que constituem o nucleo da gente brasileira do interior do Brasil inferioridade moral comparada á gente lida das nossas cidades litoraneas, contra a qual é constante a grita, fundada na evidencia, de corrupções de toda ordem. A politica, feita só pelos que sabem lêr, é dos mesmos politicos taxada de habito fraudulento, e para cerecar os recursos da astucia criminosa parece que não chegam as leis, armadas, todavia, de todas as precauções contra os ardis do embuste. Contra juizes, contra administradores, contra os profissionaes, versados em livros e formados em Academias, não têm fim as accusações. Se, pois, alguma conclusão ha que tirar do confronto, não será no nosso paiz contra os desprovidos do conhecimento livreseo e só sabedores da selência da vida quotidiana. Mas eu não concluo, nem ha concluir, pró ou contra nenhuns. Pondero os factos, o delles sómento infiro que é um óeo preconceito a affirmação de que a capacidade de leitura é condição de proveito moral.

O culto do heroismo igualmente parece-me ou superfluo ou nocivo. Os heróes covém que sejam admirados e amados espontaneamente. A admiração ensinada desperta a idolatria, em que a essencia do merito se desvaneco sob a inevitavel devoção dos defeitos e erros que coexistem com as virtudes dos heróes. E' ainda certo que quasi sempre o culto dos heróes é uma injustiça das circumstancias, ou é uma demonstração da fraqueza e inferioridade dos que os exaltam. O cumprimento do dever, pois que é um dever, não pôde ser exaltado, senão como um feito de excepção, e a excepção desmoraliza os que o celebram. E'

o que explica porventura que o culto dos heróes coincida com a decadencia dos povos. O heroismo são, o heroismo que fóra preciso, aos que crêm na efficacia do exemplo, darem-no por exemplo, é o heroismo obscuro, silencioso, dos que cumprem na abnogação e no sacrificio o seu dever, sem a admiração propria ou alheia, sem estímulo de premio, guiados pela só consciencia. E' na multidão anonyma que passam esses heróes verdadeiros, de cujos actos se faz o pedestal e a estatura, dos heróes extensivos.

Do exercito militar permanente, como escola do caracter, como factor da segurança concreta do paiz, sinto, contra a opinião geral e a palavra eloquente de amigos, duvidar da sua efficacia. Na guerra da Europa, onde outros acham fundamento para alarmar e iniciar o Brasil na pratica universal da milicia, encontro eu só argumentos para contestar a oportunidade da educação guerreira e afirmar a sua provavel nocividade aos interesses do Brasil. E' verdade que o nosso Exercito de vinte ou trinta mil homens é insufficiente para a defesa do paiz num caso de guerra. Bastarão, porém, duzeutos mil, quinhentos mil, ou um milhão, so persistirem as nossas condições economicas, ou ainda que melhoradas a economia e as finanças, se não houver uma esquadra capaz de garantir o paiz de um bloqueio? E comporta a fortuna nacional a manutenção de uma esquadra numerosa e apta a defender os portos do Brasil, desde o Amazonas ao rio Uruguay, simultaneamente com o sustento de forças de terra, que em paz lão de crescer na medida das necessidades da instrucção dos voluntarios reservistas, e em guerra attingirão um effectivo de centenas de milhares? E fóra ainda assinh efficiente a defesa? A Belgica, com um apparellamento militar perfeito, finanças optimas, estradas de ferro e canaes estrategicos, multiplicitade e riqueza de industrias, uma assombrosa bravura e uma sobrehumana resistencia, teve de ceder ante um inimigo mais forte, pelo numero e no-

vos engenhes de guerra. Não concludo dahi pessimisticamente que o Brasil deve descurar a sua defesa. Mas, reconhecido que com trinta mil homens bem adextrados ou com centenas de milhares apenas instruidos, não se modifica a nossa incapacidade defensiva, sem a necessaria capacidade economica, inatttingivel por emquanto; é preferivel que o Brasil se conforme á sua condição actual e procure formar a sua segurança e o seu socego no trabalho de uma diplomacia eselarecida, como tem sido a nossa, e que lhe firme no momento critico a alliança de nações prestigiosas, ou molhor que concorra pola sua attitude pacífica serena, sincera, a agir para afastar todas as hypotheses de conflicto, todas no caso do Brasil, susceptiveis do solução digna sem a arrogancia bolliciosa peculiar aos loucos e barbaros, ou aos povos intoxicados pelo longo costume o permanente admiração de feitos militares.

O Brasil, paiz do sul da America, isento do ontrachocho de raças inimigas, constituido menos por conquistas que por consenso internacional, experimentando no beneficio das soluções por arbitramento, com que tornou definitivos em tres casos os seus limites, sem protesto da parte veneida, possuidor de um territorio amplo, que o immuniza de ambições aventureiras e consõa ás suas proprias necessidades com as vantagens da gente estrangeira extravasante dos solos nataes, o Brasil deve ser o pregociro da civilização pacifica, confiante no direito, pertinaz no ideal da selidariiedade humana, que ainda considerado como ideal inattingivel é sempre uma expressão valiosa de bondado o um credito de justiça, de nobreza e de superioridade moral, que inspira o respeito e enlaça a sympathia dos mosmos que não partilham as esperanças desse ideal. Nem nós precisamos crear o orgão desse prégão, pois que a Providencia nos servio com a palavra fenunda, grande, sonora e possante, que é um incansado clamor de justiça contra a rudeza das forças cegas: a palavra de Ruy Barbosa.

Se é, porém, necessario socegar e contentar o animo apprehensivo do brasileiros sinceros, preparo-se a defesa do paiz, dando amplitude e força á sua osquadra. E' principalmente nella que o Brasil terá a sua segurança, porque o Brasil é um paiz quasi insular, entre o oceano e os grandes rios navegaveis que lhe acrisolam as fronteiras e lhe entrecortam as terras. Põra possivel sem imitar os paizes ricos, sem o luxo de grandes encouraçados que valem fortunas, erear e manter uma numerosa frota, maritima e fluvial, guerreira e mercante, da qual fossem unidades centraes os actuaes navios. A principal condição de defesa naval que é o conhecimento minucioso da costa, a pratica incessante da navegação, estaria realizada com a annexação de toda a frota do Lloyd á marinha de guerra, como navios auxiliares, de commando e guarnição da Marinha, adaptaveis ao serviço guerreiro. Escola de officiaes, escola do marinheiros, em tempo de paz desempenhariam a sua função de commercio, em dobrada vantagem para o Estado o utilidade para o trafego maritimo entre os portos brasileiros. Todo o desenvolvimento dado á marinha com o augmento das suas despesas, ficaria compensado pelo desenvolvimento economico do paiz, pelo acrescimo das rendas particulares o publicas, propereional á multiplicidade dos meios maritimos de transporte.

Mas a defesa do Brasil, a defesa pratica, real, efficaz, definitiva, será dada pelo tempo, como resultado das condições e recursos naturaes do paiz; será a sua prosperidade economica. Paiz onde ha prosperidade economica natural, onde a riqueza não é confinada a um pequeno numero de sorteados, senão generalizada; onde a vida é facil; onde ha contentamento individual; onde não se embaraça o esforço espontaneo por meio de leis tendenciosas; onde se deixa enurso á expansão do todas as forças, sómente contidas pela justiça; nesse paiz forma-se, com a independencia economica, o caracter; firma-se o sentimento do dever

cívico, concebe-se concretamente a liberdade, compõem-se os interesses em communhão, desenvolve-se o espirito, alastra-se o ensino, apura-se a cultura, surge o genio inventivo o artistico, aperta-se a cohesão nacional; então ha una patria na consciencia do todos e tem vitalidade forte, sem ser preciso que lh'a dêm e a entõem a cada instante no culto e nas lóas dos symbolos.

O quo pôde ser feito desde já, e só pôde ser feito pelo governo, em antecipação o collaboração da obra do tempo, em concurso com as forças da natureza, em conformidade com a lição da nossa historia e da nossa geographia, o sobretudo em obediencia á nossa Constituição, é a mudança da Capital da Republica para o planalto de Goyaz. Não fóra preciso mais ao preparo da defesa material, politica, moral, intellectual, economica e nacional do Brasil. Constituiria o seu simples enunciado um papel da autoridade competente, um programma de progresso, um evangelho da civilização brasileira. Que motivos terão até hoje desviado a attenção dos homens politicos da observancia desse preceito constitucional, imperativo na sua fórmula, e illuminado de sabedoria no seu pensamento?

Promulgada a Constituição, providenciou logo o Governo sobre a exploração e delimitação do territorio prefixado para a definitiva Capital do Brasil. Não podiam ser mais animadoras as informações constantes dos minuciosos relatorios que apresentou a commissão dirigida pelo Engenheiro Luiz Cruls. Extensão da área, com a capacidade para quatro milhões de habitantes, altitude, topographia, clima de 18.º todo o anno, mananciaes sufficientes para abastecerem a maior cidade do mundo, situação quasi geometricamente central entre o deserto fecundo de Mato Grosso, Goyaz e Amazonas e os sertões inexplorados da Bahia, Minas e S. Paulo. Lombra-me o enthusiasmo com que acabei de ler esses relatorios, e a esperança que me alargou o espirito ao descortinar-se-me o futuro do Brasil firmado em alieceres tão fundos e for-

tes como as raias das serras immensas que lhe erguem no planalto central a configuração de dominio sobre todo o solo, escalonado em declive até a orla do oceano de um lado e do outro até ás margens dos rios caudalosos. Carioca, tendo aqui permanecido quasi sempre, amando mais do que a toda outra região esta cidade natal, não vacillei em antepôr ao meu sentimento a utilidade do paiz. Afigurou-se-me então o ainda se me afigura facil a realização da mudança da Capital, sem dispendio por parte do Governo de outro dinheiro que o do transporte da gente e das cousas officiaes. Estou certo que não serian poucas as empresas que acudissem á concurrencia para coustrução da nova cidade, a troco de vantagens de exploração, concessão de privilegios urbanos e de estradas de ferro, E' possível que naquelle tempo parecesse arriscadô o exito do empreendimento. Hoje, porém, o caso de Bello Horizonte devo alentar os mais incredulos. E mais do que Bello Horizonte a Capital do Brasil terá todos os elementos da rapida prosperidade, já porque como Capi, tal do paiz em si mesma, tem a força de attracção e de expansão, já porque viria apagar o estorvo creado pela ineuria e escassez do homem, ao desenvolvimento da população interior.

A escolha do Rio de Janeiro para Capital do Brasil obedeceu intelligentemente ás condições da época da colonização; Rio de Janeiro ficava ao centro da faixa littoranea que a principio os Portuguezes defendiam da cobiça de estranhos; era ainda pelo seu porto e seus rios o ponto melhor para a penetração de S. Paulo e Minas, e consequentemente para emporio da produção dos Estados mais fertes. As condições são agora differentes. O Brasil, no seu aspecto geographico-politico é teratologico. Apresenta um littoral explorado, séde das principaes eidades, e um territorio em vezes maior, ainda por explorar, mas já conhecido como um dos mais ricos do mundo. A acção do tempo, se o trabalho



humano ficar á mercê dos embarcos que offerece a extensão do territorio e das difficuldades creadas pela absorpção de todas as forgas na faixa do littoral, só daqui a seculos dará ao Brasil a posse concreta e o gozo utilizado de todas as suas terras e riquezas. A mudança da Capital será a antecipação secular dos effeitos do trabalho humano. Será o conceito geographico-político do Brasil, será a sua reconstrução mecânica e physiologica. O paiz terá o seu centro director onde a natureza traçou a séde do dominio soberano. Installada no planalto, ligada como logo será, por estradas de ferro e pelos rios ás capitães de todos os Estados, numa breve distancia de dous ou tres dias no maximo, a qual o é hoje, para algumas, de 16 e 19 dias, a Capital será um fóco de irradiação do commercio e da industria, ao invéz do que é agora, um ponto de deslocação e de isolamento. Todas as terras sertanejas, que o inappa nos mostra desertas e quasi tão distantes e ignoradas como o interior da Africa, serão, sem necessidade de propaganda, só pelo contacto das via-ferreas e pela multiplicidade das communicações, terras de cultura de toda a especie.

E o maior problema brasileiro que é o da cohesão nacional será resolvido. O regionalismo se esvacecerá á proporção que se fôr entrelaçando o conhecimento e o convívio de Brasileiros de Estados distantes, que hoje nem se communicam nem têm a possibilidade de communicar-se.

A defesa material do paiz não soffrerá num caso de guerra, o risco que seria hoje a exposição do Rio de Janeiro a um ataque concertado por mar e terra, com a annullação da capacidade directoria do movimento defensivo. Em vez de servida só por um porto e por uma estrada de ferro, a Capital no planalto teria a seu serviço todos os portos e todas as estradas do Brasil.

Da transformação moral que a mudança determinaria, pode-se avaliar pelo que fez nesta nossa cidade a transposição do movimento da rua

do Ouvidor para a Avenida Rio Branco.

Rio de Janeiro, moralmente pouco mais que aldeia, confinado na sombra exigua de um beco, afeita aos mexericos e conspirações, avejou costumes e maneiras na claridade e largura da grande avenida. Hoje é verdadeiramente uma cidade cidadã. Mas, como capital, tem de mais o cosmopolitismo de feira, effeito do seu progresso, expansão da sua importancia mercantil. O contacto dos negocios, a mescla dos atravessadores, a faina do trafico do beira-mar, não convêm ao centro político da nação. O cosmopolitismo empece a acção tranquilla dos poderes publicos. No planalto, fóra da turbulencia peculiar aos mercados do mundo, a Capital terá o ambiente mais adequado, respirará em atmosphera de montanha oxygenada pelas florestas brasileiras, o por muito que se desenvolva com o concurso de gontes de outras terras, nunca se desnacionalizará ao gráo de cosmopolitismo desta grande cidade marítima.

Taes serão os provavos effeitos da mudança, o acródito que esta é a opinião individual de cada um dos homeus politicos do Brasil. Não atino, porém, com a causa do adiamento indefinido, já não digo da realização, mas da cogitação dos meios de dar realidade pratica ao preceito constitucional. Parece que o neto não mais depende da resolução do Congresso, e compete exclusivamente ao Governo. Do Presidente da Republica, como autoridade mais qualificada para julgar a opportunidade da mudança e que todos talvez esperam o impulso orientador e formador da opinião collectiva.

Neste presupposto deliberei emergir do meu silencio anonymo para fallar a V. Ex. com o meu sentimento brasileiro e pedir a V. Ex. que tome a iniciativa dessa idéa, esquecida durante vinte o quatro annos por quantos têm accitado a responsabilidade da direcção do paiz, e que tenho a certeza o espirito esclarecido e ponderado de V. Ex. reconhecerá como é profundamente vantajosa

para o Brasil. A oportunidade é indiscutível. Approxima-se o centenario da nossa independencia politica e já se aventam os projectos da commemoração da maior data nacional. Que monumento, que eloquencia, que feito, que homenagem, que regosijo equivalerá á simples instalação da nova Capital, que será a integração do Brasil na posse efectiva do seu territorio, no sentimento de sua grandeza, na unidade das suas forças, na consciencia do seu destino?

Não exagere affirmando que será a ratificação da descoberta do paiz, com a differença que não a farão mãos adventicias, mas os proprios filhos da terra bendita, despartos de um seculo de somnolencia. E pois que, para complotar a commemoração, é preciso como nos lances solennes da significação historica, recorrer-se a um symbolo que melhor falle á imaginação e ao sentimento popular, neutralizando as preferencias regionaes, seja esse symbolo o proprio nome do BRASIL dado á nova cidade: será o coração, o cerebro, o passado e o futuro, a essencia da nação brasileira, em torno da qual gravitem harmonicos e perennes os Estados Unidos do Brasil. (Mario de Alencar, carta aberta ao Sr. Presidente da Republica. — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

#### OS MEDICOS E O FUTURO DO BRASIL

Anda nestes ultimos tempos a nossa gente mergulhada numa inquietação anciosa pela sua segurança, como se o terremoto que lavra em estado de mal as regiões da Europa estivesse a ponto de nos invadir o sub-sólo, ou a peste rubra nos batesse á porta; ninguém adivinha o dia de amanhã, todos se previnem e se resguardam. Ainda bem que, embora tarde, este movimento se alastra por todo o Brasil, com a estimulação do Governo e o apoio do povo o sob os auspicios patrioticos da Liga da Defesa Nacional.

A primeira condição do bom exito desta campanha é o completo abandono de tudo quanto existia antes, escavado um profundo fôso entre o passado e o futuro. Conservar lado a lado os rémanescentes de um regimen militar absoluto, que fazia do exercito "o meu exercito" (lá do seu rei) e do soldado alguma cousa pouco menos que um subdito e pouco mais do que um escravo, e o regimen militar como deve ser o de uma democracia, em que o soldado será exclusivamente o cidadão em armas para a defesa da patria, é deitar num copo oleo e agua e ficar á espera de que se combinem.

Ha duas especies de serviço militar: — durante a guerra e durante a paz; no primeiro a patria exige de todos os seus filhos tudo, sem restricções, — o seu dinheiro, o seu corpo, a sua vida, e tudo pôde ser nada; no segundo, só uma cousa lhe é lieito exigir — a sua preparação militar, para que lhe não peça um sacrificio inutil na hora do perigo. Serviço militar obrigatorio não é, portanto, obrigatoriamente montar guardas, prestar-se a criado, como ordenança, fazer o "footing" cadenciado nas avenidas, obsequiar, em paradas e exercicios, a hospedes illustres, dar o seu sangue para depôr ou repôr governadores, á mercê da politica-gem vencedora. Se é para isto que vão tirar ads campos os seus lavradores, ás industrias os seus operarios, ás escolas os seus alumnos, na melhor idade da vida, mais vale deixar como estava, porque o habito é uma segunda natureza e niuguem mais o sentia. A arte da guerra não se aprende nas cidades mas nos campos longe das distracções e do bullicio e como recolhida a alma á meditação dos deveres que ali so fortalecem.

Cumpramos, pois, a lei do sorteio militar sómente porque é lei e a ella devemos obediencia, mas pugnem com todas as enorgias por um regimen que esteja de accôrdo com a nossa indole, com as nossas necessidades, com as nossas condições

geographicas, com os principios republicanos promettidos na Carta, emfim, que seja nosso e não se ateha á preocupação subalterna de repetir o que já foi feito. As demonstrações de applauso que recebeu do Governo o projecto Mauricio de Lacerda dão-nos o direito de pensar que se estas idéas não se inscrevem no seu programma ao menos pairam no seu pensamento, e entremostram a esperanca de que não nos ha de fallecer a coragem de construir o nosso modelo de reorganização militar, segundo o aviso do Padre Antonio Vieira: "Armas alheias, ainda que sejam as de Achilles, a ninguem deram victoria".

O outro grande problema de que vos fallei refere-se á educação dos nossos patricios. Não ignorais que, enfileiradas as nações pelo numero dos seus analfabetos, a nossa occupa um dos primeiros lugares, e que esse é exactamente o estalão pelo qual ellas se julgam. O analfabetismo é o canero que anniquila o nosso organismo, com as suas multiplas metástases, aqui a ociosidade, alli o vicio, além o ermo. Exilado dentro de si mesmo como em um mundo deshabitado, quasi repellido para fóra da espécie pela sua inferioridade, o analfabeto é digno de pena, e a nossa desidia indigna de perdão emquanto lhe não acudirmos com o remedio do ensino obrigatorio.

Dirão muitos dos que me ouvem: Que têm tudo isto com a medicina e com os novos medecos? Tem muito. A nossa missão, se a exereemos exclusivamente dentro da nossa arte, já é incomparavelmente nobre, mas se com ella ainda melhor servirmos á Patria, será então inapreciavel. Não se confunde com nenhuma outra a vida do medeco. Ministrados desde a adolescencia no hospital, aos padecimentos e ás misérias, na idade em que o coração ainda se não contaminou nas maldades humanas, vamos contrahido cada vez mais o que eu pediria licença para chamar, em linguagem tirada do nosso officio, a anaphila-

xia da piedade: longe de se callar com o tempo, a nossa alma, como tantos o presumem, pelo contrario se amolleece, e não só as grandes dores que nos movem a compaixão, senão as simples maguas que aos outros deixam indifferentes. A monotonia do soffrimento alheio não nos gera o tédio, mas a ternura, o assim a nossa bondade não é nossa, é da natureza das cousas, ou — por que não subir com o pensamento? — é de Deus, de quem recebemos a sua irradiação, porque delle nos approximamos mais do que os outros homeus. Tem cada um a sua familia, nós temos as de todos ou todos nos têm; nellas entramos num dia como medecos, no outro já somos amigos e acabamos como filhos. Contam que no Imperio, em casa de grande prolo, em que só o mais moço se distinguio, chegando á Presidencia do Conselho, não tomavam os outros nenhuma resolução mais grave sem dizer: vamos primeiro consultar o nosso irmão mais velho. Pois o medeco da familia, qualquer que seja a sua idade, é sempre o irmão mais velho.

Como detentores desta immensa força social, meus caros collegas, é que exerecereis a vossa profissão; aproveitai-a em beneficio da Patria. Dous dos nossos mais queridos e reputados mestres já o pediram com inexcusable eloquencia. "Os que do vós forem para o interior do paiz, disse Austregesilo, poderão iniciar campanhas prophylacticas e curativas contra as doenças regionaes, porque como se fazem propagandas religiosas e politicas poderemos realizar tambem, com esforço particular, e não sómente implorando aos governos, o inicio da luta feliz contra os parasitas damninhos que destróem o homem brasileiro". E Fernando Magalhães: "E' preciso que cada um dos medecos reunidos neste Congresso saia daqui com a preocupação de levar até á casa do doente e fazer penetrar profundamente no espirito dos habitantes desta terra a noção do amor ao sólo natal".

E eu tambem do fundo do coração vól-o exhorto, neste momento de des-

pedidas e em que vos idéis disseminar por todo o nosso amado Brasil. Formemos uma espede de Cruzada da Medicina pela Patria. Lembrai-vos da extensão immane do seu territorio, onde não póde entrar em cada canto a acção do Governo, e o substitui pela vossa autoridade onde quer que vos acheis: ensinaí, forçando um pouco a nota da persuasão, a prophylaxia de todas essas doenças evitaveis que fazem o nosso descredito e o nosso atrazo; pregai que a maior benemerencia é cada um que sabo ler ensinar a um que o não saiba; apontai ás erianças o caminho da Escola e aos moços o ideal da Patria grande e prospera. Emfim, em cada casa onde penetrardes sêde o irmão mais velho.

(Do discenro proferido pelo dr. Miguel Couto aos doutorandos do medicina de 1916, Rio do Janeiro).

#### AS BIBLIOTHECAS NO BRASIL

Em recente trabalho da Directoria de Estatística do Rio, figura o Estado de S. Paulo com 72 bibliothecas, inclusivé as officias e publicas, as de estabelecimentos de ensino, repartições, etc. Vêm em seguida o Distrito Federal, com 45; Minas, com 36; Pernambuco, 27; Rio Grande do Sul, 27; Bahia, 23; Estado do Rio, 15; e outros Estados com menos de dez cada um. Ao todo, 304 bibliothecas publicas e semi-publicas (associações, repartições, casas de ensino, etc.), officias e não officias, geraes e especiaes. Devemos notar que essa estatística não é completa: refere-se apenas ás bibliothecas, de que a citada Directoria teve informações em 1915. Segundo os calculos dessa Directoria, calculos muito falliveis, o total deve elevar-se a 712. Mas, para elevar-se, é preciso sommar o numero das bibliothecas arroladas naquelle anno com o das anteriormente computadas. Quantas destas, porém, não teriam desaparecido? Demais, como declara a propria Directoria no seu relatório de 1915, "a importan-

cia dessas livrarias é muito variavel", sendo que "algumas têm mesmo importancia simplesmente nominal" — maneira um pouco complicada de dizer que algumas não existem...

Setecentas e doze bibliothecas, em todo easo, parece já um bello numero, e não faltará quem folgue com essa constatação. Não vemos entretanto, motivo para grande jubilo. Se dessas setecentas e doze descontarmos as que não se franqueiam ao publico, e as que embora franqueas, não correspondem aos fins, ou por falta de livros, ou por desorganisação, ou por outras causas, — o numero de bibliothecas que de facto facilitam a diffusão de conhecimentos entre o povo ficiará reduzido a proporções lamentaveis. Mas nem é preciso isso. Basta considerar-se que todas essas bibliothecas juntas, sempre segundo a mesma Directoria, não possuem mais de um milhão de volumes. Para um paiz de 25 milhões de habitantes, ninguém dirá que não seja uma ridicularia. Só uma cidade britannica, Edimburgo, com 300,000 habitantes, possui outro tanto... Não é isso: possuía um milhão de volumes, nas suas diversas bibliothecas "publicas", publicas de verdade, ha varios annos atrás. E' esmagador? Pois ha melhor. Os Estados Unidos, só no que se refere a livrarias abertas ao publico, franqueadas a toda a gente, criadas para o povo, fizeram os seguintes e modestos progressos, de 1859 para cá:

Annos	Livrarias publicas	Volumes
1859	1.297	4.280.866
1875	5.687	12.329.526
1885	8.326	20.522.393
1896	11.210	34.596.258
1900	14.644	46.610.509

Em 1900, mais de quatorze mil bibliothecas publicas, com quarenta e seis milhões de volumes... Depois disto, é natural que continuemos a repetir que a patria de Washington é uma terra de materialões

preocupados exclusivamente com a caça ao dollar, e que em materia de intellectualidades não ha, no continente, como este nosso Brasil, vaidão sim, mas intelligente como o diabo. (*O Estado de S. Paulo* — S. Paulo).

#### O PROBLEMA DO FUNCIONALISMO

Segundo uma estatística recente, a União brasileira é servida por 30.809 funcionarios civis "titulados", isto é, excluidos os jornalheiros, diaristas, etc. Repartem-se esses ... 30.809 funcionarios, da maneira seguinte: Vição, 9.959; Fazenda, ... 7.479; Marinha, 4.645; Justiça, ... 3.944; Guerra, 2.727; Agricultura, 1.850; Exterior, 205. Segundo vencimentos: até 200\$000, 17.491 funcionarios; de 200\$000 a 300\$000, 5.444; de 300\$000 a 400\$000, 3.560; de 400\$000 a 500\$000, 1.805; de ... 500\$000 a 600\$000, 893; de 600\$000 a 800\$000, 850; de 800\$000 a ... 1:000\$000, 422; de 1:000\$000 a ... 1:500\$000, 223; mais de 1:500\$000, 121. Desses 30.809 funcionarios, mais da metade trabalham nas seguintes repartições dependentes dos ministerios: alfandegas, 4.901; correios, 3.815; telegraphos, 2.772; E. Central do Brasil, 2.429; arsenaes, 2.194; policia do Districto Federal, 1.738; San'de Publica, 1.160.

Parece á primeira vista que é excessivo. Olhando as coisas de perto, já esse número não assusta. Póde-se mesmo affirmar, sem receio de contestação seria, que o Brasil podia ter mais funcionarios... Ninguem poderá dizer, seriamente, que esses 30.000 funcionarios sejam todos vaidos. Uma grande parcella delles dá conta, mais ou menos bem, das suas obrigações; não são mesmo raros os funcionarios que fazem mais do que a obrigação, e podem ser considerados optimos. Digamos que metade daquelle numerosa é constituída de indolentes e relapsos. Mas os abundantes e complicados serviços publicos da União — correios, telegraphos, alfandegas, etc, etc. — não se poderão fazer com 15.000 funcionarios: isto entra pelos olhos. Portanto, a questão reduz-se a uma substi-

tuição de maus funcionarios por funcionarios prestaveis. Reduz-se a essa substituição, e a uma distribuição mais racional dessa quantidade de funcionarios pelos diferentes ramos de serviço. O que se observa actualmente é que em certas repartições ha um visível excesso de empregados; mas apenas em certas repartições. Nem sempre se leva em conta que muitos serviços perecem por falta de pessoal: os correios e telegraphos, por exemplo, para poderem dar conta da sua importantissima tarefa, em todo o Brasil, precisariam do dobro, talvez dos empregados actuaes. Basta pensar na necessidade de agencias postaes e telegraphicas, de que se resentem todas as grandes cidades, e ainda mais as zonas sertanejas. Tudo bem ponderado, chegar-se-á sem difficuldade á conclusão de que trinta mil funcionarios escolhidos a dedo, e bem dirigidos, poderiam melhorar extraordinariamente a marcha dos serviços publicos, — mas não seriam sufficientes para os serviços novos, de que precisamos, e para as ampliações de serviços, que são reclamadas pelos interesses do paiz.

O "problema do funcionalismo", neste paiz, não é pois, para ser resolvido simplesmente a golpes de demissões. Elle consiste, não no excesso, mas na má escolha e na defeituosa distribuição do pessoal. Exija-se mais seriedade na selecção dos candidatos a empregos publicos: para isso podem mesmo propor-se processos novos em substituição dos concursos, como, por exemplo, uma interinidade preliminar, durante a qual se desenvolva em torno do candidato um systema bem combinado de provas praticas, cujos resultados sejam registrados e opportunamente exhibidos ao governo. Exija-se tambem uma distribuição mais razoavel dos funcionarios pelas diferentes repartições, de modo a acabar-se com a congestão de algumas em prejuizo de verbas que podiam custear o pessoal necessario em outras. O meio de conseguir ambos esses fins seria, talvez, criar-se uma classe de funcionarios "interinos" e "mobilisaveis", independentes de quaes-

quer ministerios, mas com o preparo basico indispensavel ao exercicio de certas funcoes em qualquer dos ramos de servico publico. Essa classe forneceria ás diversas repartições o pessoal extraordinario de que ellas carecessem nas épocas de aperto, e forneceria tambem a maior parte dos empregados fixos de que ellas fossem precisando, ou por effeito de vagas abortas, ou por necessidades normaes do servico. O numero desses empregados interinos e "volantes" seria calculado para cada exercicio, do modo que nunca ficassem parados, que estivessem continuamente em trabalho, ora numa, ora noutra repartição. O governo ficaria com o direito do tornal-os effectivos e do fixal-os, conforme as aptidões e qualidades que revelassem, ou de dispensal-os no fim de um certo prazo. Uma grande commissão de funcionarios publicos reunir-se-ia em cada semestre ou cada anno para examinar os "dossiers" dos interinos, escolher os melhores, e ir assim apurando o nucleo reduzido daquelles nos que as nomeações devessem recahir... (*Estado de S. Paulo — S. Paulo*).

#### A MISSÃO DA MOCIDADE

"...Jámais abdiqueis aquillo que deve constituir a parte central do vosso ser, e que é a propria razão de existirdes, porque é, na sua expressão original e independente, uma nova tentativa da Natureza para a perfeição. Sede sempre os guardiões soveros e zelosos desse thesouro interior que vos dá uma individualidade e vos traça uma esphera de acção em que vós podeis revelar, não como copias apagadas e frustres, mas como novos exemplares de existencia, ricos de possibilidades, estuantes de energias poderosas. Vale dizer que deveis formar o vosso character, conserval-o, fortifical-o, enriquecel-o, dar-lhe cada vez mais a solidez de contornos que vol-o recorte em linhas nitidas e inconfundiveis. Sei bem que levaeis o espirito formado, todas as vossas fauldades em completo desenvolvimento; que alliaes á unidade da vossa organização mental, a estabilidade das

vossas attitudes. Mas é preciso uma solicitude constante. Até aqui tendes vivido num ambiente de estufa em que tudo conspirava para esse resultado. Do ora em diante tudo vae mudar. Se até agora se cuidava de manter inviolada a vossa personalidade, de agora em diante vao ser o contrario: por mil modos differentes será posto á prova o vosso poder de resistencia. Solicitações de toda ordem — promessas refalsadas da benevolencia interesselra, ameaças jactanciosas dos egoismos contrariados, em summa, a compressão tentacular e multiforme, necessariamente inevitavel, do meio em que ides viver, vos deixará pelo caminho, esgarçados, em farrapos, se não vos preaverdes desta armadilha interior, que é a firme disposição de vos manterdes sempre iguaes a vós mesmos, sempre—vós mesmos. Para o vosso bem, porque de outra maneira não poderieis ser felizes, porque por outra fórma não poderieis crer, sonhar, agir e triumphar, para o vosso bem e tambem um pouco para o nosso bem, poupaen-os esse espectáculo deprimente dos seres de apparencia humana — fórmias sem fundo, automatados inexpressivos, — degradados á condição miseravel dos brutos; sem consciencia, sem vontade, sem alma, sem dignidade. "Sem dignidade", sim, o termo é forte, mas é exacto. A dignidade humana é ser homem,— alguma coisa com que se deva contar, uma nova fonte de energias capazes de actuar e produzir, criar e se desenvolver; não o pallido reflexo, o simples prolongamento, a méra imitação servil e Incharacteristica do alheio gesto ou da alheia vontade. Sede sempre vós mesmos — para serdes alguma coisa, para poderdes alguma coisa. E' esta a unica base em que poderieis edificar, vós quo daqui levaeis a alma regorgitante de nobres ambições.

... Meus jovens compatriotas, é preciso que não vos tachem de faltos de ideias, como a nós outros da geração que vos precedeu. Nós tivemos. Mas eram postços e do emprestimo. Importações do nosso snobismo insipiente, não tinham raizes profundas na intimidade do nosso ser, não podiam impellir-nos para a



frente com a dynamogenia incontrastavel das grandes convicções robustas e sinceras. Vós surgis no instante asado, em que um largo sopro regenerador perpassa o nosso paiz, de horizonte a horizonte. Através dos ares lavados e puros, sóbe para o seu apogeu, como uma estrella o grande ideal fascinador da coustituição da nossa nacionalidade. Sonho de ouro, que é bello, porque é o arranque de todo um povo para as sublimidades do espirito e do coração; que é forte e generoso e vitalisante, porque é a propria voz do nosso instinto de conservação que clama, a nossa propria individualidade que insta por se constituir e se affirmar. Nada mais tendes a fazer do que vos alistardes na valorosa cohorte que neste momento se apresta para a luta. O eonjunto de circunstancias favoraveis que vos rodeia, já vos traçou a rota a seguir. E' a linha recta que vos levará, de ascenção em ascenção, até este ápice portentoso — o maior desenvolvimento, a grandeza da nossa Patria. Alinhae-vos sob a bandeira nacionalista. Acolhei-vos á sombra do nosso glorioso pavilhão. O "auriverde pendão da nossa terra" aena-vos com "as promessas divinas da esperança". Elle é a synthese concreta o fulgida do mais bello o propulsivo dos ideaes, o ideal patriótico, o que arrasta o allicia multidões, porque tem a sua base em nossa natureza, que não é só preocupação pessoal exclusivista, egoismo sordido o rasteiro, como não é tão pouco, unicamente, abnogação, desinteresse, espirito de sacrificio. Mais felizes do que nós, as vozes de commando que ouvis, são as do vosso proprio desejo. E, para seguides, triumphante, a vossa derrota, basta apenas que sigaes sempre para diante, sempre mais alto! Os vossos antepassados fizeram a abolição e a Republica; a vós coube por sorte esta tarefa ainda mais grandiosa, a mais grandiosa de quantas podem desafiar os esforços de um povo verdadeiramente viril: deveis formar a alma nacional. Attentae bom para isso. Vêde que empresa se vos confia, que mundo de esperanças se deposita em vossos hombros. Pelo "fiat" estupendo da vossa

voutade, deveis reunir numa só alma, num só impulso vigoroso para a frente, vinte milhões de brasileiros, vinte milhões de unidades consciences cujos esforços conjugados deverão constituir o Brasil de amanhã, esta criação gigantesca: na mais bella das regiões do globo, a mais bella das civilisações, — a mais característica, a mais forte, a mais activa a mais acollhedora. E não julgueis que é este o sonho do um patriota em delirio. O destino nos foi earoavel. Forneceu-nos todos os elementos para as mais ousadas constructions. Todas as raças aqui se fundem numa synthese variada e rica. O nosso territorio, extensissimo, do climas e aspectos varladissimos, — "habitat" predestinado á humanidade vindoura, no dizer insuspeito do Röchus e Humboldt, — se de um lado não nos estimula os sentimentos guerreiros de conquista, de outro não restringe os nossos horizontes ao ambito acanhado das pocheizas patrias. Deu-nos o destino este presente do céu, rasgando á nossa perspectiva as mais largas avenidas: todas as possibilidades do futuro!

Só resta que vos mostreis dignos detentores desta preciosa dadiwa. Confiantes em vós mesmos, com aquella serena coragem dos que sabem que o dardo da vontade humana, fortemente distendido pelo ideal, é o mais formidavel potencial que se conhece, atrae-vos á acção: sempre para a frente! sempre para cima! Mas é preciso que sojaes bastante corajosos e fortes, para não contornardes os obstaculos, não tergiversardes com as difficuldades, não transigirdes com as apparencias. E' preciso que o vosso olhar, resolute e implacavel, não se desvie das realidades substanciaes para as miragens enganadoras. E' preciso que sejaes bastante sinceros e francos para com vós mesmos, para não vos contentardes com as fórmias, desprozando o fundo das coisas; para que, ao suppordes alcançado o fruto dos vossos esforços, não tenhaes apenas attingido um punhado de nada, poeira van que se espalha e se evola. Do contrario, ou serois infantilmente ridiculos, ou dosprezaveis como his-

triões. E' o dilemma a que não ha fugir. Dilemma que, infelizmente, tem sido applicado com justiça ao actual estado de coisas em nosso paiz. Vivemos num regimen de "fachadas", "fitas", gestos que nada exprimem. As nossas instituições são as mais adiantadas; temos todas as conquistas da civilisação. Mas só no papel. As nossas leis são as mais sábias e liberaes que existem. Mas não se executam. Nas nossas relações internacionaes affectamos certa superioridade moral, que não pôde senão impressionar bem aos que nos julguem. A nossa Constituição instituo o arbitramento como recurso obrigatorio para a solução de todas as questões que ceaso surjam entre o nosso e os demais paizes. Nenhum outro paiz já assignou até agora tantos tratados de arbitramento, como o nosso. Fomos os primeiros a protestar contra a invasão da Belgica. No congresso da Haya, o nosso embaixador se elevou immonsamente no conceito universal, como o mais denodado campeão da soberania dos pequenos Estados e da justiça internacional. Evidentemente fazemos boa figura. Mas que contraste entre a apparencia e a realidade! Se repetimos sempre e estafado rifão de que a justiça deve começar por casa, ao passo que nos batemos com ardor pelo seu imperio em toda outra parte, deixamos que ella aqui pereça e seja quasi um mytho. Blasonamo-nos de democratas, e o voto popular é uma burla. A honestidade administrativa... Mas que opinião formaria a nosso respeito o estrangeiro intelligente, que nos visitasse attrahido por todas aquellas especiosas recommendações, e aqui viesse encontrar exactamente a sua negação mais perfeita, o seu desmentido mais cabal? Hosteria por certo, unicamente, na escolha de uma daquellas duas alternativas: ou somos um povo de ridículos tolos, que não sabemos o que queremos; ou somos um povo de palhaços, que levamos todo tempo a fazer gatinhanhos e momices, para espanto dos basbaques, eu para inglez ver. Como poderemos inspirar confiança na sinceridade dos nossos

bélos gestos, na lealdade das nossas attitudes?

E' contra este estado de coisas que deveis reagir. E' esta a vossa tarefa ingente. Batei-vos por um regimen de verdade e franqueza. Que as nossas conquistas não sejam illusorias. Que haja mais harmonia entre o gesto apparente e o gesto interior, do espirito e do coração. Guerra ás complacencias criminosas, attribuidas commummente á nossa bondade de alma, que tudo comprehende e tudo perdôa, mas que não serão talvez mais do que relaxamento, insensibilidade moral, inercia e comodismo. Têm-se-vos apresentado diversos caminhos a seguir na prosecução do grande ideal nacionalista: o serviço militar obrigatorio, a campanha contra o analphabetismo, a regeneração physica do nosso povo, combalido por todas as molestias... Realmente, o problema é complexo, e deve ser atacado por todas as suas faces. Rumareis por ende vos guiarem as vossas preferencias individuais. Sereis amanhã militares, medicos, engenheiros, advogados, professores, e vos empenhareis nos combates pela organização da defesa nacional, pela constituição de uma raça sadia e vigorosa, pela valorisação das nossas riquezas naturaes, pelo respeito ás leis, pela disseminação do ensino. Fareis com certeza obra meritoria. Mas tudo será perdido se antes de mais nada, e principalmente, com inquebrantavel energia, exuberante alacridade, não trabalhades, pela palavra e pelo exemplo, pelo exemplo sobretudo para a renovação do nosso ambiente moral, para a formação de um ambiente mais pure, em que não medrem a mentira falaciosa, a charlataneria traiçoeira.

Este é o escopo altissimo que se vos impõe. Não o attingireis se não vos fizerdes atletas de musculos de aço e vontade de ferro, pelo perseverante e carinhoso cuidado de vós mesmos. Não o attingireis se não vos apaixonardes pelo vosso ideal, até a idéa fixa, até a tensão fulgurante de todas as vossas energias. — (Albino Camargo — Discurso aos bacharelados do Gymnase de Ribeirão Preto. — S. Paulo).

HOMENS  
E COISAS ESTRANGEIRAS

CONSTANÇA E IGNEZ

Ignez do Castro, que algum me-nestrel da côrto literaria de D. João Manoel intitulara "o collo de gar-ça", era loura e bella. O Sr. Anthoro de Figueiredo, o ultimo grande escriptor portuguez que a descrevou—e que a idealizou — pinta-a, extasiadamente, como o typo da belleza gothica, delgada, os hombros de ave, o busto curto, as pernas altas, o andar do alvéola, os olhos verdes, a pello da côr das perolas. Este retrato hieratico, do um Fra Angelico das letras, não vem nos echronistas assim composto em fi-uas tintas gothicas. E' o resumo pictural da lenda, o que se ajusta á versão camoneana da sua candidez, da sua innocencia de flôr, da sua modestia virginal. Quão pouco, po-rém, este retrato formoso, *boticelliano*, tão apropriado ao prestigio poetico da lenda, condiz com o re-trato moral que pôde deduzir-so das suas acções de mulher! Essa Ignez, deve dizer-se, não é a dos historia-dores, não é a de Fernão-Lopes nem a de Ruy de Pina, mas sim a Ignez dos poetas, adoptada, depois, por todos os *narradores* de historia.

Ignez do Castro velu para a côr-te portugueza como companheira dilecta de D. Constança. Desde me-ninas que as duas são amigas. Não quizera a princeza separar-se del-la. Tem-a a seu lado no paço, habi-tando em seus aposentos, quasi co-mo uma irmã. D. Constança vivo saudosa e entristecida. O esposo passa os dias na caça. Quan-do regressa o desmonta do ca-vallo esumante no terroiro feu-dal da cidadella, só tem para contar-lhe as proezas venatorias. Sente elle que a sua ignorancia grosseira não pôdo captivar aquel-la alma fina? que não foi creada para a sua rude singeleza aquella princeza letrada? O unico talento que lho conhecem é a pericia com que amestra falcões. Mas é pouco para ella!... D. Constança passa os

dias entre as suas cuvilheiras e do-nas. Ao pé de D. Constança havia Ignoz, genuflectida; o Ignez, tão ignorante como elle, e porque era uma simples aia, não o intimidava. Pouco a pouco, um desejo sensual foi despertando na sua natureza rude, de uma animalidade impetno-sa. Já a belleza de D. Constança estava tocada pela deformação da gravidez: esse cruel imposto que a mulher paga ao amor. Ao lado da princeza gravida, Ignoz tinha o vi-ço de uma flôr inebriante. Era já impossivel dissimular os desejos que o dovoravam. Elucidada pelo instinc-to infallivel de toda a mulher, Ignez sentia-so cubiçada pela eontemplação dos olhares ardentes que eaminhavam pelo seu corpo. D. Constança, já proxima de ser mãe, começava tambem a comprehender. Mas o que ella não suspeita, pois a tanto não se atrove a sua imagina-ção leal, é que Ignez, a confidente, a amiga, quasi a irmã, alimento ou consinta aquelle desvario, que ás duas, do mesmo modo, affronta: a D. Constança como esposa, a Ignez como donzella. Sem fazer á sua amiga de infancia a injuria do a suspeitar complacente, a pobre prin-ceza real, neta do reis, futura mãe de reis, pensa em desviar o marido daquelle funesto e eriminoso enleio, pondo entre ambos o filho que vai dar á luz. Ignez será a madrinha do pequenino sér que já palpita nas suas entranhas. O parentesco espiritual de compadrio, tão respici-tado naquella época do cronça, constituirá um obstaculo aos dese-jos peccadores de D. Pedro. Por-quo é evidente que ella sabe, que el-la sente rebates de medo, que ella tem zelos, que a martyriza o ciume. Ainda a ampara a cega confiança na lealdade de Ignez. Se a escolho para madrinha não é, apenas, por-que ella seja a querida amiga de infancia, mas tambem porque D. Constança quer offerecer á sua lealdade mais aquelle escudo de re-sistencia, vestir a sua virgindade do uma armadura. E' porque olla quer multiplicar as defesas daquelle tor-re de eastidade. E' porque ella quer

obstar ao horror de ver convertida em uma rival traidora a sua querida Ignez. Emfim, é a hora da dôr: é o parto. Nasce o Infante D. Luiz. Ignez de Castro conduz á pia baptismal, como madrinha, o filho da sua aia e do seu futuro amante. No leito, a princeza sorri, tranquilla e aliviada. Mas, ai della! Oito dias depois de nascido, o pequenino e debil infante morre. D. Constança chora o seu primogenito como só as mãis sabem chorar a morte do seu fructo. Seus olhos já não lhe consentem illusões. A paixão fatal segue o curso de cataclysmo, e já nada pôde dotel-a...

Que cegueira é essa dos poetas por Ignez, que não os deixa ver a nobre e desventurada princeza, tão amiga de poetas, que soffre o supplicio atroz de assistir aos amores do marido pela aia, e que lentamente definha de contemplar essa dupla traição, que não a offende só na dignidade de esposa e na altivez de infanta, mas tambem nas intimidades mais sensíveis do coração, onde aguardava, desde a infancia, o affecto de Ignez?

O escandalo é notorio. Já toda a côrte murmura do desvario do infante. E' necessario que o rei intervenha e autoritariamente expulsa do paço a innocente Ignez, cuidando assim restaurar o socego matrimonial da nora. Mas, com todo o seu real poder, o heroe do Salado não consegue fazer capitular aquelle amor. E' mais facil vencer reis mouros do que a hydra do desejo. Afastando Ignez, o monarcha não obtem senão lançar á fogueira amorosa o combustivel do desespero e da saudade. E agora, ajuizai da donzella. Ides ver, em sua patente de deslealdade de amiga, a Ignez cantada por Canções, cantada por logiões de poetas. Imaginais que, expulsa da côrte, ella requer o regresso a Castella e se resolve a reparar a sua culpa — admittamos que inconsciente — negando-se a alimentar com a sua presença a allucinação amorosa de D. Pedro? Nada disso! Ignez lança fóra a mascara virginal. A occultas do rei

austero e da esposa traída, acompanha nas consecutivas deslocações a côrte deambulatoria de Affonso IV. Diga-se que ella é a victima de uma paixão imperiosa, desvalradora, eujas lavaredas doveram todos os seus escrupulos e a reduzem a uma escrava passiva dos sentidos, paralyzando-lho o animo para o cumprimento do dever. Encarada assim, ella pôde parecer-nos grandno seu peccado. Mas não nos apresentem como uma donzella innocente essa mulher, que já não é, sequer uma eriança, e que segue o amante, complacente o voluntariamento, enlevada no prazer orgulhoso do ser a favorita de um principe. Para onde vai a côrte: Coimbra, Leiria, Almeirim, Santarem, segue em segredo a perfida Ignez. Caminha, rãdiosa, inebrida, atrás do rastro doloroso da amiga de infancia, da nobre e confiada princeza que ella atraçou. Quem o houvera de dizer, quando, ainda não ha dois annos, entrava em Portugal, eavalgando ao lado de D. Constança? Hoje, tambem a segue: sombra fiel. Mas é na sombra que essa sombra formosa so move. E já não é para servir a sua ama, mas para a trair. O dia chega em que o rei descobre e surprehende os amantes. Entra em furia D. Affonso IV. Pai e filho dizem-so, cara a cara, violencias inauditas. O rei, intransigente, inflexivel, invoca a letra jurada do contrato anti-nupcial, em que está inscripta a obrigação da fidelidade conjugal, e Ignez de Castro, a aia infiel do D. Constança, é expulsa do reino.

Para que Ignez se tenha despenhado nos braços de D. Pedro, é preciso que a ambição lhe haja aberto o caminho do amor. D. Pedro não tem o physico de um seductor de corações. Basta reparar na qualidade plebéa das suas futuras ligações para se reconhecer que o estímulo da sua paixão é todo sexual, que as suas necessidades amorosas são essencialmente grosseiras. O homem que substituiu Ignez do Castro pelas servas Beatriz Dias e Ignez Affonso não era do

natureza a lisongear a vaidade amorosa de uma mulher de elevados sentimentos.

Privado da adorada Ignez, D. Pedro recalca a ira e volta ao thalamo da esposa. D. Constança, que já deu á luz o infante D. Fernando — o futuro rei — ostá de novo grávida. Mas para a desventurada es-crava do dever matrimonial todas as esperanças findaram. Que importa que um sér pequenino palpito e estreneça no seu seio? Junto dessa vida que se eria, ha um coração que morre. A sua nobre e altiva alma não resiste ao ultraje que lhe infligiram. De facto, olla entrou na agonia, e definha, e succumbe, assistindo á agitação saudosa do marido pela outra, pela *ausente*, que elle evoca perfeita e bella, com todas as graças accrescidas pela saudade, emquanto a contempla, pejada, desfigurada, victima do seu dever de esposa... Chega o dia de parto, e como se apenas esperasse, para morrer, e deitar ao mundo aquella nova vida, D. Constança morreu. Enterrada a princeza, D. Pedro, ainda com o lucto de viuvo, precipita-se, fremente, sequioso, soffregio, para a amante idolatrada.

(Carlos Malheiro Dias — O Paiz, Rio de Janeiro).

#### AS COOPERATIVAS DE CONSUMO NOS ESTADOS UNIDOS

Ha dois ou tres annos, as cooperativas de consumo, que compravam generos alimenticios directamente dos productores, eram pouquissimas nos Estados Unidos. Entretanto, hoje ha duzentas em Nova York, cem em Chicago, outras tantas em Philadelphia e milhares espalhadas pelas grandes cidades ao este do Mississipi, pois é especialmente nos Estados do centro e do este que se sente a necessidade dellas. Quando se pensa que a economia realisada graças á cooperativa é de 20 o/o nas aquisições de generos, fica-se espantado de que ha mais tempo se não tenham lembrado de iniciar o movimento que tão grande impulso vai tendo. As cooperativas de con-

sumo norte-americanas variam de um minimo de vinte socios a um maximo de mais de 300. Num arrabalde de Nova York ha uma cooperativa que dá provisões a 300 familias.

Os empregados de uma grande empreza de Chicago formaram uma cooperativa que despende 25.000 francos por mez comprando directamente dos productores do Wisconsin, do Illinois, do Iowa e do Missouri, e realisando assim uma economia de 25 o/o sobre os preços normaes da cidade.

Quasi toda a cooperativa tem um "manager" ou director-mordomo, ao qual os socios fazem chogar as suas encomendas no principio da semana. O "manager" toma nota das encomendas e transmite-as directamente aos varios productores com os quaes tom relações commerciaes.

Os productores como os consumidores têm todo o empenho em quo a distribuição se faça o mais economicamente possivel, tanto que os productores já vendem as sua mercadorias acondicionadas de maneira a poderem ser entregues immediatamente e sem mais despeza de "emballage" ao consumidor. Os directores das grandes lojas e fabricas, que empregam centenas e até milhares de empregados tão persuadidos se acham da efficacia economica das cooperativas de consumo que em muitos casos fazem todas as despesas de organização, deduzindo no fim da semana, do ordenado ou salario de cada socio o importe de generos que consumiu.

O balanço domestico dos empregados ou operarios realisa dessa forma uma economia de 20 e até de 25 o/o sobre a aquisição dos generos de primeira necessidade.

Embora as vantagens economicas das cooperativas de consumo sejam evidentes e praticamente demonstradas, é estranhavel que o systema não tenha conseguido fazer brecha nos preconceitos o na apathia da collectividade, e só lentamente se vá desenvolvendo. Nem se pense quo o movimento cooperativo diminua de alguma forma os lucros

dos productores agricolas. Parece in-  
crível, mas está demonstrado por al-  
garismos e estatísticas, que os pro-  
ductores, vendendo directamente ás  
cooperativas e forrando-se aos inter-  
mediarios, ganham de 20 a 100 o/o  
mais do que antes, e assim mesmo  
permittindo ás cooperativas realizar  
sobre os preços normaes uma econo-  
mia de 20 a 25 o/o. E' typico o ca-  
so de um pequeno "farmer" que,  
vendendo aos intermediarios, estava  
quasi a fallir, e quo logo restaurou  
os seus bons negocios, entrando em  
relações directas com algumas coope-  
rativas de Nova York e de Buffalo,  
e assim chegou a ter um giro de ne-  
gocios de 25.000 francos mensaes,  
economisando ainda o dinheiro que  
pagava pela "réclame".

O movimento cooperativo attinge  
dois fins: o de tornar menos diffi-  
cil a vida aos habitantes da cidade,  
e o de estimular a produção dos  
agricultores (John R. Colter —  
*The Outlook*, Nova York).

#### OS AMIGOS DOS ARTISTAS

Entre as muitas instituições quo  
a guerra fez surgir na França, ha  
uma que merece ser conhecida. In-  
titula-se "Os amigos dos artistas",  
o tem por escopo socorrer os pinto-  
res e os esculptores a quo a guerra  
tirou a maior parte dos ganhos. Tra-  
ta-se de uma obra-menos de bene-  
ficencia do que de solidariedade ci-  
vil. De resto, a maneira como é or-  
ganizada e o seu estatuto são de  
molde a pôr de parte toda idéa de  
philanthropia. "Os amigos dos artis-  
tas" são assim uma reunião de pes-  
soas, pertencentes a todas as clas-  
sas da sociedade, que livremente  
desembolsam uma quota annual pa-  
ra constituir um fundo social com  
o qual se possam comprar as obras  
dos esculptores e pintores quo quei-  
ram vendel-as. Essa quota não é li-  
mitada: todos podem dar o que qui-  
zerem ou puderem. Com um minimo  
de dois mil francos, é-se mem-  
bro benefoitor; com um minimo de  
500 francos, membro doador; os  
membros titulares pagam 100 fran-  
cos e os membros adherentes cinco  
francos por anno. Reunidos assim os

fundos, ha uma comissão directo-  
ra que se encarrega das aquisições e  
da distribuição das obras adquiridas.  
Como entre os artistas que vivem em  
Paris ha numerosos estrangeiros, a  
comissão directora dos "Amigos  
dos artistas" tem um caracter inter-  
nacional fazendo parte della, por  
exemplo, o esculptor Bartlett, que  
representa os Estados Unidos, e a  
doutora Fabre, que é russa, James  
Hyde, inglez, Diego Angeli, italiano.  
A comissão é composta na maior  
parte, de artistas, mas fazem parte  
della tambem amadores, criticos de  
arte e escriptores, como Léo Cla-  
rétie e Clement Janin.

Recolhidos os primeiros fundos, os  
"Amigos dos artistas" puzeram-se lo-  
go a trabalhar, adquirindo obras  
d'arte de todo o genero e, sem pre-  
ferencias de escolas, dando auxilio ás  
esposas dos artistas mobilisados que  
mais necessitavam.

Adquiridas as obras dos artistas,  
que destino lhes devia ser dado? O  
estatuto social dispõe quo ellas de-  
viam ser repartidas entre os mem-  
bros subscriptores. Mas logo se viu  
que se podia fazer melhor: organi-  
zar com ellas uma exposição publi-  
ca e vendel-as. Com o dinheiro anga-  
riado podia-se augmentar o fundo  
social, estender o numero de aequi-  
sições e a importancia dos socorros.  
O resultado alcançado fez vêr que es-  
sa modificação fol excellente. Não  
só a exposição é frequentadissima,  
não só se fizeram vendas importan-  
tes, como ainda artistas como Ro-  
din, Albert Besnard, Bonnat, Forain,  
e Chéret, offerceeram obras suas, e  
um norte-americano da California  
enviou 50.000 francos para adquirir  
trabalhos que pudesse expor o ven-  
der em S. Francisco (*Marzocco* —  
Florença).

#### O ELEMENTO SOBRENATURAL NA HISTORIA

Na Edade Média os milagros  
eram endemicos e a cada santo  
eram attribuidos dois ou tres. Ain-  
da hoje, na Inglaterra, milhares  
de pessoas, sobretudo nos condados  
occidentaes, ercom firmemente exis-  
tir ainda o rei Arthur, e na Alle-

manha sobrevive a lenda de Barbaroxa, placidamente adormecido em uma caverna profunda. Assim também os camponeses slavs da Austria acreditam ainda que o imperador José II não tenha sido morto, mas esteja prisioneiro em Roma, e os camponeses da Russia esperam confiantemente o regresso de Scobleff no seu famoso cavallo de batalha, vindo em soccorro da Santa Russia, quando os inimigos della a ameaçaram de perto. Com effeito, a 19 de novembro de 1914 innumeros soldados e camponeses russos affirmaram ter visto o espirito de Scobleff pôr-se á frente dos exercitos do "Czar Branco", trazendo a espada desembainhada. Ha, além disso, todo um florilegio de factos sobrenaturaes nos tempos modernos: Christo, sobre a cruz, apparece a Ferdinando da Austria e assegura-lho que não o abandonará; a Dama Branca dos Hohenzollern incute ainda terror ás soubainhas do palacio real de Berlim. Todos recordam ainda o amuleto encarnado que trazia desventura a Napoleão; e os boers não põem duvida nenhuma na visão do seu propheta, que ha dois annos predisse a morte de De la Rey o o explodir da rebellião sul-africana. Na guerra actual dois casos attribuidos ao elemento sobrenatural merecem destaque especial: a batalha de Prilep, onde muitos viram a heroica figura de Marcos Cralievic pôr em ordem os batalhões servios já quasi em fuga e conduzil-os á victoria; e a batalha de Mons, onde se diz que theorias de anjos accorreram a salvar as cançadas tropas inglezas do aniquilamento. A humanidade, pois, não envelhece com a historia, nem estamos tão longe dos dias mythicos da Grecia e de Roma quando Theseo conduzia a vanguarda a Marathona e a estrella mysteriosa brilhava por cima da frota de Salamina.

E' tempo, porém, de submeter todo esse patrimonio legeudario a um exame sereno, á luz da critica historica. Alguma coisa nesse sentido foi já realizado pelo professor Bury, com relação á lenda do São

Patricio, assim como a lenda de S. Francisco do Assis e a de Joanna d'Are têm offorecido á critica moderna motivos da larga dissertação. A attitude do escriptores, mesmo relativamente modernos como Gibbon e Hume com relação ao elemento sobrenatural na historia não é muito diversa da de Thucydides, pois também elles consideram accetivel uma lenda quando é verosimel, achando que se deve repudiar como absurda a lenda extravagante. Mas os limites do invisivel hoje em dia se acham muito ampliados, e a sciencia moderna reconhece as influencias psychicas como forças reaes, embora mysteriosas. A verdadeira critica historica nos prohibe presuppor que uma lenda é absurda antes de tel-a submettido a um rigoroso exame scientifico. Se a authenticidade da narração não fica prejudicada com este exame, seria erro negar-lhe fé somente porque exorbita do normal. Assim, ha muitos pseudos criticos que accetariam de olhos fechados e sem nenhuma prova a affirmação de que S. Francisco de Assis soffria de gotta, só porque isso não apresentaria nada de extraordinario, emquanto que repelliriam a priori como inaceitavel a tradição dos stygmata por apparentemente sobrenatural. E' pouco scientifico o systema de negar logo um facto, embora anormal, pela só razão de que elle contrasta com ideias e theorias preconcebidas. Embora muitos escriptores como Le Bon o Graham Wallas teulham estudado o instincto e as mysteriosas percepções das multidões, bem poucos têm voltado a sua attenção para os phenomenos collectivos verificados na historia em relação com o sobrenatural. Lembremos, antes de tudo, que a verdade historica se baseia mais sobre o conflieto dos testemunhos do que sobre o seu absoluto accordo. Se, pois, limitamos as nossas investigações ás visões sobrenaturaes ou anormaes vistas por collectividades e confirmadas por testemunhos contemporaneos, devemos começar por banir a lenda da bata-

lha do Lago Regillo e dos Dioscuros porque não tem apoio de nenhuma testemunha coeva. Diverso é o caso das visões de Marathona e de Salamina, porque as encontramos minuciosamente descriptas por Herodoto, que, entretanto, não pretendeu ter sido uma testemunha ocular dellas. Mas a narração do celebre historiador foi lida entre applausos pelos proprios combatentes, que affirmavam ter visto a bronzea clava de Thesco em Marathona o a nuvem da victoria sobre Salamina. Seria difficil, depois de tão longo decorrer dos seculos, dizer com certeza se os athenienses consideravam estas lendas como symbolos pittorescos da victoria ou se acreditavam firmemente na sua realidade. Apesar da sua civilização os athenienses eram profundamente supersticiosos e excitabilissimos, e nos momentos do graves crises nacionaes se encontravam num verdadeiro estado psycho-pathologico. O quo Herodoto diz é que as aparições mysteriosas de Marathona, de Salamina e de Micalca, verdadeiras ou imaginarias, contribuíram para a victoria dos gregos, "visto como a potencia divina se manifesta de modos diversos nas coisas humanas e o exercito á vista daquelles signaes tomou coragem e affrontou destemerosamente o inimigo".

E' difficil ás pessoas de intelligencia mediocre comprehender a tensão emotiva que actua sobre as massas combatentes no calor da batalha, mas os escriptores de coisas militares sabem dar-lhe o devido valor.

Constatou-se que nos momentos de intensa excitação todos, com excepção dos caracteres mais fortes cossam do pensar e agir livremente e são absolutamente dominados pelas resultantes de vontade e de impulso que explodem da multidão a que no momento pertencem, e estas resultantes tendem sempre a retrogradar ao instinto primitivo da raça. Assim se explicam as aparições de Mareo Cralievic em Prilep, dos Dioscuros na batalha do

Lago Regillo, de S. Cosme no Mexico, dos anjos combatendo em favor dos inglezes em Mons. Das quatro lendas citadas, esta ultima deve repudiar-se porque não tem sufficientes provas testemunhaes. Quanto ás outras tres, especialmente a de Prilep, se se nega qualquer valor ao testemunho ocular, tambem não ha muito fundamento para não admittil-as. Mas de todas ellas deduz-so o ensinamento do que tratando-se de phenomenos ainda imperfeitamente estudados, não se pode pronunciar acerca delles, sem leviandade, um juizo definitivo. (Herald Temperley — *Contemporary Review* — Londres).

## VARIEDADES

### A UTILISAÇÃO DOS IDIOTAS

Não ha muito tempo, um jornal quotidiano da America lançava uma proposta que a multos pareceu e parecerá um pouco estranha: educar e ensinar os seimios anthropoides, para habitual-os a trabalhos mais pesados e menos difficeis do que os realisados pelo homeni. A praticabilidade do projecto era confirmada por um grande numero de scienatistas, e até sacerdotes o approvaram. A questão é digna de ser examinada seriamente, num tempo em quo se educam cães-policiaes, cães enfermeiros, etc. Ora, o dr. Arthur Jacobson observa, no *Medical Times*, de Nova York, que idéa mais practica e mais racional (não se dirá mais generosa), seria a de utilisar para os trabalhos manuaes os deficientes, fomentando com esse fim a sua reproducção. Muitos idiotas são physicamente fortes. A ociosidade a que são condemnados nos institutos que os recolhem, não vale, pois, nem para a sua saude physica nem para a moral. Elles poderiam, ser empregados nos grandes trabalhos de utilidade publica, e em geral em todos os trabalhos para os quaes não ha necessidade de habilidade especial, como por exem-



plo, a construcção das estradas de ferro. Seguudo se affirma, os anormaes são muito fecundos. Por que não tirar vantagem disso? — Considera-se geralmente como uma desgraça social o facto de semelhantes individnos pôrem filhos no mundo. O dr. Jacobson é, porém, de outra opinião, além do mais, porque, diz elle, todas as medidas de que a sociedade lançasse mão, não impediriam a reprodução, salvo em pouquissimos casos. A sociedade devoria antes combater com todo o empenho as uniões entre individnos deficientes e normaes, animando ao mesmo tempo as uniões entre deficientes e deficientes, das quaes toria maior numero de machinas para os trabalhos uteis. Tem-se dito que os scimios anthropoides poderiam ser adoptados mesmo na guerra.

A mesma coisa pensa o dr. Jacobson que se poderia fazer com os idiotas. Sob a direcção de chefes intelligentes os idiotas como os scimios, ou uns e outros juntos, poderiam realisar trabalhos militares importantes, salvando de terribes destruições os individuos normaes. O nosso egoismo nos suggere esta providencia para o futuro: se tem de haver guerra, façamos com que sómente tomem parte nellas os animaes e os individuos inferiores. Muito se pode dizer contra o projecto, do ponto de vista moral. Seria um systema de escravidão? — Talvez. Mas admittindo que a moral não se oppõe á educação e utilização dos scimios anthropoides, por que nos insurgiremos contra a educação e utilização das creaturas humanas inferiores?

O dr. Jacobson esquece uma coisa importante: que, enquanto os scimios, embora anthropoides, são filhos de outros scimios, um idiota pode nâscer de uma familia de homens e mulheres perfeitamente normaes. Com o egoismo de que fala o dr. Jacobson poderiamos chegar a empregar sómente volhos e doentes em certos trabalhos perigosos. Se a morte é certa, que morram elles, porque assim o prejuizo é menor... (*Minerva*, Roma).

## DESAPPARIÇÕES MYSTERIOSAS

O mysterio que envolvo ainda a desapparição de Joseph Wilberforce Martin, o millionario de Memphis, no Tennessee lembra outros factos do mesmo genero. Em 1892 por exemplo, desaparecen Willian Robertson Lidderdade, rico banqueiro no Somerset, justamente quando estava para casar. Nunca mais se teve noticia d'elle. Os negocios no banco iam magnificamente. A casa para a esposa achava-se mobilada completamente. Não havia uenhuma razão que explicasse o seu desaparecimento. Ponecos dias depois chegou aos parentes uma carta anouyma annunciando que o banqueiro morrera a bordo de um hiate de uma certa miss Vining e então falou-se de um raptto estranho, effectuado por uma rica e madura norte-americana que se havia apaixonado loumento pelo banqueiro, e havia jurado que elle se não casaria com outra. Ella o havia attraído a bordo do seu hiate, sob qualquer pretexto, e partiram para longe. Essa historia foi repetida mais de uma vez, mesmo diante dos tribunaes: mas, sem embargo, os herdeiros não conseguiram ter a declaração official da morte do banqueiro. — Entre os desaparecimentos de creanças, um dos mais romanescos e contristadores, foi o do pequeno Carlos Ross filho de um commerciante de Philadelphia, facto occorrido em 1874. A criança de quatro annos estava brincando no jardim, com um irmãozinho do seis annos, quando dois homens os convidaram a dar um passeio de carro. Segundo narrou o pequeno mais velho, os taes homens não oram pessoas desconhecidas. Durante o passeio, os dois bandidos mandaram o mais velho comprar biseoutos — e nesse interim fugiram com o pequenino. Uma carta anonyma chegou á familia assegurando ao pai da criança que ella estava bem e pedindo-lhe, para soltal-a, vinte mil dollars. O sr. Ross fez saber que pagaria, mas avisou a policia, que conseguiu sempre descobrir os nomes dos dois bandidos: William Masher e

Joseph Douglas. Amedrontados, elles interromperam as negociações e o pai não pôde fazer mais nada para re-haver o filho.

Seis mezes depois dois ladrões foram surpreendidos. Houve tiroteio, um delles cahiu morto e o outro mortalmente ferido. Antes de morrer, este declarou chamar-se Douglas e seu companheiro se chamava Masher; confessou ter tomado parte na rapto do pequeno Ross, mas que sómente Masher sabia onde elle se achava escondido. Quatro mil dollars foram offerecidos a quem desse noticia do pequeno desaparecido — mas nunca se conseguiu descobrir o pequeno Carlos Ross, nem saber o que foi feito d'elle.

Um desaparecimento historico é o de Benjamin Ballurst, filho do bispo de Norwich. De volta de Vienna, a onde tinha ido em importante missão diplomatica, chegou enfim a Berlim, mas nunca a Hamburgo, que era tambem seu destino. E nunca mais houve noticia d'elle, que era portador de despachos para o governo inglez.

A' historia pertence tambem o mysterio do archiduque austriaco João Salvador, igualmente designado por João Orth. Tinha 38 annos, quando em 1890 desposou em Londres uma cantora Milly Stibel. Depois embarcou com a esposa num navio de sua propriedade, que levava um carregamento de cimento, e dirigiu-se para a Argentina. Lá chegado, despediu o capitão e os chefes da equipagem com os quaes tinha tido uma discussão, tomou elle proprio o commando do navio, e deixando Buenos Aires, fez rota para Valparaiso. Desde então ninguem mais soube d'elle. A explicação mais simples é que o navio se tenha afundado, durante uma grande tempestade, ao largo do cabo Tres-puntas, mas houve outras versões: segundo alguns, Orth vive ainda como agriculor, na America do Sul, segundo outros, foi um dos chefes da insurreição chilena; e não falta quem o tenha vislumbrado no general japonéz Jamagata.

Em materia de aventuras maritimas, poucas tem dado logar a mais

fantasticas supposições como o da brigue norte-americano *Marie Celeste*. No dia 4 de dezembro, 1887 elle foi avistado em melo do Atlantico, por um navio, o Highlander, ao qual fez o signal "Tudo bem". Dois dias depois, outro navio encontrou o *Marie Celeste* abandonado, com as velas aos ventos e ninguem a bordo, com todo o carregamento, e sem o minimo signal de ataque ou roubo. Na sala de jantar estavam sobre a mesa os pratos já frios de uma refeição que não fora tomada. Na proa, os restos de uma refeição não acabada. Houve inquerito a respeito, mas não se descobriu nada.

E ha dois annos o *Wide World Magazine* publicou a narrativa de um sujeito que dizia ter sido marinheiro a bordo do brigue, e contando que o commandante eulouqueceu subitamente, querendo lançar-se ao mar. Então a mulher fez com que dois homens se lançassem com elle. Todos os mais, inclusive a mulher e os filhos, se tinham abrigado num passadiço movel, que cedeu, lançando-os ao mar. O unico sobrevivente era elle, que fora recolhido por outro navio.

Muitos outros casos semelhantes se poderiam citar. Alguns, inexplicados durante longo tempo, um dlla são esclarecidos tragicamente ao menos em parte, por uma circumstancia qualquer. Mas outros ficam para sempre no mysterio (John G. Rove, — *Chambers's Journal*, Londres).

#### AS "GAFFES"

As "gaffes" podem ser de duas especies: as que se pronunciam e as que se fazem. Ha na historia exemplos de umas e de outras. A importancia das "gaffes" é tal que até um membro da Academia Franceza, Emilio Faguet, não desdenhou de lhe consagrar um estudo intitulado "Antigaffes", no qual dá aos seus leitores uma serie de excellentes conselhos tendentes a prevenir ao menos as "gaffes" mais desastrosas. Eis algumas das recommendações de Faguet:

— Não deveis nunca dar conselhos que não vos sejam pedidos, por-

que todos se têm na conta de intelligentísimos e são portanto, dispostos a desconfiar do proximo.

— Nunca vos espanteis de nada.

— Nunca lembreis a um amigo, e, se sois mulher, a uma amiga, as confidencias que vos fez.

— Sabei ouvir uma historia aborrecida que seja, e fingi que lhe achou graça... mesmo que ella seja vossa.

— Não repeti nunca num salão uma pergunta a que não vos responderam.

— Não convidae nunca dois grandes homens para, na mesma occasião, jantarem em vossa companhia: porque um comerá o outro, e todos terão uma indigestão.

— Nunca faleis de vós mesmos. Este é um defeito generalisado em todo o mundo, mas inteiramente desconhecido, aos genuinos parisienses."

E' estranho que, entre as snãs recommendações, Faguet não incluisse uma que só ella, vale por todas juntas. O melhor meio, realmente, para evitar qualquer "gaffe" é... calar. Bem entendido, calar nos limites do possível, e saber esentar.

As "gaffes" que se commettem numa conversação ou por meio de actos extravagantes, são, em geral, simplesmente humoristicas, mas podem ás vezes dizer alguma coisa sobre a psychologia do autor. Tal, por exemplo, aquella distração de um negociante, que assignando a declaração da paternidade do filho com que a esposa acabava de presentear-o, pôz no papel como nos cheques que assignava diariamente: "José N... & Comp...".

De Lafontaine conta-se que um dia foi jantar á casa do um amigo, onde costumava jantar todos os domingos — sem se lembrar que dois dias antes tinha assistido aos funeraes d'elle. Rossini, não querendo ceder a ninguem a incumbencia de preparar a sua salada no fim do jantar, uma vez, acalorado numa discussão, em vez do sal derrama sobre a salada o conteúdo da sua boceta de rapé. Newton, querendo coser um ovo para uma refeição, pôz a ferver no fogo o seu relógio, e ficou a

contar os minutos no ovo que tinha nas mãos! Essas distrações nenhum interesse têm, além da celebridade do protagonista.

Mas as peiores "gaffes" são as que cada um de nós commette na conducta da propria vida, por exemplo, escomeaõ uma profissão para a qual não era de maneira alguma talhado, inimisando-se com as pessoas de que podia ser amigo, desgostando outras, etc. Não ha quem, com um severo exume de conciencia, se considere innocente de alguma ou muitas "gaffes" desse genero.

Olivier Goldsmith, por exemplo, era um "gaffeur" de primeira ordem. Commettia-as frequentemente, e só conseguiu pôr-se a salvo dellas justamente com uma... "gaffe", que é um divertido *qui pro quo*.

Olivier Goldsmith, filho de um pastor anglicano, depois de ter feito o desespero de seu pai, abandonou os estudos ecclesiasticos pelos de direito, e successivamente o estudo do direito pelo da medicina, sem nunca chegar a ser nada, quando um bello dia, aborrecido dos varios estudos, com a roupa do corpo e com uma flauta que tocava discretamente, pôz-se a vagabundear pelo mundo. Percorreu a pé a França, a Allemanha, a Suissa e a Italia, até que, em 1756, tornando á Inglaterra com alguns "schillings" no bolso, sua riqueza unica, chegou uma noite, á pequena cidade de Edgevorthstown, e á primeira pessoa que encontrou, perguntou qual era a melhor casa do logar, querendo dizer o melhor hotel. Foi-lhe indicada a casa do rico banqueiro mr. Ralph Fetherstone.

Olivier, entrando com toda a semcerimonia, como se fosse em sua casa, encontrou, numa bella sala, commodamente refestelado numa poltrona, o sr. Ralph em pessoa. Suppondo ser elle o gerente do hotel, pediu-lhe um bom aposento e uma boa ceia. O banqueiro, que, estando a digerir pachorrentamente, achava-se bom disposto e de bom humor, percebeu o engano do rapaz, mas, sympathisando com elle, não quiz desenganal-o. Olivier não percebeu o seu erro seuão no dia seguinte depois

do almoço, quando pediu a conta ao "gerente do hotel".

Mr. Ralph Fetherstone, que, conversando com o seu "freguez", tinha-lhe admirado o talento e a cultura, quiz aproveitá-lo e deu-lhe uma pensão. Assim pôde Olivier Goldsmith escrever "O Viajante", poema que foi o seu primeiro trabalho literário, e que alcançou grande successo.

Assim animado, Goldsmith entregou-se a obras de mais importância, historicas e philosophicas, escrevendo tambem o celebre romance "O Vigarlo de Wakefield" que foi proclamado por Goethe como "o melhor de todos os romances".

(Americo Scarlatti — *Minerva*, Roma).

#### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

##### BRASIL:

O BRASIL E A EDUCAÇÃO POPULAR, por A. Carneiro Leão.

AS ESTRADAS DE FERRO DE S. PAULO, por Adolpho A. Pinto.

AIMANACK ALVES, para 1917, sob a direcção de João Ribeiro.

LES BOIS INDIGÈNES DE S. PAULO, por Ed. Navarro de Andrade e Octavio Vecchi.

GIRRUS, versos do Renatão Arantes.

ALMA SIMPLES, versos de Achilles Almeida.

AO CLARÃO DOS OBUZES, por Mario Sette.

VISÕES DO SÉCULO, por Saul de Navarro.

TRES CONFERENCIAS, por João Kopke.

HYMNO NACIONAL BRASILEIRO, por Pedro de Mello, Piracicaba.

DISCURSO do sr. Venancio Machado, S. Paulo.

AFFONSO ARINOS, homenagem do Inst. Hist. de Minas, Acad. Mineira de Letras e Gremio Lit. Affonso de Moraes.

A PENA EM FACE DO CODIGO — João Francisco Cruz.

SCIENCIAS E LETRAS — Revista mensal, Rio, dezembro. "Os

factores da civilização dos povos" por Affonso Claudio; "Lendo o dictionario", João Ribeiro; "Meu noivo", Amelia Bevilaqua, etc.

A ARVORE — Cachoeira, Bahia, dezembro.

INDUSTRIA E COMMERCIO, Rio, dezembro.

REVISTA FEMININA — São Paulo, Janeiro — Trabalhos principaes: "Microbios", dr. Valeriano de Souza; "Anno Velho", Luiz Carlos; "Janeiro", Anna Rita Malleiros, etc.

A VIDA MODERNA — S. Paulo, 11 Janeiro: "Intermezzo", Antonio Salles; "A ultima neutralidade", J. Ramos; "Canheijo de um vadio", Arnando Prado, etc.

CIGARRA — S. Paulo, 17 do Janeiro: "A Cigarra", Coelho Netto; "Mimi", Vicente de Carvalho; "Risalia", Belmiro Braga; "Pena infame!", Cornelio Pires.

O CRIADOR PAULISTA — S. Paulo — dezembro.

##### ESTRANGEIRO:

REVISTA DE FILOSOFIA — Buenos Aires, janeiro, 1917 — Artigos principaes: "Función de las doctrinas filosoficas en la vida social, por Ernesto Nelson; José M. Ramos Mejia y sus escritos inéditos, por Horacio Ramos Mejia; La historia filosofica y la historia ciencia, por Raúl A. Orgaz; Filosofia del heroismo, por Miguel Luis Rocuant; Notas sobre la filosofia de Epicteto, por José Arturo Andrade; El educacionista Pedro Scalabrini, por Victor Mercante; El enciclopedia y la Revolución de Mayo, por José Ingenieros.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — New York, dezembro do 1916 — A destacar: The veredict of the people, por George Harvey; The British blaklist, por Sydney Broks; The Federal fam loan act, por Myron T. Herriek; The Election and prohibition, por L. Ames Brown; A conjecture of intensive fiction, por W. D. Howells; Conserving our spiritual resources, por Margaret Sherwood; The mad philosopher a Litany, por Cale Young

Rice; Gustaf Frodning, por Charles Warton Stork, etc.

**RIVISTA DELLE NAZIONI LATINE** — Florença — Dezembro de 1916—Summario: Un mozzo, secolo di civiltà francese, por Georges Lévy Raphael; La condotta della guerra europea, por A. Coen; La rivoluzione o gli stranieri, por A. Mathiez; Per i lavoratori italiani in Francaia, por A. Agnelli.

**RASSEGNA NAZIONALE** — Florença — 1 de dezembro, 1916. Artigos principais: Papa Leone III o la restaurazione dell'Impero d'occidente, por Carlo. Meda; Da chi avemmo l'Italia, por P. Arcangeli; L'assistenza ai mutilati in guerra e l'opera del Comitato Fiorentino, por Giuseppe D'Ancona; A proposito di un'opera bibliografica di Sebastiano Rumor, por Augusto Serona.

**MERCURE DE FRANCE** — Paris, 16 de dezembro de 1916 — Principaes trabalhos: La Guerre intellectuelle: Une Contre-offensive allemande, por Henri Albert; Une figure de grande amateur; Le comte Isaac Camondo, por Ambroise Vollard; Blossure, poesia por Justin Frantz Simon; De la particule

“de” et de la Particulomanie, por Georges Maurevert; Les premiers Zigzags diplomatiques do Guillaume II, por Emile Laloy.

**LA GRANDE REVUE** — Paris, dezembro de 1906 — A destaear: Lo service de Guerre obligatoire, por Paul Laprade; Le Joug de la Guerre, por Léonid Andréief; Les Répercussions économiques de la Guerre, por Georges Renard; Ce que l'Allemagne du XVIII e siècle doit á la France, por M. Wilmotte.

**LA REVUE HEBDOMADAIRE** — 2 dezembro, 1916 — Artigos principais: Comment los civis peuvent-ils le mieux servir le pays? por Louis Barthou; L'Empereur François Joseph, por Louis Leger; “La Flèche d'or” por F. Strowski; Les Sophistes allemands, por F. F. Brentanc, etc.

**ATLANTIDA** — Lisboa, 15 de Dezembro — Artigos principais: O Código Civil Brasileiro, por Mattos Cid; Canção das Aguas, por Teophilo de Albuquerque; Jogos floraes luso-brasileiros, por Julio Brandão; Claro da Lua, de Ronald de Carvalho; A linguagem alto-minhota e a literatura, F. Alves Pereira; Carteira dum libertino, Aquilino Ribeiro.

## REVISTA DO BRASIL

Nos proximos numeros a *Revista do Brasil* publicará ineditos de José de Alencar e Affonso Arinos; e, entre outros, os seguintes trabalhos:

Oliveira Lima: *Uma pagina da historia pernambucana*;

Olavo Bilac: *As nossas lendas*;

Alberto de Olivêira: *Um conto sobre assumpto grego*;

Mario de Alencar: *José de Alencar politico*;

Alfredo Pujol: *As emendas de Machado de Assis*;

Amadeu Amaral: *O dialecto caipira* (conclusão); e contos, poesias, artigos diversos de Humberto de Campos, Goulart de Andrado, Medeiros o Albuquerque, Firmino Costa, J. A. Nogueira, Julio Cesar da Silva, Godofredo Rangel, Ricardo Severo, Alberto Seabra, Victor Godinho, Monteiro Lobato, etc.

# AS CARICATURAS DO MEZ



1916 — Que é isso?

1917 — Isso é... a "paz duradoura" que eu arranjei para elles.

(*"Caretta"* — J. Carlos)

## O ANJO DA PAZ



Wilson — Qual! Nos tempos que correm é impossivel representar este papel...

(*"Jornal do Brasil"* — Luiz)

UMA NOITE DE NATAL



Brasilina sonha com uma porção de brinquedos...

("Caretta" — J. Carlos)

KALENDARIO BILAQUIANO

WILSON ... DESAFINADO



O advento do novo anno

("Vida Moderna" — Voltolino)



— Adeus, viola!

("Revista da Semana" — Raul)

## **A REVISTA DO BRASIL publicou nos seus doze fasciculos de 1916:**

---

### **NOVELLAS E CONTOS,**

por: Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, H. Inglez de Souza, da Academia Brasileira; Valdomiro Silveira, Veiga Miranda, Monteiro Lobato, Jacomino Define, Mario Sette, etc.

### **POESIAS,**

por: Mario de Alencar, Magalhães de Azeredo, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; Amadeu Amaral, Julio Cesar da Silva, Antonio Salles, Martins Fontes, Humberto de Campos, etc.

### **CRITICA LITERARIA,**

por: José Verissimo, Augusto de Lima, João Ribeiro, da Academia Brasileira; Veiga Miranda, J. A. Nogueira, Plinio Barreto, A. Carneiro Leão, Samuel de Oliveira, etc.

### **ASSUMPTOS ECONOMICOS,**

por: Carlos de Carvalho, Paulo Pestana, Mario Pinto Serva, conselheiro Antonio Prado, Souza Reis, Lindolpho Xavier, F. G. Schmidt, etc.

### **TRABALHOS DIVERSOS,**

de literatura, reminiscencias literarias, arte (com illustrações), viagens, historia, pedagogia, linguistica, educação, sociologia, politica internacional, philosophia, anthropogeographia, engenharia, hygiene e actualidades, por: Pedro Lessa, Alberto de Oliveira, Mario de Alencar, Oliveira Lima, Souza Bandeira, Domicio da Gama, da Academia Brasileira; Adolpho Pinto, Luiz Pereira Barreto, Amadeu Amaral, V. da Silva Freire, Armando Prado, Roquette Pinto, F. Linhares, Anrelino Pires, Helio Lobo, Jacomino Define, João Kopke, Veiga Lima, João Ferraz, João Inso, Monteiro Lobato, Octavio Augusto, R. Ihering, Alberto Seabra, Alvaro da Silveira, Rocha Pombo, Olympio Portugal, Octavio Mendes, Alcen Amoroso Lima, Frederico Villar, Garfield de Almeida, Antonio Piccarolo, Euzebio de Souza, Carlos de Lemos, Mauricio de Medeiros, Americo de Moura, Sampaio Doria, Fermino Costa, etc.



# REVISTA DO BRASIL

Com o presente numero a "Revista do Brasil" inicia o segundo anno de sua existencia, tendo publicado em 1916 mais de 1.300 paginas de texto, divididas em tres volumes que se vendem separadamente pelos preços de: 10\$000, encadernado; 5\$000, em fasciculos. Aos assignantes novos, entretanto, os fasciculos podem ser vendidos, englobadamente, pelo preço antigo da assignatura, isto é, 12\$000.

Todo o assignante novo da "Revista do Brasil" receberá gratuitamente um numero de dezembro de 1916, com o seguinte summario:

DOMICIO DA GAMA .....	O capitulo das viagens
(da Academia Brasileira)	
E. ROQUETTE PINTO .....	O Brasil e a anthropogeographia
(do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro)	
SAMPAIO DORIA .....	Finalidade educativa
MARIO DE ALENCAR .....	Poesia
(da Academia Brasileira)	
ALBERTO DE OLIVEIRA .....	Sonetos
(da Academia Brasileira)	
MONTEIRO LOBATO .....	A colcha de retalhos
JOÃO KOPKE .....	O Corvo
ALBERTO SEABRA .....	Os versos aureos de Pythagoras
FERMINO COSTA .....	Vocabulario analogico

RESENHA DO MEZ: Dols pintores paulistas (com illustrações), M. L. — Physlea medica, L. — Congresso Medico Paullsta, X. — Defesa Nacional. — Liga Nacionalista. — Movimento litterario. — O Conselho do Estado no Imperio e na Republica (Souza Bandeira). — Fructas brasilleiras (Henrique Silva). — A obra educadora de Eça de Queiroz (João Luso). — Os artistas francezes e a guerra (com illustrações). — A democracia e a diplomacia. — As forças psychicas — O que fazem os escriptores francezes. — O inventor do cinematographo. — Os tolos classicos. — Publicações recebidas. — As caricaturas do mez.



# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Palva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angélica, 141 — Telephone 3012.

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminarlo da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarlas, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetalinga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738 — Compra e venda de apolices do Estado, Accões das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

## ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Cidade)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

**DESPACHANTES:**

BELLI & COMP. — Santos:  
Praça da Republica, 23. Teleph.  
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-  
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,  
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,  
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.  
Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em case-  
mira ingleza. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
5151 — S. Paulo.

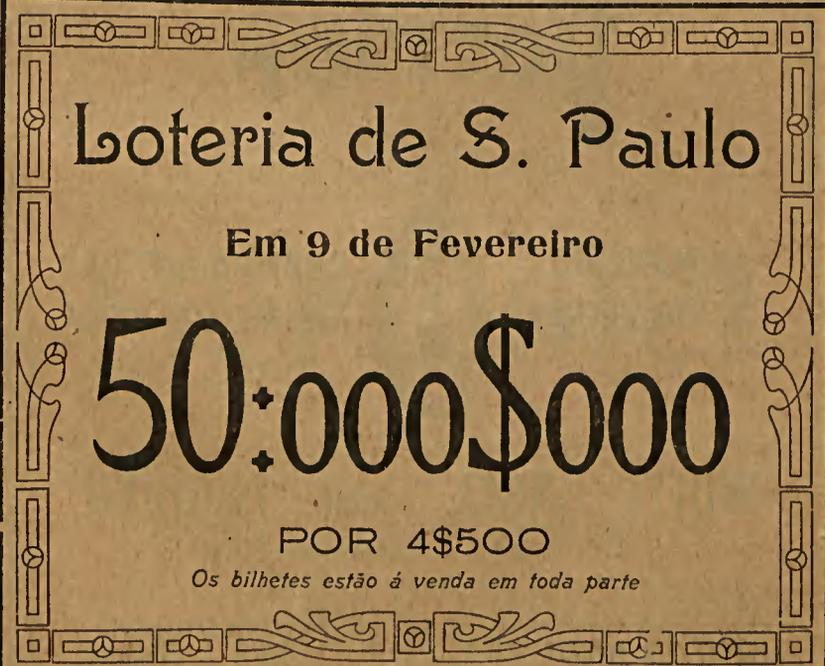
ALFAIATARIA—Donato Plas-  
tino — Emprega só fazendas ex-  
trangeiras — Rua do Thesouro, 3  
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAS E IMPORTADO-  
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.  
— Papelaria, typographia, enca-  
dernação—Telephone 792—Caixa  
545 — Rua S. Bento, 31. — S.  
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-  
de Fabrica de Malas e Canastras  
Officina para concertos. — Do-  
mingos Macigrande. — Rua São  
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-  
telas de casas de penhores e do  
Monte de Socorro de S. Paulo  
— A CASA MARCELLINO com-  
pra e paga bem.—Praça Antonio  
Prado, 14 — Telephone 4.692 —  
S. Paulo.



**Loteria de S. Paulo**

**Em 9 de Fevereiro**

**50.000\$000**

**POR 4\$500**

*Os bilhetes estão á venda em toda parte*

BEBAM

---

WHISKY DEWAR  
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O  
INIMIGO DO  
ACIDO URICO



A  
CHAMPAGNE DAS  
AGUAS DE MESA

---

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

---

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,  
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,  
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro Alto das Perdizes em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes*

*Rua 15 de Novembro, 30*

*São Paulo - Paris*

# Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS  
FINOS, CHOCOLATES E  
LICORES

A UNICA FABRICA QUE EX-  
PORTA CHOCOLATE PARA A  
EUROPA.

Rua Piratininga, 27

Caixa do Correio, 201

S. PAULO

*Casa fundada em 1895*

PRAZO DEZ MEZES  
JUROS MODICOS



## Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Teleg.: EMISEL

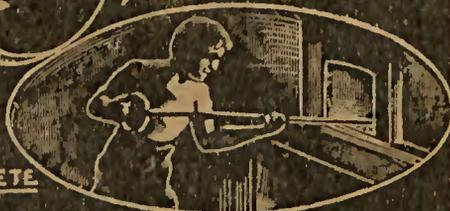
SÃO PAULO

PLACAS  
ESMALTADAS  
E DE METAL

*Massucci Perazzo  
Nicoli*

TELEPH. 3641

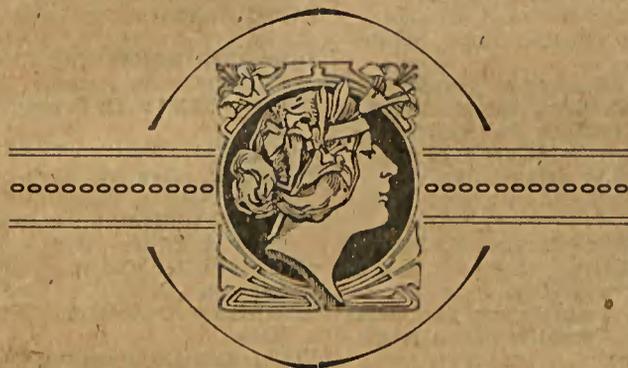
GRAVURAS  
CARIMBOS  
DE BORACHA  
FORMA PARA SABONETE



ESCRITORIO - Rua Florencio de Abreu 52  
FABRICA - Rua dos Alpes 79 S. PAULO

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega

S. PAULO  
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# Lista de Agentes da "Revista do Brasil"

- AVULSOS** — J. B. Ramos, Antonio Abranches, Francisco Gomes, Oscar Cunha, Bento de Moraes.
- ATIBAIA**: José Preto da Silva
- ARRANHA**: Bento Pantaleão
- ARRAL DOS SOUZAS**: Nagib José
- ABAETE**: João Maciel
- AYUROOCA**: Luiz G. Dália
- ARAXA**: Acrísio Ferreira
- ABRE CAMPO**: Pharm. Estevam de Oliveira Cotta
- ARACAJU**: Neison Vieira
- ANTONINA**: Rocha & Picanço
- AGUDOS**: Justino dos Santos Leaf
- AVARE**: Sebastião Araujo
- ARARAQUARA**: Antonio Silva
- BUENOS AIRES**: Balden Moen e Francisco Cabello Navas
- BRAGANÇA**: Samuel Sauí
- BARRA BONITA**: Juvenal Pompéo
- BARRETOS**: Moreira & Barros
- BEBEDOURO**: Fidelis Esteves e Francisco Veloso
- BAURU**: José Ramos de Paula e José Carvalho de Almeida Montelro
- BARIRY**: José Raphael de Almeida
- BICA DE PEDRA**: João Fernando Prado
- BELLO HORIZONTE**: Giacomo Aluotto & Irmão
- BOTUCATU**: Cesar, Toledo & Cia.
- BAHIA**: Romualdo dos Santos e Nívio & Pinto
- BELEM**: J. B. dos Santos & Cia.
- CAPITAL**: Casa Garraux, Livrarias Alves, Lealdade, Acadêmica, Teixeira, Magalhães e Livraria do Globo
- CAYEIRAS**: Pedro Fernandes Lara
- CAÇAPAVA**: Paulo Andrade e A. Andrade Netto
- CACHOEIRA**: João Barbosa Ferraz Filho
- CAMPINAS**: P. Genoud e Antonio Albino Juniro
- CABRAS**: Nagib José
- CASA BRANCA**: Anysio Baptista de Mello
- CRAVINHOS**: José Caropreso
- CABO VERDE**: Dr. Carlos de Souza
- CAMPANHA**: Fabio da Veiga Oliveira
- CAXAMBU**: Dr. Polycarpo Viotti
- CURITYBA**: J. Cardoso Rocha
- CORUMBA**: João Antonio Esteves
- CURRALINHO**: Nabor Silva
- CAMPO GRANDE**: Saites Campos.
- CASTRO**: Cel. Francisco Tiburcio da Silva Brasil
- CAMPOS DO JORDÃO**: M. Corrêa
- CRUZ ALTA**: L. P. Barcellos & Cia.
- DOIS CORREGOS**: Cel. Joaquim Marcondes do Amaral
- DIAMANTINA**: Dr. Argel Andrade
- DOURADO**: Jacomo Carlo
- FRANCA**: Hygino Caleiro & Sandoval
- FLORIANOPOLIS**: Paschoal Simone & Filhos
- GUARATINGUETA**: Henrique Fonseca
- ITAPIRA**: João da Silveira Mello
- ITU**: Antonio Ferreira Dias
- ITAPOLES**: Dr. Orestes C. Sene Junior
- JAHU**: Americo de Fraga Moreira
- JABOTICABAL**: Aiceblades Fontes Leite
- JARDINOPOLIS**: João Cernach
- JANUARIA**: Luiz de Castro Araponga
- JUNDIAHY**: Nicolau Cardereiii
- JOAQUIM EGYDIO**: Attilio Martins
- JUIZ DE FORA**: José Ferraz
- LISBOA**: Livraria Ferreira
- LAVRAS**: Dr. La Fayette de Padua
- MANA'OS**: Cesar, Cavaranti & Cia
- MOCO'CA**: Manoel Oca
- MONJOLINHO**: Pedro Fernandes Lara
- MONTE ALTO DE JABOTICABAL**: Antonio Villas Bôas
- MOGY MIRIM**: Demetrio Pietti
- MONTE SIAO**: André Jacconi
- MUZAMBINHO**: José Poli
- MARIANNA**: Pharm. Raymundo de Oliveira Moraes

**MONTE ALEGRE:** Arthur Ayrosa  
**MONTES CLAROS:** José Dias de Sá  
**MATTO GROSSO DE BATA-TAES:** Manoel Cesarlo de Campos  
**NAZARETH:** Olandim Fumes  
**OURO PRETO:** Edmundo Tarquinio Pereira e Manoel Cruz  
**PARAIYBUNA:** Paulo Andrade  
**PINDAMONHANGABA:** Benedicto Ribeiro e José Athayde Marcondes  
**PIRASSUNUNGA:** José Ferreira de Albuquerque  
**PINHEIROS:** Paulino Pinto  
**PALMEIRAS:** Borba & Villela  
**PIRACICABA:** Pedro Ferraz do Amaral e Antonio F. de Moraes  
**PARNAHYBA:** Antonio Corrêa do Amaral  
**PYRAMBOIA:** Luiz Chaguri  
**PORTO FELIZ:** Eduardo Motta  
**PEDREGULHO:** Alfredo Alonso Gaizante  
**PRESIDENTE ALVES:** Carvalho & Ferraz  
**PASSOS:** José Scalmani  
**PITANGUY:** Luiz Gonzaga Junior  
**POUSO ALTO:** Philadelpho de Souza Nilo  
**PARANAGUA:** Rocha & Picanço  
**PORTO FERREIRA:** Lólio da Silva Oliveira  
**PARAIHYBA:** Gonçalves Penna & Cia. e Francisco Feliciano  
**PORTO ALEGRE:** L. P. Barcellos & Cia.; Carlos Echenique; e Cunha, Rentzsch & Cia.  
**PIAUIY:** A. Carvalho & Cia.  
**QUELUZ:** José de Paula França  
**QUIRIRIM:** Paulo Andrade  
**RIO DE JANEIRO:** Agencia Cosmos, Braz Lauria, Araujo & Lopes e Livrarias Garnier, Alves, Briguiet e Castilho  
**RIBEIRÃO BONITO:** Jorge Ferraz  
**REDEMPÇÃO:** Joaquim Braga Paula  
**RIO PRETO:** Francisco Mesquita  
**RIBEIRÃO PRETO:** José Séfies e Verissimo dos Santos  
**RECIFE:** Ramiro M. Costa & Filhos e Manoel Nogueira de Souza  
**S. CARLOS:** Dr Carlos da Silveira  
**SANTOS:** José de Paiva Magalhães e André Soares Couto  
**S. JOÃO DO CURRALINHO:** Nabor Silva  
**SANTA ISABEL:** Virgílio Wey  
**SANTA ADELLA:** Esmeraldo Figueiredo  
**S. MANUEL:** Francisco Martorelli  
**S. ROQUE:** José Hyppolito da Silva  
**S. JOSÉ DO RIO PARDO:** Anyso Baptista de Meilo  
**SANTA CRUZ DO RIO PARDO:** Dr. Aivaro Camera  
**S. JOAQUIM:** Jacomo Cernach  
**S. SIMÃO:** José Luiz de Carvalho  
**SANTAROSA:** Americo de Paiva Pinheiro  
**SERRA AZUL:** José Luiz Carmo  
**SERRA NEGRA:** José Gomes Junior  
**S. SEBASTIÃO:** Antonio Argino da Silva  
**SOCCORRO:** Aurelio Martins  
**S. JOÃO D'EL-REI:** Bel. Custodio Baptista de Castro  
**S. THOMAZ DE AQUINO:** Alvaro de Almeida Coelho  
**S. SEBASTIÃO DO PARAIZO:** J. Aristheu de Castro e Carlos Orsi Parenzi  
**SABARA:** José Alves Nogueira  
**S. LUIZ DO MARANHÃO:** Ramos d'Almeida & Cia.  
**SANTA MARIA:** L. T. Barcellos & Cia.  
**TAUBATE:** Gabriel Nogueira de Toledo  
**TREMEMBE:** Paulo Andrade  
**TAQUARY:** Joaquim Rodrigues  
**TATUIY:** Antenor Dias da Silva  
**THEREZINA:** A. Carvalho & Cia.  
**TAQUARITINGA:** Simeão Pereira dos Santos  
**TARU-ASSU:** Nicolau Sinogoa  
**UBERABINHA:** Prof. Honorio Guimarães  
**UBERABA:** João Ribeiro Beilo  
**VALLINIOS:** Hygino Carlos Steilin  
**VILLA NOVA DE REZENDE:** José Polli  
**VILLA ADOLPHO:** Augusto Roque  
**VARGINHA:** Joaquim Getulio Ferreira  
**VILLA NOVA DE LIMA:** José de Avila Oliveira  
**VILLA OLYMPIA:** Jovelino Antonio de Oliveira

# As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua  
Turbinas e accessrios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado  
e pertences

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

**Rua de São Bento N. 29-G**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS D' O ESTADO DE S. PAULO



# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

OLIVEIRA LIMA . . . . . da Academia Brasileira	A Revolução pernambucana. . . . .	115
ALBERTO DE OLIVEIRA . . . . . da Academia Brasileira	Galatêa. . . . .	133
VICTOR GODINHO . . . . .	O problema da alimentação . . . . .	139
F. BADARO' . . . . .	Cães e veados . . . . .	147
FRANCISCA JULIA . . . . .	Sonetos . . . . .	151
HUMBERTO DE CAMPOS . . . . .	Os Aturés . . . . .	153
MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . . . . da Academia Brasileira	Livros... . . . .	158
ALBERTO SCABRA . . . . .	Os versos aureos de Pythagoras. . . . .	172
FIRMINO COSTA . . . . .	Vocabulario analogico . . . . .	184
LABIENO . . . . .	Machado de Assis . . . . .	195
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	202

*(Continúa na pagina seguinte)*

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 14 - ANNO II

VOL. IV.

FEVEREIRO, 1917

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



**RESENHA DO MEZ** — Lafayette Rodrigues Pereira - Fins da educação sob o ponto de vista brasileiro (*Carlos da Silveira*) — Movimento literario — Fagundes Varella (*Alberto de Oliveira*) — O problema militar (*P. P.*) — Os fumadores de maconha no Brasil (*Rodrigues Doria*) — Na penitenciaria de Buenos-Aires (*Celso Vieira*) — O serviço sanitario nos Estados Unidos — Anthero de Quental nos Estados Unidos — A escola rural nos Estados Unidos — Jogos floreaes luso-brasileiros — A questão do latim — A hygiene do trabalho intellectual — Religião e Sport — Como se nasee — Publicações recebidas — As carieaturas de mez — **ILLUSTRAÇÕES**; Retratos de Lafayette Rodrigues Pereira e Albérto de Oliveira — Um autographo do Imperador D. Pedro I.

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos indit os

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PRDPIEDAD DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA      REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO  
ALFREDO PUJOL      SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO . . . . .	15\$000
SEIS MEZES . . . . .	8\$000
ESTRANGEIRO . . . . .	20\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$500
NUMERO ATRAZADO . . . . .	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52      S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

**TELEPHONE, 745**

**SÃO PAULO**

# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . . £ 2.000.000

„ realizado. . . . £ 1.000.000

Fundo de reserva . . . £ 1.000.000

Succursaes em: BAHIA,

RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,

ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Einittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subseqüentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

**DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA** e **JOÃO ARANHA NETTO** — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

**O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE** tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

**DR. S. SOARES DE FARIA**—Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

**DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO**—Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

**DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE** —Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

**DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA.** —Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. **Condes.**

**DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO** —Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

**DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR** — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

**DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA** — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residência: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

## MEDICOS:

**DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA** — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Líbero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

**DR. AYRES NETTO** — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuya n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

**DR. SYNESIO RANGEL PESTANA**—Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças**—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifácio 8-A, das 15 ás 16 horas.

**DR. SALVADOR PEPE** — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

**DR. ALVARO CAMERA**—Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

## TABELLIÃES:

**O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA,** tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

**ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO** — Corretores officiaes—Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

**DR. ELOY CERQUEIRA FILHO** — Corretor Official —Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

**CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES** — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de aplices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

## ENGENHEIROS:

**HERIBALDO SICILIANO** — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 86-A.



SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Cidade)  
— Rua Aivares Penteadó — S.  
Paulo.

**DESPACHANTES:**

BELLI & COMP. — Santos:  
Praça da Republica, 23. Teleph.  
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-  
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,  
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,  
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.  
Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em ease-  
mira ingleza. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plas-  
tino — Emprega só fazendas ex-  
trangeiras — Rua do Thesouro, 3  
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAES E IMPORTADO-  
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.  
— Papelaria, typographia, ene-  
dernação—Telephone 792—Caixa  
545 — Rua S. Bento, 31. — S.  
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-  
de Fabrica de Malas e Canastras  
Offeina para concertos. — Do-  
mingos Macigrande. — Rua São  
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-  
telas de easas de penhores e do  
Monte de Socorro de S. Paulo  
— A CASA MARCELLINO eom-  
pra e paga bem.—Praça Antonlo  
Prado, 14 — Telephone 4.692 —  
S. Paulo.

**Loteria de S. Paulo**  
Em 16 de Março

**100:000\$000**

Em 2 grandes premios de 50:000\$000

INTEIRO 4\$000 - MEIO 2\$000

*Os bilhetes estão á venda em toda parte*

BEBAM

---

WHISKY DEWAR  
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

— e —

AGUA MINERAL

Perrier

O  
INIMIGO DO  
ACIDO URICO



A  
CHAMPAGNE DAS  
AGUAS DE MESA

---

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

---

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes*

*Rua 15 de Novembro, 30*

*São Paulo - Paris*

# Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS  
FINOS, CHOCOLATES E  
LICORES

A UNICA FABRICA QUE EX-  
PORTA CHOCOLATE PARA A  
EUROPA.

Rua Piratininga, 27  
Caixa do Correio, 201  
S. PAULO

*Casa fundada em 1895*

PRAZO DEZ MEZES  
JUROS MODICOS



## Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8  
Telephone N. 1195  
End. Telegr.: EMISEL  
SÃO PAULO

PLACAS  
ESMALTADAS  
E DE METAL

*Massucci Peracchi  
Nicolli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS  
CARIMBOS  
DE BORACHA  
FORMA PARA SABONETE.



ESCRITORIO · Rua Florencio de Abreu 52  
FABRICA · Rua dos Alpes 79 S. PAULO

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os julzes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

# Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

## JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511  
ESTABELECIMENTO DE 1.<sup>A</sup> ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,  
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

## Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

### Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



# WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Telegr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

## IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANIZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS; BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

## AGENTES

da Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIANÇA" de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marea "J. B. W." de J. B. White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd. de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras marcas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CACHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de Johnson Clapham & Morris - Manchester.



# REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impecavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthém, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LER-A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECÇÕES de educação social, de educação privada.

SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECÇÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originaes de fogão e forno.

SERVICO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correlo.

Dirijam suas cartas á Directora  
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

*Vicente Lattuchella*

*Alfaiate*

RUA BÔA VISTA, 56

S. PAULO

# CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

LOUÇAS, VIDROS,  
FERRAGENS DE COSINHA

VENDAS A VAREJO

E POR ATACADO

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS DO

O ESTADO DE S. PAULO

EXECUTA-SE QUALQUER  
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145

TELEPHONE 725 S. PAULO

---

---

## A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA

---

Como se sabe, o eminente historiador dr. Oliveira Lima está preparando uma edição da História da Revolução de 1817 do Padre Muniz Tavares acompanhando o texto de notas. Do valor excepcional dessas notas poderão os leitores ter uma idéa pela publicação de algumas que hoje fazemos. São as que se seguem:

### V

A população da capitania de Pernambuco, abrangendo politicamente a de Itamaracá e administrativamente a do Rio Grande do Norte — o Ceará fôra desannexado no começo do seculo XIX — devia orçar por 600.000 habitantes disseminados sobre uma superficie de mais de 10.000 leguas quadradas, segundo o calculo do auctor anonymo de um eurioso manuscrito sobre as *Revoluções do Brasil* de que apenas se salvaram alguns capitulos dando uma *Idéa geral de Pernambuco em 1817*, os quaes foram publicados na *Rev. do Inst. Arch.* n. 29, anno de 1884. Este auctor, ao que diz, teve em suas mãos as listas officiaes, mas reputa mui difficil formar juizo pelos mappas que os governadores exigiam todos os annos dos capitães-móres e parochos das freguezias, afim de os remetterem á Secretaria d'Estado.

As proprias familias escondiam o numero exacto de filhos pelo horror ao reerutamento para serviço militar, e os parochos e capitães-móres tambem diminuiam intencionalmente o numero dos habitantes para evitar, aquelles, a divisão das suas freguezias e portanto a redução das congruas; estes a criação de novas villas e portanto o cerceamento da area da sua auctoridade.



Para mostrar que Pernambuco era a capitania de população mais mesclada e mais pobre de gente branca, o referido autor, de sentimento muito portuguez, muito anti-patriota, e que não poupa o ardor da sua maledicencia avaliava o numero dos negros eaptivos em 260.000, dos negros livres em 60.000 e dos mulatos em 160.000, contra 50.000 brancos e 40.000 indios. A população escrava crescia sobretudo pelo trafico e constituia todo o elemento de trabalho, rural e domestico.

Nos campos a população livre era representada, na zona das mattas, pelos senhores de engenho, pelos lavradores meieiros na produção e pelos moradores, foreiros ou não. Tollenare (*ob. cit.*) tantos elogios tem para os segundos, cuja diligencia e dignidade lhe pareceram communs e dizia apreciar, como desprezo pelos terceiros, que achava no geral preguiçosos e servis, o que os não impedia de serem occasionalmente vingativos, precavendo-se contra elles os donos das terras expostos a tal perigo. Os lavradores personificavam uma tendencia para a burguezia; os moradores formavam o povo. O chamado sentimento aristocratico não podia ser espalhado nem genuino n'uma sociedade onde não existiam certos privilegios, nem titulos de nobreza colonial, nem grandes riquezas accumuladas. O que assim litterariamente se chamava era antes o orgulho da primazia ou da tradição, revelando-se pelo gosto do dominio, que a instituição servil robustecia. As proprias democracias podem ser orgulhosas e dominadoras, e o Brasil era socialmente uma democracia si bem que se encaminhando para uma oligarchia politica, que o Imperio não deixou medrar com o viço a que aspirava.

Na cidade o elemento commercial era o mais importante, excedendo o buroeratico. O amor ao ganho figura como seu traço capital, mas para pôr em circulação os lucros aferrolhados, contavam-se dous poderosos incentivos: o jogo e a libertinagem. Natruaes do Reino, os negociantes do Recife inclinavam-se naturalmente para o sentir portuguez em materia politica, a qual no caso em questão se não podia separar da materia economica. O antigo regimen de exclusivismo lhes era por isso sympathico, o que levava o observador francez a registrar nas suas notas semanaes: "Certo é difficil ser-se ao mesmo tempo rei de Portugal e do Brasil, e agir paternalmente para com dous povos que tem interesses tão oppostos. Um não pode viver sem o monopo-

lio; o progresso do outro exige a sua suppressão". O Recife tinha então para mais de 25.000 almas; Olinda menos de 4.000.

Um outro elemento da população, e este bem nacional, era o dos sertões, representado pelos plantadores de algodão, predominantes na zona denominada agreste, e criadores de gado, cuja prosperidade tinha por inimigo as seeças.

Abrangia esta ultima classe os donos de sesmarias de 6, 8 e 10 leguas quadradas, onde 4 a 6.000 animaes por fazenda andavam soltos nas brenhas, e seus dependentes, gente toda robusta e destemida, sabendo tanger o gado e reunil-o para marcar-o, abatel-o para aproveitar-lhe os couros e seeear a carne ao sol, ou conduzil-o em boiadas para o littoral (Tollenare *ob. cit.*)

Estes sertanejos completavam o esboço da classe media pernambucana, outrosim formada pelos agrieultores fixados nas terras dos grandes proprietarios, pelos caixeiros e pelos empregados publicos, numerosos e mal pagos estes ultimos, mas acensados de ajudar com os fructos do peulato e da corrupção os magros salarios que lhes andavam attribuidos. Era gente toda ella pouco apta a comprehender os motivos de ordem moral jacentes sob a erupção de um movimento autonomista, mas habilitada a apreciar as razões, verdadeiras ou tendeneiosamente adduzidas, de ordem material, que o provocavam. Aos espiritos illustrados ficava reservada a convieção da justiça de semelhante movimento: outros muitos, porém, a applaudiriam por instincto, ou, como se poderia dizer mais rigorosamente e mais pretenciosamente, pela acção do sub-conseiente.

## XI

"Os sacerdotes formavam a classe mais instruida do paiz, e por este proprio faeto se aninhava entre elles o mais vehemente amor á liberdade" — observava o annotador d'esta *Historia* na sua monographia sobre o desenvolvimento historico de Pernambuco. Uma semana depois da sua chegada a Pernambuco o francez Tollenare, indo jantar a Olinda com os carmelitas descalços do convento de Santa Thereza, já registrava nas suas notas que "não era essa a primeira vez que notava que entre os frades,



mesmo mendicantes, se encontrava mais espirito e instrucção do que nas outras classes”.

Presunha elle portanto que “não era senão n’esta superioridade de conhecimentos que se devia procurar a causa da manutenção da sua existencia em meio da opinião geral que reclamava a sua suppressão, opinião que tinha penetrado das classes elevadas ás medias e que se manifestava em todos os estados portuguezes com a maxima liberdade”.

Tollenare diz que teve por essa occasião de fazer frente ao guardião e a um outro frade, aos quaes nenhuma das circumstancias da Revolução Franceza era estranha, mostrando suas infundaveis controversias a erudição que possuíam e o desejo de instruírem-se de que se achavam animados. A politica européa era a sua mania, commenta o francez, e podemos ajuntar ser frequente o traço.

A revolução de 1817 póde quasi dizer-se que foi uma revolução de padres: pelo menos constituíram o seu melhor elemento, o que mais provas deu de sinceridade, de isenção e de devotamentó, aquelle onde se recrutaram, com poucas excepções, seus dirigentes. A lista dos que participaram no movimento e soffreram pelas idéas que tinham feito suas, encontra-se reproduzida de Antonio Joaquim de Mello, no estudo do sr. Mario Mello sobre a *Maçonaria e a Revolução republicana de 1817* (*Rev. do Inst. Arch.*, n. 79, vol. XV, 1910). Abrange no seu avultado numero conegos e governadores do bispado, vigarios, coadjutores, regulares e seculares, dos quaes dous se suicidaram, quatro foram suppliciados e muitos condemnados á pena de prisão na Bahia.

O cathecismo liberal imbuira de tal modo o clero nacional que o governador do bispado, deão Manoel Vieira de Lemos Sampaio, chegaria a publicar uma pastoral em que declarava não ser a revolução contraria ao Evangelho, porquanto a posse e o direito da Casa de Bragança eram fundados n’um contracto bi-lateral, estando os povos desobrigados da lealdade jurada por ter sido a dynastia quem faltou primeiro ás suas obrigações. Era esta, em sentido diverso, a doutrina invocada nas colonias hespanholas, nomeadamente em Buenos Aires, para justificar o grito da Independencia. A fidelidade era devida ao Rei, suzerano directo das colonias, não á metropole: o laço era



portanto pessoal e desaparecera, visto que o Rei se achava, se bem que sem culpa propria, coacto, preso e deposto.

Padres assim politicos não podiam ser sacerdotes de vida canonicamente exemplar. Amancebados muitos delles, davam o mau exemplo e o numero de ecclesiasticos desordeiros não era tão limitado quanto o exigiria a disciplina. Aliás a vida monastica, theoreticamente contemplativa, já pouca seducção exercia. Koster, ao descrever o raro spectaculo a que assistiu, no convento de São Francisco de Iguarassu, da profissão de um noviço, observa que em outros tempos havia pelo menos um frade em cada familia, mas que as cousas tinham mudado, preferindo os rapazes outras occupações. Não havia mais na capitania convento algum cheio e alguns mesmo tinham sido abandonados. O noviço, que não tinha mais de 16 annos, parecia intimidado. Recommendando-lhe o guardião que não tivesse vergonha, commentou por gracejo um dos assistentes que a pouca vergonha era de facto a regra da Ordem. (Koster, *ab. cit.*)

### XXIII

As idéas republicanas no Brasil são, pode dizer-se sem risco de incorrer em inexactidão, o resultado directo das suas sociedades secretas, algumas d'ellas disfarçadas com o nome de *academias*, devendo englobar-se n'essas instituições de caracter revolucionario as lojas maçonicas, importadas do estrangeiro, rebentos de arvores europeas, ou meras ereações originaes, americanas. As chamadas academias não eram portanto mais, como o tinham sido no seculo XVIII as bahianas, dos Esquecidos e dos Renascidos, o reflexo ou a imitação local das que tinham constituído a feição intellectual portugueza desde os fins do seculo XVII e vieram a tornar-se predominantes no seculo immediato, quando o conde da Ericeira, prototypo do erudito academico, amontoava na bibliotheca do seu solar 43 volumes escriptos do seu punho e o duque de Lafões, um lettrado cosmopolita, e o abbade Corrêa da Serra, um botanico notavel, fundavam a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

A historia das academias recifenses é obscura e faltam dados precisos para reconstituil-a, como seria mister. Não se co-

nhece melhor a do denominado areopago de Itambé, de que teriam derivado as academias Suassuna e do Paraizo e que se julga (Mario Mello, *A maçonaria no Brasil, Prioridade de Pernambuco*, Recife, 1909) haver sido creada antes de 1800 sob a inspiração e direcção do sabio Manoel de Arruda Canara que regressára da Europa ao seculo XVIII.

A cultura espiritual, fructificando n'um meio colonial que tendia a nacionalizar-se n'uma marcha agora accelerada, numa época de transformação mental como era essa, não podia deixar de conduzir as intelligencias á solução da independencia sob a forma democratica, que era a solução preconizada nas sociedades secretas do Velho e do Novo Mundo, nas quaes, a par da liberdade se ensinavam a igualdade e a fraternidade. O sr. Mario Mello recorda a este proposito a phrase do deão Bernardino Luiz Ferreira Portugal, que foi quem fez a entrega da bandeira aos revolucionarios em armas: "O nosso Pai que está nos céus creou livres todos os homens (*A Maçonaria e a Revolução republicana de 1817*, na Rev. do Inst. Arch., vol. XV, n. 79).

Nas sessões d'essas sociedades pernambucanas, que reuniam sacerdotes, elemento de illustração e mais impregnado de nativismo politico que de universalidade religiosa, medicos e outros cultores das sciencias naturaes, e capitães-móres abastados e emproados, se discutiam á luz dos novos principios de direito natural os assumptos de politica geral e as condições particulares da colonia, procurando-se congraçar suas aspirações com idéaes da epocha. Tollenare conta, que na sua casa, varias vezes na semana, se congregavam á tarde alguns conhecidos, entre elles o padre João Ribeiro, José Carlos Mayrink, que o Dr. Vicente Ferrer espirituosamente chrismou de pai do "adhesismo nacional" porque serviu com todos os governos, e o director da alfandega, afim de palestrarem mais que tudo sobre a transformação das idéas na França.

"Concordavamos — registra o viajante nas suas notas — sobre o progresso das luzes entre os povos, sobre a caducidade de muitas das suas instituições, sobre o principio que faz emanar da propria nação a auctoridade de que estão revestidos os reis, sobre a impossibilidade de entrar o impulso que leva todos os povos a reverem os poderes dos seus magistrados, sobre a necessidade de dirigir este impulso para impedil-o de levar a anar-



chia". Caetano Pinto, informado d'estas conversas e das opiniões professadas pelo dono da casa, achava-as moderadas e não lhes regateava mesmo o seu applauso, segundo mandou dizer a Tollenare quando á ultima hora entrou a receiar perturbações da ordem.

O padre João Ribeiro disse n'uma d'essas reuniões que se podia por um momento adormentar a liberdade, mas que esta tinha sempre o seu despertar. Este despertar souo em Pernambuco a 6 de Março, buseando os responsaveis pelo movimento inflammam e tornar de subito consciente o povo que todos convinham até ahi ser em demasia "ignorante e inepto para comprehender outra cousa além da obediencia passiva e irreflectida" (Tollenare *ob. cit.*)

O areopago de Itambé era uma sociedade secreta politica e maçonica no seu espirito, senão no rito, que lhe teria sido talvez posterior. De accordo com Manoel de Arruda Camara trabalhavam, além dos indicados pelo Dr. M. L. Machado na *Introdução* á 2.<sup>a</sup> edição d'esta Historia, seu irmão Francisco de Arruda Camara, igualmente medico, e os irmãos Francisco de Paula, Luiz Francisco de Paula e José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, o primeiro d'elles senhor do engenho Suassuna. Foram estes trez irmãos os principaes accusados de uma conspiração tendente a tornar Pernambuco independente debaixo da protecção do Primeiro Consul Napoleão Bonaparte.

Passou-se isto em 1801. O padre Joaquim Dias Martins na sua obra — *Os Martyres Pernambucanos* —, que é o manual por excellencia de Pernambuco revolueionario, conta que Francisco de Paula e Luiz Francisco foram presos por denuncia contra elles havida, e que o outro irmão, o que se achava em Lisboa como agente e emissario da intriga, se salvou fugindo para Inglaterra. Um outro emissario, Francisco de Paula de Albuquerque Montenegro, devia ir aos Estados Unidos e ao Rio da Prata com o objecto de abrir relações continentaes á projectada republica protegida.

Se o negocio se abafou foi porque correu para este fim muito dinheiro, e poderosos deviam ter sido os empenhos para livrar os indiciados pelo que a camara municipal do Recife chamava a "horrorosa calumnia de um aleivoso fanatieo e baixo intrigante". (Officio de 17 de Novembro de 1802). Recolhido



incommunicavel á fortaleza das Cinco Pontas com sentinella á vista, privado do cargo de commandante do Cabo, sequestrados os seus bens, rebuscadas as malas do correio do Reino á busca de novos indícios, foi o "coronel Suassuna" — e com maioria de razão seu irmão — solto por falta de provas depois de quatro annos quasi e restituído ao gozo das suas propriedades, honras e prerogativas, determinando a ordem regia, sem mais explicações, que se lançasse perpetuo silencio sobre a denuncia (Pereira da Costa, *Dicc. cit.*)

Como se veio a estabelecer sua innocencia, não consta do documento. Francisco de Paula, a quem o officio da Camara do Recife qualificava, quando preso de "illustre de nascimento e abastado de bens", era em 1804 capitão de ordenanças da freguezia de Jaboatão; no mesmo anno cavalleiro de Christo, pela contribuição de cinco contos para as despezas extraordinarias do Estado; em 1805 capitão-mór de Olinda, e em 1808 fidalgo cavalleiro da Casa Real.

Dissolvido por este facto e tambem pela ausencia de Arruda Camara o areopago, Francisco de Paula deu, ao que parece no anno mesmo da sua libertação, a melhor prova de que não abandonára os seus idéaes, fundando no seu engenho uma *academia* no intuito de não deixar que se dispersassem os esforços liberaes. Foi essa de facto uma escola democratica onde, na phrase do padre Martins, "os adeptos e aprendizes, não só da provincia e nacionaes mas ainda estrangeiros achavam luz, agasalho e subsidios".

Por esse tempo já a maçonaria fôra transplantada para o Brasil. Pereira da Costa (*Arquivo Maçonico*, Dezembro de 1910) fixa o anno de 1801 como data da sua introdução por meio de varias lojas abertas no Recife, donde teria a propaganda irradiado para o interior, vindo a constituir-se na Bahia o primeiro Grande Oriente ou Governo Supremo, formado por irmãos iniciados na Europa e já figurando na hierarchia maçonica na qual era abundante a clerezia. (No seu est. cit. o sr. Mario Mello reproduz o rol dos padres mações d'aquella epocha). Esse Grande Oriente visava a ser um centro de acção anti-tyrannica, mas o seu caracter era portuguez. A desgraçada missão do padre Roma a S. Salvador demonstraria no entanto que officinas das

duas províncias trabalhavam de harmonia n'outro sentido antilusitano.

Segundo Pereira da Costa, a installação na Bahia do Grande Oriente foi immediatamente precedida pelo estabelecimento da loja *Virtude e Razão*, para a abertura da qual dá o sr. Mario Mello a data de 5 de Julho de 1802, fundando-se em 1803 no Rio de Janeiro as lojas *Reunião*, *Constancia* e *Philanthropia*. Domingos José Martins já encontrou pois desbravado o caminho quando, tendo conhecido em Londres Miranda e sido por este instruído de muita particularidade da revolução americana, veio na intenção de estreitar os laços entre as officinas do Velho e do Novo Mundo e realizar sob a inspiração common o programma da libertação das colónias ibéricas em consequencia da "abolição da tyranmia dos reis e da alforria dos povos".

Areopago e academias eram conseguintemente verdadeiros pseudonymos, um manto de tonalidade classica sob que se abrigavam intuits modernos, levados a effeito em sigillo como o eram os processos da Inquisição, a inimiga moribunda da Maçonaria triumphante. Os rigores da policia contemporanea faziam necessaria toda a cautela: a revolução pernambucana só estalou porque os processos de tolerancia do capitão-general Caetano Pinto permittiram um preparo que tornou possivel a sedição ao primeiro embate das correntes oppostas.

No dizer do padre Martins, foi a academia Suassuna quem mais influuiu para ser transferida para o Recife a cadeira de desenho occupada no seminario de Olinda pelo padre João Ribeiro, iniciado nos "mysterios da democracia". Isto permittiu que lhe fosse confiada a administração do hospital São João de Deus, annexo á igreja de Nossa Senhora do Paraíso, edificios ambos levantados em 1686 pelo mestre de campo D. João de Souza, tendo este e sua mulher, D. Ignez Barrêto de Albuquerque doado dous annos antes o terreno precioso. No salão principal do hospital transformado em bibliotheca, entrou a funcionar uma outra academia sob a protecção do morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, mais tarde marquez do Recife (1779-1848), cujos antepassados tinham construido aquelle mesmo estabelecimento de beneficencia do qual era elle provedor por direito de successão, zelando-o desveladamente até morrer, quando passou para a gerencia da Santa Casa da Misericordia.

O morgado do Cabo, que seria depois um dos esteios do imperio constitueional, nutria então sentimentos republicanos. A propaganda entrou assim a generalizar-se extendendo-se nomeadamente ao Cabo, onde o morgado era capitão-mór; a Olinda, onde em 1815 veio assistir como ouvidor Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, o qual fundou em sua casa uma "universidade" democratica e converteu-se elle proprio n'uma "academia ambulante" (expressões do padre Dias Martins), alliciando e iniciando proselytos, como tambem o fazia José Luiz de Mendonça, o advogado mais conceituado do fôro pernambueano e espirito que a eultura juridica tornava pouco fanatico; a Iguarassu', cujo capitão-mór, Franciseo Xavier de Moraes Cavalcanti, conhecido pelo seu fausto e hospitalidade, creou uma "officina" filial das academias, onde costumava ir perorar Antonio Carlos e onde o grito de *morram os marinheiros* se proferia sem reserva. N'esta villa o eirurgião Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto abriu em sua casa uma "escola" secreta que em 1821 reinstallou como loja, dando-lhe o titulo de *Seis de Março de 1817*.

No Recife mesmo as duas principaes lojas maçonicas, que vieram a funcionar em 1814, depois da chegada da Europa dos seus respectivos fundadores, os negociantes Antonio Gonçalves da Cruz (Cabugá) e Domingos José Martins, foram a *Pernambuco do Oriente*, e a *Pernambuco do Occidente*. Citam-se ainda a *Guatimosim* e a *Restauração e Patriotismo*, sommando assim as quatro a que se reporta Muniz Tavares, secretario da academia do Paraizo. A' natureza republicana da ultima refere-se Armitage na sua *Historia do Brasil* (trad. port. Rio de Janeiro 1837).

Domingos José Martins era um mação de prestigio internacional pelas extensas relações que contava, mesmo porque sua actividade commercial abraçára, aliás sem grandes resultados pecuniarios, varios paizes. Seu plano favorito era approximar o mais possivel entre si as lojas brasileiras e relacionas bem com as estrangeiras, combinando-se assim os esforços de todas para o fito grandioso da emancipação politica do mundo. N'este intuito foi pessoalmente acreditar junto ao Grande Oriente da Bahia o seu futuro collega de governo provisorio Domingos Theotonio Jorge Martins Pessoa, enquanto o coronel



Suassuna seguia para o norte—Paralyba, Rio Grande e Ceará — por onde as lojas maçônicas se iam alastrando.

E' muito provavel que a maçonaria nacional tenha sómente assumido mais definitivamente este character depois da acção internacional de Domingos Martins e de Cruz Cabugá. As primitivas sociedades secretas — areopago, academias, universidades, officinas, etc. — eram certamente centros *brasileiros*: as lojas propriamente maçônicas tinham sido, pelo contrario, de origem portugueza. Installada por portuguezes foi a loja bahiana *Virtude e Razão*, do rito francez, que se subdividiu e foi o nucleo do Grande Oriente do Brasil, ao qual era subordinada, como escreve o auctor d'esta *Historia*, a grande loja provincial de Pernambuco que dirigia as quatro apontadas.

As tres lojas do Rio de Janeiro de que se fez menção foram auctorizadas pelo Grande Oriente Luzitano, ao qual estavam filiadas, sendo porém curto o seu vôo por terem sido denunciadas ao conde dos Arcos, vice-rei antes da chegada do Principe Regente. Perseguidas pelo representante da autoridade regia, no exercicio dos seus deveres, tiveram de fechar, mas continuou vivaz a idéa, mesmo porque a perseguição raramente consegue entibiar os enthusiasmos, antes os estimula. Em 1815, sob o regimen da côrte, era installada a loja *Commercio e Artes* que mais tarde, em 1821, nas vespervas da independencia se subdividiu em tres — *Commercio e Artes, União e Tranquillidade e Esperança de Nicterohy* para a organização do Grande Oriente do Brasil. (Manoel Joaquim de Menezes, *Exposição historica da Maçonaria do Brasil*).

Depois da revolução pernambucana cessou o systema de tolerancia usado com ás sociedades secretas — si tolerancia se pode chamar uma relativa negligencia — e entraram ellas a ser vigiadas de perto e dissolvidas, creando-se no Rio, para punição dos culpados, um juizo da Incofidencia. Conta Antonio de Menezes Vaseoncellos Drummond, nas annotações á sua propria biographia publicada n'um dictionario francez de contemporaneos (*Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro*, vol., XIII), que na especie de terror produzido por esse assomo de violencia da parte de governo tão paternal, muitos mações entenderam denunciar-se a si mesmo, entre elles o conde de Paraty, camarista e valido do Rei. O castigo que o monarcha lhe infligiu foi jocoso

e prova a sua bonhomia: mandou-o entrar para a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência e conservar-se no Paço durante todo o dia do juramento com o habito de irmão. O Marquez de Ongeja, outro mação confesso, resgatou sua falta entregando toda a prata da sua casa para servir as necessidades do Estado.

Como se vê, aristocratas portuguezes faziam parte das sociedades secretas do tempo. A maçonaria pode nas suas varias ramificações visar a fins politicos diversos, e não tinham certamente identico objectivo os mações portuguezes e brasileiros afóra ideal commum de liberdade humana. Agora mesmo, na perturbação dos espiritos produzida pela conflagração européa, vemos a maçonaria portugueza, connivente hontem com a abolição da monarchia e a suppressão violenta do soberano, ser eminentemente francez nos seus sentimentos, ao passo que a maçonaria hespanhola deixou de fazer alarde de republicanismo e parte della até se mostra germanophila, tal qual o elemento catholico.

A maçonaria tanto em Portugal como no Brasil tinha por objecto primordial o que o padre Dias Martins chama "iniciar proselytos nos segredos da liberdade" e, segundo o mesmo autor, outro fim não teve a ida do padre João Ribeiro a Lisboa senão "apertar os laços suassunais", isto é, estreitar as relações da academia do engenho Suassuna com o centro maçonico luzitano. No dizer do sr. Pereira da Costa (*A Maçonaria em Pernambuco*) aquelle sacerdote, o padre Miguelinho (Miguel Joaquim de Almeida Castro), lente tambem do seminario de Olinda, e o padre Luiz José Cavaleanti Lins, vigario de Santo Antonio do Recife, foram iniciados mações em Lisboa em 1807, tornando-se membros conspicios da loja que com intuitos puramente politicos se fundou em Pernambuco em 1809.

A certa distancia bifurcou-se o caminho percorrido pelas duas maçonarias, cada qual tratando de organizar em seu proveito a liberdade, uma pela implantação de um regimen de facto democratico sob o seu ouropel — a expressão pertence ao mosenhor Muniz Tavares — de realza constitucional, a outra pela proclamação previa da independencia politica. O facto do anno de 1817 ser tambem o anno da conspiração portugueza de Gomes Freire, grão-mestre da maçonaria luzitana, parece

indicar que não cessára entre ambas a intelligencia. Ha quem diga, e houve então quem pensasse que, apesar dos mações portuguezes andarem excluidos do melhor dos sigillos das lojas brasileiras, tramando-se a alliança nacional na ignorancia dos adeptos locaes europeus, existia um concerto para um movimento sedicioso nos dous reinos, tendo por primeiro objectivo forçar Dom João VI a regressar para Lisboa.

Os portuguezes reclamavam o seu Rei e as suas regalias de metropole, e os mações tanto quanto os coreundas queriam ter o monarcha á mão para o fazerem um titere, consoante suas respectivas preferencias. Os Brasileiros tinham toda a vantagem em afastar o obstaculo principal á reparação do seu paiz, almejando a maçonaria nacional formar uma patria antes de poder pensar em sacrificar esta noção particular em pról do maior, do universal idéal humano.

## XXVII

Dos heroes da revolução é Domingos José Martins aquelle cujo character mais se presta a ser discutido. Foi com certeza o mais audaz dos civis, mas ao mesmo tempo era o mais caleulista de todos os insurgentes. Natural do Espirito Santo, iniciou na Bahia sua vida commercial que o levou até Londres, onde negociou e quebrou, dizem seus inimigos que fraudulentamente. No Ceará, para ondê se retirou, ganhou na alta do algodão alguns modestos capitaes com que se mudou para o Recife, soccorrendo-se da agricultura para augmentar seus proventos.

Adquirira na Europa certo traquejo mundano e amplas relações maçonicas. Ambicioso de riqueza e de posição, seu primeiro cuidado, depois da revolução, foi forçar o rico negociante, Bento José da Costa, a conceder-lhe a mão de sua filha, que lhe havia antes recusado. Para isto diz Tollenare que recorreu á ameaça. Conseguira facilmente impor-se no meio pernambucano pelo seu ar estrangeirado e pelas suas manobras secretas. O citado viajante francez, que lhe votava grande antipathia — pelo motivo, segundo conta, de haver recusado o seu brigue *Felicité* para ir buscar farinha de trigo nos Estados Unidos — falla do seu tom doutoral, da empafia com que se dava por entendido em politica e administração inglezas, da sua mediocridade enfatuada.

Descontado o elemento pessoal que existe n'essa critica e que lhe fornece o seu tom exaggerado, o que fica é bastante para, de accordo com outras informações e a mera suggestão dos acontecimentos, reconstituir o seu typo feito de verbosidade metaphysica, de "affabilidade protectora", e de energia ebiçosa de mando e de fortuna. Os serviços prestados á revolução por Domingos José Martins foram comtudo innegaveis e importantes. Antes do movimento era a sua casa uma d'aquellas em que tinham lugar os jantares nativistas; ahi se congregavam os officiaes brasileiros, aos quaes elle emprestava dinheiro, quando se achavam em apuros financeiros, e pregava liberdade a proposito de tudo; no momento da sua prisão, mostrou coragem, e por occasião do levante manifestou sangue frio e iniciativa; no desenlace revelou inquebrantavel firmeza de animo. Não era certamente uma figura banal.

## XXVIII

Era natural do Recife e homem rico e viajado, professando o maior enthusiasmo pelos principios liberaes que aprendera na convivencia franceza. Vivia na rua do Cabugá, d'onde a sua alcunha, e possuia um sitio no Manguinho: em ambas as residencias exercia profusa hospitalidade, convertendo-as em centros de conspiração, tanto mais perigosos quanto eram de caracter faustoso e generoso. Os Portuguezes chamavam a sua casa da eidade "capella de baptisados maçonieos", n'ella enxergando uma especie de templo revolucionario, decorada como era com retratos dos vultos mais notaveis da Revolução Franceza e da Revolução Americana, e encerrando uma escolhida bibliotheca politico-democratica.

Um dos primeiros, senão o primeiro apontado como conspirador, quiz subtrahir-se ás perseguições, vendendo as propriedades e retirando-se para os Estados Unidos. Já era porém tarde: denunciado formalmente, ia ser preso quando rompeu o movimento, no qual tomou parte activa. Da sua missão diplomatica aos Estados Unidos fallará mais adiante esta *Historia*. N'ella foi seu secretario Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira (1788-1859), mais tarde barão de Cimbres, filho de um negociante do Recife, alumno do seminario de Olinda e de-



pois da Universidade de Coimbra, onde cursou mathematicas até que, quando foi da invasão franceza, teve de voltar para Pernambuco d'onde partiu em 1811 para Inglaterra.

O seu conhecimento do idioma inglez determinou sua escolha para acompanhar o emissario dos rebeldes. Domingos Malaquias trabalhára na lavoura e na administração e adheriu ao movimento republicano, que certamente não ignoraria, pois que Cruz Cabugá não excluira do segredo da revolução senão os mações europeus. Dos Estados Unidos, onde permaneceu um anno, voltou á Europa, estudando sciencias naturaes em Paris. Em 1820 achava-se a salvo na sua provincia natal, tendo de certo sido favorecido por influencias de familia. Deputado ás Côrtes de Lisboa em 1821, exerceu durante o Imperio varios cargos publicos, tendo sido inspector da alfandega, deputado geral e presidente interino de Pernambuco.

Cruz Cabugá, condemnado á morte á revelia e com os bens confiscados, só voltou ao Brasil em 1826, para de novo regressar para os Estados Unidos na qualidade de consul geral do Imperio (Pereira da Costa, *Dicc. cit.*)

No dizer de muitos — certamente não dos seus inimigos— Cruz Cabugá vendera seus bens não tanto para escapar á sorte que o esperava, como para pagar dividas que o estavam vexando. Em sua casa jogava-se forte, e Cruz Cabugá não tinha sem duvida o talento de ganhar sempre. José Carlos Mayrink escreveu na sua *Exposição*, em contradicção com o que affirma Muniz Tavares ácerca do passaporte concedido a Cruz Cabugá para seguir para Nova York, que tal passaporte lhe foi negado e até por elle mesmo, secretario do governador, a quem dera aviso que Cruz Cabugá, uma vez vendidas suas propriedades, queria partir para Lisboa sem honrar seus compromissos. No seu dizer, era para escapar a estes e não para os saldar, que realizára tal operação.

O marechal José Roberto, que foi encarregado de prendel-o, era seu amigo intimo. Cruz Cabugá era de côr (Papeis da collecção Ourem, no Inst. Hist. do Rio de Janeiro), mas não obstante esta circumstancia, em sua casa se reunia gente da melhor, a quem elle attrahia pela sua affabilidade e trato agradável.

Antes de despachal-o para os Estados Unidos, com ins-



truções dadas por Domingos José Martins, a revolução o fez presidente do Erario, cargo que por assim dizer não occupou, porquanto sua missão diplomatica foi resolvida a 11 de Março, no mesmo tempo que Hippolyto José da Costa era encarregado da representação em Londres, a qual recusou, e Felix José Tavares de Lima era mandado a Buenos Aires para pôr-se de accordo com os revoltosos do Prata.

Cruz Cabugá foi feito cavalleiro do Cruzeiro a 1.º de Dezembro de 1822. Em 1831, quando o governo da Regencia effectuou alterações na representação exterior do paiz, foi elle nomeado encarregado de negocios e consul geral na Bolivia. O Imperio brasileiro desejava entrar em negociações com as republicas visinhas sobre as questões de limites e de navegação fluvial, no intuito de facilitar as communicações nacionaes com Matto Grosso, e em vista d'isso, em Junho d'aquelle anno, urgia o nomeado para seguir para seu posto, recommendando-lhe que fixasse o prazo da sua partida. Cruz Cabugá embarcou e foi muito bem recebido pelo marechal Santa Cruz, em Chuquisaca, onde falleceu em começos de 1833.

O governo boliviano mandou prestar-lhe todas as honras funebres e testemunhou ao governo imperial o seu sentimento. "Da nossa parte — escreve o Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de 1834, firmado por Aureliano Coutinho (Sepetiba) — tivemos de agradecer tão nobre e digno procedimento".

#### XLIV

Tollenare aponta com felicidade como era real em Pernambuco o sentimento de igualdade, mau grado a grande diversidade social,, envolvendo profundas desigualdades de condições, e mau grado tambem o systema politico de governo absoluto e de despotismo administrativo. Attribue o facto á existencia de numerosos negros e mulatos livres, gente habilidosa, exercendo artes mechanicas e profissões taes como as de alfaiate, sapateiros, etc., muitos possuindo elles proprios escravos, alguns sendo mesmo abastados, embora se não dedicassem ao commercio, todo nas mãos dos portuguezes: entre os individuos de cor contavam-se entretanto varios armadores de embarcações costeiras.



Esta situação dava aos negros e mulatos uma superioridade sobre os brancos ociosos — a classe que no Sul dos Estados Unidos era conhecida, em tempo da escravidão, pelos *mean whites*, os *brancos vis* — que virtualmente abolia a linha de separação traçada pela cor, e conseqüentemente o preconceito que n'outras colonias européas da America contribuia tanto para manter a raça negra e suas derivadas na sujeição.

Em Pernambuco, eserevia o francez, pode um braneo considerar-se melhor mas um negro ou um mulato livre considerase tão bom como um braneo. E' afinal o que recentemente notou o professor da Universidade de Yale, Hiram Bingham (*The Monroe Doctrine: An old shibboleth*), quanto á concepção fundamentalmente differente nas duas Americas sobre a questão de cor. A divergencia resume-se n'isto: nos Estados Unidos um semi-braneo é preto; na America Latina um mulato é braneo.

Acresce que, dada a constante mistura das raças, a mestiçagem entre nós era, como ainda é, variadissima, fazendo-se “a passagem de uma cor a outra por uma escala de que a vista pode contar todos os graos”. (*Notas dominicaes*).

Igualmente com acerto indica Tollenare os frades mendicantes como uma das causas da diminuição da consideração merecida pelos braneos. Esses frades, no intuito de recolherem humildemente donativos, percorriam os engenhos, e nas cidades as casas e as tavernas, não sendo mais possível, na phrase do viajante francez, que o negro veja um ser superior no braneo que se abaixa a pedir-lhe esmola.

Pela sua significação moral e por estas disposições já existentes não podia a revolução de 1817 deixar de provocar uma explosão de igualdade insultuosa. E' conhecida uma carta escripta de Pernambuco para o Rio de Janeiro a 15 de Junho de 1817 e primeiro publicada por Mello Moraes (*Brasil-Reino e Brasil-Imperio*) em que se conta “que os cabras e creolos andavam tão atrevidos que se diziam iguaes aos brancos, e não haviam de casar senão com braneas das melhores”, isto sobretudo depois que Domingos José Martins andára de braço dado com elles. Era commum ver-se um cabra captivo, de chapéo na cabeça, bater no hombro de um braneo, tratal-o de patriota e pedir-lhe fumo. O compadre do Rio, a quem a carta era dirigida,

folgaria porém de saber que ás sovas de 300 a 500 açoites, mandadas applicar pelo almirante chefe do bloqueio depois do desembarque das forças legalistas, não tinham escapado nem os mulatos forros, aquelles mesmos que o governo provisório fizera officiaes. “Andam muito murehos agora, ajuntava a carta; já tiram o chapéu aos brancos, e nas ruas apertadas passam para o meio para os deixar passar”

Foi esta igualdade forçada e a muitos repugnante que determinou o arrependimento entre bom numero dos que saudaram o advento da liberdade sem lhe medir as consequencias, ou pelo menos que serviu de desculpa para adhesões tibias, dictadas antes pelo modo. O loquaz ouvidor Antonio Carlos não desdenhou servir-se d'este meio de justificação para fazer acreditar na coacção sob que agira, tomando parte n'um movimento que de resto pelo seu character particularista — fosse este fundamental, fosse produzido pela falta de correspondencia que influio tanto para o seu mallogro — não podia enthusiasmar sobremaneira um filho de outra provincia, alli temporariamente levado pelos azares da magistratura.

Eis como o Andrada respondia aos juizes da alçada: “Como não odiaria eu antes, e trabalharia com afineo para destruir um systema que, derrubando-me da ordem da nobreza a que pertencia, me punha a par da canalha e ralé de todas as côes, e me segava em flôr as mais bem fundadas esperanças de ulterior avanço, e de mores dignidades?”

Arruda Camara, na carta-testamento que deixou para o Padre João Ribeiro, datada de Itamaracá em 2 de Outubro de 1810, tomava o ponto de vista radicalmente opposto, favorecendo, pode dizer-se, a democracia de côr. “Acabem com o atrazo da gente de côr, escrevia elle; isto deve cessar para que logo que seja necessario se chamar aos lugares publicos, haver homens para isto, porque jámais pode progredir o Brasil sem elles intervirem collectivamente em seus negocios, não se importem com essa acanalhada e absurda aristocracia cabundá, que ha de sempre apresentar futeis obstaculos. Com monarchia ou sem ella deve a gente de côr ter ingresso na prosperidade do Brasil”. Se esta carta é authentica, Arruda Camara foi um precursor do mais vehemente abolicionismo.

---

---

# GALATÉA

---

*A Amadeu Amaral*

Pae, contaram-me hoje — disse o zagalejo Yon para o velho Theagés — que nesta costa, além do pasto de nossas cabras, houve outrora uma nympha...

— Muitas houve, se não mente a historia dessas filhas das aguas.

— Mas uma sobre todas formosa, amada de um gigante com um olho enorme na testa, e feio, feio, que ninguém o podia olhar sem horror...

— Poliphemo?

— Sim, parece que foi este o nome que ouvi.

— Poliphemo e Galatéa... A nympha chamava-se Galatéa.

— Conte, pae, conte a historia delles, se a sabe. Foi mesmo aqui, em Sicília, que existiu o tal gigante e a nympha, coitada! perseguida por elle?

— Foi aqui.

Theagés acabou de soprar na flauta rustica uns dizeres alternados de antigo e tanto amabeu, levantou-se depois, apertou a corda da samarra e olhou fóra a noite. Ouvia-se perto a farfalhada das vagas no mar agitado. Passou a trave de olmo á porta da choça, e tornando a sentar-se:

Estás curioso de conhecer a historia, de que te falaram. Pois vaes ouvir-a.

E começou, relatando a prosapia illustre de Galatéa. O pae era Nereo, divindade antiquissima, de intensas barbas ce-

ruleas, com assento no meio do mar. A mãe era Doris, oceânide celebre em todas as aguas, da qual nasceram cincoenta filhas. Dellas depois de Thetys, de pés de prata, nenhuma á Galatêa excedia em belleza; nenhuma com mais donaire e levidade eavalgava o lúsidio dorso das ondas, até que estas a deixassem na praia ou a conduzissem por saxeos corredores ás coneavidades resoantes das fragas da costa. Nenhuma a venceia na lactescencia de espuma e luar das carnes moças, no sorriso de sol e agua dos labios virgens, no longor de algas verdes enrançadas dos vastos cabellos verdes. Nem com mais medurados passos nenhuma sabia alar mais leve os pés ao pisar o crystal polido das salas do pae, quando todas reunidas, as cincoenta irmãs, circumgiravam em ehoréas, maravilhando os hippoeamos, tritões e delfins. Quanto pegureiro ferido de sua belleza, largando entre os buzios do littoral cajado e surrão, não se foi nadando após ella e não ficou amortalhado nas espumas do mar! Quantos, sem se atreverem ao pégo, se finaram de amor, modulando-lhe o doce nome nos doces calamos soluçantes!

Mas um houve, o mais afortunado dos que ainda pastorearam armento ou fato, a quem a esquiva doride não resistiu. Chamavam-lhe Aeys, filho de Fauno e Symaetis, adolescente de apenas tres lustros, candido e meigo como os cordeirinhos de lã ainda mal formada a que as mães esguardam por, tenros e mimosos. Encontravam-se Aeys e Galatêa num desses socavões convisinhos do oceano, em cuja solidão humida se formam, ao continuo choro da agua porejante, figuras alongadas e hirtas de barro e calcio. Ella descavalgava, deixando solta, com o mólho de erinas ao vento, brinear a onda que a trazia; elle adeantava-se, colhia-a nos braços, e eram tudo juras e protestos de amor.

— Sabes? — disse uma vez a nercide — aquelle bruto cyclope de um olho só no meio da fronte persegue-me, espreita-me e raiva enciumado de ti.

— Já o sabia, respondeu o pastor. Ainda hontem, de umas junças onde me occultara, ouvi-lhe á descommunal sanfona de cem tubos aprégoar teus encantos, e mais lhe ouvi que me detesta e ha de matar.

— E tremes por isso? Nada receies, meu amor! A' hora do perigo levar-te-ei nos braços aonde o monstro não póde chegar;

falarei a meu pae, e as portas de alabastros de sua morada maravilhosamente abrir-se-ão para receber-nos.

— E' bonito, como estes campos, o fundo do mar?

— Se é bonito!

E Galatéa descrevia-lhe os recessos equoreos, os deslumbramentos de profundezas não vistas de homem, grutas de alambre e coral, faiscantes, aqueim, além verdeando com os seus tapetes de musgos; palacios de balais e saphira, habitações das deidades marinhas; plaustros de nacar tirados por golfinhos, cujas redeas de sargaços dorides nuas empunham; hortos glaucos luxuriosamente floridos, onde ellas com as irmãs retouçam lascivas, fazendo chover dos cabellos humidos rociadas de perolas.

Entretinham-se nesses colloquios, senão quando, uma feita, bem perto ouviram pesado rumor, como o de um rochedo que caminhasse, e em toda a sua desmesurada corpulencia passou o monstro horrendo, dirigindo-se á praia, onde, sentando-se numas penhas, se pôz a cantar, tangendo a enorme sanfona:

“O' Galatéa, lirio nenhum te vence na immaeulada bran-  
cura!

E's mais esbelta que o alamo, mais leve e fugaz que o capreolo montanhez, mais roliça de fórmas que a concha a pouco e pouco polida pelas aguas, mais nobre de póрте que os platanos altaneiros, mais diaphana que o gêlo mais fino, mais doce que a uva mais doce, mais macia que as pennas subalares do cysne!

Mas tambem, se me foges, se me não ouves, ó nereide! nenhuma juvenca brava te excede em selvageria, nenhum roble envelhecido em dureza, em impetos nenhuma torrente, nenhum pavão no alardo e entono vaidoso, roca nenhuma na rude impassibilidade, nenhuma silva no' apuar dos aculeos, e na surdez, na fechada surdez aos meus reclamos, gruta nenhuma das profundezas do mar!

Ah! se bem me conhecesses, arrependeras-te de me fugir! Eu possuo ao sopé da montanha uma caverna aberta na rocha viva, onde corre perenne afflato de primavera. Meu pomar averga ao pêso dos fructos; são sem conto meus vinhedos de uvas doiradas e purpurinas. Os melhores cachos reservei para ti!

Vem, Galatéa! com tuas próprias mãos colherás o morango rubro, a nectarea cereja, a ameixa bruna e pennugenta ou a de côr declinante á da cêra virgem.

Todos estes rebanhos são meus. Ainda os ha tresmalhados por chãs ou algares do monte. Nem lhes sei a conta ao innumeravel numero delles!

São das mais nedias as minhas ovelhas. Nenhuma acharás entresilhada ou manca. Vem de teus olhos vêr como mal sustêm os apoiados uberes! Vem á neve do leite, que ellas dão, escurecer com a de tuas mãos, Galatéa!

Ao meu lado, não terás sómente esses futeis mimos faceis de dar: gamos, lebres, casaes de rolas ou ninhos colhidos nas arvores. Não! aqui estão para ti, para com elles brincares, dois ursos novos, tão parecédinhos um com o outro que mal os distinguirás. Apanhando-os, disse entre mim, satisfeito: são para a minha bella!

Vem, pois, encanto meu! Sac dentre as aguas azues onde móras, corre aos meus braços! Eu sou grande e forte como esse Jupiter a quem adoras. Vi-me hontem no espelho de uma fonte e enamorado fiquei de mim mesmo. Enliçado hervançaal de cabellos cobre-me a fronte e sombrêa as espaldas. Não constituem fealdade estes pêllos e os que me vestem os membros. A belleza da arvore está na folhagem, a do cavallo nas crinas, que lhe oudeam no collo fofoso; os passaros têm a plumagem, os carneiros a lã. Rosto e membros versudos são proprios do verdadeiro homem. Certo possuo um olho só, que me lucila, como redondo esudo, no meio da testa. Mas quantos tem o sol? Tambem um só, e domina o universo.

Vem, Galatéa, tem pena de mim! Não me intimida o deus tonitroante nem o seu alto Olympo fuzilante de raios, e tremo, tremo cobardemente deante de ti, formosa filha de Nereo!

Porque has de amar esse mollengo pastor imberbe e desprezar o ciclope espadaudo, filho de Neptuno? Porque ás minhas preferir as caricias delle? Serás sempre surda aos meus rogos? Pois bem: que ambos vos queiraes, e ameis e me desprezeis! Mas ai! de Aeys se me cahir sob as mãos! desventral-o-ei, como um anho, mutilarei seus membros e semearéi, trincados de meus dentes, carnes e ossos por essás longas aguas onde vives! Amae-vos,



pois! uni-vos! gosae-vos! e eu vos mostrarci até onde vae a minha vingança!

Ah! que rebento e ardo, como arde e rebenta o Etna! Sou todo furias! sou todo chammas! sou todo amor!

Apieda-te de mim, Galatêa!" (\*)

— E matou-o, pac, o gigante matou-o?

— Não o matou dessa vez, mas de outra em que o surpreendeu na gruta com a sua nympha. Esta ao avistar Poliphemo, pôde fugir-lhe á sanha, correndo para o mar; Aeys, porém, estatelado de mêdo, sentiu rolar sobre si a cumiada de um monte impellido das mãos do cielope. Do corpo esmagado esguichou-lhe o sangue, e do sangue nasecu uma fonte, eujas aguas deseoraram com o tempo, passando da eôr vermelha á chrystallina, e vieram assim a formar o *Fiume-freddo*, que ainda saudoso de Galatêa, se arrasta e procura o mar.

— E Poliphemo, não houve quem o castigasse?

— Castigou-o mais tarde Ulysses que, valendo-se de um ardil, lhe vasou o olho sinistro. Cégo e assim mais horrendo, foi elle largos annos o assombro da costa. Galatêa, só na certeza de o ter longe, approximava-se da praia, galgava as pedras e entrava pela gruta, cujos eehos lhe repetiam entre lamentos e soluços o nome de Aeys.

Finda a narração, Theagés e Yon deitaram-se sobre grosseiras pelles e adormeceram. Continuava fóra o fremito do mar agitado. No sonho de Yon, sonho de adolescente, apparecia-lhe a imagem da nereide espavorida, fugindo ao cielope. A manhã veio achar já de pé os dois euidando do penso do rebanho. Deste faltava uma ovelha; o zagalejo recebeu ordem de procural-a nas cercanias. Sahin, fazendo soar pelo campo uns quebros de flauta. Em breve tornava assombrado e pallido.

— Pae, — bradou ao approximar-se da choça — venha com-migo alli onde estão as pedras da praia; quero que o veja de seus olhos...

Que seria? Talvez á imaginação de Yon o vulto de algum penhaseo se lhe antojasse como o temeroso monstro da narração nocturna.

(\*) Ovidio, *Metamorphoses*).

Seguiu-o Theagés por fazê-lo cahir no engano.

A' certa altura da praia, o zagalzinho estendeu a mão, apontando nos penedos da beira-mar uma fôrma branca que lá se movia.

— Olhe, meu pae, lá está Galatêa, lá está a correr, a trepar, a fugir do gigante!

Era um como corpo virginal, de roupas caudatas e alvissimas, que ora se atirava, subindo pelo dorso das rochas, ora descia precipitada, arrastando, rasgando as vestes. E a luz da manhã tornava mais nitida aquella alvura movediça e phantastica.

— Lá está ella, veja, meu pae!

O velho Theagés, após breve esguardo da apparição, voltou-se para o filho e disse-lhe, sorrindo, buscando asserenar-lhe o espirito:

— Esqueces-te que estamos no seculo V da era de N. Senhor Jesus-Christo. Deuses e semi-deuses, ciclopes e nymphas foram-se ha muito. Aquillo não é nem pôde ser Galatêa: é uma vaga, meu filho...

1916.

ALBERTO DE OLIVEIRA.



---

---

# O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO

A FOME NA HISTORIA E NA ACTUALIDADE

Em um trabalho escripto ha dois annos pelo Dr. Joaquim Morera, de Barcelona, e só agora publicado, encontram-se dados historicos sobre os meios alimentares dos povos e a importancia capital do problema da alimentação e da escassez periodica dos alimentos.

Desde que existe a especie humana, é para alimentar-se que emprega mais actividade e gasta mais a sua intelligencia. Somente agora, com os progressos da civilisação e especialmente com o desenvolvimento do commercio e da navegação é que o homem chegou a perder o medo da fome, medo que sempre o inquietou nos tempos passados.

Nas classes trabalhadoras a alimentação representa dois terços das despezas domesticas, mas o encarecimento dos viveres preoccupa seriamente até mesmo as classes mais elevadas da sociedade.

Seguindo-se a evolução dos povos antigos sente-se bem a grandeza da lucta contra a fome atravez dos tempos. Nas primeiras phases dessa evolução maraviham-a todos nós as luctas que devem ter tido os homens para conseguir alimentos nas regiões do norte da Europa, tendo como adversarios o elima frio daquellas latitudes e os animaes ferozes que habitavam os bosques e florestas de que se cobriam a maior parte das terras.

Os esforços dos primeiros homens convergiram primeiro para destruir esses animaes, alimentando-se ao mesmo tempo com as suas carnes e agasalhando-se com as suas pelles. Era esse certamente o principal alimento, porque os fructos e as raizes,



ainda selvagens, não deviam bastar á alimentação de cada dia. A' beira dos mares e á margem dos rios os habitantes enconravam na pesca um modo facil de alimentar-se. Quantas vezes a especie humana não esteve a pique de desaparecer da face da terra, quando um inverno rigoroso cobria os mares, os lagos e os rios de gelo e os campos de neve, quando o veado, ainda feroz, se refugiava nos montes inacessiveis!

Com a domesticação de certas especies de animaes, o que tornou possivel o desenvolvimento da criação, com os progressos da agricultura, o homem ficou dono do seu destino e a população augmentou pouco a pouco. Foi o momento da formação das primeiras tribus, compostas de agricultores sujeitos á terra ou de pastores que erravam pelos campos com os seus rebanhos, isto é, com os seus alimentos. Foi igualmente a epocha em que começaram as primeiras migrações, impostas ora pelo desenvolvimento excessivo da população e ora pela escassez do alimento.

Naquelles tempos, como agora, é a lucta pela vida que leva os homens a mudarem de domiciliò. Os emigrantes de hoje buscam no estrangeiro uma vida mais facil e mais feliz. Antigamente era a verdadeira fome que determinava as emigrações. Foi a fome que deslocou os povos do Norte para o Sul e do Leste para Oeste no continente europeu. Quando ha dois mil annos os cimbro e os teutões, unidos aos ambros e aos tigurinos invadiram o sul da Europa, vinham expulsos do seu rude paiz por uma inundação do mar Baltico, que já não lhes permittia alli viver. Por isso iam busear alhures os meios de subsistencia. Cada povo caminhava lentamente, sem roteiro, e assim ia empurrando na sua frente os outros povos. Cada qual levava o seu rebanho e quando tinha devastado um paiz passava alem, proseguindo nessas proezas até que era derrotado por outros povos ou vencido por generaes habeis que lhe sahiam ao encontro.

Os primeiros esboços de civilisação trouxeram consigo o trafico das primeiras matérias alimentares. Esse commercio esteve mesmo em grande voga no Egypto e na Assyria ao tempo do grande poderio desses povos. Mais tarde, as republicas gregas trocavam seus productos com as ilhas do Archipelago e as costas da Asia Menor. Foi, porém, o imperio romano que desenvolveu este genero de transacções. O mundo inteiro contribuia para o abastecimento de Roma, a cidade eterna. A Africa enviava-lhe os

sens trigos, o Levante o milho e outros cereaes, a Italia os seus animaes e os seus vinhos, e o Lacio os seus legumes e as suas fruetas. A arte culinaria e os refinamentos gastronomicos tinham tomado proporções extraordinarias entre as familias patricias. O povo contentava-se com o pão e sabe Deus com que difficuldade os governantes conseguiram assegurar-o em quantidade sufficiente!

Depois do problema do poder ou da politica, era o do trigo que mais preocupava os imperadores romanos. Ficou classico o modo por que se apaziguava o povo romano: *panem et circenses* como disse Juvenal: o pão e os divertimentos do circo.

E' facil conceber os graves problemas sociaes despertados pela attitude de um povo faminto. O estomago revolta-se contra o cerebro. Tacito, Tito-Livio e Suetonio deixaram-nos conhecer os esforços sobrehumanos a que a meudo recorria a administração publica para aendir á insufficiencia das colheitas. Ao contrario disso, algumas vezes, ellas eram exceessivas e por falta de trafego regular ficavam condemnadas á putrefacção nos celeiros.

Este intereambio primitivo desapareceu com a queda do imperio romano. Os barbaros viviam do solo que habitavam, sem pedir nada ao estrangeiro, e este costume conservaram nos paizes que foram occupando.

Nos tempos do feudalismo cada senhor feudal consumia o que o seu feudo podia produzir: as caças dos bosques, os peixes dos rios, dos lagos, os animaes dos curraes, as aves dos gallinheiros, as hortaliças e os fructos dos seus pomares.

Embora o homem seja carnivoro, os cereaes predominam sempre na sua alimentação.

Cada paiz adoptou, da familia das gramineas, a especie que mais convinha á natureza do solo e ao clima da região.

Este predominio dos cereaes na alimentação deixava a existencia humana á mercê das vicissitudes atmosfericas, pelo que houve muitas crises de alimentos que dizimaram varias regiões do continente europeu, de tempos a tempos, até á epocha contemporanea.

No decurso dos 10 seculos que nos separam de Carlos Magno até ao fim do seculo XVIII não se contam periodos de vinte annos sem que a fome tivesse assolado em certa região da Europa.

A solicitude do grande Imperador pela alimentação do povo só era egualada pela dos imperadores romanos. As Capitulares, disse Bouchardat, são um monumento de previsão digno de citar-se pelo que se refere á subsistencia.

Esta sabedoria não foi imitada pelos sucessores de Carlos Magno. A carestia durante o seculo VIII assolou toda a Europa, fez-se sentir na França durante todo o seculo IX.

Houve dez crises de fome no seculo X e vinte e seis no seculo XI, durante as quaes todos os paizes da Europa se viram devastados.

Os historiadores da epocha contam as calamidades com detalhes que horrorizam. Quando se tinha consumido o trigo restante da colheita anterior e devorado os animaes domesticos, chegava-se a comer a herva dos campos, os animaes menos cubizados e mais repellentes e até a casca das arvores. Viam-se famintos desenterrando cadaveres para se alimentarem de suas carnes e viajantes serem assaltados nas estradas afim de serem comidos!!

Em 1420, como em 1438, morria-se de fome na via publica e á noite os lobos desciam dos montes para devorar os cadaveres abandonados, como ha pouco ainda se viu na Macedonia, na primeira guerra balkanica, depois da batalha mortifera de Lulla-Burgas.

Durante os tres primeiros annos do seculo XVII a Russia foi dizimada pela fome. Só em Moscow morreram de fome naquelles tres annos 120.000 pessoas.

No penultimo seculo as coizas continuaram quasi da mesma forma. D'Argenson deixou-nos a historia de mortandade pela fome na Touraine em 1740 e 1750. Os agricultores reduzidos a catar a herva dos campos, morriam de fome como as moscas.

A historia da alimentação no seculo XVIII, diz Maximo Du Camp, resumiu-se na negativa.

A França soffreu o martyrio da fome até ao principio do seculo XIX.

A insufficiencia da alimentação, a miseria physiologica que consigo traz, torna os povos muito mais sujeitos ás infecções de toda a sorte. Na idade media eram a peste, a variola que virham após a fome. Na India era o cholera ou a febre typhoide.



Esta dizimou também grande parte da população de Paris, durante o sitio e a fome de 1870.

Hoje, pondo-se de lado a calamidade da guerra, estamos ao abrigo da fome. E' esse um dos melhores beneficios da civilização.

Antes de Luiz XVI, o commercio de cereaes não era livre. Nos annos de pouca colheita não havia pão e quando ella era excessiva não se sabia o que fazer do excesso. Deixava-se apodrecer, como nos tempos antigos. Por outro lado, os caminhos eram tão intransitaveis que eram precisos quatro cavallos para puxarem uma carroça com dez saecos de trigo.

Este estado de coisas melhorou depois de Luiz XVI, com a introdução da batata. Havia já muitos annos que os espanhóes tinham importado a batata do Chili, mas esta só era usada para alimentação do gado, sob o pretexto de que produzia a lepra nos homens.

Parmentier, apoiado a principio por Luiz XV e depois por Luiz XVI, conseguiu impôr a batata na alimentação dos homens nas fomes de 1779 e 1792.

A Revolução franceza supprimindo as barreiras entre as provincias deu ao commercio dos cereaes a mais ampla liberdade em todas as partes do mundo. Napoleão, abrindo novas vias de communicação, necessarias á passagem dos seus exercitos, facilitou os transportes.

Em 1817 as chuvas generalizadas obrigaram os habitantes da França a alimentarem-se só de batatas, pão de aveia e farello. Mais tarde foram utilizados os vegetaes herbaceos e por fim as hervas menos usuaes.

Em 1847 a praga das batatas produziu a ultima fome. O preço do trigo chegou então a 70 francos por hectolitro.

Os caminhos, os canaes, as vias ferreas, o desenvolvimento da navegação a vapor melhoraram extraordinariamente as relações entre os povos, facilitando o intercambio de generos alimenticios. Hoje em dia, os productos necessarios á alimentação transportam-se de um extremo a outro do mundo, com promptidão e regularidade como se não houvessem distancias ou dif-

ferenças de nivel. Os negociantes de cereaes, graças ao telegrapho, são informados diariamente do preço desses generos alimenticios, em todo o globo, e podem fazer os seus pedidos e as suas remessas conforme as necessidades dos mereados. Assim o trigo é levado do paiz em que sobra para aquelle em que escasseia. Por intermedio da praça de Nova York, remette-se o trigo dos Estados Unidos para Liverpool, Havre, Hamburgo, etc. conforme as vantagens que na vendá offerencia o mercado no dia anterior.

Esta diffusão dos meios de subsistencia colloca os paizes da Europa ao abrigo da fome, que era a sua preocupação maior no passado.

Na India, ha ponceos annos atraz, eram periodicas as epochas da fome. A colheita do arroz depende mais do que nenhuma outra das chuvas. Quando estas faltavam a população era dizimada pela fome. Em 1873 o governo da India contrahiu um emprestimo de 250 milhões de francos para attender ás necessidades de uma má colheita, cujo resultado foi a morte pela fome de 150.000 pessoas.

Nessas occasiões appareceram por lá, para augmentar a afflicção ao afflieto, o cholera e a febre typhoide. Hoje a India produz trigo em boa quantidade, 150 milhões de hectolitros por anno.

A necessidade impõe alterações nos habitos dos povos. Foi preciso o cerco de Pariz para se acceitar a carne de cavallo, que cada vez mais entra no consumo das grandes cidades. Naquella quadra calamitosa, foram sacrificados em Paris 125.000 cavallos para alimento do povo.

Veremos o que a fome nos imperios centraes, durante a actual guerra, trará como progresso á alimentação.

Estas notas, em grande parte colhidas no trabalho do Dr. Joaquim Morera mostram-nos que é bem justificado o esforço da Inglaterra, para reduzir á fome os imperios com os quaes está em guerra, já que os não pode vencer pelas armas.

Quem aeompanha com interesse a evolução desta nefasta lucta, cujo termo é desejado por todos os neutros, terá notado que já se não falla na escassez de material bellico e nem se accen-



tua a falta de homens nos imperios centraes. Tambem, não se pode deixar de pôr em duvida que a escassez de homens ameace por enquanto a Allemanha. Em todas as frentes ella lucha com vigor e ha pouco tempo deu provas da sua capacidade bellica com a invasão da Rumania. As noticias dos alliados preoccupam-se mais agora em mostrar a insufficiencia dos alimentos, isto é, a fome, na Allemanha e mais especialmente na Austria.

E' portanto a fome, consequencia do bloqueio dos imperios centraes, perturbando todas as conquistas da civilisação em materia do intercambio, o factor que poderá determinar a derrota dos imperios centraes e a victoria dos alliados. Assim o comprehendeu a Inglaterra desde muito cedo. Nas fomes de outrora devidas ás más colheitas, ás chuvas ou ás seccas, o povo não tinha outro remedio senão conformar-se com a sua triste situação. Não era raro attribuir-se essas calamidades á colera divina, que por esse modo castigava os habitantes de um paiz. No caso actual, porém, o povo reconhece que a guerra é a unica culpada dos seus tormentos e a paz a sua unica esperança. Elle pode por isso acabar impondo a paz.

A Inglaterra procurou sempre vencer os outros povos pelo bloqueio. O grande receio de ser bloqueiada, receio muito mais fundado nella do que nas outras nações, fez-lhe crear uma esquadra enorme que lhe serviu, em tempo de paz europea, para dilatar as suas possessões, desenvolvendo assombrosamente o seu commercio com as colonias e com as outras nações.

Povo eminentemente pratico, o inglez soube colonisar sem toher de todo a liberdade dos povos sujeitos ao seu dominio e sem comprometter as sympathias dos seus colonos. A prova mais evidente desse facto é o apoio material, pecuniario e moral que tem recebido de suas numerosas colonias na dura emergencia que atravessa.

Em conclusão. De todas a calamidades a peor é sem duvida a guerra. As epidemias matam creanças, adultos e velhos. A guerra mata de preferencia os moços. A guerra traz a fome, que a civilisação tinha feito desaparecer, torna perverso o character dos homens que a moral tinha melhorado e traz as epidemias que as sociedades modernas esforçam-se por eliminar da face da terra.

Veremos com o correr dos tempos, si a fome imposta aos imperios centraes, não por Deus mas pela Inglaterra e seus allia-

dos, nos traz o beneficio da paz. Será a lucta do mal contra o mal, tendo em mira a victoria do bem. E' a reminiscencia da politica de Luiz XI e de Carlos IX justificando os meios maus pelo bem visado.

Infelizmente, com argumentos semelhantes, os allemães tentarão justificar a selvageria da guerra submarina, matando innocentes alheios á lucta e até talvez sympathicos á sua propria causa.

S. Paulo.

VICTOR GODINHO.



---

---

## CÃES E VEADOS

---

*Na vida do padre José Gonçalves*, escripta por D. Joaquim Silverio, Bispo de Diamantina, vem a descripção de uma caçada de veado no municipio de Caeté. Entre os cães que tomaram parte nessa caçada figuram *alões*, *galgos* e *mastins*. A caça é *veado*, *cervo* e *matteiro*. O logar da caçada é montanhoso, de campos limpos nas encostas das serras, e de capoeiras nas grotas.

Já percorri a cavallo a zona onde que se fez a fabulosa caçada e em que até o Diabo tomou parte...

\*

É muito pobre entre nós a literatura kinologica.

Afóra o *Glossario* dos termos usuaes de caça, escripto pelo visconde de Porto Seguro em 1858, nada mais sahiu dos prelos. Dizem que o conselheiro Paula Souza esereveu alguma consa a esse respeito; mas o seu trabalho talvez não passasse das mãos de poucos iniciados.

Os caçadores distinguimos os cães de caça segundo os seus dotes e propensões. Os inglezes que tem sabido especialisar, criarão raças especiaes para cada caça. Para a caçada da raposa, de todas a mais *esportiva*, criarão os inglezes o *foxhound*, animal vigoroso e rapido, sadio e resistente. Esse cão na França serve para o cruzamento, sendo os mestiços optimos caçadores de javali. Entre nós seria o cão ideal na caçada da queixada e do porco do matto. Para a caçada da lebre elles têm o *harrier*.

Em França foi esse cão cruzado com o *beagle*. O producto é muito estimado. Na corrida do cervo os inglezes empregam o *staghound*. Este distingue-se do *foxhound* por ser maior e

de movimentos mais rapidos. Os oitenta cães da matilha do rei da Inglaterra pertencem a esta raça e causam admiração aos que os visitam em Ascot.

Entre nós tanto o cão como o boi vão recebendo sangue de diversas procedencias. Poucos são os perdigueiros puros; os veadeiros são geralmente bastardos.

Os cães de sangue puro, só se encontram junto dos amadores ricos. Os poucos que se desgarram são logo empregados no cruzamento.

Vi no Rio de Janeiro, ha pouco tempo um turco desembarcar um puro galgo africano destinado a rico fazendeiro do Estado do Rio, famoso caçador de veado.

O alão é cão de fila, vulgarmente chamado molosso. O proprio nome é desusado hoje, tendo ficado nos dictionarios e nos livros contemporaneos do *Cazador gallego com escopeta y perro*, de D. Froylan.

O mastim é cão de pastor. Na sua *Hist. Naturelle* Buffon diz que o mastim é *descendente* do cão de pastor, de pouco faro, parecendo-se nisto com o galgo.

Gayot, no seu livro *Le Chien*, aponta essa raça como pouco intelligente. Ninguem entre nós caça com o cão galgo.

Tive um formosissimo, chamado Nilo, que passei ao senador Bias Fortes por intermedio do desembargador Miranda Ribeiro.

No campo não valia nada.

Aqui no norte de Minas os grandes veadeiros são o producto do galgo russo com o perdigueiro, em geral leraco italiano.

E é por isso que caçam bem a onça. Mordem e latem muito.

Já os romanos dividiam os seus cães em *villatici*, *pastorales* e *venatici*, subdivididos em *pugnaces*, *sagaces* e *celeres*.

Lá, cada um ficava no seu officio...



Conhecida a distribuição geographica dos veados, o municipio de Caeté só pode ter veados *catigueiros* e *matteiros*.

Os vocabulos usados na *Vida do Padre José Gonçalves*, taes como *veado* e *cervo* designam os nossos cervides — *cervus paludosus*, *cervus campestris*, *cervus rufus*, *cervus nemorivagus* e *cervus nanus*.



O que o Padre caçava em Caeté era o *cervus nemorivagus* de Crevier, vulgarmente chamado *catinguero*, habitante das catingas.

Em regra este veado é habitante das capoeiras e das bordas dos campos. Passcia unito, quer de dia, quer de noite. Vellaco a valer, como-bem diz o Capitão Henrique Silva, o catinguero não é arisco, aproxima-se da vizinhança do homem, talvez coufiado na agilidade e velocidade de que dispõe, principalmente para fugir aos cães.

O biographo do padre José Gonçalves affirma que o veado da milagrosa caçada era um *matteiro*, e esquecido desta declaração, descreve a caçada no campo... Sendo *matteiro* o veado do padre José Gonçalves, trata-se do *cervus rufus*, o guasu-pita de Azara ou suagu-pita dos tupis.

E' habitante das mattas virgens e dos capocirões, onde vive separado da femea, sahindo somente á noite, muito cautelosamente em procura de alimento. Quando novo o *matteiro* tem tres carreiras de malhas brancas longitudinaes nos lados do corpo.

Nos campos só se caça o *campeiro*, que é o *cervus campestris*, o guagn-y dos guaranys do Sul. Tem muita semelhança com a corça enropéa (*capreolus*). Nos primeiros annos o chifre é singelo; depois bifurca-se e tem galhos inclinados para diante e para traz. E' vermelho claro, com malhas brancas nas ventas e nas palpebras. A barriga e o lado interno das extremidades tambem são brancos. Prefere os sertões descampados e seccos; foge aos brejos como ás catingas e capoeiras. Vive geralmente em bandos. Durante o tempo da fecundação desprenhe um cheiro insupportavel, peor que o de alguns negros. Em. Liais diz que este veado occupa todos os campos da America do Sul. Como o cervo europen elle perde os chifres. A topographia de Caeté exclue completamente a idéa de um *campeiro* nas suas terras.

O biographo do padre José Gonçalves falou a principio em *cervo*, que julguei ser tomado no sentido generico, para não suppôr que o escriptor collocasse no montanhoso Caeté aquelle animal que vulgarmente chamamos cervo e que é o *cervus paludosus* de Desmarest, ou suaguapara dos indigenas, habitante das mattas alagadas dos grandes rios e que anda em pequenos



ajuntamentos. Depois do sol posto, durante a noite e de madrugada são á procura de alimento. Durante o dia fica occulto na alta vegetação das margens. Tem olphato e audição perfeitamente aparelhados para avisal-o do mais leve e remoto perigo. A sua salvação está nos brejos, nos banhados e lagoas e nas acuações é muito temido por causa das formidaveis astes ponteagudas. O capitão Henrique Silva no seu *Cervides e Fapirides* do Brasil Central faz uma boa descripção da vida e costumes deste veado.

Não devem causar admiração as confusões que se encontram em livros escriptos entre nós sobre assumptos pouco estudados como cães e caças.

F. BADARÓ.



---

---

# POESIA

---

## DE VOLTA

*Mais encanto que a mais populosa cidade,  
Dentre tantas que viu, a sua aldeia encerra,  
— Uma nesga de gleba e socalcos de serra,  
Sob um céu sempre azul de ampla serenidade.*

*Por tudo o olhar derrama unguido de saudade,  
E, evocando o passado, os tristes olhos cerra.  
Neste instante feliz, nada ha que mais lhe agrade  
Que sentir-se entre os seus em sua propria terra.*

*Chega. O primeiro amigo a quem a mão aperta,  
Quasi á meiga pressão se esquiva, indiferente,  
E de outras effusões mais vivas se liberta.*

*Nessa mão, que ree'ua, outras frias, presente...  
Antes exílio e dôr, pão duro e vida incerta,  
Que o desprezo arrostar da sua propria gente.*

## RUSTICA

*Da casinha em que vive o reboeo alvacento  
Reflecte o ribeirão na agua clara e sonora.  
Este é o ninho feliz e obscuro em que ella mora;  
Além, o seu quintal, este, o seu aposento.*

*Vêm do campo, a correr; e humida do relento,  
Toda ella, fresea de ar, tanto aroma evapora,  
Que parece trazer consigo, lá de fóra,  
Na desordem da roupa e do cabelo, o vento...*

*E senta-se. Compõe as roupas. Olha em torno  
Com seus olhos azues onde a innocencia boia;  
Nessa meia penumbra e nesse ambiente morno,*

*Pegando da costura á luz da claraboia,  
Põe na ponta do dedo em feitiço de adorno,  
O seu lindo dedal com pretensões de joia.*

FRANCISCA JULIA DA SILVA.



---

---

## OS ATURES

---

... Les courageux Aturés se réfugièrent dans les rochers des cataractes, séjour lugubre où perit toute la race, sans laisser des traces de la langue qu'elle avait parlée... A' Maypures, chose bizarre! vit encore un vieux perroquet que personne, disent les naturels; ne peut comprendre, parce qu'il parle la langue des Aturés. — Humboldt — *Tableaux de la Nature*, pags. 286-287.

*Quando os braços da Iberia, em seus gestos profundos,  
Tiravam do Mystério os Oceanos e os Mundos  
— Mergulhando no Mar ou investindo o Sertão —  
Espalhavam, também, nas terras innocentes,  
A injustiça, a maldade, as vermelhas sementes  
Da scára de Caim, que apertavam na mão.*

*As espadas hostis que, deixando as bainhas,  
Mostravam sua cruz, em legiões, ou sosinhas,  
As homenagens do sol na terra americana,  
— Vinham sempre acordar no selvagem regaço,  
Com o seu frio tinir, com o brilho do seu aço,  
Um rugido de fera ou uma supplica humana.*

*Cada vez que, a zombar da vaga e da procella,  
Espontava na costa a uza da caravella  
Arrastada no mar pelos braços de Deus,  
A alma do Novo Mundo, ao clamor dos seus brios,  
Maldizia, a chorar, pela bocca dos rios,  
O oceano protector dos tigres europcus.*

*E as naus, a conduzir desterrados e tropa,  
Derramavam na praia os vomitos da Europa,  
Que entravam pela terra enchareando as chapadas.  
E o saque, e o fogo, e o assalto, e as contendas no centro  
Jam logo, ao rumor da invasão, terra a dentro,  
Perturbar o labor das tribus soeegadas.*

*Ora, naquelle tempo, em regiões sem roteiros,  
Vivia, unido e forte, um povo de guerreiros  
Cem vezes vencedor das tribus em redor.  
Formiga — no trabalho, e cigarra — no canto,  
Era energico, audaz, temerario e, no entanto,  
Se achava a guerra boa, achava a paz melhor.*

*Cada aldeia, que ao sol, o seu braço estendia,  
Tinha logo a cereal-a, e a bolir, noite e dia,  
A roga côr de mar e o rielho côr de prata.  
Seu deus, do seu valor serena testemunha,  
Davá-lhe o fructo á mão e, anonymo, lhe punha  
O pé do caeteté na armadilha da matta.*

*Era raro na tribu um guerreiro vencido:  
Arco á mão, flexa á mão, no combate renhido,  
No acceso da peleja, era difficil ver  
Um unico aturé que, entre os uivos da guerra,  
Ensofado de sangue, atirado por terra,  
Se deixasse no chão antes de perecer.*

*Respeitando os heroes, castigando o cobarde,  
Esentando o seu piuga entre as sombras da tarde,  
Pondo em terra feraz novos hortos risonhos,  
Os santos manitós, em nuvens de fumaça,  
Vinham lhes ensinar o refugio da caça  
No impervio mattagal, fallando nos seus sonhos.*

*Sua lingua, era sua: aprendera-a na matta.  
O grito do oitibó e o gemer da cascata,  
O soluço da rôla e o gritar do gavião,  
Emprestaram-lhe sons que a outrem davam certeza  
Das êmoções da Dôr, da raiva, da tristeza,  
Do rugir do Prazer, da aneia do coração.*

*Forte assim, nobre assim, não havia tão perto  
Gente que dominasse as feras do deserto,  
— A córça ãa planície e a onça ou o tapyr no atalho.  
No entanto, nesse inverno, a euidar da cultura,  
Se deixara na taba, a sentir a doçura  
Do mel que dava á tribu a abelha do Trabalho.*

*E foi, então, que veio a desgraça infinita.  
Descendo para o sul em carreiras e em grita  
Todas as tribus más rolaram no sertão;  
E qual, no inverno, o rio, a invadir as chapadas,  
Cahiram na planície as hordas conflagradas,  
Raiva no olhar feroz, tangapema na mão.*

*Toda a matta acordou, ébria de dôr e susto.  
Da arocira secular ao mais tímido arbusto  
Houve um grito de horror, de largos estribilhos.  
Abriram-se, chorando, as boccas dos atalhos;  
A selva matenal, retorcendo os seus galhos,  
Supplicava perdão para a culpa dos filhos!*

*E foi o assalto, a morte, a lucta frente a frente.  
Cem vezes o boré, pela selva tremente,  
Fundo, uivou, levantando as gentes aturés.  
E a rugir, a correr, ainda á surpresa albeias,  
As tribus, em tropel, rieram de cem aldeias  
Fazendo estremecer o sólo sob os pés.*

*E a lucta começou. Jamais o sangue humgna  
Se mostrara tão vivo ao sol americano,  
Dos alvos littoraes ás florestas do centro.  
Nunca a America viu tão doida valentia.  
No ardor de parte a parte, angustiado, tremia  
O sólo do paiz, pelos valles a dentro.*

*Ao choque dos titans, muge a terra, com pena.  
Aquelle que rolava, imprecando, na arena,  
Ao peso da macana em redopios no ar,  
— Ficava para sempre atirado de bruços,  
Mordendo o pó do chão, engulindo os soluços,  
Mastigando no craneo as pennas do cocar.*

*E o inimigo venecu. Filho da serraania,  
 Descendente do Sol, que, insaciavel, bebia  
 Como rubro cauim, todo o sangue da guerra,  
 Derrubou, avançando em feroz estrupido,  
 As taboas, os giraus, as roças do vencido,  
 Ao fazer, bruto e mau, a conquista da terra!*

*Venecu! Mas só venceu, quando, virgem de escravos,  
 Succumbiu, nobre e livre, esse povo de bravos  
 Que honrava a Liberdade ao clarão destes eóos;  
 Venceu! Mas só venceu, quando, tragica e forte,  
 A tribu ao perecer, poz nos braços da Morte,  
 Com os corpos dos heróes, seus mais altos trophéos!*

*Venceu! Mas só venceu quando o rio, já quieto,  
 Descobriu pela terra o carreiro secreto  
 Que os tacapes levou por argenteo rastilho;  
 Venceu! Mas só venceu quando o bravo, ao barulho  
 Do atacante, e ao tombar, rebenton, com orgulho;  
 Na pedra do rochedo, a cabeça do filho!*

*E quando o vencedor entra na ultima aldeia,  
 Destróe, depredda, invade, extermina, saqueia,  
 A buscar os heróes, procurando os pagés,  
 Só encontra com vida, azas á luz rufflando,  
 Um velho papagaio, entre mortos, cantando  
 Na linguagem natal das gentes aturés!*

*Poeta, na terra hostit em que a sorte te ha posto,  
 No tempo em que, a sorrir, levantas o teu rosto,  
 Sereno, ante a onda má que rebenta a teus pés,  
 Lembras, a predicar teu crédo sempre novo,  
 Aquella ave a cantar no meio de outro povo  
 Os cantos marciaes das gentes aturés!*

*Sósinho, sem ninguem que o espirito te entenda,  
 Sem um braço que ampare o teu vulto de lenda,  
 Tangendo, como Orpheu, a lyra em toda parte,  
 Passas, de olhos no céo, quasi transfigurado,  
 A exultar, como um dens entre o vulgo espantado,  
 As dôres do teu peito e as glorias da tua Arte.*

*Tua tribu morreu! Quando as hordas bravias  
Invadiram, rugindo, a patria onde vivias,  
Mataram teus irmãos, povo do teu amôr.  
Teu paiz de oiro e luz foi, á força, invadido:  
Ficaste apenas tu, repetindo, veneido,  
A lingua maternal diante do vencedor!*

*Continúa, porém, nessa audacia insolente  
— Ave dos Aturés — fallando a extranha gente  
Teu idioma natal, cujo mel ainda libo:  
Continúa a expandir teu desprezo profundo,  
E, honrando sempre os teus, celébra pelo mundo  
O nome desse povo e as glorias dessa tribu!*

HUMBERTO DE CAMPOS.



---

---

## LIVROS ...

---

LUIZ MURAT — *Poesias escolhidas* — Jacintho Ribeiro dos Santos, editor.

O livro de Luiz Murat era anciozamente esperado. Tendo sido um dos poetas mais discutidos da geração em que também surjiram Alberto de Oliveira, Bilac, Raymundo Correia, e outros, Murat, depois de haver publicado tres volumes de poesias, deixara-se ficar em um profundo silencio. Seus volumes se esgotaram. Sabia-se vagamente que se interessava por questões relijiozas, tendo-se filiado a uma seita especial; mas havia muito quem perguntasse si abandonára de todo a poesia.

D'aí o alvoroço que acolheu a noticia da proxima publicação de suas produções.

O volume, que ele agora dá, é tipograficamente feio. Feio para um livro de versos. Tem o aspeto de um relatorio, de uma obra juridica — de tudo enfim que possa ser grave e solene. São 350 pajinas macissas, em cada uma das quais ha espaço para 9 quadras.

Livros de versos com tantas pajinas só se admitem, quando são feitos em papel finissimo, como certas edições italianas de Stechetti, Carducci, Fogazzaro e outros.

Por que essa regra? Talvez porque o verso, devendo ser leve e alado, concilia-se mal com o aspeto pezado de um volume espesso.

Esta critica vai apenas ao editor.

O volume de Murat começa por um longo prefacio.

Devem lêr-se prefacios? Ha só um eazo em que se pode

sempre responder pela afirmativa: é quando se trata de traduções. Nessa hipótese, o tradutor diz, em geral, no prefácio qual o motivo porque foi buscar em uma língua estrangeira a obra que passou para o idioma nacional. Indica-nos, portanto, o que ele parece tre de original. O prefácio fornece então uma informação preciosa.

Fora disso, os prefácios são muitas vezes inconvenientes. Tendem a sugerir-nos ideias preconcebidas para a leitura que se vai seguir. E' o que frequentemente acontece com os elojios postos por autores celebres á frente de obras de principiantes.

Quanto aos prefácios dos próprios autores, ora convém lê-los; ora evita-los. O péior é que só se chega a esta ultima conclusão quando já é tarde...

Foi talvez por isso que a maioria dos que deram noticia do livro de Luiz Murat percorreu docilmente as paginas do prefácio por ele escrito. — E, no entanto, convinha bem evita-lo.

Nessas paginas preliminares o poeta tratou de tantas couzas extranhas que desde logo foi perturbando os seus leitores. Falou-lhes de parnagianismo e romantismo; falou-lhes de politica; falou-lhes de Swedenborgianismo... E isso positivamente os dezorientou.

Não querendo confessar que não haviam entendido, — confissão que lhes parecia humilhante para a sua capacidade intelectual — tiraram da leitura das poezias do volume as conclusões mais singulares.

Max Nordau graceja, em certo lugar, com alguns criticos. Para isso conta a historia de uma senhora que acabava de receber o amante, quando ouviu passos do marido. Combinou rapidamente o que havia de fazer e, assim que o espozto entrou, apresentou-lhe o amante como si fosse um médico. Disse que se sentira incômodada, mandára chamar o primeiro facultativo que se encontrasse e aquele fôra o achado. Felizmente estava restabelecida.

O marido, amantissimo e crédulo, assustou-se e insistiu para que o falso médico sempre receitasse alguma couza. Em vão, este disse que era inutil. Mas a insistencia do marido foi tanta, que o pobre homem, absolutamente ignorante de tudo quanto concernia a ciencia de Hipocrates, teve de rabiscar qualquer couza.



O que ele fez foram, de fato, rabiseos, sem nenhuma significação. Não empregou mesmo o menor esforço para escrever nem uma palavra.

Entregando a sua receita, o falso médico quiz partir, porque previa que o farmacêutico ia devolve-la como ininteligível. Mas o marido o constranheu a demorarse, garantindo-lhe que, sem a sua presença, a mulher não tomaria, de certo, o remédio salvador.

O pobre amante suava frio, no temor do escandalo que ia afinal rebentar.

Nisso, entretanto, a criada entrou, com a mais perfeita naturalidade, trazendo o medicamento receitado. O farmacêutico entendêra, onde nada havia para entender!

Esse farmacêutico é o chefe espiritual de uma vasta categoria de cidadãos, que não se decidem nunca a confessar que não compreendem mesmo as couzas mais radicalmente incompreensíveis.

Menos inteligente que esses criticos, eu confesso não haver decifrado a significação de muitos trechos do prefacio de Luiz Murat.

Os que se vão lêr figuram nesse numero:

“A plenitude do ideal supõe um campo vastissimo de operações etimologicas”.

“Si o substantivo é a alma do estilo, a forma é o adjetivo, a que aquêle se apoia, para o fim de dezenvolver todas as energias avigoradas pelo contacto ou reforçadas pela ação do elemento material, que se intensificára no ato da conjunção”.

Vagamente, julga-se distinguir que ha ai dentro uma teoria do estilo. Qual? E' difficil dizê-lo.

Mais adiante se encontra uma teoria da evolução: . . .

“A forma evolutiva é espiroide. E é em virtude dessa correlação de elementos a ajirem por esse modo, que a ideia da divindade parece adquirir mais força. De fato, a conclusão a tirar-se do conceito acima é que as emanções, nascendo do fluxo luminoso, precisam assentar sobre as proporções mais vigorozas, e estas só a espiroide possui. Ao demais — levemos mais lonje a generalização — que é a espiral sinão a vorticalidade menos preepitada, a vorticalidade que constitui o carater ou a condição insita do poder absoluto?”

Atravez das densas nuvens de uma frazeologia calijinoza sente-se uma aluzão á teoria de Vieo, que considerava a marcha do progresso como uma espiral: as sociedades progridem, repetindo sempre os mesmos cielos. Murat complica e obscurece o velho autor italiano.

Em outros cazos, fiea-se a perguntar que intelijencia deu o poeta a certos principios. Assim por exemplo, falando de politica, ele diz:

“Reajir como, si eles se sentem peiados nos movimentos pela imensa mole de circunstancias eventuais que, abatendo sobre o nosso paiz, interceptára a penetração do que Myers chamou — o *subliminal* — nos negocios da Republica”.

Myers esereveu um estudo admiravel sobre o inconeiente — o que está abaixo do limite da consciencia normal e que por isso, ele chama *consciencia subliminal*. Murat deve ter sido enganado pelo termo, achando que ele derivava de *sublime*. E traduziu-o por *subliminal*, quando a expressão de Myers provem de *sub* e *limine* — *sub-limínal*.

Que tem isso com os negocios da Republica ha de seguramente escapar a muita gente. E, quando não escape a mais ninguém, continuará a ser para mim um mistério profundo.

Os mistérios não fazem aliaz medo a Luiz Murat que proclama ser um adepto de Swedenborg, o mistico succo, que, depois de ter publicado excelentes livros de ciencia atirou-se ás mais abstruzas cojitações teológicas e fundou uma nova seita. Swedenborg gabava-se de ter ido ao céu e de eserever varias conzas, ditadas diretamente por Deus.

Ha, no livro de Murat, muitas poezias em que se sinta a filozofia de Swedenborg?

Algumas estão evidentemente inspiradas por ela. Não são muitas e o que nelas se lê não são ensinamentos que estejam somente nas obras daquele autor. A principal afirmação é que a vida continua em outros planetas.

Murat esereveu no seu prefacio:

“Quer-se a noção alevantada da lei, ajindo de uma maneira conforme em todos os planos da Creação; e, pelo amor de Deus, não me venham dizer que ela começa e termina na estreita zona de um planeta, que é sem duvida um dos mais insi-gnificantes que existem”.

Mais adiante ha isto:

E o amor? Sim, que ha de ser do amor piedoso e casto,  
— cisne que adormeceu sobre um lago sereno?  
Senhor, o ideal humano é muito vasto  
para circinscrever-se a um mundo tão pequeno!"

E ainda em outro ponto:

"Ilude-se quem-crê que é um descanso a Morte!"

No *Passeio da Terra*, ha esta estrofe carateristica:

"A assombroza atração nega o repouso e o sono  
aos pélagos profundos.  
Alguem, que tudo vê do rutilante trono,  
dando alma ás solidões e aza aos vermes imundos,  
agazalha e protege o homem como um colono,  
que vai depois de morto explorar novos mundos".

Na *Filha de Cassiopeia* leem-se estes versos, mais obscuros,  
mas que ainda assim deixam entrever o pensamento principal:

"E's uma atra, tortuoza e humilde albergaria,  
Terra, esquecida e baixa!  
Deces como um galé á masmorra sombria,  
que o tempo e o vendaval bramante esvurma e racha...  
Porque, tolhida e só, vás sem cajado ou guia,  
sobreexaltando o algóz, que te sachola e sacha?"

Na *Ascensão do Mago*, que é, como as duas anteriores poe-  
zias, toda de inspiração swedenborgiana, acha-se esta quadra:

"De toda a varia forma inexpressiva e abjeta,  
que reveste e disfarça a vida subalterna,  
somos a alma imortal, a relação secreta  
entre a imobillidade e a ajitação eterna."

Na poesia *Do Thabor* ha um verdadeiro sermão, que come-  
ça assim:

"Os castigos estão na proporção da falta;  
não tragas, homem cêgo, a cabeça tão alta.  
Si queres ser perdoado, ah! começa perdoando  
O ministro insolente, o despota vitando".

Mas afinal de contas Murat não podia pôr em verso todas  
as subtilezas teológicas de Swedenborg. O que, portanto, mais  
avulta nas *Poezias Escolhidas*, das lições do mystico sueco, é que  
os outros planetas são também habitados e que a morte não  
constitui o descanso final. Há uma vida apoz esta. Swenden-



borg a desereve de um modo completo, achando que nesse novo plano espiritual existe uma especie de duplicata incorporéa da Terra.

Pode-se dizer que o germen dessas afirmações figura até nas erendiees de alguns povos selvajens. Em Swedenborg elas tomam um aspéto mystico. No fundo, porém, a identidade de principio é evidente.

O homem no seu imenso orgulho, classifieou as couzas do mundo, tomando-se como o estalão da perfeição. Reconhecendo que se podiam dividir todos os seres em minerais, vejetais e animais e que ele estava nesta ultima categoria, proclamou que ela era a mais elevada. Verificando que nesta ele era o ser mais inteligente, imediatamente afirmou que a inteligencia era a virtude suprema. Sentindo, porém, a desproporção não só entre o conjunto grandiozo do Universo e a mesquinha insignificancia dos sêres vivos, como ainda entre estes e o Homem, ele procura sair do absurdo em que está, declarando impossivel que toda esta maquina gigantesca exista para que nela só floream sêres inteligentes em um pequeno planeta. E não falta quem do-te de habitantes todos os outros astros.

Realmente, si as premissas subentendidas de que partem tais raciocinios estivessem demonstradas, o fato de só haver sêres vivos e inteligentes na Terra seria extranho.

Mas o que ninguem ainda provou foi que o Universo tenha sido creado; ninguem provou que, si houve essa creação, ela tinha sido feita por um ser inteligente; ninguem provou que a vida seja na Terra um estado superior; ninguem provou que a inteligencia seja a faculdade superior dos sêres vivos.

A inteligencia é uma faculdade, graças á qual, os sêres vivos se adaptam ás condições do meio. Por isso mesmo, é licito sustentar que os sêres já adaptados a esse meio estão em condições mais perfeitas. A bôa classificação talvez seja a que ponha os minerais acima dos vejetais, os vejetais acima dos animais e entre os animais dê a primazia aos que já dispensam as incertezas da inteligencia e se acomodam com as cristalizações do instinto. Os minerais já estão adaptados á sua condição; os vejetais já o estão mais que os animais; os animais, que vivem uma vida em que o instinto predomina, já se acham mais adaptados que aqueles que ainda precisam da inteligencia para guia-los.

Não ha nisso um paradoxo literario. Toda uma grande e veneravel filozofia — a da India antiga — chegava a conclusões identicas a esta.

A vida não existe, não pode existir sinão na Terra. Quanto mais os astrônomos conhecem os outros planetas do nosso sistema, mais verificam que neles nada se admite que tenha os caracteristicos intimos, profundos, substanciais, que dão á Vida o seu feitio especial. Não se trata das formas, das simples formas exteriores dos seres vivos; o incompativel com as condições dos outros planetas são as propriedades fundamentais da materia viva.

Ha é certo, que nos diga que a Vida, nesses outros planetas, deve ter propriedades diferentes das que tem na Terra. Mas, si neles existem cousas que tem propriedades diversas do que nós chamamos *Vida* e não tem, em compensação, as que nós consideramos como essenciais a ela, é impossivel dar o mesmo nome ao que não tem as mesmas propriedades. Nomes identicos não se aplicam a cousas fundamentalmente diferentes.

A Vida é um pequeno acidente da Terra. Anatole France comparou-a a um bolôr. Um gigante capaz de tomar a Terra em uma das mãos, podia dele raspar a Vida como nós raspamos o bolôr de um queijo...

Si fosse possivel rennir em um só ponto do nosso planeta tudo o que é substancia viva, e suprimi-la, o pezo retirado seria propôrçionalmente menor que o de uma pulga que se eliminasse de um elefante. O grotesco é que essa pulga suponha que o elefante sobre o qual ela está é o solo sobre a qual o elefante repouza — tudo foi creado para ela!

Assim, si alguém tivesse provado que a vida era o dom mais perfeito do Universo e a intelijencia a qualidade mais alta dos seres vivos, seria, de fato, um pouco extranho que ela só existisse na Terra, pequeno planeta que nada distingue: não é nem o maior, nem o menor, nem o do meio termo. Mas o que falta demonstrar são precisamente aquelas premissas essenciaes...

Em todo cazo, Murat está em muito bôa companhia acreditando no que acredita.

O mal é que ele exprina todas essas ideias de um modo obscuro e torturado, com uma evidente pesquisa de palavras extravagantes.



O uso de palavras extravagantes é sempre um erro em poesia.

A poesia se presume escrita para ser lida em voz alta, afim de fazer sentir a sua harmonia. Quando, porém, na leitura, se tropeça em uma palavra insolita ou desconhecida, tem-se de parar ou no minimo de retardar a emissão da voz, surpreendida. E a harmonia do verso é quebrada com essa pausa.

Mesmo sem isso, nenhuma preocupação menos artistica que a de espantar o leitor com a exhibição de palavras pouco usadas. E' fazer na poesia o que fazem na vida os individuos de máu gosto que procuram chamar a atenção, enfeitando-se com ornatos singulares, que atraem sobre eles os olhos dos que passam. Os versos ouriçados de vocábulos campanudos são, si assim se pode dizer, versos "rastaquóeres". Nada ha de tão belo como o estilo — em prosa ou em verso — que exprime as ideias mais altas com as palavras mais simples.

Murat abuza dos termos raros. Ha mesmo alguns que todos os dicionários ignoram. Dicionários e enciclopédias.

Outro exajêro frequente nos seus versos é o de aluzões mitologicas e literarias. Não são só os grandes deuses que figuram nas *Poézias Escolhidas*. São tambem os heroes mesmo muito secundarios de todas as fabulas que Ovidio, Virjilio e outros referiram. São ainda personagens de Alfred de Vigny, de Georges Sand, de Byron, de mil e um autores diversos.

Isso torna difficil a leitura de muitas das suas composições. Alias, de um modo geral, Murat é um autor difficil.

Andaram a disentir si o classificariam como parnaziario ou romantico. De fato, a unica classificação que lhe cabe é a de *apocaliptico*.

Dadas as suas crenças religiozas, o qualificativo não lhe deve dezagradar.

Ha no volume diversas poezias, que podem provar a justiça daquela classificação; mas talvez a melhor seja a *Tristeza do Cáos*. Desde o título, ela é singularissima. Por definição, um cáos triste já não seria cáos, porque a tristeza importa em uma coordenação de ideias e sensações, em uma disposição de espirito orientado de um certo modo, — de um modo que não pode ser caótico...

Nessa poesia se acham couzas espantozas. Basta dizer que o Nada tem pezadelos, que o Nada é abalado...

"Era para ele — Nada — um pezadelo horrível  
haver passos na terra e um ruído no intanjível..."  
"E um rumor, semelhante a um estrangulamento  
de trovões, todo o Nada abalou num momento..."

Fala-se de uma massa, que entulhava o Infinito. Ora, a maior das massas, no Infinito, valerá sempre por um simples ponto, uma ridícula insignificancia ineapaz de entulha-lo. Um infinito entulhado devia ser muito pequeno...

Lê-se, por exemplo:

"...a entanha que sai d'agua, o astro que sai da esfera,  
é o Oceano — a velha arteria ilaqueada do Mundo."

Mais adiante esbarra a gente nesta quadra:

"Cyro, o sabre que tem por bainha Cambizes,  
serve, ás vezes, de pena a Homero e a Heziodo;  
o acazo não terão identicas raizes  
o Gandjure o Coran, o Zend'Avesta e o Exodo?"

Já sem levar em conta que o poeta altera a pronuncia exdrixula de *Heziodo e Exodo* para os obrigar á rima, tornando as palavras graves, ha o espanto de vêr Cyro, que é pai de Cambizes, estar para ele na relação de uma espada para a bainha, servindo, apesar disso, de pena a Homero e Heziodo que tinham morrido dois a trez séculos antes que ele nacesse!

E a tristeza do Cáos nos diz ainda que

"...o dogma, esse intestino,  
tem servido de esterco á moral e ao direito..."

Comparar o dogma a um intestino já era bastante singular; por eumulo, o que serve de esterco não costuma ser o intestino, mas o seu conteúdo...

De repente, porém, no meio desta poesia solenissima e apocaliptissima, estalam estes versos chatissimos em que o poeta se dirige a uma aguia:

"Aparelha a razão...  
e em pratos limpos põe toda esta barafunda".

Ha, de vez em quando, nos versos de Murat essas mudanças bruseas de tom. Do alto de uma tirada filozófica, sempre



complicadíssima, ou de uma expansão lírica, ele deixa-se cair em uma vulgaridade, que espanta:

Falando, por exemplo, das perolas:

"Numa concha embarcada, percorremos  
todo esse espaço, sem **estardalhaço**..."

Uma voz, dirigindo-se a um sátiro, ameaça-o:

"Si tocares nesse fruto,  
**quebro-te os cornos, canalha!**

E na poesia *Sotainas*:

"Eis a imagem de todo o clero: bôa  
meza, beatas, vinho a rôdo, em suma.  
Entre as gentes na rua o ar abotôa  
e qual a eua relijião? — Nenhuma!"

Ha um evidente plebeismo nessas expressões.

Murat é um poeta prolixo. Creio só se lhe conhece um soneto, que alias não está no volume — o que faz crêr que o poeta não o aprecia.

Ha um grande exemplo literario inteiramente identico ao seu: o de Victor Hugo.

Tambem ele só deixou o celebre soneto a Judith Gautier, que termina por estes tercetos:

"Judith, nos deux destins eont plus près l'un de l'autre  
tout le divin abime apparait dans vos yeux,  
qu'on ne croirait à voir mon visage et le vôtre:

et moi je sens le gouffre étoilé dans mon ame;  
nous sommes tous les deux voisins du ciel, Madame,  
puisque vous êtes belle et puisque je suis vieux".

O soneto deve ser uma tortura para os poetas, que sentem dentro em si um grande turbilhão de imagens. Mas é tambem por isso mesmo uma disciplina. Habitua-os a ser concizos. Lembra-lhes o preceito de Voltaire:

"Le secret d'ennuyer est celui de tout dire."

E' preciso saber limitar-se. E isso é uma ciencia que Murat não tem.

Assim, si se recapitulam os seus defeitos, vê-se que ele é, nas suas poesias filozóficas, sobretudo obscuro. Em todas, prolixo.

Quando, porém, deixa em paz Swedenborg e decide-se a ser simplesmente um lirico, que canta eouzas de amor, o poeta calijino e apocaliptico passa a ser um romantico suavissimo. Muitas das suas poezias lembram o mais meigo dos nossos poetas romanticos: Cazimiro de Abreu.

E' de Murat *A Arvore do Coração*, que começa assim:

"Dentro do meu coração  
crece uma árvore frondente,  
onde uma triste canção  
gorjela constantemente  
um sabiá da floresta.  
Cada iluzão que aparece  
pergunta: "que voz é esta,  
que as iluzões adormece?!"

Cada folha e cada flôr  
que cai dessa arvore imensa,  
são restos do teu amor,  
são restos da minha crença.  
Envolta em turbidas sombras,  
de seu longos e hirtos braços,  
lança ao docel das alfombras  
o coração aos pedaços."

Falando da aparição de uma mulher amada, ele diz:

"Quando eu a vi aparecer na sala,  
pizando o solo, como pizaria  
o rutilante trono de ouro e opala  
Minerva, a deusa da sabedoria,  
minh'alma aos pés lhe' foi cair de joelhos  
tremula, como um raio do sol posto..."

Mesmo quando as imajens não são muito justas, — e nem sempre o são — o verso é bom, doce, cantante:

"Quando caminho pelo meu passado,  
tão cheio agora de recordações,  
e vou por esse mundo constelado  
alvoratando as minhas afeições,  
apenas uma contra o selo aperto,  
e essa afeição, ó minha Mãe, é a tua,  
que na minh'alma como n'um dezerto,  
cada vez mais aumenta e se acentua!"

Na poesia *Tocando e dansando* ha estas quadras:

"Quando ela dança, a bamboar-se toda  
e a violeta nos seus dedos fere,  
não ha cabeça que não fique douda,  
nem coração que não se dilacere.

Tudo na saia extático respira  
um deliciozo ambiente muzical;

e é tão forte o perfume que ela expira  
que, por força, lhe deve fazer mal.

Um cisne, que no seu jardim, levanta  
para ouvi-la o pescoço, brando e esgulo,  
e adormece ao sabor dessa garganta,  
fresca e sonora, como o alvéu de um rio".

A poesia *Ama!* termina por estas quadras nitidamente "cazimirianas":

"Ouve; quando a palmeira a alegre espatha  
alrosa, entrega ás virações do sul;  
quando a acauã na soldão da matta  
contempla, absorta, o firmamento azul,

um fremito as ajita docemente...  
Canta baixinho o passaro taful...  
Que harmonia na vaga e na corrente,  
que anhedade na estrella e no pául!

Amar é a segurança no que é vario.  
é a inconstancia de tudo o que é constante,  
a lua que prateia o campanario,  
a onda que geme no alcaantil distante...

E's tu — a força reunida ao medo,  
a belleza ligada ao soffrimento,  
o gemido da rôla no arvoredo,  
A hesitação da luz no firmamento..."

E' absolutamente na mesma nota a poesia *Prece* que começa por esta quadra:

Já me não sobraem liricos momentos,  
para seguir dos sonhos o rumor,  
rumor que abranda a cólera dos ventos,  
— ecos do meu amor!"

E termina:

"Tem piedade uma vez, cruel! Concede  
que livre o meu soluço aos teus pés vá;  
ou então ao Senhor, de joelhos, pede  
que me leve de cá".

De vez em quando, mesmo nas poezias mais obscuras de Murat, passam versos magnificos:

"Em qualquer parte onde haja um velho e uma criança,  
sua muza reflete a mesma claridade:  
para os que pedem luz, Victor Hugo é a esperança,  
para os que pedem pão, Victor Hugo é a piedade."

Na poesia *Veneza*:

"Quem me dêra ao queimor astral de acezas frâguas,  
numa gondola vêr a amplidão infinita,  
pezada de astros como um coração de maguas!"

No *Passeio ao Bambual*, ha este pensamento tão bem expresso:

“De que nos serve a luz, de que nos serve a vida morta?  
quando o corpo é o caixão de uma alma que está morta?”

Murat o vate obscuro e abstruzo das complicações svedenborgianas, sabe fazer versos que tem o deliciozo sabor das quadras populares:

“Sorte, como a minha sorte,  
ainda ee não viu igual:  
receio que a própria morte  
aggrave e não cure o mal.

D'eetas chamae infernaes  
naeceram as minhas dôres:  
ai! ferem mais que os das flôree  
os eepinhos doe mêus ais!...

De um crime, que desconheço,  
a pena eetou a soffrer.  
Ha muitos annos padeço,  
não poeso male padecer.”

E é ainda nessa nota de meiguice e sinjeleza a poesia *Penas Perdidas*:

“Perguntas porque meu vereos  
choram, em vez de sorrir...  
E' que ellee eão universos  
que estão quasi a ee extinguir.

Trietes d'ellee, minha filha,  
Tristes delles, minha irmã,  
raro é aquelle que brilha,  
quando desponta a manhã.

São pequeninos fragmentos,  
pedaços da minha cruz,  
errando ao eabor dos ventoe,  
como planetae sem luz.

As lagrlmae que vieram  
humedecer este chão,  
num coração estiveram  
que já foi meu coração.

Pobre estrella desgarrada  
foi eesa estrella de amor,  
hoje de todo apagada  
no seu fumeiro de dôr.

Irrompa, embora, no Oriente,  
qualquer aurora, qualquer,  
quem tem o Occaso, eómente,  
não vê a aurora naecer.



Houve uma dama formosa  
que meu coração colheu,  
como se colhe uma rosa,  
mal o dia amanheceu.

Que quadra feliz foi essa!  
Que meninice ideal!  
O sonho que assim começa,  
quasi sempre acaba mal!...

Um dia, a dama querida  
para outro paiz partiu...  
não cicatriza a ferida  
que uma ingratição abriu.

Ella sumiu-se entre os astros,  
sem que a pudesse alcançar...  
Quem é que, andando de rastros,  
pode um passaro apanhar?"

.....

O que hoje faço, portanto,  
é fazer o que não fiz:  
enxugar, a furto, o pranto,  
e fingir que sou feliz."

Não era possível falar de uma obra tão vasta como a de Luiz Murat em meia dúzia de paginas.

Prolixo sempre, obscuro muitas vezes, não parece que as suas poezias filozóficas possam jámais ser apreciadas. Mas ha felizmente junto delas poezias de um lirismo suavissimo.

Quando o menino celebre do celebre conto de fadas calçou as botas do gigante, botas com as quaes dava passadas de sete leguas, esse pequeno não sabia de certo onde punha os pés. Atirava-os um pouco ao acazo e ora devia pizar vertiginozos eumes de altissimas montanhas, ora afunda-los em tenebrozos vales, em lodozos marnéis. E' o que fazem alguns grandes poetas, a quem parece que falta todo o sentimento da justa medida. Põem uma produção sublime junto de uma produção abominavel — o passo no alto do cume e o passo no marnel — com a mais absoluta inconciencia.

A verdade, porém, é que nem todos podem calçar as botas de sete leguas, do conto de fadas... A maioria — á qual não pertence Murat — marca passo, sempre no mesmo lugar.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



---

## OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

---

Ao trazer para o recinto desta Universidade alguns commentarios aos versos de *Lysis* tivemos em mira despertar a mocidade chamando-lhe a attenção para os thesouros da sciencia esoterica do passado. Muito louvamos o saber contemporaneo, e, contudo, não temos justa idéa do progresso. Affigura-se á intellectualidade do occidente que a sciencia se faz por accrescimos continuos, de modo que cada geração, excede em saber á geração que a precedeu. Esta noção é falsa, assim expressa em termos absolutos. Todavia nella existe uma alma de verdade, que se manifesta principalmente no progresso material, nos aperfeiçoamentos mecanicos, no alargamento do conforto humano. As massas humanas aproveitam em seu conjuncto deste progresso nas fórmas materiaes da existencia. Uma cousa, porém, é o progresso materlal, e outra o progresso moral e espiritual. O progresso moral e espiritual não têm a mesma acção sobre o plano physico da vida, nem se faz por grandes levvas, senão por fórmas individuaes; fórmas cada vez mais numerosas, e que não seguem marcha parallela ao progresso physico e material.

O desenvolvimento intellectual não é função do progresso moral, nem do progresso espiritual. Physico, moral, intellectual, espiritual são linhas de evolução distintas e separadas, destinadas a se fundirem e a se integrarem nos longes da evolução. Quando alguem apresenta estas varias manifestações evolutivas em sua unidade fundamental integrando-as todas em sua pessoa, attinge á estatua de um Pythagoras. Não temos orgulho desmedido de nossa sciencia contemporanca que não vae além do mundo dos factos, que raramente chega ao mundo das leis, sem remontar jámais ao mundo dos principios. E vejamos com modestia que, vinte e seis seculos depois de Pithagoras, depois de haver regado o planeta com as



suas lagrimas e com o seu trabalho incessante de Prometheu, a humanidade tem alguma cousa a receber dos labios do grande philosopho.

Accordaste? Vê lá com calma e in-continenti,  
 que o que tens de fazer para amanha não fique.  
 Vais dormir? Nunca o Somno as palpebras te fêche  
 sem que antes hajas tu perguntado a ti mesmo:  
 "— Que fiz eu? Que deixei de fazer neste dia?"  
 Si praticaste o mal, recu'a: — perseverá  
 si praticas' o bem.

Já vimos o pythagorico á procura da virtude, incorporal-a á sua vida de cada dia, assenhorear-se de suas paixões, governar e dirigir seus pensamentos, suas palavras e seus actos; organizar a familia modelo; ser o bom cidadão da cidade ideal; cultivar o dever e a justiça; comprehender a Liberdade, o Destino e a Providencia, isto é, conhecer a lei de causalidade no mundo moral e espiritual, — o karma, e a palingenesia, isentando assim o Absoluto das responsabilidades da origem do mal; já o conhecemos nos templos de Appollo, no seio de uma sociedade polythelsta, a render o culto consagrado pelas leis; fazendo-o convergir em pensamento á unidade divina.

Sahiu em busca da Virtude e chegou ao encontro da Verdade. E' á Verdade que os pythagoricos rendem culto praticando os preceitos attinentes á Perfeição. A Verdade é a alma de Deus, segundo Pythagoras; é o proprio Deus, segundo o legislador dos hindús.

Sêde perfectos, dizia o Christo. Pythagoras procurava a perfeição pelos methodos de iniciação antiga, ensinado nos Mystérios do Egypto. Condição deste desenvolvimento era a pratica do bem, dizem-nos os versos que vamos commentar. Chegar á verdade pelo caminho da virtude não é com certeza o caminho aconselhado pelos nossos methodos scientificos contemporaneos. A sciencia, as sciencias e as aptidões mentaes que ellas requerem nada têm que pedir á virtude. Que importam as condições moraes do candidato para a comprehensão das leis de Kepler? O ou que relação existe entre a santidade e o quadrado da hypotenusa?

Nenhuma. Mas as sciencias que dispensam e prescindem do homem interior não transcendem ao mundo dos factos e das leis. Para elevar-se ao mundo dos principios é necessario cultivar alguma cousa de mais elevado que o intellecto. O intellecto alcança o que está dentro de sua esphera, e o mundo dos principios expede-lhe a medida. A intelligencia é um instrumento de acção destinado ao mundo material. O mundo dos principios é espiritual e invisivel; é o mundo gerador das fórmulas de que o proprio intellecto é uma manifestação. O inferior só pôde conhecer o superior usando

do methodo analogico, que é o methodo classico do esoterismo. A sciencia official emprega sómente a observação e a experiencia, que alcançam os phenomenos pelo seu lado exterior, e nunca pelo aspecto esoterico.

Para chegar á Perfeição almejada por Pithagoras era necessario entrar pela porta estreita. A expressão não é pythagorica, mas christan. Comtudo ella corresponde perfeitamente ao pensamento, de Pythagoras. A porta estreita é a porta do serviço, do amor, da caridade. Si praticaste o mal, recúa; — perseverá, si praticaste o bem.

Para sermos breves, dar-se-á aqui um apologo concernente ao Messias, e cujo significado applica-se perfeitamente bem ao espirito dos ensinamentos de Pithagoras.

“Quando virá o Messias? pergunta o Rabbi Schimeon ao propheta Elias, que descia muitas vezes do céu para conversar com o mestre do Solhar. Hoje mesmo, responde o propheta, vai á porta de Roma e vel-o-ás. Rabbi Schimeon dirige-se á porta de Roma e lá fica o dia inteiro, e volta, tendo visto unicamente mendigos cobertos de ulceras e um desconhecido de pobre apparencia que os consolava e lhes pensava as feridas. Ao chegar, encontra Elias em sua casa, e interroga: “Mestre, porque zombastes de vosso servidor?— Eu não te enganei, diz o propheta; não viste um homem a exercer a caridade? Pois bem, eu te digo que o reino da caridade é o do Messias, e si queres que o Messias venha a ti todos os dias, pratica diariamente a caridade” (1).

E’ o reino do Messias que os pythagoristas procuravam por antecipação prophetica de um Messias que só viria 6 seculos, depois.

O mal, corrige-o; o bem, fal-o de novo, diziam os pythagoricos. E’ o caminho do serviço desinteressado, da caridade activa, do sacrificio espontaneo, do amor que se expande, que esquece o “eu”, que procura a união com o divino.

Os versos attinentes á Perfeição seguem o caminho mystico, porque a humanidade não encontrou outra vereda para encontrar a consciencia cosmica. Dizemos consciencia cosmica para dar um colorido exoterico á verdades do mundo interior, á impressões subjectivas, mas que fazem parte da experiencia mystica.

— Accéita estes conselhos  
e as virtudes terás que esplendem só nos Deuses:  
juro-o por quem gravou bem fundo em nossas almas  
a Tetrada sagrada, immenso e puro symbolo  
que enquadra a Natureza e é dos Deuses modelo.

(1) Eliphas Levi. — Le livre des Esplendeurs, p. IV.

Seremos rapidos para evitar os difficeis do problema do Symbolismo. Não é nosso intuito elucidal-os, mas despertar a curiosidade dos que tenham pendor para semelhantes assumptos. Evitaremos fallar da Tetrada sagrada como da taboa de Esmeralda a que se refere Lysis nos versos que rezam:

Queiram elles, verás — que, em tudo similhante  
a Natureza é sempre a mesma em toda a parte.

Diremos unicamente de passagem que o symbolo é a lingua-gem esoterica por excellencia. Houve um tempo em que era preciso occultar certas noções áquelles que não estavam preparados para recebê-las, e que as recebendo precocemente poderiam fazer máu uso de sua sciencia. Dahi o symbolo que alargava o horizonte dos iniciados sem revela-a aos profanos.

O que mais importa neste momento, é saber que havia um fundo commum de verdades esotericas ensinadas nos antigos templos. Quer que se trate de Mystérios maiores ou menores, quer se trate da iniciação hindú, egypcia, chaldaica, grega, judaica, ou mesmo christan, sejam os iniciados brahmanas, magos, hermetistas, pythagoricos, platonicos, kabalistas, christãos gnosticos, alchimistas, rosacruz, ou theosophos, todos elles aprenderam e ensinaram o mesmo nucleo de verdades. Qualquer que seja o lugar, ou a data da iniciação, quaesquer que tenham sido os templos, as provações do candidato, por variados que tenham sido os symbolos, todos tiveram accesso ás mesmas verdades fundamentaes. A verdade esoterica se transmite por muitos canaes, mas é uma e a mesma: a tradição se conservou pura e sem jaça, por muito que se tenha querido supprimil-a.

Os povos que obedecem á direcção catholica do Christianismo, não encaram as cousas por este prisma e repellem o esoterismo que está nas fontes de sua religião.

No começo da era christan, havia duas doutrinas: uma exoterica, destinada á multidão, outra esoterica, ensinada aos discipulos mais capazes. Em nossos dias, a Igreja ministra ensino uniforme para a totalidade dos fieis e nega o esoterismo dos primeiros tempos. Negado ou acceto, o esoterismo christão é uma realidade. O passado não pode ser apagado por concilios que refratam o ensino original. Podem os homens ter perdido o contacto com as fontes crystallinas do passado, mas a sua voz está a clamar por uma exégese mais espiritual que reponha em seus fundamentos o pensamento christão. Não se cançou o fundador do Christianismo de alludir aos mysterios do Reino, de fallar em parabolias adaptando o ensino ás mentalidades dos que o ouviam, explicando em particular aos mais capazes. Não deihs cousas santas aos cães, não atireis perolas aos porcos, dizia. Não tinham estas palavras a significação

dura e grosseira com que soam aos nossos ouvidos. "As pessoas que faziam parte do mesmo grupo chamavam cães, isto é, o vulgo, o profano, todos os que não pertenciam ao seu grupo, quer se tratasse de uma sociedade, de uma associação, quer de um povo. Os judeus, por exemplo, assim se referiam a todo o gentio. Applicavam-se algumas vezes estas expressões ás pessoas extranhas ao grupo dos Iniciados, e neste sentido as encontramos empregadas por toda a Igreja primitiva. As pessoas não iniciadas nos Mystérios e consideradas como extranhas ao "reino de Deus" ou "Israel espiritual" eram assim designadas."

Mas, não é nosso thema particular mostrar a origem esoterica do Christianismo, que aliás para ser devidamente elucidado exigiria mais de uma conferencia, e estaria a pedir textos de S. Paulo, de Lucas, e das mais luminosas manifestações do christianismo original: Tertulliano, Origenes, S. Clemente de Alexandria, S. Ambrosio, S. Cyrillo de Jerusalém, S. Basilio, S. Gregorio de Nazianzo, S. João Chrysostomo, e S. Agostinho.

As allusões aqui feitas de passagem são com o fim exclusivo de frisar mais uma vez a unidade das religiões, unidade que não pôde ser comprehendida por aquelles que as encaram em suas fórmulas inferiores, materiaes, em seus ritos, em symbolos mal interpretados, mas que as sentem nitidamente os que as consideram em suas fórmulas superiores, em seu elemento substancial, espiritual, e as recebem como manifestações do mundo divino refractado através da mente humana, deformado através dos tempos, segundo os povos e as raças que receberam a mensagem original e a deturparam.

Antes, porém, de tudo, o teu dever cumprindo  
desses Deuses a graça ardentemente invoca,  
—pois, sem ella, jámais das cousas começadas  
lograrás ver o fim que de antemão visaste.

Entramos num assumpto que faz parte da experiencia pessoal do crente, e que é geralmente regeitado por homens de sciencia como cousa inteiramente vazia, destituida de caracter positivo, puramente illusoria. Para a generalidade dos scientistas a oração é um surto sem objectivo e sem resposta possivel. Sem objectivo porque são agnosticos, e não reconhecem o poder em que temos "o movimento, a vida e o sér". Ou sem resposta possivel, porque mesmo aquelles que regeitam todos os enygmas do universo no seio de um Incognoscivel transcendente, que escapa á observação e á experiencia, não julgam possivel que este incognoscivel attenda ás supplicas humanas, infringindo assim a lei de causalidade.

Não ha resposta a dar ao agnostico; é preciso esperar que a sua propria evolução o tire do horizonte estreito e do seu universo me-

(1) Annie Besaut — Le Christianisme, p. 51-52).



canico; que seus olhos se abram aos raios do invizível, que são: a vida, manifestada na multiplicidade dos séres vivos, a consciencia operando na substancia nervosa, a intelligencia associada a todas as fórmãs da materia, a hierarchia dos séres espirituaes nas manifestações mais subtis dessa mesma materia.

Não pode orar quem não tem consciencia, ou ao menos presentimento de um mundo suprasensível, de um poder superior que serve de fundamento ao universo. Orar é enviar uma mensagem á força transcendente que escapa á percepção sensorial. O homem o mais ignorante como o mais sabio, tem consciencia de suas limitações naturaes, e geralmente nas grandes crises da vida, na hora tragica da existencia, o mais refractario dos homens ás vibrações subtis do mundo superior, regelta do seu coração a escoria ephemera de sua inserção material.

O pensamento é uma força; elle se exterioriza, se objectiva, se realiza em nosso corpo physico, faz e desfaz molestias diversas; em condições mal definidas transmite-se á distancias immensas e impressiona cerebros afinados em consonancia com o cerebro emissor. Elle penetra igualmente o chamado mundo astral, onde assume fórmãs materiaes, feitas de materialidade subtil que impressiona sensitivos e videntes. Penetrará elle o chamado mundo divino? Sim, certamente responde a experiencia pessoal de todos os crentes, desde o feiticista a o propheta, desde o brahmane ao santo, do culto mais elementar ao mais adiantado. A experiencia humana diz sim pela bocca de todos os crentes, mas como se trata de factos interiores da vida intima, elles escapam habitualmente ás condições dos factos scientificos, ás provas da experimentação objectiva. Contudo, estas experiencias se apresentam ás vezes em condições que se approximam das exigidas pela sciencia. Assim é que Lourdes cura á luz clara do sol. Lourdes cura como curam todos os fócios de fé intensa. Assim curava a piscina de Bethsaida, na Judéa; assim são curados os peregrinos da Méca e os sectarios de Boudha, na India; assim, na nossa modesta capella da Aparecida; assim se dão curas na humilde cabana do feiticista atrazado, mas capaz de ter fé viva "como um grão de mostarda". Longe está o psychotherapeuta de descrever que a fé focalize as energias espirituaes, despertando a *vis medicatrix*, que é, na realidade o unico medico dos séres organizados desde a aurora dos tempos; longe de descrever disso, elle sabe que isso é. Sabe que a fé, a oração ardente, verdadeiras alavancas da vontade, despertam Lazaro que dorme no inconsciente physiologico, e faz resurgir o homem transcendente que habita em nós, que é o archetypo do corpo, e que refaz o corpo em curas prodigiosas.

Lourdes cura, e o seu poder de cura excede de muito o campo das psychonevroses, o unico em que o quer confinar o organicismo medico, porque lhe não comprehende o mecanismo, mas a area de



suas curas não vai além daquellas que se realizaram no tumulo do abbade Paris, que era jansenista heretico.

O prodigio é de todos os tempos, mas o prodigio não é milagre; o signal, como o chamava o propheta de Nazareth, é de todas as épocas, porque em todas ellas houve alguém capaz de utilizar-se de leis do mundo superior e de applical-as ao mundo dos factos phisicos e chimicos. Mas o signal não é o milagre, porque a natureza é a totalidade do que é, nenhum phenomeno pode ser contrario ás leis do todo, ás leis do sér.

William James, o fundador da escola philosophica chamada o pragmatismo narra alguns pormenores verdadeiramente extraordinarios da vida de Jorge Müller. Este homem, de fé ingenua e simples como uma creança, nunca cessou de implorar soccorros materiaes em suas orações. Tomou ao pé da lettra as promessas escripturarias e resolveu contar unicamente com Deus para prover a sua subsistencia. Este homem praticou sempre a beneficencia; viveu tão sómente para as boas obras. Distribuiu mais de dois milhões de exemplares das Escripturas Santas; expediu centenas de missionarios, á sua custa; edificou cinco grandes orphanatos, onde recolheu milhares de orphams; fundou escolas, onde ministrou a instrucção a mais de cento e onze mil creanças; recebeu e administrou mais de trinta e cinco milhões de francos. Pois bem, este homem extraordinario, nunca possuiu cousa alguma além de suas vestes, de seu mobillario, e do indispensavel para as despezas correntes. Damos aqui um transumpto muito summario do seu methodo: "Nunca senti mais vivamente a presença de Deus e seu soccorro do que nos dias em que, terminado o almoço, nada sobrava para o jantar (e eramos mais de cem); terminado o jantar, nada mais havia para o chá; e o Senhor á tudo proveu, sem que de nossas necessidades tivessemos informado uma só creatura humana... Pela graça do Senhor, tendo-lhe tanta confiança que no meio das mais terriveis necessidades, posso, sem me atormentar, entregar-me pacificamente a minhas outras occupações. Si o Senhor não me desse esta segurança pacfica de sua fideidade, eu seria incapaz de fazer o que quer que fosse; porque raros são os dias em que, algum departamento de minha obra, não esteja quasi a faitar do necessario".

Não é para vos intrigar com o prodigio que narramos o caso de Jorge Müller, mas porque é um facto recente, e bem estudado. O prodigio não tem, ao nosso ver, significação maior do que o facto corrente, o acontecimento de cada dia. Para quem oia o fundo das cousas a simples queda de um corpo, ou o movimento do braço, por acção da vontade, é tão enigmatico quanto o facto mais insolito. Tão mysteriosa é a lei natural que condiciona os phenomenos estudados pela sciencia, quanto os phenomenos anormaes e supranormaes que a sciencia nega e repelle por desconhecer a lei que os re-



ge. E' o habito e sómente elle que embota a nossa admiração. Os factos naturaes, por extranhos que sejam, repetem-se com tão invariavel constancia, que nos dão a illusão de os havermos comprehendido e explicado. Na realidade não comprehendemos um só phenomeno do universo. Da sua constancia invariavel provem a idéa de lei natural, e do conhecimento do seu mecanismo deriva o poder que temos de nos assenhorearmos do facto, de o governar, utillizando assim as leis naturaes em provelto nosso. Mas, poder não é comprehender. A nossa vontade sabe e pode mover o braço, e nós conhecemos o mecanismo da volição, os canaes de sua transmissão, sem comprehendermos o que é a vontade. Vibrações do mundo externo se transformam em sensação. A visão como a audição tem os seus orgams physicos que são os olhos e os ouvidos. Ondulações materiaes affectam estes orgams, e a sensação visual ou auditiva se produz. Conhecemos o mecanismo do facto, mas a passagem da vibração physica para a sensação, é incommensuravel o intelligivel. Que maior prodigio que este prodigio de todos os instantes? Esta impressão muito viva da incomprehensibilidade das cousas do universo, acendia a modestia no coração dos estoicos e se exprimila pela oração nos labios do Epicteto. Assim dizia elle:

"Existe na natureza um unico sér que, ao homem modesto o reconhecido, não prove abundantemente a Providencia? Tomemos as maravilhas mais diminutas: a herva torna-se leite, o leite se transforma em queijo, a pelle produz a lã. Quem concebeu tudo isso? Quem o realizou? Ninguém dizels: ó Impudencia, ó estupidez!

Si fossemos razoaveis, fariamos nós outra cousa, cada um de per si, todos em geral, que não fosse cantar a divindade, celebrar-lhe os louvores e render-lhe graças?... Velho e coxo, que posso fazer senão louvar á Deus? Si eu fosse rouxinol, faria o que fazem os rouxinões. Si fosse cysne, faria como os cysnes. Mas sou um sér racional, preciso cantar a Deus: é minha funcção eu a desempenho. E' um dever ao qual não faltarei em quanto tiver forças; e vos convlido a todos a cantar commigo". (1)

Eis ahi a oração chela de poesia de um philosopho pagão. Ella não corre a pedir auxllo material como a fé simples e candida de Jorge Müller. A proposito deste ultimo, falamos de prodigio. E' de facto, o termo que convem á acontecimentos pouco habituaes. Comtudo esses acontecimentos não escapam á causalidade natural, ainda que não calbam nas explicações physico-chimicas. A oração, como a fé, como a vontade bem cultivada o bem applicada despertam forças e faculdades do homem transcendente. Mas o caso de Jorge Müller é differente: não eram as faculdades occultas, não era o homem anímico que trazia soccorro ao homem cerebral. Como em outras instituições de caridade, o auxllo material lhe

(1) Epictete-Entretiens.

vinha do invisível no momento opportuno. Mas dissemos que taes prodigios não escapavam á causalidade natural. Por seus pensamentos, por suas palavras, por seus actos, o homem estende a sua esphera de relação e de poder no mundo vizível como no invisível. Esta hierarchia de séres de que temos fallado, uma das mais antigas tradições das crenças humanas, elemento commum de todas, e que tão naturalmente condiz com o conceito scientifico da evolução, esta hierarchia ahí está, em piena natureza, prestes a agir e a influenciar o homem terrestre quando encontra canaes e instrumentos adequados. Que é que impedia a que Jorge Müller fosse servido por elementaes, mais proximos do piano physico da existencia e por isso mais capazes de agirem sobre a materia densa? O universo é um organismo vivo e cada sér em sua esphera executa a sua tarefa. Isso não quer dizer que toda oração seja attendida no plano da existencia. O mundo da experiencia humana prova até o contrario. Quantas dores tragicas sem consolo, quantas mortes prematuras, que de maternidades dolorosas, que de mortes peia fome! A tragedia do mundo não encontra explicação senão em termos de uma evolução ascendente. O mal é relativo; é o bem menor; e porque a natureza é eterna e o tempo sem limites, o homem se vai despojando no curso das edades de suas limitações ephemeracras.

A vontade bem applicada, a acção recta e justa podem penetrar o mundo divino e descer ao mundo humano das realizações. Porque o divino não está tão longe de nós; todos os séres se tocam pelo Espirito, porque o Absoluto contem a todos, sendo a totalidade do que é. O mundo divino é um estado. A agua não muda de posição no espaço para se transformar em gelo. Sob a fórma solida, liquida ou gazosa, a agua contem sempre a mesma essencia. Aliás, o espaço é uma criação subjectiva. O mundo divino está em nós e em torno de nós, porque é um estado do sér. Assim, a oração é um surto da alma, um pensamento de consonancia com as leis da evolução, e a evolução, é uma phase do divino, porque é a monada em estado ascendente. Si não é o amor que impelle á oração, e sim o odio, a injustiça, o sentimento do mal, a oração faz magia negra, e o choque em retorno é inevitavel.

Certos occultistas não oram; elles sentem-se previamente de accordo com a vontade universal. Visitados pela dôr, pela molestia conformam-se contentes, porque sabem que o que acontece é melhor do que o que aconteceria, segundo a sua propria escolha. Aliás, como correctivo de nossa illusoria escolha, quem baibucia o Padre nosso, não escapa ao preito de confiança: "Seja feita a tua vontade". E quem diz Padre Nosso diz amor divino e fraternidade humana. Ora, sentençaça Eliphaz Lévi, sem o amor divino não se pôde amar os homens: os homens sem pae não tem irmãos. O homem é um monstro para o homem sem Deus.

Todas as religiões conhecidas instituíram cultos á divindade; procuram os homens exprimir em fórmulas materiaes o que está acima de toda expressão. Como tornar sensível o que é supra-sensível. De que modo tornar intelligível o que excede á intelligencia? Toda idéa que formula o Absoluto é concebida em termos do relativo; é uma limitação; é uma tentativa van para exprimir o ineffável, o inacessível. Esta deformação é muito sensível quando encaramos cultos que não pertencem á nossa propria religião. O Deus dos seivagens é sanguinario, e vingativo como elles. O dos africanos tem á sua côr, e os attributos moraes e espirituaes de sua propria raça. O dos mongoes tem olhos obliquos e certamente trança nos cabellos, e assim por deante. Cada sêr, cada povo, concebe Deus segundo o mais extenso raio de seu proprio ideal. Adorando a serpente, o bezerro de ouro, ou o Pae dos christãos, cada qual faz o que o seu gráu de desenvolvimento comporta de melhor. São estados incultos da mentalidade, estados temporarios, que serão por elles transpostos, como já o foram por tantos outros. Similhanamente, individualidades mais evolucionadas renunciam ás formas materiaes do culto. Assim é que os mais antigos magos da Persia não levantavam tempio algum nem erigiam estatuas. Os Druidas faziam o mesmo. Os primeiros invocavam o Principio de todas as cousas no aito das montanhas; os segundos no interior das florestas. Uns e outros julgavam indigno da Magestade divina o fechal-a num recinto e represental-a por imagem material. Parece até que os primeiros romanos compartilhavam desta opinião. Mas este culto inteiramente intellectual e destituido de formas, não poderia subsistir por muito tempo. O povo precisa de objectos sensiveis em que lhe possam as idéas repousar. Estes objectos insinuam-se mesmo a despeito do legislador que procura proscreeval-as. As imagens, as estatuas, os tempios multiplicam-se por muito que as leis os prohibam. Si o culto não soffre então uma reforma salutar, transforma-se em grosseiro anthropomorphismo, ou num completo materialismo, isto é, homem do povo, não podendo elevar-se até á unidade divina, trata de abaixal-a até a sua pessoa, e o sabio não podendo comprehendel-a, mas crendo que a comprehende, confunde-a com a Natureza.

Para evitar esta catastrophe é que os antigos sabios e theosophos tinham feito, como disse, da unidade de Deus um mysterio, e o tinham occultado no fundo dos santuarios. Unicamente depois de multipias provas, e quando o iniciado era julgado digno de ser admittido ao sublime gráu da autopsia, é que se lhe tirava dos olhos o ultimo véu, e que se lhe entregava á contemplação o principio e o fim de todas as cousas, o Sêr dos séres, em sua insondavel unidade". (1)

(1) Fabre d'Olivet. — Vers dorés de Pythagore, ps. 388-389.

Esta concepção está nas linhas do Christianismo esoterico. A hora veio em que os verdadeiros adoradores devem adorar o Pae em espirito e verdade, disse o propheta de Nazareth. A quem vão elles adorar? A Jupiter, a Apollo, á Brahma, á Osiris, á Jehovah? Que nome teria dado ao Absoluto o propheta de Nazareth, e como adoral-o? O Absoluto tem um nome que se faz sensível ao homem, intelligível ao universo. E' o nome de Pae. Elles adorarão o Pae, porque o que começa tem um Pae. Pae, invizível como a vida que se manifesta nos séres vivos, como o pensamento que se manifesta em actos. Como adoral-o? Nem em Jerusalem, nem nos templos, mas em espirito e verdade.

Vamos terminar rapidamente, sem mais commentarios. Os versos finais terminam na mais esplendida theophania, e, para serem devidamente interpretados, exigem esplendores mysticos, que estão além do nosso proprio horizonte.

Em tudo acertarás si os tiveres por guia;  
e, das mil cousas que ha, immerso então na essencia,  
de relance o Principio e o Fim terás de tudo.  
De posse assim dos teus legitimos direitos,  
— o Imperio da illusão ruiará em tua alma.  
Só então tu verás que os males que nos rôem  
do máu caminho vêm que dantes preferimos,  
e que, fóra de nós, vamos buscar ao longe  
o remedio que, perto, em nós latente existe!  
Quão poucos sabem ser felizes! — Embalados  
pelo inverso fragor de vagas que se chocam,  
eíl-os que, das paixões ludibrio, vão rolando  
por tormentoso mar sem fim, á cuja sanha  
ceder nem resistir podem de fóрма alguma!  
Quizessels, Deus, e vós, certo, lhes abrirei  
os olhos... Si lhes não tivessels outorgado,  
como raça divina, o immenso privilegio  
de poderem julgar entre a Verdade e o Erro.  
E tu, Homem, que tens na natureza um sérvio,  
tu que, cauto e sagaz, lhe arrancaste os arcanos,  
— descansa-lhe no selo agora... Pára! Espera!  
Pára! mas póndo em obra as leis que aqui te deixo!  
Pára! sem que jámais o que a alma teme faças!  
Pára! da Intelligencia á voz submisso o corpo,  
— a fim de que, no pleno e Ethereo Azul suspenso,  
tambem sejas um Deus por entre os Immortaes!

O Principio e o Fim dos séres é o Absoluto. O Absoluto manifestado é Deus. E' o Deus absconditus da Biblia, que escapa á nossa percepção sensorial, mas não ás necessidades immanentes da razão com o seu postulado sobre a causa primaria. O Absoluto contem tudo. Tudo vem da unidade fundamental. Na raiz das cousas está o Unico. A multiplicidade provem da Unidade. Unidade da materia, unidade da vida, unidade do Espirito. O Espirito Absoluto é a chave do Universo. Todas as cousas são emanação do Espi-

rito absoluto. Cada sêr é um centro de consciencia, cuja raiz é a consciencia total. São postulados que se prestariam a longos desenvolvimentos. Encaremos estas noções pelo seu lado affectivo, e teremos a Mystica religiosa, com todos os seus anhelos de união com o divino. E veremos então que a Mystica não é puro sonho, desregramento da Imaginação, aberração morbida. Verdade é que ella pode ser isso tudo, quando a razão lhe não sanciona os vãos. Mas a sã razão lhe presta apoio aos seus postulados fundamentaes. O Universo vizivel é pura manifestação do Universo invizivel. A propria materia nada mais é do que uma figura transitoria da energia invizivel. A vida com a sua multiplicidade de formas, que cousa é, senão a expressão temporaria e concreta da Vida invizivel?

O homem, sua mais alta expressão consciente, que cousa é o homem senão a forma mais elevada da vida unica, aquella em que a consciencia da unidade do todo começa a manifestar-se? Individualização da monada divina, fôrma separada do Logos inicial e creador, elle tende pelos seus principios mais altos a reintegrar-se, a unificar-se com a fonte donde emanou, a perder a illusão da separitividade, que é o mundo do relativo. E' a gotta d'agua que se lembra do oceano, é o espirito que comprehende o espirito Universal, é o segredo do "vos sois deuses" do Evangelho, é, conforme a penetração intuitiva do poeta, — "le Dieux tombé qui se souvient des cieux"

ALBERTO SEABRA.



# VOCABULARIO ANALOGICO

## II

### Sons das cousas

Agua: borborijar, borborlnhar, borbulhar, cachoar, cantar, cho-frar, escachoar, garalhar, garru-lar, gorgolar, gorgolejar, mugir, murmulhar, murmurar, murmu-rejar, retrincar, retumbar, ron-car, rumorejar, sussurrar, tra-pejar, trepidar, zoar.

Alimentos ao fogo: chiar, es-cachoar, gengrulhar, papujar, re-bentar, rechiar, rechinar.

Andar de animaes: estropear, estrupido, galopar, galopear, pa-tear, rastejo, restolhar, tropear, tropel, trotear.

Apito: estridular, trillar, soar.

Arvore: chualar, parfalhar, frondejar, murmulhar, murmu-rejar, ramalhar, sussurrar.

Automovel: fon-fon, fonfonar, peuf-peuf, rodar.

Azas: flaflar, fremito, frufru-lhar, rufar, ruflar.

Bala: assobiar, sibilar, silvar, zunir.

Beijo: chuchurrear, estalar.

Bomba: estalar, estourar, es-tralar, explodir, rebentar.

Bonde: barulhar, ruidar, ru-ru.

Botlnas: chiar, ranger, rin-char, ringir.

Campainha: tanger, terlintar, tintlnar, tilintar, tirtitir.

Canhão: atroar, echoar, resoar, retumbar, ribombar, soar, troar, trom.

Carro de bois: cantar, chiar, guinchar, rinchar.

Chlcote: estalar, estalidar, es-talido, estalir.

Copos: retinir, terlintln, ti-lintar, tinlr, triscar.

Dentes: bater, craquejar, es-tarrincar, frender, tatar, rl-lhar.

Esporas: gulzalhar, tinlr, reti-nlr.

Ferro: restrugir, retinlr, tinlr.

Fogo: crepitar, decrepitar, es-plirrar, estalar, estralar, estrali-do, fremir, zoar.

Foguete: esfuzlar, espipocar, espocar, estallar, estourar, estra-lar, estralejar, estrugir, papocar, pipocar, popocar, restrugir, rechinar.

Folle: arquejar, offegar, resfol-gar.

Horas: bater, dar, soar.

Machna de costura: ruidar, sussurrar, taralhar.

Mar: bramar, bramir, esca-choar, estourar, estrlpltar, fra-gor, fragorar, fremlr, marejada, marulhar, murmulhar, rebramar, roncar, roquejar, rouquejar, ru-gir, troar.

Moeda: tilintar, tinlr, trinco-lejar.

Palmas: estalar, estrugir, re-soar, soar, vibrar, estrepitar.

Penna de escrever: ranger, ringir.

Porta: bater, chiar, ranger, ro-dar, tatar.

Relógio: tic-tac, tictar, tic-taquear, titilar.

Remo: trapejar.

Risada: esfuziar, estalar, estrugir, explodir.

Roupa: afflar, brouhaha, farfalhar, frolido, frolo, fru-fru, rufflar, ruge-ruge.

Serra: esfuziar, ralhar, rascar, rechinar, zinir.

Seta: rechinar, sibilar, silvar, zinir, zunir.

Sino: badalar, badalejar, bendelengar, bimbalar, carrilhonar, di-lim-dim-dim, ding-ding-ding, dlão-dlão, dobrar, don-don, repenicar, repicar, tanger, tãobalalão, tintinabular, tintinar, zoada, zoar.

Tambor: alvorada, florei, raptaplão, ratantam, rufar, toque.

Tempestade: bramar, bramir, fragor, fremir, rebramar, roncar, ronquejar, rouquejar, rugir.

Tiro: detonar, estampido, explodir, papocar, restrugir, echoar.

Trem de ferro: apitar, arquejar, resfolegar, resfolgar, ruidar, silvar, trac-trac.

Trombeta: clangor, clangorar, clangorejar, resoar, retinir, retintim, tarará, taratanra, toque, tiritintim.

Trovão: atroar, bramar, bramir, echoar, estalar, estourar, estrondar, estrondear, estrondejar, estampido, rebramar, reboar, resoar, retumbar, ribombar, rolar, ronquejar, roncar, toar, tonitroar, troar, tronar, trovejar, troviscar.

Velas de navio: trapear, trapejar.

Vento: afflar, assoviar, barulhar, borborinhar, bramar, bramir, bramear, ciclar, escarcear, esfuziar, estrepitar, gemer, guarlar, mugir, murmurar, rebramar, rugir, rugitar, rumorejar, sibilar, siflar, silvar, suspirar, sussurrar, ulvar, ulular, urrar, zimbrar, zoar, zunir.

#### EXEMPLARIO

**Afflar.** Sobre este verbo encontra-se a seguinte nota em Jo-

sé de Alencar, *Diva*: "Afflar é o som harmonioso de certos movimentos que o verho foi chamado a exprimir: affla um mimoso leque meneado lentamente, um vestido de chamalote com a ondulação do andar gracioso, uma bandeira agitada pela brisa, etc."

"Onde fervilhavam os frocos de renda do talhe do vestido, afflando ao vivo offego da respiração." Alencar, *Senhora*, 218.

"Elle escutava o silencio profundo da noite e aspirava as auras subtlis que afflavam." Alencar, *Iracema*, 2.

Alvorada, toque de trombetas e tambores nos quartéis, ou de qualquer musica, ao amanhecer.

Apitar, diz-se do signal dado pela locomotiva ou outra machina.

Arpejar, som de alguns instrumentos de musica, e por extensão applica-se a outras cousas: "Os leques das palmeiras vibrados pelo vento arpejarani como frauta rustica." Alencar, *Diva*, 63.

Arquejar. "O trem arquejava, rompendo o vasto vento da planura desolada." Eça. A cidade e as serras, 187.

"O folle arqueja, resfolga." Fialho, *Paiz das Uvas*, 22.

Arruido, o mesmo que ruido: "Com um arruido de seda e vidrilho" M. de Assis, *Quincas Borba*, 138.

Assoviar, som produzido pelo vento e por outras cousas: "Em que assoviavam as requintas, ringlam as rabecas e as clarinetas estridulas explosiam roladas de notas". Camillo, *Eusebio Macario*, 235.

Atroada. "A atroada dos trovões." C. Netto, *Tormenta*, 149.

Atroar, produzir estrondo, como o trovão e o canhão.

Badalar, badalejar, diz-se do som do sino.

Baque, som produzido por um corpo que cae.

Barulhar. "Escutava attentamente o barulhar do vento no

oceano." Gustavo Penna, Alem dos Mares, 212.

Bater, diz-se de uma porta, das horas de um relógio, dos dentes, etc.

Bendelengar. "O sino bendelenga festivamente." Azevedo Junior, Quadros, 21.

Bimbalhar. "Bimbalhar dos sinos." A. de Oliveira, Poesias, 232.

Borborijar, rumorejar como agua em cachão. Fig. Dicc.

Borborlnhar. "O vento borborlnha pelos coqueiros tremulos." R. Correia, Poesias, 92.

Borbulhar. "Ouvindo borbulhar a fonte." Alencar, Tronco do Ipê, 186.

Bramar, bramir, exprime grande estrondo, com referencia, ao mar, ao vento, á tempestade, á artilheria, etc.

Bravear. "No Pinheiral d' El-Rei braveia o vento." B. Pato, Livro do Monte, 102. Ha as fórmas bravejar, esbravejar, esbravear, esbraveccr.

Brouhaha, ruído das sedas, tomado do francez, conforme J. Ribello, Dicc. Gram., 209.

Bum!, voz imitativa do tiro de peça.

Bumba!, estrondo de pancada ou queda. Existem os equivalentes tumba!, bumba-catumba!

Bumbum. estrondo repetido; som de zabumba.

Buzinar. "Tu queres ouvir á maré que vem buzinando de longe". Graça Aranha, Malazarte, 70.

Cachlnar, rlr ruidosamente, gargalhar.

Cachoar. "Fóra, pelo grotão, cachôa o ribello." Azevedo Junior, Quadros, 10.

Cantar. "E as aguas da leva-  
[da vão cantando,  
"Emquanto as pedras duras  
[vão matando!"

Junquelro, Oração ao Pão, 9.

"Al! dos carros de bois que  
[nas estradas cantando!"

A. de Oliveira. Poesias, 118.

Carrilhonar. "Fóra contlnuava o di-lin-dim-dim: os sinos, por aquella noite delicioza de Natal,

carrilhonavam infatigavelmente" Medeiros. Mãe Tapula. 274.

"Quando a cabeçada da madrlnha da tropa, carrilhonando á frente dos lotes..." Arnos, Peio Sertão, 4.

Cascalhar. "Recostava-se o sertanejo outra vez á rêde, quando a ramagem cascalhou perto..." Alencar, Sertanejo, I, 67.

"O trovão cascalha e ribomba." Antero de Figueiredo, D. Pedro e D. Inês, 223.

"A gargalhada cascalhava estrondosa." C. Netto. Palestra da tarde. 83.

Casquinar. "Ainda lá dentro casquinavam risos ou uma voz rabugenta resmungava." C. Netto, Palestra, 7.

Catatraz, exprime o ruído de uma queda ou de pancadaria.

Catrapós, catrapuz, trapuz, vozes imitativas do galopar do cavallo, ou de queda ruidosa e repentina.

Cegarrega. "A cegarrega dos ralos." A. Ennes, Guerra d'Africa, 103.

Chafranafra. "Esse chafranafra da volta do trabalho, com gulzadas de muías tintinando." Fialho, Paiz das Uvas, 94. Tambem se usa chanfranafra: "Então é que foi berrelro e chanfranafra." Ibidem, 129.

Chape, som de cousa que bate ou cae na agua; som do cão de espingarda, batendo em falso sobre o ouvido da espoleta. Fig. Dicc.

Chaplnhar, chapejar, chaplnar, chapilhar, fazer chape: "Chaplnhar da chuva" Ortigão, Hollanda, 250.

Chiar. "A carne secca chiava no espeto". Arnos, Peio Sertão, 9. "Carros chiavam nas terras balxas." Camillo, Eusebio Macario, 16. "A porta cedeu, entreabrindo-se, chiando lgelramente." J. Ribello, A Carne, 204.

Chofrar. "O confuso e troante chofrar das cachoeiras". C. Netto, Sertão, 171.

Chorar. "Ninguem, como elle, fazia chorar o pinho nos descantes dos catiras." J. Lucio, Pontes & Comp., 54.



Chualar, das casuarinas e de outras arvores.

Chuchurrear. "Beljos chuchurreados entre as arvores." C. Netto, Inverno em flor, 91. "Operarios chuchurream cafe em grandes canecas." Azevedo Junior, Quadros, 17.

Cielar. "Cielar de tenue aragem." Hereulano, O Bobo, 298.

Clangor, som produzido pela trombeta.

Clangorar, clangorejar: "Clangoram na floresta, ja longo, todas as businas." C. Netto, Saldunes, 75.

Clarinar. "A banda, ... clarinando um dobrado." A. Junior, Quadros, 34.

Coaxar. "Cada onda que trepava na itapeva, fosforeando e coaxando." V. de Carvalho, Paginas soltas, 23.

Corrute, o ruminar ou remoer de animaes de carga: "Concertava com a voz do camarada o corrute dos animaes, triturando o milho." Rev. da Academia Bras, n. 5. 145.

Craque, voz imitativa de um desmoronamento com ruido, ou de um objecto que estala ou se parte com estrondo. Fig. Dice.

Craquejar. "O ruido nervoso dos pequenos dentes demoniacos, craquejando interminavel..." Lima Campos, Confessor Supremo, 7.

Crepitar. "O crepitar das tochas que ardiam ao redor da tumba." Hereulano, O Bobo, 294.

Dar, soar (falando das horas de um relógio). Aulete, Dic.

Deerepitar, o mesmo que crepitar. Dice, de Moraes.

Detonar, produzir estrondo por meio de explosão, como o tiro.

Di-lin-dim-dim, som do sino, conforme exemplo em carrilhonar. Tambem se usa ding-ding-ding, don-don, dlão-dlão:

"O infernal dlão-dlão dos sinos que pareciam querer ensurdoecer o mundo." G. Lobato, Comedia de Lisboa, 45.

Dobrar, soar o sino, quando se lhe dá volta sobre o eixo, o que se usa nos actos funebres.

Doremifasolar. "Aqui, ali, doremifasolava um piano." C. Netto, Palestra da tarde, 64.

Drelin. "Drelin! drelin! drelin! E' a campainha electrica, é o aeto que principia." Lobato, Comedia de Lisboa, 5.

Echoar, fazer echo, resoar, diz-se de um tiro, de um trovão, etc.

Escachoar. "Escachôa o mar." Ortigão Hollanda, 216. "Depois, na cozinha, o brazido d'azinho e vides seecas, as panellas de roda, etc." Fialho, Paiz das Uvas, 43. escachoando, os arroses d'olha.

Esearcear, rugir o abalar como eseareeu: "O tufão redobra de impeto: escarcea até aos mais fundos alicerces da terra." Cortesão, Dice.

Esfrolido. "Uma cambada de rosarios sob o peitinho sujo da camisa, que não so viam, mas adivinhavam-se pelo esfrolido." Dr. Augusto Silva, A Eserava.

Esfuziar. "São no ceu azul os flocozinhos brancos do estalar das bombas e os foguetes esfuziando." João da Camara, Ciriús. "O vento açoutava as paredes de sapé, esfuziando por entre a palha." Alencar, Guarany, I, 155. "Risadas limpidas, frescas, crystallinas, esfuziavam." V. Varzea, Mares e Campos, 24.

Espirrar, o mesmo que crepitar.

Espocar, diz-se do som do foguete e de garrafas que se abrem.

Estalar, ou estralar: "Estalaram palmas." C. Netto, Inverno em flor, 84. "Elle ouvia, agora, ... estalarum as risadas." V. Varzea, Mares e Campos, 26.

Estalidar, dar estalidos: "E' atraz, na anea, estalidava a ossaria implacavel." C. Netto, Sertão, 83.

Estalido, ruido de cousa que estala; crepitação.

Estalir. "De repente ouvimos o rufar cadente de um tambor, e o estalir de dous foguetes." Palmeirim, Galeria de figuras, 245.

Estampido, som como o de um tiro ou de um trovão.

Estardalhaço, ruído, barulho, principalmente quando feito com precipitação ou jactancia. Julio Moreira, Estudos, II, 228.

Estarrincar, ranger: "Onde diz Job que ha o estarrincar de dentes." Cortesão, Dicc.

Estourar, produzir som, o foguete, a bomba, o trovão, e tambem o mar: "Pesado estoura o mar, pelo areal da Costa." B. Pato, Livro do Monte, 17.

Estralejar, ou estalejar: "Estralejam foguetes e morteiros." Ant. Nobre, S6, 33.

Estrepido, "No vasto salão ha um estrepido de pés." Azevedo Junior, Quadros, 39.

Estrepitar. "Continuava o seu acompanhamento de assobio ao estrepitar do vento." Herc., Lendas e Narrativas, II, 225. "As ondas, remoinhando e precipitando-se, estrepitam no centro da voragem com mais soturno e retumbante fragor." Ibidem, I, 49. "Ao estrepitar das palmas da multidão." Viriato Correia, Contos do Sertão, 203.

Estrepito, ruído forte: "Senti de armas estrepito." Castilho, Fastos, III, 63.

Estridor, som penetrante, aspero e forte como o sopro do vento, o zunir das setas, o sibillar das balas, o ranger dos dentes. Aulete. "E o estridor da batalha rebôa." Bilac, Poesias, 260.

Estridular. "Ou estridulam apitos, resôa o prac-prac de povo a correr." V. Magalhães, Horas Alegres, 138.

Estrincar, fazer estalar: estrincar os dedos.

Estrompido, o mesmo que estrepido. Dicc. Moraes.

Estrondar, ou estrondear, produzir estrondo, som forte, como o trovão.

Estrondejar. "O trovão estrondejou lá fóra." Viriato, Contos do Sertão, 150.

Estropear. "Um estropear de passos rapidos." Camillo, Livro de Consolação, 244.

Estrugir, o mesmo que estrondear.

Estrupidar. "As violas soavam languidas, trovaz cruzavam-se e o solo estrupidava ao sapatear frenetico do samba." C. Netto, Agua de Juventa.

Estrupido, ou estrupida. "Ao ouvir o estrupido dos animaes na partida." J. Ribeiro, Carne, 89. "O Estrupido de pessoas fortes." Arinos, Sertão, 125. "Estrupido de cavallos." Herculano, Bobo, 264.

Explodir, rebentar com estrondo. "Explodiram de novo as castas risadas das raparigas." V. Varzea, Mares e Campos, 92.

Farfalhar. "Farfalhar das folhas." G. Aranha, Chanaan, 47. "Farfalhar de sedas." M. de Assis, Quincas Borba, 259.

Farfalho. "O Farfalho das arvores." C. Netto, Sertão, 120.

Fiaflar. "Segurava numa das mãos um prato e na outra a bandeira que fiaflava no ar." J. Lucio, Pontes & Com., 53. "Borboletas, borboletas,

"Beijos que eu mando a uma [flor,

"Flaflae as zas facetas."

B. Lopes, Val de Lyrios, 95.

Fon-fon, som produzido pelo automovel. Ha o verbo fonfonar.

Formilhar. "Hospital tão puilulante de larvas, que pela noite, diziam, se podia ouvir um surdo formilhar." Fialho, O Paiz das Uvas, 206.

Fracasso, estrondo de alguma cousa que se quebra ou cahe. Ha o verbo fracassar, que quer dizer despedaçar com estrepito.

Fragor, estrondo, ruído forte, como o da tempestade. O Dicc. de Figueiredo dá o verbo fragorar.

Fremir. "Nem tanto o incen-

[dio em labaredas freme,

"Ao queimar incitado o monte [e a selva."

Odorico, Iliada, 183

"No fremir leve das azas." Alcides Maya, Tapera, 5.

Fremito. "O leve fremito das azas de um insecto." C. Netto, Tormenta, 104.



Frender, ranger os dentes.  
Fig. Dicc.

Frolar. "A fresca e subtil aragem, que precede o primeiro diluculo e é como o halito da alvorada, frolava mansamente as franças das arvores." Alencar, Sertanejo, I, 75.

Frolido. "Ouviu-se um frolido de sedas." Alencar, Senhora, 66.

Frolo. "Ouviu-se o frolo do vestido de Adelaide, que se aproximava." Alencar, Sertanejo, I, 233.

Frondejar. "Escutava, com enlevo, o frondejar da mata." C. Netto, Rel Negro, 27.

Fru-frú. "A ouvir o fru'-fru' das sedas." C. Netto, Tormenta, 83.

Frufrulhar. "No recipto fru-frulhava alegremente aquelle perenne rumor de vôos." C. Netto, Turbilhão, 272.

Frulhar. "E logo, marulhoso, o frulhar da abalada de um bando de periquitos." C. Netto, Rel Negro, 399.

Garalhar. "Garalha a agua e chillra e remurmura." João Ribeiro, Versos, 232.

Garrular. "Limpidas correntes lam fregindo e garrulando." Alencar, Diva, 63.

Gemer. "Geme o vento na selva rumorosa." A. do Quental, Sonetos, 40. Vide Dicc. de Aulete.

Glú-glú. "Abafado a espaços pelo glú-glú das enxurradas." Arinos, Sertão, 126.

Gorgolar. "Os correjos tinham perdido o gorgolar alegre e trepido, e mal murmurejavam no fundo das grotas." Dr. Augusto Silva. A escrava. Ha tambem a fórma gorgolhar.

Gorgolejar. "A vetusta ponte, sob cujos pilares gorgolejava a agua do barranco." Flalho, Palz das Uvas, 202. "No largo jardim sombreado, onde um repuxo gorgoleja irisado ao Sol." Azevedo Junior, Quadros, 62.

Grazinar. "O vento entrava grazinando, soturnamente presago." João Lucio, Pontes & Comp. 104.

Grugrulhar. "O caldeirão preso á rabicha grugrulhava ao fogo." Arinos, Sertão, 9.

Gualar, silvar do vento tangendo as arvores: "O gualar plangente." Raymundo Correia, Poesias, 92.

Guinchar. "E o carro sempre a guinchar." Caetano Flgueiras, Idyllios, 14.

Guizalhar. "Saltava das sellas, ao guizalhar das rosetas no ferro batido das esporas." Arinos, Sertão, 5.

Lufar. "Ouvla-se o lufar das chammas, o estrallejar da lenha." C. Netto. Palestras da tarde, 11.

Matinada, estrondo, ruldo.

Matraquear. "De madrugada, ainda escuro, a rua atroava com o matraquear dos tamancos dos operarios do Arsenal." C. Netto, Palestras da tarde, 51.

Mugir. "E o profundo mugir das negras enxurradas." G. Junqueiro, D. João, 303. "Ouvia-se mugir o vento." Alencar, Sertanejo, I, 19.

Murmulhar. "E a lympha corre, passa, vae, murmulha." João Ribeiro, Versos, 12.

Murmurar, diz-se da agua e do vento. Ha os substantivos murmurlo, murmúro, murmurinho, murruíre, murmulho, murmu'r. "Murmu'r da sua respiração." C. Netto, Treva, 95.

Murmurejar. "Prendeu-lhe a attenção um murmurejar de aguas." J. Ribeiro, Carne, 24.

Offegar. "Dentro espiavam la-

[butando os folles,

"E tanto que estes de offegar [cessavam..."]

F. Dorla, Evangelina, 18.

Pancada, som produzido pela pendula do relógio.

Pan-pan-pan, imitativo do bater na porta: "Pan-pan-pan! E uma voz feminina, muito limpida e muito doce, vibrou crystallinamente: — Acorda!" V. Varzea, Nas Ondas, 229.

Papocar. "Level a lazzarina á cara, e, pensando que eram os patos, ia papocar fogo." D. Olympio, Luzia Homem, 241.

Papujar, (prov. minh.) produzir certo movimento e som intermitente em consequência de ar ou gazes, e formar bolhas successivas, como os ovos, quando se estreliam." Os ovos já papujavam..." Fig. Dicc.

Pateada, ruído com os pés, nos theatros, em signal de reprovação.

Patear. "Ouvia-se o patear dos animaes e o sussurro dos servos." Herculano, Bobo, 40.

Peuf-peuf. "Automoveis cruzam em vertiginosa trepidação: peuf! peuf! peuf!" Estevam Lobo, De Viagem, 55.

Pipocar. "Seriam tres horas da tarde quando pipocaram foguetes." Dr. Augusto Silva, A Escrava. Encontra-se a fórma ospipocar.

Pipoquear, estalar, estourar, rebentar como pipocas. Romaguera, Vocabulario Sul Rio-Grandense.

Plach-plach. "As poças de agua reflectem essa debil claridade que as alumia, e fazem um continuo plach, plach debaixo dos pés dos dois caminhantes." Herculano, Lendas e Narrativas, II, 100.

Popocar. "Popocar de um foguete." Ruy Barbosa, Réplica, 26.

Ralhar. "Um cabra destalado ralha na viola." Euclides, Serções, 131, que assim define o termo: ralhar na viola, tocar ruidosamente com habilidade.

"Começou o labor. Zine e es-

[fuzla  
[do, ralha."

A. de Oliveira, Poesias, III, 97.

"Emquanto ralhavam lá no céu os trovões." Motta Prego, Pomar de Adrião, 8.

Ramalhar. "As franças dos pinheiros ramalhavam." Camillo, Scenas da Foz, 152.

Ranger, indicativo de um som aspero produzido por um objecto duro, que roça sobre outro: "O moleque sahio á varanda com um ranger aspero de sapatos novos." C. Netto, Inverno em flor,

84. "A areia que rangia com o atrito das rodas da carruagem." Garret, Virgens, II, 206.

Rascar. "Era um bulcio alegre desde o amanhecer até a tardinha: martelladas, rascar de serras..." C. Netto, Rei Negro, 107.

Rastejo. "O rastejo dos passos dir-me-la porventura a edade della." Fialho, Palz das Uvas, 92.

Rataplão, rataplan, ratatam, imitativo do som do tambor.

Rebentar, arrebentar, estourar. Diz-se de uma mina, de uma bomba, de umas pipocas, etc.

Reboar, o mesmo que echoar.

Rebramar. "Rebrama trovão tetro." Castilho, Fastos, I, 131. "Slive, rebreme o vento agreste." C Netto, Pastoral.

Rechiar. "Cheiro de grosso [lombo que volvendo  
"Pinga e rechia sobre a brasa [viva!"

Garret, Dona Branca, 55.

Rechinar. "E as carnes rechinavam." C. Netto, O Paraíso, 114. "Rechinaram foguetes enchendo o ar de estralidos." Dr. Augusto Silva, A Escrava. "Rechina a lamina da serra." Castilho, Georgicas, 19. "Pestíferas as setas rechinando por todo o exercito." Odorico, Iliada, 17.

Repicar, tocar festivamente, o sino. Usa-se tambem da fórma repenicar.

Resfolegar. "O resfolegar ancioso da locomotiva." Dr. Augusto Silva, A Escrava.

Resfolgar. "Algum sumido apeadeiro, onde o trem se atardara, esfalfado, resfolgando." Eça, A cidade e as serras, 187.

Resmonear. "Sopra o ventillador e ao largo espalha  
"Seu canto; o moinho resmonea e chia."

A. de Oliveira III, 97.

Resoar, soar com estrondo, echoar.

Restolhar, causar ruído movendo-se pelo restolho; fazer bulha. Ha a fórma rastolhar. "Ao apontardes á agil seriema, que avuita no campo, ou ao gordo



macuco, que rastolha no matto." V. de Porto Seguro, 4.º Livro Kopke, 59.

Restrugir. "Restrugir do ferro no ferro." Herculano, Bobo, 288. "O tiro restrugiu pela mata." J. Ribeiro, Carne, 174.

Retinir, "Ao retinir da acicalada espora." A. de Oliveira, Poesias, 236.

Retintim. "Ao retintim metallico dos cimbalos." Castilho, Fastos, II, 125. "Dentro de algum tempo aquelle ruido já era acompanhado do de retintim de muitas armas." F. Tavora, Lourenço, 42.

Retrincar, o mesmo que murmurar. Dicc. Cortesão.

Retroar. "Retrôa o boré pela amplidão do valle." Alencar, Iracema, 21.

Retumbar, echoar, ribombar, produzir som cavo e profundo: "Retumbando por asperos pe-

[nedos,  
"Correm perennes aguas delei-  
[tosas."

Camões, 2.º, 229.

Retumbo. "O retumbo das passadas era o ruido que se ouvia." Dr. Augusto Silva, A Escrava.

Ribombar, rimbombar, deixar ouvir echo forte o estrondoso como o do trovão.

Rilhar. "Os que me seguitam rilhavam os dentes." C. Netto, O Paraíso, 91.

Rinchar. "Um carro de bois sahia do terreiro carregado de milho, rinchando estridentemente." C. Netto, Inverno em Flor, 52.

Rinchavelhar. "Um realejo poz-se a rinchavelhar a "Granvia" desalentadamente." C. Netto, O Paraíso, 39.

Ringir. "Ringindo as botinas." Camillo, Volções de lama, 161. "Acompanhando-lhe a penna que ringia sobre o papel." Alencar, Garatuja, 91. "Ringiam as rabeças." Camillo, Eusebio Macario, 235.

Rodar: ouviu-se o rodar de uma carruagem.

Rolar. "Róla o trovão. Colerico estufusia.

"Batendo as azas celeres o vento." to."

A. de Oliveira, Poesias, III, 36.

Roncar, produzir som aspero, cavernoso e forte: "Ronca o mar, o ralo trôa." B. Pato, Livro do Monte, 185.

Ronquejar, o mesmo que roncar. Fig. Dicc.

Rouquejar, rugir, troar, estrondear, reforindo-se ao canhão, ao mar, ao vento, á tempestade: "E o vento ao longe rouqueja e brama." Gonçalves Dias, Poesias. Encontra-se esta outra fôrma: "Rouquenhar suino do vigario." Lima Campos, Confessor, 9.

Rufar, produzir som, o tambor, o bombo, o pandeiro, as azas:

"Rufando as pennas doiradas, "Vão as calhandras, palreiras."

Bulhão Pato, Livro do Monte, 65.

Ruflar. "Uma jurity acabava de ruflar as azas á sua chegada." Alencar, Sertanejo, I, 63. "As saias ruflavam." Camillo, Volções de lama, 166.

Ruidar, causar ruido: "Ruidar de trens." M. Dias, Cartas de Lisboa, 12.

Ruge-ruge. "A musica, as vozes, os risos, os ruge-ruges das sedas, os borborinhos da festa, enchiam o salão." Alencar, Di-va, 31.

Rugir. "O brando rugir dos pinhaes, balançados pela bafagem do vento." Herculano, Eurico, 164. "Rugem brilhando as sedas opulentas." Junqueiro, Morte de D. João, 149.

Rugitar, "A brisa rugitava nos palmares." Alencar, Iracema, 9.

Rumor. "Ouço o rumor soturno da charrua." "O rumor de uma enxada." Bilac, Poesias, 60 e 81.

Rumorejar. "A fonte rumoreja perto."

Bilac, Poesias, 97.

Ru-ru. "Os bondos, com o seu ru-ru monotono, tão cheios." Azevedo Junior, Quadros, 19.

Sibilar, diz-se do vento, da ba-

la, da seta, etc. O Dicc. de Fig. dá também a fôrma **sibítar**.

**Siflar**. "Ouvia-se o siflar melgo e nostalgico do vento nas cordalhas e mastros." V. Varzea, Nas Ondas, 151.

**Silvar**, o mesmo que sibilar: "A locomotiva silvava." C. Netto, Miragem, 303.

**Soalha**. "O estalo secco das alpercatas sobre o chão se parte nos tinidos das esporas e soalhas dos pandeiros." Euclides, Sertões, 119.

**Soar**, produzir som; echoar.

**Soluçar**. "Somente o mar de soluçar não cessa." Gonçalves Dias, Poesias.

**Sonorizar**. "O sincerro da madrinha, badalando compassadamente, aos movimentos do animal, sonorizava aquella grande extensão erma." Arinos, Sertão, 12.

**Suspirar**. "A sesta ardente abranda, suspirando,

"De quando em quando o vento  
[to alegre e frio."

Camões, 3.º 41.

"A harpa suspira." Bilac, Poesias, 24.

**Sussurrar**, o mesmo que murmurar.

"O sussurrar da corrente." Herc., Eurico, 164.

**Tamborilar**. "O tamborilar das gotteiras, o lantejo nas folhas, o moroso jorrar das gargulas." C. Netto, Conferencias, 43.

**Taralhar**. "Ouvia o taralhar monotono de uma machina de costura." C. Netto, Agua de Juvenda, 341.

**Tarará**, voz imitativa do som da trombeta. Fig. Dicc. (V. A.) Usa-se também a seguinte fôrma: "Por todas as cercanias de Santa Irineia, na doçura da tarde, os atambores mouriscos, abafados no arvoredo, **tararam!** **tararam!** ou mais vivos nos cabeços, **ratantam!** **ratantam!** convocavam os cavalleiros de soldo e peonagem da mesnada dos Ramires." Eça, Casa de Ramires, 73.

**Taratanra**. "Nas amplas solidões daquella redondeza a **taratanra** das nossas trombetas espa-

lhava dentro em pouco os vivas da victoria." Francisco de Castro, Discursos, 53.

**Tarantantam**. "Logo estrondou o **tarantantam** dos tambores." C. Netto, Rei Negro, 164.

**Tatatar**. "Mãe Dina defendia-se ameaçando-o com as mandíbulas que **tatalavam** macabramente." C. Netto, Sertão, 75. "Um **tatatar** de portas." Arinos, Sertão, 22.

**Tchum-gum**. "Si o leme de repente faltar — **tchum-gum!** — lá vamos nós ao fundão, para sempre!..." Varzea, Nas Ondas,

**Terlintim**. "Ao **terlintim** dos copos." Castilho, Fausto, 310.

**Tique-taque**, voz que imita um som regular e cadenciado, como o da pendula do relógio.

**Tic-taquear**. "Ouvindo, nas longas horas da insomnia, o **tic-taquear** do relógio." Azevedo Junior, Quadros, 7o Existe a fôrma **tictar**.

**Tilintar**, soar, o sino, a campainha, o dinheiro em metal, etc. "**Tilintar** dos copos." G. Junqueira, D. João, 138. "**Tilintar** dos guizos." Ortigão, Hollando, 254. Existem as fôrmas **tilntar** e **terlntar**.

**Tilintir**. "O **tilintir** de uma chave no lagedo humido." Lima Campos, Confessor Supremo, 67.

**Tinir**, soar agudamente, o vidro ou o metal.

**Ting-ling**. "Ting-ling das fontes" Flalho, Paiz das Uvas, 79.

**Tintinar**. "Os bentos sinos da igreja estremeçam os ares, e lá vão desparzindo com seu **tintinar** saudoso até aos casalinhos mais remotos." Castilho, Colloquios, 58.

**Tintinabular**. "Em varias egrejas os sinos **tintinabulavam**." C. Netto, Turbilhão, 82.

**Tique-tique**, o mesmo que tique-taque; som produzido pelo andar de sapatos sem talão.

**Tiritintim**, voz imitativa do som da trombeta.

**Tiritir**, retinir, tilintar.

**Titilar**. "Despertador que **titilava** numa cantoneira." C. Netto, Tormenta, 161.

Toar, o mesmo que soar. "Ao baquear as armas toam." Odorico, *Iliada*, 62.

Tonitroar. "Eis que do occidente chega uma nuvem escura, tonitroando." Julio Bueno, *Notas e Fabulas*, 71.

Toque, som produzido pelo contacto ou percussão: toque de sino, de tambor, etc. Trac-trac. "O trac-trac do trem ensurdecia na noite." Flailho, *Cidade do Vicio*, 147.

Trape, interj., que designa som produzido por pancada ou golpe.

Trapejar. "A corrente murmurosa trapejava nas franças dos amieiros." Camillo, *Noites do Minho*, 39. "Trapejar monotono dos remos." Camillo, *Demonio do Ouro*, I, 140. Ha a fórma trapcar. . . Trape-zape, o tinir das espadas que se chocam.

Traquinada. "Costumavam a se ajuntar os povos todos com quantos instrumentos podiam achar, que fizessem estrondo e traquinada." Diogo de Paiva, *Casamento perfeito*, 409.

Traquinar. "Uma rajada de vento estremecia a casa e fazia traquinar as janelas." Motta Prego, *Pomar de Adrião*, 6.

Traz, voz imitativa de pancada ou queda.

Trepidar. "Ei-a (a fonte) a convidar-nos com seu trepidar sonoro." Dr. Augusto Silva, *Farfalhos*, X, "Desabou o aguaceiro com trovões atroadores, abalando as vidraças que trepidavam medonhamente." C. Netto, *Agua de Juventa*, 72.

Trillar. "Trillaram aptos." C. Netto, *Tormenta*, 21.

Trincar, fazer ruido, quando se parte com os dentes: "as nozes triucam na bocca."

Trincolear, o mesmo que tintinar.

Tris, voz imitativa do ruido feito por qualquer coisa que se parte, especialmente vidros. Fig. Dic.

Triscar. "Da saia principal escapava-se o rumor de falas alegres, e de risos festivos, inter-

meados com o tinir dos pratos e o triscar dos copos." Aiencar, *Sertanejo*, I, 218.

Troar, o mesmo que estrondear. Diz-se do trovão, do canhão, do mar, etc., havendo igualmente a forma toronar.

Tron, som do canhão, do trovão, etc. "Vento, fuzis, trons sur-dos de trovoadas."

A de Oliveira, *Poesias*, III, 120.

Tronar. "Longinquas, com reboante fragor, tronavam trovões soturnos." C. Netto, *Rei Negro*, 288.

Tropear, diz-se do ruido causado pelo andar dos cavallos: "Tropear lento de cavallos." Hercuiano, *O Bobo*, 295.

Tropei. "Pouco depois, ouviu-se o tropel dos animaes demandando o rancho." Arinos, *Sertão*, 31.

Trotear. "Era certo ouvir-se o trotcar da egua baia do Tuca estafeta." João Lucio, *Pontes & Comp.*, 21. Existe a fórma trotar.

Trovejar, soar o trovão; soar com grande estrondo. Ha as formas trovoar e troviscar.

Trupitar, fazer estrepito, estrepitar.

Truz, imita som de uma queda ou de uma explosão.

Truz-truz, diz-se do som produzido por quem bate a uma porta.

Tumultuar, fazer grande ruido ou estrondo.

Tutucar. "Ouvia-se o tutucar dos atabaques, o estrupido surdo dos pés." J. Ribeiro, *Carne*, 109.

Uivar. "Quando o vento uivando lhes perturba o somno." G. Junqueiro, *Simplex*, 42.

Ulo. "Longos plios das aves nocturnas e ulos da brisa nas grotas da serra." Aiencar, *Sertanejo*, I, 50.

Ulular. "Ouço o vento ulular dentro da treva espessa." C. Netto, *Pastoral*.

Urrar, o mesmo que bramar. "E urrando, lá por fóra, o negro furacão." B. Pato, *Livro do Monte*, 19.

Vibrar, produzir sons ou harmonias; ecoar por muito tempo. Vozear, soltarem a voz certas aves, e também a ran, etc.

Zaguinchar. "Uma sanfona zaguinchava furiosa." C. Netto, *Rel Negro*, 333.

Zangalear. "As vergas, mastros, escotas e bordas rangiam e zangaleavam metricamente, no furor dos balanços, essa monotonia e presaga cantilena — ráh — curráh!... ram-currhami..." Varzea, *Nas Ondas*, 31.

Zangarrear. "Zangarrear das violas e das cantigas." Dr. Augusto Silva, *A Escrava*.

Zangulzarra, toque desafinado de viola; qualquer som estridulo. Fig. Dic.

Zaragalhar. "A guitarra ao petio, zaragalhando." C. Netto, *Treva*, 6.

Zag, zaz-traz, imitativas de pancada.

Zoada. "A zoada plangente de um sino ao longe." Arinos, *Sertão*, 21.

Zoar. "A voz do frade tremia, mas era sonora como o zoar do

sino depois de cada badalada em dobrar por mortos." Herc., *Monge de Cister*, II, 322.

Zom-zoôm. "A subita presença das galvotas, attenuando um pouco, com os seus gritos agudísimos, os flá-chuahs! fló-chuóhs! rythmicos das ondas... como o seguido e monotono sibilar da ventania, nas suas notas graves e lugubres — zom-zoôm! zom-zoôm! e o chiar ininterrupto e rijo dos aguaceiros nas velas e convés — chló-chloóhs! chló-chloóhs! — veio espalhar, por todo o barco, uma vaga animação e alegria." V. Varzea, *Nas Ondas*, 39.

Zom-zom, som confuso e monotono, como o rasgado da viola. Fig. Dic. Zonzonar, formado do termo precedente.

Zuniada. "Cessa a zuniada do vento." A. de Oliveira, *Poesias*, III, 117.

Zunir, produzir som agudo, falando-se da seta, da bala, do vento, etc. Ha as fórmaz zenir e zinir.

FIRMINO COSTA

---

---

PAGINAS ESQUECIDAS

MACHADO DE ASSIS

(RESPOSTA A SYLVIO ROMERO)

A primeira necessidade logica que sente o sr. Romero ao iniciar o seu estudo, é a de classificar Machado de Assis, de dizer a que escola pertence. E' classico, é romantico, é realista, é naturalista? Mania de rethorico das velhas rhetoricas.

Esta questão de classificar em escola classica, escola romantica, escola realista, é um thema sedico, um logar commum com que se entretêm os espiritos estereis, amigos de formulas vãs, e incapazes de analyses penetrantes e profundas dos factos literarios.

As obras de imaginação, a poesia, o drama, o romance reproduzem idealizado o que enche a alma humana e faz a trama da vida e da sociedade em cada cyclo do tempo. Todo este mundo de affectos, de paixões, idéias, interesses muda, transforma-se de periodos em periodos, uns mais longos outros mais curtos. Não é só o fundo, a substancia que muda; mudam tambem a expressão, as formas, o teór.

Cada um desses periodos tem pois, a sua literatura.

As classificações são sempre artificiaes; mutilam, pervertem, desnaturam os factos para subordinal-os a divisões, a classes de pura symetria. Tomemos, para exemplo, a poesia que se chama classica. Os poetas do seculo XVI são mettidos no quadro dos classicos; no emtanto, elles só têm analogiás de formas com os verdadeiros classicos; trabalharam em fundo que é todo moderno, todo do seu tempo. Não são classicos: reproduziram o pensar e o sentir do seu seculo.

Veio o romantismo: traduziu nas suas mil variadas formas o estado da alma e do espirito humano no periodo que vae dos começos do seculo até mais ou menos 1850.

Mas quanta coisa de fundo e forma não se encontra em pleno romantismo que bem poderia denominar-se classica! De 1850 por deante, os imitadores, o rebanho servil, em vão esforçaram-se por continuar o romantismo. O fundo tinha desaparecido; ficaram as formas vãs e ocuas.

A humanidade civilisada entrára em novo periodo.

O microscopio dos naturalistas e physicos destruiu todas as grandes crenças, todas as nobres aspirações, todos os ideaes do homem; reduziu Deus a um absoluto cego, fatal, mechanico, inconsciente; e muito logicamente fez do homem uma besta, apenas racional, sob o dominio exclusivo da animalidade.

E' esta a quadra que vamos atravessando.

E ella deve espelhar-se na sua literatura. E com effeito ella tem a sua literatura. E essa literatura ainda não achou o seu verbo, procura assumptos e não os encontra, ou os não sabe tratar; tenta fortuna em todos os sentidos, até no monstruoso, no horrivel, no ehediondo, no torpissimo; corre agitada, inquieta atraz do novo e só descobre o extravagante.

Naturalistas, Parnasianos, Decadentes, Nephelbatas, e outros e outros de singulares denominações, são caçadores sem ventura da nova idéia, do novo signo; fatigam-se, despendem muito talento, bracejam nos desvios, pelos quaes se perdem, e afinal sentem que perseguem falsas imagens.

No entanto, importa reconhecê-lo: Um ou outro feliz genio tem nas profundezas do coração, nas obscuridades da consciencia e no conflicto das paixões e dos interesses, sorprendido sentimentos, idéias e coisas originaes, singulares, verdadeiros productos do seculo, phenomenos que são mais uma revelação da complexidade, da riqueza e dos mysterios da natureza moral do homem.

Mas no meio de tudo isto o que é Machado de Assis?

Diz o sr. Romero: foi romantico, mais tarde passou para os realistas, mas conserva ainda umas echappées para o romantismo. Então como classifical-o?

E' um transitorio, um amphíbio, um neutro. E nesta classe de amphíbios mette o sr. J. Nabuco e outros e o proprio... Tobias Barreto.

Vão lá dizer ao sr. J. Nabuco que elle é um transitorio, e o illustre publicista, mesmo por ser um homem de espirito, dará uma resposta á Jourdain.

Certamente o sr. Machado de Assis foi um romantico e não podia deixar de sel-o. A sua intelligencia desabrochou e a sua imaginação aventurou os seus primeiros vôos, quando aqui estavamos ainda em pleno romantismo. E porque foi romantico, não se segue que não pudesse ser chapado naturalista. Garret, em sua mocidade, foi, segundo a classificação usada, um terrível classico. A *Lyrica*

de João Minimo é Pheinto puro. E' Horaelo condensado. Mais tarde, quando voltou do exilio, trouxe Camões, D. Branca, poemas rondamente romanticos e com os quaes iniciou a nova era em Portugal. Ficou-lhe, não ha duvida, algum quid de classico. Mas por isso ninguem o metteu entre os amphibios. E qual é o romantico que não deixe lá, de quando em vez, escapar uma nota de classico? Ainda em Lamartine ha estrophes que Soares Barbosa, isto é o sr. Romero, com perfeita justiça reivindicaria para o classico.

Machado de Assis não é romantico, não é realista, não é parnasiano, não é decante. E' um espirito cuito, imaginoso, caustico, que traduz em versos bem feitos as suas inspirações e descreve em scenas animadas a vida do seu tempo e traça figuras que reproduzem a realidade com que está em contacto, segundo os processos que lhe parecem mais adaptados ao intento. Ora pinta o que está vendo, o que não é scr realista, porque assim o fizeram classicos e romanticos, ora, entregando-se aos caprichos da sua phantasia, remonta ao ideal ou para embelezar a natureza, ou para exaggerar-lhe as asperesas, as escabrosidades, o horrivel. Mas é sempre um homem do seu meio. Não cuida em ser romantico, realista ou qualquer outra coisa. Lucta, pensa e escreve como um homem do seu tempo.

.....

O sr. Machado de Assis é poeta, tem fóra de toda a duvida a alma de poeta. Sabe sentir, tem phantasia, ideaes delicados, sonhos de amor de admiravel pureza, crea pequenos nadas e veste-os de formas impecaveis, burila admiravelmente fragmentos de bronze, pinta quadros, combina habilmente luz e sombras, traça silhuettes caprichosas e exhaia em formosas endeiças a dôr, a saudade. E tudo isto em uma lingua correcta, limpa, pura, expressiva e em versos de medidas variadas, bem feitos e sempre adaptados ao assumpto.

Deve ser estudado e julgado no genero que cultiva e que é o da indole do seu talento. E' poeta do lyrismo subjectivo, do genero temperado, da poesia leve.

E nestes generos é excellente, tem verdadeiros primores do fundo e de forma. Primores taes dão tanto direito de figurar no Parnaso, como o que a ode, a epopéa, a tragedia têm de mais porfeito, sublime e remontado.

E que são as mais bellas joias de Sapho, de Horacio, de Tibullo, de Petrarcha, do Malherber, de Lamartine, de Musset, de Bocage, de G. Dias, do B. Guimarães, de Octaviano, se não composições curtas, poemetos, miniaturas?

Marelal, que tambem era um critico de bom gosto e julzo seguro já dizia "Eu não compuz o Arma verumque cano e no emtan-

to leem os meus versos os barbaros da Germania, de Vienna, da Iberia e lel-os-á a mais remota posteridade.

.....

As pessoas de alguma cultura literaria, familiarizadas com os escriptos do sr. Machado de Assis, reconhecem que é elle um dos nossos estylistas de melhores quilates. A estrutura do seu periodo é singularmente bella. As palavras e as orações organisam-se e concatenam-se em uma ordem lucida, como pede o genio da lingua, e a logica do pensamento. E' conciso e não pobre no dizer. A phrase é ás vezes notavel pela força da expressão, não tanto pela imagem, como pela alliança insolita ou pelo contraste das palavras. O pensamento, cheio e sobrio, corre desembaraçadamente em uma lingua folgada e não contrafeita. Não tem pretensão ao grandioso, ao sublime, ao campanudo, ao retumbante, mas sabe dizer com precisão, propriedade e agudeza o que pensa e o que sente.

Quem reúne dotes taes, é certamente um escriptor de grande distincção. Mas não é só isso. Não raro, pela bella organização do periodo, pela nobreza das palavras, pela propriedade e precisão da expressão, e por um certo polimento, o sr. Machado de Assis toca a essa graça, a essa flor de elegancia que os athenienses chamavam atticismo e os romanos urbanidade.

.....

E' o sr. M. de Assis um espirito creador? Tem elle a concepção profunda do homem e da sociedade? Possui o dom de crear situações, luctas, conflicts, complicações em que os caracteres de si mesmos se desenvolvem? Sabe no conto singello pôr em acção figuras naturaes, representações fieis do homem com as suas grandes ou pequenas paixões, com as suas excellencias e perversidades, com as suas fráquezas e ridiculos e com as nuances da sua natureza varia e ondulante?

Ou é antes um pallido urdidor de entrechos e intrigas insignificantes, vulgares, illogicas, insipidas, um fabricante de figuras contrafeitas, artificiaes, sem naturalidade, recortados de papelão, seres inanimados, que representam um thema, uma these e não a acção, o movimento, as agitações da vida?

Os poetas, os romancistas, os dramaturgos de genio cream o seu mundo, põem em actividade, atravez da sequencia de incidentes e factos, as figuras dominantes, e do viver dessas figuras fazem resaltar-lhes o caracter, a idiosyncrasia, o temperamento, a individualidade fundamente accentuada.

O que revela e traduz a idiosyncrasia, o caracter, o temperamento, não é a descripção, o retrato da figura, mas a sua actividade, o seu viver no desenvolvimento da acção.

E o seu creado, imaginario, adquire uma individualidade, forte, tão bem defenida e profundamente caracterisada, que assume a realidade de uma figura historica.

Póde o leitor esquecer o enredo do drama, do romance, ficam-lhe, porém, gravadas na mente as figuras, como se as tivesse lido em Thucidides, em Tacito, em Plutarcho, em Machiavello. Taes são o Hamlet, o Machbet, o Shyloch, o Othelo de Schakspeare; o Don Quixote e o Sancho de Cervantes, o Gil Blaz de Lesage, o Antiquario de W. Scott, o D. Juan de Byron, o Monte Christo de Alexandre Dumas.

Schakspeare apoderava-se de pobres dramas, de lendas e contos, submettia-os ao poder do seu genio, cavava as paixões e reduplicava de intensidade interesses fracamente desenhados, dava-lhes profundidade, mettia sangue, energia e vigor em figuras pallidas e superficiaes, verdadeiros esqueletos, derramava a vida, a luz, o movimento, animava tudo com o seu sopro, e tirava do nada um mundo de realidades.

Quem não tem força para fazer os caracteres saltarem da complicação dos factos, da fragua das paixões e do conflicto dos interesses, recorre ao banal expediente de previamente traçar o retrato do personagem, que põe em scena, de descrever-lhe o temperamento e as tendencias.

E' o que perpetuamente se vê nessas composições anemicas com que gemem os nossos e os pianos estrangeiros.

Lord Monbodo, consummado hellenista da Escossia, praticava de Homero com o celebre dr. Johnson, segundo Carylle, o representante mais alto e poderoso do genio inglez no seculo passado.

Johnson dizia: "The are in Homer such characters of heroes and combinations of qualites of heroes, that the united powers of mankind ever since have not produced any but what are to be found there". Ao que observou Mondobo: "Yet no character is described". Johonson acudiu: "No; they all develop themselves".

Evidentemente eram dois entendidos.

O sr. J. Verissimo, critico elegante e de bom gosto, fazendo uma vez uma analyse do *Sargento de Milicias* de Manuel de Almeida, reconheceu que o romancista reproduzia com fidelidade e vida os typos do Rio de Janeiro colonial que evocara, isto é, que essas figuras reviviam nos esboços do escriptor. No entanto, porque lobrigou defeltos de estylo e de composição, negou ao autor a primasia a que tem direito entre os nossos. Não: se Manuel de Almeida soube reproduzir ao vivo os typos que evocara, se animou-os com o sopro da vida é, fóra de contestação, um escriptor, um artista de altissimo merecimento, muito superior aos que, supposto escrevam com melhor estylo e mais sciencia de composição, todavia só têm posto em scena figuras artificiaes, desajeltadas, esta-

tuetas que não respiram, verdadeiros postes que trazem um nome, como os postes que no theatro grego indicavam por simples epigraphe os lugares dos successos: Coionna, Propileus, Parthenon.

Quizeramos que o sr. Romero tomasse o assumpto por estas profundidades, que nos desse um estudo serio da trama e do enredo dos principaes romances do sr. Machado de Assis e que por meio de analyses firmes, seguras, fizesse brilhar o character, o temperamento nas particularidades das figuras, censurando, elogiando como fosse de razão.

Mas para tanto... faltavam-lhe garras. Apenas no pobre e magro capitulo final limita-se a affirmar que o sr. Machado de Assis não inventou, nem creou typos que se tornassem populares.

**LABIENO.**

**(Lafayette R. Pereira).**



UM AUTOGRAPHO DO PRIMEIRO  
IMPERADOR

P.<sup>o</sup> Marquez de Santos

em  
Londres

Euvi da Marquez de Santos e de seu nome  
e de participação em a vossa vossa  
bem e estimo bem. A vossa vossa  
do. a vossa vossa vossa  
Aprovado em a vossa vossa  
tudo em a vossa vossa  
de a vossa vossa vossa

1830 27  
12

Euvi da Marquez de Santos

em Londres em a vossa

Imperador

"FAC-SIMILE" DE UMA CARTA E DO SEU ENDEREÇO, ESCRIPTOS POR  
D. PEDRO I Á MARQUEZA DE SANTOS

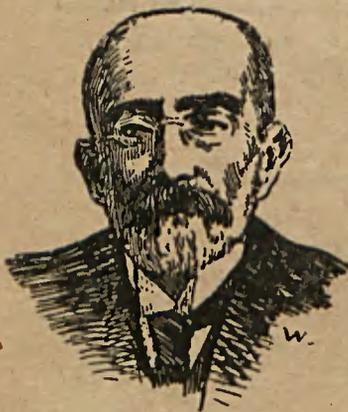


## RESENHA DO MEZ

### LAFAYETTE RODRIGUES PEREIRA

Apagou-se este mez um dos espiritos mais notaveis que o Brasil tem produzido.

Aos vinte e poucos annos, o conselheiro Lafayette publicava obras juridicas que eram primores de exposiçào, de doutrina e de linguagem e, num parlamento onde fulguravam



as maiores intelligencias, conseguia, dentro em pouco, destacar-se pela feição singular do seu talento. Delle pôdo-se dizer que entrou para a vida publica, quer litteraria quer politica, já cavalleiro perfeito. Parece que nunca precisou, em todas as coisas da vida, de atravessar esse doloroso o fatigante periodo do aprendizado que é o escolho onde naufragam muitos e onde todos se deses-

peram. Escrevia e falava, sempre escreveu e falou com a admiravel precisào e singeleza, a singeleza e precisào com que só os grandes mestres falam e escrevem. Os seus primeiros livros trazem a linguagem já crystallisada em todas as perfeições artisticas e desafiam os rigores mais extremados da critica. São obras definitivas onde não ha o que pôr ou o que tirar. Dos seus discursos, rapidos, incisivos, originaes, vivem ainda nas paginas dos annaes do parlamento do Imperio, alguns exemplares que honram a graça, a cultura e a distincção do espirito brasileiro.

Não é em poucas linhas, e ás pressas, que se pôdo dignamente analysar um homem desse valor. A analyse que elle merece só a faremos mais tarde, com espaço e com amor.

Estas linhas ligeiras valeni apenas como uma primeira e modesta homenagem da nossa admiração e do nosso respeito ao eminente brasileiro que acaba de desaparecer no meio de uma indifferença que enxovalha o paiz.

### FINS DA EDUCAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA BRASILEIRO

(Suggestões)

Na Idade-Antiga, o alvo ao qual tendiam os trabalhos educativos era o preparo do individuo afim do servir ao Estado, isto é, para as ne-

cessidades militares, dominantes, tornando-se de tal arte cada cidadão um soldado, donde o predomínio da cultura physica sob as mais variadas formas. A fortaleza do corpo era o meio de consecução do homem-soldado, fim a attingir.

Mais tarde, nos tempos medievaes, o fim ultimo da educação consistia em deixar a criatura humana apta para o alcance do céu, ventura suprema dos que, na Terra, souberam desdenhar a grosseira roupagem material — o corpo, — envoltorio da divina essencia — a alma, — objectivo unico do todos es carinhos. As mortificações, os jejuns, es maus tratos ao corpo emfim, produziram o ascetismo, moral fundada no desprezo do organismo e das sensações physicas.

Entrado a Idade-Contemporanea, a reacção critico-naturalista contra o mysticismo anterior surgiu logo, com a Renascença, trazendo reformas radicaes cujos beneficos effeitos ainda hoje se manifestam. Por outro lado Luthero, prégando o livro exame, concorreu efficaamente para diminuir as brumas que envolviam as consciencias, o provocou aspirações novas com a liberdade deixada á exegese dos textos biblicos. A reacção critica, culminando com o "Emilio", deu tambem origem aos impulsos liberaes do ultimo quartel do seculo XVIII, de que a França se tornou o campeão, posto que, ás vezes, excessos houvesse, como no movimento politico-social de 1789. A revolução franceza deu azo a que so precisassem os ideacs educativos daquellas épocas, consistentes no pleno desenvolvimento physico, seusorial, intellectual e moral.

Reconhecida, na Idade-Contemporanea, a impossibilidade de proseguir esse intento, a educação orientou-se de novo o tomou outro rumo, parecendo que, hoje, a obra educativa pretende dar, a todos os individuos, elementos bastantos quo lhes facultem ampla satisfação das necessidades impostas pela vida actual, augmentando-se, por tal forma, a riqueza publica com o desenvolver-se a maxima capacidade productiva de

cada membro do gremio social. O fim da educação é hoje, portanto, eriar e homem productor de riqueza, o cidadão forte para o trabalho, beneficiando-se a si proprio o á collectividade de que é parte.

De que modo e por quantos meios conseguirá a educação o seu fim ultimo, qual o do amoblar criaturas habilitadas para a vida intensa da época presente, capazes do vencor nas lutas de todos os dias? E' esse um problema assás difficil, todavia pensamos que se resolverá seguindo-se os caminhos abaixo indicados:

1. Fornecer a todos es individuos o ensino primario (preliminar e complementar); é o ensino gratuito e obrigatorio. Tal ensino, basico, tom um caracter nacional, quero dizer que, durante a sua ministração, se ha de formar e avigorar o civisino na criança;

2. Ensinar a todos um officio, isto é, uma habilidade manual qualquer, permittindo ao individuo, em qualquer emergencia, meios facéis de ganhar a vida. O ensino manual, sobre ser um agente moralizador importante, é ainda um factor do solidariedade humana e de independencia de caracter;

3. Promover, para o maior numero possivel, pelo menos para todos os membros das classes dirigentes, a cultura chamada *classica*, os estudos de *humanidades*, como geradores do altruismo. E' facto que as classes dirigentes devem ser preparadas e abnegadas, o quo se pode conseguir, até certo ponto, com os estudos que dizem respeito a todos os homens.

Encarando o problema da finalidade educativa sob o ponto de vista brasileiro, poderemos dizer que os fins da educação, entre nós, se dividem em *ultimos* e *proximos*. *Ultimos* são os fins geraes da educação na época actual, acima expostos, e quo hão de variar com a marcha evolutiva da humanidade; o quo foi dito,

relativamente a todos os povos, e abe aos brasileiros, como parte do genero humano. *Proximos* são os fins existentes em virtude do condições especiaes, transitorias, de nossa Patria; o trabalho educativo deve procurar, o mais breve possivel:

1. Criar uma civilização nossa, adaptada ás nossas condições mesologicas, sendo, neste ponto, muito justas as criticas feitas por escriptores varios, entre as quaes Eça de Queiroz, na sua "Ultima carta de Fradique Mendes", dirigida a Eduardo Prado;

2. Chamar para o convivio social, isto é, instruir e educar como brasileiros que são, consideravel parte da população nacional que vegeta pelo interior do paiz o conhecida pelos differentes nomes de *índios* (?), *bugres*, *caboclos*, *tabaréus*, *matutos*, *caipiras*, *jagunços* et cætera. Convem meditar a este respeito, lendo o capitulo em que o autor dos "Sortões" estuda "O homem";

3. Assimilar, por todas as maneiras, o elemento estrangeiro, o qual conserva, na nossa terra, os ideaes proprios de suas patrias de origem, com grave prejuizo para os interesses nacionaes. Reflectamos, aqui, sobre a efficiencia da *escola nacional*, que não temos, e do *trabalho agrícola organizado*, que tambem nos falta.

Diversos são os meios de attingirmos os fins proximos da educação, sob o ponto de vista brasileiro. Temos de criar elementos, forças que não existem entre nós, e eliminar entaves, verdadeiras energias negativas.

Os estorvos a supprimir são estes:

1. Analphabetismo (decadencia intellectual);

2. Molestias varias (decadencia physica);

3. Descrença, pessimismo (decadencia moral);

4. Pobreza (decadencia economica).

Todos estes assumptos têm sido ventilados abundantemente, excepto um, o ultimo; illudimo-nos muito

quanto ás condições economicas do nosso povo, por termos o mau habito de considerar sómente as grandes cidades do paiz e de aferir, por esse estalão, a zona rural, pobre e desprovida de conforto.

As potencias a criar são:

1. Escolas *nacionaes* urbanas e principalmente RURAES (ensino primario — preliminar e complementar). O problema das escolas ruraes está desafiando a perspicacia dos nossos politicos: é a questão maxima da pedagogia brasileira. Ha necessidade em ampliar a efficiencia ás Escolas Normaes do paiz, pois é nellas que se preparam milhares de pessoas que teem de realizar o que se espera da escola nacional. A' mulher brasileira, principalmente, cabe um importantissimo e insubstituivel papel no ensino preliminar nosso;

2. Serviço militar *obligatorio*. O serviço militar obrigatorio é a Nação em guarda, sempre prompta para a sua propria defesa. O cidadão-soldado tem civismo, é uma força-viva nacional. Mas o serviço militar obrigatorio é considerado, aqui, nas vantagens que apresenta quanto á disciplina individual, na vulgarização dos preceitos hygienicos, relativamente á luta contra o analphabetismo. Os postos militares podem ser verdadeiras escolas espalhadas pelo immenso territorio brasileiro, a exemplo do que se faz na Russia que, ha pouco, contava perto de 8.000 de taes postos. Medite-se sobre o livro de Gustavo Le Bon — *Psychologie de l'éducation* — capitulo ultimo, intitulado "L'éducation par l'armée";

3. Fomento da *iniciativa individual*, por todos os modos possiveis, e de um *patriotismo sadio*, pelo conhecimento do folk-lore nacional, da lingua do paiz através da nossa literatura e das letras portuguezas, da historia do Brasil, da geographia patria; e pelo robustecimento das emoções cívicas (bandeira nacional e hymnos patrioticos, festas cívicas, culto dos grandes homens, et cætera). A este respeito convem considerar o rolevantissimo serviço que Olavo Bilac está prestando, com o con-



curso da boa imprensa, o o muito que delles esporam os verdadeiros patriotas.

A *Liga de Defesa Nacional* está destinada a realizar um papel muito nobre, pela estimulação das nossas energias civicas e, além disso, por esmerar e fortalecer o sentimento nacional, sem o que o Brasil jamais cumprirá um destino grandioso. — cumprirá um destino grandioso. — CARLOS DA SILVEIRA.

## MOVIMENTO LITERARIO

Organisou-se em S. Paule uma sociedade que vai prestar sem duvida muitos serviços: a Sociedade dos Autores, de que farão parte homens de letras, juristas, cientistas, artistas, etc.

A Sociedade dos Autores, que tem por fim defender os direitos autoraes em juizo o fóra delle, representa, positivamente, uma excellente iniciativa de que muito ha a esperar. Com effeito, entre nós não se tem noção alguma de propriedade literaria. Como não ha quem viva exclusivamente da sua penna, os autores ainda não conseguiram convencer o publico de que, assim mesmo, a produção intellectual ó tão digna como as outras, e tanto como as outras merece a protecção das leis. Foi para reagir contra isso que se fundou a Sociedade dos Autores. D'ora avante a lei dos direitos autoraes não existirá apenas no Codigo — mas terá applicação frequente, e servirá realmente para proteger os autores.

Os estatutos, que já estão assignados por grande numero de socios, serão publicados brevemente. Em reunião ha dias realisada, ficou assim composta a primeira directoria: presidente, sr. dr. Vicente de Caryalho; secretario, sr. Amadeu Amaral; thesoureiro, sr. dr. Armando Prado; sub-presidente, sr. dr. Luiz Carlos da Fonseca; sub-secretario, sr. dr. Cyro Costa; sub-theoureiro, sr. dr. Roberto Moreira. Na fórmula dos estatutos, esta directoria organisou a

lista das pessoas que devem compor o conselho superior, as quaes são os srs. drs. Adolpho Pinto, Affonso d'Eseragnolle Taunay, Alberto Seabra, Alfredo Pujol, Augusto Froire da Silva, Carlos de Campos, Firmino Witacker, José Carlos de Macedo Soares, Julio Mesquita, Luiz Pereira Barretto, Ramos de Azevedo, Reynaldo Porehat, Silvio de Almeida, Theodoro Sampaio, Valente de Andrade, Veiga Miranda e Washington Luis. Para o cargo de secretario geral foi escolhido o sr. Gomes Cardim.

Os estatutos cogitam ainda da eriação de "conselhos seccionaes" de cinco membros, destinados a velar por determinados departamentos da actividade autoral.

\*

Esteve em S. Paule Alberto de Oliveira, que veio realizar na Sociedade de Cultura Artistica, uma conferencia sobre Fagundes Varella. O quo foi essa palestra literaria, podem os leitores da *Revista do Brasil*



avalia-o pelo resumo que mais adianto publicamos. Alberto de Oliveira comprometteu-se com a Cultura Artistica a vir fazer em S. Paulo uma conferencia sobre Arthur de Oliveira. Alberto foi amigo o companheiro insoparavel do Arthur, que não

era só um incorrigível bohemio, mas um talento admiravel, de que infelizmente pouquissimos traços existem na nossa literatura. E ha de ser encantador ouvir o grande poeta contar a vida bohemia de Arthur de Oliveira, como elle se fez amigo de Theophile Gautier e de outros grandes escriptores francezes, — evocar enfim essa figura originalissima inteiramente inedita para o grande publico.

\*

Ainda a proposito da Sociedade de Cultura Artistica: está a apparecer o terceiro volume das conferencias realisadas na Sociedade, contendo a série sobre Lendas e tradições brasileiras, feita com tanto brilho pelo saudoso Affonso Arinos. Prefacia o volume Olavo Bilae, cujas paginas os nossos leitores já conhecem, graças á gentileza da directoria da Sociedade de Cultura Artistica.

Publicado este volume, com as conferencias de Affonso Arinos, sahirá logo outro, com as conferencias do dr. Alfredo Pujol sobre Machado de Assis. O nosso director realisará por estes dias a ultima da série; e, como o livro está quasi prompto, ponceo depois será exposto á venda. O interesse com que todos acompanharam as brilhantes conferencias sobre Machado de Assis, permite esperar que a publicação dellas em volume constitúa um dos mais bellos acontecimentos literarios do anno. E, a proposito, louvemos a Cultura Artistica, a quem as nossas letras e as nossas artes já devem tantos serviços. Sem quereremos referir-nos ás conferencias anteriores, já reunidas tambem em volume, — teria o publico essas duas series magnificas, sobre as nossas lendas e sobre Machado de Assis, se não fosse a Cultura Artistica? Sem ella, sem o esforço com que os seus directores se empenham em realisar o programma da Sociedade, provavelmente Affonso Arinos não se abalancaria a realisar sete conferencias, nem Alfredo Pujol outras tantas sobre Machado de Assis...

\*

Mais duas vagas na Academia Brasileira (positivamente, os academicos, são mesmo immortaes...). Agora, são Lafayotte Rodrigues Pereira o Oswaldo Cruz que morrem, um juriseconsulto e politico eminente, o outro hygienista glorioso, — que não se contentaram em ser "apenas" isso, e quizeram ser tambem, e realmente o foram, bons cultores das letras. De Lafayette publicamos neste mesmo numero da Revista, alguns admiraveis trechos da sua critica a Sylvio Romero, feita sob o pseudonymo do Labieno.

Com o fallecimento dos dois illustres brasileiros, ha tres vagas na Academia Brasileira, pois ainda não foi preenchida a de Garcia Redondo. Nenhum dos tres foi socio fundador da Academia, mas, a proposito é interessante recordar que dos quarenta socios fundadores vivem hoje apenas dezoito. Esses dezoito academicos são os seguintes srs.: Carlos de Laet, com 68 annos de idade; Ruy Barbosa, com 67 annos; Silva Ramos e Inglez de Souza, com 63; Felinto de Almeida, com 59; Alberto de Oliveira e Clovis Bevilacqua, com 57; Affonso Celso com 56; Luiz Murat, com 55; Domicio da Gama, com 53; Coelho Netto, com 52; Alcindo Guanabara e Olavo Bilae, com 51; Rodrigo Octavio, com 50; Medeiros e Albuquerque o Oliveira Lima, com 49; Graça Aranha, com 47 e Magalhães de Azevedo, com 44 annos.

A Academia Brasileira perdeu até hoje trinta de seus socios effectivos, cujos nomes publicamos em seguida:

Luiz Guimarães, fallecido em 1898; Pereira da Silva, em 1898; Visconde de Taunay, em 1899; Eduardo Prado, em 1901; Francisco de Castro, em 1901; Urbano Duarte, em 1902; Valentin Magalhães, em 1903; Martins Junior, em 1904; José do Patrocinio, em 1905; Pedro Rabello, em 1905; Barão do Loreto, em 1906; Teixeira de Mello, em 1907; Machado de Assis, em 1908; Arthur Azevedo, em 1908; Lucio de Mendonça, em 1909; Euelydes da Cunha, em 1909; Guimarães Passos



em 1909; Joaquim Nabuco, em 1910; Raymundo Corrêa, em 1911; Araripe Junior, em 1911; Rio Branco, em 1912; Aluizio Azevedo, em 1913; Salvador de Mendonça, em 1913; Heraclito Graça, em 1914; Jaceguay, em 1914; Sylvio Romero, em 1914; José Verissimo em 1916, Affonso Arinos, em 1916; Arthur Orlando, em 1916, Garcia Redondo, em 1916; Lafayette Rodrigues Pereira, em 1917; o Oswaldo Cruz, em 1917.

Os ultimos socios recebidos foram os srs. Antonio Austregesilo, Goulart de Andrade e Osorio Duque Estrada, eleitos, respectivamente, para as vagas de Heraclito Graça, Barão de Jaceguay e Sylvio Romero.

Não tomaram posse ainda os socios srs. Lauro Müller, Emilio de Monezes, barão Homem de Mello, dr. Miguel Couto e desembargador Ataulpho de Paiva, eleitos para as cadeiras que eram occupadas, respectivamente, pelo Barão do Rio Branco, por Salvador de Mendonça, por José Verissimo, por Affonso Arinos e por Arthur Orlando.

## REVISTAS E JORNAES

### HOMENS

#### E COISAS NACIONAES

##### FAGUNDES VARELLA

Foi nos primeiros annos de juventudo, quando a poesia desta idade e a das coisas, que eram as mais bellas em sitio aprasivel da minha provincia natal, me formavam e predispunham o espirito ao gosto das letras, que li pela primeira vez os versos de Fagundes Varella. Ha em torno de nós, nas coisas e em tudo, uma indefinivel belleza esparsa, cujos aspectos nos passariam despercebidos se as Artes os não revelassem, e dellas, como principaes, a Poesia, a Pintura e a Musica. Conforme a natureza e estado da alma em que influem, estas artes nos desfazem suggestivamente o fumo qu'vêu que encobre algumas dessas bellezas. Na-

quelles alvares de mocidade foi a musa de Varella a que mais apta e magica me soube desvendar ou doixou entrever o que sós por sós não viam meus olhos. A suggestão da poesia da Natureza livro nenhum, a não sor depois a "Cachoeira do Paulo Affouso", me deu tão intensa como os "Cantos Meridionaes", os "Cantos o fantasias" e ainda os "Cantos do ermo e da cidade". O gosto da vida errante diz-se que lho viera com a perda do um filho e da primeira mulher. Desde então começou a fugir os centros populosos, a estancar nos ermos, tentando espairecer dolorosas lembranças com a variedade dos espectaculos da natureza. Longas caminhadas apprehendia a pé, indo destas áquellas paragens, por municipios das provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo. Antigos, que não lhe faltavam nessas peregrinações, adquiridos entro a gente simples da roça, por seu trato e maneiras insinuantes, soccorriam-no, hospedando-o, sentando-o á sua mesa, dando-lho distração e conforto. Os mais dedicados cediam-lhe ás vezes de emprestimo animaes de sella, com quo se atirava a penosas viagens. E então a alma do poeta so expandia em jubilos, voando desoppressa dentro os homens para a solidão dos descampados e brenhas.

Vamos, exclamava nessas occasiões, desprendido de tudo,

Vamos, meu cavallo branco,  
Minha neblina veloz!  
Deixemos campos e prados,  
Sarças, brejos e vallados,  
Ermos, villas, povoados  
E os homens atrás de nós!

Vamos, vamos, busquemos as terras,  
Onde habítam meus doídos amores,  
Onde espera por mim anciosa  
A mais langulda flor entre as flores;

Onde tudo é liberdade,  
Vida, calor, gozo e luz,  
Onde as placidas campinas

Regorgitam de boninas,  
A's caricias peregrinas  
De um sol que sempre reluz.

.....

Ao fim da jornada, como quem sáe  
a busear um templo e ao entrar-lhe  
os penetraes ajoelha o reza, elevam-  
so-lhe, do peito estas vozes de um  
hymno quasi religioso:

Salve, erguidas cordilheiras,  
Brenhas, rochas altaneiras,  
De onde as alvas cachoeiras  
Se arrojam, troando os ares!  
Folhas que rangem cahindo,  
Feras que passam rugindo,  
Genios que dormem sorrindo  
No fresco chão dos palmares!

Salve, florestas sombrias,  
Onde as rijas ventanias  
Accordam mil harmonias  
Na doce quadra estival!  
Rólas gentis que suspiram,  
Louras abelhas que giram  
Sobre as flores que transpiram  
No selo do taquaral!

Salve, esplendida espessura,  
Mares de sombra e verdura,  
De onde a brisa etherea e pura  
Faz brotar a inspiração,  
Quando á luz dos vagalumes,  
Da mariposa aos cardumes  
Se casam molles queixumes  
Dos filhos da solidão.

E' o deserto bravo o augusto, a  
solenno e virgem solidão das flores-  
tas. Ah! seu genio e soffrimentos  
podem ser entendidos, o coração con-  
fia a penedos o arvores o quo receava  
segrodar a ouvidos humanos. Nestas  
notas de lyrismo selvagem travadas  
muitas vezes de amargura e misan-  
thropia, penso estar a feição predo-  
minante de Fagundes Varella ou o

que mais lhe resalta a individuali-  
dade entre os nossos poetas roman-  
ticos.

A misanthropia de Varella, ou o  
seu não direi desprezo, mas afasta-  
mento dos homens, principalmente os  
das cidades ou povoados, preferindo-  
lhes a solidão dos campos o matos,  
motivam-no os seus biographos no  
lanee tragico da morte da mulher  
o do filho. "Esto duplice golpe, diz  
J. M. do Macedo, no "Anno biogra-  
phico", cortou-lhe o futuro e enne-  
greceu-lho a vida". Varella não quiz  
proseguir em seus estudos juridicos;  
o amor de seus paes já não lhe bas-  
tava. Fugiu á sociedade; passou os  
primeiros tempos que seguiram ao  
seu infortunio fatal, vagando sózinho  
pelos campos, desaparecendo no seio  
eseuro das florestas, atravessando a  
nado caudalosos rios, aeminhando le-  
guas sem destino, nem idéa, pedindo  
a Deus a morte e arruinando a sau-  
de, em desespero de felicidade no  
mundo." Aceordes mais ou menos  
nesto sentido escrevem Lery Santos,  
Sacramento Blake, Teixeira de Mello  
e V. Coaracy. Parece, pois, que a  
musa da solidão só depois daquello  
golpe fatal sorriu consoladora e ca-  
rinhosa ao poeta, inspirando-lhe as  
mais bellas ou mais earacteristicas  
produções. Não é isso ontretanto o  
que é facil vêr do examo de suas  
obras. Embora menos intenso, o gos-  
to do ermo ou da vida e mysterios  
deste já se adivinha e manifesta em  
"Nocturnas" e "Vozes da America",  
das quaes, senão todas, pelo menos  
o maior numero das varias poesias  
antecede á data do luetuoso suces-  
so. A morte dos dois seres queridos  
parece-nos firmou apenas em Varel-  
la o pendor para a vida ao ar livre,  
em contacto directo com a natureza.  
Essa inclinação é do presumir lho  
nascera desde cedo, quando, haven-  
do-lhe o pae sido nomeado juiz de  
direito de Catalão, em Goyaz, teve  
o poeta, menino ainda de onze annos,  
de acompanhar a familia em viagem  
feita a cavallo durante longas sema-  
nas, através dos sertões espessos e  
onde por vezes houveram de atten-  
dar em plena mata brava, sob as  
copas das arvores. Difficilmente se

nos apagam do espirito estas lembranças de espectaculos grandiosos do mundo physico, vistos na idade em que a imaginação algo tem daquella musa de olhos arregalados que o autor do "D. Casmurro" faz presidir ás insomnias.

O "Cantico do Calvario" assigna-la no lyrismo de Varella, de 1863 em diante, anno em que foi escripto, as notas de profunda e não fingida tristeza, senão amargura, que lhe ensombram os versos. Dahi datam tambem os desatinos ou desregramentos de sua vida. Nas poesias anteriores pôde haver, e ha certamente, o mesmo sentimento de dôr, mas artificial, ou de imitação, segundo o praticava a escola romantica, principalmente na ultima phase. Aqui, não. As selvas tão invocadas pelo poeta desde os primeiros cantos, se a principio podiam ouvir-lho um idyllio ou uma ecloga ou deixar-lhe entrever entre os ramos nudezes de nymphas fugidias, agora só lhe inspiram accordes elegiacos o povoadas lhe apparecem de sombras e aparições tristes. Ao meu vêr é o "Cantico do Calvario", embora alguns senões, a mais formosa nenia ou epicedio de nossa lingua; nunca, quo en saiba, sem exclusão de Boccage na "Saudade materna" e do nosso Luiz Guimarães Junior em "Mater dolorosa", houve ahi alaude capaz de sons tão altos e tão sentidos.

Nos ultimos tempos accentua-se-lhe a religiosidade do espirito, o que o leva, antes de narrar a vida de Jesus, aos raptos de "Acusmata":

..... Buseo-te embalde  
Na natureza inteira! O dia, a noite,  
O tempo, as estações, mudos succedem-se  
E se falo de ti, mudos se escoam!  
Mas eu sinto-te o sopro dentro d'alma!  
E move-te por ti, por ti respiro,  
Ouço-te a voz que o cerebro me anima,  
E em ti me alegre, e choro, e canto, e  
[penso!

.....  
Eu crelo em ti, eu soffro, e o soffrimento,  
Como ligeira nuvem, se esvaece,  
Quando repto teu sagrado nome!  
Eu crelo em ti, e vejo além dos mundos

Minha essencia immortai, brilhante e  
[livre,  
Longe dos erros, perto da verdade,  
Branca dessa brancura immaculada,  
Que os genios inspirados nesta vida  
Em vão tentaram descobrir nos mar-  
[mores.

Quasi toda a obra do poeta fluminense está embalsamada deste perfume de crença, como as navos de um templo da emanação dos thuribulos. "O seu amor, a sua crença, a sua religião — dizia delle seu amigo Ferreira de Menezes — era um pantheismo luminoso, atravessado pela idéa de Deus. Sonhava mergulhar de novo na natureza, para surgir... onde? Longe, na plena luz. Não se considerava mais do que uma onda que tinha de enovelar-se, perder-se e afundar-se no mar da criação; uma nota desprendida do eterno concerto o que se perdêra no espaço, um atomo, luminoso, siml que um dia iria ajuntar-se ao grande todo."

Não podia deixar de extinguir-se balbuciando uma prece, alma tão soffredora. Varella acabou, por assim dizer, rezando aquella grande oração, que é o "Anchieta ou o Evangelho nas selvas". Este poema que ninguém hoje lê e poucos leram e devidamente apreciaram, tem contra si a monotona extensão de dez longos cantos, ao gosto classico, e o ser foito em versos soltos ou brancos. A attenção do publico, por occasião de em 1875 apparecer o "Anchieta", sentia-se oxiasta ou enojada da leitura de poemas epicos, lyricos o satiricos moldados nesta sorte de versos. Só de 1844 a 1866 haviam-se aqui impresso em versos soltos o "Tres dias de um noivado", de Teixeira e Souza, "A festa de Baldo", de Alvaro T. do Macedo, as "Cartas chilenas", a "Confederação dos Tamoyos", de Magalhães, o "Colombo", de Porto Alegre, a "Nebulosa", de J. M. de Macedo e os "Tymbiras", de Gonçalves Dias, não incluindo nesta relação obras somenos, como a "Engenheira", de Ferrari, o "Gonzaga", de Pereira da Silva, e "Paraguassú", de Titara, esta um pouco anterior. E, entretanto, não desluz dos melho-

res, no meio destes poemas, o "Evangelho nas selvas" e a alguns transcendente em inspiração, grandeza de scenas, verdadeira poesia e dons de expressão. São magistraes, entre outros, os quadros do apparecimento da estrella guiadora aos reis magos, no alto de sua torro o a jornada por longos caminhos, que se enfloram, até Belém; o da saturnal no palacio de Herodes, e a dansa da bailadeira lasciva; os versos do Sermão da Montanha, os das parabolias do Nazareno e todos os do apparatus lugubre da Crucificação, no Calvario. As profundezas celestias que se abrem entro relampagos, o apparecimento de séres angelicos, as transparencias luminosas do ether, os véus fluidos ou perespirituaes que envolvem a espaços a figura do Salvador, alcançam da penna do poeta, como pincel magico, para exprimir-os, levezas de tintas surprehendentes. O verso branco nenhum dos nossos românticos, excepto Gonçalves Dias, soube manejar-o com tanta pericia como Fagundes Varella. Elle é um artista, um mestre na feitura deste verso. Mas os poemas sem rima, ou ainda com ella, estavam proscriptos e forçoso foi ficar o "Anchieta" em nossa literatura como obra quasi virgem de olhos que a lêsem, ou como a figura do velho missionario deste nome, entre alguns erentes e a solidão... Entretanto, este é o melhor de quantos poemas religiosos se têm composto em portuguez; nem talvez o supera a "Messiada", do Klopstock, senão nos primeiros cantos, quando celebra a rebellião dos anjos e a quédá e arrependimento de Abdiel.

Tão desprendido era de vaidades de autor pelos frutos de seu talento, que onde os produzia em seu peregrinar de bohemio, os ia deixando em mãos destes e aquelles, como certas aves que onde cantam ahi deixam ficar algumas do suas pennas. Assim foi que de mãos de uma senhora, que por sua vez de outrem o recebera, recolhi em 1880 o manuscrito original do "Diario de Lazaro", o qual por intermedio do Arthur Barreiros foi publicado na "Revista Brasileira" e mereceu um excellent

estudo critico de Franklin Tavora. De espiritos destes ninguem vá exigir ordem ou methodo de trabalho. Não o têm no que escrevem nem nas coisas da vida; os versos a mão lh'os traça como elles deflucm da alma, corredios e naturaes e dir-se-ia que se unem e entecem nas varias fórmias de composição ao modo como alguns arachnidios lavram os circulos ou polygonos de suas teias. Não tinha Varella entre os seus tormentos este que os da geração posterior á sua inventamos de rescrever dez e vinte vezes a mesma pagina, buscaudo febricitantes a fórmula ou expressão perfeita.

Lendo-o hoje, entristeece-me deparar-lhe maculas que outróra não via, desadorno-lhe alguns passos inçados de logares communs; desaprazem-me as suas rimas vulgares, enfadam-me varios de seus versos frouxos e hiatios, irritam-me não poucos de seus pronomes mal collocados e nem lhe soffro no prefacio das "Vozes da America" aquelle solecismo com o verbo "haver" que tanto afeleou a critica de Camillo C. Branco (Camillo varias vezes reincidente no mesmo deslize grammatical), mas tambem uma satisfação experimento, ó meu grande, ó meu infeliz Fagundes Varella; a de sentir em mim reliviva, embora sem o alvoroço e o onthusiasmo de outróra, aquella mesma e suggestiva impressão que me davas, quando, ha tantos annos! eu te lia pela primeira vez, em sitio aprazivel do meu patrio torrão fluminense. — (De uma conferencia do sr. Alberto de Oliveira na Sociedade de Cultura Artistica, S. Paulo).

#### O PROBLEMA MILITAR

Faz alguns mezes, um official suiso, o coronel K. Egli, do estado-maior da valorosa Republica de Guillerme Tell, escrevia numa revista excellent artigo sobre "Les Armées de Milices". Explicando os regulamentos suissos, mostrava elle como sua patria havia conseguido formar um exercito efficiente e poderoso com simples milicianos. Então fina-

lisava com este conselho proveitoso, que os nossos theoristas da militarisação prussiana nunca quizeram ouvir nos seus planes inadaptaes ás condições sociaes e financeiras do Brasil: "Nãe esqueçamos quo sómente corresponde a seu fim um exercito que, permittindo á politica exterior da nação attingir ao que ella se propõe, é adaptado á situação interior do paiz, assim como do caracter do povo, e não exige um esforço financeire desmedido. Eis porque não existe organisação militar applicavel tal qual a muitos paizes. E, mesmo quando se reconheceu a oportunidade ou necessidade de uma mndança de systema, cumpre que a transição, não seja subita, immediata, porque disso resultaria, não um augmento do força, mas um periodo de fraqueza que poderia ter graves consequencias. Uma evolução lenta e methodica é, mais do que alhures, indispensavel ao exercito." Verdades que um official nosso, o major Liberato Bittencourt, tambem enunciou syntheticamente numa apreciavel brochura intitulada "Principios Geraes do Organisação dos Exercitos". Mas, infelizmente, não prevaleceram em as nossas ultimas reorganisações militares, feitas em desharmonia com as nossas condições geographicas, a indele do povo, os recursos financeiros e até exigencias da propria arte militar.

Os typos do instituições militares que mais se prestam para modele nosso são os sul-americanos, sobretudo o da Argentina e do Chile. Encontramos ahi identidade do regimen politico, semelhança das populações e os mesmos caracteristicos da situação economica. Attendendo a tudo isto, os nossos vizinhos do continente criaram um systema militar proprio, onde o exercito permanente se converteu num modesto nucleo de instrução de numerosas reservas, sem demasiados sacrificios monetarios.

Nosso ultimo recenseamento, o de 1900, offerece alguns esclarecimentos sobre o elemento humano aproveitavel para a defesa nacional. A população total era então de . . . . .

17.318.556 almas. Os individuos adultos do soxo masculino repartiam-se desta fórma, para o fim que temos em vista:

<i>Homens</i>	<i>Edades</i>
772.783.....	de 20 a 24 annos
713.829.....	de 25 a 29 annos
1.047.484.....	de 30 a 39 annos
710.334.....	de 40 a 49 annos

Dispensando os maiores de 45 annos, os homens obrigados a serviço militar podiam distribuir-se assim pelas duas linhas:

— Exereito activo e sua reserva: 1.486.602 de 20 a 29 annos.  
— Guarda Nacional (activa e reserva): 1.047.489 de 30 a 39 annos; 335.167 de 40 a 45 annos.

Os isentos e incapazes deviam diminuir do 20 por cento esses algarismes. Mas, tendo a nossa população se elevado a 24.600.000 almas nestes ultimos quinze annos, não se torna necessario fazer agora o abatimento indicado.

Como preparar militarmente essa massa formidavel de homens validos, sem perturbar nossa vida civil? E' simples. Cada classe do rapazes de 20 annos será de 154.500. De 5.000 a 10.000, não mais, serão incorporades por um anno ao exercito permanente. Os restantes, alistados na "reserva do recrutamento", precisam ser rapidamente instruidos em unidades de deposito, convenientemente localisadas por todo o territorio patrio. Uma vez realiado isto, elles iriam passando de escalão em escalão, convocando-se exclusivamente as classes mais novas para exercicios de repetição, por uma ou duas semanas. Admittamos que nosso exercito disponha de 20 regimentos de infantaria a três batalhões. Os terceiros batalhões seriam convertidos naquellas unidades de deposito, cujas quatro companhias, só com os quadros, occupariam a séde de quatro secções de recrutamento o mobilisação. Se cada uma destas 80 companhias instruisse mil recrutas por anno em turmas successivas, o total exercitado annualmente montaria a



80.000 homens, para a infantaria. Aggregassemos a isto alguns esquadões na cavallaria e baterias na artilharia a pé, para identica missão, e teriamos quasi toda a classe de 20 annos com um preparo efficiente, que se tornaria mais solido em vespéras de qualquer conflicto. Do tal arte, sem prejudicarmos as incumbencias da tropa permanente, concentrada em pontos estrategicos e guarnições habituaes, constituiriamos ao lado della uma especie de "élite" suissa, em condições de marchar, com o exercito activo, de augmental-o com muitas formações de reserva e de nutril-o com soldados no decorrer da campanha. A infantaria principalmente apresentaria todas as garantias: tres mezes bastam para adestrar um bom infante, conforme se verifica na Suissa, na Dinamarca e em Portugal. Tanto mais que, em nosso caso, os commandantes seriam officiaes de carreira, com um curso profissional, isto é, sem o maior defeito dos milicianos. Enquanto perdurasse a actual situação financeira, tacs reservistas não receberiam soldo e se exercitariam nos seus proprios municipios, aos domingos. Este regimen provisório já concorreria para a educação militar da juventude sem dispendios avultados. — (P. P. — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

#### OS FUMADORES DE MACONHA NO BRASIL

Em 13 de Maio de 1888 foi promulgada a lei que aboliu a escravidão no Brasil, mas no paiz já estavam inoculados varios prejuizos e males da execravel instituição. Dentre esses males destaca-se o vicio pernicioso de fumar as sumidades floridas da planta aqui denominada *Fumo d'Angolla*, *Maconha* e *Diamba*, e ainda, por corrupção *Liamba* ou *Riamba*. E' principalmente no Norte do Brasil onde sei achar-se o vicio de fumar a *Maconha* mais espalhado, produzindo estragos individuaes, e dando por vezes lugar a graves consequencias criminosas. Nes-

sa parte do paiz princiramente se desenvolveu a lavoura da canna de assucar, e foi grande a importação de escravos, que mais tarde, com o augmento grandemente remunerador do plantio do café nas provincias de S. Paulo e do Rio de Janeiro eram vendidos para o sul. Os indios amansados aprenderam a usar da maconha, entregando-se com paixão a esse vicio. Fumam tambem os mestiços, e é nas camadas mais baixas que predomina o seu uso, pouco ou quasi não conhecido na parte mais educada e civilisada da sociedade brasileira. A Africa já havia recebido a planta da Asia, onde nasce espontaneamente ao pé das montanhas além do lago Baikal, e em outros sitios, e com a qual preparam o *hachich*, cujos efeitos perniciosos são tacs quo delle deriva a palavra *assassino*, vinda do arabe *hachich* ou pó das folhas do canhamo com que elle é preparado. O cultivo da maconha ou do canhamo entre nós não é largamente espalhado por não ser aqui utilizada a liamba na industria das fibras textis, o sómente empregada como *planta da felicidade*, causando as delicias dos que a fumam pelo extasi em que entram. A maconha é ordinariamente fumada pura e misturada ás vezes ao fumo em cigarros ou em cachimbos. Entre nós a planta é tambem usada em enfusão e entra na composição de certas beberagens empregadas pelos *feiticeiros*. Nos *candomblés* — festas religiosas africanas, ou dos pretos crioulos, a maconha é empregada para produzir allucinações e excitar os movimentos nas dansas. Em Pernambuco a herva é fumada nos *catimós*, lugares onde se fazem os feitiços e são frequentados pelos que vão alli procurar a sorte e a felicidade. Em Alagôas, nos sambas o hatuques, e tambem entre os que *porfiam na colcheia*, o que entre o povo rustico consiste em dialogo rimado e cantado em que cada réplica quasi sempre em quadras começa pela deixa ou pelas ultimas palavras do contendor. Dizem que maconha os torna mais espertos e de intelligencia mais prompta e fecunda para encon-

trar a ideia e achar a consonancia. E' fumada nos quartéis, nas prisões, onde penetra ás escondidas, em agrupamentos occasionaes ou em quaesquer reuniões de protos. Muitos fumam isoladamente, com tabaco. Os symptomas apresentados pela embriaguez da maconha são variaveis com a dose fumada, com a proveniencia da planta, que pode conter maior quantidade dos principios activos, com as suggestões o principalmente com o temperamento individual. Um estado de bem estar, de satisfação, de folieidade, de alegria ruidosa são os effeitos nervosos predominantes. E' esse estado agradável de euphoria que leva a maior parte dos habituados a procurar a planta, a cujo uso se entregam com mais ou menos aferro. As ideias se tornam mais claras e passam com rapidez deante do espirito. Os embriagados falam demasiadamente, dão estrepitosas gargalhadas; agitam-se, dansam, pulam, caminham; mostram-se amaveis com expansões fraternaes; vêm objectos fantasticos, ou de accôrdo com as ideias predominantos no individuo, ou com as suggestões do momento. Dizem que a embriaguez da maconha mostra o instincto do individuo. Algumas vezes ella é dada em beberagem para se obter a revelação de segredos. A esse estado segue-se ás vezes somno calmo, visitado por sonhos deliciosos. Ha na embriaguez da maconha o facto interessante, após a dissipação dos phenomenos, lembrar-se o paciente de tudo o que se passou durante a phase do delirio. O dr. Aristides Fontes, clinico em Aracajú, que conversou com pescadores habituados a usar da maconha, ouviu que quando se encontram no mar em canoas ou jangadas fumam em grupos para se sentirem mais allegros, dispostos ao trabalho, o menos penosamente vencem o frio e as agruras da vida do mar. Ao dr. Xavier do Monte, medico em Propriá, Sergipe, roferiu L. S., homem de 45 annos do idade, que fumou a maconha, como experiencia, sentindo-se alegre, achando graça em tudo, dando estridentes gargalhadas a todo

proposito, como um louco o tinha muita fome. Comeu desmesuradamente, e após cessou o delirio, entrando em somno profundo o calmo. Dizem que o açucar de canna faz cessar os phenomenos da embriaguez. Alguns misturam-no com as folhas no cachimbo. A maconha produz perturbações montaes, podendo mesmo causar a loucura. — (Rodrigo Doria — *Revista Americana*, Rio de Janeiro).

## HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

### NA PENITENCIARIA DE BUENOS AYRES

Derredor vêem jardins, o entre as lanças de ferro circundantos, rigidamente alinhadas no parapeito de cantaria, avulta em dois andares a habitação do director. Sobranceando-a com os seus torreões, distende-se por trás uma cinta de pedra, que vem estreitar na immensidade o horizonte aos prisioneiros. Transponho a unica porta desse recinto acastellado, sob a vigilancia das sentinelas que passam e repassam, ao longo da muralha de sete metros de altura. Após o corpo da guarda e a secretaria, chego á passagem flanqueada de jardins, por onde se vai até a rotunda menor: dois pavilhões, situados ali lateralmente, recebem os presos de 18 a 25 annos. Outro corredor, seguindo-se a este, abrange os locutorios e alcança a rotunda octogonal, centro irradiante de seis pavilhões maiores. Uns e outros são galerias construidas em dois planos, sommando nas duas rotundas 704 cellas. Cada porta de cellula, com a sua bandeirola para ventilação, abaixo um orificio que só permite ao recluso mirar o guarda ou ostender o braço, fecha um sepulchro de nove o meio palmos. Dois metros acima do chão, ao fundo, rasga-se outra janela maior, gradeada solidamente de ferro, coando alguma luz. E a frialdade, a nudez, o vasio, a ponumbra desse logar do expiação, regelam-nos a alma. Todo o mobiliario é com-

posto de tarimba, mesa, banco, e uma simples misula em que o preso dispõe os seus objectos de uso; toda a baixella, pouco mais de um talher e um copo, é de madeira e lata. Sobre a mesa de uma das cellas que posso relancear está um livro aberto: *Poesias*, de Manoel Acuna.

Através de immensas galerias, visto as onze aulas da escola, o enorme salão para ensino com projecções luminosas, a bibliotheca, por ultimo a classe de esculpturas e desenhos, onde ha esboços razoaveis, até mesmo o busto do presidente Campos Salles, moldado em gesso. São trabalhos dos condemnados, entre elles o doce perfil de uma freira, que parece acompanhar pelas grades do seu recolhimento claustral um vôo longiuquo de ave, ao pôr do sol... O artista enlouqueceu, e o pedaço de tela esmaecida, inacabada, envolta no seu prestigio fatal, recorda-lhe as horas infundaveis de amargura e sonho, dentro do carcere, misturando lagrimas candentes ás tintas diluidas na palheta. Voltamos depois á rotunda octogonal, subindo á capela, onde a musica sacra, em dias festivos, se espraia melodicamente por todos os raios cellulares. Ante a Virgem do Carmo, padroeira e senhora desse tenebroso reino, ajoelham, orando, centenas de malfeitores constrictos.

Só então considero n muidez, o ermo da Penitenciaría, que a esta hora fremente de sol, com a *urbs* em volta a resplandecer e estrepitar, parece deshabitada.

- Onde páram os condemnados?
- Nas officinas.

Com o seu uniforme azul escuro, sentados estes á banca de trabalho, perfilndos aquelles junto aos dynamos que resfolgam, cadenciando a energia mecanica, setecentos reclusos mourejam nas officinas. São turmas de operarios incansaveis, lidando oito horas por dia, a temperar o aço, bater a sola, polir o couro, gravar no marmore e no bronze, aecpillar tôros de quebrachô, coser o pão destinado ás casas de beneficencia, imprimir volumes de congressos ou institutos penitenciaríos. Absorto

na sua faina, o homem distancia-se evidentemente da fera e só inspira benevolencia. Comtudo, alli estão incendiarios, esturpradores e homicidas, goliardos que trucidaram os compauheiros na vinolencia habitual das tascas, rufios e alarves que foram despotas do bordel, *atarrantes* colhidos nas festas de Palermo, embusteiros e *lunfardos* de peor casta, ladrões arrombadores, ladrões simuladores, ladrões narcotizadores. Entre alguns reclusos imagino surprehender, no ambito das officinas, certo ar de familia, caracterizado pela sua energia o pela sua impassibilidade. São os dominadores, fadados por toda a parte á suggestão e ao commando, mesmo na penumbra insondavel da vida carceraria...

Arregimentados á sombra da Penitenciaría, como num resumo de Estado collectivista, já conquistaram esses delinquentes operarios o dia de oito horas de trabalho, pelo qual vociferam os operarios livres da Europa. Demais, todos elles são nutridos e alojados carinhosamente por uma hygiene infatigavel, minuciosa, que os lava, barbeia e veste cada manhã, pesa aos sentenciados as rações, acautelando-os contra o excesso de azoto, e os defende contra os males da fadiga, mercê do horario e do genero de trabalho calculado para a sua resistencia individual. Os reclusos têm sessões de biographo, escola, conferencias, o gozo de uma livraria, gymnastica, sueca em flexões, que os elastecem contra o sedentarismo carcerario, deleitosos momentos em passeios arborizados e floridos, como os de um sanatorio. Nos domingos, ao cair da tarde, ha musica de Glück e de Chopin, servida magistralmente ao ar livre por grupos sonoros de violinos e violoncellos.

Cada preso semelha na Penitenciaría um exemplar de museu, devendo a sua localizaçãõ especifica ao promptuario composto de seis photographias, um libreto annotado pelo tribunal de conducta, um boletim medico-psychologico do Instituto de Criminologia, annexo á Penitenciaría. O Instituto explora sem repouso os segredos da mesologia e



da anthropologia criminaes. Anatomiza fórmas de criminalidade. Revela typos de criminosos. Orienta a prophylaxia e a repressão do crime. Nesse ambiente scientifico é observado um recluso, desde os caracteres da sua mentalidade aos arabescos da sua tatuagem, como em todos os aneis ou antenas o é um insecto pelo entomologista, no campo do microscopio. Esquadrinham-lhe os antecedentes pessoaes e hereditarios, esmeçam-lhe as peculiaridades anatomo-pathologicas, morphologicas, physio-pathologicas e psychicas; enumeram-lhe as causas predisponentes o determinantes do crime, pesquisam-lhe as anomalias moraes, intellectuaes e volitivas. Só depois de refulzido pelos sabios á classificacão do notavel Ingegnieros, vai elle aprender ou praticar um officio. Com o salario pagará o damno civil ao offendido, se o cansou, a subsistencia da mulher e dos filhos, se os tiver. No dia em que volta á liberdade, recebe do Estado o seu peulio, e um emissario do Patronato offerece-lhe á porta um emprego.

Eu considerava o trabalho das vinte officinas, algumas instaladas magnificamente, em salões que trinta e seis janelas elaream e ventilam.

— Quanto produz tudo isso?

O guia respondeu sem hesitar, sorrindo ao meu assombro:

— Cereza de um milhão e quinhentos mil pesos por anno. E' quanto basta para cobrir as despezas da Peniteneiaria. Mas a direcção cogita de ampliar o trabalho. Com a reuda maior crearemos outros institutos de preservaçào e reforma.

Era imprevisto. Sob o azul esmaecido, mas limpo de nevoas, entre as muralhas vigiadas pelos rondantes, caminhámos devagar para as estufas de jardinagem. Brotavam ali delicadas plantas de carcere, dando flor com tristeza, ainda que os passaros cantassem nos arredores. Vestindo o uniforme dos presos, um homem acurvado e attento regava os arbustos frageis, reerguia as corollas no verde aconchego das folhas trementes.

— O jardineiro? indaguei.

— Sim, um joven assassino.

E ao appello do meu companheiro, gentilmente, o assassino voltou-se para o nosso lado, sorriu, veio trazer-nos flores. — (Ceiso Vieira — *O Paiz*, Rio de Janeiro).

#### O SERVIÇO SANITARIO NOS ESTADOS UNIDOS

Depois da guerra os Estados Unidos precisarão tomar medidas muito mais rigorosas do que actualmente, para se verem livres de epidemias. As doencas contagiosas não seguem sempre as linhas de navegacão conhecida, de sorte que fogem facilmente á vigilancia da quarentena. Mysterosamente, ellas transpõem os oceanos que separam os paizes mais distantes. Foi assim que, logo que os Estados Unidos se apoderaram das Ilhas Filippinas, se desenvolveu uma epidemia de cholera e variola na America do Norte, onde um anno depois chegou a peste bubonica, procedente da China. O Departamento Sanitario norte-americano organisou logo uma campanha activissima contra as perigosas epidemias nos proprios paizes de sua proveniencia, estabelecendo um rigoroso serviço de quarentena. Pouco tempo depois o cholera desapareceu, a variola foi redusida a poucos casos, e os casos de peste tornaram-se rarissimos. Ha actualmente 56 estações de quarentena nas costas dos Estados Unidos, 26 nas possessões norte-americanas e uma no Isthmo de Panamá. Inspectores sanitarios fazem vigilancia nos portos das Indias Occidentaes, da America do Sul, da Europa e da Asia, para impedir que desses portos partam correntes de infecção para os Estados Unidos. A efficacia de um rigoroso serviço sanitario publico foi demonstrada ha alguns annos em S. Francisco, quando se manifestou alli uma alarmaite epidemia de peste bubonica, que do bairro chinez ameaçava irradiar para toda a populosa cidade. O dr. Rupert Blue, actualmente general medico, assumiu a direcção da campanha, com singular energia e habilitade scientifica. Aceitando logo,

como unica verdadeira, a theoria então pouco conhecida e muito discutida, de que a peste bubonica era inoculada no homem por uma pulga que sugava o sangue de um rato infeccionado, o dr. Blue iniciou uma guerra de estermínio contra os ratos conseguindo assim, em pouco tempo, acabar com a epidemia, tanto que, ha oito annos, não ha um só caso de peste bubonica em S. Francisco. Uma campanha semelhante pôz fim á epidemia da febre amarella que em 1905 fez numerosas victimas em Nova Orleans. Verificando-se que o contagio provinha de um anopheles (*Aëdes calopus*), todos os esforços do serviço de hygiene tenderam para a destruição do pernicioso insecto, o que se obteve em tempo relativamente curto pondo fim aos terrenos paludosos onde elles se reproduziam.

Em Washington, ha o Laboratorio Central de Hygiene, que dispõe dos mais modernos meios para as investigações scientificas com um estado maior de 37 officiaes sanitarios e assistentes technicos, sob a direcção de oito professores. Esse estabelecimento, de onde saem os inspectores sanitarios do governo, tem cursos especiaes de aperfeiçoamento para os medicos municipaes. Ahi se realisam estudos importantissimos sobre a lepra, a pellagra, o typho, a anchilostomiase, a escarlatina, a hydrophobia e a paralise infantil, estudos que lançaram nova luz sobre a causa, a prophylaxia e a cura dessas terribes molestias.

Dependem directamente do Laboratorio Central outras quinze repartições semelhantes de hygiene, todas tendo por escopo a defesa da saúde publica. Os estabelecimentos industriaes que exhibem á venda soros, toxinas, virus e analogos productos therapeuticos, estão sujeitos á vigilancia e á fiscalisação directa do Laboratorio do Hygiene a quo devem pedir a analyse de toda a substancia que queiram vender como medicamento. São punidas com a maxima severidade as infracções dos regulamentos.

O general medico Blue, num re-

conte discurso sobre a hygiene nos campos, teve occasião de dizer: "Se queremos attingir a um gráu sufficiente de preparação militar, precisamos, antes de tudo, elevar e manter mais alto possivel, o nivel da saúde physica da nossa população rural, que constitue por assim dizer o systema esquelético o muscular da raça". Tomando a peito essa suggestão, o Departamento da Hygiene dos Estados Unidos iniciou uma série do "cruzadas sanitarias" na população rural, visitando os casebres, distribuindo opusculos em que se expõem de forma facilmente comprehensíveis as normas fundamentaes da hygiene domestica, impondo, sob ameaças de multas, o melhoramento das cloacas, isolando estas da agua potavel, e tornando obrigatorio, nas zonas em que havia malaria, o uso de rédes de ferro contra as anopheles. Os resultados praticos não tardavam a manifestar-se: assim, numa só região os casos de typho desceram num anno, de 249 a 40, e analoga diminuição se notou em todas as doencas que se originam da falta de limpeza e da negligencia da hygiene.

Crê-se geralmente que as crianças nascidas nos campos sejam mais robustas do que as das cidades, mas é justamente o contrario que resulta das estatisticas organisadas pelo prof. Spragne. Com effeito, os filhos dos camponeses soffrem muito mais frequentemente de nutrição insufficiente, doencas do coração, do aparelho respiratorio, dos olhos, dos ouvidos o de engurgitamento glandular. A causa disso está em geral nas pessimas condições hygienicas dos edificios escolares ruraes, para melhorar as quaes, o prof. Clark, um especialista de hygiene escolar, dedica ha alguns annos a sua incansavel energia com resultados muito lisongeiros. O ultimo recenseamento effectuado nos Estados Unidos, e que comprehende o decennio de 1900 a 1910, revelou um facto bastante extraordinario: a população indigena do Alaska parecia de maneira inexplicavel, tanto que os 29.536 individuos que contava

em 1900, se haviam reduzido a 25.331 em 1910, com uma diminuição de 4.205, ou sojam 14.5 por cento. O governo recorreu ao Departamento de Hygiene para que fizesse cessar os progressos dessa mortalidade que ameaçava de completa destruição os poucos sobreviventes da raça autochthone. Foi organizada uma expedição sob a direcção do dr. Krulish, verificando-se que 15 % dos habitantes oram affectados de tuberculose. Frequentes epidemias de influenza, diphterite e tosse convulsa faziam numerosas victimas na população infantil, e as dooças dos olhos produziam numerosos casos de cegueira. Apesar desse quadro lugubre, a missão sanitaria poz-se a trabalhar com tenacidade e fé, e os resultados não tardaram a manifestar-se. Poudo-se constatar que o organismo dos indigonas, assim como facilmente cede aos assaltos do mal, tambem reage de modo surpreendente sob a acção dos cuidados e dos medicamentos, e muitos casos de tuberculose avançadissima deram curas verdadeiramente miraculosas, graças á hypèrnutricião e aos energicos meios curativos. Tanto quanto lhos foi possivel, o dr. Krulish e os seus compauheiros, trataram de melhorar as condições sanitarias das casas e inculcar nos habitantes as mais elementares normas da hygiene, reunindo assim a prophylaxia á cura. E foi assim que a população do Alaska, que diminuia á razão de 14 %, depois de pouco mais de um anno de enorgieca campanha sanitaria, começou a mostrar o seffeitos das providencias da missão sanitaria, decendo aquella porcentagem a 5.3 %, a qual ainda o dr. Krulish esperava reduzir a nada, iniciando a curva ascendente do augmento, commum a todas as populações normaos.

A attribuição mais importante do Departamento de Hygiene consiste em exercer uma severa vigilancia sobre a immigração, para impedir que entrem nos Estados Unidos pessoas que soffrem de dooças contagiosas ou ropugnantes ou de dooças mentaes. Com esse fim, foram es-

tabelecidas ao longo das costas o nas fronteiras, 53 postos de observação, com um hospital annexo, laboratorios e pavilhões de isolamento. Em 1914 foram recusados 1274 immigrants porque ostavam affectados do loucura ou apenas porque eram mentalmente anormaes. Essa classe de "medesirables" merece attenção especial, porque, uma vez, introduzidos na comunidade, elles podem reproduzir-se indefinidamente, o que não é agradável ao governo norte-americano, que já despendo quinhentos milhões de francos por anno para manter manicomios e asyllos de anormaes. Uma das dooças que mais frequentemente são introduzidas nos Estados Unidos por meio dos immigrants, a pesar de todas as precauções do Departamento de Hygiene, é o trachoma, terrivel dooças dos olhos existente em varios paizes da Europa meridicional e do littoral africano e asiatico do Mediterraneo, doença que em dez por cento dos casos deixa a vista permanentemente enfraquecida, e, não sendo tratada, produz a cegueira. Para dirigir a campanha prophylatica e curativa contra o trachoma foi escolhido o dr. John Mac Mullin, sendo construidos cinco hospitaes especiaes, nos quaes já o anno passado foram curados doze mil doentes de trachoma.

Em alguns Estados da Confederação ficou obrigatorio nas escolas o ensino dos melhores meios para ovitar e curar o trachoma, o o Departamento de Hygiene distribue gratuitamente, centonas de milharos do exemplares de opusculos illustrados que previnem a população contra os perigos do mal, e explica os seus caracteristicos principaes para que possa ser reconhecido e evitado.

Até ha alguns annos acreditava-se quo tambom a pellagra fosse importada com os immigrants, mas as pesquisas feitas pelo Departamento de Hygiene mostraram que a pellagra é devida unicamente á insufficiencia de substancias proteicas — no passadio do doente. O dr. Goldberger produziu artificialmente a pellagra em alguns detentos que

se tinham sujeitado á experiencia, mediante a promessa de obter a liberdade, e de cujo roçimon se excluíram as substancias azotadas e as gorduras. Avalia-se a importancia da lucta contra a pollagra nos Estados Unidos pelo seguinte: em 1914, só no solo do Mississipi, com uma população de 1.900.000 habitantes, houve 12.000 casos do terrível mal, dos quaes 1.200 seguidos de morte. O "Journal of the American Medical Association" affirma que a pella-gra está em continuo augmento nos Estados Unidos, fazendo todos os annos mais de 7.500 victimas. Dada a gravidade da situação, não é do espantar que o Departamento de Hygiono esteja estudando todos os meios scientificos e praticos para combater a molestia insidiosa. Com equal energia, coroada porém, de maior successo, tem sido conduzida a campanha contra a malaria, que todos os annos ataca cerca de um milhão de pessoas, occasionando prejuizos de cerca de meio bilhão em perdas de trabalho, despesas do tratamento, etc. Sabendo-se que a infecção malarica é devida exclusivamente á punção do anophelos, todos os esforços do Departamento de Hygiene convergiram para o saneamento das zonas pantanosas e defesas dos habitantes atacados pelos peruciosos insectos. Nisso o Departamento de Hygiene tem sido muito auxiliado por varios Estados, um dos quaes, o Tennessee, despense a bella somma de um milhão e duzentos mil francos por anno, na campanha contra a malaria.

A lucta contra as doenças que o Departamento de Hygiono conduz sem treguas, deixa claros dolorosos nas fileiras dos soldados da sciencia. Assim, no anno passado oito inspectores sanitarios, no cumprimento do seu dever contrahiram a tuberculose, a qual em dois delles já foi mortal; seis morreram victimas de epidemias; dez foram atacados, mas curaram-se; e dois peroceram do morte violenta. Até ha poucos annos a fobre amarella fazia numerosas victimas entre os inspectores sanitarios, e num comiterio de um Estado do

Sul ha um monumento em honra de um inspector sanitario que ficou sósinho no seu posto durante uma terrível epidomia de febre amarella. Mas o gonoroso sacrificio que ossos humildes heroes, têm feito da sua vida á causa da humanidade e da sciencia — não, so perden. O Departamento de Hygiene dos Estados Unidos, está em continuo incremento, e ainda ha pouco o Congresso decidiu augmentar o pessoal sanitario de outros duzentos inspectores sanitarios. — (Prof. Ezra Krinball Spragne — *The Outlook*, Nova York).

#### ANTHERO DE QUENTAL NOS ESTADOS UNIDOS

Em fins de 1867 arribou a Portimão um patacho americano, procedente da Sicilia e trazendo fogo a bordo. Tempos depois vendeu-se o patacho em hasta publica, sendo arrematado por Joaquim Negrão pela quantia irrisoria de cem réis, por não ter havido nenhum outro licitante. O patacho nacionalisara-se passando a chamar-se *Carolina*. Negrão fez exame de piloto, e como não encontrou no porto comprador para o barco, tratou de procurar carga para ello. Fez assim algumas viagens poquonas, e em meados de 1869 recebia no Porto, carga de sal, cebolla, etc., para Halifax, na costa oriental do Canadá. Ora, desde maio ou junho desso anno João de Dous achava-se em Lisboa num estado que hoje se diria de nourasthenia. Negrão convidou-o a mudar do ares, fazendo com elle a viagem aos Estados Unidos, que o poeta sempre desejou visitar. João de Dous aceitou. E approximando-se a data da partida, seguiu de Lisboa para o Porto em companhia de Anthero de Quental. Findo o carregamento, Negrão foi ao governo civil declarar que levava um passageiro a bordo. Não deu, porém o nome. No dia seguinte, de manhã, João de Dous, Anthero de Quental e Joaquim Negrão, com a bagagem do primeiro, iam embarcar. O mar estava calmo. Mas João de

Deus, fitando-o attentamente, perguntou:

— Mas olha lá, o escalér tem de transpôr aquellas ondas?

— De certo, respondeu Negrão, algo surprehendido.

— Pois então, meu amigo, não vou!

O capitão ainda teimou com elle, mas inutilmente. E ia voltar ao Porto a dizer que o passageiro não seguia a bordo, quando Anthero lhe perguntou se elle, no governo civil, dera o nome de João do Deus. E como tivesse resposta negativa, Anthero disse:

— Nesse caso, se você não tem duvida, vou eu em lugar do João.

E pouco depois Anthero voltava com a sua bagagem... e embarcava.

Do Porto a Halifax, gastaram vinte e oito dias, sem um só instante terem vento favoravel. De proposito Anthero nada levava para trabalhar, nem queria escrever coisa alguma. Joaquim Negrão é que possuia alguns livros, comprados em Hamburgo, e destinados ao estudo da lingua allemã: grammatica, selectas, dictionarios. Anthero lovou-os para a sua camara e durante toda a viagem estudou-os, tomando notas de quando em quando. Dizia que esse estudo não era fatigante, porque não o obrigava a pensar. Da sua estada na Nova Escossia reteve Anthero de Quental uma recordação que Eça de Queiroz assim descreve no *In Memoriam*: "Percorre a costa da America até a Nova Escossia; e ahi, um domingo, tem uma visão que nunca esquece, a d'uma cidade puritana (Halifax ou Lunenburg) silenciosa, como adormecida no Senhor, toda de tijolo côr de rosa sob um céu côr de perola, com fundas avenidas, mais pensativas que as dos Elyseos, onde os namorados passeiam, numa mudez de sombras, de dedos enlaçados, de palpebras baixas, respirando sem outro desejo a flôr da sua emoção. Quantas vezes Anthero me contava dessa piedosa e suave cidade, e do longo appetito que ella repentinamente lhe dera de quietação eterna!"

Em Halifax o navio carregou gesso para Nova York e allí chegou com uma viagem de sete a nove dias. Anthero sentia-se algum tanto melhor; ficava, porém, quasi sempre a bordo. Passeava por vezes no Central Park, onde havia uma exposição industrial. Uma tarde, na exposição, Joaquim Negrão pensou em adquirir uma machina de fazer café, que o fazia delicioso. Mas a machina era muito cara. Negrão e Anthero provaram a excellent bebida, fornecida gratuitamente ao publico numas chicanas pequeninas. Voltaram no dia seguinte e repetiram a prova. Ao terceiro dia, porém, Anthero imaginou que o homem olhava para elle attentamente. E' porque já devia conhecê-lo. E não tomou mais café. Foi impossivel a Negrão convence-lo de que a supposição era falsa, porque o homem não podia conhecer as innumeradas pessoas que iam allí diariamente. Começaram a rarear então os passeios de Anthero, e Negrão suspeitou que se lhe teria acabado o dinheiro trazido do Porto. Pôz a sua bolsa á disposição do poeta. Mas Anthero negou-se a acceptal-a, não sabendo se poderia pagar, suspeitando até que morreria em breve. Só acceptava a hospedagem a bordo, dinheiro por forma alguma. Elle desejava fixar-se na America, trabalhando fosse no que fosse. Pois um dia offereceu-se-lhe a occasião. Um banqueiro riquissimo que tinha importantes negocios no Brasil, querendo dar a dois filhos o completo conhecimento da lingua portugueza, quiz Anthero para professor. O poeta acceptou a principio, mas dias depois, como se sentisse mais doente, declarou que desistia. E pouco depois, já por falta de dinheiro, já por falta de forças, deixou de visitar Nova York, onde pouco viu. Resignado, ficava a bordo, todo entreguo ao allemão. Gastaram cincoenta e dois dias na viagem de volta, viagem que ehegou a pôr em perigo a sorte do patcho e dos viajantes, por causa de um tremendo cyclone. Passado o perigo do cyclone, Anthero continuava enjoado na sua camara, a estudar allemão.

A não ser quando tomava banho, só se levantou em Portugal. Chegara a tal magreza, por nunca reter os alimentos, que Negrão teve um des-culace fatal. E a 19 de Novembro de 1869 entrava o *Carolina* barra do Douro, e Anthero seguia para Lisboa. — (Antonio Arroio — *A Águia*, Porto).

#### A ESCOLA RURAL NOS ESTADOS UNIDOS.

O movimento de retorno aos campos, nos Estados Unidos, data já de algum tempo. A mão de obra agrícola é já abundante. Quasi insensivelmente as proprias industrias se vão fazendo campezinhas. As grandes fiações de algodão se avizinham dos campos de algodão, as grandes fabricas de papel das florestas, as fabricas de fumo dos logares de produção. Cada vez se manifesta mais a tendencia a deixar os centros urbanos, onde tudo custa caro e a vida é fatigante e malsan, e procurar as villas e aldeias, onde os trabalhadores e suas familias encontram ao menos um pouco de espaço para respirar.

Nossa metamorphose, a escola rural tem tido e tem uma parte importante, pois, já ha alguns annos ella procura crear nos pequenos centros novos habitos e tornar a vida nos campos quasi tão variada e interessante como nas cidades.

Em primeiro lugar, os directores das escolas ruraes nos Estados Unidos aprenderam uma coisa que os commerciantes já ha muito tempo sabiam: que, para haver interesse por um instituto qualquer, é necessario fazer saber quo esse instituto existe. Assim, em diversos Estados da União Americana, já foi adoptado o systema de ampla publicidade das escolas ruraes. No Kansas, por exemplo, as escolas se valem do todos os meios de "réclame". Alguns jornaes locais têm consagrado, a ellas numeros especiaes. Outros publicam todas as semanas uma columna de noticias dellas, parecendo que o redactor dessa secção será mesmo um dos professores das escolas.

Outro meio de publicidade, de que se faz uso no Ohio e no Kansas, são os "clubs" femininos, alguns dos quaes consentiram em dedicar uma de suas sessões á discussão do thema: "Que se pode fazer para melhorar as condições das nossas escolas ruraes?"

Depois, os representantes dos "clubs" se reuam, de quando em quando, para discutirem com os directores das escolas e com o representante do governo, as varias propostas. Em algumas escolas do Kansas se publica mesmo um balanço mensal da receita e da despesa, o que produz favoravel effeito no publico, ao qual é sempre agradável saber como é administrado o seu dinheiro.

Mas não basta tornar notorio que a escola existe. E' preciso mais: é preciso que ella seja conhecida, que se habituem a frequental-a, que se lhe associem boas idéas e iniciativas. E a escola rural procura fazer com que todos os habitantes dos arredores a considerem como o centro de todo divertimento. No extremo occidente norte-americano, não ha uma exposição, um baile, uma festa, uma assembléa, que não tenha logar no local da escola. Isso dá um bom resultado. Constitue antes de tudo, uma optima "réclame", porque faz falar muito da escola; familiarisa a população com o interior da escola e a habitúa a ir sempre ahi; e dá a essas reuniões um caracter mais elevado que geralmente têm. O proprio autor do artigo que resumimos, confessa que, visitando uma escola rural superior, ficou muito surprehendido ao encontrar na sala de jogos professores, empregados da via ferrea e operarios, que fumavam e jogavam as cartas juntos; mas, depois de um momento de reflexão teve de reconhecer que isso permittia que se não abrissem alguns restaurants e casas e bebidas da vizinhança. No Dakota do norte surgiu até um theatro rural, theatro no qual todos os homens, mulheres ou creanças dos arredores, tomam parte como actores, operadores de scena, administrador, etc. Esse exemplo já foi imitado por Estados vizinhos no Dakota do sul,

Montana, Iowa. E é assim que vão continuando augmentando os pedidos de bons dramas e comedias. Em Hadley, no Massachusetts, se instituiu uma feira annual, a que concorrem os productos de todas as escolas vizinhas. E ha premios para o melhor trigo, para a melhor costura, etc. E' facil calcular o interesse que isso certamen annual desperta durante todo o anno. Não é esquecida a obra dos mestres, pois, ha premios para aquellos cujos alumnos fazem melhor figura. A feira não dá "defieit", porque os productos melhores são promptamente vendidos.

Outra iniciativa importante tomada pela escola rural norte-americana é a "resenha dos recursos financeiros locais". No Ohio, no Wisconsin, no Iowa, muitas escolas se dedicaram á obra com entusiasmo, redigindo estatisticas, publicando resultados e muitas vezes instituindo exposições permanentes nos seus edificios. E' incrivel o numero de descobertas realisadas em certos logares pelas creanças. O primeiro exemplo deste ensino pratico foi dado na Inglaterra pela "Berley House School", onde não sómente se realisavam exposições permanentes do carvão, ferro, estanho e outros productos mineraes do paiz, mas certos mineraes eram effectivamente enterrados no campo da escola, nas condições o mais possivel semelhantes áquellas em que geralmente se encontram na natureza. E os estudantes deviam procurar os meios, fazer as sondagens, organizar as obras de escavações, estabelecer projectos de minuscultas estradas de ferro e officinas bem installadas, estudar as vias de communicação maritima e os mercados, aprendendo assim a conhecer a geologia, a geographia industrial e commercial, os problemas do trabalho e dos transportes, a organização bancaria, como nenhum livro lhes poderia ensinar. Nos Estados Unidos o programma não foi desenvolvido até esse ponto. Mas as exposições permanentes e as feiras escolares constituem os primeiros passos nesse caminho.

Por occasião das exposições, ha ensino pratico mesmo a adultos. Na

escola superior de Sterling, no Colorado, por exemplo, houve recentemente um curso de tres dias sobre trabalhos em cimento, dando oportunidade a que 35 agricultores aprendessem a fazer pavimentos, escadas e reparos.

Em alguns logares se instituiram camaras de commercio escolares. E muitos homens de negocios ficaram surprehendidos ao ver a desinvoltura, a precisão, a facilidade com que meninos e meninas discutiam sobre os possiveis melhoramentos a introduzir nas industrias locais, sobre as condições do mercado e sobre os problemas de transportes e do commercio. So todos os circulos commerciaes de cidades possuissem semelhante preparação scientifica o intelligente comprehensão das questões de que devem tratar, a productividade dos Estados Unidos teria em breve duplicado. Uma das acusações que se fazem á mocidade norte-americana é a da incapacidade para a economia. Pois bem: na Garrett Conutry do Maryland surgiu uma associação, sob o nome de "Liga Escolar da Economia", cuja influencia se vai propagando rapidamente pela região. Os alumnos que entram a fazer parte da Liga se compromettem a procurar por todos os meios que as despesas feitas pela escola dem o melhor resultado, e que, em geral, não se desperdico o dinheiro da comunidade. Nas escolas ruraes do Ohio estudase a anatomia dos animaes que são abatidos, do uma maneira inteiramente nova — isto é, por meio de um mappa, que mostra o valor nutritivo do animal e o preço relativo, e faz vêr os pedaços cortados justamente como os divide o açougueiro. O alumno ou a alumna, depois do ter examinado com attenção o quadro, deve reproduzi-lo de memoria. E em cinco ou seis lições geralmente o consegue. Assim, já dona de casa, a alumna não será enganada pelo vendedor, que procurará vender-lhe um pedaço por outro. E isso não é uma economia bem entendida?

Em Canton, no Illinois, por iniciativa dos professores ruraes formaram-se 208 hortas escolares, que só

numa estação do anno produziram legumes e verduras no valor de mais de cinco mil francos. E isso com manifesta vantagem: a) de muitas familias pobres, sobre cuja mesa, a não ser assim, não haveria esses alimentos; b) dos alumnos que empregaram agradavelmente, nos trabalhos de cultivação muitas horas, que de outro modo correriam no ocio ou peor; c) e da educação em geral, pois tudo que aviva o interesse da criança pela terra — o pela natureza, que crêa novos vinculos entre a escola e a casa, que educa a mente e o olhar no discernimento da limpeza, da ordem, da belleza, que ensina a perseverança e a economia, — é altamente educativo.

Mas a obra mais importante realisada pelas escolas ruraes e urbanas, sob o ponto de vista economico, é a das caixas economicas. O systema, inaugurado em 1873 por um professor belga, o sr. Laurent di Gent, foi importado em Long Island City por outro belga, e propagado rapidamente por todos os professores norte-americanos — tanto que, do Maine á California, não ha hoje escola que o não adopte. O professor recebe o deposito do alumno, e o conserva até attingir a somma de tres dollars. Depois colloca-o em nome do alumno em um banco que dá pelo menos os juros de 3 %. Nessas caixas economicas escolares ha hoje, nos Estados Unidos, mais de 6.500.000 francos, depositados por 217.000 meninos.

Tudo isso não é senão uma pequena parte dos exemplos que se poderiam citar, para mostrar o quo é a actividade das escolas ruraes norte-americanas. Na Carolina do Norte, e no Montana, por exemplo, os professores encarrogam os alumnos de recolherem as lendas da região interrogando os velhos e realizando assim um trabalho do real importancia literaria. Em Lewinstown, Montana, os alumnos construíram quatro edificios da escola tão bem como o fariam bons operarios. Os admiradores dos antigos systemas talvez viam de tudo isto, achando melhor que os rapazes aprendessem a arithmetica e a orthographia. Os classicistas obser-

varão que a influencia inspiradora do grego e do latim se vão perdendo. Mas isso não impede que a nova geração norte-americana de provincia eresça com maior consciencia e melhor conhecimento das suas responsabilidades e das suas capacidades, com maior sentimento de fraternidade social do que a geração preecedente. — (Carl Holliday — *American Review of Reviews*, Nova York).

## VARIEDADES

### JOGOS FLORAES LUSO-BRASILEIROS

Ha dois annos, em Maio, numa brilhante conferencia sobre letras brasileiras, proferida no Atheneu Commercial do Porto, o sr. Cervans y Rodriguez lembrou "a primazia da celebração em Portugal, e nesta cidade, de jogos floraes lusobrasileiros, onde a prosa, a poesia, as bellas artes, o commercio, a industria e a agricultura tivessem seções especiaes". O Atheneu applaudiu calorosamente o alvitre, tomou a peito a effectivação da idéa, e cremos que era seu desejo que as festas so realisassem em 15 de Novembro desse mesmo anno, data certamente gloriosa e muito bem escolhida. Nesse dia historico, que esplendidamente assignala o resurgimento do Brasil, haveria no Porto os primeiros jogos floraes que se faziam em terra portugueza, celebrando a vitalidade literaria e artistica, industrial e commercial desse paiz longinquo, prodigioso de bellezas e de opulencias, incomparavelmente generoso e progressivo. As duas Republicas em communhão de idéas, encontrar-se-iam abraçadas nesse dia pelos representantes de seu avango intellectual e de seu desenvolvimento economico. O Atheneu chegou a esboçar o plano, a pensar no programma dos jogos, mas a grande guorra impediu-o de ir avante. Em Portugal não ha o habito dos jogos floraes — e é grande pena. Na Hespanha taes festas ostão onraizadas nas tradições, fazem-so em

toda a parte. Ha tempo para tudo: para graças de espirito e para ver as estocadas dos *diestros*. Nós assistimos ha annos, em Salamanca, aos jogos floraes luso-hespanhóes, os unicos peninsulares que se fizeram em Hespanha. A's quatro horas deu entrada a "Rainha", que era a senhora infanta D. Isabel de Bourbon. Os clarins dos arautos resoraram; o formigueiro humano que enchia o pateo enerme, ondulou. Todos os convidados se ergueram. De entre as columnas, no pavimento alto, por traz do taburno onde tomaria lugar a côrto floral, pendiam vetustas, admiraveis tapeçarias heraldicas. A "Rainha" vestia de azul, com um bello ramo de flores ao peito — das lindas flores que tinham ido de Portugal. As *señoritas* que a acompanhavam — a côrte de amor — sentadas nos degraus do throno, eram na realidade um verdadeiro encanto. Queria que as vissem! Muitas vestiam de *charras*, e os trajos de bordados lindissimos, alguns a missanga, os peitos rolumbrantes de filigranas de oiro, os penteados que levam longas horas a teceber artisticamente, e que as mantilhas de seda branca enquadram em levesas de espuma, tudo fazia daquollas raparigas gentilissimas as mais deliciosas inspiradoras de poetas salamantinos, desde o malogrado Gabriel y Galau até o premiado nesses jogos, o sr. D. Luis Romand. O "mantedor" era o sr. Lopes Munhoz, hoje ministro da Hespanha em Lisboa, que pronunciou uma oração netavel. De Portugal falou Eugenio de Castro e a sua saudação foi um primor. De quando em quando ouviam-se os clarins dos arautos — signal de nova recitação ou discurso. Salvador Rueda, mais uma vez premiado em jogos floraes da sua patria, não pôde recitar a sua ode a Salamanca. Disse-a com entusiasmo um actor distincto, que alcançou uma ovação delirante. Antonio Sardinha, um dos nossos premiados, leu os seus versos — e os dois poetas abraçaram-se enternecidamente. Sardinha cobriu com a sua capa de estudante de Coimbra a Salvador Rueda, e os applausos encheram o claustro e o céo

por largo espaço, num fremito commovido — para de novo, heroicamente, cantarem os clarins...

Os jogos floraes luso-brasileiros que o Athoneu destina a approximar mais ainda os dois povos fraternaes — vindo aqui certamente algumas das figuras mais representativas nas letras, nas bellas artes, na industria, e no commercio da grande republica transatlantica — tem visivelmente um caracter mais amplo, mais actual do que os festejos congengeres de Hespanha. O Atheneu ha-de com certeza organizar um programma que converta esses jogos num padrão inolvidavel de belleza, de confraternisação o de progresso. — (Julio Brandão — *Atlantida*, Lisboa).

#### A QUESTÃO DO LATIM

O conhecimento da lingua latina não tem o valor educativo especial e creador que é costume attribuir-lhe. Já o sr. Raoul Frary, no seu bello livro "La Question du Latin" o demonstrou ha mais de quarenta annos. Numa pagina famosa, Jules Lomaitre resumiu, com uma "verve" admiravel, todo o processo do Latim. E Charles Darwin diz, numa carta: "Ninguem pode desprezar mais sinceramente do que eu a velha educação classica, esteriotpada e tola". E Berthelot: "Eu penso que o ensino classico nas nossas sociedades está destinado a ser cada vez mais reservado a minorias. Não vae nisto uma questão de hostilidade pessoal, porque eu fui até um dos discipulos brilhantes do ensino classico, e na minha idade não ha vaidade nenhuma em lembral-o. A educação moderna deveria repousar sobre o estudo do francez, das linguas modernas e das sciencias". Esse deveria ser o programma de todos quantos se libertaram da superstição do latim.

Quanto ao argumento de se dizer que não ha grande escriptor que não tenha sabido ou não saiba o latim, não ha muito fundamento para isso, Não sabiam latim, por exemplo, ou sabiam-n'o muito pouco: Shakespea-

re, Corvantes, Joinville, Froissart, Comines, Blaise do Monluc, La Rochefoucauld, Vauvenargues, Napoleão, Mme. de Gerardin, George Sand, Coppée, Loti, Bricux, etc. — (E. Callamand — *Mercure de France*, Paris).

#### A HYGIENE DO TRABALHO INTELLECTUAL

Não abusar de nada, evitar todo excesso — eis, resumidos em poucas palavras, todos os conselhos relativos á hygiene e ao regimen dos trabalhadores intellectuaes. “A temperança e o trabalho proclamava Jean Jaques Rousseau, são os dois verdadeiros medicos do homem; o trabalho lhe aguça o apetite, o a temperança impede-o de abusar delle”. Ha muito se sabe que todo homem que exerça uma profissão sedentaria não tem necessidade da nutrição abundante e substanciosa necessaria a quem trabalha e se cansa ao ar livre. O movimento physico e o ar livre ajudam a digerir uma alimentação pesada, que, de outra forma, se transformaria em rheumatismo, gotta, arterio-sclerose e semelhantes delicias. Sobretudo quando se começa a envelhecer, é preciso limitar a sua alimentação e tornar-se cada vez mais sobrio. Para conservar boa saúde, “continuar joven, isto é, conservar o equilibrio das forças”, Goethe não encontrou nada melhor do que “supprimir progressivamente uma parte do seu regimen quotidiano”. Alguns têm o habito de fazer a sesta depois do almoço, e sentem-se bem assim. Outros a faziam depois do jantar, como Thiers e Henry Mounier.

Muitos medicos acham que a sesta é util, e que a propria natureza parece aconselhal-a, porque todos os animaes repousam depois de comer.

Do alcool não é preciso falar muito, pois os prejuizos que elle causa são muito conhecidos. Todos sabem a historia de escriptores que, tendo tomado o habito de excitar a sua imaginação por meio de bebidas fortes, se aferraram pouco a pouco a

esse habito, e afinal acabaram por ficar deploravelmente viciados, aumentando sempre a dóse até a catastrophe final. Seria longa a lista desses escriptores, devotos da garrafa: desdo Eschylo, que no dizer de Plutareho, “compunha as suas tragedias depois que se aquecia bem com o vinho”, e Aristophanes, que “não trabalhava senão no delirio do vinho”, até Hoffmann, Edgar Poe, Alfred de Musset, Charles Dickens, Paul Verlaine.

O café tem muitos adoradores, á frente dos quaes, Delille se collocou e se collocou Voltaire. Embora contrario a certos temperamentos, ás pessoas de idade, em geral e aos cardiacos, o café é estimado por grande numero de escriptores e trabalhadores intellectuaes.

Michelet teceu o panegyrico d'elle no seu volume sobre a Regencia, attribuindo-lhe o merito de haver nutrido a idade adulta do seculo, a idade forte da Encyclopedia; de ter dado mais calor ás almas entusiasticas, mais luz á vista penetrante dos prophetas do “Antro do Procopio”, os quaes no fundo da negra bebida viram o futuro raio de 89. Nos seus conselhos aos literatos, Eugéne Mouton louva tambem com entusiasmo as virtudes do café, mas observa que o seu abuso é perigoso como o de qualquer outra coisa, e que muitas vezes provêm dahi desordens nervosas, intellectuaes e digestivas, semelhantes ás do alcoolismo. Com effeito, Balzac, que todas as noites bebia innumeras chicaras de café fortissimo, morreu aos cincoenta annos, talvez mais por causa do abuso do café. Henri Mürger, morto tambem prematuramente, era outro apaixonado bebedor de café; Flaubert, sob pretexto de chamar a inspiração, ingeria chavenas inteiras de café sem assucar, o que, como bem se pode suppôr, não lhe podia acalmar os nervos excitabilissimos. Para trabalhar bem não se deve procurar a excitação, porque toda a excitação esgota; é preciso antes procurar o equilibrio, por meio do qual sómente se attinge o maximo das forças intellectuaes.

O tabaco, sob a forma de pó aspirado pelo nariz é de uso monos frequente. E' de lembrar que o papa Urbano VIII e o sultão Amurat IV procuraram combater esse uso pouco limpo, o primeiro excommungando os fieis que tomavam rapé durante as ceremonias sacras, o o outro por um meio bem mais radical: fazendo cortar o nariz a quem usasso rapé. Goethe não admittia que "um homem de genio pudesse fumar". E além delle contam-se entro os não fumantes famosos: Victor Hugo, Michelet, Sainte-Beuve, Alexandre Dumas pae, Heine, Barbey d'Aureville, Jules Clarétie, Francisque Sarcey e outros. Entre os fumantos, muito mais numerosos, citam-se Milton, Haller, Crébillon, Walter Scott, Byron, Eugene Suo, George Sand, Alfred de Musset, Merimee, Theophile Gautier, Baudelaire, Gustave Flaubert, Caro, Feuillet, Sardou, Alexandre Dumas filho, os dois Goncourt, Taine, Coppée, Zola, Daudet, Lemaitre.

Para a boa hygiene intellectual, antes de se pôr a gente ao trabalho, pela manhan, é sempre util fazer abundantes abluções. Nada melhor do que na agua fria, para aclarar as idéias e dar bem estar goral, frescura, vigor physico e intellectual, tão necessarios a quem trabalha pelo cerebro. Meia hora de leitura depois, de uma das obras primas preferidas, leitura dosinteressada, extranha ao trabalho que se deve fazer, é um excellent preparo para o espirito, e abre, por assim dizer, as fontes da inspiração.

A leitura de uma obra prima produz o mesmo effeito que a contemplação de uma estatuia ou de um quadro celebre. "Eu me tornaria melhor, dizia Goethe, se tivesse doante dos olhos a cabeça de Jupiter Olympico que os antigos tanto admiraram". Muitos leem em voz alta, achando nosse exercicio um excellent estimulante. O poeta e philosopho inglez Pope "não compunha nunca alguns versos, sem declamal-os longo tempo em voz alta e agitar-se de um lado e outro do aposento para dar vivacidade ao seu espirito". E' o que nos conta Xavier de Maistre. O

grande prégador Bourdaloue tocava uma aria de violino antes de escrever um dos seus sermões; e a mesma coisa fazia o naturalista Darwin antes de applicar-so aos seus estudos scientificos. Stendhal conta numa carta a Balzac que emquanto compunha a "Chartreuse de Parme", lia todas as manhans duas ou tres paginas do Codigo Civil para ser sempre natural. "Não quero perturbar a alma do leitor com meios artificiaes", accreseenta elle. — (Albert Cim. — *La Revue*, Paris).

### RELIGIÃO E SPORT

Ha alguns annos so vem desenvolvendo na Igreja Protestante, nos Estados Unidos, um movimento para dar divertimentos sãoos aos fieis, e impedir assim que elles vão procurar-os em outra parte, longe de toda vigilancia. Os resultados até agora alcançados demonstram a efficacia do systema: a igreja e a moral têm obtido vantagens evidentes.

E' assim que a Associação Christian de Moços possui nos Estados Unidos 707 arenas de corridas, 307 campos athleticos, 400 tanques de natação, 4.645 campos de verão. Na diocese da Pennsylvania, 40 das 80 igrejas têm uma arona annexa; 26 parochias têm um jogo de "basketball"; 29 dão froquentes bailes, ás vezes com musicos pagos; 15 possuem lanternas magicas e dão conferencias com projecções; e 4 têm machinas cinematographicas. Em todas as parochias se organisam representações dramaticas. Nem faltam salas de leitura e salas de jogo, jardins para as criações, campos de "tennis", etc.

Ató as pequenas cidades o as aldeias imitam o exemplo dos maiores centros. Em Litchfield, no Michigan, onde a população attinge apenas a mil almas, se estabeleceu um cinematographo para os fiois, jovens o velhos, das tres igrejas que a comunidade mantém. E ha representações, do caracter popular, nas tardes dos sabbados, e de caracter sacro no domingo á noite. No Detroit 22

egrejas têm arenas próprias; seis têm-n'as alugadas; 18 "teams" de rapazes inscriptos em varias parochias se reuniram para formar uma liga de "basket-ball"; e seis ogrejas têm mestres de gymnastica, aos quaes está entregue a direcção de todos os jogos. E o dr. J. B. Modesitt, director da Associação Christan de Moços do Detevit, abriu uma escola normal para os socios da A. C. M. que queiram dedicar-se ao ensino da gymnastica.

### COMO SE CRESCE

Todos sabem que os homens são mais altos do que as mulheres, mas nem todos saberão que essa differença tem origen no nascimento, e que o recém-nascido masculino é em media, um centimetro mais comprido do que o do sexo feminino. Na idade madura, a differença attinge a dez centimetros, sendo a media da estatura masculina de cerca de 1,68 centimetros, e a feminina de 1,58 cents.

Interessantes estudos realizados sobre o assumpto demonstram que ha alternativas de crescimento e de repouso, mais ou menos prolongados. Enquanto nos primeiros annos de vida, em condições normaes, as creanças são arredondadas, escreve E. Bartels, no fim do terceiro ou do quarto começam inesperadamente a alongar-se, e ao mesmo tempo a emagrecer e empallidecer.

Este é o periodo do "primeiro crescimento". O segundo, mais breve, tem lugar entre os oito e os dez annos. No tempo intermedio, o corpo mais se engrossa do que se alonga.

Stratz dá uma analyse mais minuciosa do processo de desenvolvimento, que se divide em cinco estadios:

- a) periodo do primeiro engrossamento, dos 2 aos 5 annos;
- b) periodo do primeiro crescimento, dos 6 aos 8;
- c) periodo do segundo engrossamento, dos 9 aos 11;
- d) periodo do segundo crescimento, dos 12 aos 16;

e) periodo do complemento e da maturidade, dos 17 aos 25.

Embora essas notas que Stratz apresenta sejam o resultado de investigações aturadas, os de outros autores não concordam bem com ellas. Segundo von Lange e Weissenberg, o periodo do primeiro crescimento não pode ser bem determinado; e Weissenberg observa que o periodo de que fala Stratz é sómente um periodo de "crescimento apparente", em que cessa o engrossamento, e dá por isso a illusão de que a estatura augmenta. Esse autor divide a vida humana da seguinte forma:

- a) periodo de primeiro engrossamento, dos 2 aos 4 annos;
- b) periodo do primeiro crescimento apparente, dos 5 aos 7;
- c) periodo de desenvolvimento lento, dos 8 aos 12 para o sexo masculino, e dos 8 aos 10 para o feminino;
- d) periodo do segundo crescimento, dos 13 aos 18, e dos 11 aos 15 respectivamente;
- e) periodo de desenvolvimento lento, dos 19 aos 26 e dos 16 aos 19;
- f) periodo de estabilidade e do segundo engrossamento, dos 26 ou dos 19 aos 51;
- g) periodo de depercimento( em que a propria estatura diminue) dos 52 aos 76.

### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

#### BRASIL:

CITHAREDO, versos — Araujo Filho — Parahyba.

IMPRESSIONI DI CARCERE, por Arturo Trippa — S. Paulo.

MISTICAS FLORES A MARIA, pelo Padre Leonardo Mascello — Recife.

AMOR AO ESTUDO, palestra litteraria pelo dr. Affonso Carvalho — Bragança.

OS MORTOS (educação civilica), por um professor.

VIDA E OBRA DE VARNHAGEN, por L. Amaral Wagner — Sorocaba.

MERCADO DE TRABALHO, do

Departamento Esadoal de Traba-  
lho — S. Paulo.

RELATORIO, do dr. Sarmento  
Leite á Congregação da F. de Me-  
dicina de Porto Alegre.

REVISTA DO INSTITUTO GEO-  
GRAPHICO E HISTORICO DA  
BAHIA — 1916.

INDUSTRIA E COMMERCIO —  
20 de Janeiro — Rio.

O CRIADOR PAULISTA — Ja-  
neiro — S. Paulo.

SCIENCIAS E LETRAS — Fe-  
vereiro — Rio — Trabalhos prin-  
cipaes: Martim Pires, por Anthero  
Gama; Jisabu', por João Ribeiro;  
Desquite e divoreio, por Luiz Cor-  
rêa; Haver e Ter, por M. Said  
Ali; Historia da Instrucção Pu-  
blica no Brasil, por Ubaldo Soares  
Filho.

A VIDA MODERNA — 8 de Fe-  
vereiro — S. Paulo — A destacar:  
O pão maldicto, por Silvestre de  
Lima.

REVISTA FEMININA — Feve-  
reiro — S. Paulo — Principaes  
trabalhos: A civilisação, por Go-  
mes dos Santos; A borboleta azul,  
por Almachio Diniz; Ignezita,  
por Felix Pácheço.

A CIGARRA — Janeiro o Fe-  
vereiro — S. Paulo — Trabalho  
de Manuel Leiroz, Cornelio Pires,  
Amadeu Amaral, Paulo Setubal,  
Alcantara Carreira, etc.

REVISTA AMERICANA — An-  
no VI — N. 4 — Rio de Janeiro  
de 1917 — Summario Biographia  
de José Maria da Silva Paranhos;  
A lei do ventre-livro, por Evaristo  
de Moraes; Meditaciones para un  
estudo sobre Bolívar, por Car-  
los Pereyra; A aia, poesia por  
Basilio de Magalhães; Tres Poe-  
tas, por Jorge Jobin; El Paname-  
ricanismo: su pasado y su porve-  
nir, por Francisco Garcia Calde-  
rón; Razão porque? por Mello  
Carvalho; A uns olhos azues, por  
Alfredo de Assis; Spinoza, por  
Januario Lucas Gaffrée; Un es-  
tadista da Republica, por Lin-  
dolpho Collor; Ruskin e a Nuance,  
de Renato de Almeida; O Brasil  
e o Cyclo de Navegações, por A.  
G. de Araujo Jorge.

COMEDIA — Fevereiro — Rio  
de Janeiro.

#### ESTRANGEIRO:

ATLANTIDA — Ns. 14 15, de  
Dezembro e Janeiro — Lisboa —  
Principaes trabalhos O Codigo Ci-  
vil Brasileiro, por Matos Cid;  
Canção ás aguas, por Teófilo de  
Albuquerque; Jogos floraes luso-  
brasileiros, por Julio Brandão;  
Prologo das "Ilhas de Bruma",  
por Affonso Lopes Vieira; O  
campónio wallon, por Henrique  
Dacia; Ronald de Carvalho, por  
Luiz de Montalvor; A linguagem  
alto-minhota o a literatura, por  
F. Alves Pereira; Carteira dum  
libertino, por Aquilino Ribeiro;  
O Prior do Crato em Viana do  
Minho, por José Caldas; Alma  
harmoniosa, por Carlos Maga-  
lhães de Azeredo; Nas margens  
do Yser por Reynaldo dos San-  
tos, etc.

A AGUIA — Ns. 58, 59 e 60 —  
Outubro, Novembro e Dezembro  
de 1916 — PORTO — Summario:  
A eleição do papa negro, por Teó-  
filo Braga; Espanha, versos de  
Mario Beirão; A estatua mutila-  
da, por Jayme Cortesão; Cantar  
de amigo, versos de Affonso Lo-  
pes de Almeida; Um programa,  
por Antonio Sergio; Provincianis-  
mos usados em Monção, por An-  
tonio de Pinho; Sonetos, de Ca-  
tão Soares; Fialho de Almeida,  
Cuba e Vila Frades, pelo Viscon-  
de de Vila-Moura; E um milagre  
de dór possa salvar-te, versos de  
Augusto Casimiro; Esboço de  
uma interpretação no sentido da  
Tragedia, por José Teixeira Re-  
go; A Esfinge, soneto do Alber-  
to Osorio de Castro, etc.

REVISTA COMERCIAL — N.  
10 — Monteyidéo, 15 de Janeiro  
de 1917 — Trabalhos sobre com-  
mercio, industria, legislação, eco-  
nomia, finanças, estatística e admi-  
nistração.

REVISTA ARGENTINA DE  
CIENCIAS POLITICAS — N. 76  
— Buenos Aires, 12 de Janeiro de  
1917 — Principaes trabalhos El  
progreso de la ciencia moderna y

la evolución del derecho internacional, por A. de La Pradelle; La paz europea y América, por Rodolfo Rivarola; Libertad constitucional y licencia práctica de la prensa, por Francisco Durá; La moneda y el empréstito argentino, por Luis B. Tamini; La enseñanza estética en la escuela primaria, por Bellisario J. Montero; La reforma procesal en Corrientes, por O. Gonzáles Roura; Biografías coloniales D. Andrés Paz de Codesido, por M. Castro Kópez.

MERCURE DE FRANCE — N. 445 — Janeiro de 1917 — Paris — A destacar: Adieu a l'Ami, por

Maurice Maeterlink; Emile e Verhaeren, por Henri de Régnier; Verhaeren, poema por Francis Vielé-Griffin; Sur la Vie et l'Ouvre de Verhaeren, por André Fontainas; De la particule "de", et de la Particulomani e, por Georges Maurevert; Un prologue, por R. Brice; La Question du latin, pelo dr. E. Callamand.

FRANCE-BRESIL — N. 4 — Paris, 2 de Dezembro de 1916 — Revista política, económica e literária.

LA REVISTA DEL MUNDO — Edição hespánhola do "Wold's Work" Janeiro de 1917 — Nova York.

## AS CARICATURAS DO MEZ

PRECISA-SE DE PROFESSORES  
DE ORCHESTRA ...



*Wilson* — Vamos. Mais vivo esse *allegro* ...

*Lauro* — Não lhe parece melhor fazer *allegro moderato* ? ...

("Jornal do Brasil" — *Luz*)

A CANICULA



- Estou muito triste, meu patrão. O sol já não nasce para todos.
- Como assim?
- Sim, sim. O sol, agora, nasce só para os que trabalham.

("Careta" — J. Carlos)

O IMPOSTO SOBRE O FUMO



O quanto vale a ponta de um cigarro.

("Careta" — J. Carlos)



# Lista de Agentes da "Revista do Brasil"

- AVULSOS** — J. B. Ramos, Antonio Abranches, Francisco Gomes, Oscar Cunha, Bento de Moraes.
- ATIBAIA:** José Preto da Silva  
**ARIRANHA:** Bento Pantaleão  
**ARRAIAL DOS SOUZAS:** Nagib José  
**ABAETE':** João Maciel  
**AYUROOCA:** Luiz G. Dalia  
**ARAXA':** Acrísio Ferreira  
**ABRE CAMPO:** Pharm. Estevam de Oliveira Cotta  
**ARACAJU':** Nelson Vieira  
**ANTONINA:** Rocha & Picanço  
**AGUDOS:** Justino dos Santos Leal  
**AVARE':** Sebastião Araujo  
**ARARAQUARA:** Antonio Silva  
**BUENOS AIRES:** Baiden Moen e Francisco Cabeilo Navas  
**BRAGANÇA:** Samuel Saul  
**BARRA BONITA:** Juvenal Pompéo  
**BARRETOS:** Moreira & Barros  
**BEBEDOURO:** Fidelis Esteves e Francisco Velloso  
**BAURU':** José Ramos de Paula e José Carvaiho de Almeida Monteiro  
**BARIRY:** José Raphael de Almeida  
**BICA DE PEDRA:** João Fernando Prado  
**BELLO HORIZONTE:** Giacomo Aliotto & Irmão  
**BOTUCATU':** Cesar, Toledo & Cia.  
**BAHIA:** Romualdo dos Santos e Nívio & Pinto  
**BELEM':** J. B. dos Santos & Cia.  
**CAPITAL:** Casa Garraux, Livrarias Alves, Lealdade, Acadêmica, Teixeira, Magalhães e Livraria do Globo  
**CAYEIRAS:** Pedro Fernandes Lara  
**CAÇAPAVA:** Paulo Andrade e A. Andrade Netto  
**CACHOEIRA:** João Barbosa Ferraz Filho  
**CAMPINAS:** P. Genoud e Antonio Albino Juniro  
**CABRAS:** Nagib José  
**CASA BRANCA:** Anysio Baptista de Mello  
**CRAVINHOS:** José Caropreso  
**CABO VERDE:** Dr. Carlos de eznos
- CAMPANHA:** Fabio da Veiga Oliveira  
**CAXAMBU':** Dr. Polycarpo Viot-ti  
**CURITYBA:** J. Cardoso Rocha  
**CORUMBA':** João Antonio Esteves  
**CURRALINHO:** Nabor Silva  
**CAMPO GRANDE:** Salties Campos.  
**CASTRO:** Cel. Francisco Tiburcio da Silva Brasil  
**CAMPOS DO JORDÃO:** M. Corrêa  
**CRUZ ALTA:** L. P. Barcellos & Cia.  
**DOIS CORREGOS:** Cel. Joaquim Marcondes do Amaral  
**DIAMANTINA:** Dr. Argei Andrade  
**DOURADO:** Jacomo Carlo  
**FRANCA:** Hygino Caleiro & Sandoval  
**FLORIANOPOLIS:** Paschoal Simone & Filhos  
**GUARATINGUETA':** Henrique Fonseca  
**ITAPIRA:** João da Silveira Mello  
**ITU':** Antonio Ferreira Dias  
**ITAPOLES:** Dr. Orestes C. Sene Junior  
**JAHU':** Americo de Fraga Moreira  
**JABOTICABAL:** Alceblades Fontes Leite  
**JARDINOPOLIS:** João Cernach  
**JANUARIA:** Luiz de Castro Araponga  
**JUNDIAHY:** Nicolau Carderelli  
**JOAQUIM EGYDIO:** Attilio Martins  
**JUIZ DE FO'RA:** José Ferraz  
**LISBOA:** Livraria Ferreira  
**LAVRAS:** Dr. La Fayette de Padua  
**MANA'OS:** Cesar, Cavaranti & Cia  
**MOCO'CA:** Manoel Oca  
**MONJOLINHO:** Pedro Fernandes Lara  
**MONTE ALTO DE JABOTICABAL:** Antonio Vilas Bôas  
**MOGY MIRIM:** Demetrio Piaretti  
**MONTE SIAO:** André Jacconi  
**MUZAMBINHO:** José Poli  
**MARIANNA:** Pharm. Raymundo de Oliveira Moraes

**MONTE ALEGRE:** Arthur Ayrosa  
**MONTES CLAROS:** José Dias de Sá  
**MATTO GROSSO DE BATAIAES:** Manoel Cesario de Campos  
**NAZARETH:** Olandim Fumes  
**OURO PRETO:** Edmundo Tarquínio Pereira e Manoel Cruz  
**PARAIBUNA:** Paulo Andrade  
**PINDAMONHANGABA:** Benedicto Ribeiro e José Athayde Marcondes  
**PIRASSUNUNGA:** José Ferreira de Albuquerque  
**PINHEIROS:** Paulino Pinto  
**PALMEIRAS:** Borba & Villela  
**PIRACICABA:** Pedro Ferraz do Amaral e Antonio F. de Moraes  
**PARAIBUNA:** Antonio Corrêa do Amaral  
**PYRAMBOIA:** Luiz Chaguri  
**PORTO FELIZ:** Eduardo Motta  
**PEDREGULHO:** Alfredo Alonso Galante  
**PRESIDENTE ALVES:** Carvalho & Ferraz  
**PASSOS:** José Scalmanni  
**PITANGUY:** Luiz Gonzaga Junior  
**POUSO ALTO:** Philadelpho de Souza Nilo  
**PARANAGUA:** Rocha & Picanço  
**PORTO FERREIRA:** Lólio da Silva Oliveira  
**PARAIBUNA:** Gonçalves Penna & Cia. e Francisco Feliciano  
**PORTO ALEGRE:** L. P. Barcellos & Cia.; Carlos Echenique; e Cunha, Rentzsch & Cia.  
**PIAUI:** A. Carvalho & Cia.  
**QUELUZ:** José de Paula Franca  
**QUIRIRIM:** Paulo Andrade  
**RIO DE JANEIRO:** Agencia Cosmos, Braz Lauria, Araujo & Lopes e Livrarias Garnier, Alves, Briguiet e Castilho  
**RIBEIRÃO BONITO:** Jorge Ferraz  
**REDEMPÇÃO:** Joaquim Braga Paula  
**RIO PRETO:** Francisco Mesquita  
**RIBEIRÃO PRETO:** José Sélles e Verissimo dos Santos  
**RECIFE:** Ramiro M. Costa & Filhos e Manoel Nogueira de Souza  
**S. CARLOS:** Dr Carlos da Silveira  
**SANTOS:** José de Paiva Magalhães e André Soares Couto  
**S. JOÃO DO CURRALINHO:** Nabor Silva  
**SANTA ISABEL:** Virgílio Wey  
**SANTA ADELIA:** Esmeraldo Figueiredo  
**S. MANUEL:** Francisco Martorelli  
**S. ROQUE:** José Hyppolito da Silva  
**S. JOSE DO RIO PARDO:** Anycio Baptista de Mello  
**SANTA CRUZ DO RIO PARDO:** Dr. Alvaro Camera  
**S. JOAQUIM:** Jacomo Cernach  
**S. SIMÃO:** José Luiz de Carvalho  
**SANTAROSA:** Americo de Paiva Pinheiro  
**SERRA AZUL:** José Luiz Carmo  
**SERRA NEGRA:** José Gomes Junior  
**S. SEBASTIÃO:** Antonio Argino da Silva  
**SOCCORRO:** Aurelio Martins  
**S. JOÃO D'EL-REI:** Bel. Custodio Baptista de Castro  
**S. THOMAZ DE AQUINO:** Alvaro de Almeida Coelho  
**S. SEBASTIÃO DO PARAIZO:** J. Aristheu de Castro e Carlos Orsi Parenzi  
**SABARA:** José Alves Nogueira  
**S. LUIZ DO MARANHÃO:** Ramos d'Almeida & Cia.  
**SANTA MARIA:** L. T. Barcellos & Cia.  
**TAUBATE:** Gabriel Nogueira de Toledo  
**TREMEMBE:** Paulo Andrade  
**TAQUARY:** Joaquim Rodrigues  
**TATUHY:** Antenor Dias da Silva  
**THEREZINA:** A. Carvalho & Cia.  
**TAQUARITINGA:** Simeão Perreira dos Santos  
**TARU-ASSU:** Nicolau Sinegoa  
**UBERABINHA:** Prof. Honorio Guimarães  
**UBERABA:** João Ribeiro Belo  
**VALLINHOS:** Hygino Carlos Stelin  
**VILLA NOVA DE REZENDE:** José Poli  
**VILLA ADOLPHO:** Augusto Roque  
**VARGINHA:** Joaquim Getulio Ferreira  
**VILLA NOVA DE LIMA:** José de Avila Olyeira  
**VILLA OLYMPIA:** Jovelino Antonio de Oliveira

# As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua  
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado  
e pertences*

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

**Rua de São Bento N. 29-C**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"



# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

JOSE DE ALENCAR . . . . .	A neta d'Anhanguera . . . . .	231
OLIVEIRA LIMA . . . . . <small>da Academia Brasileira</small>	A Revolução de 1817 . . . . .	247
BASILIO DE MAGALHÃES . . . . . <small>do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro</small>	Domingos Jorge Velho . . . . .	260
JULIO CESAR DA SILVA . . . . .	Sonetos . . . . .	265
SERGIO ESPINOLA . . . . .	G. C. P. A. . . . .	268
RODOLPHO VON IHERING . . . . .	Os nomes zoologicos em Portuguez . . . . .	282
PADRE HELIODORO PIRES . . . . .	D. Luiz de Britto . . . . .	291
MACHADO DE ASSIS . . . . .	Um prefacio . . . . .	304
AFONSO ARINOS . . . . .	Feiticeira . . . . .	309
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	320

*(Continúa na pagina seguinte)*

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 15 - ANNO II

VOL. IV

MARÇO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 62  
S. PAULO - BRASIL



5

**RESENHA DO MEZ** — A campanha nacionalista — Pedagogia (*Carlos da Silveira*) — Bibliographia — Alfredo Pujol — Movimento theatral — A defesa nacional (*Olavo Bilac*) — Lafayette (*A. Chateaubriand*) — Oswaldo Cruz (*Arthur Neiva*) — Machado de Assis (*Alfredo Pujol*) — Th. Ribot — Somnos profundos — A mulher de Goethe — Phantasmas celebres — Sosas — As boas maneiras — Don Juan — O caçador de condores — Publicações recebidas.

ILLUSTRAÇÕES: José Luiz de Mendonça — Domingos José Martins — Brigadeiro M. J. Barbosa de Castro — Gervasio Pires Ferreira — C. Pinto de Miranda Montenegro — Muniz Tavares — A bandeira da Republica — Casa do Erario Publico — Alfredo Pujol — Oswaldo Cruz.

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

**TELEPHONE, 745**

**SÃO PAULO**



# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAIIA,
„ reallsado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se sâques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS  
FINOS, CHOCOLATES E  
LICORES

—◆◆◆—  
A UNICA FABRICA QUE EX-  
PORTA CHOCOLATE PARA A  
EUROPA.

Rua Piratininga, 27  
Caixa do Correio, 201  
S. PAULO

*Casa fundada em 1895*

PRAZO DEZ MEZES  
JUROS MODICOS



## Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8  
Telephone N. 1195  
End. Telegr.: EMISEL  
SÃO PAULO

PLACAS  
ESMALTADAS  
E DE METAL

*Massucci Perazzo  
Nicoli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS  
CARIMBOS  
DE BORACHA  
FORMA PARA SABONETE



ESCRITORIO · Rua Florencio de Abreu 52  
FABRICA · Rua dos Alpes 79 S. PAULO

# REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impeccavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthéne, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LER-A E DAL-A A LER A'S SUAS FILIIAS"

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECÇÕES de educação social, de educação privada.

SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECÇÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originacs de fogão e forno.

SERVICO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correio.

Dirijam suas cartas á Directora  
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

*Vicente Lattuchella*

*Alfaiate*

RUA BÔA VISTA, 56

S. PAULO

# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, eonstando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, eom separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes*

*Rua 15 de Novembro, 30*

*São Paulo - Paris*

# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de pollicia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

END. TELEG.: DOSMAN · CAIXA, 962

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

TELEPHONE, 4305

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

SÃO PAULO

LOUÇAS, VIDROS,  
FERRAGENS DE COSINHA

VENDAS A VAREJO  
E POR ATACADO

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

---

---

# A NETA D'ANHANGUERA (\*)

(1873)

I

## A EXPEDIÇÃO

A magestosa floresta secular que outrora cobria o interior do Brasil, recebeu dos primitivos e verdes povoadores o nome de *Matto-Grosso*.

Como a verde arassoia que ornava o talhe robusto do guerreiro indio, a grande mata virgem eia a ilharga do vasto imperio americano, correndo de norte a sul por centenas de leguas.

Em seu prolongamento encontrava a antiga selva com a serra do Gongo e a submergia nas crostaes profundas da sua espessa folhagem, onde jámais penetravam os raios do sol.

Ahi, pelas faldas da serra, caminhava em Março de 1725 uma expedição sertanista.

Transmotava o sol; deviam de ser quatro horas da tarde. Já escasseava a luz no seio da mata frondosa, que a tropa dos bandeirantes atravessava nesse momento.

---

(\*) Graças a uma gentileza especial do seu eminente collaborador, sr. Marlo de Alencar, a *Revista do Brasil* publica hoje estes capitulos Ineditos de um romance que José de Alencar deixou iniciado. "São paginas, escreve-nos o delicado artista que herdou a "carrega com distincão a gloria literaria de Alencar, são paginas lançadas no desalinho da primeira inspiração, e que ficaram na pasta do escriptor, como trabalho de rascunho, o falho até em algumas palavras. Os defeitos que levam, não lho diminuem, porém, o interesse; ao contrario, a meu ver, dão ao inedito a graça do inacabado, que tanto satisfaz a curiosidade dos admiradores na obra dos artistas, surprehendidos no acto de trabalho".

Iam-se tornando mais soturnos os ecos da floresta; o crepusculo já começava a derramar-se pelas immensas abobadas de eterna verdura; e nos recessos mais sombrios desferiam os oitibós seus vôos crepitantes.

A ponto abriu-se num regaço da mata, aos olhos dos viajantes, longa planície que espraiava-se pelas terras além como um grande lago de verdura.

Alli, na campina, ainda reinava o dia em toda sua pompa americana.

Os fulgores da luz tropical resplendiam pelo vasto recinto, que percorriam bandos de araras e papagaios aturdindo os ares com a estridula grasinada.

Nas touças de Junça, cobertas de lyrios brancos, rôxo e amarellas, enxameavam os colibris, irisando-se aos raios do sol, como os esguichos de uma cascata de rubis ou diamantes.

Pela arcia andavam a mariscar as zabelês que arrancavam o vôo sussurante, ao atito do companheiro; e sobre a grama brincavam os campeiros retouçando entre as moitas.

A expedição, que seguia agora pela ourela da mata, era numerosa, e parecia menos uma bandeira, que a reunião de cinco bandas, a julgar pelas insignias, que á frente de cada troço de gente trazia enrolada na haste do chuço cercado de guizos e preso á cabeçada da besta guieira ou madrinha.

No geral caminhavam a pé os viandantes; mas com os combois da bagagem, que precediam suas respectivas bandeiras, vinham além dos animaes de carga, as cavalgaduras precisas.

Rompia a marcha a *Bandeira do Sapo*, a qual tinha por insignia um guião amarello. O tope da haste d'onde pendia o trapo de sarja, embutia-se em um toro de madeira rajado que arremedava a figura de uma intanha.

Logo após do comboi vinha o sertanista, cabo ou dono dessa bandeira. Era homem de estatura meã e de tal corpulencia, que não cedia em grossura ao que media em altura. Tinha as pernas curtas e arqueadas; e os braços não podiam abranger o vasto abdomen.

Mas em sendo preciso, esses membros velhos desenvolviam uma actividade prodigiosa, de que davam boa mostra o passo agíl com que despejava o caminho, e os ademanes que lhe suavizavam a larga marcha.

A obesidade que lhe apagava feições e vulto d'homem,



transformando-o em um acervo de carne, deu origem ao appellido de *Sapo*, por que era geralmente conhecido, e de que elle, Pascoal Bayão, se desvanecia, despedindo nos pulos e movimentos a agilidade daquelle baetriano.

Seguia-se logo *O seminario do Diabo*, nome que tinha a segunda bandeira, cuja divisa era uma batina, agora enrolada, mas de ordinario envergada na cruz de taquara cheia de cascaveis, que servia de crear á besta da cabeçada.

O sertanista, alto, secco e mirrado, como o esqueleto de um lagarto, que o sol esmiehou, caminhava em frente com o passo tão rijo, que lhe fazia bater a cabeça em constante vibração, á semelhança do reptil de que tomara a figura.

Trajado á maneira dos outros sertanistas, com jubão de pelle, compridas polainas de veado, que lhe subiam até o cox (cintura), e alpergatas de couro d'anta; trazia tambem como elles o mosquete a tiracollo, a eatana presa á ilharga, e garrafa á cinta em cruz com o facão de matto.

Mas no meio deste fato e petrecho proprios para romper matto e affrontar com os perigos do sertão; havia no traje do sujeito um traço que o distinguia logo de qualquer outro; e era a estola que cingia-lhe os hombros, e cujas pontas roçavam o cabo da faca, e a coronha da pistola.

Era este sertanista o Padre Manoel Borba Gato, que aborrido com a existencia monotona de vigario da parochia de Taubaté, dera em fazer entradas ao sertão para catechisar os indios. Dessa missão apostolica desempenhava-se elle com o maior zelo, arrancando os selvagens das brenhas onde os ia buscar, e pondo-os ao cuidado de pessoas pias.

Accusavam-no entretanto os aleivosos de captivar os indios e vende-los; quando o reverendo apenas recebia uma modica propina para indemnisação dos gastos que fazia com a sua tropa, á qual elle paternalmente chamava "*meu seminario*."

Logo após do padre, vinha o *Pé de Pau*, aleunha por que era tratado geralmente entre os bandeirantes o sertanista Jeronymo Bueno, um dos mais intrepidos e famigerados capitães de entrada, que então se nomeavam por toda á capitania de São Paulo.

Era de galhardo parecer, bem apessoado. Primaria entre os mais gnapos e bizarros cavalleiros, si não fosse o defeito da



perna direita cortada na altura do joelho e substituída por uma canella postíça, d'onde lhe vinha o appellido.

Essa mutilação de um membro locomotor não embargava a marcha expedita do sertanista, tal era a dextreza que elle havia adquirido no manejo daquella tibia de pau, que lhe servia ao mesmo tempo de pé e de arma, pois costumava embutir-lhe a ponta na argola de um ancinho.

A *Bandeira dos Caborés*, de que era dono o Bueno, distinguia-se pelo vermelho dos galhardetes que ao sopro da brisa se enroscavam pela haste da campainha pregada á cabeçada.

O quarto sertanista, Fernão Arruda, o Montanha, era mancebo ainda. Tinha um porte descommunal que lhe dava proporções de gigante, e força prodigiosa. O rosto, de aspecto ..... não o punha o mais ligeiro buço; tinha lisa e baça a tez, que lhe estava denunciando a raça.

Por isso e pela gente de que a formava, conhecia-se por *Bandeira dos mamelucos*, a que dirigia o Montanha, e era o terror dos indios cayapós, os quaes fugiam espavoridos quando avistavam-lhe o pendão azul.

Vinha por ultimo o cabo da expedição, Antonio de Mendonça cognominado o Barbicas, por causa da pera longa, teza e pontuda que lhe espetava o queixo saliente, e estava sempre a mexer-se com a constante mobilidade da maxilla inferior, a morder o bigode.

Orçava elle pelos cincoenta annos, e era sujeito de marca pequena, franzino de talhe, com braços e pernas que mais pareciam canniços. Diziam porém os companheiros que não era de osso, sinão de ferro, aquella carcassa; assim como que em vez de pelle, estava coberto de uma malha d' aço.

Si o vulto não o avantajava entre os outros, o olhar penetrante e astuto que desferia a sua pupilla fulva, e a expressão dura e imperiosa que lhe escarnava a physionomia; em certos momentos, bem denotavam a superioridade moral que só lhe pudera disputar entre os companheiros, Jeronymo Bueno.

A bandeira de Mendonça, vulgarmente chamada *dos Ferradores*, não tinha mais insignia do que um grosso arame representando nas suas voltas as Quinas portuguezas. Com isso marcava elle á maneira de rezes, os indios que ia caçando nas suas correrias, e mettendo em libambos.

Chamava elle a esses homens ferrados, de reúnas.



## II

## A MONTARIA

Na frente da ultima bandeira, entre ella e o comboi, iam tres rêdes de viagem carregadas por escravos pretos e indios.

Em uma das rêdes, que tinha nesse momento a eortina levantada, via-se uma dama já no declínio, mas ainda formosa. Ressumbrava de sua physionomia a serenidade d'alma compassiva, e por ventura um tanto desceañada.

D. Branea chamava-se a dama, que era mulher de Antonio de Mendonça, o cabo da expedição.

As outras rêdes, vasia, pertenciam naturalmente ás duas damas, que fatigadas da eondução incommoda, seguiam a pé, pouco adeante, acompanhadas por algumas escravas; espairecendo com brincos de moça e pratica animada a fadiga da jornada.

Uma dessas moças, a mais alta, de talhe esbelto e airoso porte, era D. Beatriz de Siqueira, filha em primeiro matrimonio de D. Branea. A outra, de pequena estatura, porém de mais graciosa compleição, era D. Leonor Peris, irmã de Antonio de Mendonça.

Do rosto não se lhes via mais que os olhos scintillantes, pois traziam um chaile de seda verde, que as rebuçava a modo de manteo envolvendo-lhes a cabeça e o busto até a cintura, para resguarda-las dos raios do sol, e dos enxames de mosquitos.

A vasquina eurta de belbute azul se esfraldava sobre a pantalona de gorgorão lustrado, que debuxava-lhes a perna bem torneada. Calçavam borzeguins de camurça da terra com o canhão de couro de lontra apertado aos artelhos.

Com meia hora de marcha pela campina, chegou a expedição ás naseentes de um arroio, que brotava dentre os grotacs da serra do Gongo, e correndo para o sul tornava-se por ventura rio caudal.

Ali estavam nas margens do ribeiro, cerca de vinte homens. Separados em cinco turmas, as quaes se escalavam pela campina em forma de xix, trabalhavam á porfia em cercar com um renque dobrado de forquilhas uma quadra de quatro braços por face.



Pertencia essa gente ás bandeiras da expedição, e formava o piquete encarregado não só de explorar os rumos e marcar a derrota, como de escolher para o pouso sitio asado, não só pela boa aguada e pasto, como pela posição estratégica, da maior importancia naquellas entradas por sertões infestados de tribus ferozes.

Designavam os bandeirantes a estas partidas avançadas pelo nome de montaria, talvez pela semelhança que tinham com a batida dos caçadores; o que não impediu que mais tarde se designassem pela mesma forma as canoas empregadas em igual mistér, nas viagens fluviaes.

A montaria costumava preceder de muitas horas a bandeira; e no seu trajecto por varzeas e mattas ia deixando as mareas da rota, ora nas pedras que dispunham de longe em longe pelo deseampado, ora pelos entalhes no tronco das arvores, e outros signacs, que formavam uma lingua hieroglyphica entre o guia ou cabo do piquete e o sertanista da bandeira.

Para esse posto tão importante, quanto perigoso, escolhiam-se os homens não só de muito valor e maior esforço, como de grande expediente e aviso. Especialmente no cabo da montaria, de quem dependia a segurança de toda a tropa, eram indispensaveis os dotes de um insigne batedor de matto, avezado ás manhas dos selvagens, e treito nas lidas do sertão.

Momentos antes de chegar a expedição, das brenhas que ensombavam as nascentes do ribeiro e estofavam as grotas do penhasco, rompêra um maneebo que trazia suspenso pelas quatro patas um soberbo galheiro.

Entrando na quadra do centro onde trabalhavam os companheiros, deixou cahir sobre a relva o corpo do animal, que ainda estrebuchava; e volveu em torno rapido olhar, no qual se percebia a investigação do superior.

— Quem mudou a estacada? perguntou o maneebo mostrando uma cerca de pau a pique.

— Fui eu, Giraldo de Toledo; respondeu um dos monteiros.

— E por qual razão, não me dirá, José Ortiz?

— Ora pois! Cá para nós que já temos a pelle curtida, que nem camurça, pouco se nos dá com a friagem d'agua; mas as damas, ora pois, muda de figura; são como os passarinhos, gostam do quente. Ora pois, este cafusa que vê, será tudo



quanto quizerem, menos descortez com as damas, que lhes não prepare o melhor agasalho.

O bandeirante que assim gabava-se de sua cortezia para com o bello sexo, era um pardo, cuja cara grotesca embutia-se na enorme carapinha arripiada, que cingia-lhe os hombros dando-lhe ares de um porco espinho suspenso por dois espeques, pois taes pareciam as pernas zombras.

Riu-se Giraldo dos momos com que ornou o camarada seu requebro namorado.

— Longe de mim offender sua galanteria com as damas, José Ortiz; mas lembre-se que o tempo está abafado, e a noite ha de ser quente.

O pardo envergonhou o olhar para o horizonte:

— Ora pois! E a chu...

— Assim reponha a estacada na linha que lhe marquei, e avie-se que a gente não tarda ahi.

— E a chuva? repetiu o cafusa.

Fez o mancebo que não ouvia a pergunta e afastou-se para cortar a pratica.

— Ora pois, va lá; disse o teimoso Ortiz; mas é por sua conta e risco.

— Está sabido; retrucou-lhe o moço

— Ora pois!

Resmungando ainda uma vez o seu cacocete, o pardo meteu mãos á obra, e com pouco a cerca seguindo o traço marcado por Giraldo, fechava um losango eom porta, semelhante a uma pequena recamera, cuja face posterior ficava sobre a margem do rio na batente d'agua.

Entretanto o mancebo suspendendo pelos pés o veado a uma forquilha, tirava a faca de matto e esquartejava a caça, atirando as grandes peças em uma cova forrada de folhas de banana, que um dos camaradas acabava de preparar.

Servia Giraldo de Toledo como cabo da montaria, formada das partidas de cada uma bandeira. Pertencia elle á tropa de Antonio de Mendonça, a quem tocava como capitão da entrada, marcar a derrota e dar o guia da sua confiança.

Era um bizarro mancebo de vinte seis annos, tão alto quanto pedia o talhe delgado e flexivel, que, si tinha a clasticidade da lamina de sua fina adaga, tomava quando era preciso, a rijeza e inflexibilidade do cano de seu areabuz.

Os cabellos negros annellavam em volta de uma fronte alta e direita, onde se lhe estampava o animo resolutivo. O semblante de nobre compostura assombrava-o um como recolhimento indício da concentração de uma alma de tempera, que elle recatava das extranhas, da mesma forma que a folha polida e brilhante da sua espada, elle a guardava na bainha para não expol-a á ferrugem.

O traje peculiar de que usava, muito realce dava á elegante compostura de sua pessoa. Trazia elle um corpo de fina pellica de corsa que o vestia todo, como uma luva, a modo de meia de soda que usavam outrora os pagens em côrte.

Sobre esse pellote vestia um gibão, justo e sem mangas, de dragueite pardo que descia até o meio da côxa, apertado á cintura por uma larga facha feita dos fios do erautá, á qual prendia a espada e o punhal.

Por sombreiro trazia um gorro de pelle de gato montez com, por tope, uma cruz de osso no broche. O calçado eram coturnos inteiriços de cascavel, cerrados no artelho, e sem outro solado mais do que as escamas do reptil.

Quando o Monteiro que abriera a cova, de novo a cobriu de terra, e accendeu em cima o fogo para preparar o moquem, a bandeira do Sapo apontava na assomada fronteira.

### III

#### A RIXA

Fez alto a expedição, e cada bandeira foi tratando de arrancar-se no sitio que os seus monteiros haviam escolhido.

Tinha o acampamento como se disse, a figura de um xix. O eentro onde cortavam-se as duas aspas, foi occupado por Mendonça; as duas pontas voltadas ao nascente, pelo Bueno e Padre Borba; da banda do poente ficaram o Mameluco e o Arruda, e Pascoal Bayão.

Descarregados os combois, começou a labutação do pouso. As cangalhas e macas eram arrumadas entre as estacas da linha exterior, formando uma especie de pallissada. Armavam-se as rêdes de uma a outra forquilha por todas as faces do



quadrado, deixando apenas uma entrada para o interior do arraial.

No centro, que servia de varanda e cozinha, já ardia o fogo; e a rancheiro dispunha as marmitas de barro da terra e outros aprestos da ceia, enquanto assavam na brasa as espetadas de caça e os inhames agrestes.

No rancho do capitão havia de mais um compartimento não só resguardado por uma estacada interiormente de tapessaria, como ainda coberto de couros em cabello, que o abrigavam dos maiores temporaes.

Era esse o aposento destinado ás damas; ahi deviam pousar a mulher, a irmã e a enteada do capitão.

Outra particularidade se notava no arranchamento do chefe; e era uma como guarita feita com alta e rija estacada, e collocada da parte de fóra do rancho, á distancia de tres ou quatro braças.

Logo que chegou o comboi do Barbicas, o seu capataz conduziu para aquelle ponto um lote especial de mulas, carregadas com broacs, semelhantes ás que ainda hoje usam os tropeiros para conduzir fubá.

Os cineo sertanistas se tinham já aereado do sitio, para assistir á tarefa, que parecia interessal-os ao ultimo ponto; e á medida que os comboieiros sacavam dos ..... uma das broacas, e a atirava dentro da guarita pela abertura deixada com esse fim, o Sapo ia contando em voz alta o volume.

Era de muito peso a carga, pois não só os animaes alagados em suor arquejavam, como os descarregadores ao metter hombros ás broacas, gemiam com o violento esforço. Ao quinto cargueiro, os sujeitos vergaram o lombo e não puderam tirar as alças.

- Então não vae? perguntou o Bueno.
- Que perrengues! exclamou o Barbicas.
- Pesa que nem o diabo! disse o comboieiro esbofando-se.
- Mais do que o Sapo? observou o padre a rir.
- Elle é capaz! tornou o comboieiro.
- Vamos a vêr! disse com a voz arrastada o Mameluco.

Eneostando a mula, sem metter o hombro, e só com a cana do braço esquerdo começou o Arruda a sacar as broacas, e a vareja-las por cima da estacada.

Inquietou-se o Barbicas com o baque.

— Safa!... Que me esborrachas as meninas, Arruda!

— Este Mameluco hade ser sempre um brutamontes! resmungou o padre.

Impassivel, continuou o mulato a pinchar as broacas uma após outras para dentro da guarita.

— Doze! contou o Sapo, quando cahiu a ultima.

— Duas para um, e o resto a dividir; observou o Pé de Pau.

— Como é lá isso, compadre? perguntou o Barbicas a ri. Não foi esse o ajuste, si faz favor. As duas que sobram, uma é para os gastos da expedição; quanto á outra, pertence-me, como dono da empresa.

— Os gastos da expedição tambem nós os fizemos, que nenhum sahíu de Taubaté com as mãos abanando; redarguiu o Sapo com um riso de chasco.

— E lá isso de dono, todos nós o somos, cada um de sua parte;olveu o Bueno fincando no chão com assomo de irritação a ponta da perna de pau.

— Deveras, meu mestre? exclamou em tom escarninho o Mendonça, retorcendo a longa pêra, o que era nelle indicio de colera.

— E' o que lhe digo! tornou o Pé de Pau, com insolencia. Eu cá não reconheço primazias de ninguem! Aqui somos todos iguaes; tanto vale um como outro. Não ha cabeças.

— Foi esse o trato! acrescentou o Bayão peremptoriamente.

— Mentas como um descarado que és, compadre!

Lançou o Barbicas estas palavras com um gesto de desprezo ao Bayão e voltou-se para responder ao Bueno. Affrontado com a injuria, o Sapo dera uma guinada no impeto de saltar sobre o capitão. Mas conteve-o a manopla do Arruda, que segurando-o pela nuca o removeu para traz:

— Deixe lá os homens destringarem o seu negocio.

— Brutalhão! resmungou o Sapo inchando como uma intanha.

No emtanto Mendonça redarguia ao Jeronymo Bueno nestes termos:

— Pois fique sabendo, sô perneta, que ninguem manda aqui senão eu, que sou o unico dono da descoberta, e o cabo da expedição, por todos acceito e reconhecido. Os serviços das bande-



ras que trouxe commigo, hão de ser pagos conforme a avença que fizemos; mas não soffrerei que se mettam a repartir e dispor do que me pertence.

— Então, barba de bode, eu, Jeronymo Bueno, estou aqui á tua soldada miseravel como teu creado de servir! gritou o Pé de Pau furioso.

— Creado de servir, não, que este prestimo não tens; mas soldado do ganho, sem duvida que o és, pois te pago o soldo, e caro!

— Ah! cão! urron Bueno sacando da espada.

— E tu o que és sinão um vil sevandija? berrou o Barbicas e cahiu em guarda.

— E' preciso enterrar essa carcassa que fugiu da cova! grasnou o Sapo, brandindo o chanfalho e collocando-se ao lado do Bueno.

O Arruda, que já estava á esquerda do Mendonça, soltou uma risada longa, dizendo:

— Nunca esborrachei nm sapo!

Já se cruzavam os ferros, quando o reverendo, que de parte observava esta scena, com uma ironia ..... interveiu separando os adversarios:

— Estão vocês todos os dias, depois que deixamos os campos dos Goyazes, á tirar razões e repetir a mesma scena, vindo ás mãos ao cabo da menor disputa.

— Porque não cessam as affrontas; e estamos cançados de soffrel-as! atalhou o Sapo.

— Mais estou eu de aturar gente .....

— E' melhor acabar logo com isto duma feita! avisou o Bueno fincando no chão a perna postiça.

— Acabemos mesmo! disse o Arruda com a sua habitual pachorra.

— Tudo tem seu tempo; advertiu o Padre Borba sentenciosamente. Ainda não é occasião de acabar, pois nem meio caminho andamos. Ora figuremos o caso de que o Bueno com o Balyão levassem a melhor

— E' o que veremos! atalhou o Barbicas.

— Fallo pelo supposto. Senhores os dois da maquia, não lhes podia vir a cada um a tentação de querer tudo para si?

— Humh! fez o Sapo fungando e envesgou um olhar desconfiado para o Pé de Pau.

— Um Bueno não se mede pela bitola de qualquer vasculho de sacristia. Veja como falla, sô padreco!... gritou o Pé de Pau.

Revestiu-se o Borba da humildade evangelica:

— E' verdade, filho, que eu, um pobre servo de Deus, um cousa á tôa, não sou para comparar-me com os deseendentes daquelle que rejeitou uma eorôa, ainda que tambem eu não use da minha, mas por falta de barbeiro que não por soberbia. Todavia a carne é fragil, e todos nós, grandes e pequenos, somos feitos desse mesmo limo, e com um tal pendor para certo pó amarello, que eu tenho cá para mim que Deus fez nosso pai Adão, com lama de cascalho.

— O Padre é dos diabos! disse o Sapo a rir.

— Assim que ninguem está livre dessa tentação, e vem tão forte ás vezes que parece bebedeira, e não deixa de ser, que o tal pó entra pelos olhos a dentro, e a gente não vê mais sinão amarello.

— Visto isso, o Reverendo tambem toma da tal carraspana, observou o Barbicas a rir.

— Eu, filho, sou feito de carne e osso como os outros. Mas então, como dizia, si formos assim nos destruindo uns aos outros, afinal si algum levar a melhor, com certeza irá cahir nas mãos do primeiro aventureiro que o encontrar, a menos que não o tenham antes assado e comido os Cayapás.

— Lá isso é verdade! ponderou o Sapo.

— E não fallo do risco maior de entrar a tentação na gente de cada um, e tomando o bom exemplo dos cabeças, assentarem que não é justo caber a cinco sómente o que todos ajudaram a buscar e defender; devendo o lucro da empresa ser repartido com igualdade por quantos nella trabalharam.

— Esse medo não o tenho eu! disse o Barbicas com segurança.

— Não é bom fiar! tornou o Padre.

— De certo! acudiu o Bueno. Ainda que eu estou descansado acerca da minha bandeira; é gente segura; mas as outras...

— Quanto á minha, não se assuste! atalhou o mameluco.

Tomando o Bueno á parte, conseguiu o Padre Borba arre-



da-lo dos outros sertanistas, desvanecendo assim de todo a rixa que sua intervenção já havia applacado.

## IV

## A CANINANA

Emquanto os sertanistas altercavam acerca da divisão do carregamento que traziam nas broacas de couro, no rancho do Mendonça os monteiros preparavam o aposento especial das damas.

Era uma pequena recamera, formada de sebes ou ramadas, e coberta de couros em cabelo, que podiam abrigal-a dos maiores temporaes. Forravam-lhe por dentro as paredes tapessarias de raz que não só resguardavam das vistas o interior, como agasalhavam melhor nas frias noites do sertão.

Giraldo de Toledo, dirigindo e apressando aquelle serviço, ao qual parecia applicar-se toda sua attenção, não perdia de vista as damas que praticavam a alguma distancia, volvendo os passos pela margem do arroio, enquanto esperavam que se aprestasse o seu aposento.

Conduzindo os comboieiros, para dentro da improvisada alcova, as malas das damas; D. Beatriz de Siqueira aproximou-se para vêr si faltaria alguma cousa, ou para ordenar os arranjos que estavam a seu cargo.

Aproveitando o ensejo, Giraldo tomou por pretexto bater numa escora da cerea, onde nesse instante a moça recostava-se negligentemente fazendo recommendações aos escravos.

— D. Beatriz de Siqueira! disse o moço á esconça, e sem interromper o trabalho, para que nem o ouvissem os outros, nem deseonfiassem.

A dama, de costas como estava, ergueu a cabeça á maneira da pessoa que ouvindo algum rumor, se põe á escuta. Desse gesto induziu o monteiro que a moça lhe prestava attenção.

— Urge que lhe falle, tornou o mancebo com um tom firme e resolutivo.

Rapida e subtil inflexão da fronte gentil respondeu a Giraldo, que insistiu ainda mais imperioso:



— E ha de ser hoje, nesta mesma tarde, antes que venha a noite.

Desta vez perpassou na frente da moça uma oscillação imperceptível, que lhe imprimira o assomo da recusa.

— E' preciso!

D. Beatriz curvou a cabeça; e disfarçando com os aprestos que recommendava ao cuidado das escravas, voltou-se para lançar ao mancebo um olhar de interrogação.

Erigindo o talhe, Giraldo alongou os olhos pela floresta, na direcção da gruta donde borbotava o arroio; e vendo no semblante da moça que ella o havia comprehendido, occupou-se de sua tarefa, como quem tinha agora mais que nunca pressa de acabal-a.

De genio affouto e character deecidido, que se havia aerisolado com a vida do sertão, e os perigos que a cercavam no meio de aventureiros sem lei, nem escrupulos; D. Beatriz de Siqueira, tendo consentido no emprazamento que della exigira o mancebo, não hesitou um instante na execução do seu designio uma vez tomado.

Entre as alfaias e trastes, que os escravos já tinham arrumado no aposento, havia uma bésta maneira, feita de rosa com tauxia de jacarandá, obra de primor, que bem mostrava te-la o artista destinado para as mãos assetinadas de uma dama.

Travando da arma, que mais parecia adorno em suas mãos, e atirando á espadua o careaz das flechas, encaminhou-se Beatriz para a floresta.

— Onde ides, Beatriz?

— A' caça, senhora mãe.

— Não é tarde?

— Torno já; é emquanto atiro áquelle macueo que me está chamando; disse a moça a rir.

— Leva a Rosaura contigo.

— Tambem eu vou; disse D. Leonor de Mendonça

As duas moças entraram na matta acompanhadas de escravas; mas Beatriz, adeantando-se em busea da caça, o mais agil em resvalar por entre a folhagem, que ella sabia afastar com a mesma graça que punha em rocegar suas roupagens de seda; breve desapareceu no mais vasto da floresta.

Apenas achou-se livre das companheiras, a moça orientou-se no meio da máttá, seguiu direita a linha que lhe traçára o



olhar de Giraldo e foi dar em um pequeno elaro, onde as copas frondosas formavam uma perfeita arcaria de folhagem sobre os columnates dos troneos seculares.

Ao penetrar nessa galeria selvatica, a moça retrahiu de subito o impulso da eorrida, e estaeou á borda da matta com um ligeiro arrepio que lhe estremeceu o talhe esbelto, e o olhar fito na ramagem fronteira.

Ali, entre o folhiço via-se uma serpente que curoseava-se toda em aneis cerrados. Pelo dorso negro, malhado de amarello, e pelo desmesurado comprimento do toro delgado, reconheceu a moça uma eaninana.

Beatriz sabia da ferocidade dessa cobra, tão audaz que arremette até contra o homem; por isso causou-lhe susto a sua vista inesperada.

Logo porém vibrou-lhe o busto airoso como si o eoração dentro se revoltasse contra o rapido desmaio; e promovendo o passo, armou de pronto a bésta com a sobraneeria e a confiança de um caçador

Mas luetava ella com um inimigo terrivel, e corria grave perigo naquelle instante.

Desenvolvendo o longo talhe, com a violenta retração das vertebraes, a serpente se lançou pelos ares e no arremesso cahiu a mais de uma braça de distancia, em pé, fincada sobre a cauda, com o collo em riste, a fauce, hiante.

D. Beatriz com a arma prestes e o olhar fixo, apontava o inimigo, mas no instante de desfechar o tiro, perpassou-lhe outra vez o mesmo ealafrio e tremeu-lhe a mão.

No entanto a eobra envolvendo como a rosca de uma mola de aço, para estiear-se logo com a mesma projecção, que pela instantanea rapidez tomava a apparencia do vôo, ehoofrou-se além, cahindo como da primeira vez hirta e vertical, como o ferro de um dardo.

Ahi estava ella a alguns passos apenas da presa, que ia attingir com o terceiro surto. Ainda mais rapida lançando o bote, silvando como a flecha, atravessou o espaço. A meio porém de ehoofre, abalara-se de repente, e estrebuehou no ehão.

Advertida pela primeira tentativa, Beatriz com o tiro pronto, esperou para desfechal-o, o momento em que a serpente se arrojasse; quando já não podia ella subtrahir-se á pontaria. E' sem duvida mais difficil acertar um objecto que atravessa com



velocidade o espaço do que o alvo fixo; mas a moça tinha confiança na sua destreza, pois muitas vezes se divertira em passar com a seta os araquás que ella propria atirava aos ares.

Não fahou ainda desta vez a sua boa mira. A seta, despedida a tempo, varou pela boea da eaninana eravando-lhe as fauces.

Deixando a eobra a estorcer-se nas vascas da agonia, Beatriz penetrou na galeria de verdura formada pelos dois renques de jequitibás; e estugou a marcha, afim de se desviar das companheiras, cuja garrulice já ella preebia entre os murmurios da floresta.

Não tinha porém andado tres passos, que um rumor suspeito ehamou-lhe a attenção. Voltando-se, lobrigou por entre a basta sebe de trepadeiras que estafava os troneos das grandes arvores, o vulto de um animal, que approximava-se de emboseada.

Tinha o animal com a corpulencia de um eão de fila, a configuração do gato. O pello de amarello vivo era rajado de grandes malhas negras e luzentes. No rosto ehatu ressumbrava-lhe a ferocidade do carnicheiro, nunea domado, que sómente se repasta no sangue.

A essa especie de gato montez davam os indigenas o nome de *maracajá*, que os primeiros sertanistas, praticos na lingua e nos eostumes tupys pelo eontinuo trato com os selvagens traduziram mui exaetamente por *gato malhado*.

Com as patas dianteiras espalmadas no galho da arvore, ao qual eneostava o peito, e os quadris já retrahidos para desferir o salto; rojava o maraeajá resvallando subtilmente entre as folhas.

JOSE' DE ALENCAR.



---

---

# CENTENARIO DA REVOLUÇÃO DE 1817

---

Discurso pronunciado pelo orador official, Dr.  
Oliveira Lima, na sessão solenne de 6 de Março de  
1917, no Theatro Santa Izabel, Recife.

Exmo. Sr. Governador do Estado,

Minhas Senhoras, Senhores:

Celebrando festivamente o primeiro centenario da revolução de 1817, o Estado de Pernambuco e os Estados vizinhos, em direcção ao norte, por onde ella se propagou, a saber Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, perdendo de intensidade á medida que se afastava do seu centro de impulsão, prestam adequada e merecida justiça aos que luctaram, soffreram e morreram pelo seu ideal politico, que foi um ideal de liberdade. Nem se pôde acoiçar de tardia essa justiça: os martyres de 1817 foram venerados desde o primeiro dia e os seus vultos crescendo sempre na tradição popular. O recuo de um seculo não é demasiado para dar a essas figuras as devidas proporções historicas, que entretanto as não privam do relevo adquirido.

O Estado de Pernambuco nomeadamente recorda e comemora por esta forma solemne a sua iniciativa pratica no movimento da Independencia Brasileira, cuja data auspiciosa o Brasil inteiro se dispõe a saudar dentro em pouco. Tal iniciativa assentava aliás perfeitamente a gente que no seculo XVII defendera com singular desassombro a soberania portugueza n'este hemispherio e lograra conservar intacta a integridade da nação que se estava formando atravez de variadas peripe-



cias, todas se cifrando na conquista, mediante a penetração pelos exploradores dos sertões, da immensidade territorial á qual já cabia o nome de Imperio antes que a esta denominação se recorresse para mostrar que o nosso paiz não constituia mais um reino pelo puro direito dynastico, mas uma nacionalidade regida por um governo de aclamação popular na sua forma monarchica e hereditaria.

Estaria a capitania que os democratas de 1817 pretendiam subtrahir á autoridade real e ao dominio lusitano, em condições de constituir um Estado independente e uma communi-  
dade republicana? A pergunta impõe-se; impunha-se desde logo, mas entretanto, só agora parece possível responder a ella, ou pelo menos esboçar uma opinião a respeito.

O padre João Ribeiro, a mais notavel e a mais tocante das personagens da revolução, teve a prompta intuição de que era pouco viavel a organização autonoma de tantas pequenas republicas. Ellas deviam formar constellação, ligar-se por laços politicos indissoluveis e consagrar essa união erigindo uma capital geographicamente central.

┌ O historiador da revolução, o mosenhor Muniz Tavares, cujo trabalho o Instituto Archeologico acaba de mui opportunamente reeditar, duvida mesmo, apesar dos seus sentimentos acendradamente democraticos, que a experiencia fosse feliz, julgando-a antes temporã. Elle não só chama a attenção, com agudo senso sociologico, para o perigo de transplantarem-se instituições estrangeiras sem levar em conta o espirito local que poderá achar-se ou não em situação capaz de perfilhal-as, e rende homenagem insuspeita á bondade do monarcha que viera erguer seu throno sob o céu dos tropicos, como declara concordar com o martyr José Luiz de Mendonça em que a mudança instantanea da escravidão á liberdade representa um salto mortal. Seria aliás possível conceber uma democracia associada á instituição servil? A democracia americana tentou semelhante consorcio, por uma manifesta contradicção em virtude da qual o Sul conservava toda a gente de côr na escravidão ou no aviltamento, quando a Declaração da



José Luiz de Mendonça

Independencia, bebida por Thomas Jefferson na philosophia franceza do seculo XVIII, proclamára que todos os homens tinham sido creados iguaes.

Um historiador americano escreve porém que os seus patricios d'aquelle tempo nem eram todos iguaes, nem o queriam ser. Os nossos revolucionarios quereriam bem sel-o, mas não ousavam, medindo suas responsabilidades do momento. Elles acreditavam que o governo cabia aos eapazes antes do que aos ricos e á gente bem nascida, e no intimo de suas almas tanta repugnancia havia á propriedade do ser humano que o consul de S. M. Britannica escrevia officialmente, a 12 de Março, que estava assente a abolição do trafico negreiro (*it is giventhat the slave trade is to be abolished*).

O conceito expresso por José Luiz de Mendonça sobre o perigo de uma brusca transição politica podia tão pouco ser refutado pelos argumentos da razão, que Domingos José Martins quiz, para combater<sup>1</sup>-o, recorrer á violencia, recurso de que de ordinario lançam mão pceisamente os que não teem razão.



Em todo o movimento politico se de-Domingos José Martins senham estas duas correntes — a dos moderados e a dos exaltados; em toda revolução se contrapõem os audazes aos timoratos. José Luiz de Mendonça era destes. Domingos José Martins pertencia ao numero d'aquelles, que são habitualmente os que levam a melhor. Os jacobinos da Revolução Franceza destruíram os girondinos — Lamartine narrou esta pathetica historia em termos que fizeram o deleite das nossas leituras juvenis; os convencionaes sobrepuzaram-se aos constitucionaes pelo processo radical da eliminação até que, tiveram de dobrar a cérviz sob a ferrea mão de um general, que era ao mesmo tempo um estadista e restituiu á França deliquescente a reorganisação vigorosa de que ella carecia.

Entre nós a violencia não ehcou na pratica a substituir a brandura: não tivemos um systema de terror. Eram revolucionarios um tanto originaes esses, que conservaram nos seus postos os funcionarios publicos do regimem colonial; que não se deram ao luxo de fuzilar, nem enforcar adversario algum; que

respeitaram escrupulosamente os cofres do Estado, deixando-os intactos aos inimigos, tendo os membros do governo começado por declarar que abriam mão de todo vencimento. Não ha duvida que tal governo provisorio peccava pela excentricidade!

A insurreição de 6 de Março, que tem sido tratada de imprevista mas que na verdade o não foi, pois que a antecedeu longo preparo no seio de sociedades secretas, viu-se levada de venciada e apagada sua modalidade republicana, não tanto porque faltasse ao povo — como de facto faltava — educação para comprehendel-a e defendel-a conscientemente, como porque provaram ser fracos os recursos proprios com que se afoitaram seus dirigentes e provou ser grande o desamparo que se lhes deparou de fóra. Faltaram-lhe os que, dentro mesmo do paiz, se achavam eompromettidos n'uma solidariedade que se esfarelou quando se mallogrou o levante concertado, e faltaram-lhe os que no estrangeiro, melhor dito, no resto da America, andavam pelejando por identicos anhelos ou já os tinham realisado.



Brigadeiro M. J. Barbosa  
de Castro

Se não havia ainda no Brasil um sentimento nacional, que só annos depois aprenderia a formar-se, não admira que não existisse a garantil-o um sentimento continental. Pouco importa, entretanto, para a celebração do grande aeontecimento historico — o maior no seu genero dos fastos brasileiros — a circumstaneia da republica não ha-

ver então vingado, ou mesmo, que não estivesse em gráo de vingar. O gesto foi bello, e já houve quem dissesse que o gesto é tudo. Nem careceria n'este easo que assim fosse.

O movimento de 1817 continha mais do que um gesto: tinha em si a essencia dos movimentos regeneradores. Paixões de certo as encerrava, visto que a paixão e o interesse são inseparaveis das creações humanas, mas purifica-o d'estas faltas a rajada de idealismo que o sacudiu. Elementos antagonicos ehocearam-se n'essa oceasião: as forças conservadoras e as forças liberaes pugnaram entre si e naturalmente acusaram-se de sombrios intentos.

Na verdade, nem as listas de proscriptos que o capitão general encheu, ao tocar o seu auge a conspiração a que elle fechára os olhos por longanimidade e de calculo, eram vastas como o quizeram fazer erer as proclamações dos rebeldes, nem estes, ao pegarem em armas, se mostraram movidos pelo odio que se não sacia com pouco sangue, e apenas pelo vivissimo desejo de converterem n'uma realidade o seu sonho de governo autonomo e responsavel exercido em nome da soberania popular.

A mudança que quasi podemos capitular de evolutiva, da capitania dependente para Estado independente, custou muito menos vida e sobretudo muito menos barbaridades do que teem custado em tempos recentes simples substituições de governadores, e com uma transformação total do regimen, de absoluto para democratico, sangrou menos o organismo provincial do que com uma derrubada de oligarchia com raizes á flôr de terra.

E' difficil saber exactamente quantas vietimas causou o 6 de Março. Nunea se chega a apurar essas cousas. O calculo orça entre 16 e pouco mais de meio cento. A legação ingleza podia mandar dizer para Londres com justiça, conforme consta da sua correspondencia, que a revolução proeedera com a maior moderação e compostura, poderia até ter aceresentado com a maior honestidade e clemencia. Este será aliás o seu titulo maximo e perenne de gloria.

Devemos á equidade ajuntar que tampouco existia deliberada e cruel tyrannia, por mais deshumana que possa depois ter sido a repressão brutal e descaroavel. As faltas, os atrazos, os abusos, as prepotencias mesmo que se notavam, eram o fructo da autoridade exercida sem o contrapeso ou antes o freio da sancção popular. Escusado é portanto procurar odios irreconciliaveis que não lavraram porque não ousou qualificar de taes, antipathias por mais alvoraçadas que chegassem a ser, entre gente da terra e gente de fóra, entre o elemento nacional que se aprestava a reivindicar seus direitos de maioridade, e o elemento europeu, quer dizer portuguez, que pretendia conservar o outro



Gervasio Pires Ferreira

numa dependencia que este julgava prejudicial, sob uma tutela considerada humilhante.

A revolução de 1817 foi, bem examinada, muito mais do que um movimento local: Foi um movimento nacional. Geographicamente circumscripta, amplia-se sociologicamente. Nacional era o seu pessoal: promoveram-na e ampararam-na os factores da intelligencia, da actividade e da riqueza do reino brasileiro — padres, officiaes e agricultores. Combateram-na e venceram-na factores tambem de riquezas, de actividade e de intelligencia — commerciantes, generaes e magistrados — mas todos estes impregnados de um espirito que já era estranho ao corpo que pretendia animar, um espirito de exclusivismo, de predominio e consequentemente de compressão.

As crueldades da reacção, que por longo tempo eivaram de resentimento o eoração pernambucano, foram a manifestação do desespero da causa para sempre batida, de cujo fim se suspeitava e que por isso mesmo se apegava á ultima taboa de salvação, que é sempre a do exterminio. Os homens são assim feitos que se persuadem que levam a melhor quando calcam o adversario aos pés; pelo contrario, muito mais proveito derivariam de congraçar-se com elle e de juntos cooperarem para a felicidade humana.

Se a revolução tivesse vingado e houvesse estabelecido um governó permanente, os interesses conservadores ter-se-iam deslocado e passado a celebrar novos accordos: assim os agricultores eram pela manutenção da escravidão, que aos idealistas logicamente repugnava. O padre João Ribeiro, como José Bonifacio, achava iniqua e immoral a instituição servil; mas a creença geral era que a exploração do sólo dependia absolutamente do trabalho escravo, e que a abolição seria a ruina economica do Brasil. A revolução contemporizou; nem espanta que assim houvesse procedido, porquanto agir diversamente seria cavar desde logo sua ruina.



C. Pinto de Miranda  
Montenegro

Quanto deveria isso ter custado ao padre João Ribeiro, não

teve elle desgraçadamente tempo de nol-o deixar dito; mas podemos imaginal-o com precisão porque no seu cerebro se aninhára, abrija as azas e voejava uma só idéa — a idéa do progresso humano indefinido, eom que sonhava Condoreet. Illuminado, chamou ao nosso patricio o observador francez a quem devemos, por um feliz acaso, que o fez estacionar entre nós no anno de 1817, a chronica vivida do movimento que estamos recordando. Vidente, elle na verdade o foi e o futuro apenas poderá dizer quanto havia de previsão e acerto nos seus devaneios philosophicos, em que a grandeza da patria se combinava com o bem estar individual dos que a compõem.

A igualdade estava bastante nos habitos, mas não estava ainda nos espiritos ou por outra a igualdade appareia como o resultado natural da fusão das raças, a que o colonizador portuguez se entregára com tanto amor quanta repugnancia ou hypocrisia nisso punha o colonizador saxão. Que igualdade mais completa do que a de formar descendencia de todas as côres! Completal-a nos codigos; tornal-a civil e politicamente perfeita, seria apenas o seguimento de uma tarefa muito bem iniciada.

A republica de 1817 foi coherente nos seus methodos instituindo o *vós*; não se atreveu porém a ir até o *tu* da Revolução Franceza. As formulas cerimoniaes da linguagem portugueza repelliram transição tão brusca, e as excellencias e senhorias voltaram a prosperar sob este eúu ameno, tão favoravel á sua pujança. O genio do nosso idioma ficou sem esse desvio e os classicos podem decididamente dormir em paz, que a republica de 1889 fez todos cidadãos sem os obrigar a intimidades de tratamento.

Havia de resto um que de convencional, de artificial n'essas adaptações de formulas estrangeiras que tão mal condiziam com as tradições nacionaes: de formulas e tambem de instituições. E' verdade que se se fosse a respeitar religiosamente as tradições, nunca se alteraria cousa alguma, e a condição do progresso não é por certo a immobibilidade. Os homens de 1817 só não queriam eaminhar com demasiada precipitação. Nutriam-se elles pela maior parte de theorias, mas queriam conceder algum tempo á sua applicação, á sua transformação pratica. Por isso sua obra de algumas semanas pouco poude ultrapassar a phase negativa: o que houve de positivo quasi que não passou da

preocupação primordial da defesa. A organização constitucional mal podia verificar-se em plena agitação militar, a qual teria por termo a innocua dictadura de Domingos Theotônio, após dissolver-se a pentarchia em que Domingos José Martins foi o espirito da acção, a mola real, o padre João Ribeiro o fanal projectando sua concepção democratica sobre a marcha a seguir, e Corrêa de Araujo o elemento resignado, antes passivo, que em todas as revoluções forma a massa fluctuante, prompta sempre a saudar a reacção.

Houve contudo um esboço de organização politica, baseada na liberdade de cada cidadão: pôde assim dizer-se que houve um ensaio de democracia, a qual presuppõe tal liberdade. Esta doutrinariamente chegou a estender-se ao negro: não se limitou ao branco. Uma das proclamações do governo provisório ousava affirmar que a suspeita de abolicionismo era uma suspeita que honrava esse governo, o qual não queria enganar pessoa alguma e não trepidava em descobrir que o coração se lhe sangrava ao ver tão longinqua uma epocha tão interessante. Não a queria porém prepostera — estou repetindo suas palavras —, e por mais horror que lhe inspirasse o cancro da escravidão — uma locução que o abolicionismo retomou dezenas de annos depois —, como o seu senso politico lhe aconselhava prudencia e habilidade, a junta patriótica de 1817 traçou ao Brasil futuro o programma da emancipação “lenta, regular e legal”.

Foi assim que o Brasil imperial a comprehendeu e a praticou, dando ao mundo um exemplo de tino administrativo. A republica de 1817 foi entretanto quem indicou o caminho, e no dizer do seu chronista Muniz Tavares, bastaria esse seu acto para fazer-lhe perdoar seus erros. Quantos são realmente os governos que como esse, na expressão do referido historiador. “não se valeu de subterfugios no annuncio da verdade?”



Muniz Tavares

Conspirava aliás contra a liberdade dos brancos o status politico existente, já porque o orientava a idéa então commum de autoocracia, já porque uma fracção da comunidade se considerava privilegiada com relação á outra, que era a que, oriunda do Velho Mundo, su-

jeitára o Mundo Novo, e deste fizera campo de exploração, julgando-se com mais direitos, com títulos aos proventos e ás posições superiores aos dos que tinham visto a luz nesse meio assenhoreado.

A rivalidade entre filhos da metropole e filhos da colonia, que é o remate usual desses prolongamentos de nacionalidade, tornava cem vezes mais pezadas as contribuições a satisfazer e leva os motivos economicos a figurarem entre as causas da revolução. Não foram comtudo os decisivos, porque só os motivos moraes são capazes de fornecer pasto ao sacrificio. A fome pôde ser conselheira de levante, mas não é inspiradora de martyrio. O despota venezuelano Castro, com quem tive o prazer de tratar, opinava até que convinha manter o povo indigente, porque os esfomeados não possuem fibra para revoltar-se, ou pelo menos para sustentar uma revolução.

Nós estamos acostumados a pensar litterariamente de modo diverso, que o desespero da fome não conhece obstaculo, mas ha que tomar em consideração opiniões de um especialista e acatar-lhe a theoria.

Se não foram as causas economicas as predominantes, foram-no então as moraes, e de facto o ensaio geral de autonomia que o paiz estava tendo dera-lhe, juntamente com a tendencia geral das idéas politicas e com o exemplo dos Estados Unidos, a consciencia da sua independencia. O governo de Dom João VI apparelhára o Brasil para a vida publica na modalidade nacional: a republica completaria condignamente essa obra — assim pensavam os que conspiravam e tramavam a libertação. O progresso humano é feito de forma que todos cooperam para elle, voluntaria ou instinctivamente, e até contra a vontade.

Este resultado é seguro: a terminologia politica pouco faz ao caso, comtanto que o governo seja representativo no nome. As eleições, sem base popular, se tivessem sido introduzidas em 1817 — o que era fatal, se a revolução houvesse vingado



A bandeira da Republica

— seriam as mesmas que foram posteriormente, com o intervallo

da experiencia honesta da eleição directa, e que continuam pela maior parte a ser, indifferentes ao regimen, seja elle monarchico ou republicano.

A revolução de 1817 foi a obra de uma minoria de certo: todos os movimentos d'essa natureza o são. Mas na minoria em questão figuravam em largas proporções o elemento especulativo e o elemento activo. A revolução que celebramos não se pode talvez dizer que fosse levada a cabo pelo clero e pelo exercito; foi porém uma revolução de padres e de officiaes seduzidos por uma miragem.

E' sempre possivel encontrar em todo levantamento motivos de interesse pessoal, a serem contados entre as razões do estomago; mas as razões do cerebro ou porventura do coração foram sem duvida ahí mais poderosas e mais efficazes. Questões de patentes e de dizimos poderiam contribuir, mas nunca seriam bastantes para levar tantas pessoas a jogarem suas vidas. Seu influxo foi deveras diminuto, e o contagio que se estabeleceu foi o contagio da liberdade, que é o que torna este movimento altamente suggestivo e o fará sempre relembrar com desvanecimento pela terra que lhe serviu de theatro.

Os que o dirigiram comprehendiam e mediam todo seu alcance, apesar de em parte obedecerem a instinctos menos generosos, taes como os produzidos pelo resentimento. Na verdade mais o impellia a feição idéal do que a feição positiva. Aquelles dirigentes eram sem excepção sonhadores de uma democracia sem jaça: militares, civis e religiosos, algumas dezenas de padres e frades de vida pouco canonica, esquecidos do celibato, afeitos aos conchegos de familia, dividindo entre Maria e a patria o seu ardor espiritual. O encarregado de negocios da França, que era um reaccionario bourbonico, trata n'um dos seus officios o padre Roma de *scelerado*, por ter filhos: a expressão é forte e não a merecem absolutamente sacerdotes que não esqueciam em todo caso os preceitos evangelicos e praticavam a caridade, dando o exemplo da sobriedade, da cordura e da abnegação.

Não é mister ser mui velho para se ter conhecido exemplares d'essa raça de clerigos politicos, cuja fama se extendera mesmo além mar, pois que a proposito de um d'elles, letrado de reputação, me perguntou um dia, assustado, o grande folheti-



nista portuguez Julio Cesar Machado, se realmente o padre fôra, como lhe tinham contado, bandido. Respon-di-lhe que não, a menos que lhe podesse valer tal designação sua participação activa em luctas politicas, no decorrer de uma das quaes corria o rumor que o albudido sacerdote fôra visto abandonando a galope de cavallo uma villa saqueada e earregando na garupa uma moça que raptára. Julio Cesar Machado concordou eomigo que fur-tar moça não constituia requisito bastante para se ser bandido.



Casa do Erario publico

A revolução de 1817 mostrou duas cousas ainda: a vaidade, que pelo tempo adiante se tornaria quasi morbida, dos inex-gottaveis recursos brasileiros, para ntilizar os quaes é entretanto preciso muito esforço e muito trabalho — os chefes do movimento proclamavam, como os do Risorgimento italiano, que o Brasil *fara da sé* — e certo espirito de organização civil que não teve infelizmente tempo para accentuar-se, mas que aflo-rou de dentro da insurreição militar com a representação das classes na junta, de um modo promettedor para o futuro da administração autonoma que, sob a Regencia e o Imperio, afas-tou a preponderancia que o 7 de Abril — não tanto o 7 de Setembro — tinha dado ao elemento militar no governo.

Caracterizou além d'isso o movimento um escrupulo, per-funhou-o uma honestidade que nem sempre depois distinguio a gestão dos negocios publicos. Os membros do governo provisório logo de começo declararam, conforme vimos, que não reeeberiam venimentos: bastava-lhes a consciencia do dever civico, cum-prido por isso mesmo com tanto maior ufania.

A democracia não era para elles uma palavra vã — mesmo porque democracia não quer dizer o governo da plebe (este é demagogia) e sim o governo para o povo e pelo povo, a saber, dos que o representam e o guiam.

Juntamente com essa proibidade, os homens de 1817 foram notaveis pela tolerancia, tambem nem sempre posteriormente praticada. Elles proprios foram as victimas interessantes e las-timaveis de crudelissima repressão. Mal mereciam todavia al-

guns d'elles, que neste antigo Campo do Erario, depois Campo da Honra e hoje Praça da Republica — onde se ergue o theatro em que nos reunimos para festejar-lhe a obra immorredora evocando suas figuras patheticas — seus corpos se tivessem balouçado na forea antes de serem mutilados e arrastados a cauda de cavallo para a valla dos suppliciaados.

O Brasil não conta caracteres mais elevados nem espiritos mais attrahentes: a humanidade não conta martyres mais dignos de piedade e de veneração. Seu sangue generoso cimentou nossas tradições, ás quaes a lucta contra os hollandezes outorgára fóros de reivindicacão patriótica, e deu-lhes uma consistencia e uma vibração que não mais se poderão extinguir.

A reacção immediata foi assigualada por uma dureza, uma selvageria, um delirio de punição, que não mereceriam indulgencia se o tempo se não enecaregasse de abrandar todos os sentimentos e ainda mais os de odio que os de admiracão. Quem hoje verbera as ambições de Cesar quanto as de Napoleão? Quem hoje abomina as crueldades de Nero quanto as de Luiz do Rego, com quem os patriotas costumavam comparal-o? Nero poderia vir passear entre nós que apenas causaria sensação pelo seu monoculo de esmeralda, ao passo que Luiz do Rego não andaria muito seguro de não enecontrar um novo João Souto Mayor.

A indulgencia ha de porém vir para os algozes de 1817, d'essa revolução quasi unica na historia que, no dizer do mais philosopho dos nossos historiadores da actualidade, o sr. João Ribeiro, não concedeu lugar conspieuo a nenhum desacreditado, não tendo contado um só dirigente que mentisse ás suas convieções por baixo interesse ou que infamasse o seu nome por sordida conveniencia — revolução em que as ambições foram quasi nenhuma e o amor da patria foi quasi tudo.

Responsabilisar-se-á então a epocha e suas ruins paixões para desculpar um tanto aquelles que n'um dadô momento encarnaram as peores d'entre estas. Se seus crimes não sahirem justificados da prova, fiarão pelo menos attenuados. O que ha de entretanto ir sempre cresecendo é a nossa veneração pelos martyres de ha um seculo, o culto d'esses apostolos do amor da patria, cuja memoria viverá para sempre em Pernambueo e em todo o Brasil pela elevação moral de que elles deram mostra

na adversidade. Suas phrases lapidares na occasião do supplicio — sejam taes phrases rigorosamente authenticas ou tivessem sido sujeitas a um arranjo posthumo que lhes não altera a substancia — constituirão versiculos de um evangelho de liberdade e de paz — evangelho ensopado no seu sangue, sangue derramado, não n'uma lueta ingloria por primazias de poder, mas n'uma lueta fecunda pelo triumpho da dignidade humana, por tudo quanto enobreece o cidadão e o torna, apto para a vida n'uma democraeia.

Familia e terra natal eram as duas grandes preoccupações d'aquelles espiritos de poucos refolhos e muita sinceridade. O mais calculista d'elles, Domingos José Martins, horas antes de marchar para a execução, compunha no carcere estes versos, que dão toda a psychologia da geração heroica de 1817:

— Meus ternos pensamentos, que sagrados  
Me fostes quasi a par da liberdade!  
Em vós não tem poder a iniquidade:  
A' esposa voai, narraí meus fados!

Dizei-lhe que nos transe apertados,  
Ao passar d'esta vida á eternidade,  
Elia n'alma reinava na metade  
E com a Patria partia-lhe os cuidados.

A Patria foi o meu numem primeiro,  
A esposa depois o mais querido  
Objecto de desvelo verdadeiro;

E na morte, entre ambas repartido,  
Será de uma o suspiro derradeiro,  
Será de outra o ultimo gemido.

Pernambuco.

OLIVEIRA LIMA.

## DOMINGOS JORGE VELHO

Excepto o contracto entre Domingos Jorge Velho e João da Cunha Souto-Maior, governador da capitania de Pernambuco, celebrado a 3 de março de 1687, ratificado pelo marquez de Montebello a 3 de setembro de 1691 e confirmado por alvará regio de 7 de abril de 1692 (*in* "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXVII, p. 1., 19-24), para o exterminio da Troya Negra levantada nos Palmares e que só veio a cair em 14 de maio de 1695, — não ha documentos authenticos que certifiquem e permitam avaliar os serviços prestados por aquelle celebre paulista na conquista e povoamento das terras septentrionaes do Brasil, especialmente dos sertões do Piauhy e da Paralyba.

Quantos mourejam nesta vasta seara das nossas tradições nada mais têm feito, até agora, que repetir, no tocante ao famoso caudilho de mamelucos, as asserções vagas, de todo desajudadas de provas e por vezes incongruentes, dos chronistas e linhagistas de antanho.

Em meu trabalho apresentado ao 1.º Congresso de Historia Nacional, "Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII" (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915), aventurei a hypothese de que tenha tido papel proeminente, no assenhoreamento do sector septentrional da zona da pecuaria, um filho homonymo do companheiro de Calabar e Glimmer na entrada de 1628 ou 1629 a Itabaiana, Francisco Dias d'Avila, herdeiro opulento da casa da Torre, posseira do maior latifundio que houve em todo o Brasil, ás duas margens do mais extenso curso de agua exclusivamente nosso. Abalancei-me a crêr que o rico proprietario houvesse convidado a Domingos Jorge Velho (provavelmente quando este, á frente do seu bando, andava em montaria aos selvicolas do *hinterland* bahiense) para, de paree-



ria com Domingos Affonso, reudeiro da casa da Torre, expurgar de índios bravios as uberes pastagens de além-S. Francisco, onde propositava montar, com Bernardo Pereira Gago, Julião Affonso Serra e aquelle seu predito aggregado, varias estancias de ereação.

Mas, ante a absoluta escassez de elementos probantes, taes supposições não se convertiam em factos indiscutíveis, em realidades inecontroversas.

Dentre escriptores modernos, dedicados a estes assumptos historicos, houve quem contestasse a Domingos Jorge Velho qualquer participacão na tomada do Piauhy aos gentios (vide J. M. Pereira de Alencastro "Memoria Chronologica, Historica e Chorographica da Provincia do Piauhy" in "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XX, 5), e nada se tem assentado de positivo quanto ás incursões contra os autochtones por parte daquelle audaz bandeirante na ourela occidental da Parahyba.

Ora, continuando as minhas pesquisas no Archivo Nacional, — em desempenho do arduo, mas honroso encargo que me foi commettido pelo governo do Estado de S. Paulo, — tive a fortuna de deseobrir um curioso e importantissimo documento, á luz do qual se deseortina, emfim, uma parte da assombrosa actividade de Domingos Jorge Velho na conquista da região norte-central do Brasil.

Tal peça historica escapou até hoje a outros investigadores, certamente porque estes, em geral, não ligam a devida consideração ás patentes e provisões relativas a postos militares e a cargos administrativos ou serventias judiciaes, buscando de preferencia as cartas régias, as leis, os decretos.

O documento que tive a felicidade de encontrar é uma patente pela qual d. Catharina (viuva de Carlos II de Inglaterra, e, conforme Julio Dantas, quem introduziu alli o uso do chá), regente de Portugal no impedimento de seu irmão d. Pedro II, concedeu a Mamel Gonçalves Ferreira, em 28 de março de 1705, o posto de capitão da capitania de N. S. da Conceição de Itanhaem.

O original donde o extrahi (t. XV da collecção "Governadores do Rio de Janeiro", fls. 173) apresentava lacunas deploraveis. Mas, graças á gentileza do meu preclaro amigo e mestre Capistrano de Abreu, — que, attribuindo grande valor á mencio-

nada peça historica, obteve do sr. J. Inacio de Azevedo uma cópia da mesma patente, registada nos códices da Torre do Tombo, — acha-se o precioso documento agora completo e capaz de proporecionar aos cultores do nosso glorioso passado a mais proveitosa lição.

Deduz-se d'elle, com effeito, que o mestre-de-campo Domingos Jorge Velho (de quem o sobredito Manuel Gonçalves Ferreira foi auxiliar em tal expedição), tendo estado primeiramente na região do rio das Piranhas, andou pelo menos durante tres annos e meio, e isto presnmivelmente antes de 1684, fazendo guerra ao gentio barbaro que hostilizava os moradores do sertão parahybano, e que, em tal campanha, derrotou as tribus dos *icós* e *sucurús*, além de outras.

A referida patente vem assim confirmar em grande parte a hypothese aventada pelo padre Heliodoro Pires, no seu recentissimo opuseulo “Padre-mestre Ignacio Rolim” (tão exaggeradamente amavel nos encomios com que me gratificou), onde attribue a Domingos Jorge Velho, a partir de 1675, uma linha de penetração Piauhy — rio do Peixe—Formiga—Piancó, que póde agora ser modificada, substituindo-se o nome do affluente pelo do curso de agua tronco, restando, todavia, a demonstrar que o intrepido bandeirante houvesse terminado a sua longa arrancada em Piancó, isto é, no mesmo ponto para que tinham convergido Theodosio de Oliveira Ledo e Manuel de Araujo, o benemerito pacificador da “Confederação dos Carirys”, mediante o chamado tratado da “Pluma” ou do “Bastão”.

E' bem provavel que o afamado sertanista de S. Paulo tivesse sido o primeiro officialmente encarregado de bater os incolos bravios daquella zona septentrional do Brasil, onde teve por successores a Mathias Cardoso de Almeida e Manuel Alvares de Moraes Navarro (sobre este ultimo acaba de ser publicado, na “Revista do Instituto Historico do Ceará”, um substancioso estudo, fartamente documentado, devido ao meu venerando amigo sr. barão de Studart, um dos mais competentes e infatigaveis obreiros da Historia Patria, estudo onde é com excessiva benevolencia citado o meu obscuro nome e que confirma algumas presnmpções por mim exaradas, na “Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII”, a proposito da actividade dos paulistas na região da pecuaria colonial).



Para não retardar por mais tempo a publicação do valiosissimo documento, — que consta de uma das collectaneas já por mim entregues ao governo do Estado de S. Paulo, — offerço-o ás paginas da brilhante “Revista do Brasil”, tal qual o colhi do Archivo Nacional, mas com as lacunas prebenschidas mercê da inestimavel contribuição que devo e agradeço ao egregio e doutissimo Capistrano de Abreu.

Em-o:

“D. Catherina por graça de D.<sup>s</sup> Rayuha de Inglaterra Escocia França e Irlanda Infanta de Portugal como Regente destes Reynos no impedim<sup>to</sup> de meu Irmão S.<sup>r</sup> Rey D. P.<sup>o</sup> por graça de D.<sup>s</sup> Rey de Portugal e dos Al.<sup>es</sup> daquem e dalem mar em Africa S.<sup>r</sup> de Guinê, e da conq<sup>ta</sup> navegação e comercio de Ethiopia Arabia Percia e da India &.<sup>n</sup> Faço saber aos que esta minha earta patente virem que por o Conde da Ilha do Principe como Donatario da Capitania de N. S.<sup>a</sup> da Conceição de Tinhaem me haver proposto para Cap.<sup>m</sup> dela tres sogeitos tendo eu consideração aos serviços de M.<sup>el</sup> Gonçalves Ferreira obrados por tres annos emeyo aeompanhando ao M.<sup>e</sup> de campo D.<sup>os</sup> Jorge Velho quando veyo das Piranhas a fazer guerra ao gentio barbaro pelas grandes hostilidades que fazião aos moradores em q’ se derrotaraõ as nações dos hyeos (*icós*) e sacurus (*sucurús*) e outras mais occupando posto de ajudante do Capm. M.<sup>el</sup> Alvs. Carneiro sem dispendio algum de minha fazenda penetrando aquelles sertões nas ocações que se lhe ordenaraõ, e pagando ao Maranhão em comp.<sup>a</sup> de hua escolta de soldados e indios que vieraõ ao descobrim<sup>to</sup> do caminho do Brazil, ser provido pelo Gov.<sup>or</sup> do d.<sup>o</sup> Estado do Maranhão no posto de Cap.<sup>m</sup> da tropa que tornon a mandar ao mesmo descobrim<sup>to</sup> no anno de 684 em que se gastaraõ quatro mezes padecendo as inclemencias do tempo com grande risco de vida fazendo grande falta as suas fazendas, em 695 tornar por ordem do Gov.<sup>or</sup> G.<sup>al</sup> D. Joaõ de Lancastro ao mesmo efeito para explorar outro caminho mais breve, o que fez abrindo outro eaminho e rompendo matos fazendo asento de toda a jornada, e o roteiro necessario, gastando nella quinze mezes por ser mais de 300 legoas com gr.<sup>de</sup> risco em rezaõ dos Rios que se pagavaõ e gentio barbaro que habitava aquelles certões, e por esperar delle que da mesma maneira se hauerã daqui em diante em tudo o de que for encarregado do

meu seruiço eonforme a confiança que faço da sua peçoa. Hey por bem e me praz de o nomear e prover (como pela prez<sup>te</sup> o pro-vo e nomeyo) por Cap.<sup>m</sup> da dita Capitania de N. S.<sup>a</sup> da Conceição de Tinhaem para que sirva o dito cargo por tempo de tres annos, asim e da mesma maneira que o fizeraõ seus antecessores, com o que hauerã o ordenado que lhe tocar e gozara de todas as honras privilegios liberdades izenções e franquezas que em rezaõ do dito posto lhe pertencerem. Pelo que mando ao meu Gov<sup>or</sup> e Cap.<sup>m</sup> G<sup>al</sup> do Estado do Brazil lhe faça dar poçe do dito posto, e lho deiche servir e exercitar pelo dito tempo de tres annos na forma das doações do dito Donatario, e o dito M<sup>el</sup> Glz' Ferreira jurarã na minha Chancelaria na forma costumada de que se farã asento nas costas desta carta patente, q' por firmeza de tudo lhe mandei paçar por mim assignada e selada com o selo gr<sup>de</sup> de minhas Armas, e pagou de novo direito vinte mil reis que se carregaraõ ao Thezr.<sup>o</sup> Fran<sup>co</sup> Sarm<sup>to</sup> Pita a f. 28. cujo conheçim<sup>to</sup> em forma se registou no registo g<sup>al</sup> a f. 225, e antes que o dito M<sup>el</sup> Gonçalves Ferreira entre na dita Capitania me farã por ella preito e omenagem nas mãos do dito meu Gov<sup>or</sup> G<sup>al</sup> do Estado do Brazil segundo uzo e costume destes Reynos de que apresentará eertidaõ do Secretario daquelle Estado. Dada na Cid.<sup>o</sup> de Lix.<sup>a</sup> aos 28 dias do mez de Março. Manoel Gomes da Silva a fez. Anno do nascimento de Nosso S.<sup>r</sup> Jezus Christo de 1705 O Secretr.<sup>o</sup> Andre Lopes de Laure a fez escreuer. — RAYNHIA — Cumprace como SMag<sup>de</sup> q' D.<sup>s</sup> Guarde manda, e registeçe nos l<sup>os</sup> (*livros*) a que tocar. Rio 7 de Janeiro de 1706. — *D. Fern<sup>do</sup> Miz' M<sup>as</sup> de Lancastrô*''.

Rio de Janeiro.

BASILIO DE MAGALHAES



---

---

# POESIA

---

## PRIMEIRA RECUSA

*Foi um gesto, não mais que um gesto, e fiz-te  
Córar, e como já te não bastasse  
A onda de sangue que te veio á face,  
De uma fôrma brutal me repelliste.*

*Genio impulsivo, nem sequer previste  
Qual seria depois o desenlace,  
Pois pouco se te dava que eu ficasse  
Por tão justa razão maguado ou triste.*

*Fiquei. Mas já passou. Não resta nada.  
Não te ralho sequer nem te magôo,  
Para que me não fujas, assustada;*

*Antes me ponho a rir e te perdôo,  
Ave gentil, apenas emplumada,  
Que em vão reccias o primeiro vôo ...*



## ATRAVÉS DA SAUDADE

*Qual antes fôra, é o mesmo em cada traço,  
Guarda a mesma feição o logarejo:  
Olha lá baixo a varzea e o sertanejo  
Arrastando uma rez atada ao laço.*

*Soffremos por aqui nosso desejo,  
Gosando-lhe o tormento a cada passo;  
Deste-me aqui o teu primeiro abraço,  
E mais tarde, a chorar, o ultimo beijo.*

*A viella, a fonte, o céu, tudo o que existe  
Como antes, tudo o que, com tal cuidado,  
Canto por canto examinaste e viste,*

*Se achas que está de maguas saturado  
E o euidas triste, é porque tudo é triste  
Pelo prisma das lagrimas olhado.*

## RESUMOS

*Amo a noite sem astros e sem lumes,  
Pois nella envolto e só, penso e medito;  
Do alto da vaga a debruçar-se, afflieto,  
Amo o mar com seus éstos e queixumes.*

*Num gesto só das tuas mãos resumes  
Dê um, o immenso clamor, de outra, o infinito:  
Um, com seus vagalhões sempre em conflicto,  
Outra, com a vastidão dos seus negrumes.*

*Do mar resumes o rumor das sévas  
Ondas roncando em concavos escolhos  
Nas mãos que em concha ao meu ouvido levas;*

*Mostras-me a noite quieta e sem reçoelhos,  
Toda cheia de sombras e de trevas,  
Se vens com tuas mãos tapar-me os olhos.*



## CORAÇÃO CALMO

*Disse-me ella que lera (não sabia  
Onde nem quando) que, por mais euidado  
Que se tenha em trazer o amor guardado,  
Batendo, o coração logo o annuncia.*

*Disse, e, attenta, auseultando o esquerdo lado  
Do meu peito, observou, naquelle dia,  
Que, regular, o coração batia,  
Nem mais forte, nem menos apressado.*

*A tudo alheio, indifferente ás penas,  
Na area funda do peito, onde o domino,  
Suas paneadas lentas e serenas,*

*Sem precipitações nem desatino,  
Calmo batia o coração, apenas  
Por dever de bater, que é seu destino.*

## LOUCURA DOS SENTIDOS

*Em tudo aqui — tal é meu desvario!  
No leito, nos lençóes, no cortinado,  
Inda sinto o perfume evaporado  
E o calor do teu corpo alvo e macio.*

*Vejo-te sempre em meu torpor doentio,  
E julgo — tanto amor tenho ao peccado! —  
Que o logar que occupavas ao meu lado  
Desde então nunca mais fieou vasio.*

*E inda hoje, desse amado corpo ausente  
Buseo, á noite, ao deitar-me, o doce abrigo,  
O conforto sem par, gostoso e quente;*

*E nesse esforço de visão consigo  
Ver-te, alva e bella, como antigamente,  
Olhos fechados, a sonhar commigo ...  
São Paulo.*

JULIO CESAR DA SILVA.

---

---

## G. C. P. A.

Science, sans conscience, est la ruine de l'ame.

**Rabelais.**

A gente não se cura, mas fica bem informada de que morreu.

**Afrânio Peixoto.**

A's terças e sextas o Professor deixava a cabeceira dos doentes, e apageado por um alvo sequito de assistentes e internos, vinha para um pequeno amphitheatro fazer lições mais euidadas sobre os easos interessantes occorridos no Serviço. O Mestre reservava para essas prelecções os individuos portadores de molestias raras ou mal definidas, sobre os quaes lhe fosse facil basofiar erudição, calcando diagnosticos rebuscados á symptomatologia falha e controversa. Hypotheses mirabolantes e ousadas desferravam-n'o das ignoraneias da seicencia, eternamente emperrada ante os caprichos da natureza sempre mysteriosa...

Attentos, alguns de lapis em punho, nos bancos dispostos em semicirculo se acotovellavam os discipulos, frementes por ouvir a palavra autorisada do Mestre sobre a causa do implacavel mal que acorrilhara no leito, ia para mais de um mez, a figura tão popular entre elles do Paulino, o proprio enfermeiro da Clinica.

De olhos guichos e miudos a rebrilharem irrequietos sob os oculos de largos vidros fumarentos, o Professor Rodrigues, empavonado no seu luzente avental de linho branco, atinha-se junto ao carro leito, anediando preguiçosamente a barba em ponta, já prestes a branquear, emquanto um dos internos, alvo



de todos os olhares — typo franzino e cuspinhento de eabellos empastados sobre a testa — lia com voz aspera e nasalada a observação minueiosa do easo. Immoovel entre as almofadas que lhe ehumagavam o corpo ossoso, uma baetilha enrodilhada ás pernas, Paulino, de sua maea, igualmente não o desfitava, enleado na descripção das varias phases do mal que tão traigoeiramente o acommettera. E diante do seu rosto baço e escadeado, em que os olhos garços e suaves entravam a desluzir orlados de roxo, bem poucos reconheceriam o Paulino de outros tempos, de face sempre aberta, o olhar fulgente, um riso á flôr dos labios.

Afeito ao trabalho, diligente nos seus multiplos encargos, o doente que ali estava illustrando a lição, era o mesmo enfermeiro que ainda poueo tempo antes, quando por manhãsinha chegavam ao Hospital os primeiros internos, já se achava de tarefa concluida, disposto a auxiliá-os, cheio de deleite e ufaúia, nas mais delicadas pesquisas de laboratorio. E tal o garbo de seu porte e maneira irreprehensível de trazer o avental, que, se não fôra a emblematica cruz bordada a um dos cantos do peito, bem poucos o separariam dentre os estudantes, quando em commum passavam a manipular reactivos e corantes. De igual modo, doente que lhe fosse coñfiado teria a mais abnegada e vigilante das assistencias, recebendo á hora exacta a sua colher de medicamento, e as marehas do pulso e da temperatura ficando consignadas na papeleta. E assim, quer porque a sua intelligencia em tudo encontrasse campo á distracção, quer porque os seus predieados lhe grangeassem junto dos estudantes uma atmospherã de intimidade e sympathia — elle a poueo e pouco se foi avezando ás agruras daquella profissão, já não experimentando mais a repugnancia da vida entre os doentes, que tão mal o impressionára em começo..

Sentindo-se agora motivo de tanta curiosidade, o seu corpo tambem transformado em material de estudo, como o de muitos outros que elle mesmo, indifferentemente, para ali conduzira, Paulino tinha o peito oppresso, num temôr vago e agoiral; e o arrependimento de não haver obedecido ao seu primeiro impeto, abandonando o hospital logo no inicio da doença voltava a pruir-lhe no cerebro. A illimitada confiança na bondade dos Mestres, de que elle só então começava a duvidar, e o receio de

novamente agravar a vida difficultosa e attribulada de um cunhado, que já tão generoso gazalhado lhe déra desde a sua chegada da roça até o instante em que se vira collocado — fizeram Paulino sopitar o primeiro impulso, convencendo-o do quanto seria insensato deixar o hospital no momento em que delle mais carecia, e quando os estranhos e necessitados lhe vinham bater ás portas.

Tambem o mal fôra tão proditorio, tão de manso e sorrateiramente se installára... Ao começo, e durante muitos dias, uma simples sensação de fadiga, mal estar indefinivel, acompanhado de dôres vagas e erraticas pelo dorso e membros. Qualquer coisa demulcia-lhe os musculos, outr'ora rijos, quebrautando-lhe as forças. Dir-se-iam a molleza e o entorpecimento que se sentem em seguida a uma longa caleurriada.. Mas ainda assim, tudo isso era muito vago, só se accentuando para a tarde, o que fazia erêr num natural cansaço após as suas laboriosas matinas junto dos doentes, embora até então, por muita robustez e juventude, jámais experimentasse provas de esmorecimento. Por fim, já em vesperas de acamar, suppliciava-o uma somnolencia irrefreavel; a cabeça ôca e torvelinhante exigia-lhe socego a cada passo e, se acaso repousava nalgum canto, era para logo cahir acarrado em profunda modorra. Elle mesmo chegara a se espantar das manifestações estranhas e, por vezes palestrando com companheiros, em ar de troça, zombeteara da lombeira que agora o perseguia, derregando-o ao menor esforço.

Como, porém, longe de esmaecer, mais e mais se exacerbasse o mal, dôres agudas e frequentes acutilando-lhe as ilhargas, maior ainda a debilitação, e elle já amanhecesse esfadigado, sem animo para nada, as pernas tropegas e bambeantes como se lhes pesassem algemas — Paulino resolveu falar a um dos assistentes, vexado ainda por confessar fraquezas que fundo iam ferir o seu animo forte e valoroso.

—Que não ligasse áquillo e fosse usando de um tonico ás refeições — dissera-lhe o assistente, de vistas já voltadas para um novo entrado que gemicava arfando numa cama proxima, e pelos modos parecia ser um caso interessante e digno de estudo.



Terminada a leitura da observação o Professor Rodrigues, seguido de dois discípulos, passou a um rápido exame do doente, percutindo e auscultando-lhe o thorax. Paulino, já desembaraçado da camisa e soffrendo a respiração, submettia-se impassível a mais aquellas provas, os braços eneruzados sobre o peito magro e avellado, em que as elavieulas espipavam ameaçando perfurar a pelle.

Quasi nada nos revelára este exame — disse o Professor Rodrigues descolando-lhe o ouvido do thorax, e dirigindo-se para a assisteneia que o aeompanhava das arehibaneadas — a nossa attenção já tendo sido solieitada para a região renal, ponto em que o doente localisa, com muita preeissão, as terebrantes crises que tanto o martyrisam. Não bastassem essas dôres e já um outro symptoma — esseencial no quadro morbido — nos forçaria o interesse para a mesma região. Quero referir-me á profunda asthenia de que se queixa o paciente, e que, installando-se gradativamente, veio do cansaço inieial e quasi impereceptivel — tão bem descripto pelo interno Castro na observação que vos acaba de ser lida — até o estado de fadiga extrema e lassidão profnunda em que o eneôntramos hoje. Como sabeis, este symptoma é pathognomonico da insufficieneia das capsulas supra-renaes e faz parte, ao lado de outros que passaremos a assinalar, existentes taubem no nosso caso, de um conjuneto clinico tão admiravelmente descripto por um autor inglez, que até hoje lhe conserva o nome: a syndrome de Addison.

Esmudando o quadro clinico o Professor Rodrigues, depois de apontar outros symptomas de meior relevaneia, salienton, com minueias descriptivas, as manchas que matizavam, sob tonalidades varias, certos pontos do tegumento do doente, eneontrandó ali ensanehas para muitas considerações sobre as desordens da pigmentação eutanea. Em seguida, ordenando a Paulino que abrisse a bocea, e repuxando-lhe fortemente os labios, elle fez vêr que a dysehromia se estendia taubem ás mucosas em pequenas máculas de côr fuliginosa, perfeitamente iguaes ás que se encontrav. na cavidade buecal dos cães heral-dicos e lhes servem de garantia á filiação.

Depois de se referir com brevidade a algumas perturbações para o lado dos aparelhos eirculatorio e uervoso, e sobre as quaes elle se não deteria, pois que o interno Castro já as havia



escudrinhado convenientemente ao relatar a observação que lhe iria enriquecer a these — o Professor passou á tarefa mais curiosa e delicada de senhorear a causa da affecção, mal enco-brindo sobre o brilho flammejante do olhar e os repetidos ticos que agitavam a sua face esquerda, a grande satisfação que lhe traziam as difficuldades daquelle caso tão propicio ás suas exhibições de preparo e entura

Enumerando então as affecções que, pelo accommetimento das supra-renaes, podem originar a syndrome de Addison, elle passou a contrastear cautelosamente as symptomatologias, buscando entre todas a que melhor se accommodasse ás perturbações apresentadas pelo doente. E porque durante a illucidação do diagnostico o instante lhe fosse favoravel, o Mestre, com gatinhos alambicados, o braço constantemente erguido, a mão em concha rasgando o ar num gesto convulsivo e muito seu, passou a divagar pela pathologia, embrechando as mais simples citações com arvezados nomes de autores estrangeiros.

Paulino, o olhar consultivo e ancioso, entanguido entre as cobertas do carro leito, não perdia uma só d'aquellas palavras asperas e sentenciosas que, em meio á linguagem abstrusa e inescrutavel, lhe ditavam condemnação. E' que o Mestre se esquecia, nos surtos do seu enthusiasmo, de que o tirocinio hospitalar déra azo ao pobre enfermo para se familiarisar com a terminologia medica.

Voltando a discutir a violencia das crises dolorosas e o estado de cachexia rapida em que cahia o doente — rapaz até então forte e nada achacadiço, o que não era para desprezar — o Professor Rodrigues afastou as hypotheses da syphilis e da tuberculose, para assentar suas preferencias sobre uma neoplasia.

De facto, a concomitancia e marcha daquelles symptomas impelliam-n'o para a supposição muito convinavel de um tumor das supra-renaes, embora a pereussão da região, como muitas vezes succedia nesses casos, nada revelasse até então. E se quizesse levar mais adeante o seu diagnostico, investigando a natureza do tumor, elle estava quasi certo de não errar se pendesse as suas sympathias para um sarcoma, esse terrivel neoplasma que se locupleta sobre os organismos moços. A fallencia da therapeutica, já que medicamento algum se mostrava

capaz de tonisar os musculos do enfermo, era ainda um outro factor, de alta estima, em auxilio das suas ultimas asserções.

Desejoso de dar maior realce á lição, o Professor Rodrigues passou a exhibir diante dos alumnos, algumas peças do seu laboratorio anatomico pathologico. Para tal fim, bem proximo d'elle, sobre uma pequena mesa de tampo esmaltado, quatro ou cinco frascos de vidro grosso conservavam, mergulhados num liquido turvo e sanioso, órgãos e visceras de outros doentes que por ali já haviam passado, deixando bocados de si em pabulo á sciencia. Intromettendo o punho arremangado por um desses largos bocaes, o Professor expoz ao olhar perspicuo dos presentes, nma das peças mais curiosas da sua colleção. Era a mão de um desgraçado que se finara por nna sarcomatose generalizada, e que tinha a sua palma esburgada até os ossos pelo mal roaz e proliferante. Cortada ceere pelo punho, a pobre mão parecia ainda reter, entre os dedos grossos e nodosos a se engripharem ameaçadoramente, todo o exaspero e dôr do ultimo estorecegão que a immobilisára.

Fugindo á horrída visualidade Paulino, já mal contendo o explosir das lagrimas que lhe vidravam os olhos, ladeou a face para uma janella aberta sobre a area ajardinada, e foi nectarizar a vista no azul do céu longinquo, tecido naquella manhã numa musselina translucida e ineonsútil, prenunciativa do dia de gloria e belleza que andava a cantar lá por fóra. Embebidas de sol, as ramas de um manacé em flôr vaporavam na sala um perfume mórno e elanguescente; e, a despeito do ar lethoio, rosas rubras e vellutineas desabotoavam nos canteiros, ao oseillar das hastes, as corollas humidas e tenras como bocças de creanças.

Ao deparar aquella amostra de paysagem, Paulino entrelembrou-se, numa rapida e saudosa visão interior, de alguns quadros da sua vida de outr'ora, quando despreoccupado e feliz gastava os dias na labuta da terra, em uma distante fazenda de Minas. Era tambem por um céu assim, quando o sol claro e dourado começava a esgarçar a nevoa que se condensara sobre as varzeas adormecidas — que elle partia todas as manhãs, enxada ao hombro e balaio ás costas, para o trabalho da lavoura, onde os seus dias decorriam ecleres na capina das roças, replanta do café ou colheita do milho enlourecido. A sua



passagem por trilhos ermos e estreitos, mal rasgados no verde das pastagens ainda rociadas de orvalho, bandos assustadiços de anús, num vôo lento e descompassado, partiam das toijas proximas para pousar no arvoredado mais distante; ou então, de sobre a pedra em que se aquietara, fugia celere para a sua lóea, por entre um reboliço de folhas seccas, o lagarto que se aquecia á luz. E nas horas do meio dia soalheiro, quando sob a atmospheria rutilante o calôr ia mais forte, e os seus musculos já se enrijavam ao esforço da labutação exhaustiva, compensando-lhe o monotono resoar da enxada sobre a terra dura e aspera, a copa vermelhaça dos mulungús em flôr entrava a gorgear revestida de guaches em algaravia infreue; e da matta distante lhe vinham os echos da orhestração de jaós e inhambús, que no seu recesso humido e umbróso se revezavam num conecerto ininterrupto. E tudo o que lhe era então motivo de tedio e insoffrido desejo de conhecer os multiplos encantamentos de uma grande cidade, desenhava-se agora no fundo da sua retina com contornos avivados pelas côres da saudade e do arrependimento...

Tiraram-n'ô dessa intuspecção beatifica e dolorosa as ultimas palavras do Professor, fazendo o prognostico da sua molestia e advertindo os discipulos de que seria muito breve, pois que já estava a passar da hora.

A molestia de Addison tinha geralmente uma marcha lenta e progressiva, durando de um a tres annos, e sendo a sua cura excepcionalissima. Embora sem grande frequencia, já se haviam observado alguns casos de desfechos subitos e rapidos, sem symptoma algum apparente, por um envenenamento super agudo do organismo. O seu já longo tirocinio clinico, com um bom acervo de observações, permittia-lhe dizer jámais ter visto caso algum de cura.

Á morte quasi sempre se verifica pelo progressivo evoluir da cachexia addisoniana. Este prognostico, já de si tão sombrio, mais se adensava ainda, por maior brevidade na molestia, nos casos em que a syndrome corria por conta de uma neoplasia das suprarenaes, como naquelle sobre o qual elle versava a lieção.

— Como vêdes, meus caros discipulos — disse o Professor Rodrigues para terminar — o caso mais bello e completo da

molestia de Addison, difficilmente se teria encontrado como este que apresenta o nosso doente; e eu eston bem certo de que, se cada um de vós o examinar demorada e pacientemente, guardareis uma indelevel lembrança do que seja essa euriosissima syndrome.

Uma clangorosa salva de palmas estrondeou nas aréhibau-cadas, apagando as últimas palavras do Mestre, enquanto eomeçava entre os estudantes um fallario de enthusiasticos commentarios á magistral lição que acabavam de ouvir.

De volta á enfermaria, dois padioleiros, com gestos rapidos e precisos, de quem os executa mnitas vezes, baldearam o corpo leve de Paulino para a cama, a mesma cama que já lhe começava a desgastar os quadris, abrindo-os em feridas. Paulino vinha ainda mais derreado e succumbido, depois daquella aula em que nem uma só palavra acarieiativa e abstergente lhe fôra dirigida, o Professor, ao contrario, não escondendo as mais brutas verdades sobre o seu estado. E na relembração de tudo o que ouvira, presentindo o golpe certo que o iria nuquear, uma sensação de vacuidade e estonteamento aturdiu-lhe o cerebro, e no seu coração pequeno e descompassado, esfervilhava a inquietação presagiosa.

Alheados da sua dôr, ainda no rosto a alegria que lhes déra a bella lição, assistentes e discipulos regressavam tambem ao serviço, repartindo-se por entre os leitos numa ultima olhadela aos doentes, seguida de recommendações ao enfermeiro novato: Não se esquecesse de guardar os escarros do n. 7; tomasse de 4 em 4 horas a temperatura do 18...

Obedecendo aos conselhos do Mestre, uma aleatêa de futuros morticolas mais ciosos de sciencia, veio abeirar-se do leito de Paulino, no desejo de perquirir signaes e symptomas apontados durante a preleção. Num torpôr espasmico, já incapaz de reaccção, Paulino deixou que mais uma vez escurinhassem as suas miserias; e sob os dedos ageis que perentiam e apalparam o seu corpo, elle tinha o sangue regelado, numa prematura sensação de guzanos que lhe mordiscassem sequiosamente as carnes. Satisfeita a euriosidade, entre risos e commentarios ao caso em estudo, o baudo jovial não tardou em partir, hospital a fóra, para novas aulas e trabalhos praticos.



Foi então que o interno Castro, sempre um dos retardatários no serviço, se approxinou também do seu leito. Já ali a enfermaria estava quasi deserta. Apenas a uma das portas da ante-sala, esperava-o o Professor Rodrigues, que poueo antes lhe bichanára qualquer coisa ao ouvido.

O chefe da clinica, embora desembaraçado do gorro e do avental, conservava sob o frak de sarja azul ferrete a solemnidade costumeira, um dos seus predicados de grande exito junto á crendice da vasta clientela. Paulino muito se affeiçãoara a esse interno que, desde o inicio da sua molestia, o acompanhava com a maxima sollicitude, examinando-o repetidas vezes e interpellando-o todos os dias sobre a marcha do mal, desejoso de que o minimo pormenor lhe não escapasse. Depois de assignalar rapidamente qualquer coisa no boletim clinico appenso á cabeceira do doente, o interno Castro perguntou-lhe se a ida ao amphitheatro não o havia fatigado em demasia, e advertiu-o de que talvez, no dia-seguinte, o tivesse ainda de submetter a novos exames. Em seguida elle partiu ao encontro do Mestre, que já o esperava no corredor, de livros em punho e chapéu á cabeça, apressurado em attender a numerosos doentes.

Relançando de esconso a vista pela pepeleta poueo antes annotada, Paulino sentou-se dum impeto, as mãos travadas nos cabellos que se arrePELLAVAM, um algór electrificante coando-se-lhe pela nuca abaixo. E' que a lapis vermelho, em um dos cantos da papeleta, lá estava a abreviatura sinistra, a almenara de morte: G. C. P. A.

O laeonismo destas quatro inieiaes, que por tanto tempo lhe aguçaram a curiosidade, e de cuja significação só após um longo noviciado na enfermaria elle tivera finalmente a chave, condensava sobre o seu destino a mais terrivel das ameaças: elle também seria espotejado sobre a mesa de autopsias.

No receio de que a piedade e o carinho de parentes e amigos viessem reclamar os despojos dos seus pobres mortos, antes que a vaidade dos Mestres e a voracidade da sciencia tivessem tempo de cevar os seus appetites, a mão zelosa de um assistente ou interno se apressava em advertir a administração do Hospital, de que este ou aquelle cadaver não deveria sahir sem a conveniente autopsia. E assim, prevenindo possiveis enganos e decepções inconsolaveis, mal um doente engrá-



vecia, desde que o seu caso fosse raro ou de diagnostico obscuro, logo se affixava na papeleta — synthetizada nas quatro letras — a ordem fatidica e decretoria: — Guarde o cadaver para antopsia.

Mais de revolta pela sua muita ingenuidade do que mesmo de pavor, foi o gesto de Paulino ao deparar o aviso deshumano. Quanta decepção se lhe reservára para aquelle dia! E' que nunca lhe bacorejara no peito tão desgraçado fim, e só agora a venda impenetravel eahia definitivamente dos seus olhos, convencendo-o de que a molestia o nivelara aos outros enfermos do Hospital. Tudo o que se lhe afigurara até então earinhos e attentões especiaes dedicados á sua pessoa — quando assistentes e internos o examinavam repetidamente, preocupando-se com a sua saúde — não passava de um zelo pharizaieo de morticolas, aeafelando curiosidades seientificas diaute de um caso raro e conspícivel. Não fosse digna de estndo a sua molestia e, certamente, num corvejar agoureiro, elles não se revezariam com tanta presteza junto do seu leito. Até o interno Castro, a quem tão confiantemente elle se entregara, não fugia tambem ao banco atroz, e se o aeompanhava com desvêlo e abnegação especiaes era porque — conforme o Professor dissera em aula aos discipulos — a sua observação lhe iria enriqueeer a these, versando sobre a molestia de Addison. A prova — se ainda alguma fosse necessaria, ahi estava na presteza com que o doutorando vinha salvaguardar os interesses da sciencia, premeditando-lhe a carneada.

Ah! mas elle não levaria a termo o seu crueiato. Os seus restos não iriam ter ao esfoladouro! O Mestre dera-o como perdido, futurando-lhe d'ali por diante peioras rapidas até a morte que já não andava longe. Pois perdido por perdido, elle mesmo atermaria as suas desgraças, comtanto que os seus despojos se vissem poupados á sanha dos bisturis perscrutadores.

E na escuridade da sua desesperação, como nma seentelha salvadora, veloz atravessou-lhe o cerebro a idéia de uma fuga desnorteada, fosse para onde fosse, desde que se visse fóra do hospital. Como, porém, levar avante o insoffrido desejo se os seus membros desnervados e bambos já mal se moviam? Sobrar-lhe-iam as forças para aleançar a rua, palmilhando a enfiada interminavel de corredores?

Apoleado por essas e outras duvidas, cada qual mais ansiosa e angustiante, assim passou Paulino as horas do meio-dia, em que, a enfermária, após o almoço, adormece numa relativa calma, só entrecortada aqui e ali pelo palavreado desconexo de algum delirante, ou pelos gemidos e estertores dos que sofrem sem treguas.

Era preciso partir ao lusco fuseo, antes que aldrabassem o grande portão, e a irmã de guarda, com o mólho de chaves a tinintar na cintura, entrasse a percorrer maciamente os corredores, as mãos enclaviuhadas sobre o peito, a luz brunindo-lhe o perfil num recorte amarfinado.

Por vezes, durante o lento desfiar das horas, o seu cerebro já esalfado pelo continuo esnoer dos mesmos planos e cogitações, forçava-o a breves instantes de modorra, de que elle despertava rapido e ainda mais sobresalteado, no receio de perder o momento propicio á sua libertação. Mas para que o seu desigunio não tergiversasse diante das difficuldades a vencer, prefignrando o fim tragico que o esperaria se permanecesse no hospital, acendiam-lhe á memoria, com uma precisão terrificante de detalhes, algumas das autopsias a que elle assistira e mesmo auxiliara.

Uma das mais recentes, e que tanto o impressionára, fôra a de um rapaz de compleição leonina, peito largo e polpudo, que já entrára para o serviço de olhos vidrados, o corpo teticamente convulsionado nas crises de uma meningite superaguda, morrendo ao fim de tres dias. A sua autopsia tinha sido das mais longas e minuciosas. Para a retirada do systema nervoso abriram-lhe o craneo ao meio e esnocaram vertebra por vertebra. Ao cabo de duas horas de porfiante tarefa, em que serras e escopros se succediam nas mãos de dois internos, a medulla surgiu numa tripa languinhenta e acinzentada, cheia de ramificações lateraes, á semelhança de um myriapode de proporções desmesuradas. Durante todas essas manobras o morto, deboreado sobre o marmore, tinha a cabeça baloicante de um cepo, e a mandibula dependia-lhe, deixando escorrer uma baba esverdongada, ludrosa e pestilencial. De outra feita fôra um impaludado, enja infeccão, contrahida no Amazonas, aqui de novo se accendera, para esmechal-o em poucos dias. Como se tratasse de uma malaria de fórma mixta e rara, com o parasita

ainda mal conhecido, o seu martyrio foi delongado, retardando-se-lhe a medieação necessaria e urgente, até que bôas e copiosas laminas do seu saugne fossem retiradas e se lhe estudassem as curvas do accesso febril, de typo extremamente bizarro. Ao mesmo tempo a noticia do caso raro espalhava-se pelo hospital, e das outras clinicas, numa romaria incessante, chegavam novos estudantes para moreegar-lhe o saugne. E assim o misero, sem tratamento algum e já marasmado entre os accessos, esebujava todas as tardes desangrado pelo febrão, até que um dia, a um golpe mais forte, se findou na bafagem ardente. Esse fôra tambem escarpellizado com cuidado; e o seu baço enorme e congesto, a esvnrnar saugne por todos os lados, mettido num largo bocal, até hoje se conservava no laboratorio, para deleite e admiração dos neerophilos. Paulino lembrava-se ainda do doente do leito 16 — uma das ultimas autopsias a que elle assistira, antes de se acamar definitivamente. Era um brightieo. O seu corpo, anasareado da eabeça aos pés, tinha uma côr cardea e transparente. A' medida que lhe calavam o ventre e a barrigada ia sendo avidamente escardiehada entre os dedos ageis do operador, da pelle grossa e infiltrada escorria uma serosidade visguenta, e postas de um saugne negro se agrumelavam sobre a meza.

E Paulino sentia ainda maior a sua desesperação, o remorso afistulando-lhe a alma, quando se recordava de que, enchavado com o pessoal da Enfermaria, tambem eumpliciára em todas aquellas ignominias. Era elle quem limpava e afiava o instrumental destinado ás carnificinas, e os doentes escolhidos para taes scenas de barbaria ficavam sob a sua immediata fisealização, de maneira que não fosse possivel o extravio de seus eadaveres — virtualha opima para o banquete dos morticolas.

A' luz hesitante do erepisenlo, quando se infiltravam na enfermaria as primeiras sombras da noite e, no altar, a ehamma vacillante de uma lamparina convulsivava sobre o madeiro, em transes de dôr, o corpo exangue de um Christo, Paulino saltou trepidamente do leito, esgueirando-se pela primeira porta que se abria para o corredor. A sua blusa de enfermeiro facilitar-lhe-ia a passagem, no caso de um possivel eneontro eom alguma freira ou servente do Hospital.

Guinando de uma parede para outra, as pernas infirmes e pesadas genuflectindo a cada instante, ora acachado no desvão de uma janella, com o coração aos pulos, mal presentia qualquer ruido, ora já mais resolute avançando mais alguns passos, Paulino chegou ao fim do interminavel e lugubre primeiro corredor, que apenas o olho baço de uma pequena lampada electrica alumiaava. A ancia de liberdade e a superexcitação cerebral enseivavam-lhe os musculos. Ainda um esforço igual, entre sustos e recuansos, e elle vencia o silencio do segundo corredor. Já no adro, quando o seu coração ia mais desafogado e a partida poderia considerar-se ganha, um vulto, só presentido a breve distancia, fello coser-se sumidamente á parede, empedrado e quedo, sentindo-se alluir pelos joelhos. Era una irmã de caridade que se encaminhava para a capella, desfiando as contas de um rosario. Toda absorta na prece, os olhos demissos e a reverem doçura, ella não se apercebeu do fugitivo.

Chegado á porta e sorvendo a largos e insatisfeitos haustos o bafejo da viração maritima que fazia sussurrar a ramaria alta das figueiras, Paulino sentiu um renovado alento. Estava finalmente livre! Os morticolas já se não banqueteariam mais sobre as suas carnes. A these do interno Castro ficaria sem o seu melhor capitulo.

E saboreando os effeitos da vingança que elle mesmo não gozaria, Paulino dirigiu-se resolutamente para o mar, emboscando-se na aléa de oitys. O vôo ruflante de alguns pombos, em busca de um beiral proximo, trouxe-lhe uma derradeira reminiscencia do lar distante e querido, por onde todos os dias, já ao escurecer, os trocazes passavam aos pares, procurando uma sóca de bambús farfalheiros.

No céas, recostado á amurada. Paulino quedou-se algum tempo, os olhos errantes pela belleza da tarde que se finava. Havia no ar uma infinita doçura, e a paysagem parecia toda feita numa pellucia macia. No poente cambiante e afogecado, entre o recorte verde-negro das montanhas, o sol esmorecia, ainda franjando de onro um bando de nuvens altas e floconosas, que se aquietavam sobre o anilado terno do eeu. Gaiivotas retardatarias, uum gyro leveiro, librando cadeneiadamente as azas, esvoaçavam sobre a superficie immota e espelhante das agnas. Uma nevoa lilaz e transparente envolvia a serrania lon-



ginqua, engrinaldando-a de roxo e esbatendo-lhe a projecção no roseo pallido do horizonte. Sobre o debrum negro de Nietheroy phosphoreavam as primeiras luzes, que o mar debuxava numa esteira em tremulina de ouro.

Uma dôr incomportavel e dilacerante, como se garra aduura e invisivel lhe estoregasse os rins, despertou Paulino daquella contemplação inebriante, que o chamava á vida. Era preciso não hesitar mais. Se elle estava irremediavelmente perdido...

E o seu corpo resvalou na escorrência algosa e verdoenga das pedras do quebradoiro, sumindo-se no crespo das ondas.

Mas tres dias depois, já de calcanhares poidos, o ventre bojante e marbreado, as orbitas vazias, com a mesma indifferença com que o havia tragado, o mar revessou-o á praia; e o futuro mortieola, feliz na inconsciência do seu crime, farejando a prêa com volupias de carnifice, lá foi desvisceral-a sobre a mesa de autopsias, na freima de encontrar a absconsa lesão que lhe désse á these o cunho de interesse e originalidade.

Rio de Janeiro.

SERGIO ESPINOLA.



---

---

## OS NOMES ZOOLOGICOS EM PORTUGUEZ

No texto explicativo do nosso *Atlas da Fauna do Brasil* á pag. XIV, dissemos o seguinte com relação á graphia dos nomes zoológicos em portuguez:

"Em rigor, a nomenclatura scientifica é sempre latina; os nomes genericos e especificos são unversalmente enunciados em latim, na mesma forma em que foram propostos pelos scientists que primeiro descreveram os animaes ou as plantas em questão. Assim em qualquer lingua se dirá sempre: *Apis mellifica*, *Felis catus*, *Crotalus horridus*. Mas os nomes de familias, ordens, classes, etc., não decorrer da exposição, geralmente soffrem uma ligeira adaptação á linguagem commum, peia modificação do suffixo, de accordo com a indole da lingua e segundo regras estabelecidas; a familia *Apidae*, em francez, diz-se "les Apidés", em allemão "die Apiden", em italiano "gli apidi". Como diremós em portuguez? Não houve ainda, nem em Portugal nem no Brasil, quem estabelecesse as regras a observar em todos os casos, e dahi a lamentavel falta de uniformidade na graphia desses nomes quando usados pelos nossos autores.

Assim, referindo-se á mesma familia *Colubridae*, os nossos patricios escrevem, indifferentemente: *Colubrinos*, *Colubridas*, *Colubrideas*, *Colubrideos*. As duas primeiras formas são positivamente erradas, porque o suffixo *inac*, na boa nomenclatura, designa as subfamilias. Resta-nos optar por "idas", "ideas" "idos", "ideos". Preferimos esta ultima forma, *ideos*, para os nomes zoológicos, reservando *ideas* para os nomes botanicos. Tambem as regras italianas adoptaram esta distincção, com optimo proveito, porque assim se reconhece desde logo se o nome se refere a plantas (no feminino) ou a animaes (no masculino).

Diremos pois, os *Colubrideos*, os *Apideos*, os *Araclideos*. A stricta observação desta regra traz mais esta vantagem: sabe-se,



pela simples desinencia, que os nomes *Arachnoides*, *Protozoarios*, *Rhizopodos*, *Flagellados*, não designam famílias, mas sim categorias superiores, ordens, classes, etc."

Essas poucas linhas tinham por fim, unicamente, esclarecer a norma adoptada, nesse trabalho, para a graphia dos nomes zoologicos. Como a generalidade dos autores de estudos sobre biologia, escriptos em portuguez, haviamos peccado, até aqui, empregando ora este ora aquelle suffixo dos muitos em uso para dar apparencia vernacula aos termos technicos zoologicos.

Rebuseámos as melhores revistas scientificas, nacionaes e portuguezas, e em todas ellas encontravamos, quasi de seguida, nomes de familias zoologicas aportuguezados em todas as modalidades acima assignaladas. Os dictionarios, escriptos per leigos na materia, muito menos nos podiam valer. Estudamos, pois, a questão e fixamos uma norma para nosso uso.

Objecta-nos agora um amigo que Ramiz Galvão, no seu excellente "*Vocabulario de palavras portuguezas derivadas da lingua-grega*" (1909), resolvera a questão, fixando as desinencias a empregar. De facto, se tão conspicuo lexicographo tivesse não só firmado boa doutrina como dado radical applicação á mesma, seria contraproducente contrariarmos o que já estivesse estabelecido e que nos levaria á necessaria uniformidade da graphia dos nomes em questão. Examináramos, porém, em tempo, o trabalho do erudito mestre e, justamente por que não encontrámos nelle a desejada norma unica, julgamo-nos no direito de proceder como fizemos.

Antes de analysarmos este e outros bons trabalhos congenerees, modernos, vamos expôr rapidamente as normas universalmente observadas na terminologia latina dos zoologos. Por serem muito praticas, convém acompanhar de perto taes normas ao se adaptar o vocabulo tecnico á linguagem commum.

Os nomes das especies e dos generos geralmente não se traduzem; é uso generalisado dar o nome vulgar, seguido, entre parenthesis, dos nomes scientificos. Assim, querendo mencionar com toda exactidão qual a especie de mosquito que se encontra em certa região, diz-se por exemplo: "o mosquito rajado" (*Stegomyia fasciata*) — o nome generico sempre com ini-



cial maiuscula. E' ocioso adaptar ao vernaculo os nomes genericos, porque, de duas uma: ou a especie é commum ou torna-se muito falada e assim obtem rapidamente denominação vulgar (como ainda ha pouco se den com o "barbeiro") ou então ella só interessa aos scientists, e estes se contentam com o bom nome latino; ao vulgo tão pouco adianta que se lhe diga *Thesitilus glasiouvi* ou "Testilo de Glasionv", *Harpiprion* ou "Harpipião", *Rhynchops niger* ou "Rhynchopo negro".

Para as categorias de subfamilias e familias, a nomenclatura latina fixou as desinencias *inae* e *idae*. Por exemplo: "A familia *Tyrannidae* abrange 4 subfamilias: *Tyranninae* á qual, além de outros generos, pertence o gen. *Tyrannus*; *Taeniopterinae* á qual pertencem os generos *Taenioptera*, *Centrites*, etc., etc." Estes nomes de familias e subfamilias, de accordo com o uso adoptado em todas as linguas, soffrem adaptação, e para tanto basta fixar qual o equivalente para os suffixos *idae* e *inae* em portuguez, a fim de podermos vulgarizar uniformemente todos os nomes zoologicos de egual categoria.

Para os nomes que designam classes e ordens, a nomenclatura scientifica não presereve desinencias fixas e assim o respectivo vocabulo, ao ser traduzido, (ou, como diremos com mais propriedade, ao ser adaptado ao portuguez), pôde receber o suffixo que melhor se coadunar com a indole da lingua e que menos destoar da forma original. Com relação a estes vocabulos, uos 300<sup>no</sup> maximo, seguimos, com poucas excepções, os ensinamentos de Ramiz Galvão; e se não adoptamos todos como os registra o seu Vocabulario, é porque preferimos, em muitos casos, o criterio de nos submettermos á *vox populi* que, em linguística, nos parece ser o melhor mentor; estes casos controversos são, porém, poucos, e só serão resolvidos definitivamente quando soubermos se em portuguez devemos escrever *cranio* ou *crânio*, *antipode* ou — *poda*, *pachyderme* ou *derma* ou *dermo* — e então ficará tambem resolvido qual a *graphia* que substituirá a que adoptamos para *Acraneos*, *Arthropodos*, *Echinodermas*, etc.

Ramiz Galvão deixára assente (sob *Acanthidas*) que o suffixo "*idas*" deve ser a terminação correspondente, em portu-



guez, ao *idae* dos nomes de familias zoologicas do latim scientifico. Mas um rapido exame das primeiras letras do Vocabulario deu-nos ensejo para verificarmos que:

A) *aos seguintes nomes de familias zoologica* (e que portanto, segundo as normas estabelecidas pelo autor, deveriam terminar em "idas") *foram dados outros suffixos*:

- Aclidios — familia de Mammaes
- Atractosomos — familia de Peixes
- Auchenopteros — familia de Peixes
- Branchiopodes — familia de Crustaceos
- Cantharideos — (como derivado de Cantharide)
- Catarhinos — familia de macacos
- Cochlorhynchos — familia de Passaros
- Conorhamphos — familia de Passaros
- Coprophagos — familia de Insectos
- Crotaloides — (menciona tambem Crotalidas)
- Cyclometopos — familia de Crustaceos
- Dactylados — familia de Peixes
- Diplopteros — familia de Insectos
- Esparoides — familia de Peixes
- Esteganopodes — familia de Aves
- Estenelytros — familia de Insectos

B) *ha nomes de tribus, ordens e classes com a desinencia "idas"* (a qual no entanto deveria ser reservada unicamente para os nomes de categoria de familias):

- Adelostomidas — tribu de Insectos da fam. dos Collapt.
- Amphipyridas — tribu de Lepidopteros
- Anoplognathidas — divisao dos Insectos Coleopteros.
- Anchomenidas — subtribu de Coleopteros
- Calycophoridas — subordem de Celenterados
- Cystidas — classe de Echinodermos.

Talvez estes desvios da norma preconizada pelo proprio autor devam ser considerados simples lapsos — e tão facilmente occorrem elles em trabalhos fastidiosos como estes! — mas ainda assim é certo que o autor as vezes quasi põe em duvida a necessidade de se observar tão á risca essas regras de nomenclatura. Sob "ASTACIDAS" (familia de Crustaceos) diz a nota: E' preferivel esta forma a "astacites"; sob "MACTRI-



DAS" (familia de Molluscos) observa: "C. Fig.º dá *mastraceos* com terminação menos boa", quando deveria dizer categoricamente: "os nomes que designam familias zoologicas exigem o suffixo *idas*". Sob "PERCOIDEOS" — familia de Peixes" chega mesmo a dizer: "Tambem é aceitavel *percidas*", mostrando assim que não faz questão absoluta de uma terminação unica para todos os vocabulos dessa categoria.

Não encontramos no Vocabulario de Ramiz Galvão referencia especial ao suffixo escolhido para designar as subfamilias zoologicas ou botanicas; trata-se aliás de uma categoria de vocabulos que o não-especialista raramente emprega e assim são poucos os nomes de subfamilias registrados no Vocabulario. Citamos os que encontramos de prompto: *Anophelineos*, *Anthomyineos*, *Bombycineos*, *Dermanyssineos*, *Estrigopineos*, *Sarcophagineos*, com evidente predileção pelo suffixo *ineos* para designar a categoria de subfamilia, correspondente, portanto ao sufixo *inae* do latim scientifico. O mesmo suffixo, quando usado para nomes botanicos, figura no feminino, *ineas*.

Em nota ao vocabulo "Actinoerinites", Ramiz Galvão dá a entender que o suffixo *ites* é caracteristico dos nomes de fosseis. E' preciso salientar, no entanto, que o proprio autor reconhece não poder esta regra prevalecer em face das outras, estabelecidas para a nomenclatura zoologica geral (como se verifica sob "Belemnitidas" etc.) O que ha de facto é o seguinte: Muitos nomes genericos de Cephalopodos fosseis foram formados pelos paleontologos com o suffixo *ites*, da mesma forma como em grande parte os nomes especificos de Tineideos (traças) terminam em *ella* ("pellionella", "ephestiella", "eimotoella", etc.) — aliás a titulo de simples lembretes mnemotechnicos, que não lograram constituir preceito. No caso dos nomes de fosseis nem seria possivel estabelecer uma regra neste sentido, em vista dos innumerados generos de seres que devemos enumerar tanto na lista dos fosseis como da fauna ou da flora hodierna.

O "*Lexico de Termos technicos e scientificos ainda não apontados nos dictionarios da lingua portugueza*", organizado por Aff. d'E. Taunay e publicado no Anuario da Escola Polytechnica de S. Paulo, 1909, pags. 1 a 154 registra apenas os vocabulos zoologicos recém-formados, de sorte que quasi todos



são desconhecidos ao leigo. Muito folgamos em constatar que o autor adopta, como nós, as desinencias *ideos* e *ineos* como equivalentes a *idae* e *inae* do latim, quando applicados a vocabulos de zoologia; os mesmos suffixos, no feminino, foram reservados para os nomes botanicos. Em boa parte as incongruencias que notamos podem ser attribuidas a simples lapsos typographicos; em tudo é quasi constante o emprego do suffixo no masculino para familias de cogumellos e do suffixo *ideas* para familias de Celenterados, quando a regra tacitamente adoptada requer o contrario. O autor abusa da desinencia "ideos", empregando-a em palavras de categoria superior á de familia. Vae nisto grave inconveniente, como o mostra o seguinte exemplo, entre os muitos que poderiamos citar: "ANADIASTOTELE — genero de arachnideos araneideos da familia dos liphistiideos", quando deveria ser: "genero de Arachnoides Araneidas da fam. dos Liphistiideos". No ultimo vocabulo do exemplo citado vê-se que o autor observa a regra por nos formulada sob II) a.

Em Pinheiro Chagas lemos: "mandri'ee" e da mesma forma este vocabulo vem registrado nos Dicionarios de Aulete, Candido Figueiredo, Gaspar A. Marques. E' portanto bom portuguez e a formação do vocabulo corresponde perfeitamente á do nome de familia acima citado.

O Lexico de Taunay tambem registra e aportugueza toda sorte de generos. Mais de uma vez já tivemos occasião de externar nosso modo de vêr a respeito. Antes de tudo, pelo lado tecnico ou pratico, é inconveniente aportuguezar taes vocabulos. No caso dos nomes genericos quasi homographos, a adaptção ao portuguez póde tirar-lhes a pequena differença existente, dando assim lugar á confusão. Exemplo: "Sphaenopus" e "Esphenops", aportuguezados, dão ambos "Esphenopo". E ainda, encearando a questão só pelo lado material, é impossivel fazer trabalho que seja ao menos approximadamente completo. Basta lembrar que o "Nomenclator Zoologicus" de Sennler, editado em 1880 ou 82 assáz incompleto, e que registra, com toda sorte de abreviaturas os nomes de generos e de categorias superiores, é um volume de suas 500 paginas; e para mantel-o em dia, o Zoological Record consagra annualmente 20 a 30 paginas á simples enumeração dos nomes recém-formados. Isto só com relação



á zoologia; outros tantos nomes, isto é dezenas ou centenas de milhares ha a registrar para a botanica e a paleontologia — onde iriamos parar? E a quem aproveitaria tanto trabalho?

---

Percorremos toda a serie da “*Revista da Academia de Letras*”, em busca da orientação seguida neste particular pelos nossos academicos. Como é natural, poucos autores ali tiveram ensejo do empregar a terminologia scientifica. No Dicionario dos Brasileirismos não encontramos criterio zoologico que nos satisfizesse... Contudo verificamos que Arthur Orlando e Eneides da Cunha eitam na forma original, latina, os nomes dos seres aos quaes se referem com o proposito de defini-los: *anguis*, *anacardium humile* (Vol. 4) “oiranas” (*salix humboldtiana*), Vol. 12.

José Verissimo, na sua classica “*Pesca na Amazonia*” procede de egual forma, porém mais correctamente, dando inicial maiuscula aos nomes genericos e minuscula aos especificos (*Manatus inunguis*, *Cichla brasiliensis*); em *Brycon Lundii* no entanto não resistiu á tentação de graphar o nome especifico com inicial maiuscula, em homenagem ao nome proprio. Devemos, porém, lembrar que o nome especifico, signifique elle pela etymologia o que quizer, passou a ter uma só função — distinguir a especie em questão das outras congeneres — e assim subnette-se á regra geral, da mesma forma como se a convenção adoptada mandasse numerar os generos com algarismos romanos e as especies com algarismos arabes.

Os autores supra-citados aportuguezam só os nomes genericos que por assim dizer já passaram para o dominio publico (megalosauro, brotosauro, Rev. cit., Vol. 4). Assim diremos tambem: o Pithecanthropo, o Estreptococoo, os Estegomyias e talvez mesmo os Papilios (já que essas borboletas se tornaram tão populares como o naturalista Mayer da Innocencia); mas ninguem irá usar em linguagem vulgar, aportuguezados, nomes genericos como estes: *Homo*, *Coffea*, *Apis*, ou *Pediculus*, *Cebus*, *Mantis*, etc. Bem sabemos que nunca será possivel traçar os limites que devam separar estes dois extremos (já não nos referimos, está elaro, aos lexicos de termos technicos, mas

sim aos dicionarios da linguagem commun). Ao nosso vêr não se pôde censurar o dicionarista que, propositadamente, deixar de incluir no seu vocabulario os termos usados unicamente pelos technicos em sua linguagem especial.

Nesta mesma revista (n. de fevereiro) o autor do artigo sobre "Cães e Veados" viu-se na contingencia de dar nomes scientificos ás especies indigenas de Cervideos. Para esta ultima palavra o A. escolheu desinencia franceza (les cervidés) com graphia portugueza, isto é sem o accento agudo. Seria esta mais uma variante a registrar como equivalente, em portuguez, ao *idae* da nomenclatura scientifica... Levaram inicial minuscula tanto os nomes genericos como os especificos; e esses nomes scientificos foram gryphados no mesmo typo como os nomes vulgares que o A. quiz pôr em evidencia.

Graphariamos, pois, da seguinte forma a phrase final da pag. 148: — Os vocabulos... "veado" e "cervo" designam os nossos Cervideos — *Cervus paludosus*, *C. campestris*, *C. rufus*, etc.)

Vamos enfim resumir novamente, formulando as seguintes regras, que sujeitamos á apreciação dos doutos em materia de lexicographia portugueza:

I) *Os nomes patronymicos da terminologia zoologica, referentes a categorias superiores á de familia, não obedecem a regras fixas quanto á escolha da desinencia que os adapta ao lexicon portuguez.* Porém os vocabulos em questão:

- a) indicarão sempre o plural;
- b) nunca poderão ter as desinencias *ideos* ou *incos*, privativas da categoria de familia e subfamilia;
- c) devem, o quanto possivel, indicar, pela desinencia, o genero masculino.

A lista mais completa, de taes nomes da nossa fauna, organizada de accordo com estas regras, encontra-se no indice scientifico do nosso *Atlas da Fauna do Brasil* e com relação ás palavras de origem grega, no *Vocabulario de Ramiz Galvão*. As divergencias existentes cabe ás Academias resolver, impondo a graphia definitiva.

II) *Os nomes de famílias zoológicas, em portuguez, levarão invariavelmente o suffixo "ideos".*

a) Acrescenta-se o suffixo ao radical, sem omissão de nenhuma letra deste, nem interpolação de estranhas.

Quanto mais inflexível a regra, mais fácil sua applicação em todos os casos; além disto torna-se fácil, por esta forma, reconhecer de prompto o radical que deu origem ao vocabulo. Assim diremos "a família dos Aeanthiideos" (radical *Acanthi*, do genero *Acanthia*; segundo a graphia adoptada por Ramiz Galvão, Aeanthideos, o nome generico deveria ser *Acantha*. )

III) *Os nomes de subfamílias zoológicas serão formados com o suffixo "ineos", respeitadas as mesmas normas indicadas sob II), a.*

IV) *Aos nomes genericos e especificos, por via de regra, não se dará desinencia portugueza; serão citados entre parenthesis e em grypho, na forma original, em seguida ao nome vulgar, o nome generico sempre com inicial maiuscula, o nome especifico sempre com inicial minuscula (ainda que o vocabulo que lhe deu origem seja nome proprio).*

a) Podem ser apotuguezados os nomes genericos de seres bastante conhecidos ou citados, mas que ainda assim não lograram denominação equivalente em linguagem commum. Observam-se neste caso as mesmas normas etymologicas que regem a derivação dos substantivos do latim classico.

S. Paulo.

RODOLPHO VON IHERING.



---

## UMA FIGURA NACIONAL

# D. LUIZ DE BRITTO

O patriotismo e o apostolado. — A imagem da intelligencia e a imagem da bondade.

Dizendo, ha pouco ainda, de uma das maiores figuras do Brasil contemporaneo, com aquella suave delicadeza, aquella eurythmia e aquelles matizes calidos de que aleançou os mysterios mais esquivos, Graça Aranha estudou e contemplou a imagem da belleza, a imagem da bondade e a imagem da intelligencia confluindo e irradiando na acção flammejante e gloriosa daquelle typo que teria de assignalar e crystallisar grandioso marco milliario na belleza de nossa raça e na grandeza de nossa historia.

Para dizer da saudade infinita que me fica de D. Luiz de Britto, a alma carinhosa que encheu quatorze annos de minha vida e nella o periodo de mais flamma e de emoção maior, o grande espirito que por mais de cincoenta annos se dispargiu em claridades vibrantissimas através dos fastos religiosos do Paiz, eu desejaría, a exemplo do escriptor, estudar no 1.º Arcebispo de Olinda a imagem da bondade e a imagem da intelligencia.

A fusão mysteriosa destas duas representações distinctas "em uma só irreductivel imagem" faz tambem daquelle Prelado uma das felizes expressões não só de nossa raça como principalmente do sacerdocio catholico na Igreja de nossos dias. De nossa raça, pela sensibilidade, pelo nacionalismo sadio e masculo de que se fez paladino até a morte; do sacerdocio, pela fé e pela acti-



vidade apostolar que attingiram a bem altas culminancias naquelle formoso espirito.

Expressão da raça pela sensibilidade, porque na alma de D. Luiz de Britto nós sentimos a essencia de nossa sensibilidade meridional, viva, prodigiosa, rica, fecundissima. Expressão do sacerdocio pela fé e pela actividade, porque sua acção social e religiosa, os trabalhos e empreendimentos de sen episcopado longo, os moldes de sua eloquencia saturada de unção tocante, tudo enfim onde elle deixou impresso o cunho distinctissimo, a feição intima de sen espirito, delata a evidencia em Mons. Britto um dos expoentes mais bellos e mais completos do apostolado da Igreja do Christo.

E assim, feliz expressão da raça, filho dos campos e dos sertões deste nordeste brasileiro onde mais fortemente se affirmam as nossas possibilidades ethnicas e onde, no pensar de Euclides, profundamente se elaboram as camadas de nossa futura sub-raça, o primeiro arcebispo de Pernambuco é tambem, para orgulho nosso e resplendor deste throno em que estiveram as encantadoras figuras apostolicas de Azeredo Coitinho, Cardoso Ayres e Vital de Oliveira, um modelo e um typo admiravel do sacerdocio e do apostolado neste évo tão sedento de civilisação e de cultura e do mesmo passo tão illogicamente divorciado do Evangelho e da Igreja.

*O NACIONALISMO DE D. LUIZ DE BRITTO.* Ah! O culto do nacionalismo na alma de Mons. Britto! Entre os reflexos mais encantadores, mais pulchros e mais tocantes da sensibilidade prodigiosa do illustre prelado estavam certamente os de seu patriotismo e os de seus sentimentos civieos.

E este patriotismo serenamente irradiava na perenne affirmação do nacionalismo que não é mais do que a exaltação das energias da raça e a confiança inabalavel nos altos destinos gloriosos da patria-mãe no seio da civilisação humana.

D. Luiz propuzera que o Instituto Historico de Pernambuco erguesse um monumento ás tres raças congraçadas na lueta contra o dominio hollandez, raças representadas em Fernandes Vieira, branco reinol, Henrique Dias, o negro, e Felippe Camarão, o indigena.

Esta proposta e este projecto dão bem a idéa do sentir e do pensar do Prelado venerando. Não era simples gosto de ver



erguidas tres estatuas na praça publica. Evidencia-se por esse gesto que o olhar do arcebispo patriota alcançava muito mais ainda.

E' que D. Luiz queria com este monumento dar a medida exacta da fé ardente que elle nutria no valor das raças que concorreram para a formação da sociedade brasileira e a convivência, arraigada e profunda, de que a guerra hollandeza "patenteára que o nosso meio cosmico e o cruzamento dos varios factores ethnicos não produziram uma nacionalidade de somenos energia" para dizer com a phrase de eminente escriptor nacional.

D. Luiz não partilhava da opinião dos que reputavam enfraquecida a elaboração do nosso cruzamento.

Fortemente convicto da elaboração de nosso cruzamento, D. Luiz de Britto não deixava, entretanto, de comprehender, como Enclides da Cunha, que a qualidade de Brasileiro "não é uma coisa que se recebe, senão uma posição que se conquista e acarreta deveres serios", como Enclides, não desconhecia o illustre prelado as grandes fatalidades que perturbam e demoram a nossa evolução, fatalidades dentre as quaes foi *magnapars* a contingencia dura, ineluctavel, em que nos achámos de effectuar simultaneamente a nossa formação ethnica e a nossa formação politica, dando traçados parallelos a phenomenos naturalmente successivos.

D. Luiz comprehendia estas verdades e esta comprehensão valorisava a sua visão, robustecia o seu optimismo e cada vez mais o radicava na convivência e no amor aos artigos de seu credo civico. O seu patriotismo era um patriotismo consciante.

Oh! As nossas obrigações sagradas, a nossa tarefa urgente, a nossa missão altissima, a missão de todos nós, filhos desta immensa e formosa terra em que, no dizer de Enclides, os diversos aspectos da natureza distribuiram de modo diverso as nossas cançadas ethnicas, originando uma mestiçagem dissimil e onde não temos ainda um typo anthropologico. D. Luiz comprehendia e sentia vivamente, e pregava, de cotio, as nossas tremendas responsabilidades diante das aspirações e dos idéaes da raça. Elle alcançava e sentia profundamente a verdade destes conceitos que o genio de Alberto Torres acaba de emoldurar com a belleza peregrina e cantante destes periodos avelludados

e lapidares, no apontar e precisar os deveres e a finalidade de nosso nacionalismo:

"Nós temos uma obra a completar e uma reparação a fazer.

Essa obra é a do restabelecimento das aspirações e dos idéas da nossa raça—de uma forte raça humana, tão vigorosa no surto de uma curtíssima gloria historica, como nas dores, nos sacrificios e nas labutas de longos séculos de abatimento e de oppressão, e a que estão associados os indigenas — donos desta terra, os pretos, que fizeram a sua riqueza, e os estrangeiros que para aqui vieram e que aqui se estabeleceram, com o culto de uma nova Pátria... Cabe-nos perpetuar e fazer produzir, na Historia do Futuro, o genio de Luiz de Camões, os brios do navegante lusitano, a lealdade e o esforço do labrego de Portugal, a bondade e a paciencia sofredora do negro; temos de revelar e desenvolver as virtudes que estão ainda em germen na alma virgem de nossos indigenas...

Do que valem todos estes e mais as suas vergontees quasi sempre mescladas, já nos dá testemunho bastante a nossa obra do passado, nas letras, no trabalho e nas batalhas.

"Nós temos de realisar uma civilisação "que não pôde ser grandiosa" porque os nossos recursos são limitados, mas que pôde ser prospera, e que pôde ser, sobretudo digna para nós — e util para o nosso semelhante.

A nossa posição, no proseguimento deste dever é ameaçada... pela nossa anarchia".

(V. Alberto Torres, art. no "Estado de S. Paulo".)

Tambem assim pensava D. Luiz de Britto!

Sábem todos a admiração e as homenagens que o venerando arcebispo votava ao reinado de D. Pedro II. E' que elle presava e estimava naquelle periodo o floreseimento de nossas instituições politicas de par com as liberdades publicas e privadas e a authenticação de nossa capacidade demonstrada admiravelmente num governo que foi, sem duvida, "um exemplar de moralidade administrativa", no dizer de Pedro Lessa.

Não sentiram jámais o travo do pessimismo a visão e o sentimento civico daquelle brasileiro notavel. Na formação historica de nossa nacionalidade, aprazia-lhe apontar sempre, apontar com valor de um vidente as nossas potencialidades ethnicas.

Quantas vezes aquella vóz magestosa e inflammada não debateron o pessimismo, o desanimo e a inercia que nos caracterizam e avassalam!

A Patria! E como D. Luiz sentiu e traduziu, toda inteira aquella paixão grandíssima!

Um dia cahiram dos labios de Mons. Britto estas palavras formosas e luminosas nas quaes se revelam toda grandeza, toda força admiravel eom que sua alma era trabalhada pela sagra-da paixão da patria: "*na minha vida os dois titulos de que sinto maior ufania são: de ser Arcebispo de Olinda e de ser Presidente de um Instituto em que se cultua o sentimento da Patria*".

Eu estava presente e jámais esquecerei aquella tarde que a nós outros do Instituto teria de ficar lembrando um dos momentos mais felizes daquella eloquencia repassada de sereno eneano, sempre nova, sempre fertil, sempre sulcada de sonoridades imprevistas e elarões deslumbradores, de eoloridos novos, de riquezas exquisitas quando dizia da Patria, de suas glorias, de sen passado ou de seu futuro.

E quantas vezes era no proprio recinto do santuario, nos momentos mais felizes e uos arroubos mais altos daquella eloquencia robusta que se verificavam as sagradas effusões, tocantes, enterneedoras, daquelle patriotismo nobre!

E elle nos dizia então quanto sentia, eom alegria divina a patria-mãe "tão grande e tão ságrada", o torrão bemdito onde estão sepultados os mortos que minha mãe ehora e meu pae venera, no dizer de Edmundo.

E este sentir, este conhecer, este comprehender, este venerar, este amar, este estremecer a patria, mãe carinhosa e bôa, pra em D. Luiz de Britto um anhelar eom todas as forças da alma pela consolidação da unidade nacional, pela affirmação de um "*caracter nacional, forte, coheso e justo, amando a verdade dentro das linhas serenas da-belleza*" e aereesentarei da Religião de Christo. Como Oliveira Lima, Ruy Barbosa, Euelides da Cunha, Joaquim Nabueo, S. Romero, José Verissimo, Rio Braneo, Mello Moraes, Laet e ultimamente Affonso Arinos, queria e sonhava D. Luiz de Britto a unidade da patria e a mais perfeita harmonia no organismo nacional.

Queria ardentemente a patria cohesa pelo avivamento de tradições, unida, consoante o dizer de C. Barroso; "pelos liamens de uma solidariedade politica que avivente o estimulo, fomentando o progresso em todo territorio, projeetando para

e lapidares, no apontar e precisar os deveres e a finalidade de nosso nacionalismo:

“Nós temos uma obra a completar e uma reparação a fazer.

Essa obra é a do restabelecimento das aspirações e dos idéas da nossa raça—de uma forte raça humana, tão vigorosa no surto de uma curtíssima glória histórica, como nas dores, nos sacrificios e nas labutas de longos séculos de abatimento e de opressão, e a que estão associados os indígenas — donos desta terra, os pretos, que fizeram a sua riqueza, e os estrangeiros que para aqui vieram e que aqui se estabeleceram, com o culto de uma nova Pátria... Cabe-nos perpetuar e fazer produzir, na História do Futuro, o genio de Luiz de Camões, os brios do navegante lusitano, a lealdade e o esforço do labrego de Portugal, a bondade e a paciência sofredora do negro; temos de revelar e desenvolver as virtudes que estão ainda em germen na alma virgem de nossos indígenas...

Do que valem todos estes e mais as suas vergontees quasi sempre mescladas, já nos dá testemunho bastante a nossa obra do passado, nas letras, no trabalho e nas batalhas.

“Nós temos de realisar uma civilização “que não pôde ser grandiosa” porque os nossos recursos são limitados, mas que pôde ser prospera, e que pôde ser, sobretudo digna para nós — e util para o nosso semelhante.

A nossa posição, no proseguimento deste dever é ameaçada... pela nossa anarchia”.

(V. Alberto Torres, art. no “Estado de S. Paulo”.)

Tambem assim pensava D. Luiz de Britto!

Sábem todos a admiração e as homenagens que o venerando arcebispo votava ao reinado de D. Pedro II. E’ que elle presava e estimava naquelle periodo o florescimento de nossas instituições politicas de par com as liberdades publicas e privadas e a authenticação de nossa capacidade demonstrada admiravelmente num governo que foi, sem duvida, “um exemplar de moralidade administrativa”, no dizer de Pedro Lessa.

Não sentiram jámais o travo do pessimismo a visão e o sentimento civicco daquelle brasileiro notavel. Na formação historica de nossa nacionalidade, aprazia-lhe apontar sempre, apontar com valor de um vidente as nossas potencialidades ethnicas.

Quantas vezes aquella vóz magestosa e inflammada não debateron o pessimismo, o desanimo e a inercia que nos caracterisam e avassalam!

A Patria! E como D. Luiz sentiu e traduziu, toda inteira aquella paixão grandissima!

Um dia cahiram dos labios de Mons. Britto estas palavras formosas e luminosas nas quaes se revelam toda grandeza, toda força admiravel com que sua alma era trabalhada pela sagrada paixão da patria: "*na minha vida os dois titulos de que sinto maior ufania são: de ser Arcebispo de Olinda e de ser Presidente de um Instituto em que se cultua o sentimento da Patria*".

Eu estava presente e jámais esquecerei aquella tarde que a nós outros do Instituto teria de ficar lembrando um dos momentos mais felizes daquella eloquencia repassada de sereno encanto, sempre nova, sempre fertil, sempre sulcada de sonoridades imprevistas e clarões deslumbradores, de coloridos novos, de riquezas exquisitas quando dizia da Patria, de suas glorias, de seu passado ou de seu futuro.

E quantas vezes era no proprio recinto do santuario, nos momentos mais felizes e nos arroubos mais altos daquella eloquencia robusta que se verificavam as sagradas effusões, tocantes, enterneecedoras, daquelle patriotismo nobre!

E elle nos dizia então quanto sentia, com alegria divina a patria-mãe "tão grande e tão sãgrada", o torrão bemdito onde estão sepultados os mortos que minha mãe chora e meu pae venera, no dizer de Edmundo.

E este sentir, este conhecer, este comprehender, este venerar, este amar, este estremecer a patria, mãe earinhosa e bõa, era em D. Luiz de Britto um anhelar com todas as forças da alma pela consolidação da unidade nacional, pela affirmação de um "*caracter nacional, forte, coheso e justo, amando a verdade dentro das linhas serenas da-belleza*" e accrescentarei da Religião de Christo. Como Oliveira Lima, Ruy Barbosa, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco, S. Romero, José Verissimo, Rio Branco, Mello Moraes, Lact e ultimamente Affonso Arinos, queria e sonhava D. Luiz de Britto a unidade da patria e a mais perfeita harmonia no organismo nacional.

Queria ardentemente a patria cohesa pelo avivamento de tradições, unida, consoante o dizer de C. Barroso; "pelos liamens de uma solidariedade politica que avivente o estimulo, fomentando o progresso em todo territorio, projectando para

o interior a civilização do littoral e dando a cada brasileiro a consciencia de seu dever”.

Mas este sentimento vivo, mas esta fé, mas este calor, mas esta exaltação, mas este culto ao nacionalismo em summa crêche tão profundo, tão espontaneo que dava a impressão de ser instintivo. Vinha-lhe das profunduras da alma como estas flôres peregrinas que vêm do fundo do lago, sobem á tona serena e tranquillã e numa manhã azulada e eôr de rosa desabotoam o sorriso e a fascinação de seus matizes.

*AS VISÕES DO PATRIOTISMO.* — Quantas vezes aquella maravilhosa eloquencia, que Coelho Netto dizia a mais bella e a mais alevantada que o Brasil tinha admirado depois de Mont'Alverne, quantas vezes não emmoldurou em frisos de ouro e purpura, não celebrou e exaltou o sentimento nacional e as nossas possibilidades, rumo do futuro!

As nossas possibilidades, porque era no inenleál-as e quasi demonstrá-las por este dom divinatório que revela os espiritos superiores, era no apontál-as que o patriotismo de D. Luiz de Britto resultava um culto e uma escola, um lemma e um combate que só o nome de nacionalismo pode definir e precisar. Para D. Luiz de Britto não bastava que o Instituto Historico de Pernambuco — de que era presidente — se entregasse exclusivamente á tarefa, gloriosissima aliás, de recolher os documentos de nosso passado e os dados com que hemos de fixar um dia a linha de nossa evolução historica. Não! Elle queria mais, muito mais ainda. Era aspiração sua, e o projecto acalentado com fervor, que o Instituto Historico se transformasse em escola de ensino civico por processos mais praticos, mais rapidos, menos exehsivistas, em uma palavra, que o Instituto commungasse com a alma do povo e particularmente com a mocidade brasileira.

Pederam-se os discursos estupendos em que flammejou e irradiou o patriotismo do illustre prelado, peças magistraes em que elle, com elevação, com nobresa e com talento, nos definia e determinava a orientação clara e a comprehensão profunda do sentimento da patria, quero dizer, de nosso culto e de nossos deveres de civismo. Triste desaparecimento este! Desgraca grande, sem duvida! Restam-nos, apenas, umas reliquias preciosas, religiosamente recolhidas e guardadas na Revista do

Instituto pelo esforçado e zeloso secretario Dr. Mario Mello: o apanhado de algumas allocuções que o venerando arcebispo pronuncieira em festas civicas do mesmo Instituto. Muito pouco, quasi nada de todo um patrimonio valioso e riquissimo que se perdeu!

Que livro soberbo, alentado de possante sopro de patriotismo, precioso, rico de seiva, fertilissimo em lições sadias de civismo não nos dariam os numerosos discursos de D. Luiz de Britto quando de nossas festas e commemorações que se relacionavam com a historia patria!

Que palavras preciosas, que ensinosa fecundos os de seus discursos sobre o periodo aureo da dynastia de Portugal; sobre Christovam Colombo, sobre a descoberta do Brasil, principalmente as suas orações memoraveis por occasião da celebração do Centenario; sobre as tradições gloriosas da cidade do Rio; sobre a epopéa pernambucana nesta aventura louca de cinco lustros de combate hollandez, nesta heroica resistencia que teria de firmar a nossa integridade nacional; sobre as glorias do soldado pernambucano e das raças abraçadas no mesmo ideal em Tabocas e Guararapes! Que lições valiosas naquelles trechos sempre tocados de alta inspiração arrebatadora sobre a mulher brasileira e as heroínas pernambucanas nos campos de Tejuicupapo e Casa-Forte, sobre os gemidos abafados e os soluços inuaraveis, as maguas torturantes e as tristezas sem nome, as agonias surdas e as lagrimas incomprehendidas desta figura meiga de nossa historia: — o escravo; sobre tantos outros themas commoventes e gloriosos de nosso passado nacional!

Que força poderosa, que flamma intensa, que nobreza pura naquelle patriotismo! E se eu não posso dizer de D. Luiz de Britto como se disse de Nabuco que o sentimento nacional foi o pendulo de sua existencia, é porque o Prelado teve na terra a grande missão sagrada de sacerdote e de pescador das almas.

Mesmo porém no sacerdocio, não é difficil descobrir que uma das feições mais seductoras do apostolado no grande Prelado era o sentimento e direi melhor a paixão da patria.

*UMA FEIÇÃO DO APOSTOLADO.* — Pescador de homems! Palavra profunda do Evangelho que traduz o arrebatamento e a embriaguez do apostolo, em vôos soberbos através de

espaços sem horisontes, palavra immensa que diz a divina tentação do infinito! Ao espirito do joven Luiz de Britto o dedo de Deus lhe fez resplandecer um dia uma idéa eterna.

E foi neste fulgor e neste deslumbramento a voz do Mestre Divino. Para logo cahiram-lhe dos labios e jorraram-lhe do peito estas palavras ardentes que são, do mesmo passo, creadoras da familia e creadoras do sacerdocio: "Tu só e para sempre!"

E eil-o que se vae, pescador de homens, a fazer luzir nos corações a Claridade Invisível, para dizer com o verso de Racine.

Oh! A divina tentação do Infinito!

E', certo, nesta attracção sublime que repontam e se precisam o traço e o feitio das almas apostolicas.

Pescador de homens! E não é elle que vem espargindo a mancheias as florescencias maravilhosas da cultura e da civilisação no mundo?

Só a atmospheria do Evangelho podia crear e fazer florir estes espiritos torturados do Infinito, estas almas que gritam perennemente *sitio! sitio!* e com este brado se atiram á conquista dolorida das almas.

E' nesta conquista trabalhoza que o apostolo tem de encontrar inevitavelmente a lucta. Acecita-a e atira-se á liça com desassombro, sem desfalleimento, sem vertigem.

"Pela mesma bitola do chefe da Synagoga que um dia censurou a Jesus o ter curado miraculosamente uma mulher que a enfermidade corcovára, se medem todos os discipulos de todas as escolas do erro. Preferia que ficasse aquella enferma sempre enferma alcachinada como um animal.

"O bem que á Igreja é dado espalhar entre os povos, escreveu Luiz Veillot, quizeram que o não espalhasse.

"O que mais que tudo desejam é que ella não corrija os homens e os não torne aptos a olhar o alto... impugnadores haverá que hão de tomar como pretexto o bem do proprio homem.

"Hão de allegar que endireitar o homem é prejudicial-o; que muito mais lhe releva andar curvado para o chão. Hão de empregar todo o genero de sophismas, hão de usar a força mesma, para impedir aos povos que se cheguem a Jesus Christo.

"O que mais temem é que o homem oiça a grande exhortação: *Sursum corda*. E no entretanto, ao passo que hão de empenhar-se em apagar a luz do Evangelho, hão de emancipar-se do jugo d'elle.



"Hão de desamarrar o boi e o jumento, que figuram o instincto bruto; hão de conduzi-los á piscina, ás pesadas aguas que apagam a razão e fazem odiar a luz.

"Quando assim houverem incutido ao homem a sympathia para o lodaçal, e a tendencia para a noite, hão de então dizer-lhe: Vês? Libertamos-te!

E hão de explorá-lo em proveito de si próprios.

Christo ensina á sua Igreja a que não tema. A despeito das ameaças espalhe a verdadeira luz" (L. Veillot—"Jesus Christo").

E a Igreja espalhou e continuará a espalhar a verdadeira luz.

E foi assim que germinou e floriu no mundo uma civilização que valia infinitamente mais do que as civilizações antigas, que a todas sobrepujava, porque procurando ardentemente as almas era e é portadora e possuidora de vitalidade inexgotável e renovação perenne: a civilização christã.

"E ha no mundo tantas almas que tambem aspiram". Esta formosa phrase de Graça Aranha não é mais do que a repetição das palavras doloridas e compassivas do Mestre Divino: — "*Misereor super turbam*". "*Evangelisare pauperibus misit me*".

Misereor! E não é ainda esta compaixão que a todas as horas, em todos os tempos, em toda parte, reaccende o sagrado ardor do apostolo?

Tantas almas, tantas, continua Graça Aranha, de servidão immemorial que tambem aspiram pelos seus redemptores e libertadores!

Em D. Luiz o patriotismo era a continuação e prolongamento radioso do apostolado. Sacerdote de Christo, elle fez da conquista das almas o idéal de sua vida: era a sêde do apostolo!

Brasileiro, elle jámais perdeu de vista esta grande alma que nós todos estremeecemos e idolatramos e que elle queria sempre mais depurada e mais forte, mais luminosa e mais pura: a alma da Patria! Por isto elle não podia comprehender a causa da Patria divoreiada da Igreja. Monarchista como era, elle não temia os avanços da idéa democratica.

O que elle queria, como verdadeiro bispo americano na estreira de Spalding, O' Connell ou Gibbons, era o baptismo das democracias.

No Brasil, na America, no mundo inteiro a democracia resultará uma realidade benefica quando, a exemplo da republi-

ca florentina, “a rubra flôr de liz arrancada em botão”, a exemplo da Suissa e da Confederação Norte-Americana, os povos se capacitarem de que entre a verdadeira democracia e o Evangelho não ha antagonismo algum por isso mesmo que o Evangelho é inspirado por um authenticio espirito democeratico, se por isto entendermos, na phrase de Leroy, o espirito de egualdade e de fraternidade.

A democracia da Revolução, “cujas idéas basicas são essencialmente racionalistas”, esta democracia que vem dos philosophos do seculo XVIII e da Revolução, que affirma a fé na bondade natural do homem, — que faz da idéa de Deus “uma superstição antiga” e, no dizer de Leroy, conduz á Onnipotencia e á Deificação de Estado, — que apagando a distincção entre o espiritual e o temporal, nega, desconhece e aniquila a verdadeira liberdade politica, a verdadeira verdade religiosa, esta democracia, dizemos nós, só pôde ser a deshonna da civilisação, o aviltamento do homem, o maior e o mais tremendo dos flagellos sociaes. Seria a anarchia a que se refere Alberto Torres; seria sem duvida, a demagogia incendiaria.

Olhando a alma da Patria, meditando no futuro nacional D. Luiz temia que assentasse tendas entre nós esta democracia dissolvente.

Toda a vida do Prelado equivaie a meio seculo de esforços e fadigas convergindo a este alvo nobilissimo: impedir que o paiz resvalasse por este despenhadeiro sombrio que nos levaria fatalmente á desventura suprema, ao abandono cruel de nossas tradições, ao olvido criminoso de nossas tradições, ao desfiamento da raça, á ruina irremediavel da nacionalidade.

Ao Evangelho! Ao Evangelho! clamou durante mais de cincoenta annos aquella grande vóz sonora e gloriosa.

Non solum *sed coelum!* Para o alto! Para o Infinito! “Mais hausto de luz, hausto maior de crença!” O impulso das almas arroja-se ás alturas illuminadas: só ali podem ellas viver e respirar! Os povos que olharam perennemente o chão perderam a sua razão de ser, precipitaram-se irremediavelmente no abysmo: afundaram todos.

Ao Evangelho! Só naquellas paginas divinas é que nós brasileiros attingiremos e realizaremos o sentido, profundo e integral do triumpho sobre a natureza, e chegaremos, ascensio-



nalmente á cultura individual, á cultura collectiva e ás formas superiores da civilisação.

E' do Evangelho que veem derivando em maior somma possível os elementos que logram propiciar "a mais profunda harmonia á coexistencia social".

Com elle e sómente com elle é que nós brasileiros conseguiremos attingir "o maximo de nossa expressão moral".

*UMA FINALIDADE GLORIOSA.* — O Brasil inteiro havia cedido á rutilancia e ao encanto da eloquencia de Mons. Britto.

E' que naquella palavra calida e naquella vóz solenne tiveram vibração e expressão fiel, luminosa e pura, os sentimentos de religião e patria que devem existir no fundo moral e affectivo, no estofô religioso e civico de todo brasileiro; os sentimentos da religião, porque foi ella que ensombreou e acalentou o berço patrio, realison a nossa unidade nacional, presidin á nossa formação historica e é ella, por certo, a gloriosa erença que, inteira ou deformada, todo brasileiro sente latejar, dentro de si, como uma nobre herança de sangue; e os sentimentos da patria, porque é na alma da Patria, alma sagrada, immensa que nós todos, parellas pequeninas, palpítamos com ufania e com amor.

Vóz de patriota, vóz de vidente!

Missão formosa a de apostolar os idéaes da patria com os idéaes da religião! E se D. Luiz de Britto não esereveu, como Nabueo, a elaboração de nossos destinos, não deixou, entretanto, de meditar profundamente sobre elles.

E da finalidade brasileira e da consciencia nacional nos disse tantas verdades profundas aquella vóz solenne e gloriosa! E como Nabueo "nesses momentos augustos de meditação elle augmentou a sensibilidade das cordas de nossa expressão litteraria e nos deu outras e mais raras vozes..."

E era, ereio eu, naquella eloquencia frondosa como as nossas selvas, esmaltada como os nossos campos, magestosa e larga como a enchente de nossos rios, que se vehiculavam os éstos e o *frisson* de nossa viva sensibilidade incendiada nos fulgores tropicaes.

E assim aquella vóz extraordinaria resultava a expressão sonora, animada, colorida, palpitante e seductora desta sensi-

bilidade da raça porque devia de ter muito de nosso proprio genio, de nossa propria alma nacional!

Elle foi assim um *exponente* e uma feliz expressão da raça.

Nos ultimos annos, quando as sombras deseiam e a neve ia se derramando na cabeça augusta do egregio arcebispo, elle feria mais amiudamente a fibra do amor da patria.

Era sem duvida a religião e a fé que naquellas horas mais solennes da vida vinham dar força estranha, singular e mais poderosa ao patriotismo do Prelado.

Trabalhára a vida inteira afim de que a patria pela religião jámais se desviasse do caminho pelo qual havemos de chegar ao maximo de nossa expressão moral.

Porque elle tambem pensando na patria sentia vivamente que “muitas vezes não se chega até lá e se *desapparece* numa volta da historia, não se deixando um traço, um sulço no grande espaço em vão percorrido” ...

Para nos salvarmos desse irremediavel desastre, dizia D. Luiz de Britto como Graça Aranha e Affonso Arinos, “para escapear do triste silencio em que nos extinguiriamos, precisamos executar, dentro de nós mesmos, uma serie de esforçados trabalhos para chegarmos a uma victoria completa e sermos uma força dentre as forças espirituaes da terra... Seria a apuração de nossa alma”.

Era esta a aspiração suprema, a finalidade gloriosa a que tendia o patriotismo em que se inflammava a alma sacerdotal de Mons. Britto. Não é preciso dizer que o illustre arcebispo só comprehendia esta apuração da alma nacional pelo Evangelho e pela Igreja do Christo.

Façamos ponto applicando a esta nobilissima figura do episcopado nacional aquellas palavras que ao grande abolicionista applicára o escriptor: “do berço ao tumulo, nessa peregrinação na terra, ninguem eumpriu mais bello e claro destino, ninguem como elle proferiu mais doees palavras repassadas de resignação, de tolerancia e de belleza...”

**INVOCAÇÃO.** — Bondoso amigo e pae espiritual, dahi da clara e suave luz em que habitas, perdôa á apagada mesquinhez destas flôres murchas.

Eil-as ali, humildes mensageiras do meu commovido affecto e do meu enternecido reconhecimento.



Eu disse mal e tão andrajosamente da imagem de tua intelligencia e de tua sensibilidade!

Não te pôde teer uma guirlanda!

Daqui deste recanto longinquo, afogado nos sertões do nordeste brasileiro, com o beijo sentido que envio á lousa do tumulo em que repousam as tuas cinzas, para mim duas vezes sagradas, offereço-te tudo o que posso dar, tudo que pude encontrar na effusão de minha saudade infinita e soluçante: — esta mancheia de flôres; aceita-a: as flôres vão orvalhadas do meu enternecido affecto e dos sonhos mais gratos de minha mocidade.

Parahyba.

HELIODORO PIRES.



---

---

PAGINAS ESQUECIDAS

UM PREFACIO (\*)

Um dia, respondendo a Alencar em carta publica, dizia-lhe eu, com referencia a um topico da sua, — que elle tinha por si, contra a conspiração do silencio, a conspiração da posteridade. Era facil antevê-lo: o *Guarany* e *Iracema* estavam publicados; muitos outros livros davam ao nosso auctor o primeiro logar na literatura brasileira. Ha dez annos apenas que morreu; eil-o que renasce para as edições monumentaes, com a primeira daquellas obras, tão fresca e tão nova, como quando viu a luz, ha trinta annos, nas columnas do *Diario do Rio*. E' a conspiração que começa.

O *Guarany* foi a sua grande estréa. Os primeiros ensaios fel-os no "*Correio Mercantil*", em 1853, onde substituiu F. Octaviano na chronica. Curto era o espaço, pouca a materia; mas a imaginação de Alencar suppria ou alargava as cousas, e com o seu pó de ouro borrifava as vulgaridades da semana. A vida fluminense era então outra, mais concentrada, menos ruidosa. O mundo ainda não nos falava todos os dias pelo telegrapho, nem a Europa nos mandava duas e tres vezes por semana, ás braçadas, os seus jornaes. A chacara de 1853 não estava, como

---

(\*) Este prefacio foi escripto em 1888 para uma edição monumental do "*Guarany*", que não passou do 1.º fasciculo, onde se imprimiram o mesmo prefacio e as primeiras paginas do "*Guarany*". Machado não reimprimiu o seu prefacio em nenhuma das suas collectaneas de escriptos varios.

a de hoje, contigua á rua do Onvidor por muitas linhas de *tramways*, mas em arrabaldes verdadeiramente remotos, ligados ao centro por tardos omnibus e carnagens particulares, ou publicas.

Naturalmente, a nossa principal rua era muito menos percorrida. Poucos eram os theatros, casas fechadas, onde os espectadores iam tranquillamente assistir a dramas e comedias, que perderam o viço com o tempo. Tres delles foram demolidos; resta um, com uso intermittente. A animação da cidade era menor e de differente character. A de hoje é o fructo natural do progresso dos tempos e da população; mas é claro que nem o progresso nem a vida são dons gratuitos. A facilidade e a celeridade do movimento desenvolveram a curiosidade multipla e de curto folego, e muitas cousas perderam o interesse cordial e duradouro, ao passo que vieram outras novas e immeraveis. A phantasia de Alencar, porém, fazia render a materia que tinha, e não tardou que se visse no joven estréante um mestre futuro, como Octaviano, que lhe entregara a pedna.

Effectivamente, dahi a tres annos, apparecia o *Guarany*. Entre a chronica e este romance, medearam, além da direcção do *Diario do Rio*, a famosa critica da *Confederação dos Tamoyos*, e duas narrativas, *Cinco Minutos* e a *Viuvinha*. A critica occupou a attenção da cidade durante longos dias, objecto de replicas, debates, conversações. Em verdade, Alencar não vinha conquistar uma ilha deserta. Quando se apparelhava para o combate e a producção litteraria, mais de um engenho vivia e dominava, além do proprio auctor da *Confederação*, como Gonçalves Dias, Varnhagen, Macedo, Porto Alegre, Bernardo Guimarães; e entre esses, posto que já então finado, aquelle cujo livro acabava de revelar ao Brazil um poeta genial: Alvares de Azevedo. Não importa; elle chegou, impaciente e ousado, criticou, inventou, compoz. As duas primeiras narrativas tronxeram logo a nota pessoal e nova; foram lidas como uma revelação. Era o bater das azas do espirito, que ia pouco depois arrojarse até as margens do Paquequer.

Aqui estão as margens do Paquequer; aqui vem este livro, que foi o primeiro alicerce da repntação de romancista do nosso auctor. É a obra pujante da mocidade. Escreven-a á medida da publicação, ajustando-se a materia ao espaço da folha, condições



adversas á arte, excellentes para grangear a attenção publica. Vencer estas condições no que ellas eram oppostas, e utilisal-as no que eram propicias, foi a grande victoria de Alencar, como tinha sido a do auctor dos *Tres Mosqueteiros*.

Não venho criticar o *Guarany*. Lá ficon, em paginas idas, o meu juizo sobre elle. Quaesquer que sejam as influencias extranhas a que obedeceu, este livro é essencialmente nacional. A natureza brasileira, com as exuberancias que Burke oppõe á nossa carreira de civilização, aqui a tendes, vista por varios aspectos; e a sua vida interior no começo do seculo XVII devia ser a que o auctor nos descreve, salvo o colorido literario e os toques de imaginação, que, ainda quando abusa, delicia. Aqui se encontrará a nota maviosa, tão característica do auctor, ao lado do rasgo masenlo, como lh'o pedia o contacto e o contraste da vida selvagem e da vida civil. Desde a entrada estamos em puro e largo romantismo. A maneira grave e apparatusa com que D. Antonio de Mariz toma conta de suas terras lembra os velhos fidalgos portuguezes, vistos atravez da solemnidade de Herculano; mas já depois intervem a lucta do goytacaz com a onça, e entramos no coração da America. A imaginação lá á realidade os mais opulentos atavios. Que importa que ás vezes a enbram de mais? Que importam os reparos que possam fazer na psychologia do indigena? Fica-nos neste o exemplar da dedicacão, como em *Cecilia* o da candura e faceirice; ao todo, uma obra em que palpita o melhor da alma brasileira.

Outros livros vieram depois. Veiu a deliciosa *Tracema*; vieram as *Minas de Prata*, mais vasto que ambos, superior a outros do mesmo auctor, e menos lido que elles; vieram aquelles dois estudos de mulher, — *Diva* e *Luciola*, que foram dos mais famosos. Neuhum produzim o mesmo effeito do *Guarany*. O processo não era novo; a originalidade do auctor estava na imaginação fecunda, — ridente ou possante — e na magia do estylo. Os nossos raros ensaios de narrativa careciam, em geral, desses dois predicados, embora tivessem outros que lhes davam justa nomeada e estíma. Alencar trazia-os, com alguma cousa mais que esperava a attenção: o poder descriptivo e a arte de interessar. Curava antes dos sentimentos geraes; fazia-o, porém, com largueza e felicidade; as physionomias particulares eram-lhe menos accetadas. A lingua, já numerosa, fez-se rica pelo tempo<sup>o</sup> adiante. Cen-



surado por deturpal-a, é certo que a estudava nos grandes mestres; mas persistiu em algumas fórmãs e construccões, a título de nacionalidade.

Não pude reler este livro, sem recordar e comparar a primeira phase da vida do auctor com a segunda. 1856 e 1876 são duas almas da mesma pessoa. A primeira data é a do periodo inicial da producção, quando a alma paga o esforço, e a imaginação não cuida mais que de florir, sem curar dos fructos nem de quem lh'os apanhe. Na segunda, estava desenganado. Descontada a vida intima, os seus ultimos tempos foram de misanthropo. Era o que ressumbrava dos escriptos e do aspecto do homem. Lembra-me ainda algumas manhãs, quando ia achal-o nas alamedas solitarias do Passeio Publico, andando e meditando, e punha-me a andar com elle, e a esentar-lhe a palavra doente, sem vibração de esperanças, nem já de sandades. Sentia o peor que pode sentir o orgulho de um grande engenho: a indifferença publica, depois da aclamação publica. Começara como Voltaire para acabar como Roussean. E baste um só cotêjo. A primeira de suas comedias, *Verso e Reverso*, obrazinha em dois actos, representada no antigo *Gymnasio*, em 1857, excitou a curiosidade do Rio de Janeiro, a literaria e a elegante; era mma simples estréa. Dezoito annos depois, em 1875, foram pedir-lhe um drama, escripto desde muito, e guardado inedito. Chamava-se *O Jesuita*, e ajustava-se fortuitamente, pelo título, ás preoccupações maçónico-ecclesiasticas da occasião; nem creio que lh'o fossem pedir por outro motivo. Pois nem o nome do auctor, se faltasse outra excitação, conseguin encher o theatro, na primeira, e creio que unica, representação da peça.

Esses e outros signaes dos tempos tinham-lhe azedado a alma. O echo da quadra ruidosa vinha contrastar com o actual silencio; não achava a fidelidade da admiração. Acresceia a politica, em que tão rapido se elevou como cahiu, e donde tronxe a primeira gotta de amargor. Quando um ministro de Estado, interpellado por elle, retorquia-lhe com palavras que traziam, mais ou menos, este sentido — que a vida partidaria exige a graduação dos postos e a submissão aos chefes, — usou de mma linguagem exacta e clara para toda a Camara, mas inintelligivel para Alencar, cujo sentimento não se accommodava ás disciplinas menores dos partidos.

Entretanto, é certo que a politica foi uma de suas ambições, senão por si mesma, ao meos pelo relevo que dão as altas funções do Estado. A politica tomou-o em sua nave de ouro; fello polemista ardente e brilhante, e levantou-o logo ao leme do governo. Não faltava a Alencar mais que uma qualidade parlamentar, — a eloquencia. Não possuía a eloquencia, antes parecia ter em si todas as qualidades que lhe eram contrarias; mas, fez-se orador parlamentar, com esforço, desde que viu que era preciso. Compreendera que, sem a oratoria, tinha de ficar na meia obscuridade. Se o talento da palavra é a primeira condição do parlamento, no dizer de Macaulay — que escreven essa especie de *truismo*, supponho, para accrescentar sarcasticamente que a oratoria tem a vantagem de dispensar qualquer outra faculdade, e pode muita vez cobrir a ignorancia, a fraqueza, a temeridade e os mais graves e fataes erros, — sabemos que para o nosso Alencar, como para os melhores, era um talento complementar, não substitutivo. Deu com elle algumas batalhas duras contra adversarios de primeira ordem. Mas tudo isso foi rapido. Teve os gozos intensos da politica, não os teve duradouros. As letras, posto que mais gratas que ella, apenas o consolaram; já lhes não achou o sabor primitivo. Voltou a ellas inteiramente, mas solitario e desenganado. A morte veio tomal-o depressa. Jámais me esquecen a impressão que recebi quando dei com o cadaver de Alencar no alto da eça, prestes a ser transferido para o cemiterio. O homem estava ligado aos annos das minhas estréas. Tinha-lhe affecto, conhecia-o desde o tempo em que elle ria, não me podia acostumar á idéa de que a trivialidade da morte honvesse desfeito esse artista fadado para distribuir a vida.

A posteridade dará a este livro o logar que definitivamente lhe competir. Nem todos chegam intactos aos olhos della; casos ha, em que um só resume tudo o que o escriptor deixou neste mundo. *Manon Lescaut*, por exemplo, é a immortal novella daquelle padre que escreven tantas outras, agora esquecidas. O auctor de *Iracema* e do *Guarany* pode esperar confiado. Ha aqui mesmo uma inconsciente allegoria. Quando o Parahyba alaga tudo, Pery, para salvar Cecilia, arranca uma palmeira, a poder de grandes esforços. Ninguem ainda esquecen essa pagina magnifica. A palmeira tomba, Cecilia é depositada nella, Pery



murmura ao ouvido da moça: *Tu viverás*, e vão ambos por alli abaixo, entre agna e céo, até que se somem no horizonte. Cecilia é a alma do grande escriptor, a arvore é a Patria que a leva na grande torrente dos tempos. *Tu viverás!*

MACHADO DE ASSIS.

## FEITICEIRA

— Não. Não aguento tamanho pouco easo: era o que faltava! E, diante destes olhos, fazer o que elle fez, minha Senhora da Conceição!

Assim pensando ali vinha a Benedieta — alta, esvelta, mostrando na saia leve de cambraia a opulencia dos quadris de mulata bem fornida. Saudia a cabeça, enraivecida, endireitava o corpo e, pousando as mãos na cintura, parava derepente, em attitude de desafio. Continuava depois a marcha, perseguida pela mesma idéa má; estrada afóra, ia esmagando, sob os sapatinhos de conro cheios de pellos brancos, as flôres e os arbustos.

A's vezes num gesto estouvado, desmanchava a laçada do lenço de seda côr de onro foseo, que tão bem lhe coifava a grenha Inzidia.

— En mostro a esse diabo! Ha de me pagar o atreviumento!

E traçava nervosamente o ehale fino, de côr vistosa, que havia comprado na vespera para assistir á proceissão. Choealhavam-lhe no peseço as contas escuras de "lagrimas de Nossa Senhora" e as bichas de ouro faiseavam ao sol, brunindo, com o reflexo, a faee afogueada da rapariga.

Na lombada do morro assomava a espaços o eomoro dum curpim sobre o qual os piea-páos gritavam num assanhamento de voracidade, contra os pequenos insectos.

O sol, a pino, afugentava da grimpa das arvores o passaredo que se escondia no meio das franças. Entre as folhas dum ingázeiro cochichavam periquitos, mansamente, preguiçosamen-

te, como invadidos da calma canicular, velando de quando em quando as pupilas redondas. No meio das folhas seccas, farfalhantes, passava um calango, traçando na rapida corrida um zig-zag de fogo com a pelle azul-dourada do seu dorso.

E caminhava a Benedieta, forgicando planos, tramando contra o desaforado Miguel que, ainda ha pouco, passára por junto della, fingindo não dar por isso, tão preocupado parecia com outra conquista. Pois era assim que elle pagava a dedicação de Benedieta, o seu amor quente e caricioso, o seu gosto em lhe agradar sempre, em vestir-se bem, enfeitar-se toda para lhe apparecer? E ainda agora mesmo não acabava de fazer o sacrificio de vir de tão longe só para vê-lo na procissão? Atrevido! Desavergonhado! Ella não tinha sangue de barata para aturar tanto desaforo. Deixal-o estar: haveria de pedir conselho a tio Cosme para enfeitigar o Miguel. Oh, o tio Cosme era sabido, em cousas de feiticaria!

E, assim pensando, ehegou á larga porteira que dava entrada ao pateo espaçoso, fechada por muros pardacentos. Cobria-os uma earapuça de capim secco para protegel-os contra a acção dissolvente das chuvas. No fundo, erguia-se o sobrado branco, com uma escada de pedra ao lado.

Benedieta entrara.

Uma laranjeira, numa das faces do sobrado, derramava ondas de perfume no quarto que olha para o nascente. Do lado direito, uma porta no muro dava accesso ao pomar, abrindo quasi sobre um rêgo d'agua abundante, murmuroso, arrastando em pequenas balsas de folha de umbaúba borboletas de grandes azas oculadas de azul. A agua do rêgo caia colleando os canteiros e lambendo preguiçosamente as raizes das mangueiras seculares, das laranjeiras em flôr. Debruçada sobre a porta dizente ao pomar, uma grande arvore viçosa, de compridas folhas encarnadas, attrahia um enxame de bezouros, de maribondos zumbidores e de beija-flores cinzentos cuja cauda branca abria-se em tesouras. E os pequenos seres alados, numa embriaguez de sons e de côres, banquetevam-se no leite viscoso da arvore. No centro do largo pateo, um cavallo escarvava a terra, dobrando depois os joelhos e espojando-se voluptuosamente, á procura de refrigerio. Junto ao muro da frente, velho boi carreiro, de pescoço açado, orelhas aprumadas e olhos fitos na

lombada do inorro fronteiro, mugia dolentemente, chorando talvez os companheiros longinuos, despedindo-se talvez, com esse gemido selvagem, repassado de angustia, dos campos saudosos de Canna-Brava, onde até então pompeará a sua independeneia de filho dos sertões. Um João-de-Barro, cheio de susto, chamava anciosamente pela companheira pulando e remexendo-se na porta de sua casinha, levantada sobre o galho do genipapeiro, á beira do curral. A companheira respondia ao longe e continuava a caçar insectos. Ouvia-se tambem ao longe o gemido das juritis num chavaseal escuro.

Todos os seres vivos procuravam a sombra, na hora canicular da sésta.

E o sol a pino requemava a terra numa graninundação de luz.

---

Junto á porta que dava para o pomar, quando entardecia, Benedicta, de costas para o pateo, conversava com um preto velho. Era o tio Cosme.

A carapuça de lã, carregada sobre a fronte, annuviava mais esse rosto adusto, punha um quê de sinistro naquella physionomia ao mesmo tempo enigmatica e feroz, burlesca e solenne. O olhar torvo, rompendo frio o perverso dos bugalhos vermelhos, como os dentes afiados rompem da mocosa rubra do jaguar, pairava sobre a Benedicta, agudo e penetrante.

O negro vestia de algodão de côr fusca. A camisa, trazia-a elle aberta ao peito, mostrando a pelle franzida e riscada de betas furfuraceas. Protegiam-lhe os pés contra os seixos da estrada alparcas de coiro crú. Curvado como estava e apoiado a um bordão cuja ponta ennegrecida tinha signaes de sangue, certamente de reptis que matara pelos caminhos, deixava pender do pescoço, na ponta de cordões escuros, anuletos de conro, unhas e presas de onça, que livram de quebrantos e de enfermidades.

Empregava essas patrauhas em serviço de seu odio aos brancos, de vingança contra os soffrimentos de sua raça. Especie de pagé negro, era Cosme o espirito de revolta entre os seus malungos. Ningnem onsava offendel-o, porque um terror supersticioso, ao qual os proprios fazendeiros não escapavam, op-

punha uma verdadeira muralha a qualquer aggressão á sua pessoa. Verdadeiro duende no meio daquelles homens simples, ninguém duvidava da efficacia de suas pragas.

Quando o preto, juntando os dedos na boeca, fazia um beijo, parecia que de seu corpo iam brotar myriades de maleficios. Gosava de má fama entre os seus brancos, que já o haviam libertado com a condição de ir-se elle para longe. Profundamente supersticioso, tornava-se o oraculo dos outros negros e da gente miuda, vivendo sempre com beberagens e praticas estranhas para enrar doenças, livrar de má sorte e despertar o amor. As suas respostas ás consultas, os seus conselhos, as suas receitas eram postas em pratica com verdadeiro rigor. Quantas vezes, no chão frio da velha choça, não se estoreou, escabujando, algum creoulo sacudido ou mulato pernóstico, aos golpes successivos e energicos d'uma corda de fumo, erendo que numa sóva com esse instrumento lhe limparia o corpo de *máu olhado*? Quantas vezes tambem a sinhá moça não encontrou no fundo da ehicara de café que lhe trazia a mucama, um pó estranho que não era outra cousa senão unha raspada?

Cosme pouco apparecia, vivendo sempre pelas mattas. Para as creanças era um verdadeiro *tutú* de quem fugiam ás leguas.

Benedicta, mulata nova e bonita, era cria da casa e da estimação da sinhá. Viveu separada dos escravos, no meio da familia do fazendeiro. De animo viril e de natureza impetuosa, a educação num meio superior á sua condição levantou-lhe algum tanto o espirito. Embora supersticiosa, não sofria a mesma dominação absoluta, a mesma fascinação que o tio Cosme exercia sobre todos os escravos.

Comtudo, o feiticcio não deixava de exercer influencia sobre o seu espirito. A vida mysteriosa, o caracter sombrio e o torvo aspecto de Cosme, geravam-lhe na alma um certo temor e uma certa fé no feiticcio. Toda vencida de paixão pelo Miguel que, seiente disso e cheio de vaidade, vivia a fazer-lhe pirraça, mais duma vez lembrou-se dos preparados do tio Cosme. Entanto, só nesse dia, depois de tanto desaforo, é que se resolveu a falar-lhe, quando o viu encaminhar-se para a sua palhoça escondida ali pelas cereanias.

O porte esbelto da Benedicta, ao lado da pequenez felina



do velho, dava á mulata a semelhança duma veada desaparecida, prestes a ser prêa da jaguatirica que prepara o bote, alampadada junto a um tronco d'arvore.

— Entregue-me o menino, que a cousa se decide, disse finalmente o preto.

— Deixe desses brinquedos, tio Cosme. O Juquinha foi creado nestes braços, dormindo sempre na minha cama. A gente não ha de comer os filhos, feito sneuru', nem deixar alguém mata-los.

Dahi a instantes, enquanto Benedicta entrava em casa correndo por acudir á labuta, elle sahia pateo afóra, com os beiços flacidos arrepanhados no canto num risinho mau, tartamudeando:

Negro do quilombo  
Grita na cidade:  
Viva o rei do Congo,  
Nossa magestade!

Viva!  
Viva! Viva! Viva!  
Viva a magestade!

E, arrastando o bordão pela terra, monologava:

Menino! menino! o braçinho tirado do corpo ainda quente, ha de mexer tachada de café ao fogo. Quem o beber, mexido assim, na hora de torrar, perde logo o pouco-caso e apanha rabicho. E en tenho encommenda... Deixe ver: uma, duas, tres pessoas que querem remedio para desprezo... A Rosa ainda hontem me falou nisso. Ora! num instante o Quim larga da outra: é só o tempo de beber o café, das mãos da Rosa.

E pouco a pouco, batendo pausadamente as alparcas no chão duro, foi entrando no matto, em demanda de sua palhoça.

— Eu aprompto a cousa: tiro o braçinho do menino... Hei de afogal-o primeiro; não custa muito. Quando pégo algum nhambú na urupuca, elle nem chega a soffrer: sei dum lugar no pescoco que é só apertar um pedacinho de tempo — o bicho morre logo. Assim o menino: é mesino que o passari-  
nho...

E pouco a pouco, batendo pausadamente as alpareas no chão duro, foi entrando no matto, em demanda de sua palhoça.

O taquary vicejava á sombra do arvoredó, carregando o verde escuro dos troncos e espalhando as hastes por todos os lados, numa rede emmaranhada.

Das arvores ancians cahiam, em solemnidade hieratica de patriarchas das selvas, longas barbas de musgo. D'aquí e d'aecólá, em pontes pensis de eipós, corriam earinguelês e sanis davam gritozinhos brejeiros.

A palhoça do negro estava suspensa do barraneó de uma grotta, ao fim da matta. No fundo resplandecia o cascalho, humedeccido sempre por um olho d'agua que chorava...

Pequenas trilhas de cotia desciam ao laerymal; e um cheiro forte de matta-virgem envolvia a cabana encoberta de baguassú escurecido de funaça. Dentro, na meia luz, jaeás afilados, conieos, armadilha contra os ratos silvestres, pendiam do tecto, ou fornavam cantoneiras toscas nas paredes de barro secco, aspero, ouriçadas de pontinhas de capim. Cabaços e coités de todos os tamanhos, facões quebrados, arcos velhos de barril, pennas de differentes passaros, insectos seccoos, couros e pelles, cascos de tatú e kagado, cousas de mil formas — tudo aclarado pela luz fumarenta de um fogacho, numa trempe de pedras soltas ao fundo.

Cosme entrou a resmungar. Procurou a cabeça e as garras de anhuma, pregadas ao portal; e murmurou, segurando os objectos:

— Anhúma! passaro bento, bieho bem mandado! Vaes benzer este remedio para a gente tomar. Tu sabes fazer cruz na agua do rio; pois faze cruz aqui.

E com a cabeça de anhúma fazia cruces sobre um liquido estranho, dentro de uma combuca.

Deu voltas pelo ambito da palhoça, onde a luz morrente do sol no occaso, varando o tecto de palmas, formava figurinhas brancas, esguias, volitando no ar. Regougou phrases incompreensiveis e, curvando mais o corpo, penetrou no escuro, junto a parede do fundo, onde procurava alguma cousa — gravetos, sem duvida — que atirou á trempe de pedras soltas, formando uma columnazinha de fumo. Ajoelhando-se no chão, debruçou-se nas mãos e soprou, em longos sopros compassados, pou-

co depois, erguia-se a labareda, viva, ruidosa, saedindo no ar a coma rubra, no meio dos estalidos dos gravetos abrazados.

Levantou-sê de novo e tirou da parede um urucungo, instrumento barbaro, companheiro unico das vigílias do negro, fonte de sons tristonhos, dolentes, que chamava duendes e fazia a alma broncea do feiticeiro espançar-se em azas de moreego.

Sentou-se no chão, recostado á parede; apoiou o queixo ao joelho e, prendendo, por uma ponta, no dedo grande do pé, o arco do urucungo, de corda retesada, segurou esta entre os dentes e pegou a bater-lhe com uma varinha, modulando a toada com a bocca.

Manso e manso, começaram a evolar-se uns sons estranhos de musica primitiva, rude e simples. O rythmo triste, Inctuoso, derramava-se pelo ambiente, dando vida a formas phantasmas que pareciam agitar-se na sombra.

A luz vermelha do fogo, ha pouco atizado, esbatia o rosto sinistro do bonzo; e as feições distendidas, os olhos arregalados, a bocca, armada de dentes brancos, sarcasticamente arreganhada, davam ao feiticeiro o tom funambulesco e dramatico de genio máu das cavernas, eurupira das brenhas, cercado de mautós dos mortos maldictos.

Fóra, curiangús desferiam pios gutturaes, rapidos, em cahoeira de notas; grandes pererecas coaxavam formidavelmente no bojo dos taqnarussús; e a noute cahia vagarosa e fatidica como véo pesado sobre um eremita morto.

Pouco a pouco, as vozes dos vivos, o bulicio das aves e das fêras na matta, cessou; então, as ahnas penadas começaram a peregrinação, em formas impalpaveis, fngitivas...

Só, no meio do silencio das mattas, da quietação dos campos, o urucungo gemia, ás erebas pancadas da varinha sobre a corda retesada; crepitava a labareda e os olhos de Cosme, abertos, abertos parecia esperarem alguem, do meio da noute...

Benedicta vagou pelas mattas o dia todo, sem ritmo, voltando muitas vezes sobre os seus passos, a ver se enôntrava o feiticeiro com o menino. Que havia de dizer á Sinhá? Como havia de explicar-lhe o desapparecimento do Juquinha? Maldicto Cosme! E ella que tinha culpa de ter procurado o feiticeiro! Foi castigo de Deus. Entrava em desespero, pela morte quasi certa do pequenino, só se lembrava do Miguel para lhe attri-



buir uma parte da desgraça sucedida. Ah, tentação do inferno! Para que lhe veio á idéa captar á força as sympathias do Miguel? Agora só lhe restava morrer. Sentia-se culpada da morte do pobresinho, do Inquinha que era como se fosse seu filho. Nesse momento tinha esquecido as noites mal dormidas com os caprichos e as impertinencias da creança, para recordar sómente as suas caricias, o seu cabellinho louro, os seus olhos azues e o modo especial de pronunciar: mãe plêta. Não, não podia esmorecer! Para que a vida depois disto?

Com os pés entumecidos de andar, as vestes rotas e a carne dolorida de mil arranhaduras, sahio do matto ao escurecer, indo dar perto da praia, onde o corrego, brincando com os muitos seixos do seu leito, encrespava as aguas em pequeninas ondas marulhosas...

A estrada que levava á cidade, se estendia pelo morro completamente deserto, passando junto ao grande ingázeiro proximo á praia.

Benedicta seguiu por ella: decididamente ia matar-se. Amanhã veriam o seu corpo dependurado do ingázeiro, á margem da estrada. Talvez lhe attribuissem, por isso, a morte ou o sumiço do menino; mas, que importa? Deus sabia de tudo. Com o favor d'Elle e da Senhora do Rosario, ella seria perdoada. E assim pensando, andava em direcção ao ingázeiro cuja fronte enorme avultava na meia sombra do crepuseulo.

Dé repente ouviu leves passos junto de si e uma voz procurando ser carinhosa, pronunciava o seu nome de mansinho.

A rapariga voltou-se e reclamou, reconhecendo a pessoa:

— Fuja de mim, maldicto! Não me venha tentar agora!

— Benedicta!

Ella, então, não tendo forças para fugir, ollhou em roda de si, procurando uma arma, uma pedra para arremessar contra quem parecia inimigo tão temeroso.

— Assim mesmo é que são as cousas. Agora que estou aqui, amofinado, humilde...

— Miguel! Demonio! Vá para o inferno! Nossa Senhora me valha pelo amor de seu Santissimo Filho! Livre-me desse diabo, desse matador!

— Ah, você já sabe? Foi uma desgraça; mas que havia de fazer?

— E inda tem bocca para dizer isso, meu Deus!

— Pois é verdade. Elle morren e en assisti á sua morte, no meio do matto. Como é que você soube?!

Benedicta, pensando que Miguel se referia á morte do Juquinha, teve um movimento de repulsão e de horror. Fazendo um esforço supremo, deu um grito terrivel e desatou a correr. O rapaz apparecia-lhe agora como a figura do demonio ou de algum ente maldieto que a feiticeria do Cosme atirava sobre ella. Miguel acompanhava-a:

— Escuta, olha, Benedicta; escuta uma cousa só pelo amor de Deus!

Exgottada de forças, a moça cahiu e deixou-se ficar soluçando.

Miguel, sem ousar tocá-la, ia dizendo com a palavra cortada pelos offegos que lhe causára a corrida:

— Olha Benedicta, en não tive outro remedio. Estava cansado naquelle matto de cima, bem longe. Tiuha ouvido as jaguingas darem signal e ia atraz dellas quando ouvi um chorozinho abafado. Disse comigo: uai! á modo de que é jaguatirica arremedando passarinho; mas, não... Estive assumptando, assumptando... Depois fui pelo rumo da voz e dei com elle, com aquelle diabo, que Deus perdôe, em pé, no meio do matto, benzendo uma couza. Olhei para o chão e vi o menino com os pezinhos amarrados e as mãozinhas atadas por cima do peito, choramingando.

— Que é isso, tio Cosme? gritei.

O negro levou um susto e fez menção de vir para cima de mim, com um facão de matto. Levei a arma á cara, quasi sem sentir, e fiz fogo. Foi só: *pá, terra!* O negro rolou no chão, botando sangue pela bocca e fazendo cada careta... Metti as mãos na cabeça; estava perdido, minha Senhora do Rosario! Olhei, então, para o menino, a ver se vivia. Felizmente! Carreguei-o mas elle estava sem fala. Tinha um chorozinho muito sumido... Reconheci logo que era o filho do só Manuel Alves, o Juquinha...

Benedicta não havia cessado de chorar; mas, nesse ponto da narrativa de Miguel, o seu choro se tornara convulso.

O rapaz ficou longo tempo calado, de pé, olhando tristemente a mulata.

— Agora, disse elle, vossê nunca mais ha de levantar os olhos para mim. Eu sou um matador, tenho de ir para a cadeia... E depois a alma do tio Cosme ha de perseguir sempre... Ah, como será, meu Deus!

Pouco a pouco Benedicta foi-se acalmando, até que poudo soerguer-se; e, pondo-se de joelhos, resou em voz baixa, conservando-se algum tempo como que em extasi. Em seguida:

— E minha sinhá! exclamou.

— Ih! nem é bom falar. Eu não lhe contei o caso como foi. Ella pensava que o Juquinha se achava com só Mamel Alves, na roça, e porisso não ficou com muito susto. Perguntou logo como eu tinha encontrado o menino e onde vossê estava. Eu disse que tinha achado o menino dormindo perto do matto, na beira da estrada. E eu não quiz saber de muita conversa, não; metti o arco para fóra logo. Depois, fui á Lontagem. Foi mesmo por Deus. Se não venho de lá, a esta hora não te encontrava aqui.

Benedicta levantou-se e caminhou para Miguel. O rapaz recuou um pouco, timidamente. Ella, num transporte de paixão e de alegria, saltou-lhe ao pescoço, elorando. Entre lagrimas, dizia:

— Olha em que dá o feitiço... Ah! esse feitiço quasi me matou. Que castigo, meu Deus... Eu te conto o que foi... Pensei que o Juquinha tinha morrido... Tio Cosme me arrebatou das mãos o menino para matal-o e fazer feitiço com elle... Valeu-me Nossa Senhora... Havemos de ir a pé á Lapa do Muquem cumprir uma promessa...

E Miguel, ao contacto daquelle corpo macio e tenro, apertava-o fortemente ao peito, machucando de beijos as faces e os beijos da rapariga, enquanto apontavam no céu, a medo, as primeiras estrellas.

Passava no momento uma aragem fresca, impregnada do cheiro das mattas; e os ramos do ingázeiro, balouçando ao longe, traçaram no chão estranhas figuras negras.

Subito Miguel, ouvindo no meio da práia deserta o berro de um cabrito perdido, procurando o apriseo, estremeceu:

— Vá para casa, Benedicta; eu te acompanho, eu te apadrinho. Olha a alma do tio Cosme na figura de um cabrito, bicho amaldiçoado. Vamos sahir daqui

E, juntos, se encaminharam para o sobrado da fazenda, que se avistava ao longe com as janellas illuminadas. A presença da rapariga, moça e bonita, foi arrefecendo o terror supersticioso que a morte do Cosme infundia em Miguel. Sua vaidade de homem reagia... e não queria parecer fraeco junto da rapariga.

Pelo caminho Miguel foi eontando á Benedicta, para distrahil-a, a lenda das estrellas — uma grande boiada, cujo pastor é S. Pedro, e que de noute se espalha pelo azul. Apontava para uma e para outra. — Vê aquella, coitada, tão sózinha! Parece perdida da manada... E a boiada luminosa pascia no azul, mansamente...

AFFONSO ARINOS.



# RESENHA DO MEZ

## A CAMPANHA NACIONALISTA

Ainda não esmoreceu em S. Paulo e no resto do Brasil a sagrada campanha nacionalista em que os maiores espiritos desta terra, guiados por Pedro Lessa e Olavo Bilac, empregam neste momento o melhor da sua energia.

A presença do Olavo Bilac em São Paulo veio torná-la ainda mais viva e brilhante.

O grande poeta sabe como ninguém acender entusiasmos e arregimentar vontades. A sua palavra, uma das mais quentes e sedutoras que já mais acariciaram ouvidos brasileiros, tem encontrado para essa campanha patriótica expressões admiráveis, expressões que revolvem a alma, que deslumbram o espirito o que vencem a indiferença e a hesitação. Cada discurso, que lhe brota dos labios é um clarim que retempera as fibras e um clarão que dissipa as sombras do caminho e illumina o horizonte para onde o nosso povo, por bem ou por mal, para que não venha a perceber, deve dirigir os seus passos.

O que mais consola ao contemplar a marcha victoriosa desso eterno triumphador é que se os applausos lhe sobem das ruas, da turba humilde, também lho deusem dos palacios o apoio e o estímulo dos poderosos. A sua propaganda vai encontrando eco em todos os peitos e vibra, por igual, com os mesmos accents irresistiveis, no ouvido do moço estudante, enthu-

siasta e inexperiente, o no ouvido do estadista, do banqueiro, frio e experimentado.

Se nas escolas e nos quartéis expansões ruidosas de admiração têm acolhido o poeta, não lhe têm faltado nas altas rodas da politica, da sociedade e da administração publica as provas mais claras de consideração e de apreço.

Obra sua, e obra de uma grande e nobre significação, foi, por exemplo, em boa parte, a reunião dos membros do conselho deliberativo da Liga de Defesa Nacional que, ha dias, so realisou, no palacio do governo, a convite do sr. dr. Altino Arantes, presidente de S. Paulo.

Nessa reunião, a que ninguém deliberadamente fugiu, encontraram-se representantes de todas as classes dirigentes e de varios matizes politicos.

Nonhuma poderia, entretanto, correr com mais cordialidade e com maior unidade de vistas.

S. Paulo está mostrando, felizmente, que tem ouvido para ouvir e entender a voz do civismo.

Permittam os céus que nunca o accometta, nem por instantes, o mais ligeiro ataque de surdez...

\*  
\* \*

O *Estado de S. Paulo* assim noticiou o que se passou na reunião da Liga Nacional realisada no palacio do governo:

“Sob a presidencia do sr. dr. Altino Arantes, effectuou-se hontem, no pa-

lação do governo, a primeira reunião dos membros permanentes do directorio regional de S. Paulo, da Liga de Defesa Nacional, convocada para a eleição da respectiva comissão executiva.

Dos membros do directorio regional, além de seu presidente, sr. dr. Altino Arantes, compareceram á reunião, que foi iniciada ás 16 horas, os srs. dr. Luiz Pereira Barretto, conselheiro Antonio Prado, arcebispo d. Duarte Leopoldo, dr. Frederico Vergueiro Steidel, dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, dr. Carlos de Campos, dr. Candido Motta, dr. Julio Mesquita, dr. Alfredo Pujol, dr. Paula Souza, dr. Roynaldo Porchat, dr. Roberto Moreira, dr. Souza Reis, dr. Plinio Barretto, Amadeu Amaral, dr. Mario Cardin, Placido Meirelles e dr. João Chrysostomo.

Esteve ainda presente á reunião o sr. Olavo Bilac, secretario geral da Liga de Defesa Nacional.

Deixaram de comparecer, com eausa particípada, os srs. dr. Candido Rodrigues, dr. Carlos Botelho, dr. José Carlos de Macedo Soares, dr. A. C. da Silva Telles e Nestor de Barros.

O sr. presidente do Estado, que tinha sentados, a seu lado, á esquerda, o sr. arcebispo, e á direita o sr. Bilac, deu começo aos trabalhos da reunião dizendo que desnecessario era enaltecer os propositos da Liga de Defesa Nacional. Bastava simplesmente enumerar tres das principaes preoccupações do seu programma, a saber, a diffusão do ensino, a educação civica e a defesa do paiz.

Tambem já eram de todos conhecidos os primeiros resultados da sua acção patriótica, devidos, principalmente, aos esforços o á propaganda brilhante de Olavo Bilac, que, por um feliz acaso, se achava presente á reunião.

S. exa. terminou, saudando o nosso illustre compatriota, a quem pediu que falasse, como representante da Liga.

O sr. Olavo Bilac, usando da palavra, disse que quem devia estar alli não era elle, mas o sr. ministro Pedro Lessa. Entretanto, como o presidente da Liga, obrigado a partir para o Rio

na vospera, lhe pedira que o representasse, cabia-lhe no momento essa honra.

Em seguida, o eminente poeta passou a expôr com precisão certos artigos dos estatutos daquella instituição patriótica. A alguns, por exemplo, poderia parecer estranho que 50 % dos recursos dos directorios regionaes devam reverter para o Directorio Central. Entretanto, isso foi estabelecido porque todo o trabalho da Liga deve ser centralizado no Rio, cabendo-lhe, portanto, a maior parte das despesas do propaganda e outras.

O orador observou que o grande mal do Brasil é a dispersão dos esforços e tendencia para a desagregação. Comprehendendo isso, a Liga tratou de estabelecer regras para atalhar o mal.

Sentia-se feliz por ver a maneira por que foram acolhidas em S. Paulo — que é um manancial de entusiasmo e de creença — as idéas constantes do programma da Liga de Defesa Nacional.

Ao coneluir, o sr. Bilac agradeceu as referencias que lhe haviam sido feitas pelo sr. presidente do Estado.

O sr. dr. Altino Arantes declarou então que aquella reunião tinha sido convocada para se proceder á eleição da comissão executiva do directorio paulista.

O sr. dr. Carlos de Campos, tomando a palavra, propoz fossem aclamados; vice-presidente, o sr. dr. Luiz Pereira Barretto; thesoureiro, o conselheiro Antonio Prado; e, secretario, o sr. dr. Roberto Moreira.

Por fim, o conselheiro Prado justificou a seguinte moção, que foi unanimemente approvada:

“Tendo o governo allemão posto termo a toda acção diplomática com relação ao protesto do governo brasileiro, motivada pelo bloqueio que aquelle governo pretende tornar effectivo no Atlantico, com violação do direito e convensões internacionaes, declarando que a manteria nessas condições por ser isso exigido pelo seu interesse de belligeranto; e considerando que, nestas circumstancias, o Brasil precisa estar preparado para a defesa effectiva dos seus direitos de

paiz neutro no conflicto europou; proponho que o primeiro acto do Directorio Regional da Liga de Defesa Nacional, em S. Paulo, seja dirigir ao governo federal, por intermedio do Directorio Central, um officio de applauso pela sua attitude de protesto contra as condições estabelecidas pelo governo allemão para o referido bloqueio, e offerecer ao governo os serviços do Directorio Regional de S. Paulo, para coadjuval-o na execução das medidas que forem julgadas necessarias para que elle possa, com dignidade, cumprir o seu dever. — S. Paulo, 21 de Março de 1917 — (a) Antonio Prado.”

A moção acima será enviada ao sr. dr. Pedro Lessa, presidente da Liga.

A reunião terminou ás 17 horas.

— Ao sr. dr. Altino Arantes foram dirigidos os seguintes telegrammas:

“Caldas — Impossibilitado de comparecer á reunião da Liga de Defesa Nacional, so usolidario com as resoluções da maioria. Saudações — (a) Candido Rodrigues.”

“Dourado — Não podendo comparecer á reunião da Liga de Defesa Nacional, da qual é v. exa. digno presidente, venho trazer meu inteiro apoio ás medidas que foram de alcance e correspondentes aos interesses do grande ideal que nos reúne. Saudações respeitosa. — (a) Carlos Botelho.”

S. exa. recebeu ainda a seguinte carta:

“Exmo. sr. dr. Altino Arantes — Minhas respeitosa saudações. — O estado precario da minha saude impede-me de sair com tempo incerto, como o temos hoje.

E' com magua que deixo de comparecer á reunião de hoje, convocada por v. exa., a quem peço acreditar na inteira sinceridade com que acompanho o patriotico movimento da Liga do Defesa Nacional, de cujo Directorio Regional é v. exa. muito digno presidente.

A v. exa. hypotheco todo o meu empenho e todo o serviço de que eventualmente me queira incumbir v. exa., na obra a que se propõe a nobre

instituição da Liga de Defesa Nacional.

Nesta oportunidade, peço para apresentar a v. exa. a segurança da minha mais alta consideração. — (a) Augusto C. da Silva Telles.”

## PEDAGOGIA

*Requisitos necessarios a quem se propõe ao trabalho educativo. — Habilitação technica do professor.*

No sentido restrito educação é o trabalho feito pelo agente — o educador, — sobre o sujeito — o educando, para o fim de obter um determinado resultado, por meio de um ensino qualquer — o objecto da educação. Nesta accepção limitada ha necessidade de distinguir *educação de adestramento e de criação*.

O trabalho escolar existe desde muitas centenas de annos e por todas as partes do mundo, mas a relevancia do seu papel educativo só foi justamente apreciada durante os ultimos tempos, nos quaes importa oxhiba o professor, agente que é da educação, bastantes dotes outr'ora nem conjecturados.

Em tempos remotos, em Athenas, chamava-se *pedagogo* o escravo que conduzia erianças á escola. E como, por certo, o guia e companheiro nas idas e vindas ensinava mais e melhor do que o proprio encarregado disso, passaram a appellidar de *pedagogo* o professor e não mais o escravo.

Em Roma reconheceu-se quo ao ensinante devia caber uma certa superioridade sobre o educando, donde a palavra *magister* = *mestre* (de *magis*, mais e *ter*, tres): o *magister* tinha de saber, no minimo, tres vezes mais do que o alumno.

Do mestre-escola, cuja figura tem sido assás ridicularizada nos dias que correm, e que era o terror da meninico dos nossos maiores, poucos requisitos exigiam-se e esses mesmos mais apparentes do que reaes; é assim que o antigo mestre-escola, so-

bre ser grave, austero, devia conhecer grammatica, saber calligraphia, sem falar já na solemnidade do traje e no rigor das normas disciplinares...

A tendencia é hoje para se requerer do educador uma série de predicados moraes, physicos e intellectuaes dotando-o de uma autoridade calçada em basos muito superiores ás que, d'antes, os costumes prescreviam.

Quanto á conducta, o mestre deve ser encarado como o natural modêlo de óptimo caracter, apresentado quotidianamente á imitação dos alumnos; sua influencia moral devê derramar-se dentro e fóra da escola, espalhando-se pelo meio social onde viver.

Physicamente ha a notar a conveniencia de um organismo robusto e sadio, de um todo agradável, de um metal de voz sympathico. O desleixo no vestuario, por exemplo, será bandido entre os membros da classe professoral. Defeitos existem que incompatibilizam mesmo para o exercicio do magisterio, taes como a falta de um braço, da mão, et cetera. O capitulo referente a molestias do professor é importante e até faz parte do serviço das inspecções medicas nas escolas.

Sob o ponto de vista da formação mental, para que os professores consigam resultados positivos no trabalho escolar, necessario é que apresentem varias qualidades constitutivas, por assim dizer, da sua habilitação technica, da sua competencia profissional. Reclamam-so do mestre conhecimentos que o habilitem a desempenhar uma tarefa cuja execução deve satisfazer ás quatro seguintes interrogações: QUE ENSINAR? A QUEM? COMO? PARA QUE ENSINAR?

1.ª pergunta — QUE ENSINAR? Quanto ás materias a explicar, desde logo se verifica a obrigação, para o professor, de conhecer mais do que regularmente os programmaes das cadeiras das Escolas Normaes, visto como de tal aprendizado tirará as noções a transmittir aos discipulos, conforme o exigirem as ordenanças governamentaes.

Ainda quanto ás materias a lecionar, convem pôr em destaque o papel de duas dellas cujos conhecimentos faz-se preciso seja bastante solido, attendendo-se ao cunho nacional caracteristico do ensino primario, e são a Historia Patria o a Geographia do Paiz. Estas disciplinas, bem consideradas, não só augmentam a cultura civica do professor, como também contribuem para fazer da Patria o centro de interêsse em torno do qual todo o curso elementar será dado, formando, de tal arte, o civismo dos alumnos.

2.ª pergunta — A QUEM ENSINAR? Se encarmos o elemento a ser modelado, relativamente pois aos sujeitos da educação, verdadeiros organismos reagentes sobre os quaes vai o educador exercer a sua influencia, claro está que o professor é obrigado absolutamente a conhecê-lo, não só sob os pontos de vista anatomico e physiologico, mas ainda anthropologica e psychologicamente. E' a este conhecimento completo do corpo e da alma infantil quo se dá o nome de *pedologia*, palavra proposta em 1892 pelo pedagogista e psychologo norte-americano O. Chrisman. A *pedologia*, porisso, como parte que é da pedagogia, torna-se indispensavel para o êxito da função educativa.

3.ª pergunta — COMO ENSINAR? Outro capitulo da pedagogia, que se não dispensa ao professor é o da *methodologia*, que lhe fornecerá os meios adequados á boa transmissão, para os eérebros receptores, das noções exigidas pelas necessidades sociaes de que o programma escolar é apenas um reflexo. A *methodologia* é um ramo tão util da sciencia da educação que, em todas as Escolas Normaes, devia haver cadeiras privativas dessa disciplina, regidas por cathedraes dedicados e investigadores que, a estudos abundantes, reunissem os proveitos de uma longa pratica. E' a *methodologia* um dos ensinos mais valiosos para a carreira do magisterio e deve constituir uma das grandes preoccupações do professor, durante toda a vida escolar.

4.ª pergunta — PARA QUE ENSINAR? Por ultimo, carece o mestre



de adquirir uma boa orientação philosophica, de valia inestimavel, pelo convívio entre pessoas sensatas, experientes e cultas; pela leitura meditada de livros classicos em materia educativa e em outras; pela reflexão constante a respeito dos graves problemas que preoccupam as classes estudiosas e acerca dos fins da educação não só tomada esta no seu sentido mais amplo, por synonyma de civilização, assim como na accepção restricta significando trabalho escolar propriamente dito.

Tal orientação servirá não só para que elle, o mestre, dirija de modo mais perfeito os encargos a sê executarem, mas ainda lhe trará, ao lado de certa calma na vida, novo entendimento do valor da propria obra, dignificando-a e concorrendo, afinal, para a melhoria desta e para elevação do executor della.

Este espirito philosophico é relativamente facil de conseguir e, pelo que tenho observado, os cathedrauticos em geral lhe não ligam a importancia merecida, o que de modo evidente não está certo, pois nos bancos escolares é que o alumno-mestre deverá ser iniciado em observações o meditações tendentes a lhe produzirem a almejada superioridade mental, a intelligencia emancipada, bem diversa, já se vê, do mero repetimento de alheias palavras, indício claro e seguro de erudição que não de sabedoria.—CARLOS DA SILVEIRA.

## BIBLIOGRAPHIA

ANTERO DE FIGUEIREDO: — *Recordações e Viagens*.

E' um encanto a leitura deste volume em que o escriptor portuguez lançou as impressões que colheu e as recordações que trouxe das viagens que fez por varias partes do mundo. O viajante vê bem os homens e as coisas e pinta-os com leveza e elegancia. Mais interessante, porém, que a impressão objectiva das terras que percorre o das gontes que encontra é a repercussão que, dentro de sua

alma e de seu espirito, o contacto do umas e outras produz. Mais que as descripções são curiosas e absorventes as reflexões do artista sensível, fino e delicado.

O livro já está em segunda edição. Do seu valor diz esta circumstancia mais do que diriam palavras nossas.

MARIO SETTE: — *Do Clarão dos Obuzes*.

São pequeninos contos, rapidas fantasias inspirados pela conflagração ouropéa, ou, melhor, pelos soffrimentos e pelo heroismo da França. Lêem-se com sympathia e, não raro, com emoção: o escriptor é fluente e nervoso e a sensibilidade do artista vibra, e faz vibrar a do leitor, sem esforço apparente.

Preferiamos, entretanto, ver o talento do escriptor applicado em assumptos da nossa terra e da nossa gente. Livros da inspiração o do feitiço deste correm, ás dezenas, pela França e este vae perder-se, ingloriamente, sem relevo e sem repercussão, na massa dessa coisa volumosa e enfadonha que se chama *A literatura da guerra*.

Não é uma obra nem franceza nem brasileira. E' um simples exercicio literario que, embora denote habilidade nas mãos que o traçaram, traz em si o germen da morte.

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO — *Fauna Brasiliense Peixes* (5.<sup>a</sup> parte); Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Vol. XVII.

Ha pouco foi distribuido o Vol. XVII dos Archivos do Museu Nacional e todo elle, grosso como dous volumes reunidos do Larousse (disforme, diríamos quasi) encerra apenas contribuições do um só autor. Já se vê que neste caso o "disforme", que nos ia escapando com rolação ao livro, significa, com relação ao autor: "operoso, dedicado, incansavel", *maxime* quando nos lembramos que os

trabalhos originaes são escriptos e não recortados a tesoura. Infelizmente o grande volume não tem paginação seguida — e isto, além de outros inconvenientes, graves principalmente em se tratando de um trabalho de character scientifico, traz mais este incommodo: obriga alguns criticos a contarem o numero de paginas, operação morosa, a que nós pelo menos nos furtamos.

A maior parte do volume é abrangida pela contribuição que enunciamos no titulo; é a quinta contribuição do Sr. Alípio de Miranda Ribeiro para a Monographia completa dos Peixes do Brasil — verdadeira obra monumental, quando estiver concluída; e certamente o autor a concluirá (dando-lhe Deus saúde e os politicos o necessario socego!). Teremos assim para um dos mais amplos grupos da nossa fauna de vertebrados um repositório completo das indispensaveis informações biologicas e do qual os interessados poderão se utilizar não só com proveito como tambem com a satisfação de estarem folheando trabalho de cientista brasileiro.

Methodicamente, segundo as boas normas do zoologo moderno, o A. estuda familia por familia, caracterizando primeiro o conjuncto, dando em seguida tabellas ou “chaves de classificação” para os generos e as especies da nossa fauna, a diagnose dos mesmos, os nomes vulgares, as dimensões, o habitat e mais particularidades interessantes — enfim o registro o quanto possivel completo dos conhecimentos que temos a respeito de cada especie. E’ de lastimar que a synonymia, tão util para ultteriores investigações, tenha sido omitida. Poderíamos proseguir ainda na analyso metieulosa do importante trabalho, salientando os muitos meritos e criticando tambem alguns senões, enfim “parler chiffon scientifique”; não caberia, porém nos moldes desta revista, a qual, dando esta breve noticia, sobre tão valiosa obra, se congratula com o autor e com as letras scientificas brasileiras, fazendo votos pela conclusão da mesma no mais breve prazo possivel. — R.

## ALFREDO PUJOL

O sr. dr. Alfredo Pujol concluiu, ha poucos dias, o curso que fez na Sociedade de Cultura Artistica a respeito de Machado de Assis. O curso constou de sete conferencias e abrangeu toda a obra e toda a vida do grande escriptor.

Ainda não é bem o momento de se julgar do valor critico desse trabalho, pois as conferencias ainda não estão publicadas em volume, e sem uma leitura do conjuncto seria arriscado qualquer juizo definitivo. O que se póde, entretanto, assignalar desde logo é o exito que o dr. Alfredo Pujol conseguiu obter entre os literatos e o publico que frequenta a Sociedade de Cultura Artistica.



Nunca lhe faltou, em todas as conferencias, um auditorio numeroso e attento e a cada conferencia que pronunciava partiam dos letrados mais eminentes do paiz applausos ruidosos. Da sinceridade desses applausos estamos tendo a prova na acolhida calorosa que entre os membros da Academia Brasileira de Letras se faz neste momento á sua candidatura para a vaga de Lafayette.

Muitas apprehensões nos saltaram, entretanto, quando se annunciou este curso. O publico tem a attenção curta e com muito pouco satisfaz a sua curiosidade literaria...

Machado de Assis, escriptor fino e subtil, não offerreo muitos encan-

tos para as massas, e o dr. Alfredo Pujol, temperamento fogoso de orador, amigo e cultor do periodo sonoro e brilhante, muito esforço precisava despende, apesar do seu talento e da sua erudição, para mostrar aos ouvintes as bellezas escondidas numa arte que o seu espirito educado comprehendia e apreciava mas que as suas tendencias naturaes repelliam.

Folgamos em registar que as apprehensões foram exaggeradas e que tudo correu pelo melhor.

Sojam quaes forem os defeitos que uma critica severa possa decidir no trabalho do dr. Alfredo Pujol, e alguns naturalmente ha de descobrir, o facto é que esse trabalho é o primeiro que, no genero, se tentou no Brasil e teve, entre varios outros, o merito de fornecer aos admiradores de Machado de Assis uma enorme quantidade de elementos novos para o conhecimento mais intimo o mais perfeito do grande escriptor e da sua obra.

Como trabalho de divulgação, e foi isto exactamente que o dr. Alfredo Pujol visou, quando se propoz a fazer-o, — parece-nos que realisou o que prometteu.

## MOVIMENTO THEATRAL

Tivemos este mez no Theatro Municipal, uma festa significativa: uma representação em homenagem a um dramaturgo paulista que começa. Esse dramaturgo é o dr. Claudio de Souza e a peça representada, a *Renuncia*, é um drama de sua lavra.

O dramaturgo é authentic: o dr. Claudio de Souza tem, effectivamente, a fibra theatral e sabe tramar e conduzir a acção com muita arte. Os seus defeitos são apenas os defeitos de quem começa: um pouco de hesitação ou, melhor, alguma indecisão no traço psychologico dos personagens e falta de naturalidade em alguns trechos do dialogo. Ha, por exemplo, na *Renuncia*, uma dama e um cavalheiro que se não chegam a cahir no phrasado empolado e incomprehensivel

das *Preciosas Ridiculas* vão, no guindado das expressões, além do que é permittido, na vida corrente, a certa classo do pernosticos.

Querendo imprimir-lhes o maximo de nobreza, o Autor exaggerou a medida da phrase, alteando-a em excesso, e assim quasi prejudicou o effeito que visava. Comprehende-se que na tragedia em verso, que é um genero falso e artificial, se ponham na bocca dos personagens phrases torneadas com todos os primores literarios e imagens de uma poesia elevada. Comprehende-se mesmo que no drama em prosa, quando se levam á scena individuos tirados de uma sociedade fina e culta, como é, por exemplo, certa parte da sociedade franceza, a linguagem de que elles usem seja levemente castigada. Não se comprehende, porém, que, no Brasil, se deitem palavras raras e imagens lyricas no dialogo habitual entre uma menina de pensão e um chronista de jornal, a menos que se collime um objectivo comico. Basta que se lhes cortem alguns solecismos mais graúdos para que se lhes dê uma linguagem fóra do commum... Aliás, não é nem foi nunca, na escolha de termos raros ou de uso pouco frequente que reside a expressão exacta da nobreza de idéas e a distincção de sentimentos.

Outro erro do Autor, este de psychologia, foi alongar muito, em alguns lances, as fallas de amor da heroína principal. Amor que raciocina demasiado, que se demonstra por a + b, que se compraz em analyses minuciosas e eloquentes — não é amor profundo, não é amor de coração: — é amor de cabeça, é literatura. Ora, a intenção do Autor não foi, evidentemente, a de pintar uma *bas-bleu* mas a de nos dar um typo de mulher, intelligente e carinhosa, capaz de todos os sacrificios, de todas as ternuras e de seus heroismos. A mania da dissertação põe um pouco de sombra na sinceridade dos sentimentos que a heroína apregôa e a gente sorri, ás vezes, da dôr que ella soffrendo-a crystallisa em phrases tão lindas e recortadinhas. Tem-se a impressão de que o soffrimento é menor

do que parece, que é quasi um pretexto para variações literarias. . . Em vez de uma amorosa legitima, uma amorosa ao feitio de Mllo. Lespinasse ou de Mariana Alcoforado, a gente suspeita, de quando em quando, que alli está apenas uma amorosa secundaria, uma amorosa de palavras, uma Mme. de Stael, mais preocupada com o boleio da phrase e o jogo das imagens do que com as pulsações do coração. . .

Outros defeitos, uns de certa importancia, insignificantes outros, podiam ainda ser apontados. Todos elles, porém, reunidos o somados, não destroem o valor que tem a peça. Muitos talvez nem se fizessem notar se o drama fosse interpretado por outros artistas. A interpretação que lhe deram foi quasi desastrada. Scenas cujo effeito maximo só poderia ser produzido pela absoluta naturalidade na inflexão da voz e no desdobrar dos gestos foram horrivelmente estropiados por uma declamação de melodrama ou, se quizerem, de recitativos com acompanhamento da *Dahila*.

Fazemos estas ligeiras observações porque o talento do novo dramaturgo merecia alguma coisa mais que o clogio trivial e inexpressivo que as folhas diarias lhe prodigalisaram.

\* \* \*

Um grupo de amigos do theatro procura organizar e manter em São Paulo, presentemente, uma companhia dramatica. Essa companhia já está trabalhando no Theatro Boa Vista.

O publico tem-na acolhido com sympathia.

## REVISTAS E JORNAES

### HOMENS E COISAS NACIONAES

#### A DEFESA NACIONAL

Desejo compendiar, numa linguagem singela, os intuitos da Liga da Defesa Nacional, quo fundámos, e pretendo definir o quo é "a defesa

nacional". E não sei se conseguirei dar com bastante clareza esta definição. O problema é immenso e complexo. Já disse, na sessão da instalação da Liga, que a defesa nacional é tudo para a nação: "E' o lar e a patria; a organização e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a industria, o commercio; a moral domestica e a moral politica; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrução; a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica, a poesia e a philosophia; a sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade." Para tudo isto definir e explicar, soria indispensavel um longo e completo curso de conferencias. Vou apenas indicar os pontos geracs do problema, e gryphar apenas algumas linhas.

A defesa nacional, como a queremos comprehender, não está organizada. Está claro que, se queremos organiza-la desde já, não é porque vejamos, sobre o nosso paiz, perigos *imediatos*. Mas a boa e verdadeira defesa deve ser preventiva. Se não ha perigos immediatos que nos cerquem, ha incontestavelmente sempre perigos latentes, proximos ou remotos, provaveis ou ao menos possiveis, que ameaçam constantemente todas as nacionalidades, ainda as mais solidas, fortes e armadas: nada é perfeito nem eterno, na contingencia da vida humana. Se este dever de defesa é imprescindivel para as nacionalidades mais bem organizadas, — mais imperiosas e mais urgentes devem ser a sua consciencia e a sua necessidade para o Brasil, paiz novo, agitado por um confuso e melindroso labor de formação, pobre de trabalho bem encaminhado, pobre de recursos bem explorados, pobre de instrução primaria, profissional e civica, pobre de cohesão, pobre de culto patriotico. Rodeiam-nos perigos externos e internos: e todos elles ameaçam a nossa independencia e a nossa unidade. Se queremos viver, e viver com fartura, liberdade e honra, é necessario que nos defendamos.

Ha pouco mais do dois annos, na

Europa, quasi todos os homens de pensamento acreditavam que a guerra, naquelles tempos de intensa e nobre propaganda de pacifismo, seria um sonho de realiação impossivel, um absurdo pesadello. Os factos desencantaram esta esperanza. Toda a Europa está enopada em sangue. Rasgaram-se tratados, annullaram-se convenções e amizades, violaram-se fronteiras, talaram-se campos, arrazaram-se eidades, aniquillaram-se patrias. Milhões de lares estão desertados e enlutados... Como se desencadeou essa guerra, e como se desencadearam todas as outras guerras que já ensanguentaram a Terra? Por amor da gloria, por amor da fama, ou apenas por simples e barbaro instincto sanguinario? Não, de certo. O que está convulsionando o Mundo é o amor da conquista de terras e de mares, o amor da expansão do commercio, o amor do interesse utilitario. E poderemos acreditar que o Brasil, este immenso paiz de sólo fertil e de ricas entranhas, ainda despovoado e desarmado, fique sempre, graças ao acaso, ou ao beneficio da Providencia divina, immune de qualquer investida da ambição ou da necessidade eommercial? Tal é o perigo externo, proximo ou remoto, sempre possivel. O outro perigo, imminente, o interno, é a quebra da unidade: o depauperamento do caracter, o definhamento do patriotismo conseiente, a mingua de instrucção, o accumulo dos erros das más administrações, o imperio das eubiças individuaes, e a triste indifferença em que vegeta a maior parte da população.

Impõe-se a defesa. Defendamo-nos!

... Não ha homens irremediavelmente fracos, e não ha povos irremediavelmente fracos. Em certos pontos do Brasil, — em muitos pontos, infelizmente! — o aspecto do homem do sertão é miseravel o triste; corpo emmagrecido, pelle sem eór, arterias sem sangue, olhar apagado, organismo depauperado, alma sem força, vontade abolida, cerebro sem luz. E' uma sombra de homem. Porque? porque esse homem não se alimenta, não trabalhã e não pensa.

Um punhado de farinha, a aguardente, o tabaco e a ociosidade não dão musculos, sangue, vontade, consciencia. A má alimentação, má e pouca, o alcool, os narcoticos, a inercia, a apathia não fazem homens: fazem automatos, ospectros, nada. Mas dai a esse homem fraco e desanimado uma boa alimentação, trabalho, exercicio, instrucção, — e ello será tão bom como qualquer dos homens mais fortes das mais fortes nações do mundo. Será um ente nobre e conseiente, forte e valente, honrado e generoso, — e, no momento necessario, um heróe. Dizem que no Brasil não pôde vigar uma nacionalidade perfeita, porque não tomos uma raça já acabada e um clima oxcellente... Não acrediteis no quo dizem esses pobres professores de uma sciencia falsa, maniaeos do feiticismo scientifico, que é mais ridiculo e mais funesto do que o fanatismo religioso. Essas invenções de influencia do meio, de clima, de raça, são todos os dias desmentidas pela evidencia dos factos e dos acontecimentos. Todas as raças são boas para o trabalho e para a felicidade; todos os elimas são bons para a cultura humana; todos os meios são bons para o exercicio do pensamento e da vontade. Attendendo ao caso particular do Brasil, lembremos que foram os nossos mestiços que, em grande parte, na época colonial, fizeram a exploração e a defesa do territorio do paiz; e, durante a época do Imperio, sustentaram com a sua bravura e o seu sangue as guerras do sul; e, ainda agora, estão desbravando as regiões brutas do Acre... Poderemos acreditar que esta mistura de raças seja incapaz? Quanto ao elima, lembremos que as zonas tropical, subtropical e temperada da Terra, em quo está situado o territorio do Brasil são as mais aptas para o desenvolvimento e para a felicidade da especie humana. A sciencia, a hygiene, a medieina, a bacteriologia já descobriram o preventivo e a cura de todas as doenças tropicaes e inter-tropicaes. Poderomos acreditar que, neste clima, o nosso povo seja inca-

paz de engrandecer-se e ennobrecer-se?

Para a defesa nacional, a coesão é indispensavel, a disciplina é imprescindivel. A verdadeira defesa nacional é a consciencia nacional. E' a noção perfeita, é a perfeita existencia da Patria.

Ha homens sem patria. Ou, pelo menos, ha homens que so dizem sem patria. São monstros moraes, ou, no melhor caso, gracejadores levianos. E' possivel que um homem normal e digno possa negar a necessidade da idéa da patria? E' possivel que um homem de boa fé, nestes duros tempos de desenfreada guerra desgraçando todo o mundo, possa acreditar na possibilidade de uma perfeita harmonia entre todos os povos da terra?

"Os sem patria dizem que não são cidadãos de uma patria, porque preferem ser cidadãos da humanidade. Ennevoada e empolada expressão, vasia de sentido! Ridicula e estúpida profissão de fé, ôca de significação! Onde está essa sonhada confederação dos Estados do mundo, ou sequer dos Estados da Europa? A utopia é bella; mas, para que a acceitemos, é necessario que ella so realize. E porque não querem os inimigos do patriotismo levar a sua theoria ao extremo? Em vez de dizer: "somos os cidadãos da terra!", devem dizer: "somos cidadãos do nosso systema planetario!", ou: "somos cidadãos do Universo!" Foi talvez o grande Kant quem pela primeira vez agitou esta formosa ficção da confederação do mundo. Mas, depois de sonhar a utopia, Kant escreveu textualmente: "Um dia virá, seguramente, em que se constituirão os Estados Unidos da Europa; porém, até essa bemdita época, todo o povo deve ter a sua mão sobre o punho da espada; senão, elle se arriscaria a desaparecer antes do grande dia."

Negar a patria é negar toda a vida social e moral. A patria é um élo, que se liga, intormediariamente, com estes dois outros élos: a familia e a humanidade. Negar um dos aneis, é negar os outros. Quem não concebe a idéa da patria não concebe

a do lar, nem a da solidariedade humana. Sem patria e, portanto, sem familia e sem sociedade, o homem annulla-se. Que é a patria? "E' a paridade de gostos e de costumes, communitade de lingua, cohesão de leis, identidade de condições phisicas e moraes, comparticipação das mesmas lembranças e das mesmas esperanças.

Quem não comprehende nem sente esta tendencia e esta necessidade moral não tem alma.

Para que haja patria é necessario que haja consciencia, cohesão e disciplina. Mas, para quo isto oxista, é necessario que haja instrucção, intensa e extensamente disseminada, facil e gratuitamente distribuida, constante e sabiamente dirigida. Não trato de instrucção secundaria e superior. Trato apenas da instrucção elemental, daquella que se deve dar a todos os homens do povo, com a hygiene do corpo e da alma, o eom a capacidade para trabalhar e viver, se não com fartura, ao menos com o necessario e a dignidade. Com a hygiene do corpo e da alma, a instrucção primaria, civica e militar; com a capacidade para o trabalho, a instrucção profissional. E' necessario, emfim, para que haja patria, que haja cidadãos.

Mas, que é "cidadão"?

"Ha na multidão das creaturas humanas, que povoam um paiz, quatro categorias progressivamente restrictivas: 1.º, todos os habitantes ou residentes, englobadamente comprehendidos; 2.º, entre os habitantes, os homens adultos, quo já têm a idade e a capacidade juridica, tendo o direito de voto; 3.º, entre os homens adultos, aquelles a quem chamaremos verdadeiramente "homens", isto é, aquelles que já chegaram a um certo grão de desenvolvimento intellectual, com a consciencia da sua razão, dos seus direitos e dos seus deveres; e, emfim, 4.º, entre os verdadeiros "homens", os "cidadãos", aquelles que investidos de completa cultura intellectual e moral, tendo elevação do espirito, sendo capazes de sobrepor-se aos interesses proprios, aos interesses partidarios de classe ou de cam-

panario, pódem dostinar-se á sagrada missão de governar e dirigir a multidão."

E' inconcebível a victoria de uma democracia sem a instrução da massa publica. Estabelecemos a Republica; mas pódem viver dignamente uma Republica, uma patria republicana, quando a maior parte dos seus filhos seja de analfabetos, e, portanto, de inconscientes? Incluimos no numero das nossas datas nacionaes o "14 de Julho". Mas esquecemos que a Assembléa Constituinte Franceza, em 1789, na "Declaração dos Direitos do Homem" proclamou: "A instrução é uma necessidade para todos; a sociedade deve favorecer os progressos da razão publica, e pôr a instrução ao alcance de todos os homens."

E' este, do nosso programma, o ponto primeiro, que devemos resolver para a nossa defesa nacional. E, com a instrução primaria, a instrução profissional. Segundo ponto. Estamos ainda soffrendo, e cruelmente soffrendo, desta imprevidencia dos nossos maiores, imprevidencia herdada, e aggravada pela indifferença, pelo egoismo o pela funesta politicagem das ultimas gerações e da actual: a falta da organização do trabalho. Mas não é tudo, isso. A instrução não é completa, quando se refere unicamente á sciencia e á arte, á intelligencia e ao trabalho. São indispensaveis tambem a saúde do corpo e da alma, a força corporal e a disciplina. Terceiro ponto: a instrução militar.

Precisamos do instrução militar e de exercito nacional, para a defesa do nosso territorio e da nossa civilização, e para a defesa individual do organismo physico e moral de cada brasileiro. Precisamos de exercito nacional — mas não do exercito nacional que hoje temos: queremos um exercito verdadeiramente nacional, sendo a propria nação composta de cidadãos-soldados, em que cada brasileiro seja o proprio exercito e o exercito seja todo o povo.

Todos têm medo do militarismo, no sentido da preponderancia da classe militar, na significação de despo-

tismo militar. Tenho tambem medo disso, o mais do que medo: profundo horror e profunda aversão. Mas as condições essenciaes para a existencia de qualquer despotismo são a ignorancia e a indifferença da massa do povo. Não ha povo nenhum, instruido, civica e militarmente instruido, que supporte qualquer despotismo. Quando o nosso exercito fór verdadeiramente nacional, não haverá no Brasil classe militar. Não queremos ter um exercito mercenario ou assoldado, o que diminue o valor do soldado e da nação. Não queremos tampouco um exercito propriamente profissional em toda a sua hierarchia, profissional desde o general até o soldado raso. Queremos um exercito democratico de defesa nacional. Queremos que não haja soldados profissionais; ou, melhor, que haja unicamente alguns profissionais, os officiaes de investidura profissional, os que sejam sacerdotes fardados, os educadores, os professores normaes do grande exercito sem profissão militar. Profissionais devem ser os directores do quartel democratico o livre, e essa profissão deve ser cercada do todo o prestigio, de toda a garantia, e de um caracter sagrado. Medo do militarismo? mas quando todos os cidadãos forem soldados, ninguem terá medo de soldados: porque seria infantil e irrisorio que todos os cidadãos tenham medo de si mesmos, das sombras de si mesmos.

O nosso sonho, o nosso desejo será isto, que, espero, será uma realidade. O exercito nacional será um laboratorio de civismo; uma escola de humanidade, dentro do patriotismo; uma escola de energia social, começando por ser uma escola de energia nacional. Ambicionamos que todos os brasileiros passem pelo quartel, revendo-se; que cada um dê ao menos um anno da sua vida ao serviço da vida da patria. E não queremos sómente o quartel. Queremos que dentro de cada quartel haja uma aula primaria; e que ao lado de cada quartel haja uma aula profissional. Ao cabo do seu tempo de aprendizado civico, cada homem será um homem

completo, um cidadão — com a sua intelligencia adestrada, com a sua capacidade armada para o trabalho, com a sua consciencia formada, com os seus musculos fortalecidos, com a sua alma ennobrecida. No quartel, cada homem enconstrará a sua completa cultura indispensavel.

O que é preciso é que esses homens encontrem no quartel officiaes dignos, capazes, entusiastas, moços, ardentes, que sejam exclusivamente officiaes, isto é: educadores e disciplinadores, adorando a sua profissão, limitando toda a sua energia e a sua fé ao exercicio da sua missão — unicamente officiaes e essencialmente brasileiros, afastados das lutas partidarias, religiosas ou politicas — porque qualquer partidarismo diminue o valor moral do official.

Creio, senhores, que o que já disse basta para que fique demonstrado que não sou militarista, e que não somos militaristas todos es que fundámos a Liga de Defesa Nacional. E é bom ainda que categoricamente affirmemos que somos pacifistas, sinceramente pacifistas. — (De uma conferencia publica realisada pelo sr. Olavo Bilac, no Rio de Janeiro, no Rio Grando do Sul e no Paraná).

#### LAFAYETTE

O parlamentar era dos mais curiosos dos nossos annaes politicos e litterarios, em cuja esphera agio sempre, como homem de gosto o homem do espirito, de um gosto exquisito e de um espirito fino, e o que é mais, com um sentimento justo. Se bem o comprehendendo, direi que Lafayette era infinitamente apto, visto como nelle existiam qualidades oppostas, que o faziam um antononico harmonioso. Assim, por oxemplo, era rude o polido, indulgente e perverso, subtil e erú, simples e ás vezes sybillino, persuadia e intimidava, deslizava, apoiava, estraçalhando e soprando a ferida, e exactamente por isso: porque sabia disciplinar-se. Maior, pois, do quo se fosse um uniforme... E' mais admiravel o homem que com

arte adquiriu qualidades de quo a natureza não o dotou e que com engenho as suppre, do que aquelle que naturalmente as possui. A obra da cultura e do espirito consiste primeiramente nessa disciplina interior das faculdades, de modo a organizar um espirito de conducta ou um character, que os dons por si só, sem osforço e arte, não chegariam a formar.

O que impressiona no Lafayette, quo viveu realmente uma das existencias politicas mais extraordinarias do Brasil, é a serenidade desso impetuoso. Amo essa virtude nelle. E' preciso ser calmo para não ser violento. E' preciso ser calmo para nunca parecer injusto, para julgar, para querer sem entusiasmo e desprezar sem rancor. E' preciso ser tranquillo até para, comprehendendo a vida, sorrir a vida e pordoal-a nessa desigualdade que faz de cada um de nós um typo especial e differente. Não é uma volupia ridicula sentir que o mysterio o a graça da vida reside nas suas imperfeições, na furia das paixões, que geram o amor, e soffrimento, a arte e a belleza, como esses altos e baixos do Rio são que divinizam a cidade das pedras e das montanhas. Para ser mais perfeito, um moralista talvez quizesse na serenidade de Lafayette, em vez de tanto sarcasmo e de tanto desprezo, um pouco de doçura. Mas elle era uma alma immensa o venonosa, impregnada desde a infancia do perfume de alguma flôr fatal, contrastando com o pieguismo, o romantismo e o lamartinismo, o gongerismo condoreiro do seu teuppe. Para agir como replica a esse estado d'alma, era preciso que a sua tonalidade fosse a mais aguda e a sua satyra a mais ferina.

Não sei qual e alexandrino ou o demiurgo que disse: o homem é a medida de todas as cousas. Lafayette sempre amou essa medida exacta nas coisas. Se escrevia livros, os seus eram os mais concisos o os mais claros. Se replicava a um orador, em cinco minutos aniquillava o inimigo e n'outros cinco terminava o debate, pondo a questão do seu ponto de

vista. Subiu ao poder e demorou-se um anno. Cahindo, nunca mais teve appetite de reconstal-o. Os são mestres de estrategia parlamentar deviam ter sido os mestres da sciencia militar alleman, esses profissionaes quo ensinam manobras, que são cargas, ante o impeto das quaes o adversario rola, mordendo o pó do chão.

Houve um momento em que Lafayette constituiu o ponto de referencia, não da politica nacional, mas da vida parlamentar brasileira. Monopolizava toda curiosidade do espirito publico, que o applaudia sem restricções. Excepto as victimas das suas malicias, chefes de partidos, senadores e deputados, o paiz inteiro soffria o encantamento desse guia providencial com um mixto de estupor e do admiração. A Assembléa enchia-se, e isso aguçava ainda mais a ferocidade do monstro. Dir-se-ia um tigre com unhas e manhas de gato: astucioso, obliquo e sem entranhas. Talhando uma carapuça para o sr. Paulino de Souza, elle falla das "nullidades douradas", que têm assento no Senado. Quando se annunciava que o Presidente do Conselho responderia a uma interpellação, as galerias recebiam uma inundação de gente. Um contemporaneo daquella época me dizia:

— Lafayette orando, já se sabia: era um enxame de ironias, de indirectas, cada qual mais terrivel e mais esfusiante. Tinha-se que ficar com o espirito prompto. Era um orador que obrigava o cerebro do auditorio a uma actividade continua, sempre alerta. Porque os epigrammas saltavam imprevistamente como fagulhas. Emquanto isso, as victimas tremiam da deshumanidade do algoz.

Não era possivel amar a um homem desses. Elle era feio. Como de si mesma dizia a Duse, a primeira impressão que dava á platéa, era a da sua fealdade. Mas facil seria do prompto submottor-se ao imperio da sua fascinação, á vassalagem das suas fantasias, e seguir-lhe o verbo *entrainant*.

Tanto mais porque lutava com algria, respondia com *insouciance*, atacando com a moderação mais implacavel e a doçura mais fria. Dava estocadas com punhos de renda e a

dexta em velludo. Outras vezes deixava o ferro pela garra, dilacerava, rasgava, esmulambando, reduzindo o inimigo a farrapos. Reli agora os seus discursos. Não ha nelles uma sombra de piedade e de clemencia.

Se em vez de ter vindo para a côrte tivesse permanecido no sertão mineiro, sem o commercio de Troplong, de Ulpiano e dos classicos latinos, Lafayette seria um *marroeiro*. Derrubaria cinco ou seis touros bravios por dia, e a noite desafiaria ao luar algum languoroso violeiro. Mas como se educou, policiando o temperamento, disciplinado pela cultura, resultou uma combinação de espirito greco-romano. Não do Romano do Imperio, que esse já era um desnacionalizado, em decadencia, mas o Romano do fulgor republicano, o espirito de ordem, o sentimento da disciplina, a seiva robusta, a humanidade rude, peculiar ao homem primitivo, emigrado ha pouco da caverna. Desse modo, o tegumento delie era mineiro: a casca grossa do caipira. Mas, o fundo, a alma, a decoraçào interior, como eram gregos e com toda a força do espirito hellenico! A' audacia engenhosa os ditos finos a expressào justa, o gosto exquisito, a voz suave, tudo era attico, inclusive a crueldade oriental, que acidulou o atticismo hellenico, depois que Alexandro rasgou á Grecia os horizontes brumosos do Oriente e impregnou d'aquelle travor asiatico.

Lafayette amava desfechar golpes, mas golpes certos. Dava na cabeça do progo. E batia forte e justo. Com uma pancada, duas no maximo, o rival estorceia-se, ciscando.

Um seu contemporaneo fallava-me da distincção com que elle guardava nos debates o sorriso amavel, a graça ligeira, a bonhomia. Nunca se defendeu com solemnidade, mesmo que tratasse os casos mais graves. Jámais se alongava na discussào. Tomava do assumpto a flôr, segundo o conselho do moralista. E' essa a razão por que os seus trabalhos e os seus discursos são flôres de harmonia e de equilibrio, porvilhados de idéas. Com effeito: quantas idéas não coruscem muitas vezes em duas linhas de malicia! Elle gostava de coordenar-as, de prendel-as



em feixes, lançando-as em períodos ageis e densos, de discursos articulados em minutos, que ficarão como obras primas de precisão. Sendo ao mesmo tempo homem de gabinete, isto é, um estudioso, e homem de espirito, Lafayette encantava, pondo, como disse com propriedade o Sr. Affonso Celso, um traço de arte na trivialidade dos annaes parlamentares, o fazia-se temer. Impunha-so e suggestionava. Esso feio, cabeçudo, de maçãs salientes, quando orava naquella eloquencia mathematica, transfigurava-se num "charmeur", espalhando epigrammas, como quem atira alfinetes. E ninguem lhe enxergava o rosto, mas a physionomia moral que o illumina.

... Lafayette reunia em um equilibrio exacto as qualidades indispensaveis a um doutrinario: o methodo, a penetração, a clareza e a cultura. Pôdo assim reverdecer o velho tronco lusitano de uma seiva nova. Por outro lado, elle era mineiro, da terra dos garimpos. Dir-so-ia que antes de manusear textos o compulsar tratados, tomara o ouro nas mãos e trabalhara-o. Porque accusava o gosto, a paciencia, o genio lapidar dos ourives que amam as pedras sem jaça e os metaes polidos.

Basta attentar as preferencias intellectuaes que elle conservava no Brasil: Nabuco e Machado de Assis, os dois typos atticos por excellencia da nossa civilização, no que o Brasil tem de mais esbolto, do mais subtil e do mais greco-latino, retificado por alguns humoristas inglezes, Renan e a Biblia. Lafayette denotava o gosto purificado como olles.

Apenas Joaquim Nabuco tinha uma alma azul, que se desentranhava em doçura: Machado do Assis mergulhava a sua dentro de um claro-escuro, onde ella se estrangulava, contorcida no mais suave e compassivo soffrimento; e Lafayette dera a sua, sorrindo, ao demonio, que a enfeiticava de uma graça diabolica mesmo.

Por isso elle infligiu nesse paiz dôres fulgurantes, com aquelle sorriso despreoccupado com que entregou a alma ao Maligno. — (A. Chateaubriand — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

## OSWALDO CRUZ

... Ninguem, entre nós, realizou obra de tal magnitude no curto espaço de 17 annos de vida publica. Remodelou a hygiene no Brasil no decurso de 3 annos, realizando a prodigiosa obra de extincção da febre amarella, trabalho incomparavelmente mais difficil que o realizado pelos norto-americanos em Cuba e no Panamá, não só pelo volume da população do Rio de Janeiro, como ainda por se achar em Havana, de facto, e praticamente a zona canal, sob o regimen da lei marcial.

Jámais, opposição mais feroz, desencadeou-se sobre nenhum homem em qualquer paiz do mundo. Tudo quanto a imaginação humana pode lançar



mão para combater, foi usado contra elle. Depois de exgotada a inerivel fertilidade dos nossos caricaturistas, o ridiculo inventou uma cançoneta que teve época e era tocada e cantada em milhares de casas cariocas. Os arestos, sentenças, mandatos de manutenção, "habeas-corpus", todo o arsenal das chicanas judicarias de que somos capazes, tambem se despedaçaram diante da bravura d'alma do saneador do Rio. Violentas criticas scientificas oriundas do despoito ou da incredulidade, agitaram a imprensa, o parlamento e associações scientificas.

As ameaças, iusultos, calumnias, todo o enxurro ignobil de que uma opposição systematica e sem hori-

zontes é capaz de se utilizar, tão pouco o demoveram da rota traçada e desde o principio até o fim até em nome de uma religião, a positivista, procuraram vencelo.

Diante da sua firmeza, os resultados dia a dia tornavam-se patentes, a virulencia dos ataques attingiu ao paroxysmo e chegou ao ponto de esmorecer amigos dedicados e membros da propria familia. Oswaldo Cruz, porém, como um predestinado, insensível aos rogos, conselhos e supplicas, não hesitava, não tergiversava, não transigia.

A' medida que se ia impondo, uma aspiração nobre se avolumava no seu cerebro com a criação do Instituto de Manguinhos, então apenas embryonario, e que elle se esforçava em tornar uma realidade, como de facto o realizou.

Todas as angustias, soffrimentos e torturas de que era portador, desappareciam no humilde casebre onde consoguira reunir alguns discipulos, entregues de corpo e alma aos trabalhos de laboratorios, cujas pesquisas acabam por fundar a escola de Manguinhos e, com ella, a nacionalização da medicina experimental no Brasil.

Maior que a gloria de ter eliminado a febre amarella no Rio e no Pará, deve-se ao grande brasileiro a influencia que as pesquisas de Manguinhos exerceram em todo o paiz. A sua obra repercutiu em todos os hospitaes, com o maior desenvolvimento dado ás investigações da microscopia clinica como meio de auxiliar o diagnostico.

"São trabalhadores de mais de 14 horas diarias", dizia elle, referindo-se aos seus discipulos, em rolatorio ao Ministro, ao pedir elementos para desenvolver o Instituto. Quando von Prowasek chogou a Manguinhos, ao cabo de alguns mezes, suggeriu ao nosso Mestre a necessidade de um mez de férias annuaes, accrescentando: "O sr. está encurtando a vida dos mais espantosos homens de sciencia que tenho encontrado, nunca vi trabalhar-se tanto". O conselho foi ouvido e assim ficou instituido o uso das férias para todo o pessoal.

Prowasek, de todos os contratados, foi o que maior influencia exercu sobre nós, fez-se querido de todos e interessou-se vivamente pelo desenvolvimento de Manguinhos, lembrando o suggerindo alvitres, entre elles, o da criação de uma Estação Zoologica, idéa que Oswaldo Cruz immediatamente perfilhou e procurou realizar, com a aquisição de um terreno na Ilha Grande para onde, monsal o rotativamente, seria destacado um assistente, o qual se comunicaria com o Instituto por meio do telegrapho sem fio. Prowasek nos iniciára nas investigações relativas ao *planton*; agora, já se fallava na installação de uma Estação Zoologica modestamente iniciada, mas que Oswaldo em pensamento já desdobrára e fazia crescer e que de certo realizaria se a morte não nos tivesse roubado tão prematuramente.

Uma das características de sua individualidade era o "saber esperar" e tanto assim que fazia parte da sua divisa, a qual se completava com as expressões "*querer-poder*".

A ultima vez que eu lho falei conversámos longamente. Procurara o mestre em sua casa, afim de me despedir, pois vinha assumir o meu posto aqui em S. Paulo. A certa altura, começamos a fallar do Instituto e dos seus projectos para quando lá voltasse. Transfigurou-se e fallou cheio de enthusiasmo e do fé de Manguinhos e todos os planos que imaginára, elle os expunha com tal accento do convicção a não deixar a menor duvida sobre sua realização.

Quanta cousa, já por nós suspeitada de haver sido olvidada e definitivamente abandonada, estava apenas aguardando a oportunidade delles *poder* realizar.

Diante do seu *querer*, as antigas aspirações de terminar o Hospital, unir a Parada do Amorim o a Ponte de desembarque ao Instituto por um fio aereo que transportaria as pessoas em um vagão, concluir o aquario, adquirir o vapor afim de iniciar os estudos de oceanographia, permaneciam intactas, apenas a *esperar* o momento propicio.



Olhei-o com admiração e, deparando com o seu rosto macilento e enrugado, não pude deixar de dizer-lhe: os seus assistentes estão ficando velhos e o cansaço está chegando, ao que elle accrescentou: para executar os meus planos antigos já não conto muito com a Velha Guarda, ella cumpriu com o seu dever; eu pensava na gente nova que lá está a qual levantaria Manguinhos ainda mais alto.

A formidável energia daquello transformador de homens, lá estava intacta como nos primeiros dias da sua vida publica; voltaria para Manguinhos disposto a realizar o seu programma e contava com a força semprepiterna da mocidade.

Nos circulos scientificos do estrangeiro, quem fez o Brasil ser conhecido fôo o trabalho por elle realizado. Quando a commissão franceza chegou ao Rio, fazia de nosso paiz tal juizo que, não se olvidou de incluir na sua bagagem, além de objectos que facilmente aqui encontraria, até phosphoros. No entanto, quando mezes depois, um dos seus membros teve recio de haver se infectado com a peste, não hesitou em preferir o soro preparado em Manguinhos ao do Instituto Pasteur de Paris, de cujo estabelecimento toda ella fazia parte.

Nenhum de nós, em qualquer parte do mundo, necessitou de outras credenciaes além da de representante do Instituto. Tenho bem presente na memoria o dia da minha visita ao Museu do Zoologia de Stokolno. Ao enviar o meu cartão ao seu Director, o professor Sjostedt, este mandou um funcionario acompanhar-me. Passa-se algum tempo e eu observei que algum se aproxima sobraçando alguns volumes. O empregado afasta-se um pouco e o recém vindo pergunta-me: o sr. é assistente do Instituto que publica estas memorias? Reparo então e vejo que os livros, eram volumes encadernados das Memorias do Instituto Oswaldo Cruz; sim, respondo; pois então serei eu proprio o seu "cicerone".

Assim aconteceu em toda a parte; o nome do Instituto Oswaldo Cruz

era o meu melhor passaporte; o prestigio do seu nome funcionava como um "abre-te Sesamo" para as portas de todas as instituições scientificas de todo o mundo. Ainda ha pouco tempo, um homem de sciencia brasileiro, recordava-me o episodio de que foi testemunha, relativa a um nosso patricio, ancioso por trabalhar em determinado centro scientifico allemão, mas que apesar de estar amparado por todas as recommendações diplomaticas, não conseguiu realizar sua intenção. Resolveu então solicitar uma carta de Oswaldo Cruz e, ao apresental-a, foi immediatamente admittido.

... Nunca lhe vislumbrei a menor preocupação bairrista; odiava o amor ao campanario, o seu grande espirito não dava a menor importancia ás nossas divisões territoriaes. Só sabia ver a imagem integral da Patria brasileira. Do Amazonas ao Rio Grande, o Brasil engastava-se no seu coração como um todo homogeneo, compacto e indissolúvel.

Certa vez deu-me ordem para preparar soro anti-ophidico; providenciei a respeito o quando já tinha tudo prompto e os animaes em inicio de immunização, chanou-me e disse: Vamos empregar a nossa actividade em outro assumpto; Butantan foi quem teve a iniciativa destes estudos entre nós; Manguinhos possui maiores recursos e iria fazer uma concurrencia nada patriótica, à um homem como Vital Brasil, merecedor de todo o apoio.

Nunca se poupou em presença do perigo ou do soffrimento, quando assumia a responsabilidade de algum serviço. Viajou longos mezes de Marnãos ao Rio, ida e volta, em pequeno navio, velho e desapparelhado, verdadeiro chaveco e isto para pessoalmente ir inspecionar os portos. E' necessario accrescentar-se que poucas pessoas soffriam tanto quanto elle de enjôo, mal que o prostrava ainda mesmo ao viajar nos melhores transatlanticos.

Procurava dar-nos o exemplo supportando o desconforto, o mal estar, galhardamente o choio do bom humor e, antes de Manguinhos se levanta-

tar no magnifico e confortavel edificio que hoje é, trabalhavamos frugalmente alimentados, desde 8 horas da manhã, hora que alli chegavamos, até 11 horas da noite, pelo menos, quando nos retiravamos na mesma lancha.

Pois bem; uma vez na semana o nosso chefe participava deste horario e isto acontecia ás quartas-feiras, quando o trabalho prolongava-se muito-além das 11 horas da noite e ficavamos todos reunidos afim de resumirmos os jornaes scientificos. Naquella época, ello ainda concorria a Manguinhos mais outros dois dias da semana, entrando pela manhã e retirando-se entre 4 e 5 horas da tarde. Os outros dias, ficava na cidade dedicado aos serviços de extincção da febre amarella, demonstrando uma capacidade de trabalho verdadeiramente assombrosa.

Uma das suas mais espantosas qualidades, era o dom magico com que sabia despertar no animo da pessoa que delle se accreava com o desejo de estudar, a ancia de saber. Muitos dos seus discipulos cuja inclinação para as investigações scientificas apenas existiam latentes, viram-se transformados ao maravilhoso influxo daquelle ser, portentoso galvanizador de homens, abençoado creador de almas, em discipulos devotados até ao sacrificio, á immensa obra de patriotismo e de sciencia que elle tinha se proposto desenvolver em nossa terra.

Nenhum dos problemas nacionaes o deixava indifferente; acompanhava carinhosamente as manifestações de progresso e de desenvolvimento do paiz em qualquer dos campos onde se manifestasse. Quando a aventura boulangista ameaçou subverter a nação com o quatriennio fatidico quo nos assolou, o éco da campanha civilista chegou ao remanso de Manguinhos, arrancando-nos da nossa indifferença com que encaravamos as manifestações da politica nacional. O proprio Mestre agitou-se e esteve na imminencia de alistar-se eleitor. Quando o cataclisma desabou sobre o paiz e o pessimismo se asseuhorava de todos, elle não-desanimou um só

momento e cheio de fé repetia: os gloriosos destinos do Brasil são infinitamente mais poderosos que quatro annos de desgoverno.

... Subitamente, ao evocar a sua obra, uma duvida cruel me assalta a mente e faz-me crispar o coração de brasileiro. Já comportaria o Brasil um homem como Oswaldo Cruz ou teria sido apenas um precursor deslocado portanto, do ambiente em que viveu? Sómente o futuro poderá responder. Se analyzarmos com calma, temos de reconhecer, embora a contra gosto, que foi um precursor.

A opposição que teve de vencer para extinguir a febre amarella, a revolução oriunda da promulgação da lei instituindo a vacinação obrigatoria, a presença ainda actualmente da febre amarella em varios Estados, já provariam de sobejo que Oswaldo Cruz marchava adiante muitos annos da cultura e da civilização reinantes no paiz que o vio nascer.

... Toda a sua obra acha-se concentrada em Manguinhos; o melhor da sua vida, dos seus sonhos e ideaes estão alli; fez do Instituto, quo hoje leva o seu nome, um marco fulgurante das peregrinas qualidades pessoas com que a Natureza o dotara.

Fez surgir, do lodacal que rodeia o Instituto, como um symbolo representativo da pureza do seu Ideal, o magestático templo onde um novo rito, e nova fé cresceram e frutificaram ao influxo do seu fervor e unida pela sua presença.

Agora elle partiu, deixando aos seus discipulos uma responsabilidade verdadeiramente terrivel. Empregaremos toda a nossa dignidade afim de levar adiante a obra por elle fundada. Havemos de empenhar todas as nossas forças em solemne compromisso de honra perante a Patria. A sua luminosa memoria não nos deixará desanimar em meio das tormentas que teremos de enfrentar; Oswaldo Cruz será o nosso "in hoc signo vinces", resplandecente o glorioso que nos conduzirá através da noite caliginosa em que nos encontramos envolvidos pela sua morte.

Quanto a mim, humilde discipulo,

tral-o-hei sempre presente no coração e no pensamento como um sagrado santelmo a guiar-me nas incertezas, abroquelando-me com o seu exemplo para afrontar as urzes da estrada que vou trilhando, insensível a todos os ataques, embotado para todas as ambições, surdo a todas as sugestões da cobiça que procurarem-me desviar do caminho de Damasco, onde encontrei a minha conversão e por onde iniciei o novo rumo da minha existência, guiado pelas suas abençoadas mãos.

E se, por uma fatalidade, nós não nos mostrarmos dignos de sua herança ou não tivermos a necessaria robustez para mantel-a, então, e é com coração nos labios que vos digo, os fados que me protegem poupem-me ao cruceiante tormento de semelhante dôr, ceirando-me os olhos para sempre, antes que eu possa testemunhar tal espectáculo. — (Do discurso pronunciado pelo dr. Arthur Neiva, na Sociedade de Medicina e Cirurgia — S. Paulo).

#### MACHADO DE ASSIS

... De Machado de Assis pode-se dizer o que de Sully Prudhomme disse Gaston Paris: "Il émeut savamment. Il réunit a la complete sincérité du sentiment une exécution très habile, très méditée, très personnelle..."

Alma recolhida e solitaria, nutrida das suas tristezas intimas, envolta nas sombras da duvida, Machado de Assis é o poeta da vida interior, clausurado no seu sonho, estranho á agitação que o rodeia. O seu verso, como o seu pensamento, resumbra e distilla toda a amargura que ó envolve e domina...

Dopo de "Esaú e Jacob" bem pouco produziu Machado de Assis. Morrendo-lhe a esposa a vinte de Outubro de 1904, entrou-lhe tambem a morte na alma, com os seus tristes presagios e as suas sombras funestas. A perda da companheira querida desatou os fracos liames que o prendiam ao mundo. Ella tinha sido a luz e o sorriso dos seus dias tristes, o am-

paro e o consolo da sua existencia atormentada de intimos pesares. Amando-o e admirando-o, a sua Carolina foi para elle providencia e abrigo. No seu labor solitario ella foi a guarda desvelada e terna do seu pensamento. Perdida aquella alma irman da sua, amargurado pelo abandono e pela solidão, enfraquecido de annos e trabalhos, perseguido de torturante onfermidade, Machado de Assis errava na vida sem vida, apenas a ella preso pela saudado da que lhe deixara dilacerado o misero coração.

Não lhe faltou, nesses dias penosos da viuvez, o conforto dos amigos. Instavam com elle para que na gloria da sua arte buscasse lenitivo para o sofrimento que o consumia. Era tudo em vão; a lembrança da esposa morta era a sua unica razão de viver... Só em 1906 a custo decidiu-se a reunir em volume algumas paginas de outr'ora, sob o titulo "Reliquias de Casa Velha": "Uma casa tem muita vez as suas reliquias, lembranças do um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu". Abre o livro, porém, uma pagina nova, uma pagina do tempo dolorido da viuvez, em que Machado de Assis rivalisa com os maiores poetas de todos os tempos e ascende ás alturas em que resoava a lyra sonora de Camões.

... Sabendo José Verissimo que o exemplar de "Esaú e Jacob", que lhe dera Machado de Assis, tinha sido o ultimo livro que lera a esposa do Mestre, devolveu-lh'o, depois da morte de Carolina, com algumas linhas expressivas... Machado de Assis agradeceu-lhe commovido o sentimento que o inspirava: "Foi certamente o ultimo volume que a minha companheira folheou e leu a trechos, esperando fazel-o mais tarde, como aos outros, que ella me viu escrever. Vao o volume para o poquono movel onde guardo uma parte das lembranças della. E accrescentava: "Pelo que é viver commigo, ella vive e viverá, mas a força que me dá isto é empregada na resistencia á dôr que ella me deixou." E noutro trecho: Quanto á minha visão das coisas, meu amigo, estou ainda muito perto de uma

grande injustiça para descrever do mal. Nabuco, animando-me como você, escreveu-me que a mim coube a melhor parte — o soffrimento. A visão dello é outra, mas em verdade o soffrimento é ainda a melhor parte da vida.”

Era de certo a dôr o alimento do espirito dolle. A dôr e a resignação serena e onterneçada. De uma feita encontrou-o o mesmo Verissimo, quando elle vinha das bandas do morro do Livramento. Pararam os dois amigos, trocando palavras de affecto. Machado contou então a Verissimo que tinha ido vor a casinha pobre em quo uascera. Tinham-lho dito quo ostáva em demolição; apressou-se por isso em ir arrecadar-lhe nos escombros algumas pedrinhas dos seus muros, que trazia no bolso do paletot, mostrando-as ao amigo. Não o vexava a origem humilde que tivera; antes, com ella formaria um diadema de gloria e de orgulho, se lh'o permittisse a simplicidade nativa da sua indole moral.

A viuvoez, deixando-o solitario, levou-o a procurar a intimidade e o affecto do almas que o pudessem entender e amar. Um dos seus intimos, nessa quadra angustiosa dos seus doradeiros dias, foi Mario de Alencar, filho do cantor de “Iracema”. A amizade do pae tinha sido uma das grandes consolações da mocidade do Machado de Assis. São palavras deste: “Lembram-mbe ainda algumas manhans, quando ia aheal-o nas alamedas solitarias do Passeio Publico, andando o meditando, e punha-me a andar com elle, e a esutar-lhe a palavra doente, sem vibração de esperanças, nem já de saudados. Sentia o peor quo pódo sentir o orgulho de um grande engenho: a indifferença publica, depois da aclamação publica. Começara como Voltaire para acabar como Rousseau... A morte veiu tomal-o de pressa. Jamais me esqueceu a impressão que recebi quando dei com o cadaver de Alencar no alto da ega, prestes a ser transferido para o cemiterio. O homem estava ligado aos annos das minhas estréas. Tinha-lhe affecto, desde o tempo em que elle ria, não me podia acostumar á idéa do que a trivialidade da morte houvesse desfeito

esse artista fadado para distribuir a vida.”

O filho de José de Alencar, natureza retrahida o medrosa, com um talento só igualado pela sua timidez, soube retribuir a Machado de Assis os carinhos que esto dispensara ao autor do “Guarany” nas suas horas do solidão e dosengano. Viam-se os dois diariamente. Refere Mario de Alencar nas Paginas de Saudade”, que escreveu com a penna molhada em lagrimas, durante a molestia e logo depois da morte do seu grande amigo: “Parece-me estar a vol-o apontar á porta do salão da bibliotheca da Camara. Parava indeciso, como que a pedir licença, a pedir desculpa de importunar os raros leitores, que continuavam a lêr sem dar pelo visitante illustre. Entrava pisando pé ante pé, sem fazer ruido, e de longe acenava-me que não fosse ao seu encontro para não chamar a attenção sobre elle. Antes do sentar-so, indagava se não me ia incommodar, interromper o trabalho. O que o levava alli, era ás vozes uma preocupação de saúde, uma quoixa do seu mal, para achar conforto, ás vezes uma impressão de noticias do dia, ás vezes coisa nenhuma, o simples gosto de convorsar. A preocupação de saúde era frequente: ou havia os effeitos de um accesso do mal terrivol, ou a imminencia delle. Falava-mo como a sou proprio modico, confiando-me tudo, consultando-me sobre minucias da molestia e o que havia de dizer ao seu facultativo; e era de uma docilidade, extraordinaria num sceptico, ás minhas opiniões e ás minhas advertencias; deixava-so persuadir e tinha prazer em ficar persuadido. Custavalle mais a resignação ao soffrimento moral, ao abandono em que o deixou a sorte, matando-lhe a companheira de tantos annos. Falava-mo com os olhos velados de lagrimas; ou dava-lhe o conforto que podia, em palavras de affecto sincero, e com a habilidade inspirada por esse affecto ia desviando o seu cuidado para a arte, a outra companheira querida de toda a sua vida. Ao cabo, via-se sorrir e sentia o seu agradecimento no aperto do mão com quo se despedia.”

No seu isolamento lamentava Machado de Assis que não tivesse tido filhos e ficasse naquella "orphanidade ás avessas" que elle proprio definiu no seu ultimo livro. A alguém que lhe participava o nascimento do nono filho, disse elle: "Nove é talvez demais, porém nenhum é peor." E os olhos se lhe oncheram de lagrimas...

Encerrado na sua dôr, no crepusculo que so fizera em seu espirito, escreveu em segredo o livro derradeiro da sua obra immortal. Durante toda a sua vida de escriptor Machado de Assis conservava o habito de nunca referir a ninguem a produção do seu labor o do seu sonho, na quietude das suas vigílias, naquelle doce recanto do Cosme Velho, no meio das suas arvoros e das suas flôres, a que chamou Olavo Bilac "o ninho do seu affecto o a officina do seu pensamento". Ninguem lhe conheceu jámais os projectos literarios. O apparecimento de um livro seu era sempre uma surpresa para os seus amigos. Com respeito ao ultimo redobraram os seus resguardos e cautelas. Apareceu esse livro em 1908, poucos mezes antes que a morte o levasse. E' o "Memorial de Ayres". O que lhe deu forças para escrever este livro, cheio de encanto e poesia, foi a lembrança da sua companheira. Disse Araripe Junior: "O Memorial do Ayres" é o suavissimo poema wagneriano da saudade." Querendo perpetuar na sua obra o suave perfil de Carolina, procurou velar a querida criatura na ficção de um romance. Como observou Oliveira Lima, o pudor do soffrimento não lhe permittiu retratar Carolina exhibindo a sua dôr, o por isso lhe emprestou o disfarce literario: "A' sombra desse disfarce foi-lhe dado esboçar com liberdade o doce perfil da ausente, a criatura boa o dedicada, de quem se recordava cada dia, som o proclamar em altas vozes, achando assim um meio de derramar sua saudade e depor sua piedosa offerenda sem tentar a comedia do uma apotheseose."

.. Numa carta a Mario de Azevedo, datada de primeiro de Agosto de 1908, dizia-lhe Machado de As-

sis que ora "Memorial de Ayres", definitivamente, o seu ultimo livro. E foi com offeito o derradeiro primor que lhe sahiu das mãos já tremulas. Como se não quizesa mais da vida que o recordar a esposa morta, encerrou a sua produção literaria com o livro prodigioso em que deixou roturada a companheira. Trabalhou assim até as ultimas raia da sua existencia, depondo a penna para morrer. O mal antigo recrudescia em ataques frequentes; succediam-se violentas as convulsões, que ás vezes o salteavam na rua. Veiu ainda outro mal sem misericordia, uma ulcera cancerosa na bocca. Estava irremediavelmente condemnado á morto. Recebeu a sentença resignado e sereno. A Lindolpho Xavier, seu companheiro de longos annos na secretaria em que trabalhou, disse uma vez que não sabia porque a sociedade não adoptara até hoje a eliminação dos velhos enfermos.

Emquanto o não vinha buscar a morte que o espreitava, tinha sempre um livro nas mãos. Uma das ultimas paginas que leu, buscando nella fortalecer a sua ostioica resignação, foi aquella soberba "Prière sur l'Acropole", de Renan: "... Un immense fleuve d'oubli nous entraîne dans un gouffro sans nom. O' abime, tu es le Dieu unique. Les larmes de tous les peuples sont de vraies larmes; les rêves de tous les sages renforcent une part de vérité. Tout n'est ici-bas que symbole et que songe. Les dieux passent comme les hommes, et il ne serait pas bon qu'ils fussent éternels..."

No seu final instante teve o leito rodeado de escriptores o amigos. Notou Euclydes da Cunha que, se por acaso, elle trahia um gomido ou uma contracção mais viva do soffrimento, apressava-se em pedir desculpas aos que o assistiam, na ancia o no apuro gentilissimo de quem cerra um descuido ou involuntario deslize; dissimulava a propria agonia para não maguar os outros com o reflexo da sua dôr.

Na manhan do vinte e nove de Setembro de 1908 acabou aquelle martyrio. Na hora suprema pergun-

tou-lhe Guiomar, aquella mesma Guiomar, cuja "alegre risada crystallina" elle tinha cantado, se queria que viesse um padre... — Não quero, murmurou elle. — Não ereio... Seria uma hypocrisia! E na sua face de marmore deslisaram as duas ultimas lagrimas. Dahi a nada estava morto.

Antes de ser dado á sepultura, no mesmo tumulo singelo onde dormia o otono somno a sua Carolina, repousou por algumas horas no recinto da Academia Brasileira de Letras. Alli, a patria cobriu do bençãos o seu nome, através da palavra de Ruy Barbosa, quasi desfeita em soluços... Na sua estupenda oração, o grande brasileiro, symbolo das nossas liberdades, disse de Machado de Assis que elle fôra o mestre da phrase, o arbitro das letras, o philosopho do romance, o magico do conto, o joalheiro do verso, o exemplar sem rival, entre os contemporaneos, da elegancia e da graça, do atticismo e da singeleza no conceber e no dizer, prosando como Luiz de Souza e cantando como Luiz de Camões...

Não ha melhor epitaphio para o tumulo que encerra tamanha gloria! — (De uma conferencia do sr. Alfredo Pujol, na Sociedade de Cultura Artistica — S. Paulo).

## HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

TH. RIBOT

E' impossivel resumir em poucas linhas a obra tão consideravel de Théodule Ribot. Quando elle começou a escrever, os ataques dos positivistas e sobretudo as criticas de Taine tinham mostrado a fraqueza da psychologia espiritualista da escola de Cousin. Sentia-se a necessidade de sahir das entidades metaphysicas e das explicações verbaes. Os inglezes faziam uma psychologia positiva, quasi unicamente fundada sobre a associação das idéas; os allemães, seguindo Webber e Fechner, procuravam introduzir a quantidade e a medida no estudo dos factos psychicos. Ribot co-

meçou por fazer conhecer em França estas duas psychologias, cujas tendencias o interessavam, mas adoptou logo um methodo muito differente e voltou-se para a pathologia mental ou nervosa, pedindo-lhe "experiencias naturaes", que deviam permittir-lhe estudar o mechanismo do pensamento, da affectividade e da vontade normaes. Os livros que foram inspirados por esse methodo são hoje classicos e traduzidos em todas as linguas; foram e são ainda o breviario dos psychologos e dos medicos; deram pontos de vista novos á pedagogia, á medicina, á philosophia e mesmo á litteratura; e marcam uma data, não sómente na historia da psychologia, mas na historia da philosophia geral. Demais, como já se tem notado mais de uma vez, elles prestaram aos psychologos e aos medicos o serviço pratico de unil-os, dar-lhes modelos de trabalho, um methodo e uma lingua communs. E' graças a Ribot, em grande parte, que muitos investigadores de differentes origens podem hoje associar-se, collaborar e chegar a algum resultado. Seria, entretanto, diminuir a importancia da obra de Ribot restringil-a á applicação do methodo que acabamos de definir. Este methodo não era, no seu espirito, senão um dos processos, e seguramente o mais fecundo, pelos quaes é possivel conhecer o mechanismo da actividade mental e ligar esta actividade ás suas condições organicas e cerebraes. Mas elle queria tambem descrevel-a na sua diversidade, estudar-lhe a genese, e é a razão por que elle reuniu ao methodo pathologico a observação interna de que elle tinha traçado os limites, a observação externa, os interrogatorios, os inqueritos, a comparação do homem com o animal, do civilisado com o primitivo, sem prejuizo de uma larga documentação anatomica e physiologica.

Se se quizesse classificar a sua psychologia e a philosophia geral em que ella se comprehende, é á escola ideologica que conviria ligal-a. Ribot fez, com a sua originalidade propria e graças a processos modernos de investigação, essa psychologia objectiva e biologica que Destutt de Tracy e

Cabanis tinham tentado e cujas grandes linhas Augusto Comte traçara. Era com Taine o herdeiro e o representante desta grande escola. A este respeito e apesar das influencias que ella tem soffrido, a psychologia fundada por elle é uma psychologia bem franceza. Este grande homem era a propria bondade. Acolhedor para os moços que trabalham e aos quaes dava exemplo do trabalho e de boa disposição intellectual, franqueava-lhes a sua rovista, guiava-os com os seus conselhos, indicava-lhes problemnas e sentia-se feliz com os successos delles. Era muito modesto e muito indifferente ás honras de titulos, os quaes recobeu sem os solicitar nem desojar. Não se interessava senão pela sciencia que tinha fundado e á qual consagrou sua vida. Esta vida que agora so extinguiu transeorreu quasi toda ao pó da montanha de Santa Geneveva, e foi calma, recolhida, laboriosa, creadora de valores novos.

Foi a sua mais bella obra, seguramente, porque nella se contiveram as outras, e foi tal como a queria aos trinta annos. Poder-se-lhe-ia applicar, como Augusto Comte fazia á sua, a celebre definição de Alfred de Vigny: "Une belle vie est uno pensée de jeunesse réalíséo dans l'age mur". — (Georges Dumas — *Revue philosophique*, Paris).

#### SOMNOS PROFUNDOS

Conheciamos já alguns casos de grandes nervosos que dormiram durante anezes e mesmo annos. Alguns foram celebres no seu tempo. E' de lembrar-se ainda a "adormecida" de Thenelles, que teve as honras de uma communicação á Academia de Medicina. Em seguida á uma visita de gendarmes á cabana em que ella habitava com suas irmans, Margarida D..., cujos antecedentes hereditarios eram muito carregados do ponto de vista nevropathico, foi presa, a 30 de Maio de 1883 de violentos ataques de hysteria, que terminaram, depois do vinte horas de convulsões, num somno profundo. Durou esse somno vinte annos. Alimentavam-na por meio de lava-gens. Nos primeiros annos violentos

acessos convulsivos interrompiam de vez em quando o seu torpor. Depois acalmou-se. Sua respiração era apenas apreciavel, seu pulso muito fraco, a anesthesia de sua pelle total. Foi emagrecendo sempre, até que no moz de Maio de 1903, depois de um novo ataque de hysteria ella despertou lentamente, parecendo em todos os pontos normal; mas chegara a um estado tal de decadencia physiologica, que no fim de alguns dias morreu.

Seria extraordinario que um cataclisma como este em que vivemos não trouxesse algumas manifestações analogas. Até o presente tivemos noticia de dois casos desse genero. Os dois individuos em questão foram examinados em Bordeaux, onde estavam hospitalizados, o a observação delles foi referida á Sociedade de Medicina daquella cidade pelo professor Verger, que os tinha entre os seus doentes. O primeiro é o caso de quo os jornaes muito falaram.

O professor Pitres, que o estudou, nol-o pinta tal como o encontrou no comboio de feridos, em caminho para a Bretanha, depois de ter sido violentamente abalado, nos primeiros dias da batalha do Marne. Dormia com os hombros lassos, sem contracção dos maxillares e um pequeno tremor perpetuo nas palpobras. A temperatura era normal, o pulso regular, o emagrecimento mediocre. Alimentavam-no a leite, caldos, ebocolate o gemmas de ovo. Ha algumas semanas, dormindo sempre, elle foi temporariamente reformado. Sua mulher levou-o então comsigo e ha alguns dias chegou a Paris. O somno continúa, embora o abatimento seja, segundo pareco, menos profundo. E' possivel que estejamos no proluído do despertar.

E' um typo differente o do segundo destes adormecidos, o o fim da sua historia lembra a da adormecida de Thenelles. Era um colonial, que foi ropatriado dos Dardanellos depois de uma febre typhoide sovera. Em Dezembro do 1915 admittiram-no ao nospital do Tardes. Nessa occasião elle estava mergulhado num somno que era, a bem dizer, uma verdadeira prostração, com os maxillares bem cerrados e os olhos fechados. Em Bor-

deaux, onde chegou a 9 de Fevereiro de 1916, os symptomas continuavam inalterados. Nenhuma excitação exercia influencia sobre elle. Sua respiração era lenta, com interrupções, sua temperatura não offercia nada de anormal. Não se podia alimentar-o senão por meio da sonda. Os vomitos eram frequentes. A 1 de Setembro elle fez, pela primeira vez, alguns movimentos e seus olhos se abriram. Mas o olhar continuou vago. A' noite pediu rhum, queixou-se de ter frio. No dia seguinte morreu.

O professor Verger acredita que se trata, neste caso, de uma perturbação total das funções organicas de origem provavelmente toxica. Como no primeiro caso destes lethargicos citados, a circulação se tornara muito fraca, mas podia ainda permittir uma vida fraca, como a do somno. Desde que o homem despertou, tornou-se insufficiente para uma existencia mais activa, e succumbiu.

Como se está vendo, ha uma grande variedade desses somnos profundos, e os signaes delles, como as causas, como o fim, podem variar em proporções notaveis. Ha nelles tambem, confossemol-o, uma grande parte de ignoto. Em presonça desses factos, de certo modo desconcertantes, a sciencia constata, o medico limita-se a garantir a alimentação do individuo, esperando que o seu organismo saia dessa lethargia. Mais tarde, certamente, teremos a explicação disto. Por enquanto, registramos somente. — (Dr. H. B. — *Le Temps*, Paris).

#### A MULHER DE GÖTTE

A mulher de Gøthe, Christiana Vulpius, filha de um pequeno funcionario de Weimar tem sido representada por alguns como uma mulher sem educação, de espirito e maneiras vulgares, enquanto outros a consideram ainda peor, como uma alcoolica habitual. E' preciso dizer, entretanto, que em Weimar havia muitas mulheres, cujo interesse era mostrar Christiana Vulpius sob a luz mais desfavoravel possivel. Quando Gøthe fazia uma viagem, não se doixava de dizer que o poeta achava intelavel a mu-

lher e que fugia á sua companhia. Hoje, porém, não é mais possivel dizer essas coisas. O sr. Graef publicou a "Correspondencia de Gøthe com sua mulher", e de todas as cartas que enchem esses dois volumes vê-se claramente que a vida conjugal de Gøthe não foi o inferno que se dizia. Sem duvida Christiana Vulpius não era uma mulher muito intellectual. Todavia, era capaz de interessar-se pelos trabalhos do marido, e como era moda então citar Gøthe, ella tambem o citava. Mas, devemos reconhecer que foi discreta neste ponto e não quiz nunca parecer mais do que aquillo que era. Gøthe, por outro lado, não lhe pedia muito. Bastava-lhe ter nella uma mulher bõa e affeiçãoada, e quanto a isso, podia declarar-se satisfeito. Certamente o poeta se comprazia em estar numa sociedade de senhoras brilhantes e cultas. Mas na vida ordinaria sabia muito bem contentar-se com a companhia de uma creatura simples e ingenua, que o repousava da sociedade e o deixava trabalhar á vontade. A mão de Gøthe, que pensava antes do tudo na felicidade de seu filho, depois do ter desapprovado a sua união teve de se convencer de que Christiana Vulpius era uma bõa mulher. E foi assim que essa orgulhosa burgueza de Francfort, que começara a chamar sua nora de "Senhorita Vulpius" veiu a chamala "amiga" e depois "filha dilecta". De resto, nada demonstra melhor a cordialidade de relações entre Gøthe e sua mulher do que esta carta e a sua resposta: "No que respeita aos homens em geral, faz o bem que poderes, sem esperar delles muito reconhecimento. Nos detalhes, ha quasi sempre muitas desillusões. Mas no conjuncto as relações continuam bõas. Conserva a tua saúde, meu amor. O meu coração está invencivelmente junto a ti o ao filhinho. Quando se está bem consigo mesmo e com o seu proximo, possui-se o que ha de melhor no mundo."

A essa carta Christiana Vulpius responde: "Tua carta, meu caro, me alegrou muito. Havemos de nos amar sempre ternamente. A minha dedicação não mudou e eu faço sempre todos os meus deveres. O meu unico



erro é talvez o de ser muito benevola com todos. Sou muito bôa, creio eu, e os outros se aproveitam disso. Fiz uma outra experiencia. A dizer verdade, não podia agir de outro modo. Devo agora apagar esta impressão e continuar a proseguir no meu caminho recto, conservando bem a minha casa, amando meu esposo, divertindo-me com meu filhinho o fazendo somente algumas visitas de cortezia de quando em quando." Esta carta não é graciosa e não mostra que Christiana Vulpius era, polo menos, uma mulher de bom senso o de bom coração?

Uma recente biographa do Christiana, a sra. Etta Federn, sustenta que a esposa de Goethe exerceu sobre o marido uma influencia muito maior do que a que se suppõe geralmente e apresenta como prova disto os numerosos versos que Goethe dedicou a sua mulher. — (*Bibliothèque Universelle*, Genebra).

## VARIÉDADES

### PHANTASMAS CELEBRES

As familias reinantes na Europa têm quasi todas, além da sua côrte viva e tangivel, um sequito espectral de seres mysteriosos que so interessam vivamente pelas peripecias da dynastia e apparecem aos reis para advertil-os de alguma desgraça ou da sua morte imminente. Uma das mais conhecidas dessas apparções é a "Dama Branca", que ha varios seculos assumiu o delieado, embora pouco agradável encargo do preseneiar a morte dos principes da casa dos Hohenzolern. Diz-se que ella foi vista ultimamente no palacio do Potsdam. A "Dama Branca" é o espectro da condessa Bertha von Rosenberg, nascida em 1425, e que morreu tragicamente pelo fim do seculo XV, depois de uma vida infelicissima. A "Dama Branca" tem sido vista repetidamente nos castellos de Bayreuth, de Berlin, Carlsruho o de Mannhein, etc. Os reinantes da França tiveram durante alguns seculos um cortezão espectral na pessoa do "Homem Vermelho", que apparecia pon-

tualmente antes da morte dos reis ou para prenunciar-lhes alguma grande calamidade. Está historicamente provado que essa apparição foi vista por Henrique IV na noite que procedeu ao dia do seu assassinio, por Luiz XVI no inicio da Revolução o por varios membros da familia imperial, durante a guerra franco-prussiana. O proprio Presidente Carnot viu o "Homem Vermelho" na manhan do dia em que cahiu assassinado e embora fossem tomadas todas as precauções possiveis para ovitar um desastre, elle não poude fugir ao seu tragico destino.

Napoleão appareceu a sua mãe, Mme. Leticia, pouco depois da sua morte na Ilha do Santa Helena. Leticia Bonaparte, que em França ora chamada *Mme. Mere* foi a ultima a saudar Napoleão quando elle embarcou para o exilio, respondendo ao seu *Adieu ma Mere!* no italiano *Addio figlio mio!* Seis annos depois, e precisamente na manhan de 6 de Maio de 1821 *Mme. Mere* achava-so sentada no salão do palacio Bonaparte quando um creado annunciou um cavalleiro que trazia importantes noticias do Imperador exilado. Leticia ordenou que o fizessem entrar logo, o pouco depois apresentou-se-lho o mysterioso personagem, envolto num ample manto o com o chapéu desabado sobre os olhos. Retirando-so o creado, ello tirou o chapéu o abriu o manto, estendendo os braços para ella. Então Leticia, lançando um grito de alegria, reconheceu Napoleão. Suppondo que ello tivesse fugido milagrosamente do Santa Helena, como já succedera om Elba, Leticia quiz precipitar-so nos braços do filho, mas o contacto com as forças augustas do Ignoto paralyzou-a.

Emquanto ficava assim immovel, o espectro, olhando-a fixamente e escandindo as palavras disso com voz grave:

— "Ciuco Maio mil oitocentos e vinte o um — hoje!"

Depois retirou-so lentamente para a porta, olhando sempre a mãe e desappareceu. Leticia, voltando a si de sua grande emoção, correu pela casa toda mas ninguem tinha visto sair o

mysterioso visitante. Sómente seis semanas depois chegou a confirmação da morte de Napoleão, succedida a 5 de Maio de 1821, ás 6 horas da tarde, ao passo que elle appareceu á mãe ás 11 da manhã seguinte.

O espectro que persegue a familia imperial da Russia tem uma extranha especialidade: a de revestir o semblante do príncipe a morrer e apresentar-se ante elle como um macabro "irmão siamez". Conta-se que pouco antes da sua morte a imperatriz Catharina estava lendo tranquillamente no seu "boudoir" quando uma dama da côrte, toda transtornada, veiu annunciá-lhe uma coisa extranha: nada monos do que ter visto, ao passar pela sala de recepções, a imperatriz assentada no throno, coisa absurda, porque momentos antes a tinha deixado em seus aposentos privados, onde vinha encontrá-la. Catharina empallideceu, mas era mulher de vontade ferrea e viril coragem. Sem hesitar, ordenou á sua dama que a seguisse e dirigiu-se para a sala do throno, onde encontrou effectivamente o espectro assentado. Atravessando a multidão dos eorte-zões mudos e tremulos, a imperatriz affrontou o seu terrivel *alter ego* e intimou-o a que se fosse. Mas a apparição continuou silenciosa e immovel sobre o throno. Então Catharina, num paroxismo de ira e de terror, ordenou ás suas guardas que fizessem fogo sobre a usurpadora, mas apenas se deu a descarga, todos viram o throno vazio e erivado de chumbo. Dez dias depois Catharina da Russia morria.

Como a imperatriz Catharina da Russia, tambem a rainha Elisabeth da Inglaterra foi advertida do seu fim proximo por um espectro que tinha a sua physionomia exacta. O palacio de Hampton Court e a Torre de Londres são, de resto, um verdadeiro *rendez-vous* de apparições reaes, emquanto o espirito de Jorge III prefere como morada permanente o castello de Windsor. E' sabido que no inicio da guerra civil o espectro de Lord Straford se apresentou a Carlos I e lhe prenunciou a derrota e a morte tragica no patibulo. A imperatriz Elisabeth da Austria teve tambem um extranho préunccio do seu

fim na noite que precedeu a tragedia de Genebra, em 1893. Desperta de um somno profundo, viu o quarto illuminado pelos raios da lua cheia e na luz della poude perceber claramente o vulto de uma mulher que chorava e a fitava com profunda tristeza. De manhã, quando a dama de honor, condessa de Czateray, entrou no aposento da imperatriz, esta se achava pallida e transfigurada, ainda sob a influencia da apparição: "Sinto que um perigo me ameaça, disse, e que a minha morte está proxima". Poucas horas depois a pobre mulher cahia sob o punhal de Luceheni.

O rei Ferdinando da Bulgaria é assiduamente escoltado pelo defunto presidente do conselho, conde Stambuloff, que tem sido visto repetidamente ao seu lado. Uma vez Ferdinando foi fazer visita a uma princeza e não sabia explicar a agitação della e das outras mulheres presentes, que pareciam presas do mais vivo terror. E havia razão para isso, porque ao lado do seu rei, immovel, livido, com o olhar fixo e vasio, estava o espectro do fiel ministro... — (Reginald B. Span—*Chamber's Journal*, Londres).

## SOSIAS

*Sosia* de uma pessoa é uma outra que se pareça muito, com ella, a ponto de permittir a confusão. O vocabulo *sosia* é usado desde que Molière o empregou com essa significação, na sua comedia "L'Amphytrion", cujo entrecho consiste precisamente numa complicação derivada de semelhanças physicas. São innumerous os sosias historicos. Napoleão I, por exemplo, teve diversos sosias. Conta-se que elle estudava com Talma os gestos e as *poses*. O certo é, porém, que os seus gestos e attitudes impressionavam tanto que os soldados os imitavam. Os generaes passeavam com uma das mãos atrás das costas e a outra enfiada entre o tereceiro e o quarto botões do uniforme, *pose* especial que aos soldados razos não era permittida, mas que, todavia, se tolerava nos heroes da Velha Guarda.



O principal sosia de Napoleão foi Alexandre Jean Bouché, violinista do algum valor. Na sua infância, Alexandre tinha sido um menino prodígio, applaudido em concertos, protegido pelo Marquez de Mirabeau e apreciadíssimo de Maria Antonieta. Depois, com a Revolução, foi com os seus conduzido para a Hespanha, onde amargou todas as tristezas da miséria e do esquecimento. Tornando, já de idade madura, á França, teve logo occasião de ver Napoleão. Verificou então quanto era verdade o que lho haviam dito repetidas vezes: que se assemelhava extraordinariamente ao Imperador. Procurou logo augmentar por meio do artificio essa somelhança natural, imitando o Imperador nos gestos e no vestuario. Parece que o proprio Imperador, durante os Cem Dias, se valeu de Bouché. A verdade é que nesses dias Napoleão se multiplicava, sendo visto em toda a parte, prégando poças aos soldados, conversando com os burguezes, aceitando petições, promettendo recompensas. Os jornaes falavam com admiração infinita do soberano que se fazia quatro, não conhecendo repouso, e que parecia renovar o milagre de Santo Antonio, pois succedia muitas vezes que emquanto uns affirmavam tel-o visto a tal hora em tal lugar, outros juravam tel-o visto á mesma hora a dez kilometros de distancia! E' certo tambem que Bouché, mais do que admirador, adorador de Napoleão, depois da batalha de Waterloo fez varias tentativas para substituil-o na sua prisão, sátsfeitissimo, dizia elle, se por acaso o tivessem fuzilado, para que o soberano o a patria se salvassem.

Em 1819, depois de uma *tournee* feita na Europa dando concertos que a sua estranha semelhança com o grande homem lhe tornavam muito proficuos, Alexandre Bouché foi a Bruxellas, hospedando-se num hotel cujo proprietario tinha sido sargento da Guarda Imperial. Quando este viu deante de si a imagem viva de Bonaparte, prorompeu num pranto de alegria, beijou-lhe as mãos com effusão, exclamando: "O Imperador voltou!" E, sem ouvir explicações, cor-

reu a espalhar a grata noticia entre os bonapartistas refugiados naquella cidade. As sras. Montholon e Las Casas foram as primeiras a saber que Napoleão tinha fugido da Ilha do Santa Helena. Mas Bouché não quiz que o engano durasse muito tempo. Por isso, foi á casa da condessa de Montholon, revelar-lhe a verdade. Una creada que a condessa tinha conduzido comsigo de Santa Helena e que tinha vivido muito vizinha ao Imperador, assim que abriu a porta e se viu deante do violinista, correu á patrão, gritando: "E' elle! é elle! está salvo!"

Bouché, durante a sua estadia em Bruxellas ficou hospede da condessa, mas não conseguiu nunca convencer a creada de que não era Napoleão. Partiu depois a dar concertos em França, onde correu um grande perigo: por causa dos applausos proceados só com o seu apparecimento em publico, a polieia da restauração o accusou de conspiração bonapartista. A este respeito, é muito curioso um relatorio que em 20 de Setembro de 1820, o procurador do rei mandou de Colmar ao governo e no qual entre outras coisas se lê: "Il a donné ici un concert fort applaudi, en partie pour la ressemblance. La culotte blanche, les bras croisés sur la poitrine, les gestes, la prise de tabac, toute la singerie y était. . . Il n'y a pas de sottises dont, dans certaines circonstances, on ne puisse abreuver certaines gens."

Este extraordinario sosia do Napoleão I morreu em Paris com a bella idade de 81 annos, sob o reinado de Napoleão III. Alexandre Bouché foi, como se vê, um sosia honesto. Outro tanto se não pôde dizer daquelle que, pouco depois da morte de Tolstoi, valendo-se da sua semelhança com o grande escriptor, percorreu toda a provincia de Pacoff, procurando fazer erêr que Tolstoi não tinha morrido o que no lugar delle tinha sido enterado um individuo qualquer. Acrescentava que tinha sido condemnado á morte pelo governo e que, por isso, fôra obrigado a fugir. Os camponezes commovidos lhe davam as suas economias e o pseudo Tolstoi promettia

a todos fazel-os herdeiros do seu bello dominio de Jasnaia Poiana. Era um vulgar explorador, que foi logo desmascarado e... liquidado.

Nos Estados Unidos havia, ha poucos annos, e provavelmente ainda ha, quem exercesse a profissão official de sosia de todos os grandes autores do theatro, dramatico ou lyrico.

A coisa foi revelada por Maximo Gorki, numa entrevista com o "Martin", reproduzida por muitos outros jornaos da Europa, na qual o illustre escriptor contava quo, achando-se em Georgetown, a sua attenção foi attrahida por um annuncio theatral da primeira representação naquella cidade de um drama de Gorki accrescentando-se quo o autor assistiria á representação. Gorki ficou muito surprehendido por esse annuncio e á noite não deixou de ir ao theatro para conhecer... o autor. O drama teve magnifico exito; o publico applaudiu calorosamente e Maximo Gorki viu... Maximo Gorki apresentar-se no palco e agradecer ao publico, com mesuras e sorrisos. A semelhança tinha sido conseguida com muita habilidade. Mas o verdadeiro Gorki, subindo ao palco, fez logo confundir o seu "Alter Ego", o qual se lhe lançou aos pés, pedindo-lhe que o não denunciasse e explicando-lho que era aquella a profissão de que vivia, imitando os mais celebres autores, cuja presença á representação era desejada pelos empresarios theatraes. O homem, como verificou Maximo Gorki, já se tinha apresentado no palco figurando Sudermann, Rostant, Strauss, Puccini, Mascagni...

De resto, mesmo aos grandes homens pode ser ás vezs commodo encontrar um individuo que em certas circumstancias se lhes possa substituir. Victor Hugo, nos ultimos annos da sua vida fazia todos os dias, infalivelmente, um longo passeio de ida e volta na imperial do omnibus que da Magdalena vae á praça da Bastilha, recebendo cumprimentos de chapéo de todos os parisienses. Aquelle passeio quotidiano do grande poeta tornara-se uma instituição parisiense, e para os provincianos que iam propoitalmente aos *boulevards* afim do po-

derem dizer, voltando á sua terra, que tinham visto Victor Hugo, seria uma decepção dolorosa não o verem. Houve quem dissesse que aquolle Victor Hugo era um velho que se assemelhava muitissimo ao poeta. O certo é que da existencia de um sosia de Hugo, Flaubert convenceu um amigo que lhe tinha pedido o grande favor de ser apresentado ao Mestre. Quando com esse fim Flaubert conduziu o seu amigo á casa de Victor Hugo este, em vez de mostrar-se como faria o autor dos *Miseraveis* e das *Orientaes*, não soube senão pronunciar phrases banaes e até insulas, tanto que Flaubert, apesar de toda a sua admiração pelo mestre, sahiu logo, aborrecido, conduzindo comsigo o amigo estupefacto, em cujo animo a impressão recebida se podia attenuar com a lembrança de que o proprio Homero cochilava. Mas Flaubert, depois de um longo silencio, disse afinal ao amigo:

— Não faz mal. Victor Hugo é sempre um grande homem, um homem grandissimo. Precisas saber que á noite, quando está muito cansado, vae dormir, fazendo-se substituir pelo seu porteiro, que se parece com elle extraordinariamente... — (Americo Scarlatti — *Minerva*, Roma).

#### AS BOAS MANEIRAS

Emerson definiu as boas maneiras como as "propriedades pessoasas não communicaveis"; e deu como origem dollas a classe aristocratica, porque possuia certas qualidades de resolução e de dominio que a tornavam mais capaz de acção. Em outras palavras, as bellas maneiras provêm da capacidade de agir. Hoje as coisas estão mudadas; a capacidade de agir produz arrogancia, impaciencia, dureza e reserva cinica. A nossa geração não é jovial e cortez: na corrida desesperada á fortuna nós não temos tempo de parar para pensar na cortezia. E' o que succede sobretudo na America do Norte, onde o dollar impera incontrastado. Entre as pessoas educadas, as bellas maneiras são o resultado do respeito de si mesmo, de que

nasce o desejo de produzir agradável impressão.

Algumas pessoas confundem as belas maneiras com os bons costumes. E' um erro. A cortezia é a expressão de um estado mental. O que chamamos moralidade é também um estado mental, mas de natureza diversa. Wilde observou que "a immoralidade começa em casa", isto é, justamente no lugar em que geralmente a cortezia acaba. A idéa de casa lembra a imagem da creança. A creança norte-americana é uma especie de sub-producto do matrimonio pois não serve senão para manifestar a dose de orgulho e de vaidade, que os progenitores não podem desenvolver em torno da sua propria pessoa. E' acariciada, amimada, viciada. Vestem-na com requinte. Ninguém exerce sobre ella autoridade ou disciplina. E logo assume o aspecto de um estranho pygmeu, que de nada mais se espanta e que examina o analysa o futuro com olhar frio de quem já o conhece. O mundo é um brinquedo para ella. E' esbelta, intelligente e audaz. Mas no artificioso jardim da sua vida não ha um pequenino recanto em que possa florir e medrar a delicada flor das boas maneiras.

O homem que não sabe ser cortez não contribue para tornar mais agradável o quadro da vida. Os seus gestos, os seus actos, as suas palavras, não têm harmonia. Olha o fidalgo com o olhar suspeito o desdenhoso e grita aos quatro ventos que vale mais a sua rude franqueza do que a polida hypocrisia do outro. Mas não se lembra que esse outro, cortez e amavel, tem um código moral, por meio do qual dispõe e trata a sua vida no mundo. Tocqueville, observador agudo, escrevia em 1835: "A verdadeira dignidade das maneiras consiste em ficar sempre no lugar proprio, sem subir acima nem descer para baixo; e isso pode fazer tanto um camponez como um príncipe.

Nas democracias, todas as classes mais ou menos se confundem. Dahi a arrogancia, e consequente decadencia da dignidade."

E' claro que enquanto a vida commercial conservar o actual caracter tumultuoso, as possibilidades de trans-

formação e volta a maneiras mais cortezes serão poucas, senão de todo nullas. Mas a sciencia tende a tornar a vida cada vez mais automatica e menos pessoal. E deante de nós vemos no futuro um tempo em que a electricidade, obediante aos nossos minimos desejos, substituirá quasi completamente a obra do homem, servo ou patrão. Teremos então mais tempo disponível. Que fazer delle? Talvez dedicando-o aos sports, á musica, á arte. E nesse caso haverá maior refinamento de maneiras. Ou então elle servirá para a caça mais ardente á riqueza, e esta, levada até o ultimo limite, só poderá conduzir á revolução social e economica. Mas, mesmo do chaos de uma revolução poderia surgir uma era de cortezia e distincção, como a que transformou a França em nova Republica cavaleiresca. — (Alan Sullivan — *Harper's Monthly Magazine* — Nova York).

#### DON JUAN

Segundo a tradição, D. Juan foi D. Miguel Manara, nascido em Sovilha em 1626 e cuja familia era originaria da Corsega. Seu pae, ambiçionando para elle o habito da Ordem de Calatrava, tovo do produzir provas de aobreza e foi por actos de notoriedade na Corsega que essas provas so effectivaram. Sua mãe, extremamente devota, educou-o na maior religiosidade, o que não o impediu de ainda joven se lançar na devassidão mais desenfreada. Era, além disso, mystico, suppondo-se o alvo do advertencias divinas. Fatigado de seduzir, corromper, trahir o matar, amedrontado tambem pelas visões da morte que o perseguiam, D. Juan acabou entrando num convento. Essa é a lenda.

Na verdade, porém, Miguel Manara, com 30 annos desposou Jírolina Carillo de Mendoza, e amou-a tão apaixonadamente que quando ella morreu alguns annos depois, Miguel perdeu completamente a razão. Refugiou-se então nas montanhas de Ronsa, para onde levou o foretro da amada, o ahi viveu num claustro. Quando voltou a Sevilha, foi presa das mais

tragicas allucinações: via-se assistindo ao seu proprio enterro; via de repente, na rua, uma mulher com o andar e o talhe esbelto de Jerolima, e á medida que elle se apressava para alcançal-a, ella corria mais depressa e quando enfim se voltou, viu o corpo dessa mulher tal qual um esqueleto. Lançou-se perdidamente na religião, para resgatas o seu passado, fez doações consideraveis ás egrejas, condemnou-se ao papel de servo de miseraveis, de creado de cadaveres. Os seus dias transcorriam entre os enforcados e decapitados que elle amortalhava com as suas proprias mãos. Depois, sentindo proxima a agonia, quiz que sua expiação lhe sobrevivesse e redigiu o seu testamento: "Ordeno que meu corpo seja estendido sobre uma cruz de cinza, com os pés nús e envolto com o meu manto por sudario, -um crucifixo á minha cabeceira, dois cirios e a cabeça descoberta. E' assim que meu corpo deverá ser conduzido, como pobre, com doze padres, e nem um a mais, sem pompa nem música, á Igreja da Santa Caridade, e collocado no chão do cemiterio da dita Igreja, a saber: sob o portal, afim de que cada um marche sobre mim e me pise, e que assim seja enterrado o meu corpo immundo, indigno de repousar no templo de Deus. E' minha vontade que se ponha sobre minha sepultura uma pedra quadrada, de um pé e meio, com esta inscripção: "*Aqui jazem os ossos e as cinzas do poor homem que existiu no mundo. Orae por elle.*"

Foi segundo essa ordem que se fez em Sevilha a cerimonia dos funeraes de D. Miguel Manara, em maio de 1679. Ha dois soculos prosegue no Vaticano o processo para ver se esse peccador que soube se arrepender e expiar os peccados deve ser canonisado e declarado digno das orações dos fieis. — (Colonna de Cesari Rocca — *Mercure de France*, Paris).

#### O CAÇADOR DE CONDORES

O Dr. Frank M. Chapman, chefe da secção ornithologica do Museu de Nova York, em sua recente excursão pela America do Sul impressionou-se tanto

com um encontro que teve nos Andes com um authenticico "caçador de condores", que, logo ao voltar para o seu paiz, consagrou no *Bird-Lore* um longo artigo a esse profissional. E de facto, poucos serão os que tinham imaginado que a caça ao magestoso rei dos ares possa constituir meio de vida. Para que matar essas aves gigantescas, mas de todo inoffensivas, que nunca atacam seres vivos e que, guardadas as proporções, são apenas os urubús dos Andes?

Contou o profissional caçador ao scientista que nunca vira um condor caçar ou combater. Só elle, caçador, um dia fôra victima de uma dessas aves que suppunha morta, levando assim fortes pancadas e bem doidas, pudéra! — pois cada aza do condor méde quasi metro e meio de comprimento. O caçador nem sempre abate suas victimas com a carabina, ainda que em um só dia tenha chegado a matar 114 condores a bala.

Uma photographia reproduzida no *Bird-Lore* mostra a grande rêde em fôrma de choupana com que o caçador cobre um animal morto, esperando depois em um abrigo proximo a occasião de puxar a corda que fecha a portinhola. O record numa só redada foi de 64 condores! Ao todo, desde que elle exerce a sua profissão, o andino diz ter morto cerca de 16.000 dessas aves.

E qual o proveito dessa actividade, que, longe de ser louvavel, significa o exterminio rapido de um ser util e glorioso?

Ganhar dinheiro: serão poucos 20 dollars por ave? Por ave, dizemos mal: pelas 80 pennas vendavcis que ella fornece. São as modistas que commendam esse morticinio, para contentar as damas, a vaidade feminina, o luxo excentrico.

Mas Mr. Chapman (e nós com elle) prevenmos que tal commercio tende a desaparecer. O preço das 80 pennas já desceu de 20 a 10 dollars.

Os Estados Unidos já ha alguns annos trancaram suas alfandegas á importação de taes pennas e na Europa tambem não ha grandes sobras para taes artigos de luxo.

Talvez a conflagração européa tenha por effeito salvar o eondor do exterminio.

E' pouco, mas em todo easo já é alguma coisa.

#### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS,

##### Brasil:

FORMULARIO ORTOGRAFICO, de A. R. Gonçalves Vianna — Edição da Livraria Francisco Alves — Rio e S. Paulo.

A UNIDADE DA PATRIA, de Affonso Arinos — Edição da Livraria Francisco Alves — Rio e São Paulo.

PALAVRAS ACADEMICAS — Dr. A. Austregesilo, edição da mesma Livraria.

POESIAS, por Dias da Rocha Filho — Curitiba, 1916.

OASIS — Poesias de Lindolpho Xavier — Rio de Janeiro.

IMPRESSÕES DOS ESTADOS UNIDOS — Dr. Rodrigues Doria — Bahia.

HYGIENE BUCCAL — Dr. Frederico Eyer — Rio.

PAGINAS LITERARIAS, por Souza Bandeira — Edição da Livraria F. Alves — Rio e S. Paulo.

METHODOLOGIA DA HISTORIA — Jonathas Serrano, Liv. F. Alves — Rio e S. Paulo.

POESIAS ESCOLARES — Oscar Leme Brisolla — Liv. F. Alves — Rio e S. Paulo.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO MEDICO-CIRURGICA — N. 2 — Rio.

BOLETIM ODONTOLOGICO — Dezembro de 1916 — Rio.

RENASCENÇA NATURISTA — Fevereiro de 1917 — S. Paulo.

A VIDA MODERNA — 15 de Março de 1917 — S. Paulo. Colaboração de Armando Prado, Wenceslau de Queiroz, Saul Maia, Léo Vaz, etc.

A CIGARRA — S. Paulo, 14 de Março — Trabalhos de Emilio Menezes, Amadeu Amaral, A. Carneiro Leão, Belmiro Braga, etc.

REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA — Fevereiro de 1917

— S. Paulo — A destacar: O meio circulante e a Caixa de Conversão, por Souza Reis; Do requerimento da fallencia, por Waldemar Ferreira; A circulação do ouro no mundo, por A. Du Puy; Sociedades cooperativas, por M. I. Carvalho do Mendonça.

REVISTA FEMININA — Março de 1917 — S. Paulo — Colaboração de D. Anna Rita Malheiros, Dr. Valeriano de Souza, Orlando Marçal, Preseiliana Duarte de Almeida, Mario Setti, Corrêa do Araujo, etc.

REVISTA DO INSTITUTO DOS DOCENTES MILITARES — N. 3 — Rio — A destacar: Assegurar a paz, pelo Cap. E. Trindade; Contribuição para o estudo da radio-telegraphia, pelo Ten. F. Mello Moreira; Alterações lexicas, por Maximino Maciel.

O CRIADOR PAULISTA — Fevereiro de 1917 — S. Paulo.

BRASILEA — Março de 1917 — Rio.

COMEDIA — 3, 10 e 17 de Março — Rio.

##### Estrangeiro:

ATLANTIDA — 16 de Fevereiro — Lisboa — A destacar: No atelier de Teixeira Lopes, por Julio Brandão; A educação eivica, a liberdade e o patriotismo antigos e modernos, por Antonio Sergio; Amphoras portuguezas, por Luiz Chaves; Produzir, eis o problema, por Fran Paxeco, etc.

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — 12 de Fevereiro — Buenos Aires. Principaes trabalhos: Libertad constitucional y licencia practica de la prensa, por Francisco Durá; Concurrencia de impuestos nacionales y provinciales, por J. M. Ahumada; La reorganización de la hacienda publica española, por J. Casais y Santaló; Roma puerto do mar, por A. Lanzelotti.

REVISTA DE FILOSOFIA — Março de 1917 — Buenos Aires — Trabalhos principaes: Los que pasan: Pedro Goyena, por Paul Grousac; El "espíritu" según Bergson, por Enrique Molina; La cultura cien-

tífica en los países hispano-americanos, por Alfredo Colmo; Las doctrinas de Cabanis y sus proyecciones pedagógicas, por J. Alfredo Ferreyra; Notas sobre la mentalidad colonial, por José Ingenieros.

LA REUNIÓN AMERICANA — Ns. 1 e 2 — Buenos Aires, Janeiro e Fevereiro de 1917 — A destacar: "La Reunión Americana", por Manuel Ugarte; Proyectos de reformas a la Constitución Mexicana do 1857, por Venustiano Carranza; Política Colombiana, por J. Cabrera Arroyo; La conquista de América, por Polix Esteban Cicheo; La cosecha, por Cesar Welasquez; Figuras americanas (Gabriel René Moreno), por Alcides Arguedas.

REVISTA COMERCIAL — Montevideo — N. 11 — Fevereiro de 1917 — Trabalhos sobre commercio, industria, legislação, economia, finanças, estatística e administração.

RIVISTA DELLE NAZIONI LATINE — Janeiro e Fevereiro de 1917 — Florença — Artigos principais: L'Opinione europea alla vigilia della guerra attuale, por A. Aulard; Un piano filosofico de A. Thiers, por H. Welschinger; La guerra e il socialismo, por Hubert Bour-

MERCURE DE FRANCE — 1 e 16 de Fevereiro — Paris — Principaes trabalhos: La Paysage et la Nature dans l'Œuvre de Gustave Moreau, por Louis Boisse; Raspoutine, por J. W. Bienstock; Les Courants de la Social Démocratie, por Paul Louis; A propos de la vie chère, por Luis Narquet; La Mouvaise Nouvelle, por Horace van Offel.

REVUE SCIENTIFIQUE — Janeiro e Fevereiro de 1917 — Paris — A destacar: La Récolte des Gêmons dans le Finistere, por P. Guérin; L'Enseignement technique em

Suisse, por Perregaux; La Biologie humaine ou Science de l'Homme, pelo dr. Grasset; L'Influence de la Recherche scientifique sur l'Industrie, pelo sr. W. Beardmore; Le Typha, por Eug. Collin.

FRANCE-BRESIL — Janeiro e Fevereiro de 1917 — Paris.

LA GRANDE REVUE — Janeiro de 1917 — Paris — Principaes trabalhos: Le Joug de la Guerre, por Léonid Andréief; Le Livre français d'après Guerre, por Charles Saunier; L'Organisation du Service de Guerre obligatoire, por Paul Deprade; L'Effort militaire de l'Espagne, por Alberto Mousset.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — Fevereiro de 1917 — Paris — Publica: Les étapes de la victoire — Le soldat français, por Louis Barthou; La Victoire de la Marne por Henry Bidou; Un Grand Educateur, por Gaston Bonnier; L'Effort de la bourgeoisie, por Charles Chenu.

REVUE BLEUE — Janeiro e Fevereiro de 1917 — Paris — Le Patriotisme et le Sentiment national dans l'ancienne France, por Jacques Flach; L'Idéologie europeene en Russie, por G. Alexinski; La "Nouvelle Ere" autrichienne, por Paul Louis; Les Amants de Venise, por Charles Maurras; La Place de la Guerre actuelle dans l'Histoire générale, por Camille Jullian; Miranda, Général de la Convention, por Paul Adam; La Douma, por Paul Louis; L'Eternel "Impérialisme et les Illusions modernes", por René Lote.

REVIEW OF REVIEWS — Londres, Janeiro de 1917 — Lloyd George, por W. T. Stead; Joffre and his Career, por Charles Dawbarn; W. T. Stead and the War, por Arnold White.

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOAO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Palva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Göttingen e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinaarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALIANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

## ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Tel. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

**DESPACHANTES:**

**BELLI & COMP.** — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

**ALFAIATARIA ROCCO**—Emilio Rocco — Novidades em ease-

mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

**JOIAS** — Ouro, platina, caute-  
las de cascas de penhores e do Monte de Soecorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

△ SECÇÃO DE OBRAS DO △  
**O ESTADO DE S. PAULO**

EXECUTA-SE QUALQUER  
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145  
TELEPHONE 725 S. PAULO

**Loteria de S. Paulo**

Em 10 de Abril

**50:000\$000**

por 4\$500

*Os bilhetes estão á venda em toda parte*

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# As Machinas LIDGERWOOD

---

Para CAFÉ MANDIOCA  
ARROZ MILHO  
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de  
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de  
ferro galvanizado e pertences

---

CLING SURFACE, [massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-  
quer machinas, canos de fer-  
ro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-6**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

PEDRO LESSA . . . . . <i>da Academia Brasileira</i>	O preconceito das reformas constitucionaes . . . . . 351
OLAVO BILAC . . . . . <i>da Academia Brasileira</i>	Lendas brasileiras . . . . . 366
MONTEIRO LOBATO . . . . .	A gargalhada do Collector . . . . . 382
RICARDO SEVERO . . . . .	A arte tradicional no Brasil (com illustrações) 394
MAGALHÃES DE AZEREDO . . . . . <i>da Academia Brasileira</i>	Poesia . . . . . 425
LUIZ CARLOS . . . . .	Caravana da Gloria . . . . . 428
OLIVEIRA LIMA . . . . . <i>da Academia Brasileira</i>	A Revolução de 1817 . . . . . 431
MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . . . . <i>da Academia Brasileira</i>	Livros... . . . . 444
JOSÉ ANTONIO NOGUEIRA . . . . .	Luciano, Luz e Strauss 457
FIRMINO COSTA . . . . .	Vocabulario analogico . . . . . 469
FIALHO D'ALMEIDA . . . . .	Eça de Queiroz . . . . . 481
MACHADO DE ASSIS . . . . .	Cartas inéditas . . . . . 498
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . . 500

(Continúa na pagina seguinte)

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 16 - ANNO II

VOL. IV

ABRIL, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



**RESENHA DO MEZ** — Brasil-Allemanha — Alberto Torres — Bibliographia — Artistas Bahianos (*M. L.*) — As armas de S. Paulo — Ensino primario (*Carlos da Silveira*) — Brasil-Allemanha (*Ruy Barbosa*) — Revistas e Jornaes — Cotegipe intimo — Octave Mirbeau — Lloyd George — Porque morreu Metchnikoff — Zorrilla — Barba e cabelo na Politica e na Historia — As cartas anonymas — O systema metrico e a guerra — O Cruzeiro do Sul — Publicações recebidas — As caricaturas do mez.

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA      REOACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO  
ALFREDO PUJOL      SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO . . . . .	15\$000
SEIS MEZES . . . . .	8\$000
ESTRANGEIRO . . . . .	20\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$500
NUMERO ATRAZADO . . . . .	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52      S. PAULO  
CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

**TELEPHONE, 745**

**SÃO PAULO**



# REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo critério com que é dirigida, contendo leitura escolhidíssima e de moral impecavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthème, a chronista das segundas-feiras do "Palz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

**"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENIORS BRASILEIRAS DEVEM LER-A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"**

SECCÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECCÕES de educação social, de educação privada.

SECCÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECCÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originaes de fogão e forno.

SERVIÇO completo e perfeito de remessa para o interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 8\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correlo.

Dirijam suas cartas á Directora  
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

*Vicente Lattuchella*

*Alfaiate*

RUA BÔA VISTA, 56

S. PAULO

# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000	Succursaes em: BANIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Baneo tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Enearrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de lettras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaisquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente somente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Baneo fechará á 1 hora da tarde.

# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os julztes, promotores e delegados de pollicia, 25\$000 por anno

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN · CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALLAÇÃO DE LUZ E FORÇA

PLACAS  
ESMALTADAS  
E DE METAL

*Massucci  
Pezacco  
Nicolli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS  
CARIMBOS  
DE BORACHA  
FORMA PARA SABONETE



ESCRITORIO · Rua Florencio de Abreu 52  
FABRICA · Rua dos Alpes 79 S. PAULO

---

---

## O PRECONCEITO DAS REFORMAS CONSTITUCIONAES

---

Taes notas de critica e de combate provocou o artigo, sob o mesmo titulo deste, publicado por mim no primeiro numero da *Revista do Brasil*, que não me parece de todo inutil esclarecer um pouco mais e completar o pensamento dominante naquelle escripto.

Minha these foi, e continua a ser, esta: para curar os males economicos e financeiros de uma nação, e especialmente para regenerar, para restaurar moralmente uma sociedade politica, as reformas constitucionaes são remedios inertes, negativos, sem nenhuma efficacia. Por estar bem convicto dessa verdade, que tem na observação historica e na observação contemporanea uma prova indiscutivel aos olhos de todos os observadores lucidos e imparciaes, escrevi estas proposições, logo no começo do artigo mencionado: "As reformas constitucionaes são os recursos predilectos das nações fracas, incapazes, por sua falta de educação e de energia, de um bom governo pratico, e das nações decadentes e enervadas, que umas e outras, appellam, mas debalde, para tão desacreditada panacéa."

Não é verdade, retorquiram alguns jornalistas brasileiros, exhibindo como prova de sua asserção as reformas constitucionaes dos Estados-Unidos da America do Norte, e um illustre escriptor portuguez, o sr. Agostinho de Campos, lembrando as modificações por que têm passado a Constituição da Prussia, de 1 de janeiro de 1850, e a do Imperio allemão, de 16 de abril de 1871. As quinze emendas, tão conhecidas, da Constituição norte-americana, as nove altera-



ções feitas, em periodo não longo, á Constituição do Imperio allemão, e as quatorze modificações da Constituição da Prussia, provam bem que nações jovens e muito vigorosas e progressivas, e outras que são "modelos de ordem, de conservantismo e de boa medida politica", tambem reformam frequentemente as suas constituições, o que significa muito claramente que as reformas dessa especie são necessarias, ou pelo menos uteis aos povos mais fortes, cultos e aptos para uma grande civilisação.

Facil é mostrar o vicio desse raciocinio. Ha uma differença profunda e palpavel entre aspirar constantemente a reformas constitucionaes e realisal-as, para o fim de, só e exclusivamente pelas mutações dos textos da lei fundamental, modificar a vida economica e os costumes de um povo, e ir pouco a pouco corrigindo e melhorando os preccitos de uma constituição, de accôrdo com as exigencias dos factos, com as imposições dos acontecimentos, com o adiantamento da nação, com o estudo mais satisfactorio das necessidades sociaes e dos principios do direito.

Fôra manifesta insensatez negar a necessidade das transformações do direito constitucional, bem como a das do direito civil, commercial, criminal, administrativo, ou judiciario. Entre os que consagram a sua vida ao cultivo do direito em geral, é essa uma verdade, que não se faz mister lembrar em quaesquer circumstancias, porque sempre se subentende. A revogação ou derogação de leis, e a promulgação de novos preceitos, *rebus ipsis dictantibus et necessitate exigente*, ou mesmo como meio de estimular, dentro em certos limites, certas transformações beneficas da sociedade, não ha escola ou doutrina conceituada, que não approve, ou admitta.

O que eu combati, e que me parece uma pretensão absurda, e propria unicamente de povos sem educação e sem instrucção, ou de nações decadentes, é este preconceito, tão commum na America latina, que consiste em suppor que, para corrigir e melhorar um povo pobre e de pessimos costumes politicos, é bastante e efficaz a reforma dos textos constitucionaes.

Em 1791 foram votadas nos Estados-Unidos as dez primeiras emendas á Constituição de 17 de setembro de



1787. Em nenhum desses novos artigos se nos depara a mais leve tendencia para alterar as instituições politicas adoptadas em 1787.

São corollarios logicos, verdadeiros complementos, retoques finaes apenas, da obra do segundo congresso constituinte. Uma rapida leitura das dez emendas revela-nos immediatamente o fim dessas novas regras constitucionaes. A primeira contém principios de ordem constitucional, que são communs a todas as constituições adiantadas; pois, assegura a liberdade religiosa, a de tribuna, a de imprensa, a de reunião e a de representação. Pela segunda se garante a cada cidadão o direito de trazer consigo armas. Veda-se na terceira que ao particular seja imposta, em tempo de paz, a obrigação de alojar soldados, podendo-se exigir a prestação desse serviço unicamente em tempo de guerra e de accordo com as prescrições leaes. Encerram a quarta, quinta sexta, setima e oitava, bem vulgares garantias constitucionaes da liberdade individual, do domicilio e do direito de propriedade, e as duas ultimas declarações geraes de direitos, que haviam sido esquecidas pelas constituintes de Philadelphia. A decima primeira envolve uma restricção ao poder judiciario da União. Na decima segunda temos, não ha duvida, uma alteração dos preceitos acerca da eleição do presidente da União, alteração que pareceu naturalmente reclamada pela pratica e maior ponderação sobre o assumpto, e que não importa absolutamente em modificação da estructura politica primitivamente adoptada. Nenhuma relação de dependencia ha entre a decima terceira e a forma do governo do paiz; porquanto, esta emenda, approvada em 1.º de janeiro de 1865, consagra a emancipação dos escravos. As demais emendas dispõem sobre a qualidade de cidadão dos Estados-Unidos e dos Estados, a eleição presidencial, a divida publica da União, e o direito de voto estendido a todos os cidadãos, posto que tenham sido escravos ou sejam homens de côr. Como se vê, são *aperfeçoamentos da Constituição*. Têm por fim unicamente *corrigir, ampliar e completar as instituições politicas*.

Esse intuito, ou essa preocupação, ainda é mais evidente nas reformas da Constituição da Prussia e da Constituição do Imperio allemão. Nenhuma alteração funda-

mental, nenhuma transformação da essência das instituições. Os artigos 15, 16 e 18 da primeira dessas leis fundamentaes foram eliminados, depois de haverem sido unicamente modificados. Que é que se fez com essa reforma? Abolir a independência de que gozavam a igreja evangelica e a catholica. A forma do governo não se modificou por isso. As proprias abrogações dos artigos 65 a 68 não desnaturaram a monarchia estatuida em 1850. Quanto ás emendas da Constituição do Imperio allemão, nenhuma tambem foi votada, que imprimisse um caracter diverso á obra de 1871.

Não ha equivalencia, nem sequer similhança possivel entre reformas constitucionaes votadas com taes escopos e com taes alcances, e as que se fazem e desfazem tão frequentemente na America latina, como ficou apontado no artigo precedente. O que se quer na America, e nas nações decadentes da propria Europa, é levantar uma sociedade, cancerada pela immoralidade dos homens publicos e pela miseria economica, a golpes de reformas constitucionaes. Contra esse absurdo innominavel foi que me insurgi.

---

Quaes são os nossos graves defeitos sociaes, que se pretende debellar por meio de reformas da Constituição Federal?

Importa responder com toda a franqueza. Um diagnostico verdadeiro e preciso é o primeiro passo para uma decisiva applicação therapeutica.

Um dos nossos vicios primordiaes é a corrupção e a fraude nas eleições, de que decorre como consequencia necessaria uma verdadeira repulsão do exercicio do voto pela parte mais instruida, moralisada e independente, da sociedade. Corrompe-se o eleitorado, já promettendo e dando empregos publicos, já pela ameaça das demissões e perseguições, e tambem pelo empenho e pelo dinheiro. Fraudam-se as eleições, desnatura-se o suffragio, fazendo-o exprimir resultado diverso da realidade. Vota-se num candidato e aparece votado outro.

Outro grande mal brasileiro é a politiquice ou politica-gem. Desde que a maioria dos politicos se compõe de exploradores da carreira politica, sem preparo, sem predica-dos pessoases, e sem disposição para o trabalho esforçado, que lhes garantam em qualquer profissão honesta os meios de subsistencia ou (o que é muito frequente) a posição social que a politica lhes dá, nada mais natural do que a sua exclusiva preocupação com os assumptos e negocios politicos de interesse meramente individual. Por falta de uma comprehensão exacta e ampla das utilidades e das necessidades sociaes, e da intima connexão entre estas e a utilidade individual, e por uma consequente inferioridade moral, que lhes traz o espirito sempre afocinhado e preso aó seu mesquinho egoismo, não cuidam attentamente e com afinco da agricultura, nem das industrias, nem do commercio, nem das sciencias, nem das artes, nem da educação e da instrução do povo, nem de nenhum dos ramos de actividade social que nos paizes novos precisam de ser protegidos, ou pelo menos orientados pelo governo, ou pelas classes dirigentes.

O baixo nivel, intellectual e moral, da maioria dos nossos homens publicos faz que estes vivam soffismando as leis e transgredindo-as por mil modos, em seu beneficio, ou no dos parentes, amigos e partidarios. Incapazes do amor á gloria, têm na mais alta dose o amor ao poder, ás posições e seus proveitos. Querem, por todos os meios, os cargos politicos para si, para sua familia, para os seus asseclas que lhes parecem mais submissos, e que frequentemente os traem. Em meio desta estúpida e torpe comprehensão da politica não ha logar para os homens de talento, de saber e de character. Os poucos que por circumstancias speciaes logram penetrar, ou manter-se, em collocações politicas salientes, são fortemente hostilizados pela grande legião dos politiqueiros.

E' incrivel o desembaraço com que os nossos homens publicos interpretam sofisticamente e fraudam na execução as leis em pról dos seus interesses individuaes. Os mais claros e terminantes artigos da nossa liberrima Constituição, não têm escapado aos ardis e ás violencias dos politicos. Querem exemplos? O artigo 73, em que refulge ad-

miravelmente o pensamento do legislador, veda muito democraticamente e só a accumulção de remunerações, permitindo o exercicio simultaneo de cargos não remunerados. Para bem interpretal-o, basta conhecer *os mandamentos da lei de Deus* e ser um homem de bem. Entretanto, quantos raciocinios de má fé não tem accumulado o egoismo dos nossos juristas politicos para fazer passar, á viva força, através das impenetraveis malhas desse preceito constitucional as mais descaradas accumulções! Exprimindo a mais justa previdencia, o art. 5 instituiu a aposentadoria para os funcionarios publicos em caso de invalidez no serviço da nação. Entretanto, invertendo o evidentissimo pensamento do legislador, os nossos politicos militantes transformaram o preceito do art. 75 no mais vergonhoso e aviltante instrumento para exhaurir o thesouro publico, aposentando individuos que vão exercer sua actividade muito mais fatigante e penosamente em serviços de ordem privada ou em outros cargos publicos!

Para se manterem e cultivarem todos esses vicios, é indispensavel fazer-se o que vemos constantemente: eleger para os mais elevados cargos da administração federal e estadual os menos competentes, os mais malleaveis, os mais doceis instrumentos dos interesses dos chefes. A lembrança de um grande nome para uma alta posição politica é recebida como uma declaração de guerra, a que se responde com todos as alicantinas da perfidia e com todos os recursos da luta violenta. Como um natural corollario dos factores da nossa vida politica, já chegámos ao extremo de ter como chefe da nação o individuo a que mais qualidades intellectuaes e moraes podiam fallecer para o cargo.

---

Esses incontestavelmente, e em synthese, são os defeitos capitaes da nossa politica.

De relance, vejamos, precisando um pouco a natureza dos remedios, quaes as reformas constitucionaes com que se alimenta a aspiração de curar todos esses males.

Difficilima é a tarefa; pois, são tantos os alvifres, os medicamentos suggeridos, que não se sabe absolutamente

qual a reforma, ou qual o programma de reformas, que conta maior numero de suffragios.

Um nome hã na politica brasileira que tanto sobreleva pela sua alta competencia, que em tudo lhe é devida e reconhecida uma primazia incontestavel. Eis, resumidamente, as reformas propostas pelo eminente sr. Ruy Barbosa: a) unificação do direito judiciario, isto é, do direito processual e da organização judiciaria; b) a escolha dos juizes confiada aos tribunaes superiores; c) a definição, em termos claros e precisos, dos "princípios constitucionaes" da União, que os Estados devem respeitar; d) garantia aos magistrados estaduaes, caso não seja unificada a magistratura, da vitaliciedade, da insuspensibilidade administrativa e da irreductibilidade nos vencimentos; e) outorga ao Congresso Nacional da faculdade de reintegrar a ordem republicana federativa, quando a Constituição de um Estado a contravier; f) reconhecimento á legislatura da União de igual competencia para intervir nos conflictos economicos entre os Estados, quando estes se hostilizarem uns aos outros mediante golpes de impostos, guerras de tarifas, retaliações tributarias, que ameacem a paz da União; g) a declaração de que os effeitos do estado de sitio acabam com a cessação deste, e a de que a elle são immunes os membros do Congresso e os magistrados, bem como a de que o art. 80, paragrapho 2.º, só autorisa as medidas da prisão e do desterro; h) regular constitucionalmente a faculdade, natural aos Estados, como aos municipios, de contrahir emprestimos externos, quando estes possam vir a empenhar a responsabilidade, provocar intervenções estrangeiras e arriscar a nossa integridade ou prejudicar a nossa reputação; i) prohibir ao Congresso a inserção nas leis annuas de disposições estranhas aos serviços geraes da administração, ou á consignação de meios para observancia de leis anteriores, e a autorisação ao governo de vetar parcialmente o orçamento da despesa, onde esta collidir com essa regra prohibitiva.

Como facilmente se vê, quasi todas as reformas, propostas pelo egregio brasileiro, são das que se preconizam e effectuam para o fim de melhorar, de corrigir, de aperfeiçoar as leis vigentes; são reformas da mesma natureza e

dirigidas aos mesmos fins das que se fizeram na America do Norte para completar as garantias da Constituição. Não revelam o insensato intuito de sanear moralmente uma nação de pessimos habitos politicos. Não são reformas como as do Mexico, as do Perú, as de Portugal, realisadas com o escopo de, *por si sós, sem o adminiculo de outros factores, sem a educação, sem a instrução, sem a disseminação de idéas verdadeiras, justas e uteis, produzirem a regeneração de um povo.* Não são idéas de visionarios, que tanto mal fazem a um paiz, entretendo e aggravando as molestias sociaes que pretendem curar, pela applicação de remedios inuteis, ou burlescos. Tal tratamento não exclue, antes exige, como indispensavel complemento, a propaganda dos principios e das idéas, que devem formar o ambiente moral de toda sociedade livre.

Mas, entre as proprias reformas aconselhadas pelo acatado mestre do direito constitucional brasileiro algumas ha, a que não se póde ligar o alcance, que parece lhes ter sido dado. Nem julgo provado o mal que, no sentir de alguns, nos tem feito a outorga aos Estados da faculdade de legislar sobre o direito judiciario, nem creio que seja isenta de inconvenientes a reforma suggerida. A independencia das magistraturas locaes tem sido garantida pelo Supremo Tribunal Federal, com a interpretação dada ao art. 83 da Constituição, incluindo-se entre os principios constitucionaes, impostos á observancia dos Estados, os concernentes á vitaliciedade e mais garantias conferidas aos juizes federaes. A diversidade de normas processuaes é uma necessidade incontestavel diante da grande extensão de alguns dos nossos Estados, da escassez de população de muitos, da diversidade de accidentes geographicos, de cultura social e de meios de transporte. Uma só lei de processo tem graves e manifestos inconvenientes. Provou-o a promulgação da lei n. 1785, de 28 de novembro de 1907, que foi preciso substituir dentro em pouco tempo pela de 30 de setembro de 1909. Querendo proceder com muito rigor contra os autores do delicto de introdução dolosa na circulação de moeda falsa, estatuiu-se na lei de 1907 que em caso nenhum poderia a formação da culpa exceder o prazo de vinte dias. Como na maior parte dos Estados, em conse-



quencia das grandes distancias e difficuldades de transporte, é impossivel concluir a formação da culpa no prazo improrogavel da lei citada, o resultado foi, durante algum tempo, serem frequentemente soltos os réus por *habeas-corpus*. A unificação do direito judiciario dar-nos-ia talvez este resultado incomprehensivel ou pelo menos injustificavel, de offerecer o Brasil, sob o regimen federativo, maior centralisação, no que respeita á organisação judiciaria, do que tivemos no imperio, sob o dominio do Acto Adicional, que ao menos dava ás assembléas provinciaes competencia para legislar sobre a divisão judiciaria das províncias. Se ha assumpto que no Brasil, dadas as differenças de varias especies entre os Estados, não se deve subtrahir á competencia regional, é a organisação judiciaria e o processo. O direito judiciario e a organisação da policia, num paiz vasto como este, e sujeito ao regimen federal, devem forçosamente pertencer aos Estados.

Em parte, são da mesma indole das do sr. Ruy Barbosa as reformas lembradas por este outro notavel politico, tão competente em assumptos economicos e financeiros, o sr. Leopoldo de Bulhões.

Começa o illustre senador por Goyaz, pedindo que se dê independencia á magistratura, cercando-a de todas as garantias e confiando aos tribunaes superiores a escolha dos magistrados. O primeiro passo que deve ser dado, para esse fim, é a unificação do direito judiciario. — As garantias constantes da Constituição Federal, seriam manifestamente sufficientes, desde que se observassem os preceitos constitucionaes com todo o seu rigor e em toda a sua pureza, observancia que depende, unicamente, da educação moral e da instrucção. Quanto á escolha dos juizes pelos tribunaes superiores, não poderia trazer o inconveniente de limitar as nomeações a cidadãos exclusivamente da classe, o que fôra um grande mal? Tolher de qualquer modo a selecção, para a judicatura, dos professores, advogados e altos funcionarios administrativos, é contribuir do modo mais efficaz para a decadencia da carreira judiciaria.

Quer o eminente senador goyano que se façam leis garantidoras do voto. — Aqui está bem frisantemente um dos pontos do programma de reformas, em que mais pal-

pavelmente se pode sentir a inutilidade das leis, sem a reforma dos costumes. Reformou-se o anno passado a nossa lei eleitoral. Estatuiram-se normas muito severas, que pareciam as mais conducentes a evitar a fraude no alistamento. Logo, á primeira execução da nova lei, foram tantas e taes no Districto Federal, na capital da Republica, as machinações criminosas para fraudar a lei, que a imprensa diaria, num brado unisono de alarma, denunciou os crimes cynicamente praticados, e pediu a punição dos delinquentes.

A responsabilidade dos ministros de Estado, e dos governadores e presidentes de Estados, já está bem clara e positivamente decretada na Constituição Federal e nas regionaes. O que falta, e exclusivamente, é applicar uma e outras leis. Não será a permissão de separar-se o processo dos ministros do do presidente da Republica, que ha de possibilitar a condemnação dos primeiros.

A nova partilha de rendas entre a União e os Estados serviria unicamente para, nos periodos de prosperidade e de grande augmento de receita, a União poder entregar-se a maiores orgias financeiras. Na actual crise financeira, as barreiras, oppostas pela Constituição Federal á decretação de novos impostos federaes, tem sido um dos maiores beneficios que nos podia fazer o nosso pacto fundamental. Sem ellas, os tributos seriam indefinidamente accrescidos, e com elles novas despesas, cada qual mais dispensavel. Os abusos da União nesta materia têm sido muito maiores do que os da maior parte dos Estados.

---

Exemplo eloquentissimo de uma reforma constitucional, pregada com o intuito de se produzir uma regeneração da sociedade, é a substituição do presidencialismo pelo parlamentarismo. Os factos historicos, passados e presentes, depõem a favor do parlamentarismo. Mas, é preciso ter bem presentes sempre estas duas verdades: a superioridade do parlamentarismo, não é de tal natureza que devamos convencer-nos de que fóra d'elle não possa haver progresso, ordem, nem liberdade, verdade que bem cômprovam os

Estados-Unidos em toda a sua existencia de nação independente, e a Argentina nos ultimos tempos; insensatez fôra suppor que as nações cujo grande mal é a falta de educação civica e politica, e o atrazo intellectual, possam progredir e viver com ordem e livremente, pelo simples facto de adoptarem o parlamentarismo, que tambem tem seus defeitos e inconvenientes bem notaveis.

Que espirito observador já descobriu jámais qualquer laço entre o presidencialismo e os nossos innegaveis vicios eleitoraes, a fraude e a corrupção? Que razão temos para crer que no systema parlamentar os chefes politicos procedam correctamente, respeitando os rudimentos da moral publica, nas eleições de qualquer especie? Não será a necessidade vital da maioria parlamentar para a conservação de um governo, razão frequente de mais censuraveis ardis eleitoraes? A irresponsabilidade do chefe da nação de um lado e de outro a responsabilidade do gabinete coberta por politicos destituídos dos necessarios attributos moraes e intellectuaes, concorreriam no systema parlamentar para tornar irremediaveis, e como que para sancionar, todos os defeitos eleitoraes de que nos accusamos.

O descuido dos interesses sociaes, o esquecimento da lavoura, das industrias, da educação e da instrucção, naturalmente se aggravaria sob o parlamentarismo, desde que não se inoculasse um pouco de civismo nas veias do nosso povo. Dado um parlamento como os que temos tido, á maior influencia do mesmo nos negocios publicos haveria sempre de corresponder maior politicagem, e menor preocupação com os verdadeiros interesses sociaes. Passariamos a politicar (no mau sentido do termo) exclusivamente e sem interrupção.

O parlamento fiscalisaria os governos, e facilmente destituiria os maus gabinetes: tal é o argumento constaute dos parlamentaristas. Quando os maus governos são obra exclusiva da escolha e do apoio dos chefes politicos, que têm assento no congresso, com que fundamento se pôde esperar a acção benefica do parlamento na formação e conservação dos governos? Uma certa moralidade eleitoral e um certo desenvolvimento intellectual, e respeito pelos principios, entre os eleitos, são indispensaveis para que o

parlamento desempenhe com utilidade o seu papel de seminario e sustentaculo dos governos, no systema parlamentar.

Um dos grandes males da Republica é a incontestavel e revoltante inferioridade moral e intellectual dos chefes politicos. Assignalo aqui este facto, como os nossos outros defeitos publicos, não com o espirito de um partidario, que nunca fui, mas como um mero estudioso dos phenomenos sociaes, um imparcial perquiridor da sociologia, applicando o methodo scientifico da observação. Ora, não é uma perfeita necedade querer abolir os nossos defeitos, entregando escancaradamente, e sem correctivos, a nossa direcção politica precisamente aos cidadãos que são os maiores responsaveis pelo nosso estado presente, os principaes causadores das nossas miserias sociaes? Nem se diga que sob o presidencialismo esses mesmos chefes dirigem o presidente da Republica, e governam, indirectamente. Não é isso verdade. Sabemos todos que o presidente da Republica, pesando a sua grande responsabilidade, não raro se recusa á pratica de actos prejudiciaes ou indecorosos, exigidos pelos chefes politicos.

O parlamentarismo presuppõe uma certa opinião publica, um certo grau de cultura e de civismo da consciencia nacional, que não se confunde com a opposição injuriosa, ou calumniosa, de uma parte da nossa imprensa diaria e de uma parte dos nossos representantes. Sem o estudo consciencioso dos negocios publicos, e sem uma certa imparcialidade, que só se adquire pelo civismo, pela preferencia sempre dada aos interesses sociaes, e pela abstracção do que só respeita ao nosso egoismo, não ha opinião publica, por meio da qual se possa alimentar, e fazer fructificar, o parlamentarismo. Sob o imperio tivemos alguns periodos de brilhante vida parlamentar; mas, os resultados então obtidos representavam uma creação artificial, graças á notoria envergadura moral de D. Pedro II e á rara capacidade e patriotismo de alguns chefes politicos, cercados de immenso prestigio. Sob a republica, o que é facto injustificavel, é que a influencia politica está na razão directa da ausencia das qualidades intellectuaes e moraes. Ao maior dominio corresponde sempre a maior falta de ins-

trução e de respeito pelos mais corriqueiros rudimentos da moral social.

Especialmente para as supremas posições da politica e da administração, o que em regra se tem preferido, são os espiritos malleaveis, vãos, amorphos, que funcionam como joguetes para a turba multa dos politiqueiros.

Já se conjecturou o que seria o parlamentarismo com um chefe da nação perfeitamente inconsciente, e portanto apto para perfilhar todos os erros, todos os desmandos e todos os crimes que lhes suggiram os seus partidarios? A hypothese, como já vimos, não é gratuita no Brasil. Que seria o parlamentarismo com um tal chefe do Estado? Continuas dissoluções da camara baixa, até se chegar ao nivel intellectual e moral que conviesse aos amigos do presidente? Formação incessante de novos gabinetes, escolhidos entre os peiores elementos da representação nacional? Tudo seria possível, dada a carencia de opinião publica, que é o nosso grande cancro.

---

Ninguem se oppõe ás correções e aperfeiçoamentos, de que precisa a nossa Constituição. Quem não applaudiria, por exemplo, o artigo constitucional, em que se declarasse positivamente que o art. 60, letra d, da nossa lei magna, é revogado, e que a justiça local é a competente para processar e julgar todas as causas entre habitantes de Estados diversos, ficando assim claramente estatuido que repellimos essa regra do direito publico federal, adoptada pelos americanos do Norte e pelos argentinos; ou o artigo em que se corrigisse a má redacção nesse ponto da nossa lei fundamental, e se affirmasse com precisão que consagramos esse preceito salutar do direito constitucional que elegemos e porfilhámos?

E' preciso *não perder tempo* com inuteis reformas politicas, que servem unicamente para embromar e illudir a nação sem nenhum beneficio pratico. Ahi está o principal inconveniente da preconisação das reformas constitucionaes: em vez de se debellar a causa de nosso mal-estar politico e social, cuida-se longamente, e através de muitas

difficuldades, de curar uma enfermidade imaginaria, de alterar magnificos textos de leis, que, applicados por nações de raças diversas, em climas differentes, e com muitas outras dissimilhaças, como os Estados-Unidos e a Argentina, têm produzido effeitos admiraveis.

Para os que a analysam de longe, a uma grande distancia, a nossa Constituição tem uma serie de imperfeições, que releva quanto antes expungir. Para os que travam com ella intimas relações, é essa adaptação da obra de Hamilton e seus companheiros um manancial inexgotivel de beneficios e garantias. Nas mãos do sr. Ruy Barbosa que maravilhoso instrumento de progresso e de liberdade!

Cuidemos seriamente de propagar e de incutir no espirito dos nossos concidadãos idéas verdadeiras, justas, sans, uteis, acerca dos negocios publicos. Convençamos os que vivem afastados das preoccupações politicas de que é indispensavel concorram todos para a obra de saneamento, elegendo os mais idoneos, interessando-se pelas questões sociaes, sacrificando um pouco o seu repouso individual em proveito da utilidade commum, o que é tambem promover intelligentemente o bem-estar de cada um, os interesses mais egoisticos.

Desenganemo-nos: não ha, não se conhece, nunca se imaginou, uma reforma constitucional, dotada da extranha efficacia consistente em dispensar a intelligencia, o preparo e a moralidade dos homens publicos. Incontestaveis são estas asserções do artigo, a que alludi no começo deste: "Não ha systema, nem regimen politico, que funcione bem por si, automaticamente, servido por maus funcionarios. A monarchia, o unitarismo, o parlamentarismo, não obstaríam ás calamidades procedentes de tal origem. Já apontámos um exemplo bem eloquente numa velha nação da Europa, muito nossa irmã; outros, e não poucos, facilmente apontariamos na Europa e na America... São factores essenciaes do bom exito das instituições de direito privado, como das de direito publico, as leis feitas convenientemente e certos predicados intellectuaes e moraes dos que as praticam.



Propaguemos com afinco as verdades rudimentares e evidentes, que compõem o código do civismo, que em grande parte é feito dos elementos da moral, ensinados em todos os tempos e em todos os paizes pelos sacerdotes, pelos professores, pelos philosophos e pelos estadistas dignos deste nome.

Rio, fevereiro de 1917.

PEDRO LESSA.



---

---

## SOBRE ALGUMAS LENDAS DO BRASIL

---

(CONFERENCIA)

Pedindo-vos que me acompanheis numa digressão por este pequeno trecho da immensa floresta moral, que é o nosso folk-lore, não quero que comnosco venha a sciencia, como guia e mentora, mas a poesia, que, com ser fantasista, não deixa de ter uma philosophia, misturada de graça e de consolação.

Sabeis que o vocabulo "folk-lore" significa: mythologia, compendio de contos populares, literatura do povo, lendas que se alimentam de mythos. Para nós, o vocabulo deve ser "poranduba", do tupi, exprimindo: historias fantasticas, fabulas, abusões. Mas não quero falar propriamente das historias, que se contam em nossa terra, a principio conservadas na tradição oral, e agora impressas, ingenuas e encantadoras invenções da gente simples, tão bellas como os velhos contos das fadas, — a carocha, o jaboti e o urubú, o jaboti e a festa no céu, a raposa e o lobo, a garça e o cágado, o fim do mundo, etc. Pretendo apenas tratar de entes imaginarios, personagens inexistentes, nem animaes, nem vegetaes, nem mineraes, e entretanto, dominando todos os reinos da natureza, feitas de sonho e allucinação, invisiveis, intangiveis, criadas pela illusão, vivendo na illusão, — e immortaes: immortaes, porque só póde morrer o que é real, se é que ha realidades no mundo, e a illusão é perpetua, e o que d'ella nasce eternamente perdura na eterna miragem da vida. Tudo, se existe objectivamente, é porque existe

subjectivamente; tudo existe em nós, porque tudo é criado e alimentado por nós. Os mythos nascem do nosso pensamento; e só existe aquillo que pensamos e aquillo que amamos. Tudo mais é nada.

O vocabulario philosophico tem duas palavras, que resumem e explicam toda a vida: "macrocosmo", grande mundo, ou o universo, e "microcosmo", pequeno mundo, que é o homem, ou o mundo em ponto pequeno; minuscuro e completo universo. Microcosmo é qualquer corpo organizado, resumindo toda a organização universal; Leibnitz disse que a mónada é um microcosmo, porque, com effeito, é bastante para si mesma, inacessivel ás influencias externas, e sujeita a mudanças internas, de que resulta a percepção, e tendo dentro de si um mundo de percepções... Mas, perdão! o vocabulario philosophico, como todo o vasconço scientifico, é um calão barbaro, que arranha os ouvidos finos. Preferi dizer, em quatorze versos, a theoria do "microcosmo"; a linguagem da poesia, sendo a dos deuses, é a dos homens de bom gosto...

Pensando e amando, em turbilhões fecundos,  
E's tudo: oceanos, rios e florestas;  
Vidas brotando em solidões funestas;  
Primaveras de invernos moribundos;

A Terra; e terras de ouro, em ceus profundos,  
Chelas de raças e cidades, estas  
Em luto, aquellas em raiar de festas;  
E outras almas vibrando em outros mundos; -

E outras formas de linguas e de povos;  
E as nebulosas, geneses immensas  
Fervendo em sementeiras de astros novos;

E todo o cosmos em perpetuas flammass...  
Homem! és o Universo, porque pensas,  
E, pequenino e fraco, és Deus, porque amas!

Sendo cada homem o universo, tem dentro de si todos os deuses, todas as potestades superiores e inferiores, que

dirigem o universo... Existem em nós todas as divindades, que, segundo a crença popular, enchem o espaço: são sentimentos humanos, que saindo de cada um de nós, personalizam-se, e começam a viver na vida exterior, como mythos da communhão.

Sentimentos humanos, — e antigos, velhissimos, legados de milhares de gerações. Não ha na poranduba do Brasil novidades. Quasi todas as nossas lendas são transplantadas da Europa, da Asia, da Africa; e ninguem pode fixar a época em que ellas nasceram: nasceram, quando nasceu a intelligencia humana. Mas, se os europeus não tivessem aportado a estas paragens, se estas ficções da mais remota antiguidade, infinitamente modificadas, mas sempre essencialmente vivas, não se aclimassem na America, — as mesmas idealizações, com outras geneses, outras formas, outros nomes, teriam sido criadas aqui, espontaneamente, nascidas da intelligencia dos selvagens, pela necessidade de pensar e de crer.

Não creio que os jesuitas tenham dado aos indios o seu Deus e o seu Diabo! Elles já tinham o seu demiurgo criador e o seu demiurgo destruidor, o seu Tupan e o seu Anhangá. E' o eterno dualismo, governando todas as phases religiosas, toda a historia mythologica da humanidade. Já entre os persas e os iranianos, na religião de Zoroastro, havia um deus de bondade, Ormuz, e um deus de maldade, Ahriman. A religião de Manés, na Babilonia, não criou a idéa do dualismo: accentuou-a, precisou-a; a base da crença dos manicheus era a opposição e o contraste da luz e da treva; o mundo visivel era para elles o resultado da mistura d'estes dois elementos eternamente inimigos. Em todos os grandes povos e em todas as pequenas tribus, sempre houve, em todos os tempos, a concepção d'este conflicto, que perdura no catholicismo, e em todas as religiões. Ora, os selvagens das margens do Amazonas, do São Francisco e do Paraná, que sempre tiveram o seu Tupan e o seu Anhangá, concebem e adoram estes demiurgos, porque os sentem dentro de si mesmos. Cada um de nós, selvagens ou civilizados, concebe e contém estes dois principios antagonicos. Cada um de nós tem uma arena intima, em que a todo instante combatem um genio do Bem e um genio do Mal:



Não és bom, nem és mau: És triste o humano...  
Vives aneando em maldições e preees,  
Como se, a arder, no eoração tivesses  
O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padêces;  
E, rolando num vortice vesano,  
Oscillas entre a erença e o desengano,  
Entre esperanças e desinteresees.

Capaz de horrores e de acções sublimes,  
Não ficas das virtudes satisfeito,  
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:

E, no perpetuo ideal que te devora,  
Residem juntamente no teu peito  
Um demonio que ruge e um deus que chora...

Mas na mythologia brasílica, como em todas as outras, o diabo, o genio mau, não é uno e indiviso. Filhos d'elle, ou partes integrantes e emanações d'elle, sua familia e seu estado-maior, existem muitos pequenos demonios, genios subalternos.

São muitos, e ás vezes confundem-se, trocando as apparencias e os nomes, de região para região. O Jurupary, que tambem é chamado "o diabinho da mão furada", é em certos pontos do Brasil o mesmo grande diabo, Anhangá, ou o pequeno demonio Saci; mas no Amazonas elle é propriamente o pesadelo, o sonho mau que opprime e suffoca, como, segundo Baptista Caetano, indica a significação do seu nome em tupi: "y-ur-upá-ri, — o que nos vem á cama". O Jurupary não tem corpo. Ao passo que os seus irmãos, na grande familia dos nossos pequenos genios do mal, são de carne e osso. O Curupira é talvez o mais antigo dos mythos brasileiros; já d'elle falava Anchieta em 1560. E' o *numen mentium*, o genio dos pensamentos. E' habitante das florestas; extravia os caminhantes, arrasta-os, e suga o seu sangue; é um tapuio pequeno, de dentes verdes; tem os pés ás avessas, com as pontas viradas para traz; ás vezes nú, outras vezes vestido de tanga, com um cocar de plumas. A sua mulher é a Caiçara, cabocla anã, quasi negra, que chicoteia animaes e homens com cipós de japecanga. Com-

panheiro do Curupira, ou sua duplicata, é o Capora, ora gigante, ora anão, montado num caitetú, cavalgando á frente de varas de porcos do mato, fumando cigarro ou cachimbo, pedindo fogo aos viajantes; e, precedendo-o, voam os vagalumes, seus batedores, alumando o caminho. E' elle o génio do azar, do mau olhado, da falta de sorte; é do seu nome que se originou o nosso vocabulo "caiporismo". Outro frequentador e assombrador dos nossos sertões é o Saci, ou Saci-pererê, ou Matinta-perera. O padre Simão de Vasconcellos chamou-lhe Macachera. Ora apparece como um passaro, modulando um canto melancolico, ora como um homem feio, de cabellos vermelhos ou coberto de barrete vermelho, ora sósinho, ora acompanhado por uma mulher preta e velha, coberta de andrajos, chamada Tatá-manhá. O Saci ás vezes tem uma perna só, outras vezes duas pernas com uma ferida em cada joelho. E' o *numen viarum*, o genio dos caminhos. E' o terror dos caçadores. Agil, salta á garupa dos cavalleiros, chibata-os, e tortura-os. Frequentemente, transforma-se em janota: pelas casas de jogo, como jogador, arruina os parceiros, e, pelas casas de familia, corrompe as senhoras e perverte as meninas. Ha ainda o Capeta, diabinho negro, molecote bregeiro, malicioso e perverso, engraçado e perturbador, sujando as casas, desmanchando as camas, envenenando as cosinhas, apagando o lume do fogão, pondo cinza dentro das panellas, azedando o leite. E no Rio Grande do Sul, nos Sete Povos das Missões, ha ainda um outro espirito quasi inoffensivo, travesso como o Capeta: chama-se Generoso. E' tambem um genio domestico: faz estalar o tecto das casas, sacode os moveis, agita invisivelmente as cordas das violas, assobia pelas frinchas das janellas, e faz oscillar a chamma das candeias...

Ora, todos estes demonios, infestadores das nossas selvas, dos nossos campos, das nossas roças, vivem dentro de nós; residem todos no nosso coração e no nosso cerebro. Se os imaginamos lá fora, se os criamos e os atiramos á vida exterior, é porque nasceram de nós. São os nossos familiares e os nossos inimigos. São as nossas idéas baixas, os nossos instinctos bestiaes, os nossos peccados, e os nossos vicios. Estes instinctos viçam constantemente na consciencia dos perversos, no somno e na vigilia, governando-os sempre na



vida. Os homens puros e bons são também assediados pelos gnomos malfazejos; mas, quando estão na plena posse da sua razão, sabem e conseguem amordaçal-os e sujeital-os. Contrariados e subjugados, os Curupiras, Sacis e Caporas, pensamentos maus e ambições torpes, afastam-se, mas não se resignam: acaçapam-se, escondem-se, disfarçam-se durante o dia, e esperam o somno dos justos... E, á noite, quando se entorpecem os centros nervosos, quando só a vida vegetativa funciona, e a actividade cerebral se annulla, e o pensamento hiberna, e a consciencia se ausenta, — então, das secretas furnas do inconsciente saem de rojo, lentos e obliquos, os tentadores malevolos: e no escuro silencio da alma em coma agita-se o candomblé da animalidade. Aparecem os sonhos sinistros ou obscenos, os pesadelos em que a tragedia se entrelaça com a farça, os ephialtas em que a extravagancia se conjuga com a maldade. E' a festa da meia noite, o sabbath no espirito do homem que dorme...

A's vezes, uma vida abominanda  
Vives no somno, em que a horrida matuja  
Dos incubos e súcubos te manda  
O echo do inferno que referve e ullula...

Um mundo torpe nos teus sonhos anda:  
O odio, a perversidade, a inveja, a gula,  
Espiritos da terra, sarabanda  
Das grosseiras paixões que a treva açula.

Assim, á noite, no invio da floresta,  
No mysterio das sombras, entre os pios  
Dos noitibós, o candomblé se apresta:

Batuques de capetas, rodopios  
De curupiras e sacis em festa,  
Em sinistros risinhos e assobios...

Felizmente, também ha, além dos genios perversos, os genios protectores, porque em nossas almas ha bons sentimentos que podem guerrear e vencer os maus. Em certos pontos do Brasil, o mesmo Saci despoja-se da sua malignidade, perde a cauda retorsa e os chavelhos de diabo, e ad-



quire uma auréola e um par de azas de anjo. Aqui mesmo, em alguns sertões de São Paulo, o Saci é, ás vezes, o Negrinho Pastorejo, nume favorecedor, que, no Rio Grande do Sul, tem o nome ligeiramente modificado de "Negrinho do pastoreio". Nas coxilhas dos guascas, o Negrinho é abençoado, vivendo num doce luar de misericórdia. E' o espirito de um pobre menino, guardador de cavallos, que, em vida, foi suppliciado pelo patrão, fazendeiro de alma dura. Maltratado, injuriado, esfomeado, espancado, e emfim arremessado a uma toca de formigas bravas, o pequeno pastor foi arrancado da tortura e da vida terrena pela sua madrinha, Nossa Senhora, que o levou para o ceu. Mas o Negrinho desce muitas vezes da mansão gloriosa, e, saudosos dos banhados e dos pastos da sua terra, vem fazer beneficios á sua gente. E' elle quem encontra os cavallos furtados ou perdidos, os gados tresmalhados, e até os objectos que se extraviam: para isto, é bastante que lhe acendam velas votivas... Como este espirito bom, ha muitos outros pelo Brasil, e por ahi fóra, pelo velho mundo. Espiritos, como este, são os nossos anjos da guarda, ou custodios, cuja existencia a nossa religião affirma; e espirito, como estes, era o famoso "demonio familiar", a cujo influxo o grande Socrates attribuia toda a sua philosophia e toda a sua conducta. Porque é difficil, no labyrintho mythico, estabelecer uma distincção nitida entre anjos e demonios; na antiguidade grega, o vocabulo *daimon* significava deus ou genio: havia demonios bons e maus; e tambem na religião judaica, todos os anjos eram bons antes da rebellião de Satan; de modo que, no inferno catholico, os demonios não deixam de ser anjos, — anjos decaidos, maus e funestos.

Ora, os bons genios que nos acompanham, os nossos numes inspiradores para o bem, estes espiritos benevolos, que vivem na imaginação do povo de par com os malevolos, são apenas os nossos bons sentimentos, a nossa bondade natural ou adquirida, a nossa justiça e a nossa piedade. Instinctivamente, attribuimos á protecção de entes superiores as felicidades, que realmente nascem de acasos venturosos ou de inconscientes influxos da nossa vontade e do nosso aperfeiçoamento moral. Mas quem é capaz de definir o que é o acaso? e quem é capaz de explicar o mecanismo

psychico? Não sou dos mais credulos; e, ás vezes, sinto que uma leve aza beija a minha fronte, e acredito que uma intelligencia divina dá forma aos meus sonhos:

Como ás vezes, piedoso, o sol se inclina  
Sobre um pantano, e accende-o, e da agua ascosa,  
No atro fundo, ergue Alhambras de ouro e rosa,  
Cathedraes e Kremlins de prata fina,

— Tambem, de alta região que nos domina,  
Tu pairas sobre mim, sombra piedosa:  
Sinto em mim, como numa nebulosa,  
Mundos novos, ardendo em luz divina...

São torres vivas, cúpolas fulgentes,  
Zimborios igneos, toda a architectura  
Dos sonhos que a ambição do Ideal encerra,

Subindo em largos surtos, em torrentes,  
Galgando o ceu, para brilhar na altura  
E desfazer-se em versos sobre a terra...

Mas agora admiremos um certo demonio, ou genio, ou anjo, cheio de gloriosa belleza, a nossa formosa e perigosa Yára ou Mãe-da-agua, cujas façanhas são contadas em toda a extensão do sertão brasileiro. A Yára é uma nympha das aguas, ao mesmo tempo mulher e homem, — mulher para seduzir os homens, e homem para seduzir as mulheres. Quem olha descuidadamente a face do rio ou da lagôa, vê a Yára, na sua radiante formosura: ella abre os braços num perfido convite, attráe a victima, leva-a para o fundo do seu palacio encantado, e mata-a no arrebatamento das nupcias funestas. Velho symbolo, antiquissima criação do sonho humano. E' aquella mesma Sereia dos primeiros gregos, metade mulher, metade peixe, que o errante Ulysses encontrou nas suas peregrinações pelo mar; e é aquella mesma Loreley, fada da Germania, que Heine descreveu em um lindo poema, encantando e extraviando os pescadores do Rheno, impellindo-os a se despedaçarem contra os escolhos.

Que é a Yára? E' a nossa Imaginação: é quem nos dá toda a nossa ventura e toda a nossa desventura, todos os

nossos voos para o ceu, e todas as nossas quedas para o abysmo. A nossa Mãe-da-agua é a mãe de toda a nossa poesia...

Vive dentro de mim, com num rio,  
 Uma linda mulher esquiva e rara,  
 Num borbulhar de argenteos flocos, Yára  
 De cabelleira de ouro e corpo frio.

Entre as nymphéas a namoro e espio:  
 E ella, do espelho mobil da onda clara,  
 Com os verdes olhos humidos me encara  
 E offerece-me o seio alvo e macio.

Precipito-me, no impeto de esposo,  
 Na desesperação da gloria summa,  
 Para a estreitar, louco de orgulho e goso...

Mas nos meus braços a Illusão se esfuma:  
 E a Mãe-da-agua, exalando um ai piedoso,  
 Desfaz-se em mortas perolas de espuma..

Em outras tradições da nossa collectanea de mythos, encontraremos a personificação da Illusão.

Uma das mais bellas fabulas do Rio Grande do Sul é a da boitatá. Boi-tatá, cobra de fogo, foi, a principio, boiguassú, cobra grande, giboia ou boa. A lenda da boiguassú existe em todo o Brasil, do norte ao sul: esta giboia, quando ha inundações, como quando houve o diluvio, acordada pela enchente, entra a comer todos os outros animaes. No sul, a tradição complicou-se: boiguassú mata todos os animaes, mas não os come inteiramente; come sómente os olhos da carniça; e tantos olhos devora, que fica cheia da luz de todos esses olhos: o seu corpo transforma-se em ajuntadas pupillas rutilantes, — bola de chammas, clarão vivo, boi-tatá, cobra de fogo. Compreheideis immediatamente o que é, para a imaginação do povo, esse animal luminoso: é o fogo-fatuo, o mesmo santelmo, ou helena, ou corpo-santo, o pequeno penacho fulgurante, que apparece nos mastros dos navios, devido á electricidade do ar, ou, á noite, sobre os pantanos e nos cemiterios, emanação de phosphetos de



hydrogenio, producto da decomposição de substancias organicas. Boi-tatá é fogo-fatuo, luz inquieta, incerta e fugitiva... Dizem que o viajante, quando a encontra, deve ficar parado, immovel, de olhos fechados, sem respirar; então, o fogo-fatuo desaparece. Mas, quando o viajante o persegue, elle foge, intangivel, e tanto mais corre quanto mais procura apanhal-o o perseguidor; e quando, ao contrario, o homem foge, boi-tatá persegue-o, inferna-o, enlouquece-o, e mata-o.

Ai de nós! todos nós encontramos todos os dias esse fogo errante, essa perfida boi-ta-tá... Que é essa luz vaga e esquiva, que nos foge, quando queremos alcançal-a, e nos acompanha, quando a fugimos? Que é esse clarão enganador, que se approxima de nós, quando o desdenhamos, e desaparece, quando quasi o tocamos? E' a felicidade. A nossa alma é uma eterna caçadora de fogos-fatuos. E é esta inutil perseguição que causa a nossa dysthymia, a nossa inquietação, o descontentamento que opprime os que pensam demais e os que sentem intensamente:

Cabellos brancos! dae-me, emfim, a calma

A esta tortura de homem e de artista:

Desdem pelo que encerra a minha palma,

E ambição pelo mais que não exista;

Esta febre, que o espirito me encalma

E logo me enregela; esta conquista

De idéas, ao nascer, morrendo na alma,

De mundos, ao raiar, murchando á vista:

Esta melancolia sem remedio.

Saudade sem razão, louca esperança,

Ardendo em choros e ffindando em tedio;

Esta anciedade absurda, esta corrida

Para fugir o que o meu sonho alcança,

Para querer o que não ha na vida!

No norte do Brasil, ás vezes, o fogo-fatuo chama-se tambem "luz dos afogados". E' o o effluvio putrido e phosphorescente dos brejos, dos banhados traiçoeiros, em que muitas vezes os viajantes se atolam e perdem. O povo diz que esses

lampejos bruxoleantes são as almas dos que allí se afogam. Reminiscencia do que existiu, remanescente de vidas acabadas... Todos nós temos as nossas "luzes dos afogados". Cada alma é talvez uma abafeira moral, em que ha o sedimento de varias existencias anteriores. Sentimos, ás vezes, uma vaga saudade do que nunca vimos, uma indecisa consciencia de outras almas e de outras vidas. Parece, ás vezes, que em cada homem ha outros homens, que já soffreram ha seculos e ainda estão penando no soffrimento actual. Estas incertãs recordações são as nossas "luzes dos afogados". Um dia, a um triste disse o que era a sua tristeza:

Outras almas talvez já foram tuas.  
Viveste em outros mundos. De maneira  
Que em mysteriosas duvidas fluctuas,  
Vida de vidas multiplas herdeira...

Servo da gleba, escravo das charruas  
Foste, ou soldado errante na sangueira,  
Ou mendigo de rojo pelas ruas,  
Ou martyr na tortura e na fogueira...

Por isso, arquejas num pavor sem nome,  
Num luto sem razão: velhos gemidos,  
Angustias ancestraes de sede e fome,

Dores grandevas, seculares prantos,  
Desesperos talvez de heroes vencidos,  
Humilhações de victimas e santos...

As almas penadas. Alma penada ou alma do outro mundo, diz o povo, é alma condemnada ás penas do purgatorio, vagueando na terra com forma humana, apparição ou espectro, morto redivivo, que amedronta e "assombra", — de onde "assombração" ou "assombramento", e "casa assombrada", casa que apparecem fantasmas. Esta crença na volta dos mortos ao mundo e na communicação dos mortos com os vivos é a abusão mais velha da civilisação humana. A animisação dos finados, no systema dos mythos, appareceu antes do feiticismo e do deismo. Os mais velhos povos tinham, como teem hoje os agrupamentos selvagens, a religião e o terror da Morte e dos mortos, porque para elles a

cessação da vida nunca foi um facto natural, mas sobrenatural, "acção de algum feitiço", sendo cada morto "quasi um deus, ou demiurgo, medianoiro entre o visível e o invisível pela estrada mystica, de que a porta é a Morte.." Mas para que tratar de povos primitivos e de tribus selvagens? Entre os mais civilizados homens, a Morte é ainda e sempre será, como a Vida, um mysterio sagrado e terrível. As religiões e as philosophias passam, e a nossa ignorancia fica, a nossa anciedade perdura, a nossa tortura permanece. Para ver quanto é profunda e irresistível a crença nas almas penadas, basta ver a vasta synonymia d'este vocabulo: almas penadas, almas do outro mundo, aparições, fantasmas, desenterrados, evocados, redivivos, espiritos, avejões, espectros, estrias, estriges, liliths, lobishomens, mulas, sem cabeça, papões, brucolacos, empusas, ephialtas, lamias, lemures, larvas, visões, manes, duendes, sombras, vampiros, trasgos...

Como não acreditaremos na vida das almas penadas, que assombram as casas e os caminhos, se cada um de nós tem o coração cheio de almas penadas? Que são as nossas saudades, senão a resurreição dos entes que amámos, dos dias que tivemos, dos sonhos que alimentámos, da vida que vivemos? Quem tem vinte annos não tem visitas de mortos. Mas para quem passa dos cincoenta annos...

Conheço um coração, tapera escura,  
 Casa assombrada, onde andam, penitentes,  
 Sombras e echos de amor, e em que perdura  
 A saudade, a presença dos ausentes.

Evadidos da paz da sepultura,  
 Num tatalar de tibias e de dentes,  
 Revivem os fantasmas da ternura,  
 Arrastando sudarios e correntes.

Rangem os gonzos no bater das portas,  
 E os corredores enchem-se de prantos...  
 Um mundo de avejões do chão se eleva

Resuscitado pelas horas mortas:  
 Frios abraços gemem pelos cantos,  
 Beljos defuntos fogem pela treva.

Conheceis de certo a floresta ou a cidade encantada. Ora é uma floresta inundada, cuja existencia se presente pelo ramalhar das arvores, pelo rugido das feras, pelo canto dos passaros, que se ouvem atravez das ondas; ora é uma cidade submergida, que do fundo das aguas envia echos da sua agitação. A mais bella lenda da cidade encantada é amazonica. Na foz do rio Gurupy, a nove milhas da cidade de Vizeu, no Pará, existe um grande rochedo, em que se cava uma profunda gruta. E' crença que alli, sobre o rochedo, houve uma cidade, que foi por uma inundação arrastada para o fundo do rio. Nas noites claras, de luar, ouve-se distintamente, lá em baixo, um rumor de vozes humanas, musicas abafadas e repiques de sinos. E no sul, ha muitos annos, encontrei esta mesma lenda, ouvida em Santos de pescadores de São Vicente.

Todos nós guardamos commosco cidades encantadas, resoando hymnos e rézas, numa confusa palpitação de lembranças e esperanças. Eu sinto em mim muitas cidades mortas e futuras, todo um paiz, que brilhou e soffreu, soffre e rebrilhará, — o Brasil de hontem, de hoje e de amanhã:

No fundo do meu ser, ouço e suspeito  
Um pelago em suspiros e rajadas,  
Milhões de vivas almas sepultadas,  
Cidades submergidas no meu peito...

A's vezes, um torpor de aguas paradas...  
Mas, de repente, um temporal desfeito:  
Festa, agonia, jubilo, despeito,  
Clamor de sinos, retintim de espadas,

Procissões e motins, glorias e luto,  
Chôro e hosanna... Ferver de sangue novo,  
Fermentação de mundo agreste e bruto...

E ha na esperanza, de que me commovo,  
E na grita de duvidas, que escuto,  
A incerteza e a alvorada do meu povo!

Para remate d'este singelo estudo, deixei a lenda das Amazonas, que deu nome ao mais bello e forte rio do Brasil.



Esta lenda é uma resurreição de uma das mais velhas tradições hellenicas. As Amazonas, seegundo Herodoto e Plinio, eram mulheres guerreiras, fabulosas cavalleiras, que viviam em nação mysteriosa, na Capadocia, ás margens do rio Thermodoonte. Hercules venceu-as e destrôçou-as, e aprisionou a sua rainha, Hippolita ou Antiopa, dando-a em casamento a Theseu. Foi Francisco de Orellana, aventureiro hespanhol, companheiro de Pizarro, primeiro explorador do Amazonas em 1541, quem encontrou ou sonhou encontrar nas margens do portentoso rio as viragos americanas. Pizarro encarregara Orellana de descer até o mar a prodigiosa corrente, descoberta por Pinzon, e então denominada Mar Dulce. O fim da expedição, sortida de heroismo alto, era o achamento da magnifica região do Eldorado. Durante muitos mezes de combates, de miserias, de fadigas, de fomes, procurando, cada dia, ao alvorecer, avistar as torres e as armaduras de ouro do paiz fantastico, os heroes percorreram mil e setecentas leguas até a foz do immenso curso. Regressando á Europa, Orellana narrou o seu encontro com as bellicosas indias, cuja existencia começou a ser ardentemente discutida, affirmada e negada, durante muito tempo, por viajantes e geographos. As Amazonas brasileiras eram, segundo uns, brancas e louras; segundo outros, morenas e de cabellos negros; eram fortes e bellas, ageis e valentes, zelosas da sua independencia; e tinham costumes extraordinarios, como os das guerreiras do Thermodoonte. "Mulheres monstruosas no modo de viver", como escreveu o padre Simão de Vasconcellos, autor da Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil", que vivem per si sós, entre grandes montanhas, habitando povoações de uma provincia inteira, cultivando as terras, sustentando-se de seus proprios trabalhos. "Um escriptor moderno (\*) descreve assim a sua vida e os seus ritos: "Chamavam-n'as *icamiabas*. Eram especie de Atilas femininos; o terror supersticioso ou a sua valentia nos combates fazia que as outras tribus se deixassem facilmente vencer nas correrias que ellas lhes davam. Deposta a flecha, desarmado o

---

(\*) J. Coutinho de Oliveira, "Lendas Amazonicas".

arco, as icamiabas tornavam-se mysticas pythonisas, como as vestaes de Roma, adorando a Lua, que vivia, como ellas, sósinha, sem marido, nos desertos do espaço errante e nômade. O templo para as suas expiações era o lago Jaci-uaruá ou Espelho da Lua, de onde traziam as mueraquitans, pedras verdes da côr do mar, que eram offerecidas aos noivos, na epoca prescripta pelo rito. Findo o prazo da festa, os guerreiros das outras tribus eram obrigados a voltar ás suas tabas; se resistiam, eram trucidados.. Os filhos, se eram meninas, eram criados com carinho; se eram meninos, olhados com rancor, como futuros inimigos, eram sacrificados, ou, segundo outra versão, amamentados durante algum tempo, e enviados aos paes”.

Tal é a lenda das Amazonas. Não é possível que Orellana tenha inventado de todo esta fabula. E’ possível que o aventureiro hespanhol tenha visto, entre os indios que o guerrearam, algumas indias, e tenha acreditado que a multidão dos combatentes fosse exclusivamente composta de mulheres; ou, talvez, como acreditam alguns escriptores, elle pelejasse com tribus de Omaguas ou Cumuris, todos homens, mas parecendo mulheres pela sua apparencia ou pelo seu vestuario; ou, ainda, talvez, como alvitrou o padre Ivo d’Evreux, existiram realmente no Amazonas tribus só de mulheres, da raça dos Tupinambás, que, fatigadas do captivo, em que os seus maridos as retinham, d’elles se separaram e viveram á parte das outras tribus... Tudo é possível. Mas lendas não se discutem. E, por mim, como poeta, creio que as Amazonas existiram; e mais: acredito que ellas voltarão um dia...

Folheae a nossa Historia: nas suas paginas encontrareis as nossas verdadeiras Amazonas. Estas guerreiras de estranha formosura e rara nobreza, ciosas da sua independencia, bravas e castas, admiraveis na esplendidez do seu valor e na pureza da sua virtude, são as idéas fortes, os desejos de gloria, os impetos de heroismo, as generosidades sublimes, as supremas abnegações, que operaram o cyclo da descoberta, da exploração e da conquista do Brasil nascente, as façanhas das entradas e das bandeiras, a expulsão dos invasores, as revoltas dos libertadores, o ardor da guerra da independencia, as lutas pela unidade e pela soberania, e o



incomparavel fulgor do apostolado da redempção dos captivos. Fechado o cyclo heroico, as Amazonas desapareceram... Mas outra nova era de ouro voltará, depois d'estes dias de estagnação moral e torpe ambição, de diffamação e inveja, de politica sordida e triste mercantilismo, de des-terro de justiça e mingua de enthusiasmo. A era de ouro voltará! E com ella voltará a ficção de Orellana, e ouviremos de novo, entre nuvens, o galopar sonoro e rutilante das Walkirias brasileiras, e o seu hymno victorioso:

Nem sempre durareis, eras sombrias  
De miseria moral! A aurora esperas,  
O' Patria! e ella virá, com outras eras,  
Outro sol, outra crença, em novos dias!

David renascerá contra Golias,  
Hercules contra os pantanos e as feras:  
Os corações serão como crateras,  
E hão-de em lavas mudar-se as cinzas frias.

As nobres ambições, força e bondade,  
Justiça e paz virão, sobre estas zonas,  
Da confusa fusão da ardente escoria...

E, na sua divina majestade,  
Virgens, reviverão as Amazonas  
Na cavalgada esplendida da gloria!

OLAVO BILAC.



---

## A GARGALHADA DO COLLECTOR

---

Francisco Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo duns Souza Pontes de trinta mil arrobas, afazendados no Barreiro, aos 32 annos de idade entrou a pensar sériamente na vida.

Até ali, como de natural engraçado, vivera á conta da veia comica e com ella amanhára casa, boa mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens e pilherias, anedotas de inglez e tudo quanto bole com os musculos faciaes do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas.

Sabia de cor a Encyclopedia do Riso e da Galhofa de Fuão Pechincha, a creatura mais dissaborida que Deus plantou no mundo; mas era tal a arte do Pontes que as sensaborias mais de chorar ganhavam na sua bocca um raro chiste e os ouvintes babavam de puro gozo.

Para arremedar gente ou bicho era um genio. A gamma inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetús ac uivo á lua, e o mais, rosnado ou latido, assumia em sua bocca perfectibilidade capaz de illudir aos proprios cães, e á lua.

Tambem grunhia de porco, cacarejava de gallinha, coaxava de untanha, ralhava de mulher velha, choramingava de fedelho, silenciava de deputado governista ou perorava de patriota em sacada. Que vozeio, positivo ou negativo, de bipede ou quadrupede, não copiava elle ás maravilhas, em havendo na sua frente um auditorio bem fornido dos "musculos da alegria" que a Sra. A. Bertha inventou?



Descia ainda á prehistoria. Como fosse d'algumas luzes se os ouvintes não eram pecos, reconstituia para gaudio da sciencia delles os vozeirões paleontologicos dos bichos extinctos, roncões de mamutes amorosos das mastodontas no cio, ou berros de stegosaurios ao avistarem-se com "homos" pelludos, repimpados nos fétos arboreos, coisa muito de rir e divulgar a sciencia do Sr. Barros Barreto.

Na rua, se pilhava um magote d'amigos parados á esquina, approximava-se de mãosinho, e *nhoc!* arremessava um bote de munheca á barriga da perna mais a geito. Era de ver o pinote assustado e o *passa!* nervoso do incauto, e logo em seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, o qual gargalhava dum modo todo seu, estrepitoso e musical — musica d'Offembach. Pontes ria parodiando o riso normal e espontaneo, da creatura humana, unica que ri além da raposa bebedea, e estacava de golpe, sem transição, cahindo n'um serio de irresistivel comico.

Em todos os gestos, e modos, como no andar, no ler, no comer, nas acções mais triviaes da vida, o raio do homem se differenciava dos demais no sentido de amócal-os prodigiosamente.

E chegou a ponto que lhe escusava abrir a bocca ou esboçar um gesto para torcer em risos a humanidade. Bastava-lhe a presença. Mal o avistaram de longe e as caras já se illuminavam; se fazia um gesto, espirravam risos; se abria a bocca, espigaitavam-se uns, outros affrouxavam os cós, um terceiro, desabotoava o collete; se entreabria o bico, nossa Senhora! eram cascalhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos, engasgos, fungações e asphyxias tremendas.

— E' da pelle, este Pontes!

— Basta, homem, você me afóga!

E se o pandego innocentava-se, com cara palerma:

— Mas que estou fazendo? Se nem abri a bocca...

— Quá, quá, quá! — a companhia inteira, desmandibulada, chorava no espasmo supremo do riso incoercivel.

Com o decorrer do tempo, bastava o seu nome para deflagrar a hilaridade.

Em pronunciando alguém a palavra "Pontes" acendia-se o estopim das fungadelas, pela quaes o homem se alteia acima da animalidade que não ri.

Assim viveu Pontes até a idade do Christo, numa parabola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada de serio — vida de filante que dá mômos em troca de jantares e paga continhas miudas com pilherias de truz. Um negociante caloteado disse-lhe um dia, entre frouxos de riso baboso.

— Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca.

Aquelle recibo sem sello mortificou um tantinho o nosso pandego; mas a conta subia a quinze mil e seiscentos, valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança della espetada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Atraz desse vieram outros, e outros, uns fincados de leve, uns até á cabeça.

Tudo cança. Farto d'aquella vida, o hilarião entrou a sonhar nas delicias de ser tomado a serio, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar uma rua sem presentir na piúgada um côro de "Evem o Pontes!" em tom de quem se esprime na contensão do riso ou prepara-se para uma barrigada das boas.

Reagindo, Pontes tentou a seriedade. Desastre. Pontes serio mudava de tecla, cahia no humorismo inglez; antes divertia como clòwn, agora como Tony. O estrondoso exito do que se affigurou a toda a gente uma faceta nova da sua veia comica lançou mais sombras na alma do engraçado arrependido.

Era certo, então, que se não poderia traçar outro caminho na vida além daquelle, ora odioso? Palhaço, então, eternamente palhaço á força?

Mas a vida de um homem feito tem exigencias sisudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis nos annos verdes.

O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a immobilidade da idiotia que não ri. Não se concebe estadista risonho. Falta ao dito de Rabelais uma exclusão: o riso é proprio á especie humana,



fóra os estadistas, ou então incluil-os numa especie que não ria, a dos ratões, por exemplo. Ora, tudo isto estava vedado ao Pontes. Pobre rapaz!

Com o dobar dos annos a reflexão amadureceu, o brio cristalisou-se, e os jantares cavados acabaram por saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura de cunhar; já não a fundia com a frescura antiga; já usava della como expediente de vida, não por folgança despreocupada como outr'ora. Comparava-se a si proprio, mentalmente, a um palhaço de circo, velho e achacoso, que a miseria obriga a transformar rheumatismo em caretas hilares, como as quer o publico pagante.

Já engasgava em meio, engulhado de si proprio, com ganas de desandar em choro.

Pontes deu de fugir dos homens, e gastou mezes no estudo da transição necessaria ao conseguimento de um emprego honesto para a sua actividade. Pensou no commercio, na industria, na feitoria d'uma fazenda, na montagem dum botequim, que tudo lhe era preferivel á paspalhice comica de até então.

Um dia, bem maturados os planos, resolveu-se a mudar de vida. Foi a um negociante amigo - e sinceramente lhe expoz os propositos regeneradores, pedindo ao cabo um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição o gallego, e a caixeirada em peso, que espiava de longe á espera do desfecho, torceram-se em estrondoso gargalhar como sob coegas.

— Esta é boa! E' de primeirissima! Quá! quá! quá! Com que então... quá! quá! quá! Você me arruma os figados, homem! Se é pela continha dos cigarros, vae socegado, que me dou por pago, e bem pago! Quá! quá! quá! Este Pontes tem cada uma... Ouviu, José, a boa piada? quá! quá! quá!

E a caixeirada, os freguezes, os sapos de balcão, e até gente que passava na rua parou na calçada para "aproveitar" o lance, desboccaram-se em *quás* de matraca até doerem os diaphragmas.

O miserando, atarantado, e serissimo, tentou desfazer o equívoco.



— Falo serio, e o sr. não tem o direito de rir-se. Pelo amor de Deus, não zombe de um infeliz que pede trabalho e não gargalhadas.

O negociante desabotoou o cós da calça.

— Fala serio, pff! Quá! quá! quá! Olha, Pontes, tu...

Pontes, largou-o em meio da frase e se foi com a alma atanzada entre o desespero e a colera. Era demais. A sociedade o repellia, então? Correu a outros balcões da cidade, explicou-se como melhor pôde, implorou. Nada. O caso foi julgado, por voz unanime, como uma das melhores pilherias do “incorrigivel”, e muita gente commentou-o com a observação costumaria:

— E’ sempre o mesmo! Não se emenda, o raio do rapaz! E olhem que já não é criança...

Barrado, no commercio, Pontes voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedia o feitor e expo-lhe o seu caso. O coronel, depois de ouvir-lhe attentamente as allegações, conclusas por uma offerta de capataz, explodiu:

— O Pontes capataz! Ih! Ih! Ih!

— Mas...

— Deixe-me rir, homem, que cá na roça isto é raro. Ih! Ih! Ih! E’ muito boa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguem!

E berrando para dentro:

— Maricota, venha ouvir esta do Pontes. Ih! Ih! Ih! E’ magnifica!

Nesse dia, Pontes chorou. Compreendeu que se não desfaz do pé para a mão o que levou annos a cristalisar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem do chifre furado ou da pelle, estava construida com muito boa cal e cimentô para que assim esboasse de repente.

Urgia, entretanto, mudar de vida, e Pontes volveu as vistas para o Estado, patrão commodo e unico possivel no caso, porque abstracto, porque não sabe rir nem conhece de perto as cellulas que o compõem. Esse patrão, só elle, o tomaria a serio — o caminho da salvação, pois, imbicava por ali.

Estudou as possibilidades da agencia do correio, dos tabellionatos, das collectorias e o resto. Bem ponderados prós e contras, trunfos e naipes, fixou a escolha na collectoria federal cujo occupante, major Bentes, por avelhantado e cardiaco, era de crer não durasse muito. Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado a qualquer hora.

O az de Pontes era um parente do Rio, sujeito ricoço, em via de influenciar a politica, caso se realizasse uma certa viravolta no governo. Lá correu Pontes atraz delle, e tantas fez para movel-o á sua pretensão, que o parente o despediu com promessa formal.

— Vae socegado que em a coisa rebentando por cá e o teu collector rebentando por lá, ninguem mais ha de rirse de ti. Vae e avisa-me da morte do homem, sem esperar que esfrie o corpo.

Pontes voltou radioso de esperança, e aguardou pacientemente a successão dos factos, com um olho na politica e outro no aneurisma salvador.

A crise veiu afinal; saíram ministros, entrarm outros, e entre estes um politicão negociista, socio do parente, tal qual se esperava.

Pontes exultou. Meio caminho era andado. Restava a segunda parte.

Infelizmente a saude do Major encruára, sem signaes patentes de declinio rapido. Seu aneurisma era, na opinião dos medicos que matavam pela allopathia, coisa grave que ao menor esforço estourava; mas o precavido do velho não tinha pressa de ir-se a melhor, e deixar uma vida onde os fados lhe conchegaram tão fofo ninho, e assim lá ia emganbelando a doença com um regimen ultra-methodico. Se o mataria um esforço violento, socegassem, não faria esse esforço.

Ora Pontes, já meio dono daquella sinecura, impatientava-se contra um equilibrio desequilibrador dos seus calculos. Como desempeçar o caminho d'aquelle importuno? Leu no Chernoviz o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escreveu a respeito; chegou a entender da materia mais que o

Dr. Iodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui, á puridade, não entendia de coisa nenhuma.

O pomo da sciencia, assim comido, induziu-o á tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço.

— A gargalhada é um esforço, philosophava satanicamente de si para si, a gargalhada, portanto, mata... ora eu sei fazer rir...

Longos dias passou, alheiado do mundo, em dialogo mental com a serpente.

— Crime? Não! Em que codigo fazer rir é crime? Se morresse disso o homem, que crime lhe cabia a elle, Pontes? Nenhum, está claro. Culpa era da sua aorta.

A cabeça do maroto virou picadeiro de lucta onde o "plano" se bateu em duello contra todas as objecções mandadas ao encontro pela consciencia. Servia de juiz da contenda a sua ambição amarga, e sabe elle quantas vezes tal juiz prevaricou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores, filho aliás das suas entranhas.

Como era de prever, venceu a serpente e Pontes resurgiu para o mundo mais magro, de olheiras cavadas, mas com um brilho estranho de resolução victoriosa no olho. Tambem notaria nelle o nervoso dos modos, quem o observasse com argucia, mas a argucia não era virtude sobeja entre os seus conterraneos, além de que estados d'alma do Pontes eram coisa somenos, porque o Pontes...

— Ora o Pontes!

O futuro funcçionario, então, forgicou meticulosos planos de campanha. Em primeiro lugar, era mister approximar-se do Major, homem recolhido comsigo e pouco amigo de lerias; insinuar-se-lhe na intimidade, estudar suas venetas, suas cachacinhas até descobrir em que zona do corpo tinha elle o calcanhar d'Achilles.

Começou frequentando com assiduidade a collectoria, sob pretextos varios, ora para sellos, ora para informações sobre impostos, que tudo era ensejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado para combalir a rispidez do velho.

Tambem ia a negocios alheios, pagar cizas, extrahir guias, coisinhas. Fizera-se serviçal aos amigos que traziam negocios com o fisco.



O Major estranhou tanta assiduidade, e disse-lh'o, mas Pontes escamoteou-se á interpelação com os pés d'uma pilheira, e perseverou n'um bem calculado dar tempo ao tempo que fosse desbastando as arestas aggressivas do cardiaco.

Dentro de dois mezes já Bentes se habituára áquelle se-relepe, como lhe chamava, o qual, afinal de contas, parecia um bom rapaz, sincero, amigo de servir, e sobretudo inofensivo. D'ahi a lá em dia d'accumulo de serviço pedir-lhe um obsequio, e depois outro, e terceiro, e depois tel-o como uma especie de addido á repartição, foi um passo. Para certas commissões, não havia outro. Que diligencia! que finura! que tacto!

Bentes, ralhando certa vez o escrivão, puxou aquella diplomacia como lembrete.

— Grande pasmado. Aprende com o Pontes que tem jeito para tudo, e inda por cima tem graça.

Nesse dia, convidou-o para jantar. Grande exultação na alma de Pontes. A fortaleza abria-lhe as portas, e aquelle jantar era o inicio d'uma serie onde o serelepe, hoje *factotum* indispensavel, teria um campo de primeira ordem para a evolução da sua estrategia.

O Major Bentes, entretanto, possuia uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros commensaes a erguerem-se da mesa atabafando a bocca nos guardanapos, encrespava de leve os labios do velho. E se não era a graça de superfina agudeza, o collecter mofino desmontava o contador sem piedade.

— Isso é velho, Pontes, já n'um almanaque Laemmert de 1850 me lembra de o ter lido.

Pontes sorria com ar vendido, e consolava-se, dizendo lá por dentro, dos fígados para o baço, que se não pegára aquella, outra pegaria.

Toda a sua sagacidade convergia para o fito de descobrir o fraco do major. Cada homem tem predilecção por um certo genero de humorismo ou de chalaça. Este morre pela pilheria fescenina de frades bojudos. Aquelle pella-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica. Aquell'outro dá a vida pela pimenta da canalhice gauleza. Todos adoram a

chalaça onde se põe a nú a burrice tamancuda de gallegos e ilheos — o meio mais commodo que a nossa gente achou para demonstra-se, pelo contraste, que ella é um alho de intelligencia.

Mas o major Bentes? Porque não ria á ingleza, nem á allemã, nem á franceza, nem á brasileira? Qual o seu genero? Um trabalho systematico de observação na alma do velho, e uma methodica exclusão de generos já provados inefficientes, levaram Pontes a descobrir a fraqueza do ri-jo adversario. O major lambia as unhas por casos de inglezes e frades. Era preciso que viessem juntos. Negava fogo, sé apparecia cada um de per si. Exquisiteces de velho. Mas se se conjugavam bifés vermelhaços, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada, sapatões formidolosos e cachimbo, e frades redondos, namorados da pipa e amigos da polpa feminina, lá abria o major a bocca, e interrompia o serviço da mastigação, como criança a que se acena com cocada; e quando o lance comico chegava, elle ria com gosto, abertamente, embora sem exaggero capaz de lhe transtornar o equilibrio sanguineo.

Pontes, com infinita paciencia, bancou nesse genero, e não mais sahiu dali. Augmentou o repertorio, a gradação do sal, a dose de malicia, e bombardeou systematicamente a aorta do major com os productos da sua habil manipulação.

Quando o caso era longo, porque o narrador o florejava no intento de esconder o desfecho e realçar o effeito, o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas, pedia esclarecimentos ou continuação:

— “E o raio do bifstek?” “E dahi?” “Mas mister John não apitou?”.

Embora a gargalhada fatal demorasse, o futuro collector não desesperava, confiado no apologo da bilha que com tanto ir á fonte lá ficou.

Não era máu o calculo. Tinha a psychologia por si, e teve por si tambem a quaresma. Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno d'uma enorme piabanha recheiada, presente do escrivão.

O entrudo modificára as almas dos commensaes, e a do amphitrião, que estava naquelle dia contente de si e do

mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde.

O cheiro vindo da cosinha valia por todos os aperitivos de garrafaria, e punha em todos os rostos um enternecimento estomacal.

Quando o peixe entrou, os olhos do major scintillaram. Pescado fino era com elle. A's primeiras garfadas foi de silenciosa beatitude a sensação do gastronomo. A cosinheira primára n'um tempero que excedia ás raias da culinaria e guindava-se ao mais puro lyrismo. Que peixe! Vatel assignaria aquelle prato com a penna da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escrivão, sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxistas do paladar.

Entre goles d'uma rica vinhaça, ia o peixe penetrando nos estomagos com religiosa unccção. Ninguem se atrevia a quebrar o silencio.

Pontes presentiu opportuno o momento para uma cartada decisiva. Trazia engatilhado um caso de inglez, sua mulher e dois frades bernardos, anecdotas que elaborára a custa da melhor materia parda do seu cerebro, aperfeiçoando-a constantemente em longas noites de insomnia. Já de dias tinha-a de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter della o effeito maximo.

Era a derradeira esperança do fascinora, o ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, mettia uma bala nos miolos.

Reconhecia como impossivel manipular torpedo mais engenhoso; se o aneurisma lhe resistisse ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma ficção, o Chernoviz um palavrório, a medicina uma miseria, o Dr. Iodureto uma cavalgadura e elle, Pontes, o mais chapado pedaço d'asno jámais alumiado pelo sol, indigno portanto de viver. Suicidava-se. Ora se!

Matutava Pontes assim, negaceando com os olhos da psychologia a pobre victima, quando o major veiu ao seu encontro, e lhe piscou um olho.

E' agora, pensou o bandido, e com infinita naturalidade pegando na garrafinha de molho, como por acaso, poz-se a ler o rotulo.

— Perrins, Lea and Perrins. Será parente daquelle Lord Perrins que bigodeou os dois frades barbadinhos?

O major, inebriado pelos amavios do peixe e do vinho, alumiu um olho concupiscente, guloso de chulice:

— Dois barbadinhos e um lord! A patifaria foi marca F . F . F., com certeza. Conta lá, serelepe.

E mastigando machinalmente, absorveu-se no caso fatal.

A anedota correu, capciosa, pelos fios naturaes, narrada com arte de mestre, segura e firme, n'um andamento estrategico onde havia genio, até ás proximidades do desfecho. Por essas immediações, a maranha empolgou por tal maneira o collecter que o pobre cardiaco suspendeu-se, de bocca entreaberta, e uma azeitona, fígada no garfo, detida a meio caminho. Um ar de riso—riso parado, riso estopim, que não é senão o armar bote da gargalhada, illuminou-lhe as faces.

Pontes vacillou, presentiu o estouro da arteria. A consciencia travou-lhe da lingua. Mas por um instante só. Pontes cuspihou-a fóra de si e com voz firme desfechou o gatilho. O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se ao fim da rua, gargalhada igual á de Teufelsdröckh diante de João Paulo Richter; primeira e ultima, entretanto, porque em meio della os convivas attonitos viram-no cair de borco sobre o prato, de passo que uma onda de sangue avermelhava a toalha.

Pontes ergueu-se, pallido, e aproveitando a confusão, esgueirou-se para a rua, como um Cain. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes a noite inteira e suou gelado. Os menores rumores retranziam-no de pavor: seria a policia?

Dias mais tarde é que entrou a declinar aquelle trans-torno d'alma que toda a gente levava á conta de dôr pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre diante dos olhos a mesma visão: o velho de braços no prato, golfando sangue, enquanto no ar inda vibravam os echos da sua derradeira gargalhada.

E foi nesse estado deploravel que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras cousas dizia o az: "Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes. Fui ao ministro, mas



era tarde, já estava lavrada a nomeação do successor. A tua leviandade fez-te perder a melhor occasião da vida. Guarda para teu governo este latim: *tarde venientibus ossa*, e sê mais esperto para o futuro”.

Um mez depois encontraram-no pendurado numa trave do quarto, com a lingua de fóra, rigido. Enforcára-se numa perna de ceroula.

Quando a noticia circulou, toda a gente achou graça no caso. O gallego do armazem commentou entre os caixeiros:

— Vejam que creatura! Até morrendo fez chalaça! Enforçar-se na ceroula! Só mesmo o Pontes. E reeditaram em côro meia duzia de *quás! quás!* o unico epitaphio que lhe deu a sociedade.

MONTEIRO LOBATO.



---

---

# A ARTE TRADICIONAL NO BRASIL <sup>(1)</sup>

## DA ARCHITECTURA

### I. NO BRASIL-COLONIA.

Ensaio de archeologia. Meio physico e social; architectura colonial. As matrizes portuguezas. Caracteres originaes da architectura da Renascença em Portugal e suas modalidades (Seculo XVI a XVIII).

### II. NO BRASIL-MONARCHIA.

A missão artistica franceza de 1816; sua acção e influencia. A fundação da Academia de Bellas-Artes. A arte após a Independencia. Degenerescença da architectura colonial.

### III. NO BRASIL-REPUBLICA.

Desorientação artistica. Ecletismo immigratorio. Reacção nacionalista e moderna corrente de tradicionalismo. A arte e o caracter nacional. A architectura do edificio publico e da habitação. A cidade moderna e a tradição. Architectura tradicional.

## I

Não é um estudo completo da Architectura no Brasil que vou expôr-vos, e simplesmente, em uma lição, algumas notas sobre o seu passado e sua evolução até o presente, pesquisando ahi alguns vestigios do filão precioso da Tradição Nacional.

Pretendendo fazer historia da arte, terei de ensaiar portanto uma monographia archeologica. A classica epigraphie de *Archeologia* não deverá, porém, indispor contra mim a bondosa intenção que vos trouxe a esta solemnidade de estudantes, cuja esperançosa juventude e intelligente iniciativa bem quizera tambem, em minha pouquidade, estimular com a honra e o brilho que merece.

---

(1) — Conferencia realisada no dia 31 de Março, a convite do Gremio Polytechnico de S. Paulo.



Bem sei que nestas nações de recente formação, á falta de passado proprio, se pretende tomar o cyclo do presente como ponto de partida para a traça do futuro, de cuja directriz se tenta arredar o tropêço de todos esses anachronismos archeologicos a que tanto se apegam as civilizações dos velhos povos. E' talvez uma illusão americana; porque, qualquer povo é parcella da Humanidade, ligado organicamente a esse passado desde as suas primeiras origens; e nunca poderá eliminar de si, por mais que faça o seu genio de differenciação, a herança indeductivel dessas primitivas civilizações, que o cercam e o abraçam por completo, como os tentaculos de um polvo immenso, cujo corpo se estende e se esconde pelos mais escuros antros do passado.

A archeologia não é apenas o estudo da antiguidade, analysada como uma ossadura morta, ou dissecada como um cadaver em laboratorio de anatomia. Não se prende ás coisas do passado, como petrificações immobilizadas na rocha sedimentar que é o seu eterno jazigo. Estuda manifestações da vida da humanidade, phases de civilização; analisa as creações do homem como integrações da collectividade em determinado meio e tempo. E' sciencia social, fundamentalmente tradicionalista, porque considera a obra d'arte como crystalisação de uma tradição, na qual o artista representa apenas um factor de expressão, accidental e temporário; é uma philosophia de logica evolucionista, porque estabelece os cyclos, os rythmos, as leis evolutivas da arte nas suas manifestações através do tempo e do espaço.

A archeologia não compete, pois, tão sómente a paizes velhos, a essas ruinosas decadencias, que pela America se menosprezam na anciosa esperança de vida nova; a archeologia é tambem de paizes novos e dos povos innovadores; e porque estes, na sua febre de innovação, jámais poderão isolar do seu meio tradicional o homem da actualidade, que é como retirar a celula viva do seu meio gerador. Por isto mesmo é que falham na historia, na philosophia, nas artes, e tambem na politica, os que se julgam aptos a crear fóra do ambiente natural em que vive o genio humano, fecundado pela Tradição.

Estas considerações justificam o critério archeologico desta lição, e definem de começo uma attitude de opposição ao sentimento de indiferença, que por vezes se manifesta em alguns publicistas do Brasil, pelas tradições que se ligam á formação da nacionalidade, levados pelos motivos expressos: de que foi de lamentavel pequenez o povo creador, a raça decadente e inerte no seu conservantismo, a historia um martyrologio de oppressão e revoltas, a civilisação tacanha e de arte nulla.

E' vêzo de escriptores modernos, mais do que dos antigos. E este menosprezo filia-se, não só em auctores dos tempos de revolta nativista, como tambem em auctores da metropole, entre os mais recentes dos quaes prima Oliveira Martins, historiador e philosopho, cuja vasta obra por aqui se espalhou com o successo conquistado pelo seu notavel brilho litterario. Conduzido por um critério racionalista, afastado do methodo de investigação directa — da analyse ethnographica e archeologica—O. Martins não retratou com verdade os quadros historicos que descreveu, desvirtuando-os sob uma logica e uma ética que não se adaptam á natureza regional, á civilisação da epocha, á religião e á moral do povo. O mesmo raciocínio de imaginativo humanismo tem guiado os innovadores e revolucionarios de todos os tempos, que se devotam a um typo de *homem ideal*, o qual, de verdade não existe em nenhures; pelo contrario os naturalistas e tradicionalistas reportam-se ao *homem real*, com todas as suas características especiaes, producto do meio presente, gerado pelo passado, donde provêm todos os elementos creadores da sua individualidade physica e do seu character moral.

Segundo aquelles auctores, humanistas e moralistas d'aquém e d'além-mar, o meio social do Brasil-colonia terá de considerar-se como da peor especie para a cultura de homens ou formação de um povo, e peor ainda para o desenvolvimento e progresso da Civilisação.

O quadro dessas eras de formação teria sido em resumo o seguinte: A metropole, decadente — após as ultimas florescencias do seculo XVI — lançou sobre a America Portugueza o virus dessa decomposição infectante; para este degredo foram deportados judeus e criminosos,



transformando a terra de Santa-Cruz em retiro de quantos degenerados aqui procuráram couro e homisio; e, desta sorte se iniciou a colonisação. A seguir, foi partilhada a terra em capitánias, partindo da costa, a oito, pelo sertão sem limite; e os donatários destas immensas coirelas começaram por devastar a terra, dizimando os povoados, pilhando e escravizando o indigena. Da misera população nativa, a que escapava, ia-se internando pelos sertões, fugindo á barbarie branca, onde a attinge a tenaz perseguição das *Bandeiras*; e enquanto uns, os aventureiros batalhadores, conquistavam pelas armas, outros, os missionarios jesuitas, dominávam os homens pela evangelica persuasão do culto catholico, do mesmo geito escravizando e explorando o martyrisante labôr do indigena. Falhando o indio para a exploração extractiva da terra, veio o negro africano, aprisionado pelo mesmo brutal direito de conquista. E assim foi que, com o portuguez degenerado, o indigena manso e aniquilado, o negro escravo, se caldeou o povo que foi colonizando o opulento territorio do Brasil. Montada na colonia uma burocracia de titulares com um Vice-rei investido de poderes magestaticos, a metropole nunca fez mais do que extrahir da colonia o maximo de riqueza, não retorquindo com o minimo beneficio, não prestando á gente e á terra a assistencia da civilisação que progredia no velho mundo sob o brilho do Renascimento. Fechou a colonia dentro de um monopolio absoluto, isolando-a do resto do mundo, sem liberdade de pensamento, de acção e de progresso; e desta sorte o Brasil-colonia teria sido duplamente victima de Portugal, pela origem e pelo fatalismo desta infeliz hereditariedade. Eis, resumido, o tenebroso quadro.

As côres são verdadeiras, a composição, porém, é falsa. A critica historica não deve considerar os factos pelo que deveriam sêr mas pelo que fôram e são; o homem não foi nunca o modelo imaginado pela razão humanista, mas uma realidade no seu meio physico e social de gestação e de vida.

Haverá talvez organismos politicos decadentes, nações destruidas nos seus vinculos historicos, povos vencidos, opprimidos, escravizados; não ha, todavia, povos



decadentes. Os povos que ainda existem, vivem e envolvem dentro do seu meio tradicional e local, onde persistem como nucleos vitales, de potencia latente, creadora de novas nações. Para os definir e classificar, cumpre estudar esse meio em todas as suas realidades passadas e presentes, mas estudá-lo no tempo e no espaço, segundo o criterio experimental, ethnographico e archeologico, para o qual não ha escala de hierarchias moraes no que diz respeito a raças e povos, seus usos, costumes, mythos, religiões, artes e industrias.

A composição do quadro, de conformidade com a razão natural e tradicionalista, é outra. Conservaremos as brilhantes côres do meio physico com a sua riqueza geologica, a belleza infinita da sua paisagem, a multiplicidade dos seus climas, a rica variedade da sua fauna e flóra. A este torrão de bemaventurança aportou o descobridor e o colono, irmãos gêmeos da mesma raça; aquelle de uma nação em plena phase de epopeia, este, mais tardio, trazendo o vinculo dessa tradição heroica e o estygma de um povo, então dominado pela oppressão da Contra-Reforma—influençia que no velho mundo immobilisou, por mais de um seculo, os ideaes humanos, despertados pela refulgente aurora da Renascença, para a obra gloriosa do progresso. Em presença do novo mundo, o colono encontrou-se só, apenas com os recursos da sua imponente robustez physica e moral; e luctou *in natura* pela vida, batendo-se contra os elementos contrarios do seu recente *habitat*, vencendo-os, escravizando-os ou destruindo-os; e construindo, com os elementos favoraveis que o novo meio lhe forneceu, o lar, a familia, uma nação nova. A patria de origem nunca pôde prestar-lhe o patronato que lhe cumpria, impossibilitada pela sua pequenez de colonisar e gerir a immensidade mundial que conquistára, seguindo o determinismo do seu cyclo historico, supportando as crises da sua vida politica nesses tempos de ambições imperialistas, ora estrangulada pelo dominio estrangeiro, ora absorvida pelas campanhas da independência, e soffrendo as desordens intimas das luctas religiosas e das revoltas dos ideaes democraticos.

Organisou a colonia e explorou-a consoante os seus recursos e necessidades, os moldes do tempo, e estadio da ci-



vilisação. Ninguém por essa epocha, ao que conste, colonizou melhor; a tradição não réza que fossem superiores os modelos classicos das colonias gregas, carthaginesas ou romanas. Occupou a terra, povou-a em quanto foi possível á tão pequena metropole, e defendeu-a da pirataria estrangeira, trespassando-a ás gerações vindouras, integra na sua immensidade, e, o que é mais ainda, com as condições fundamentaes de um poderoso imperio ou d'uma grandiosa republica: uma população fixa ao sólo, em que ora domina o sangue lusitano ora se caldeia em uma mestiçagem de firme adaptação ao meio, um só idioma unindo todos os habitantes deste paiz colonial, e uma tradição que os liga mais intimamente ainda do que o mesmo céu e o mesmo sólo sobre que padecem em commum o martyrio da vida quotidiana. A celebrada barbarie dessa colonisação, é muito inferior á da escravatura branca no coração da Europa culta, para dominio dos povos menores, victoria do catholicismo e gloria da democracia christã; minima é em confronto com a crueldade dos corsarios invasores que lhe ameaçaram os portos, e atacaram o commercio maritimo, ás portas da propria Europa e do seculo XIX; e nada é se a compararmos então á barbarie inexcusable da invasão teutonica, a que presentemente assistimos, pasmos de horror e desillusão, quando ao raiar do seculo XX se idealisára o governo pacifico do mundo consoante as taboas divinas da liberdade, egualdade e fraternidade.

O quadro do Brasil colonia transforma-se, pois, sob este ponto de vista, e o antepassado colono, injustamente calumniado *in memoriam*, é com plena justiça reintegrado no quadro verdadeiro do seu meio natural de existencia, no cyclo historico e politico do seu meio social; de tyranno passa a victima, de martyr a heroe nacional.

Claro é que, sendo apoucados os meios, elementares as necessidades, as artes e as industrias limitáram-se a esse meio circumscripto de formação e desenvolvimento. A habitação reduziu-se ao abrigo do lar, adaptando as suas formas á natureza dos materiaes e do clima; a povoação aconchegou-se em torno do primitivo templo, cuja protecção foi durante longo periodo a unica guarda da primeira colonia, e distribuiu-se conforme a disposição do terreno,

serpenteando as suas ruelas pelos valles ou rodeando as encostas, adquirindo esse carácter pittoresco que só dá a perfeita cohesão entre a obra do homem e da natureza, essa harmonia que constitue o character regional da architectura de uma aldeia ou villa.

A cidade formou-se em torno do nucleo aldeão, que tomou esse desenvolvimento nos portos maritimos e nos centros interiores de grande cultura ou mineração. No regimen patriarchal do antigo povoado produz-se, entretanto, a differenciação social que traz a riqueza e a categoria official dos cidadãos; a architectura teve que vestir com diversa pompa a casa rico, o palacio do nobre, a séde do governador, tambem o templo da opulenta Confraria e o mosteiro da Ordem, e por ultimo o edificio publico em que se instállam as repartições do governo, da justiça e da assistencia dô povo. Formada a cidade com a sua *élite*, as bellas-artes não acompanham esse crescimento, e a architectura, que sobre todas as artes melhor exprime uma era historica e uma phase social, conserva-se dentro de modestas proporções, mas na mais completa concordancia com a tradição, com as condições physicas e sociaes do meio.

Não se méde uma civilisação pela grandeza dos seus monumentos; nessa avaliação intervém a archeologia, para a qual sciencia as mais rusticas ruinas têm um valor maximo e o mais modesto edificio têm uma brilhante significação, pela natureza dos seus materiaes, technica constructiva, character architectonico, epocha, estylo ou escola, seu destino e tradição.

Nos mais rudimentares motivos ornamentaes, por vezes grosseiros, surprehende-se uma concepção artistica, um symbolo religioso ou tradicional, uma orientação que descobre a sua origem e que, na sua adaptação a um meio novo nos conduz a uma nova concepção esthetica, a qual entra com todos os direitos na vasta grammatica da Arte.

Não ha pois elementos archeologicos despresiveis, quando se pretende reconstituir uma arte ou civilisação; ha unicamente difficuldades innumeradas a vencer, para colleccionação dos documentos, sua classificação e interpretação, analyse archeologica e ethnographica, restabelecimento das formas tradicionaes, seus modelos e propor-

ções, e finalmente para a criação esthetica de expressões novas consoante a diferenciação do velho e novo meio, isto é... fazer arte tradicional.

Este trabalho não está ensaiado no Brasil, e, conforme no começo anotei, alguns dos escriptores que se têm occupado das artes entre nós, sob um ponto de vista critico ou historico, fundam-se no quadro, já reproduzido, que explica a decadencia ou incapacidade do periodo colonial; e pás-sam por alto todo esse labor artistico, que não julgam digno de nota, e menos ainda do interesse das gerações hodiernas. Não se julgue que pretendo fazer esse estudo, para o qual por completo me fallecem as posses. Pretendo apenas, em grosseiro esquisso, orientar o estudo das artes no Brasil segundo o criterio ethnographico-archeologico e despi-lo por completo das falsas condemnações de historiadores e esthetas, cuja erudição se reporta aos typos monumentaes das grandes metropoles (colleccionados em livros ou rapidas viagens), das epochas mais brilhantes da sua civilisação, modelos que muitas vezes se encontram deslocados no meio local e tradicional que os envolve, como creações de extranha sumptuosidade, fulgurações de um genio exótico, produzindo admiração e apreço, mas não o respeito e veneração do seu povo.

Em uma conferencia anterior me referi á habitação no Brasil desde os tempos coloniaes, analysando-a nas suas componentes e procurando difinir as characteristics de cada uma. Ahi ficou demonstrado como certos typos coloniaes de habitação realisavam, sob o ponto de vista tradicional, um modelo perfeito, capaz de adaptar-se ás condições actuaes do meio e ás exigencias dos modernos preceitos de hygiene, e como, com as suas characteristics locaes, se poderão compôr typos de architectura tradicional.

Vamos occupar-nos agora mais especialmente da architectura do templo, porque nelle se manifestou uma arte monumental, e á arte religiosa (pintura esculptura, e architectura) se devotáram em especial os artistas nacionaes.

Não temos que ir buscar muito longe a origem dos estylos em que foi construida a maioria das egrejas no Brasil, as quaes datam do seculo XVII, XVIII e XIX. N'ellas



se manifesta a influencia de todas as phases da arte portugueza da Renascença, tomando como fundo o estylo pseudo-classico, do tempo do reinado dos Philippes, em que se enxerta o barôco italiano e o churrigueresco, mas em que se reflecte uma original phantasia, como succedeu ao romano-bysantino no Norte do paiz e ao gothico na sua modalidade do *manoelino*, que tomou em Portugal fóros de estylo nacional pela sua extraordinaria e brilhante originalidade. O portuguez deu sempre um cunho particular á arte que importou, e este phenomeno que é notado pelos mais illustres historiadores da arte portugueza, sobresahe tambem no Brasil-colonia onde o barôco, dito jesuitico, tomou expressões de modesta singeleza, mas de um cunho local digno de nota. Não me foi possivel organizar uma resenha chronologica dos principaes typos de egrejas no Brasil, e tambem compendiar photographias de todas, tendo que limitar-me á exposição de uma série, organizada apenas de algumas, segundo o criterio archeologico da sua composição architectonica, definindo alguns typos genéricos.

Começando pelos exemplares de maior simplicidade, abrimos a serie com os templos da Capitania de S. Vicente, com os exemplos da Est. I, capellas de Monserrate e da Fortaleza da Barra (figs. 1 e 2) egrejas da Conceição de Itanhaem e Santo-Antonio (figs. 3 e 4) e as antigas matrizes de Santos e S. Paulo (figs. 5 e 6), as quaes pela sua architectura de rustica ingenuidade formam um typo, que se vae repetindo pelos antigos povoados do Brasil, onde a piedade dos christãos levantou esses devotos padrões, sob a invocação do santo patrono.

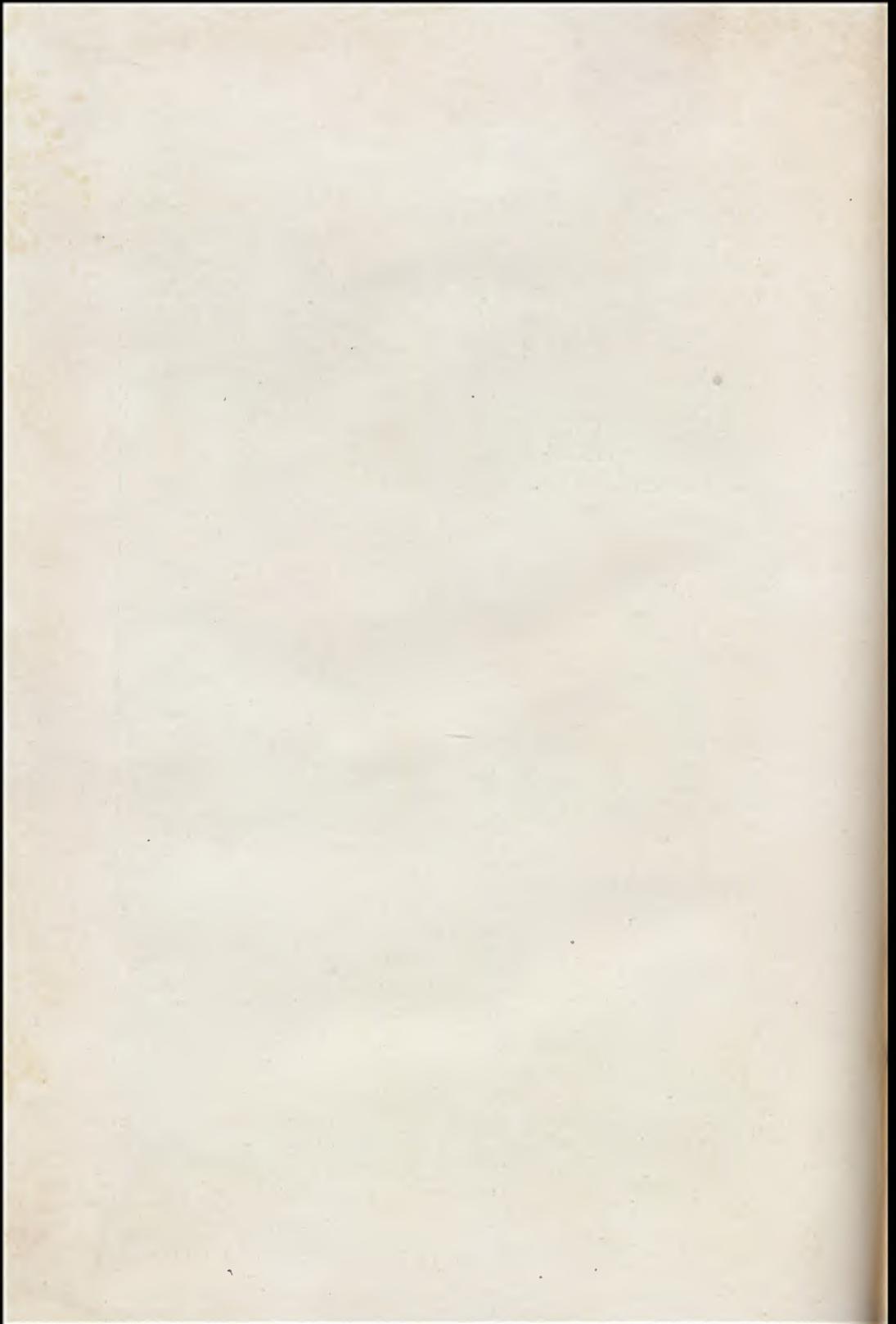
Estes templos, que se filiam no estylo da media renascença, barôcos na curvatura caprichosa dos seus frontões, cimalthas e padieiras, são de um extravagante rococo na sua ornamentação, em que entram por vezes elementos do mais rude naturalismo. Dão uma nota commovente no quadro de algumas dessas velhas povoações, hoje afastadas, e quasi esquecidas, das grandes estradas da civilização. Entretanto, a pequena ermida, caiada, leve e ondeante na gracilidade das suas curvas, é como branca pomba, poitada sobre o outeiro do povoado, ave symbolica desse bando angelico, que do céu vem descendo á terra desde as eras bi-





ARCHITECTURA COLONIAL — GRUPO PRIMITIVO





blicas com a graça divina da paz, do amor e do Espirito-santo.

As proporções de humildade desses templetos, melhor definem o seu caracter; e com elles se pôde formar um primeiro grupo archeologico. Onde, porém, está patente a belleza architectonica dessas rudes egrejas de taipa, de grosseira composição, que nada mostram de Arte? Perguntaes com razão; e respondo-vos que não se percebe com os olhos mas com o coração, não se vê, mas sente-se.

Só o sentimento profundo da tradição, é que pôde transportar-nos em espirito até essa crença antepassada, e reavivar-nos a mesma esperança infinita com que os nossos maiores erguêram para os céus essa rude oração, bella de sinceridade; só o culto do passado é que nos faz perceber a linguagem das ruinas, traduzir o encanto e a poesia dessas grosseiras fabricas de taipa, amassada com a propria terra que nos alimenta a vida e nos dilue a morte na perpetua almã do universo. Para os que nada sentem, emudecem os poetas da antiguidade, e de bôamente se recolhem á sombra do passado, onde pouco importa que os não percêbam ou que os esqueçam.

Um segundo grupo pôde constituir-se com edificios de maior pôrte, em que a architectura é mais erudita e esthetica. Começamos pela Cathedral da Bahia (Est. II fig. 7) que constitue um modelo classico, cujo severo estylo tem certa imponencia. Com a sua fachada em tres corpos e duas torres lateraes, fornece-nos um typo, em que o frontão central domina o edificio, com as suas monstruosas volutas lateraes, deixando em nivel inferior as duas torres, cobertas por uma pyramide tetraedra, e que parecem appendices secundarios da fachada. Em todos os outros typos de duas torres, estas tomam maior desenvolvimento em relação ao corpo central e sobrelevam-se acima do frontão de contornos barôcos, com as suas cupulas de linhas curvas, terminando em flechas ou acompanhadas de pinaculos, como por exemplo nas egrejas da Penha (Recife) e do Carmo (Olin-da), esta ultima em ruinas. (fig. 8).

A paixão pelas linhas curvas passa dos elementos decorativos da architectura ao proprio plano da egreja e suas torres, como no Rosario e S. Francisco de Assis de Ouro



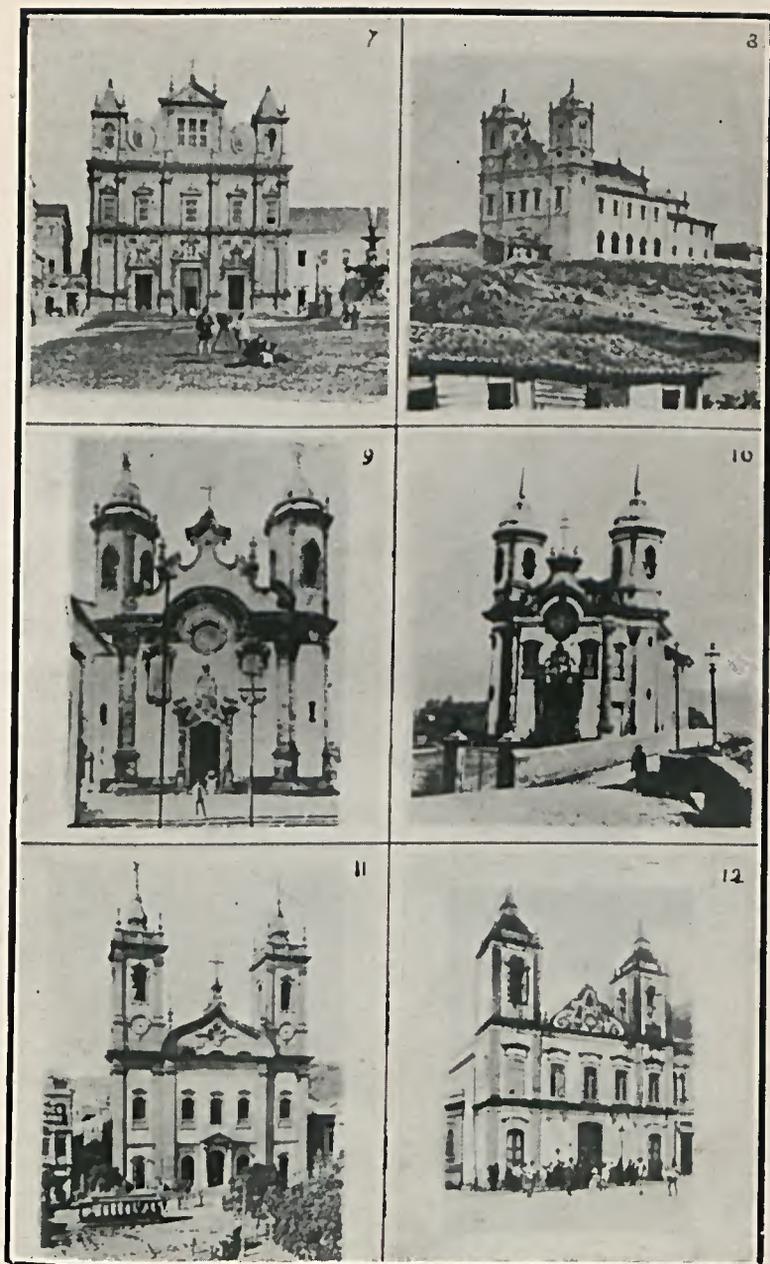
Preto, (fig. 10), e na E. do Carmo em São João D'El-Rei (fig. 9); são as duas ultimas de igual modelo, tendo de notable a graça particular das suas portas e janellas, de ornamento *rococo*, e a applicação em saliencia nas arestas da fachada da columna jonica em todo o fuste. Póde dizer-se que este typo de plano curvileno é original nessa parte do Estado de Minas, como se fosse composição do mesmo architecto (o "Aleijadinho") da 2.<sup>a</sup> metade do século XVIII. A fallada matriz de Caéthé já se approxima mais do typo do Recife e Olinda.

Não se repete esta forma curvilinea; conserva-se o typo prismatico, com o corpo central de tres vãos em dois planos, e frontão de perfil curvo terminando em ponta, em geral com a cruz; as duas torres elevam-se a altura muito superior, terminando em agulha, pyramide, ou zimborio, por vezes forrado de azulejos. Dou-vos como exemplo deste quarto grupo, no Rio, as egrejas do Carmo e de S. Francisco de Paula (fig. 11) e em S. Paulo a do Carmo e S. Pedro (demolida) (fig. 12).

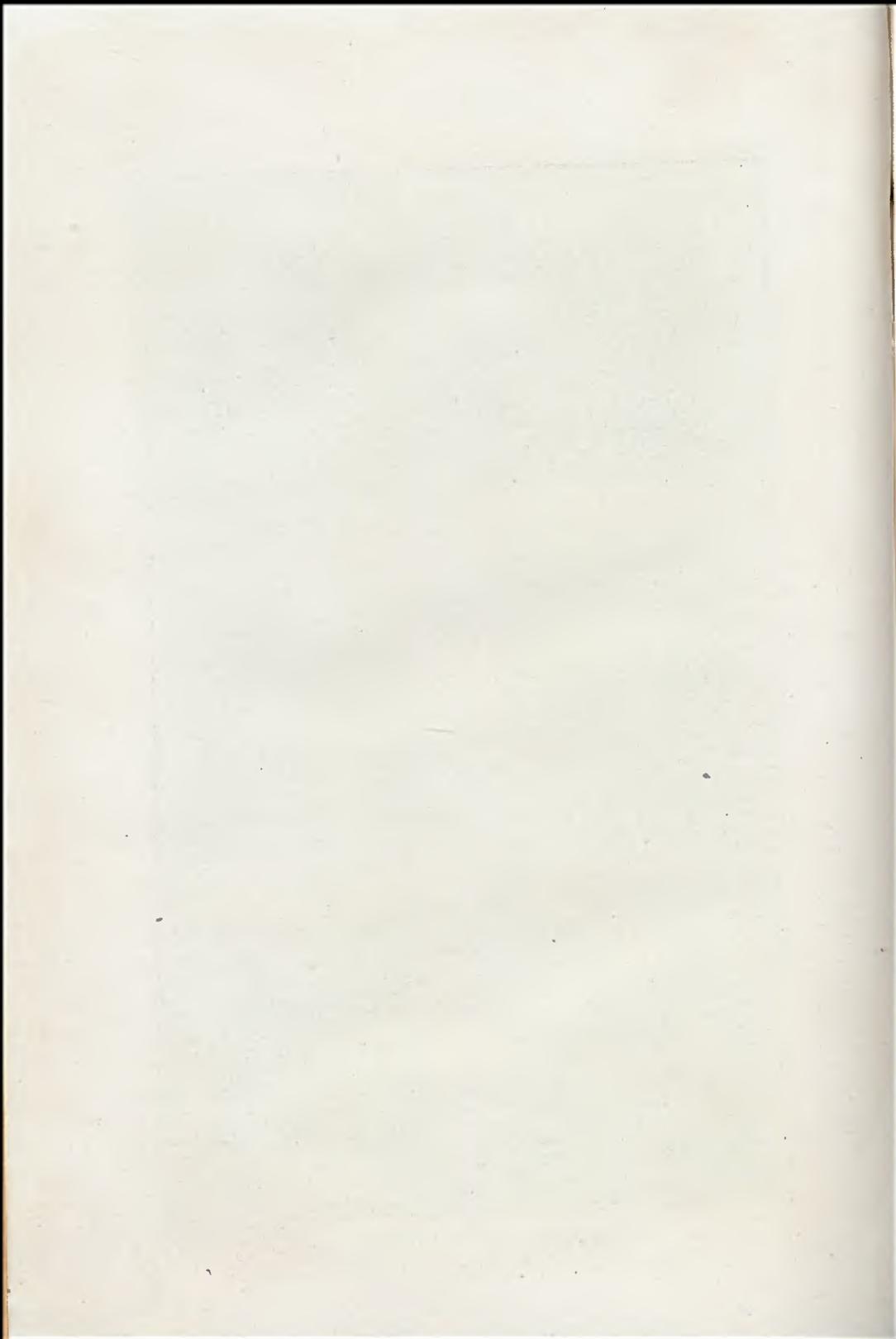
Lamento que o cliché do Carmo (no Rio) não reproduza a torre que lhe fica proxima, já visivel, da matriz em construcção, coroada pela Virgem de ouro; teria occasião de mostrar com evidencia como o novo campanario, no seu desenho, composição architectonica e ornamentação, é de valor muito inferior ás visinhas torres coloniaes; denunciaria, em flagrante corpo de delicto, não só a dissonancia entre certas modernidades e o meio local, como tambem a falta de character e inferioridade esthetica de muitas dellas, em confronto com esses banaes e toscos productos da arte colonial.

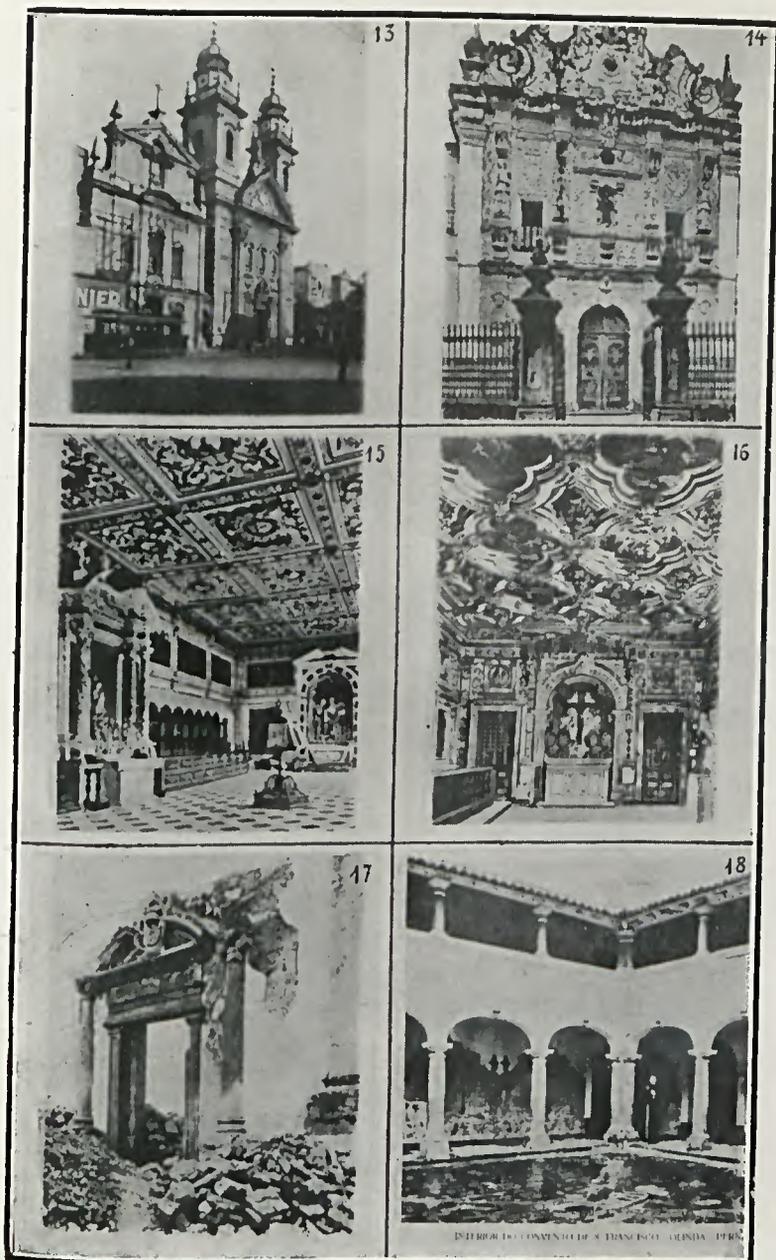
Poderemos formar ainda um quinto grupo com as egrejas sem torres lateraes em que se manifesta um barôco neo-classico com o frontão triangular, tambem com a composição *triptica* das janellas, de que são exemplares mais modernos a Igreja de Santa Cruz no Rio e a Capella Imperial (Est. III fig. 13). Deste typo vou mostrar-vos um exemplar curioso da Bahia, da epocha em que dominou a arte dos entalhadores; é a Igreja da Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco (fig. 14). O architecto foi certamente um entalhador que transportou para a fachada toda a exuberante riqueza de



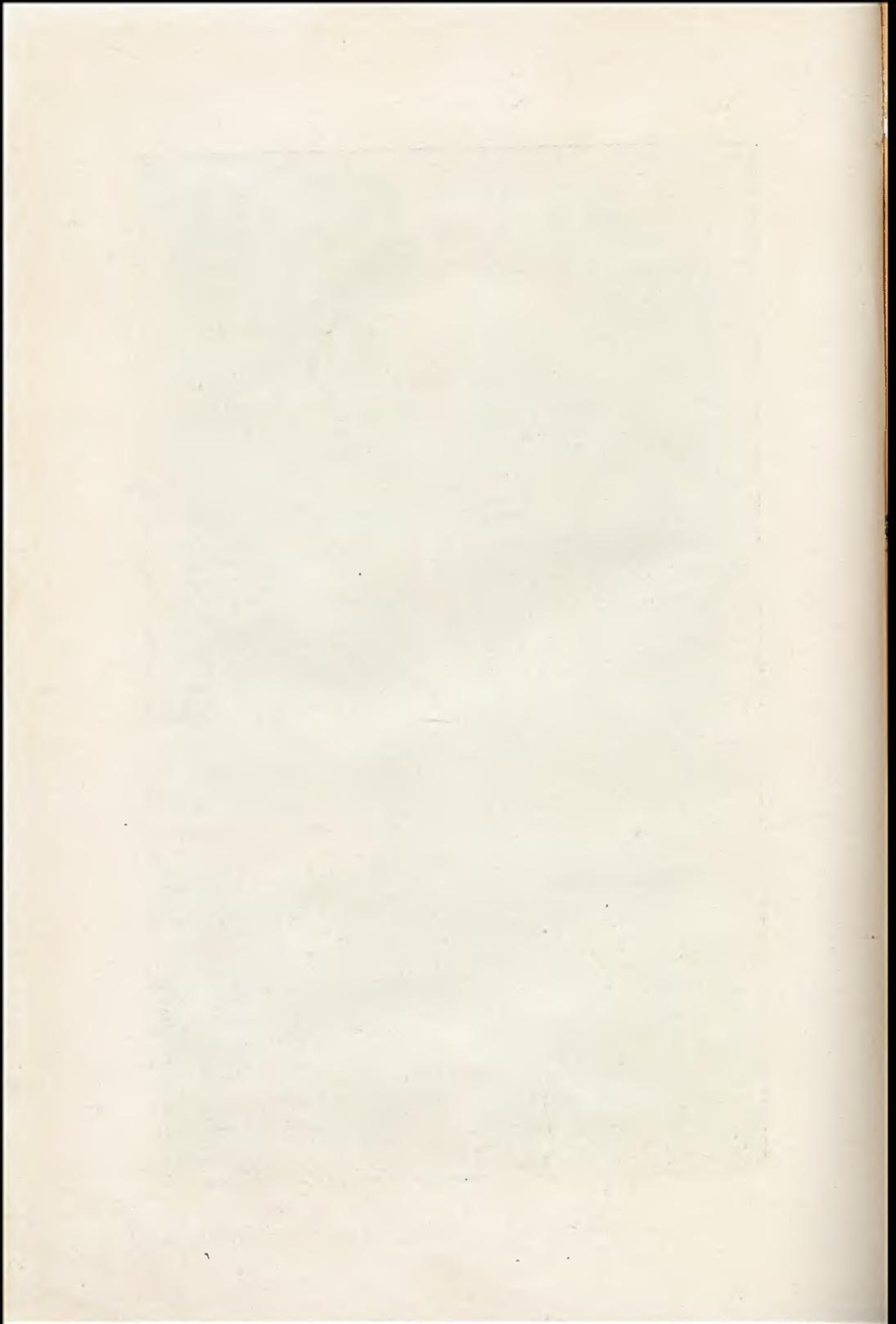


ARCHITECTURA COLONIAL — GRUPOS SECUNDARIOS





ARCHITECTURA COLONIAL — TEMPLOS, INTERIORES, DETALHES



ornamentação da esculptura em madeira que decora o sumptuoso interior das egrejas na Bahia. Ahi se tornou notavel essa pompa de ornamento em talha dourada, na qual se empregou a imaginação do artista em encher os vasilios com todos os motivos do barôco e do rococo, em applicações do mais flagrante naturismo: folhas, flôres, fructos, aves, cariatides, archanjos e anjos de incarnação viva. E toda esta imaginosa obra de talha enquadra pinturas religiosas e imagens, com uma harmonia de colorido e uma habilidade de composição taes, que parece sahir de uma escola de artistas sacros votados a esta pomposa e opulenta ornamentação dos templos christãos. De facto parece que a Bahia formou uma escola; em um recente livro biographico de artistas bahianos (de Manuel Querino — 1911) conta-se, entre pintores, esculptores e entalhadores do primeiro periodo, 114 notabilidades, alguns dos quaes trabalharam em outras cidades do Brasil.

Não consegui clichés bastantes perfeitos desta obra prodigiosa de madeira. Apresento dois exemplos de muita distincção, de interiores da Bahia, um com o tecto em caixotões rectos, da sachristia da Cathedral (fig. 15), outro com caixotões curvos, da sachristia do Carmo (fig. 16), que nos mostram a riqueza da ornamentação interna dos edificios religiosos daquella Capital.

Teriamos muito ainda que apreciar, no tocante a detalhes architecturaes dignos de estudo e que demonstram uma orientação artistica muito superior ao mediocre apreço que no Brasil se dispensa a sua architectura colonial; faltam-me as reproducções, muito embora as aguarde para obra de mór folego; mostro-vos apenas uma porta de original barôco das ruinas do Carmo, em Olinda (fig. 17), e um claustro do Convento de S. Francisco (fig. 18), tambem de Pernambuco. Este pateo, de pequenas proporções, com a sua arcadura em aza-de-cesto e a *loggia* superior em columnata, supportando o frechal de madeira e a caibradura do telhado, com os seus altos alisares de azulejos recortados, representando quadros do *flos-santorum*, realiza um conjuncto de harmoniosa belleza, uma composição typica que poderia generalisar-se á habitação na sua forma tradicional de pateo interior.

Não creio que dos poucos exemplos expostos se possa concluir pela nullidade da architecturá no Brasil, a qual manifesta, de facto, um cunho nacional que se conserva até meados do seculo XIX, não só no conjuncto urbano, como na propria villa agricola, conforme demonstram as duas gravuras de Ribeyrolles que vou reproduzir-vos: uma vista geral do Rio de Janeiro com as elegantes torres da Candelaria, e uma vista da Fazenda do Beco em Campos (Est. IV, fig. 19), que é typo iteressante e completo da architectura agraria com o seu caracter tradicionalista e regional.

Como exemplos de habitação da era colonial apresentarei algumas velhas casas do Rio de Janeiro, as quaes constituem um typo architectonico generalisado pelas cidades do littoral: a casa de Nitheroy (Est. IX figs. 20 e 21), a Casa do *Derby* (fig 22), a Casa da Praia de Santos (fig. 23) com a varanda fechada por caixilhos vidrados. Este typo foi assignalado como *caracteristico* por J. B. Débuet na sua bella obra, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, que constitue um precioso repositorio da archeologia e ethnographia da ultima phase colonial. Ahi terão um typo original e local de architectura com um caracter proprio.

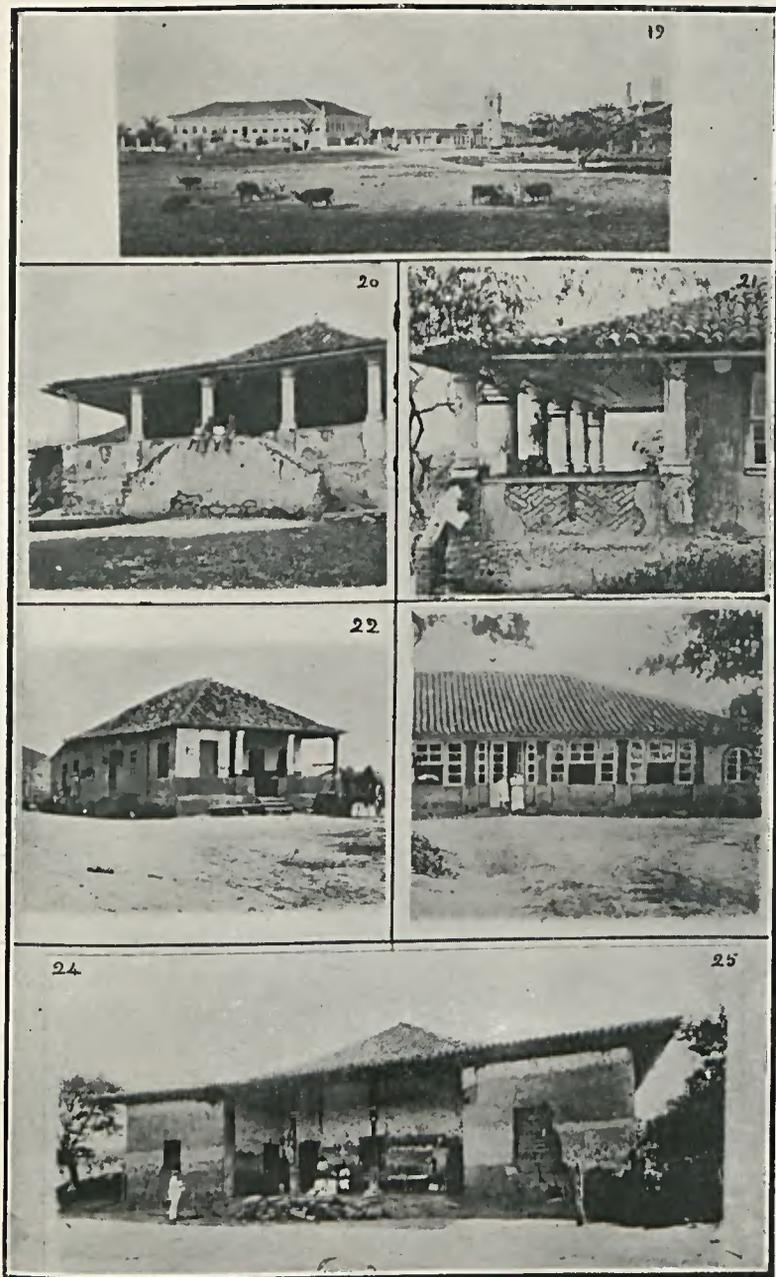
Em S. Paulo, a casa de *Cotia*, (figs. 24 e 25) nas proximidades da Capital, representa igualmente um caso typico que, na sua apropriação ao quadro local e no seu aspecto de caracteristica originalidade, deve entrar na nossa serie tradicional. Já della me occupei noutra publicação.

Bem quizera dar-vos um quadro mais completo da Architectura Colonial; os exemplos que apresento porém, bastarão para a these desta lição, em que, consoante um criterio archeologico se pretende apenas definir o que é, ou poderá ser, a Architectura Tradicional no paiz brasileiro.

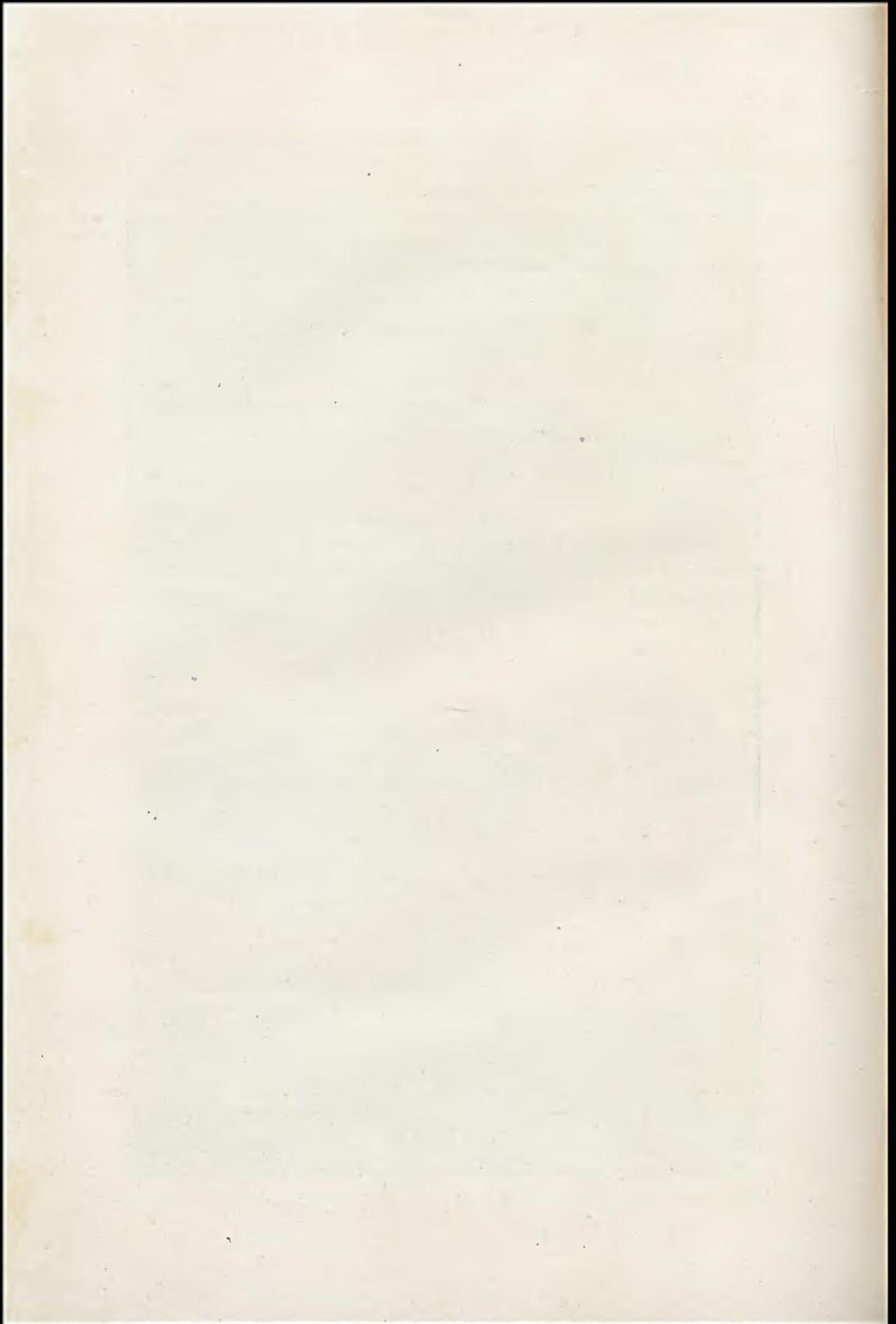
## II

Os que condemnam esta architectura, pelo mesmo espirito de parcialidade systematica condemnarão tambem as suas origens archeologicas. Não obstante, seguiremos esse roteiro historico através do pequeno paiz lusitano. donde partiram para as Indias Occidentaes os constructo-





ARQUITECTURA COLONIAL - TIPOS DE HABITAÇÕES



res da nacionalidade brasileira; e procuremos demarcar os afloramentos desse filão tradicional, para vêr se, em troca do ouro e das pedras preciosas que daqui levou a metropole, topamos crystallisações da tradição, diamantinos reflexos da arte, essenciaes da alma nacional, isto é, da alma brasileira.

Durante o seculo da descoberta pairou pela Europa o renascimento das artes do mundo classico grego-romano. Nasceu este em Italia, provindo de Roma e do Papado, que, na suprema victoria da sua autoridade espiritual e temporal, procurava governar todo o mundo. E' pois uma arte aristocratica, cujo espirito de grandeza, de poder, e de dominio, a levou pelas autocracias europeias, vencendo as velhas artes medievas que eram a expressão elevada da democracia christã. A' nobreza dos poderosos da Egreja e das côrtes reaes, juntou-se uma aristocracia de heroes, cuja fama é eterna, multidão brilhante de principes-artistas, os quaes, mais do que os grandes da terra, governaram o mundo espiritual e divino da Arte. São uma legião, com chefes como Bramante, Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael, Palladio, Fontana e muitos mais.

Ao pequeno paiz do extremo occidental da Europa chegou tambem a influencia desse poderoso Renascimento; mas aqui encontrou a resistencia dum estylo original, que havia adaptado as ultimas labaredas do gothico flamejante á opulencia dessa pequena monarchia, tambem em periodo aureo de renascença, que imperava em um mundo novo de dilatados limites. O estylo da epocha, denominado *Manuelino*, representa em Portugal um periodo glorioso de brilhante prosperidade; mas tem raizes fundas no periodo medieval, e mais profundas ainda na tradição popular, na alma desse povo navegante; por isso a Renascença italiana se enxertou nas suas obras como floração parasitaria, e só progrediu quando essa grande epocha findou, começando a manifestar-se no seu cyclo os primeiros symptomas da decadencia. Os caracteres daquelle estylo poderão ser originarios uma parte do Norte, outra parte do Oriente, das civilisações descobertas e conquistadas através dos oceanos; os artistas dos seus monumentos, porém, são portugueses natos: Affonso Domingues na Batalha, os Casti-

lhos nos Jeronimos, Garcia de Rezende na Torre de Belém. Quaesquer que sejam as características gothicas, platerescas, mudejares, ou idianas, o facto é que, sobre essas influencias, e dominando-as por completo, surge uma ornamentação de riqueza extraordinaria, que mais parece obra de lavrantes de metaes preciosos do que de esculptores da pedra, com motivos dum flagrante naturalismo, que provêm da flora da terra natal e do mar immenso que lhe banha as costas, e sobre o qual se expandiu e brilhou a epopeia maravilhosa do povo e do seu destino.

Por esse facto, o puro estylo antigo, grego-romano, não se fixou definitivamente em Portugal; se não fôra o catholicismo politico, o jesuita, a inquisição e o dominio estrangeiro, o imaginoso lavrante portuguez continuaria, com a persistencia do seu conservantismo ethnico, a esculpir e a burilar o Manoelino, com a riqueza ornamental com que mais tarde entalhou na pedra e na madeira (cobrindo-as de lavores e de ouro) o Baroco italiano.

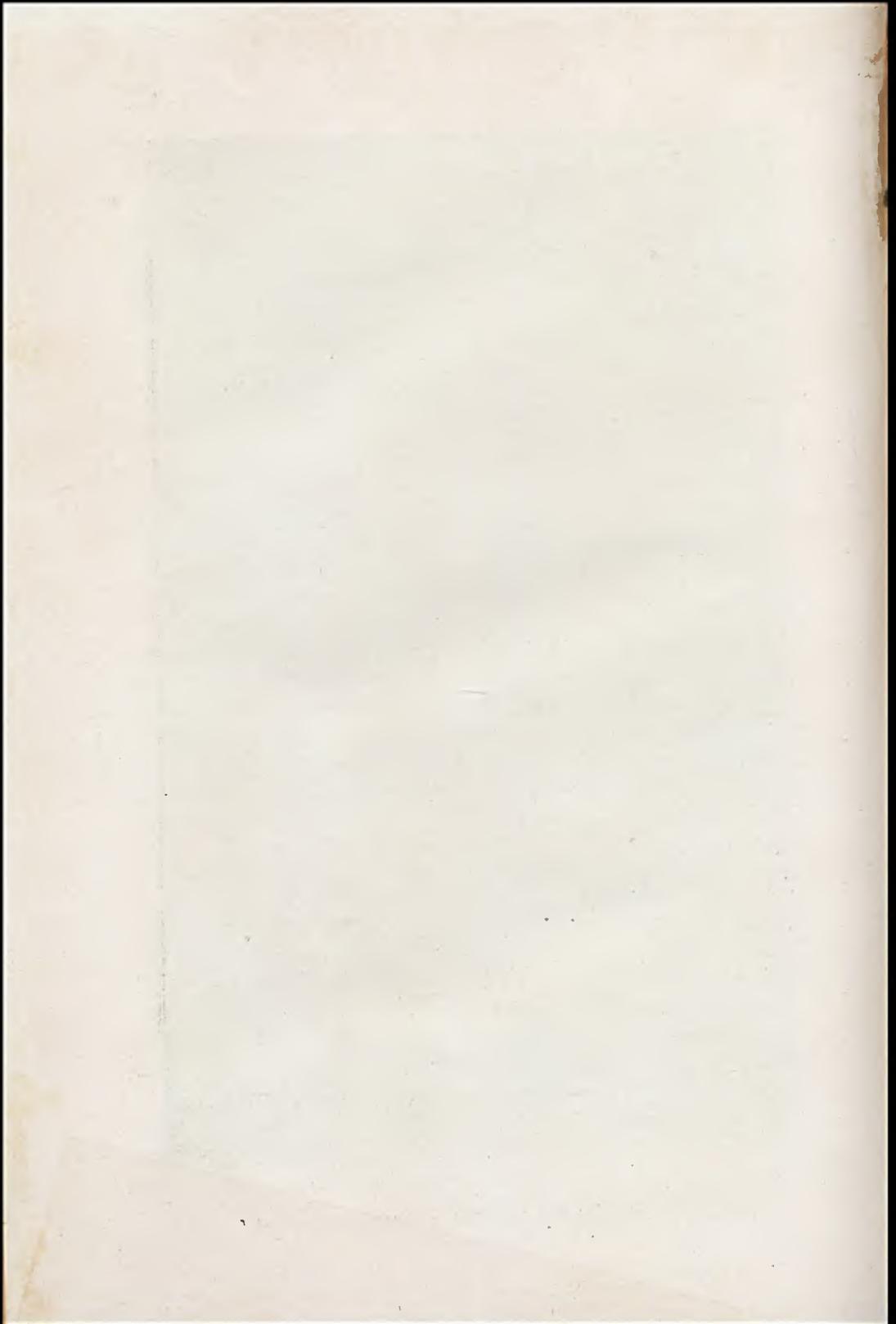
De resto, semelhante alteração soffreu o renascimento classico nos paizes de raça latina; o compendio de Vitruvio teve de soffrer as modificações que no seculo XVII notabilisaram Borromini, Bernini, Cortone, e Rainaldi; a frieza hieratica da arte classica não podia abranger por completo o renascimento humanista, que se transformou em um movimento popular; por um lado a hierarchia theocratica (que aceitou a severidade do estylo classico), por outro a aristocracia da arte para as castas nobres ou privilegiadas, não se adaptaram mais ao espirito liberal do seculo XVII. A victoria da Igreja Catholica, a necessidade de adaptar o culto á sua obra de pròpaganda, e de decorar os templos para a sua sumptuosa liturgia, concorreram para a libertação da nova arte. A igreja transformase em um salão de festas para glorificação da obra triumphal do catholicismo; os Concilios permittiram estas liberdades: " nihil profanum nihilque inhonestum apparent".

- O novo estylo ou nova renascença propaga-se pelo seculo XVIII cada vez com maior excesso de ornamentação; e produz em Portugal o *rococo* do tempo de D. João V, monarcha com habitos de ostentação, que a igreja amimava na sua ambição de cathechése universal pelo deslumbramen-



ARCHITECTURA PORTUGUEZA — RENASCIMENTO-TYPOS





to. A' exuberancia da esculptura e da pintura, junta-se a riqueza dos marmores, alabastros, lapis-lazulis, serpentinhas, jadeites, malachitas, etc., e só faltou que gemmas preciosas brilhassem tambem sobre o ouro dos retabulos, entrando como material decorativo da architectura religiosa de então.

O Renascimento apparece, pois, em Portugal como um enxerto exótico, de que vos darei um exemplo historico na portaria da igreja de Santa-Cruz de Coimbra — obra de Diogo Castilho — com a feição manuelina (Est. V, fig. 26), mas em cuja esculptura apparece a influencia da renascença; a janella superior é que conservou a pureza do estylo nacional. Accentua-se a penetração da arte italiana, e vae-se perdendo a rica imaginativa que levou os esculptores lusitanos á criação maravilhosa do convento de Thomar, da Ordem de Christo. Neste monumento repassa-se a historia da arte em Portugal desde o romanico do seculo XII ao manuelino e ao renascimento classico. Apresento-vos um cliché da sala capitular com a janella central, tão celebrada e discutida, mostrando ao lado um pequeno claustro de comezinho estylo renascença, semelhante ao de Olinda, que já vimos. Neste convento ha um grande claustro, chamado dos Philippes, attribuido a Terzi ou Torralva, successor do mestre Castilho na direcção das obras; é de puro renascimento romano, e constitue um exemplo deste estylo em Portugal, justificando a serie archeologica na historia artistica do paiz (fig. 28). Todavia nem só de Italia vieram as influencias da renascença, mas tambem dos paizes do Norte como na porta lateral da Sé-Velha de Coimbra (fig. 29), que é o mais notavel templo romanico do paiz (Sec. XII). Este pequeno modelo de variedade flamenga é da mais fina composição e execução, comprazendo-se com o espirito popular, facil de enthusiasmar-se, quando a arte toma uma expressão bem falante ao seu sentimento tradicional.

No monumental mosteiro de Alcobaça, a primitiva fabrica gothica foi revestida com o baroco do seculo XVIII, delineado com proporções taes que, destoando por completo do estylo primeiro do templo, não lhe tirou a magesto-



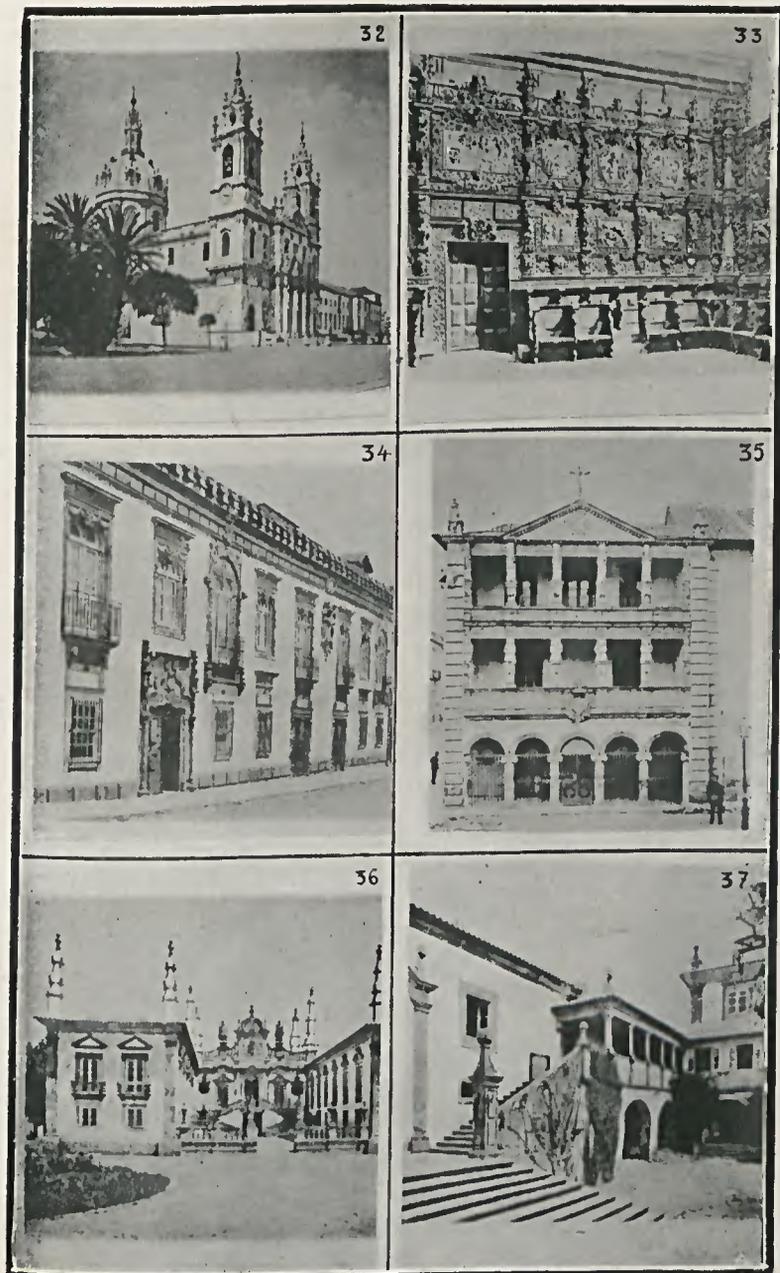
sa imponencia no seu quadro local, na vasta praça da Vila. (fig. 27).

Do estylo da Renascença é tambem a Cartucha de Evora (Sec. XVI) construida em finos marmores, com a sobreposição das tres ordens—dorica, jonica, corinthia—, modelo que se encontra na Italia e na França e foi reproduzido com variantes barocas em egrejas coloniaes (fig. 30). Como exemplo curioso de desharmonia do segundo periodo do barôco apresentar-vos-hei a capella de N. S. do Desterro de Alcobaça (fig. 31), em que se combinam os principaes elementos deste estylo e a propria caracteristica, assáz repetida em muitas outras capellas do paiz, desta modalidade desharmonica e defeituosa.

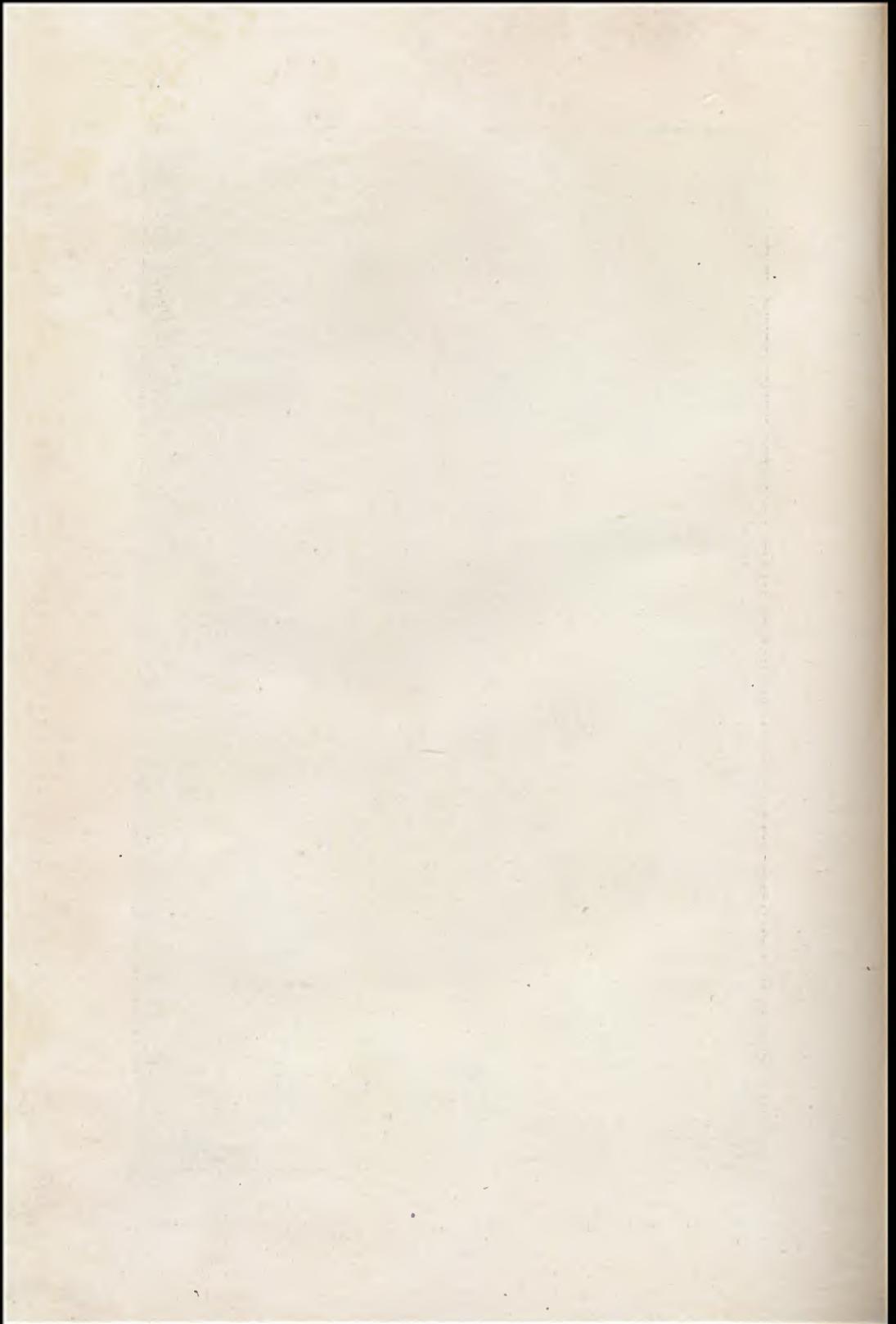
Do seculo XVIII, do reinado de D. João V, teria que prehencher a serie com o Mosteiro de Mafra, colossal edificio em que se pretendeu offuscar o monumento espanhol do Escorial, traçado por Herrera no estylo classico; muito mal se tem dito desta monstruosa construcção, mas a critica, sempre facil, tomou de ouvido a toada de maledicencia, sem a analyse dos seus detalhes architectonicos, da riqueza da sua ornamentação interna com os mais bellos marmores, e das proporções do seu conjuncto monumental. A fachada principal é um tanto desharmonica, mas as partes do edificio — mosteiro, paço, basilica — têm qualidades artisticas de valor que lembram as composições da epocha de Bernini; e por toda a parte se revela a expressão de colossal grandeza que se pretendeu dar a este composto architectonico massivo e monumental. O immenso edificio teve diversas applicações simultaneas — para convento, habitação real, universidade e escola de risco, da qual sahiram alguns *tracistas* notaveis da epocha.

A Basilica do Coração de Jesus, no alto da Estrella, em Lisboa, é da escola de Mafra, e foi delineada no tempo de D. Maria I; como a de Mafra tem o zimbório sobre o cruzeiro, caso pouco commum nos templos de Portugal. O estylo é elegante, harmonico e conserva um caracter accentuadamente nacional na sua ornamentação do segundo periodo do barôco; neste templo se espelha a Candelaria do Rio de Janeiro. A reproducção dos typos portuguezes é aqui accentuada; para muitas das obras vieram até da metropole os proprios materiaes; um exemplo curioso des-





ARCHITECTURA PORTUGUEZA - RENASC.-EDIFICIOS RELIGIOSOS E CIVIS



sa adaptação, em um caso exótico, é a frontaria da ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco (Bahia), cujo traçado, estylo e feitiço da esculptura estão representados na cadeiral da Egreja da Victoria, no Porto (Est. VI, fig. 33). Parecem obra do mesmo entalhador. E neste particular a nossa serie tradicional teria em Portugal um riquissima documentação.

Vou apresentar-vos, de corrida, alguns typos de architectura civil portugueza, onde encontrareis a filiação que vem do gothico e as características nacionaes que se fixaram no paiz e se transportaram para varios padrões coloniaes, nos quaes todos os seus elementos architectonicos principaes se adaptam perfeitamente ás condições regionaes do meio. Por exemplo: o palacio dos Condes da Carreira em Vianna (manuelino) (Est. VI, fig. 34), a casa da Misericordia, tambem de Vianna (renascimento), (fig. 35), o Solar de Matheus, de Villa Real (barôco) (fig. 36), e a casa da Quinta dos Calheiros, de Ponte do Lima (fig. 37), typos de palacetes provincianos, abastadas habitações de ricos-homens. Por ultimo vos dou um exemplo de Palacio Real, o Paço de Queluz, nas cercanias de Lisboa, ligado á vossa historia por acontecimentos da Casa Real de D. João VI, (Est. VII, fig. 38), onde nasceu e morreu o primeiro Imperador do Brasil; foi o *Versailles* da côrte de Lisboa; o seu estylo e dos seus parques, na graciosa arte do seculo XVIII, dá-nos um modelo digno de ser mostrado no ponto de vista artistico e archeologico. A sua Architectura não deshonra uma epocha de turvação politica, em que mal podia cuidar-se em Portugal das artes e dos monumentos nacionaes, recentemente violados, demolidos, saqueados, pela invasões das aguerridas phalanges napoleonicas, contra as quaes o pequeno reducto lusitano teve mais de uma vez de defender o sagrado reliquario da patria, unico que ficou intacto, porque jáz no coração do povo, velado pela mais bella e pura alma da liberdade e independencia.

Em rapidos traços fiz uma exposição da architectura da renascença, do barôco, no Brasil e Portugal, firmando a linha central duma tradição, que poderá ser o tronco de uma luxuriante ramificação artistica, se ás variadas condições do meio, os novos *tracistas* houverem por bem ap-

plicar-lhes os principios de composição e decoração deste estylo admiravel, duma maleabilidade que o mantém ainda hoje nas multiplas produções da architectura moderna.

Não faltam pois os moldes tradicionaes, faltam apenas os seus artistas; e só não existem aquelles para quem os ignora ou não os quer vêr.

Nada valem tambem para os que detestam o *barôco*, porque dizem ser uma decomposição avariada do neo-classicismo. Entretanto aquelle estylo é, como o gothico, das mais bellas expressões artisticas duma epocha e dum meio social, tem uma legitimidade tão legal quanto o dognia classico das ordens architectônicas dos pantheons greco-românos. Na arte não ha estylos privilegiados.

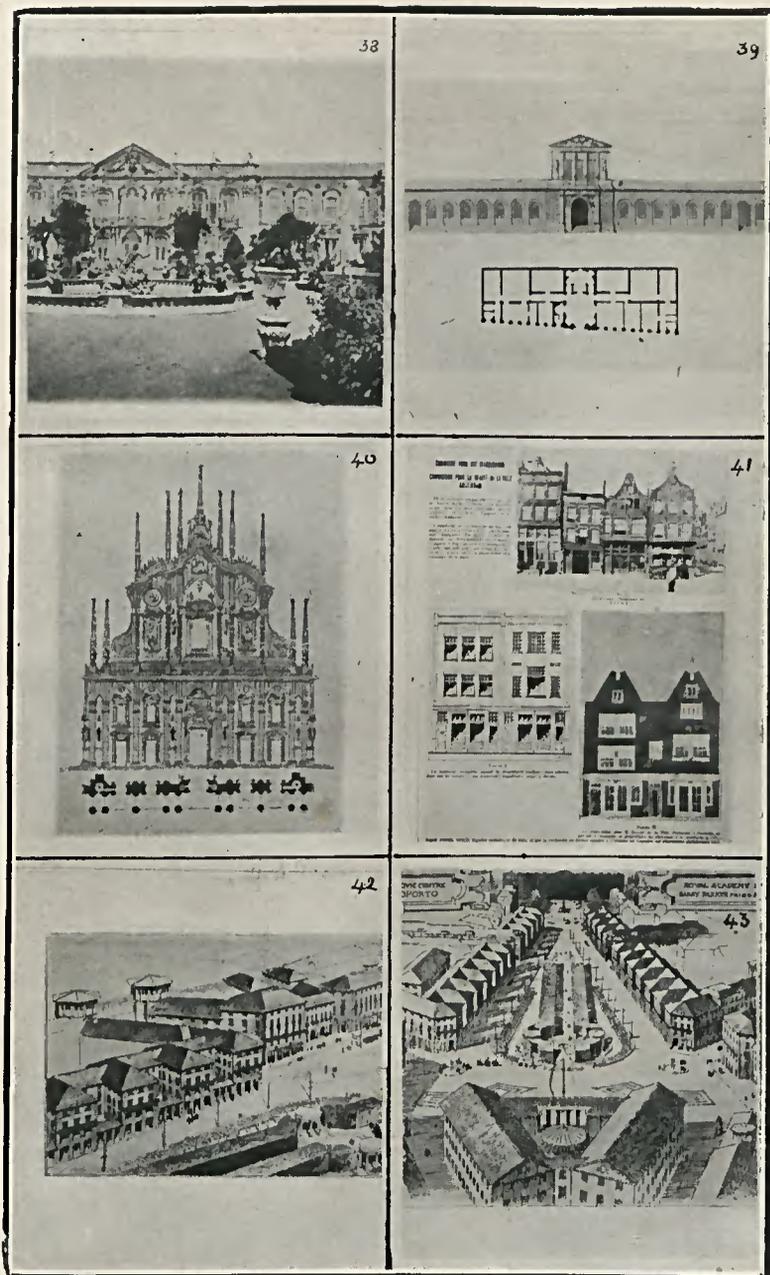
Não me compete fazer aqui a rehabilitação do Barôco. Apresentarei para fecho deste commentario um projecto desenhado em 1648 para o Duomo de Milão e que symbolisa as qualidades estheticas, do barôco; foi executado no monumento milanez o projecto anterior de Carlo Buzzi (1638); mas este, de Francesco Castelli, ficará em desenho como uma das mais surprehendentes creações de architectura, acolhido com entusiasmo pelos mais distinctos architectos da Italia. Bernini diz deste projecto que era “a maravilha dos olhos e a ultima palavra da arte”. Estão ahi todos os elementos capitaes do barôco unidos em um conjuncto de expressão gothica; e é uma verdadeira synthese das aspirações da arte religiosa no seculo XVII, querendo dar ao templo christão uma alta expressão de mysticismo religioso, de elevação para o firmamento—adonde vão todas as préces e sóbem a chammas dos cirios, luzes espirituaes dos altares da fé, erigidos ao Deus omnipotente das infinitas alturas.

O desenho de Francesco Castelli é o poema da arte Bernini; e nada mais me cumpre dizer a bem da sua gloria.

### III

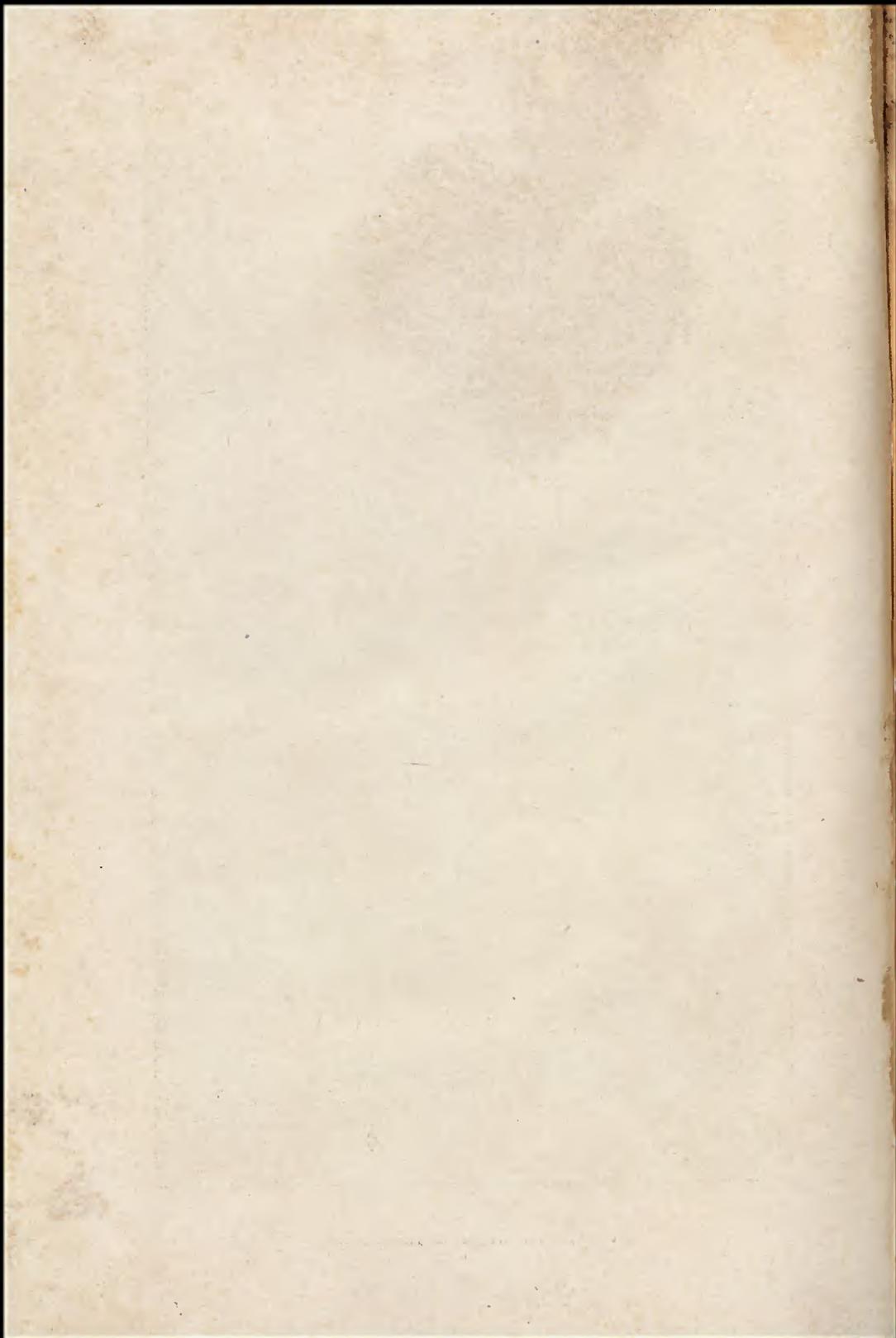
Com a vinda da Côrte de D. João VI para o Rio de Janeiro tomou novo impulso a architectura da Capital, e os factos mais notaveis desta nova Era foram a escolha da





VARIA — ARCHITECTURA TRADICIONAL





missão franceza de 1816, por empenho do Conde da Barca e do Marquez de Marialva, e a fundação da Academia de Bellas-Artes.

A Missão, chefiada por Lebreton, compunha-se de: dois pintores, Nicolau Taunay e Debret, um escultor Augusto Taunay, um architecto Grandjean de Montigny e, como adjuntos, os esculptores e gravadores Pradier, Irmãos Ferrez, os auxiliares architectos Levvasseur e Meunié.

Eram portadores do nec-classicismo francez, e o architecto, discipulo querido de Percier e Fontaine, manifestou de começo a sua escola no projecto para o edificio da Academia de Bellas-Artes, que é do mais severo estylo classico. (Est. VII, fig. 39). Esta arte, que define a orientação da missão franceza—na qual sobresahe Nicolau Taunay como pintor de raça—não encontrou echo no sentimento popular, nem podia accommodar-se ao meio physico e social da epocha, devido á imperturbavel rigidez dos seus moldes classicos. Não constituiu aqui uma escola; ensinou porém e propagou a grammatica da arte, a technica perfeita do desenho, e creou uma academia de artistas que foi o laço entre o meio colonial e a orientação da renascença artistica do seculo XIX. Nenhum dos discipulos, porém, reproduziu rigorosamente os modelos desse atticismo grego-romano; o meio tradicional emmuldorou-os na sua influencia absorvente, e foram persistindo os typos coloniaes do barôco até á independencia da nação brasileira.

Desde então, a febre de crear uma nacionalidade nova, differente da colonia e da metropole, provocou a degenerescencia da architectura colonial. Os artistas nacionaes recebem directamente o influxo das civilisações estrangeiras, e, emancipados, transportam materiaes, modelos e estylos com que compõem obras sem um character definido, na sua faina de differenciação e de construir rapidamente uma nova patria, que nada tenha dos tempos ominosos do dominio portuguez; que seja sómente brasileira.

Vou narrar-vos, a este proposito, um episodio historico passado no dia 7 de Abril de 1831, em que a exaltação dos animos não consentia vestigios de *estrangeiros* em ter-

ra brasileira. Na capella do Carmo estava exposto um dos melhores retratos de D. João VI, pintado pelo habil artista nacional José Leandro; a multidão protestava em tumulto que se destruísse o painel; foi reclamado o autor; aos gritos de *viva o Brasil*, Leandro entrou na capella, pallido, a cabeça baixa, os olhos postos no chão; atraz d'elle o aprendiz com uma caçarola e uma broxa. O artista subiu então por uma escada e começou a pincelar de colla o painel, que era a sua obra-prima; desceu, mais pallido ainda, murmurando: "está consumado". Grossas lagrimas lhe desciam pelas faces entristecidas, e sumiu-se por entre a multidão satisfeita, refugiando-se em Campos, onde morreu quatro annos depois.

A scena passada com o pintor Leandro constitue um quadro historico que representa ao mesmo tempo uma phase nas artes brasileiras; a nobre revolta da Independencia, o violento resurgimento do nativismo, pretendeu destruir tudo quanto era tradição, e, tal como o desventurado pintor Leandro, cobriu de novos vernizes a obra dos antepassados e até a luxuriante paisagem do solo brasileiro.

Em uma interessante memoria sobre o Brasil, preparada para a Exposição Universal de 1889, na vespera do advento da Republica, diz o Barão de Rio Branco: "a architectura parece, ha trinta annos, ter retrogradado, excepto para a construcção das habitações particulares e sobre tudo das casas de campo"; attribue a insufficiencia nacional de cultura artistica á falta de modelos, ao pequeno numero de professores, á ausencia quasi completa de educação artistica nas classes dirigentes, á diminuta clientela de amadores e colleccionadores, e por consequente ao pouco encorajamento concedido aos artistas de talento. E denuncia ainda o inconveniente da taxa alfandegaria *ad-valorem* sobre as obras de arte estrangeiras, consideradas mercadorias não favorecidas pela tarifa. Com effeito, neste particular o Brasil parece ter imitado o antigo monopólio da metropole, pela muralha chinesa da sua alfandega, impedindo o livre inter-cambio das Artes; não leva a melhor o antigo descaso do Reino, do qual a colonia foi tão queixosa victima.



## IV

Depois do advento da Republica persiste a desorientação artistica provocada pela diversidade dos elementos immigratorios. E estas variegadas influencias estão estampadas nas frontarias das construcções da segunda metade do seculo XIX, em que se manifesta o máu gosto do proprietario e do mestre-de-obras, combinados em mutua collaboração de inteiriça harmonia.

A influencia do Mestre Valentim — que representa uma epocha e um grupo — de G. de Montigny, e dos discipulos da primeira phase da Academia de Bellas-Artes, não conseguiu vencer a resistencia dos habitos estabelecidos na construcção das casas. Os habilidosos estucadores que vieram de Italia e de Portugal (das bandas de Vianna e Affife) trouxeram um elemento valioso de decoração architectonica, mas produziram por excesso o abuso do ornamento modelado applicado sobre fachadas completamente lisas, sem discreção, sem compostura architectural, sem o minimo senso esthetico. Uma mistura de formas exóticas surge pelo casario urbano dos novos bairros; a fachada procura estylos incompreensiveis e que chocam principalmente pela sua desconnexão com o quadro local e o seu destino; surgem as platibandas com cimalhões e filas de consólos, os beirae de telhões de faixa azul e branca do Porto, os frisos e requadraturas de estuque, e os pannos de azulejos portuguezes; como coroamento de pilastras e frontões, os vasos, as pinhas de ceramica de Gaya, allegorias das cinco partes do mundo, do commercio, da industria e da navegação! Apparece tambem o *chalet* com lambrequins de madeira recortada e longos avarandados nas casas burguezas, cuja variedade mais humilde — em forma de cazota de cachorro — se espalhou profusamente pelos arrabaldes do Rio de Janeiro, substituindo o antigo modelo do telhado de quatro aguas, com beiral saliente, que tão bem se apropriava ao clima local. Nas melhores ruas despontam variadas casas do cathalogo europeu, que são a surpresa do visitador erudito em viagens, com aberturas mouriscas, ogivae ou redondas, sem a menor harmonia esthetica. Modernamente desponta na Capital o estylo

das altas mansardas, das cupulas, dos zimbórios, das flechas e dos torrões; mas nesta nova Era, suspenderemos o nosso commentario.

Os engenheiros das cidades novas procuram dar uma razão de ordem a este desordenado crescimento dos povoados, e estabelecem um plano geometrico, em xadrez, de ruas travessas e praças. O Barão do Rio Branco julga, tambem, que tem sido um grande mal no Brasil a intervenção do engenheiro na architectura dos edificios publicos, máu habito este que já vem do periodo colonial, durante o qual grande numero de egrejas foi construido segundo planos de officiaes de engenharia militar: Santa-Cruz pelo brigadeiro Sá e Faria, a Candelaria pelo sargento-mór de engenheiros João Rocio. O facto, porém, é que tempo houve em que a profissão de architecto era considerada de inferior categoria social, como grosseiro mistér de *tracistas*, officio leve de riscar casas, cuja genealogia vêm do simples operario—antigo servo, passando pelo mestiço esperto e contra-mestre—ou então proprio de gente vinda de fóra, diplomada por vezes, mas de suspeita linhagem.

Como quer que seja, perdeu-se completamente o fio tradicional nesse ecletico labyrinto de influencias extranhas, que se precipitam em carreira vertiginosa para acompanharem o desenvolvimento que tomaram as principaes cidades do Brasil, Deixou-se de considerar o meio physico, na conformação orographica do seu terreno e paisagem local, o quadro social com seus usos e costumes, habitos da vida familiar e collectiva, e não se adoptáram com justeza as formas constructivas proprias dos materiaes do paiz.

E' este um phenomeno natural em um paiz no seu periodo de desenvolvimento, que tem pressa de attingir a méta da civilisação e do progresso; e esta consideração fundamental, que responde ás exigencias da critica, muito mais valorisa as excepções notaveis que se manifestam no ultimo quarteirão do seculo XIX, e que têm produzido um periodo de verdadeira reforma nas artes brasileiras, em especial na architectura da habitação, do edificio publico e dos centros urbanos.



A cidade de São Paulo é um exemplo brilhante desta ultima era de melhoramento no campo da architectura, pela sabia applicação da arte de construir—que tambem é a sciencia da justa medida e proporção—pela cuidadosa formação do operario nacional, aproveitamento e escolha dos materiaes do paiz, applicação dos mais modernos recursos e processos da industria das construcções, da hygiene domestica e urbana.

Acompanhando a orientação universal de todos os velhos paizes, segundo o principio das nacionalidades, surge tambem no Brasil uma nova reacção popular de nacionalismo, movimento centripeto de concentração, que procura equilibrar o effeito dispersivo e desnacionalisante do moderno e utilitario cosmopolitismo. E' impulsionado este movimento por intellectuaes brasileiros de talento e prestigio, e fundamenta-se no estudo ethnographico do povo brasileiro, na reviviscencia do seu folk-lore, no renascimento da tradição que é a alma da nacionalidade, o laço invisivel que reúne em torno do lar sagrado da patria, que é um só, toda a familia brasileira que deverá ser sempre una e inseparavel sobre a terra e atravéz do tempo.

Formado um caracter nacional, surgirá uma arte propria; mas esta só nasce quando a nacionalidade é uma entidade moral, integrando a alma de todo o povo. O artista pôde inventar ou imitar obras primas, a que o seu genio imaginativo ou habilidade da sua technica poderão dar o maximo de perfeição; a sua obra, porém, não terá a sa-gração da popularidade, quando não crystalisar em si a tradição desse ideal artistico; e sómente quando deixar de ser artificial para ser nacional.

Na architectura é este caracter o que deve predominar, porque é por excellencia uma arte social. E o seu conservantismo pronuncia-se ainda mais na simples habitação do que no edificio publico, porque aquella é que está mais intimamente ligada aos elementos tradicionaes do organismo familiar, que é a unidade constituinte da nação. Conservar o caracter da habitação familiar não é portanto um acto de retrocesso, de resistencia ao progresso, mas de elementar defeza do passado, que é a fonte original do presente; e cada qual, individuo, familia ou nação, que deixar

estancar este manancial de crystalina limpha, deixa fal-  
lecer a misteriosa essencia da vida que anima o seu orga-  
nismo tradicional.

A arte do monumento tem outra significação; não só  
é uma arte de commemoração e de culto patriotico ou re-  
ligioso, como tambem representa uma *élite* social e um ex-  
poente da cultura superior da collectividade; é obra do Es-  
tado mas nem por isso deverá deixar de obedecer a um  
principio fundamental da esthetica, que impõe a mais per-  
feita harmonia entre a sua forma e o seu destino, no seu  
logar e no seu tempo.

Dum interessante opusculo do Bourgméstre de Bru-  
xellas, o sr. Ch. Buls, escripto em 1893 sobre a *Esthetica  
das Cidades*, vou transcrever alguns periodos que se appli-  
cam á nossa thése; preciso munir-me de documentos de au-  
toridade. "Não vemos senão duas fontes de inspiração para  
os artistas do seu tempo e do seu paiz. E' a interpretação  
ornamental das formas que derivão dos materiaes empregados  
na construcção e adaptação de motivos tirados da nos-  
sa architectura nacional ao destino do edificio. Não se cria  
por deliberado proposito um estylo novo; os estylos de ar-  
chitectura formaram-se lentamente conformando-se insen-  
sivelmente ás exigencias dos materiaes, do uso e do cli-  
ma... Desgraçadamente em certas epochas os architectos  
desconheceram o transformismo da floração architectural,  
transportando bruscamente edificios exóticos para climas  
que não lhes convinham, adaptando-os cruelmente, ao mes-  
mo tempo, a usos para os quaes nunca foram destinados...  
Romperam a tradição nacional para importar um estylo  
proveniente de outras raças que não tinham nem o nosso  
ideal nem as nossas necessidades".

Como se applicam perfeitamente ao nosso caso estas  
justas considerações dum Prefeito que estuda o desenvol-  
vimento da sua cidade! De certo lhe foram oppostos os  
mesmos argumentos que por aqui se levantam a proposito  
de arte tradicional, forjados pela moda do dia e pelo que  
se chama o *bom-gosto* da occasião.

Desde o começo desta exposição ficou bem definido  
que a architectura foi sempre o reflexo do meio social  
em que evoluiu. Todos os estylos soffreram a influencia dos

meios, moldando-se dentro de cada um ás suas condições geraes e especiaes e ao seu character artistico. A Renascença classica evoluiu tambem, consoante o tempo e as civilizações que percorreu; cada paiz teve a sua renascença, differente das outras, mas conservando a mesma filiação no renascimento grego-romano. As leis da *tradição* e da *evolução* acompanham todos os *cyclos* e os *rythmos* da Arte por toda a parte do mundo; esta é a pura verdade.

Aqui, a architectura teve um cunho esthetico e um character proprio emquanto foi tradicional, muito embora tenham sido humildes os seus principios; deixou, porém, de ter essa particular expressão artistica quando foi cópia de *estylos* ou de modelos estrangeiros. Readquirirá os fóros de arte brasileira, quando se reintegrar no seu meio local e tradicional, mesmo com modelos importados, e desde que estes provenham de uma civilização ou raça affim da nossa e se amoldem por completo ás condições mezologicas nacionaes.

Não me atrevo a insistir no filão portuguez, origem da tradição brasileira, porque é certamente o que menos se conhece aqui na sua evolução ethnographica e archeologica, e porque, por demasiada insjstencia, poderia o meu lusitanismo ser tomado em suspeição pela vossa muita benevolencia. Para vos indicar esse velho roteiro, através do passado commum aos dois paizes, é que esbocei este ensaio critico de archeologia portugueza e brasileira do qual sobresahe uma arte em que o principio da esthetica é satisfeito com originalidade e com character. O valor da arte lusitana não é sómente celebrado por escriptores nacionaes, mas tambem por summidades do estrangeiro; poderia citar-vos os inglezes Murphy e Watson, o polaco Conde Rakzynski, o italiano Vasari, os allemães A. Haupt e C. Justi, os franceses Dieulafoy e Bertaux, os quaes escreveram livros sobre essa arte originalmente portugueza; mas não desejo enfadar-vos com o abusivo prolongamento desta leitura.

O progresso do urbanismo no Brasil confirmará a these tradicionalista, no que diz respeito ao plano das cidades sobre o seu fundamento regional, os seus parques e jardins, a architectura da habitação e dos edificios publicos. Na cidade, que é obra da collectividade, deverá paten-

tear-se a tradição nacional na sua synthese superior, como razão de estado, se este estado dominar todas as influencias estrangeiras, todas as affluencias da immigração, todas as torrentes de intempestivo exotismo, que deverão fundir-se intimamente em uma só caudal, cuja nascente está no passado e banha generosamente todo o solo da Patria.

A Camara Municipal do Porto—a segundo cidade de Portugal—entendeu reformar e melhorar o seu centro civico. Convidou entre outros o sr. Barry Parker, architecto da primeira cidade-jardim de Letchworth, da aldeia jardim de Earswich, do suburbio-jardim de Hampstead, modernamente considerado como um dos mais distinctos *town-planners*. Este illustre architecto planeou o centro civico da cidade do Porto na mais completa harmonia com o meio tradicional do velho burgo portuense. No seu relatório, dirigido á Municipalidade do Porto, dá a orientação-base da arte ou sciencia urbanista, que constitue hoje, não só uma profissão especializada, mas tambem um ramo importante da engenharia e architectura civil. Transcreverei alguns dos seus conceitos que, pela sua definitiva precisão, podem tomar-se como dogmas tradicionalistas do urbanismo moderno.

“Um dos primeiros deveres do planejador duma cidade é de observar os habitos do povo no meio do qual é chamado para trabalhar. O seu principal dever é de analysal-os e determinar quaes delles são devidos ao génio da raça (*racial genius*), quaes ás condições da natureza e quaes á ignorancia de outros habitos; póde tomar como certo que todos os usos e costumes que sobreviveram durante longo tempo e são ainda seguidos, têm as mais solidas e melhores razões da sua existencia. Considerará que não obstante estas razões não serem apparentes á primeira vista, todos os usos e costumes que conservam o cunho do tempo têm geralmente a sua origem no temperamento nacional, nas condições do clima ou na natureza do sólo e do paiz. Cabe-lhe descobrir e ajudar a perpetuar os que têm bom fundo, abandonando aquelles cujas razões não tem base real.”

O sr. Barry Parker religiosamente cumpriu estes preceitos, planeando o centro civico portuense de accôrdo com a sua architectura tradicional. Conservou os caractéres da habitação que julgou uteis e reaes, os motivos da sua arte regional e mesmo a disposição do conjuncto urbano no seu conspecto archeologico. Aproveitou habilmente o typo da fachada em arcaria que abrange a loja e sobre-loja; e assim, com a successão das casas alinhadas, fórma uma galleria continua em columnata, marginando a avenida, conforme se vê nas antigas ruas e rocios peninsulares; e deu uma nova applicação ao pateo das nossas casas, de fundo romano-arabe, interrompendo a linha das fachadas para constituir o typo modelar da hygiene urbana de rua, em linha de serra, ou *cour ouverte*, fórma que melhor realisa as condições de sanidade, de aeração e insolação; respeitou o beiral, o typo das janellas e a propria ornamentação architectural de que fazem parte integrante as applicações dos azulejos de faiança colorida. Realisou um typo ultra-moderno de centro civico, adoptando com intelligencia e criterio a sua propria architectura tradicional.

Apresento-vos deste notavel trabalho, em via de execução, duas projecções que devo á amavel concessão do seu illustre auctor, ha dias entre nós, a convite da Companhia S. Paulo Improvements. (Est. VII, figs. 42 e 43). E' a prova de como pôde fazer-se a arte tradicional, modernisando-a na sua applicação á civilisação da actualidade.

Ora acontece que o problema da construcção das cidades está neste momento na ordem do dia, nos paizes devastados pela invasão allemã. A União Internacional das Cidades e Comités de Arte Civica Pro-Belgica, com séde em Haya, e a "Associação Geral dos Hygienistas e Technicos Municipaes da França", estão-se occupando desta obra grandiosa de arte e de patriotismo, para a reconstituição das cidades, villas e aldeias destruidas. A União organisa um Comité Neerlandico-Belga da arte civica e uma *Encyclopedia-das-cidades* a que aggrega a collaboração de todos os institutos technicos da Europa e da America. A sua divisa é "a reconstrucção da Belgica para os Belgas" e colloca em primeira linha o regionalismo e o character physionomico dos districtos, os estudos systematicos das relações

entre estes e a cidade, verdadeira escola de urbanistas e architectos que ahí se habilitarão a descobrir os rythmos geradores das relações e correspondencias entre a Natureza os Sêres e as Coisas.

No seu prospecto ha uma pagina, que vou reproduzir da "Commissão para a belleza da cidade de Amsterdam", e que define a orientação tradicionalista da arte moderna da urbanisação. O proprietario de duas casas urbanas quiz reformar as suas fachadas e, procurando um constructor incapaz, este concebeu um plano rectangular cuja expressão anodyna revoltou a Commissão da cidade; esta persuadiu então amigavelmente o proprietario a procurar um architecto qualificado o qual conseguiu, sem o menor falseamento do estylo e com as mais simples formas, compôr um conjuncto que se harmonisa perfeitamente com o ambiente archeologico e o caracter nacional do quarteirão.

A associação franceza organisa por sua vez a Exposição dá Cidade Reconstituída, com um programma de esthetica e hygiene que abrange a restauração das cidades e aldeias destruidas, planos geraes das casas de habitação e edificios publicos, construcções ruraes e industriaes, materiaes de construção, processos e legislação. O programma abrange varios grupos, mas especialmente se orienta segundo o respeito absoluto dos estylos regionaes, conservação dos monumentos historicos e dos sitios particularmente bellos. De Julho a Agosto de 1916 inaugurou-se o Concurso das Aldeias, que principiou por levantar protestos do sentimento regional, por causa dos projectos em que eram propostas construcções uniformes, geometricas, economicas; eram, com effeito, resoluções mathematicas perfectas, mas contrarias ao espirito da tradição regional. Novo concurso se estabelece com melhor successo, em que a orientação é completamente tradicionalista. A este respeito diz o sr. A. Agache, illustre architecto-urbanista: "a physionomia dos agglomerados ruraes da nossa velha França é diversa, e convém que, mesmo restaurados, resuscitados, elles evoquem, senão as lembranças dum passado destruido, pelos menos o encanto do torrão natal, que se exterioriza no aspecto e na disposição das habitações."

Foi organizada uma bella serie de conferencias pelos mais distinctos engenheiros, architectos, hygienistas, e economistas da França. Alguns topicos duma conferencia do sr. Joseph Reinach sobre a *aldeia reconstruida* servir-me-hão para pôr o problêma do tradicionalismo na sua exacta equação. Surprehendo ahi a citação dum critico allemão propondo que a restauração das povoações belgas e francezas das regiões conquistadas, seja confiada a architectos do Rheno ou do Sul da Allemanha, que conhecem e sentem melhor as necessidades dos seus vizinhos do Oeste, de preferencia aos architectos da Allemanha do Norte.

Os proprios allemães mantêm, neste particular, o criterio regionalista, e não pretendem fazer na França ou na Belgica *arte allemã*, nem adapta-la ás condições do meio regional; não desejam mesmo empregar o modern-style, tão sympathico aos imperios centraes, extravagante criação da modernidade, destinada a desapparecer, felizmente, em presença da corrente tradicionalista, que é a verdade na arte, contra a mentira de todos esses caprichos de exotismo ou nevropathia artistica.

Todavia, nem um, nem outro excesso; e não deve reduzir-se tambem o regionalismo a um dogma absoluto, tyrannizando a liberdade que é a condição vital da Arte: orientação geral, criterio e methodo tradicionalista, mas, livre expansão do espirito creador do homem, apenas adstricto á terra e á alma nacional, que são os motivos naturaes de inspiração em toda a arte representativa da ideia de Patria e do ideal do Bello.

Architectura tradicional, não quér dizer, portanto, reproducção litteral de coisas tradicionaes, de fosseis archeologicos, de casas de taipa ou pau-a-pique, de egrejinhas de adôbo, de velhas ruelas entre tugurios de 3 braças craveiras, com porta e gelosia, ou de sorumbaticos sobrados dos centros urbanos d'antanho, sem hygiene e sem apparencia esthetica.

Arte tradicional é a estylisação das formas artisticas anteriores que integram em determinado tempo o meio local, o character moral dum povo, o cunho da sua civilização; é o producto duma evolução rythmica de cyclos successivos de arte e estylos; é uma expressão collectiva, ex-

tranha á vontade individual, do pleno dominio do sentimento, determinada em povos de tradição definida, nos quaes o sentimento esthetico é estavel como o sentimento da nacionalidade e a ideia da patria.

Dentro do determinismo da sua criação e desenvolvimento, a architectura tradicional será uma realidade no Brasil-republica, se fôr integro o organismo nacional, como um crystal diamantino, cujas multiplas facetas de irrisados reflexos são as infinitas modalidades da sua brilhante civilisação.

Tomem os mais diversos estylos ou modelos para a architectura no Brasil, se assim o quizer a phantasia dos seus artistas; mas se, em vez de os copiar, procurárem imita-los apenas, adaptando-os ao meio physico e social, ao caracter tradicional do povo, terão praticado, de qualquer forma, *Arte Tradicional*.

Um movimento de concentração nacional se vae manifestando no povo brasileiro, guiado por um dos seus maiores poetas, heroe de uma nova cruzada, contra a decomposição da nação brasileira, pela crystallisação da patria no meio tradicional da nacionalidade. Se esta some-nos palestra valer um voto mais, junto aos votos de todos os brasileiros, neste seu culto perante o altar da patria, te-rei a satisfação de não vêr desperdiçada esta lição e a bondade com que a haveis escutado.

RICARDO SEVERO.

---

## POESIA

---

*Ao moço de alma e rosto resplendentes,  
disse o velho filósofo benigno  
com serenas palavras experientes:*

*"Tu vais amar (como do amor é digno  
teu bravo e ingénio coração!)... tu amas,  
tu amas já! Vejo o divino Signo*

*na frente arder-te com vermelhas chammas,  
e assediar tua existênciã inteira  
de sortilegios e infrangíveis traças.*

*Sentes, surprêso, pela vez primeira,  
uma alegria lânguida e maguada,  
uma ancia timorata e aventureira.*

*Passas o dia em vão, sem fazer nada,  
numa preguiça longa e peregrina;  
e a noite toda em claro, alvoroçada.*

*Se por pouco adormeces, repentina,  
uma forma se acêrca do teu leito,  
alva, esbelta, flexuosa; e te fascina.*

*Suas nitentes mãos tocam-te o peito,  
e sentes — com que espasmo doce e agudo! —  
em pura lava o coração desfeito...*

*Já desde a aurora, pensativo é mudo,  
a incomparavel impressão regosas;  
outro anhelô não tens, nem outro estudo.*

*Sabes onde ela mora; entre altas rosas  
e verdes heras fieis branqueja o ninho  
em que ela aquieta as azas luminosas.*

*Mas só de longe, do áspero caminho,  
ousas espiar-lhe a habitação singela,  
como um mendigo pávido e mesquinho.*

*Oh! se a entrevês a um canto da janella...  
se a cortina soergue... oh! se um sorriso  
nimba de sol a fronte lisa e bela!*

*Chegar-lhe ao pé, falar-lhe, e, de improvisô,  
ter o contacto d'esse corpo augusto,  
porta carnal e ideal do paraíso!*

*Só de o pensar, te empolga um frio, um susto!...  
E tremes, como treme e se agonía  
nas mãos do vento forte um leve arbusto.*

*— Não quero! — clamas — não resistiria  
a tal procêla de felicidade! —  
Resistirás! resistirás!... Um dia,*

*o perpetuo aguilhão da Humanidade,  
o omnipotente e universal desejo,  
que os corpos urge e as mentes persuade,*

*vos unirá, numa nudez sem pejo,  
no triunfal impudor com que o destino  
os sangües mescla e faz fecundo o beijo!*

*E num vórtice ardente e purpurino,  
embriagados de jubilo, de glória,  
e delirantes de furor divino,*

*voareis com grandes gritos de vitória,  
gemea constelação no alto traçando,  
bem no alto, a livre e ousada trajetória!*

*A terra para baixo irá ficando...  
a terra com seus liames e preceitos,  
em que o vulgo se enreda trepidando,*

*mas vãos e inúteis para vós, Eleitos,  
unicos! para vós, donos da Vida,  
ignaros de deveres e direitos!*

*Quanto, na excelsa altura desmedida,  
perdurareis? ser-vos-á dada a sorte  
rara de ali ficar, sem mais descida?*

*ou das traições a livida coorte,  
a saciedade, o tédio, o esquecimento,  
vos irão dividindo antes da morte?...*

*Outorgasse-te embora um só momento  
o Amor, e houvessem de o pagar cem annos  
de fundo, amargo e esteril sofrimento,*

*ah! venerando os seus fatais arcanos,  
abençoa-o devêras... na miséria,  
na saudade... e nessa hora em que os profanos*

*pensamentos nos deixam, e a funerea  
treva nos cerca, erguer-lhe um transbordante  
hino — adeus da alma aos laços da matéria:*

*Amor! Senhor! Consolador possante,  
por quem o mundo não é todo inferno!  
Por obra tua, ao menos um instante,*

*mortal não fui, mas infinito e eterno!*

(Do livro *Vida e Sonho*)

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.



## CARAVANA DA GLORIA

I

## DIES IRAE

*Ao fragor do trovão e ao tragico regougo  
Do vento a despertar a colera do oceano,  
O Espaço é uma explosão das forjas de Vulcano,  
Azorragando a Terra a lategos de fogo!*

*E a grande ré, debalde erguendo o ultimo rogo,  
Ao Céu, que a estigmatiza, assim, como um tyranno,  
Aceende os seus vulcões e, num raivar insano,  
Chammeja contra o Céu, em largo desafogo!*

*E espedaça-se... Então, extineta a extranha guerra,  
Sobre as ruínas, pompeando entre arrebóes venustos,  
—Genio da gloria— a aurora o seu clarão deseerra.*

*E sobem, no esplendor dos Cesares e Augustos,  
Em marcha para o Sol, como trophéos da Terra,  
Os poetas, os heróes, os martyres e os justos.*

II

## O POETA

*Ninguem saiba quem sou. Quero viver sepulto  
Na minha solidão grandiloqua de asceta,  
Preferindo aos clarões do mundo a luz seereta,  
Que aclara, quando é sonho, e abraza, quando é culto.*

*Imite eu pela vida o perpassar de um vulto  
Envólto no pudôr de uma visão discreta.  
Mas, que surja, por fim, transfigurado em poeta,  
Da crysallida azul em que o meu ser occulto.*

*E, atravez da effusão fecundante do dia,  
Suba ao páramo infindo, onde os sóes não se somem,  
No equilibrio genial da suprema harmonia.*

*E paire, no esplendor que as eras não consomem,  
Provando, pela gloria extranha da poesia,  
Como pôde caber um deus dentro de um homem!*

## III

## O HEROE

*Loura illusão do Sol palpita-me no peito.  
Minha viseira é a aurora e o sonho—o meu eseuo.  
Paladino do ideal, jámais me desilludo  
No aneeio de plasmar em mim o homem perfeito.*

*Sinto pela visão todo o horizonte estreito.  
Tenho azas: sou eondor, de surto ardente e mudo.  
Ou na defeza da honra, ou no esforço do estudo,  
Crystalliso o meu sêr ao saerificio affeito.*

*Tem-me a vida a expressão de um biblico martyro,  
Purificando em mim a substaneia ineorporea,  
Tal no aroma se apura a alma virgem de um lyrio.*

*E, na morte, ébrio, emfim, do vinho da victoria,  
Transverbera o meu corpo o clarão de um delirio,  
Dissolvendo-se em luz, ao beijo aureo da gloria!*

## V

## O MARTYR

*Sinto a eondemnação do lazaro proscripto!  
Mas, nesta evolução em que a magua me eleva,  
A raiz do meu sêr, aprofundada em treva,  
Florescerá, por fim, como astro, no Infinito!*

*De quebrada em quebrada, o echo vibra o meu grito,  
Que a todos os demais da vida sobreleva,  
Por ser o paroxysmo atroz do grito de Eva,  
Exacerbando a dôr do peecado bemdito!*

*Sim, porque eu não maldigo o destino feeundo,  
Que me irmana a Jesus e, appondo-me a eorôa  
De espinhos, só me elege entre os mortaes, no mundo!*

*Proclamam-me infeliz e a sorte me é tão bôa!  
Ninguem sabe, como eu, que os ais vindos do fundo  
São azas pelas quaes da Terra ao Céu se vôa...*

V  
O JUSTO

*Doce como Jesus; como Jesus violento  
Na persuasão do bem, imito — evangelista —  
Lucas, Marcos, Matheus e João, na ardua conquista  
De eternizar no mundo o austero ensinamento.*

*Entre martyr e heróe, recalco o soffrimento:  
Minha consciencia vê, cerrando a minha vista,  
Para que o coraçào — só museulo! — resista  
A' alheia dôr, que, humana, eu proprio experimento!*

*Desmaio, sempre que erro, infiel á investidura  
De juiz—laureis na dextra e na sinistra açoite—  
Sinistra, que acha o mal; dextra que o bem procura!*

*Mas, dado que ao perdão—sonho da lei—me afoite,  
Desmaio como o Sol, que, pallido, se apura  
No luar — a redempção seraphica da noite!*

LUIZ CARLOS.

S. Paulo, 1916.

---

## A REVOLUÇÃO DE 1817

---

(Conferencia realisada a 19 de Março na Parahyba)

A revolução de 1817, cujo primeiro centenario o Brasil inteiro está celebrando numa convergencia de sentimentos, de saudade, de affeição e de admiração pelos precusores da independencia e martyres da liberdade — convergencia que representa o melhor augurio para esta nossa união, que é a condição da nossa grandeza — constitue um acontecimento historico da maior relevancia.

Seu alcance só agora vai sendo exactamente medido.

Seu lado tragico ha muito tocára nossos corações: magoara-os, ferira-os profundamente, fizera-os pulsar apressadamente de horror e sangrar de dôr no proprio dia das execuções inuteis e crueis com que a metropole pensára amparar um dominio que cambaleava.

Sua feição idealista estava conforme ao movimento geral de emancipação americana, que partira dos Estados Unidos e varrera todo o continente, após tocar em França e ahi adquirir a força e a velocidade de um furacão revolucionario.

O aspecto propriamente brasileiro é que tem sido justamente o menos considerado, a saber, o que aquella revolução exprime quando localmente examinada. Ella traduz a vitalidade do principio particularista através das vicissitudes da nossa historia, espirito que se manifesta politicamente pelo federalismo. Nossas antigas capitancias têm todas el-

las sua historia propria e suas tradições peculiares, quando mesmo, como a Parahyba, haja nascido d'outra e continuado por longo tempo a receber o impulso de um certo populoso visinho.

Senão a idéa, pelo menos a acção da independencia lhe proveiu mais tarde de Pernambuco, desse centro de educação religiosa e civica que foi o seminario de Olinda nos ultimos tempos da época colonial; mas a separação, isto é, a autonomia operou ahi por um processo distincto, que dá um character seu á revolução parabybana, a qual teve um inicio e um desenlace á parte e contou igualmente e em numero avultado seus martyres. A evolução deste movimento, embora resultante do outro, foi uma evolução completa e que a elle só pertence.

Eu penso que a republica fundada no Recife a 6 de março de 1817 assumiria fatalmente a fórma federativa sob pena de sossobrar. Unidas, as capitánias rebeldes poderiam vir a formar um bloco respeitavel, outras ainda se juntando ás primitivas; desaggregadas, não passariam jámais de pequenos estados como os da America Central, cahindo cedo em luctas á que se não póde dar bem o nome de internacionais, pois sempre parecem intestinas. Isto bem entendido, no caso da principal dellas ter podido levar vantagem a uma metropole que dispunha de recursos muito superiores, entre elles o senhorio do mar, para contrastar os quaes não seriam demais todos os recursos da colonia, já elevada a reino unido.

A republica discerniu bem o escolho dessa fragmentação de forças, pois que o padre João Ribeiro, um dos melhores cerebros do novo regimen, já fizera um appello de solidariedade futura, na phase pacifica e constructiva, ao governo provisório da Parahyba, assim como tambem enxergou outro escolho na supremacia militar, a saber, numa continua dictadura a breve trecho sanguinolenta, quando não grotesca pela sua empafia desproporcionada ao seu valor.

Tratou ella de evitar este ultimo escolho, tanto em Pernambuco como na Parahyba, por meio das suas juntas civis e militares a um tempo, a pernambucana representativa das classes sociaes — o clero, a magistratura, a agricultura, a defesa publica e o commercio. O que se seguiria porém a um triumpho das tropas revolucionarias sobre as tropas

realistas? Quem poderia resistir á pressão da popularidade de um general victorioso, de um salvador da patria em perigo? Se os salvadores são tão poderosos na paz, pela idolatria que suscitam, quanto o não serão na guerra ao colhe-rem louros de verdade?

O elemento civil estaria, entretanto, a braços com uma difficuldade gravissima que não pode ser sanada no primeiro momento, porque o levante não fôra bastante efficaz ou, por outra, bastante radical para permittir tão amplas medidas — a da escravidão, que o Imperio tampouco pode resolver num sentido definitivo e que a propria Constituinte tão liberal, tão adeantada, tão democratica, teria, quando houvesse levado a cabo sua obra, deixado sem solução, apesar dos sentimentos abolicionistas de José Bonifacio.

A nossa lei organica não se preocupava com o assumpto e a Constituinte annunciada, se delle viesse a occupar-se, seria certamente para o tratar com palliativos. Como convencer os capitães-móres de 1817, aquelles de quem dizia o jurista José Luiz de Mendonça que nem em 40 annos aprenderiam o real sentido da palavra Liberdade, de que o asucar se podia fabricar sem trabalho escravo, quando, educados em principios inglezes, os plantadores da Virginia, das Carolinas e da Georgia proclamavam que a Biblia justificava a servidão do negro?

No Brasil havia porém o que não havia nos Estados Unidos — mulatos gosando de consideração social, como era Cruz Cabugá, mandado de plenipotenciario, como era o poeta Natividade Saldanha, que foi o secretario da junta rebelde de 1824. Estes pardos eram o exemplo vivo de que a gente de côr podia aspirar no nosso meio a posições de destaque; mas extendia-se por ventura nelles o altruismo com elles usado até pretenderem fazer bandeira de combate da redempção da sua raça?

Em todo o caso, pelos depoimentos que nos ficaram, negativos sobre a materia, se sabe que se nos campos, melhor dito, nas senzalas foi escassissima a agitação provocada pela mudança do regimen, na cidade negros e mestiços tomaram-se; como é natural, de vaidade, e arrotaram mais importancia do que agradava aos brancos, que então se lembraram de que o eram. Foi esta uma circumstancia que da-

ria também que pensar aos dirigentes e os levaria a conceder a preferencia a uma terminação gradual e ordeira do captivo, em vez de se decidirem a introduzir de sopetão na communitade um affluxo semelhante de elementos boçaes, arrancados num bello dia á sua miseravel dependencia para participarem na administração.

O chamado periodo de reconstrucção nos Estados Unidos foi um triste exemplo desta combinação feita sem precauções, e o proprio Norte reconheceu que para haver paz e progresso naquella sociedade, era preciso deixar as cousas como estavam — os antigos senhores governando, e os antigos escravos aprendendo a soletrar a liberdade antes de a decorarem. Apenas no Brasil a transformação ter-se-ia feito com mais benevolencia, com mais sympathia, porquanto estava isso nas idéas e nos sentimentos de uma nação onde neste ponto impera uma concepção mais verdadeira de egualdade

O problema da emancipação não foi portanto alheio em absoluto ás cogitações dos dirigentes do movimento: apenas estavam persuadidos de que adviria mal de precipitar-se o desfecho. Não é licito portanto asseverar que houvesse podido a republica, isto é, a pequena minoria que a comprehendia, a proclamou e a sustentou com o ardor dos seus idéaes, ter tido as cousas á sua inteira feição, a emancipação do elemento servil haveria sido immediata, embora com as consequencias talvez nefastas que adviriam dessa medida extrema. José Luiz de Mendonça definiu com muito criterio o salto repentino da escravidão para a liberdade como um salto mortal, e elle foi o Castellar da revolução, o homem de palavra arrebatadora, fascinado pelos novos principios, mas sentindo-se á ultima hora peiado pelas responsabilidades do governo. Os direitos do homem eram o evangelho politico do seculo XVIII, do seculo da Encyclopedia e da Revolução, mas já tinham sido accomodados na America por Jefferson, que era sulista e plantador, *á la sauce noire*.

O nosso sentimento latino de egualdade, que é mais vivo e comprehensivo que o de outras raças, levaria Bolivar, abolicionista convicto e ardoroso, a dizer que a egualdade legal é indispensavel onde existe a desigualdade physica,



para corrigir de certo modo a injustiça da natureza: o libertador no entanto não conseguiu elle proprio ultimar a reforma que Monagas faria prevalecer só trinta annos depois. Bolivar, comtudo, dispoz em algumas occasiões a seu talante dos destinos da Grande Colombia que fundou, situação bem differente da junta pernambucana de 1817, tendo contra si o commercio nas mãos dos portuguezes, desconfiada das milicias e mesmo das tropas de linha, e carecendo do apoio da lavoura arredada de toda idéa de alforria de escravos. Já não foi pequena coragem moral confessar a junta em documento publico que abominava a instituição servil e que almejava por vel-a desaparecer. Tal desassombro só volveu a manifestar-se entre nós muito mais tarde, quando a incompatibilidade já era absoluta entre a instituição nefanda e o sentimento publico.

A tolerancia religiosa, que foi tambem uma das grandes conquistas espirituaes da philosophia orientada pelo livre exame, antes que ella propria cahisse num sectarismo ainda mais feroz que o religioso, os homens de 1817 a perfilharam, pois que se acha ella inserta na Lei Organica; e mais ampla a teriam concedido, isto é, sem discriminação nem preferencía, se não fosse a contetmplação devida ao exclusivo sentimento catholico da maioria da população acostumada a enxergar nos dissidentes da sua fé herejes a exterminar. Aquelles doutrinarios tinham porém o sangue frio de homens de governo e mediam até onde podiam e deviam ir. Ao vel-os com a mão no leme, já não surprehende que a Constituinte de 1823 tivesse dado o spectaculo que deu: o de uma reunião de homens capazes de abalançar-se e realizar a organização completa de um paiz chamado a reger seus destinos.

A sociedade colonial brasileira, a do seculo XVIII pelo menos, não podia ter sido a sociedade atrazada e dominada pelo obscurantismo em que no geral se acredita. Auto-didacta como era, na grande maioria dos que sabiam, estava á altura de qualquer outra da America e de quasi todas da Europa. Apenas, como acontecia com a sociedade russa com que conviyam Diderot e Ribeiro Sanches, achava-se muito longe, espiritualmente, das camadas inferiores: faltava-lhe por alicerce um povo. Este povo, o governo da



metropole não podia ter pensado em preparal-o conscio dos seus deveres civicos.

Seria essa a tarefa da nação independente no seu elemento mais culto, mas não póde infelizmente dizer-se que foi cumprida. Por uma serie de razões, physiologicas umas, sociologicas outras, semelhante tarefa acha-se ainda muito atrazada, do que entretanto não advem culpa aos revolucionarios alçados ao som magico das palavras — Liberdade e Democracia, — e que mal tiveram tempo para as proferir antes a brutal reacção que tão pesada e sinistra mão descansou sobre esses *illudidos* como os chamava Luiz do Rêgo — illudidos por uma chimera gerada na sua propria, generosa fantasia.

Na cadeia da Bahia os revolucionarios de 1817, que alli foram amontoados em condições de sordidez de que nos ficou amplo testemunho, portara-se modelar e admiravelmente. Naquella enxovia reviveu o carcere dos giron-dinos; a chamma da intelligencia aguçada pelo soffrimento, alli despediu um outro clarão immorredouro. A idéa principal desses presos foi a de educarem ainda melhor seus espiritos para melhor servirem á liberdade. Dalli sahiram professores, administradores e homens de Estado que ajudaram a formar o nosso Brasil, dando á sua monarchia, que de outro modo poderia cahir na orbita do systema europeu, de intolerancia e autocracia, caracteristico da Santa Alliança, o cunho americano da tolerancia e da democracia.

Já no discurso que, reunidos, dirigiram os procuradores geraes das provincias do Brasil ao Principe Regente D. Pedro, delle requerendo a convocação de uma Assembléa Constituinte, se declarava: "O systema europeu não póde pela eterna razão das cousas ser o systema americano; e sempre que o tentarem será um estado de coacção e violencia, que necessariamente produzirá uma reacção terrivel!"

Que é que vibra nessas palavras senão o espirito da nossa revolução de 1817, engendrada e tramada nas lojas maçonicas do Novo Mundo? Essa contraposição do espirito americano ao espirito europeu encontra-se, mais de seis annos ántes de formulada a doutrina de Monroe, nos

appellos endereçados ao governo de Washington pelo plenipotenciario da republica pernambucana, appellos em que pulsa o idéal de pan-americanismo, ao qual os Estados Unidos não julgavam ainda então que devessem corresponder no sentimento de fraternidade em que eram concebidos.

Por uma ironia das muitas que a historia encerra, um dos ministros do Principe Regente D. Pedro que ouviram pronunciar a representação dos procuradores do reino brasileiro, e que se sentava no conselho ao lado de José Bonifacio, era Caetano Pinto, o capitão general de Pernambuco que a sedição depoz e embarcou com a brandura e pode mesmo dizer-se a consideração devida ás suas excellentes qualidades de particular e á probidade e equidade com que desempenhou suas funções publicas, sendo no exercicio dellas apenas accusado — accusação que tanto o honra — de respeitador em demasia escrupuloso das formulas e formalidades legaes.

No decorrer da devassa encontrei relatado um episodio que me deu o porque dessa como que vacillação no perseguir e condemnar, que distinguio a ultima phase do governo de Caetano Pinto. Um pobre preto da então comarca das Alagôas fôra sentenciado e executado por um crime que se verificou depois não haver sido por elle commettido. Os erros judiciarios não datam de Dreyfus. Caetano Pinto ficou sob essa impressão que tomava no seu espirito a fórma de um remorso, e desde então contemporizou o mais que pode ao tratar-se de penalidades. Pode-se ser um capitão general da epoca colonial, com os poderes tão discrecionarios, e ter-se a consciencia sensivel, e nutrir-se o respeito da vida humana, que a nossa civilisação tão apurada, tão requintada, parece haver por completo, abolido.

A revolução neste ponto não abriu solução de continuidade, antes proseguio na tradição que lhe legára o governador contra quem estalára a revolta, dando todavia a essa tradição a largueza de um principio politico e a consciencia de uma disposição constitucional. — O Padre João Ribeiro escrevia para aqui que o governo, a saber, o executivo não devia assumir em si o poder judicial, o

que seria uma verdadeira tyrannia. De facto, a Lei Organica elaborada para reger temporariamente a sociedade em transição, que tanto podia sossobrar no parcel do despotismo como no baixo da anarchia, determinava a liberdade de acção da justiça e a inamovibilidade da magistratura.

A Lei Organica foi elaborada para Pernambuco: a Parahyba formava outra comunidade. Suas disposições basicas tornar-se-hiam porém extensivas á confederação em projecto, pois que se planeava um congresso geral e se ideava uma Constituição commum. Nem creio que o vosso amor proprio se melindre com o dizer-se que, composta muito embora de elementos privativos da capitania, a revolução parahybana foi um reflexo da revolução pernambucana. Sem esta, aquell'outra não teria vingado, nem teria sequer, rebentado. O impulso veiu de lá e operou aqui sobre elementos de natureza identica — o que havia de mais genuinamente, de superiormente nacional. Dos cinco martyres justificados com dispensavel creueza, um, o padre Antonio Pereira de Albuquerque, era sacerdote e filho de senhor de engenho, dous, Amaro Gomes Coutinho e Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, eram agricultores, o primeiro tambem coronel de milicias; dous finalmente, Francisco José da Silveira e José Peregrino Xavier de Carvalho eram militares. Parahybanos todos, ou de muito perto da Parahyba, excepção feita de Silveira, que era mineiro, e que fôra em 1813 mandado servir nesta capitania, onde, por occâsão da revolução, formava, com o ouvidor e o vereador mais velho, a junta interina na ausencia de um governador: dir-se-ia que a sua vinda tinha obedecido a uma mysteriosa instigação no intuito de associar o movimento de libertação politica do Norte do Brasil com o movimento latente no sul desde a conspiração de Villa Rica, fundir num só o anelo de José Peregrino e o sonho do Tiradentes.

Os agricultores, que foram parte importante destes successos dramaticos que nobilitam a historia de uma nacionalidade, agiram mais por suggestão do que por iniciativa: o que nelles palpitava intensamente era sobretudo o nativismo — podemos já dizer o nacionalismo —

sua educação limitada não podendo guindar-se até os raciocínios philosophicos. Os padres porém foram mais ainda do que os militares, a mentalidade dirigente de um movimento revolucionario que foi perfeito na sua manifestação, e que teve em si duas grandes distincções que são outras tantas glorias: o ter sido consciente e o ter sido honrado.

Os que o instigaram sabiam bem o que queriam, aquillo a que visavam e tambem aquillo a que se expunham, isto é, o martyrio; mas nem por isso recuaram, nem hesitaram, e seu desinteresse foi tamanho que o juiz da alçada, interrogando a Muniz Tavares na Bahia, admitiu que realmente não constava que o governo rebelde tivesse provido em beneficio ecclesiastico ou civil clerigo algum partidario da revolução.

E que partidarios! Partidarios que a prepararam, que a modelaram, que a defenderam com a palavra, com a penna e com o sangue, e que por ella supportaram o patibulo, a enxovia e a miseria. Varios dentre elles sahiram do carcere poetas como para lá tinham entrado: não obstante os grilhões dedilhavam a lyra, uns carpindo elogios, outros perpetrando dithirambos, todos deixando-se inspirar pelos themas do amor e da liberdade. E' esta associação de ternura e de exaltação, de carinho familiar e de paixão politica, que dá ao seu lyrismo um tom inconfundivel, como o que nelle se revela, a um tempo de melancolia e de confiança.

Padres politicos participaram tambem desses accentos humanos, confundindo-se com as demais victimas e não perdendo com isso seu destaque intellectual. O clero brasileiro, se não contasse já no seu activo tudo quanto contava, desde a primeira entrada dos Jesuitas a pastorearem e a aldearem o gentio, que os colonos queriam resgatar escravizando-o, ficaria perennemente benemerito graças á sua attitude nesse movimento de larga envergadura, no qual é mister não empregar sómente os traços locais, a feição particular, mas a visão mais ampla, o sentido mais profundo, a asseveração da independencia nacional, que esteve assim para fazer-se no Recife, em vez de fazer-se no Ypiranga.

Que digo, para fazer-se? que se fez aqui, em Pernambuco e na Parahyba, porque Dom Pedro I e José Bonifácio, quando se abalçaram á sua empresa de reparação do Reino Unido, contavam sobretudo, apoiavam-se mais que tudo no sentimento brasileiro de autonomia que pouco antes se tinham visto surgir tão impavido e tão digno, tão soffredor e tão heroico nestas nossas terras nortistas.

O Imperio offereceu, é verdade, a esse sentimento o que um regimen republicano lhe não poderia offerecer: um centro simultaneamente de convergencia e de irradiação, de que tanto se carecia que o proprio movimento de 1817, particularista como estava sendo, precisava, no entender do padre João Ribeiro, o cerebro mais constructor desta revolução, de corrigir semelhante aspecto, o qual resultaria dispersivo. Este é aliás, através das considerações criticas que ella comporta e que abonam o seu comprehensivo golpe de vista politico e sua criteriosa analyse dos phenomenos sociaes, o *leit motiv* da carta escripta por aquelle sacerdote illustre, nutrido de sã economia e de philosophia renovadora, na qual aconselha menos pressa nas reformas e mais uniformidade na legislação das duas comunidades, que juntas tinham sacudido uma tutela estreita e suspicaz que extendia além da sua maioridade e juntas deviam tratar de fundar os alicerces do regimen independente.

Para isto viria um delegado de Pernambuco representar o pensamento da junta desse Estado no seio da junta parahybana e aventava-se desde logo a idéa da erecção de uma capital federal, distincta das capitães provincias, para que a preferencia por uma destas não desper-tasse ciumes.

Já em si, pelo seu character antes civil, era a junta, aqui ou lá, um anteparo contra qualquer ameaça de governo militar que pudesse pretender desvirtuar a significação moral do movimento, todo elle de libertação, e substituir o despotismo da lei pelo despotismo da caserna. Mau grado porém todas essas ancoras democraticas lançadas para segurar a náu do Estado no mar revoltado em que ella navegava, a reacção trouxe a breve trecho uma calmaria peor do que a tempestade. Para ser a bonança, faltava-lhe



o arco-iris da bandeira, symbolo da concordia offerecida aos adversarios. Era a paz de Varsovia, barbara e des caroavel.

Na Parahyba o despecho foi mais rapido ainda do que em Pernambuco, porque tendo o movimento muito de reflexo, producto como era de suggestão intellectual além do impulso natural á sociedade que abandona a menoridade, o impulso contrario logrou operar de dentro mais espontaneamente, com todo o poder dos habitos e com todo o vigor das tradições.

O espirito europeu transplantára-se para a America com os que a vieram colonizar e que comsigo trouxeram suas idéas e seus prejuizos. No Novo Mundo foi a mentalidade emigrada passando por uma transformação continnua, gerando novos pensamentos, adaptando-se a novas formas, adquirindo porventura novos preceitos no lugar dos antigos, de maneira a abrir-se uma distancia marcada entre a primitiva intellectualidade e a intellectualidade que se crystallisou sob o céu americano — um céu tão fulgurante e tão fascinador que o pedaço que sobre nossas cabeças desdobra suas galas, inspirou ao maior compositor brasileiro uma das suas arias mais formosas.

Na America o espirito europeu adquiriu ao par de mais flexibilidade, que o tornou mais agil, uma dose maior de sympathia humana, que se revela entre outros traços por uma aversão mais pronunciada ás soluções violentas entre nações, contrastando aliás singularmente com uma inclinação revolucionaria na esphera domestica dos Estados, que o tempo e a educação vão felizmente amortecendo.

A conflagração actual fornece uma prova indirecta dessa divergencia. Os que desejariam ver o nosso paiz envolver-se numa lucta que lhe não diz respeito, mesmo porque as ambições e as cobiças que a determinaram são extranhas á sua evolução e aos seus interesses, representam talvez inconscientemente o espirito europeu de guerra e de conquista, numa modalidade atavica: os que, protestando muito embora contra toda e qualquer solução do direito das gentes, venha ella donde vier, preferem ver nosso continente reservar seu esforço para o restabelecimento da harmonia no mundo e para nossa maior autonomia das

Que digo, para fazer-se? que se fez aqui, em Pernambuco e na Parahyba, porque Dom Pedro I e José Bonifácio, quando se abalançaram á sua empresa de reparação do Reino Unido, contavam sobretudo, apoiavam-se mais que tudo no sentimento brasileiro de autonomia que pouco antes se tinham visto surgir tão impavido e tão digno, tão soffredor e tão heroico nestas nossas terras nortistas.

O Imperio offereceu, é verdade, a esse sentimento o que um regimen republicano lhe não poderia offerecer: um centro simultaneamente de convergencia e de irradiação, de que tanto se carecia que o proprio movimento de 1817, particularista como estava sendo, precisava, no entender do padre João Ribeiro, o cerebro mais constructor desta revolução, de corrigir semelhante aspecto, o qual resultaria dispersivo. Este é aliás, através das considerações criticas que ella comporta e que abonam o seu comprehensivo golpe de vista politico e sua criteriosa analyse dos phenomenos sociaes, o *leit motiv* da carta escripta por aquelle sacerdote illustre, nutrido de sã economia e de philosophia renovadora, na qual aconselha menos pressa nas reformas e mais uniformidade na legislação das duas comunidades, que juntas tinham sacudido uma tutela estreita e suspicaz que extendia além da sua maioridade e juntas deviam tratar de fundar os alicerces do regimen independente.

Para isto viria um delegado de Pernambuco representar o pensamento da junta desse Estado no seio da junta parahybana e aventava-se desde logo a idéa da erecção de uma capital federal, distincta das capitães provinciaes, para que a preferencia por uma destas não desperdasse ciumes.

Já em si, pelo seu character antes civil, era a junta, aqui ou lá, um anteparo contra qualquer ameaça de governo militar que pudesse pretender desvirtuar a significação moral do movimento, todo elle de libertação, e substituir o despotismo da lei pelo despotismo da caserna. Mau grado porém todas essas ancoras democraticas lançadas para segurar a náu do Estado no mar revolto em que ella navegava, a reacção trouxe a breve trecho uma calmaria peor do que a tempestade. Para ser a bonança, faltava-lhe



o arco-iris da bandeira, symbolo da concordia offerecida aos adversarios. Era a paz de Varsovia, barbara e des caroavel.

Na Parahyba o desfecho foi mais rapido ainda do que em Pernambuco, porque tendo o movimento muito de reflexo, producto como era de suggestão intellectual além do impulso natural á sociedade que abandona a menoridade, o impulso contrario logrou operar de dentro mais espontaneamente, com todo o poder dos habitos e com todo o vigor das tradições.

O espirito europeu transplantára-se para a America com os que a vieram colonizar e que comsigo trouxeram suas idéas e seus prejuizos. No Novo Mundo foi a mentalidade emigrada passando por uma transformação continua, gerando novos pensamentos, adaptando-se a novas formas, adquirindo porventura novos preceitos no lugar dos antigos, de maneira a abrir-se uma distancia marcada entre a primitiva intellectualidade e a intellectualidade que se crystallizou sob o céu americano — um céu tão fulgurante e tão fascinador que o pedaço que sobre nossas cabeças desdobra suas galas, inspirou ao maior compositor brasileiro uma das suas arias mais formosas.

Na America o espirito europeu adquiriu ao par de mais flexibilidade, que o tornou mais agil, uma dose maior de sympathia humana, que se revela entre outros traços por uma aversão mais pronunciada ás soluções violentas entre nações, contrastando aliás singularmente com uma inclinação revolucionaria na esphera domestica dos Estados, que o tempo e a educação vão felizmente amortecendo.

A conflagração actual fornece uma prova indirecta dessa divergencia. Os que desejariam ver o nosso paiz envolver-se numa lucta que lhe não diz respeito, mesmo porque as ambições e as cobiças que a determinaram são extranhas á sua evolução e aos seus interesses, representam talvez inconscientemente o espirito europeu de guerra e de conquista, numa modalidade atavica: os que, protestando muito embora contra toda e qualquer solução do direito das gentes, venha ella donde vier, preferem ver nosso continente reservar seu esforço para o restabelecimento da harmonia no mundo e para nossa maior autonomia das

paixões européas e de toda ingerencia alheia na nossa economia, representam o espirito americano de paz e de benevolencia, proprio de um hemispherio que serviu de refugio a sectarios de todas as crenças, a rebellados contra oppressões politicas, a dissidentes de muitas convenções sociaes, e até a malfeitores e criminosos em conflicto aberto com a lei e que neste outro meio mais se conformavam com a bondade e entravam a pratical-a.

A revolução de 1817 foi neste ponto perfeitamente americana. Se se armou e sustentou hostilidades, foi porque precisava defender-se e de resto se defendeu mal. Não aninhavam instinctos bellicosos os que a dirigiram, nem os proprios officiaes, que mais fiavam da propaganda pela educação do que da propaganda pelos combates, que antes aspiravam a convencer do que a dominar, que valerosos muito embora e dispostos a pelear pela causa com que se tinham identificado, prezavam muito mais seus devaneios democraticos do que quaesquer aspirações de supremacia militar.

Domingos Theotônio, aclamado director e repudiando o alvitre de saquear a cidade, trucidar os portuguezes e incendiar-lhes as casas, recorda a figura republicana de Hoche. Elle teria tambem sido um pacificador, nunca um verdugo, se a revolução houvesse triumphado e a comarca das Alagôas se convertesse numa Vendéa. Seria capaz de exclamar como Bolivar, ao pedir ao Congresso Constituinte de 1830 que acceitasse sua renuncia como dictador da Columbia: "Se um homem se tornasse indispensavel para manter o Estado, este Estado não deveria existir e acabaria por não existir". O vosso José Peregrino, peregrino na verdade, esse, pela sua extrema mocidade, pelo seu natural heroismo, pela sua abnegada obediencia á prece paterna, pelo seu desapego ás considerações do interesse, lembra Siegfried, e lembra-o ainda no desaparecimento prematuro, na indifferença com que encarou a morte, os olhos da alma cravados na visão espiritual que tão pouco tempo levaria para concretizar-se.

A Parahyba deve orgulhar-se delle e das outras victimas de um movimento generoso que se não maculou nem com a vingança nem com o roubo nem com o terror, que

foi sob semelhante aspecto mais nobre incomparavelmente do que a Revolução Franceza, a qual espalhou seus principios humanitarios ensopando-os primeiro no sangue mais illustre e mais virtuoso.

Os paizes não medem sua valia moral pelo tamanho, nem pela densidade da sua população. O meu Pernambuco tem nos seus fastos a guerra aos holandezes e a revolução de 1817, gloria pelas quaes eu não trocaria as de outras collectividades mais importantes, e que são tão brilhantes quanto a Reconquista feita aos inglezes e o 25 de maio, que tamanho lustre dão a historia Argentina. A vossa Parahyba participou de uma e de outra: destes á guerra holandezza André Vidal de Negreiros, seu capitão mais esforçado e mais clemente; destes á revolução algumas das suas victimas mais patheticas. E não exgottastes com essas personagens vossa capacidade geradora. Destes ao Brasil, na arte, Pedro Americo, a mais notavel organização de pintor que o Brasil já produziu; destes-lhe, na sciencia, o botanico illustre que foi Arruda Camara, e nos dominios das invenções o padre Francisco João de Azevedo, cujo nome deixou de encher o mundo só porque não teve ao seu alcance os meios de divulgar sua descoberta da machina de escrever.)

Bastaria tal quinhão na marcha de nossa civilização para se avaliar a relevancia do que historicamente vos cabe, para outorgar os fóros de cultura que justamente reivindicades e de que eu, convidado a partilhar dos vossos jubilos civicos e das vossas emoções patrioticas, levarei commigo, hospede agradecido, a impressão profunda e indelevel.

OLIVEIRA LIMA.

---

---

## LIVROS...

---

GILKA DA COSTA MACHADO

— Estados de alma.

A abundancia de livros de poezias que se publicam no Brazil é tamanha que uma bibliografia exata das nossas produções é sempre, mais do que tudo, uma lista de volumes de versos.

Um dos mais recentes é o de D. Gilka Machado: *Estados de Alma*. Sem que seja uma obra notavel, tem caracteristicos interessantes. Tem mesmo um cunho de originalidade, que falta a quazi todos os versos femininos.

A situação das mulheres, quando se dispõem a cantar o amor, é muito mais embaraçoza do que poderia parecer á primeira vista. Os homens tem o direito, não só de aludir ao sentimento amorozo no que nele ha de abstrato, como de decer a minucias descritivas, que nos parecem deliciosas. Mesmo sem chegar, como alguns autores, a percorrer uma por uma as belezas femininas e compôr um poema especial para louvar cada uma, qualquer autor masculino pode aludir a um pormenor qualquer da formozura de mulher, sem que isso cauze extranheza. Que alguém pense num corpo feminino da cabeça aos pés, e, por pouco que tenha manuseado poetas; verá que não ha nada nele que não tenha excitado o entusiasmo deste ou daquele escritor.

Permitir-se-ia ás mulheres fazer o mesmo? Parece que não. Até hoje pelo menos não se tem permitido.

No entanto, si se acredita no que dizem todos os antropologistas o homem é mais bonito que a mulher. Em regra, as proporções no homem entre o tronco, o corpo e os meembros são muito mais justas e harmoniozas. Nada mais natural que seja assim, porque a regra em todo o reino animal é que o sexo feminino seja o mais feio. Citam-se sempre os exemplos familiares, conhecidos de todos, do galo e da galinha, do pavão e da pavôa, do leão e da leôa...

Mas quando os naturalistas fizessem essa prova para todos os seres vivos e sexuados, nada teriam adiantado. Faltar-lhes-ia dizer-nos o que pensa o pavão da pavôa, o galo da galinha, o leão da leôa — e assim por diante. Talvez a esses animais suceda o mesmo que a nós.

Um poeta disse:

“La beauté de la femme est dans les nerfs de l’homme.”

A beleza de todas as femeas ha de assim estar no modo de julgar de todos os machos.

Mas a inversa não é menos verdadeira.

Não ha poetizas entre as galinhas. Si houvesse, talvez algumas cantassem a beleza de Chantecler. Por que então as poetizas da nossa especie não hão de ouzar cantar os homens, que lhes pareçam belos?

Isso, entretanto, não tem sido feito. Ha talvez no fato uma prova do ciume masculino. Parece que um homem não lê nunca com muito prazer um elogio á beleza de outro homem. E, assim, todas as tentativas a esse respeito chegaram sempre a ser um pouco ridiculas.

O interessante é que as mulheres acabaram por aceitar esse ponto de vista, que só se justificava emquanto a literatura era exclusivamente feita pelos homens. A maior parte das poetizas deixou inteiramente de lado os seus amores. Algumas falaram disso, do modo mais abstrato que lhes era possivel, cantando o Amor, — uma especie de amor teorico e impessoal — sem referencia alguma aos homens que elas amavam. Ou, si referencia havia, era tambem a tipos psicologicos: o Ingrato, o Inconstante, o Infiel...

Uma poetiza franceza, de orijem norte-americana, Renée Vivien, tomou uma decizão extranha: a de cantar

o amor com outras mulheres. Si o houvesse realizado em versos mediócrs ou grosseiros, sua tentativa não teria importancia; mas, bem ao contrario, deixou seis volumes de versos, que são de uma doçura, de uma suavidade, de uma meiguice encantadora. Renée Vivien sabia bem o grego antigo e ha nas suas poezias uma mistura deliciosa de inspiração classica e de tecnica moderna do verso. No entanto, sem a menor cerimonia, proclama o direito de amar outras mulheres e faz-lhes versos, que Sapho não desdenharia:

“Sous ta robe, qui glisse en un frôlement d'aile,  
je devine ton corps, — les lys ardents des seins,  
l'or blême de l'aisselle,  
les flancs doux et fleuris, les jambes d'Immortelle,  
le velouté du ventre et la rondeur des reins.”

Em outro ponto ela diz:

“On m'avait condamnée aux laideurs masculines.”

Mas libertando-se dessa condenação, ela conta a outras mulheres qual o seu desejo:

Être tout à la fois des amants et des soeurs.”

A obra extranha de Renée Vivien é uma delicia e uma aberração. Uma delicia, pela pureza encantadora dos versos, uma aberração pela impureza mórbida dos sentimentos. Apenas Baudelaire, o cantor de *Femmes Damnées* a tinha deixado de antemão justificada naquela imprecação celebre:

“Maudit soit à jamais le rêveur inutile,  
qui voulut le premier, dans sa stupidité,  
s'éprenant d'un problème insoluble et stérile  
aux choses de l'amour mêler l'honnêteté.”

Mas ainda banindo “l'honnêteté” das couzas do amor, pode-se não chegar ao ponto de vista de Renée Vivien.

Madame Burnat-Provins não se importou com o “sonhador inútil” que Baudelaire amaldiçoou, mas foi para ouzar cantar os amores simples e normais.

Em toda a literatura franceza, a sua obra tem um caracter á parte. Nenhuma outra se lhe assemelha. Quando o *Livre pour toi* apareceu, foi um escandalo. Ele revelou esta couza incrível: que a beleza do homem é suscetível de ser cantada!

Tantos outros animais haviam acendido a inspiração de varios poetas — os passaros, os gatos, os cães... —, faltava apenas o macho da especie do *homo sapiens* de Linneu...

Madame Burnat-Provins preencheu essa lacuna. Ela escreveu

“Je dirai l'emprise de tes mains longues qui font à ma taille une ceinture frémissante; je dirai ton regard volontaire qui anéantit ma pensée, ta poitrine battante sondée à ma poitrine et tes jambes aussi fermes que le tronc de l'érable, où les menues s'enroulent comme les jets onduleux des houblons.”

E em outro lugar:

“J'ai regardé ton corps debout, simple et altier comme un pilier d'ivoire, ambré comme un rayon de miel.”

E todo o livro é neste tom: um hino pagão, fremente de amor: do amor, em todas as suas manifestações.

O curioso é que muitas vezes as mesmas expressões que nós empregamos falando da beleza feminina nos chocam applicadas á masculina. Um homem pode descrever aquela atitude a que alude Madame Burnat-Provins de estar enroscado a um corpo de mulher. Quantos o tem feito! Mas, si é a mulher que diz exatamente isso, parece a couza brutal, luxuriosa, cínica. Trata-se da evocação da mesma cena: feita por um dos atores, é aceitavel, feita pelo outro, é pelo menos incorreta...

Ha nisso uma certa contradição. Por um lado, nós achamos que uma Renée Vivien, exajera, quando se queixa de ter estado “condenada ás fealdades masculinas”; mas si uma mulher se decide a cantar as belezas masculinas

nas, — isso, que nos devia lizonjear, se nos afigura improprio.

A poetiza dos *Estados de Alma* está lonje das audacias da autora do *Livre pour toi*; mas, em todo cazo, tem a orijinalidade de confessar certas inclinações que em geral as poetizas escondem. Um critico que seguisse as instruções de Hennequin e quizesse indicar quais os sentidos predominantes na obra dessa poetiza, não teria muito trabalho; são exactamente os mais elementares: o tacto, o olfacto e o paladar. E ha pelos seus versos afora, exactamente por essa predominancia das sensações do tacto, uma nota de sensualidade exaltada, que não põe falsos pudôres em confessar-se, em proclamar-se abertamente.

Num gesto de revolta, ella diz:

“Eu quizera viver dentro da Natureza!  
Sufoca-me a estreiteza  
desta vida social, a que me sinto preza.”

E quando em torno della tudo se cala, é o seu organismo que ella sente vibrar:

“Silencio cheio de alaridos,  
silencio de revolta  
dos nossos miseros sentidos  
contra o dever que nos escolta.”

E isso não deve ser apenas uma attitude simulada, porque é impossivel achar na nossa literatura um cazo tão nitido de uma poezia em que predominem aqueles trez sentidos elementares.

Ella só entende o amor como uma fuzão de corpos. Mesmo tratando de outras couzas, a imajem que mais lhe ocorre é a de absorção de um ser por outro ser:

“Parece até que Deus se fluidifica  
em luz e entra-me o ser e enche-o de crença.”

“Amo-te (e neste amor o meu gôzo se apura)  
porque me perco em ti qual numa vastidão,  
porque ao teu lado sinto a vertijem da altura.”

"Ser a atmosfera que respiras,  
 conter-te em mim como numa redoma,  
 entrar-te pelo olfato assim como as espiras  
 invizíveis do aroma."

"Oh! meu prazer!  
 — sentir-te e penetrar-te;  
 — em toda hora, em toda parte,  
 gozar teu ser!  
 ser por ti absorvida,  
 encher com minha vida a tua vida!"

"E, de ti perto, toda a estancia se resume  
 em ter a persuazão de que te evaporizas,  
 em ficar a absorver-te, a gozar-te em perfume."

E, como estes, não faltam exemplos que mostram como a poetiza só compreende que um prazer seja realmente forte, quando ele envolve uma aproximação, uma absorção. E' difficil abuzar mais do que ela do verbo *absorver* e seus derivados: a treva a absorve, suas mãos são absorventes... E tudo para ela tem perfumes.

Isso não é um finjimento literario. O fundo do seu espirito, os alicerces psicologicos do seu pensamento são os trez sentidos elementares.

Um poeta, em que predominam as sensações vizuais, dirá, sentindo um perfume violento, que ele é brilhante, que ele sucita uma impressão forte de vermelho ou de branco. A poetiza dos *Cristais Partidos* e dos *Estados de Alma* inverte essa operação. Si vê uma cor, ela lhe evoca um perfume; si sente um perfume, ele lhe dá uma ideia material, de qualquer couza que a penetra, que a afaça, que lhe corre á flôr da pele. Si se considera que na hierarquia dos sentidos o primeiro é o tacto, o segundo a olfação e os superiores são o ouvido e a vista, ela rebáixa sempre cada sensação á sensação imediatamente inferior. Ouvindo por exemplo um sino, o que lhe parece é que o ar está impregnado de um perfume especial.

Esta psicologia, tão nitida, tão caraterística, dá um tom de sinceridade á sensualidade dos seus versos — porque, mesmo que a sensualidade amoroza seja o produto de

um sentido á parte, como querem certos fisiolojistas, os outros sentidos de que ella não dispensa o concurso são o tato e a olfação.

E ao longo dos *Estados de Alma* de D. Gilka Machado o que ha é o constante apelo áqueles sentidos elementares.

Estes dois sonetos parece que bastariam a fazer a prova dessa affirmação.

"Muitas vezes, a sós, eu me analyso e estudo,  
os meus gostos crimino e busco, em vão, torcel-os;  
é incrível a paixão que me absorve por tudo  
quanto é sedoso, suave ao tacto: a côma... os pellos...

Amo as noutes de luar porque são de velludo,  
delicio-me quando, acaso, sinto, pelos!  
meus frageis membros, sobre o meu corpo desnudo,  
em carclas subttis, rolarem-me os cahellos.

Pela fria estação, que aos mais seres errica,  
andam-me pelo corpo espasmos repetidos,  
ás luvas de camurça, ás boas, á pellica...

O meu tacto se estende a todos os sentidos;  
sou toda languidez, somnolencia, preguiça,  
si me quedo a fitar tapêtes estendidos.

Tudo quanto é macio os meus impetos dôma,  
e flexuosa me torna e me torna fella.  
Amo do peceguelro a pubescente poma,  
porque afagos de vello offerece e propina.

O Intrinsicco sahôr lhe ignoro; si ella assoma,  
no rubôr da sazão, sonho-a doce, divina!  
goso-a pela maciez carclante, de côma,  
e o meu senso em mantel-a. Incólume se obstina.

Toco-a, palpo-a, acarinho o seu carnal contôrno,  
saborelo-a num beijo, evltando um resáhio,  
com um lento olhar te oscúlo o lahio môrno.

E que prazer o meu! que prazer Insensato!  
— pela vista comer-te o pécego do lahio,  
e o pécego comer apenas pelo tacto.

Em alguns pontos essa declaração de que todos os sentidos parecem visar na autora apenas uma aspiração de gozo sensual chega ao extremo. Ela escreve claramente:

"Pelos do luar silencios longos, lentos  
os nossos pensamentos  
são forças genitais que igualmente se dão."

E quando não vai tão lonje, os seus versos se espreguizam molemente, felinamente, como um corpo beijado, que tem arrepios de prazer:

"Teu veneno letal torna-me o corpo langue,  
numa circulação longa, lenta, macia,  
a subir e a descer no curso do meu sangue."

Não ha aliaz para a poetiza dos *Estados de Alma* comparação melhor para os olhares que as de mãos que se estendem, que tomam o corpo amado, ou brutalmente como si o quizessem absorver (o seu verbo preferido), ou ameigando-o, acarinhando-o:

por me fitares,  
eu sinto a todos os instantes  
que os teus olhares  
são como dedos: acariciantes."

"As minhas mãos... não sei si as gozas,  
não sei si as sentes,  
porém, suponho as tuas vaporozas  
e as minhas absorventes."

E mesmo o silencio, si de alguma couza lhe parece povoado, é de sujestões de revolta contra as convenções sociais e de apêlos voluptuosos:

"...o silencio febril dos olhos, quêdos  
em espasmos de amor, — e o silencio das mansas,  
lentas caricias de amorozos dêdos."

Com toda a audacia de escrever serenamente tudo isto, a autora não duvidou cantar a beleza masculina dos câbêlos. Teve, porém, o cuidado de escrever uma dedicatória

conjugal, que está ali como uma advertencia, gritando aos maliciosos: "*Honni soit qui mal y pense!*"

No emtanto, essa cautela é talvez um inconveniente. No caminho do mal e do pecado, perdoam-se mais as exhibições de amores extra-conjugais. Quando alguém encontra um casal, munido de todas as formalidades matrimoniais que lhe legitimam as caricias, beijando-se em publico, o fato parece irritante. Tem-se vontade de perguntar: "Pois não lhes basta a alcôva conjugal?" Com os amantes, sobretudo com os que são obrigados aos amôres defêzoz, ha maior tolerancia...

Mas o mal dos versos da autora dos *Estados de Alma* não é só que os seus versos não se insurjam nem contra o nono mandamento do Decalogo, nem contra o Codigo Civil. E' que eles não são sinceros.

A ter de cantar uma beleza masculina, devia chegar a alguma das audacias da autora do *Livre pour toi* e escolher uma que fosse caraterística.

Os cabelos não estão nesse cazo. Amor e calvicie acomodam-se muito bem nos homens — repelem-se formalmente nas mulheres... De mais, é notorio que a autora esticou, alongou excessivamente os cabêlos que cantava. Aplicou emfim aos masculinos o que só dos femininos se tem dito.

Não faltam em versos, tanto de poetas como de poetizas, aluzões a cabêlos masculinos; trata-se, porém, sempre da caricia das mãos femininas pelas cabeças dos homens amados. Mas o que faz a autora dos *Estados de Alma* é muito mais do que isso:

"Si do torso retroz da tua côma escura  
meu beijo, como um passarinho,  
gorjeando, célere, procura  
o morno e fôfo ninho,  
que cheiro verde meu olfato sentel!  
— cheiro de rezedá que em flores regorjita..."

E o exajêro vem logo apoz:

"Quando pela fadiga molentada,  
sobre o leito me estiro em completo descuido

(talvez loucura minha, uma obsessão talvez),  
 passo a sentir, Querido, o teu cabelo em tudo:  
 na paina da almofada,  
 nas mãos, nos labios, no proprio ar que é fluido,  
 sobre a minha nudez  
 cobrindo-a qual um manto de veludo..."

E por aí adiante vai até o ponto de se sentir enrolada nesses estranhos cabelos masculinos.

Decididamente os homens não são felizes em poesia — pelo menos em poesia amoroza, que é, no fim de contas, a melhor de todas: ou não os cantam ou os cantam mal!

Mas, si em D. Gilka Machado, que é uma poetiza digna de aplauzos, o que predomina é essa nota de sensualidade clamada e proclamada de verso em verso, ha tambem outras, que merecem menção.

Falando ao Mar, ela parece inspirar-se em Baudelaire:

"Mas te amo, ó Mar, porque minh'alma e a tua  
 são bem iguais; ambas profundamente  
 sensíveis e amplas e espelhantes..."

E os versos do autor das *Flores do Mal* cantam na nossa memoria:

"Homme libre, toujours tu chériras la Mer.  
 La Mer est ton miroir: tu y contemples l'âme  
 dans le déroulement infini de la lame  
 et ton âme n'est pas un gouffre moins amer."

Um soneto melancolico e delicioso diz a tristeza das venturas que chegam, quando já a alma, que tanto as desejou, não as pode mais acolher com satisfação. Tarde de mais!

"Sonhei-te tantos annos! tantos annos!  
 eras o meu ideal de amôr e de arte,  
 buscava-te a toda hora e em toda parte,  
 nessa ancia inexplicavel dos insanos.

Emfim, vencida pelos desenganos,  
 como quem nada espera que lhe farte  
 a alma faminta, exausta de sonhar-te,  
 abandonei-me do destino aos damnos.

Surjes-me, agora, em meio da jornada  
 da vida: vens do inferno ou vens da altura?  
 — não sei: mas de ti fujo, apavorada!...

E, em lágrimas, minha alma conjectura:  
 uma felicidade retardada  
 quasi sempre se torna desventura."

Não falta tambem beleza a este admiravel soneto:

Dias em que fremindo os meus nervos estão,  
 em que estranho meu ser passivo e scismarento;  
 dias em que meu corpo é uma palpitação  
 de azas, da natureza ante o deslumbramento!

Num dia, assim, como este, os meus tedios se vão,  
 e ao céu de escampo azul e ao Sol, de ardôr violento,  
 eu só quero sentir a forte vibração  
 da vida, num prazer ou mesmo num tormento.

Saem dos lahios meus as expressões em trovas;  
 quero viver, gosar emoções muito novas,  
 amo quanto me cerca, amo o bem, amo o mal.

E, numa agitação de anceios incontidos,  
 nestes dias de Sol, os meus cinco sentidos  
 são aves ensaiando o vôo para o Ideal.

E afim de citar uma poezia em nota diversa, vale a  
 pena transcrever a que se intitula *Numa rêde*:

"Bem sei porque me sinto creança,  
 quando uma rêde me émbalança!  
 — é que ha na rêde um rythmo igual  
 ao da canção lenta e macia,  
 com que eu, em creança, adormecia  
 no rôfo seio maternal.



A minha rêde é mansa, mansa,  
de me agradar nunca se cança,  
é a minha amiga mais perfeita;  
como ao meu gosto se conforma,  
e do meu corpo toma a forma,  
e toda a mim se torna afeita!

A minha rêde no ar se lança,  
como num mar todo bonança:  
nella navego em ondas de ar,  
para um paiz que é o da Chimera,  
de onde me acena alguém e espera  
alguem que eu vivo a desejar.

A rêde tem o gesto e a nuança  
da hesitação: recua... avança...  
e ao seu balanço leve e lento,  
por mais que nella o corpo encôlha,  
finto-me fragil como a fôlha,  
julgo-me toda entregue ao Vento.

Qual uma larga e basta frança,  
a rêde vae e vem, balança...  
e adormecendo ao seu vae-vem,  
sobre o seu corpo quasi fluido,  
sonho-me posta com descuido  
nos braços languês desse alguém...

Na rêde o corpo, a rir, descança,  
como num sonho uma esperança.  
Dos meus pezares esquecida,  
muito ao meu gosto posta, vêde:  
ao molle embalô de uma rêde,  
fico oscillando para a Vida...

D. Gilka Machado é uma bôa poetiza. Seus versos tem a ciencia do ritmo, um cunho pessoal inconfundivel.

Não seria, entretanto, difficil encontrar-lhes algumas imperfeições. E', por exemplo, horrivel que ela tenha empregado o verbo "ligar" com a expressão de giria que pàs-sou recentemente a ter no Brazil:

"sem que ninguem ligasse aos meus cantares."

*Ligasse* está aí como “*désse apreço*”, “*ligasse importância*.”

Em dois lugares, ela emprega o adjectivo *ábsono*, errando-lhe a pronuncia, como si fosse *absôno*.

*Estados de Alma* é aliaz um livro em nada superior ao que o precedeu *Cristais Partidos*. Tem-se a impressão de que os merecidos aplauzos feitos a este levaram a autora a precipitar a publicação do segundo, deixando de os polir tão pacientemente como seria para dezejar. E ela ainda não tem o direito de fazer dois livros a seguir com o mesmo valor. Parar, na sua idade, é diminuir-se.

Si ela aspira, como tem o direito de aspirar, a ser entre nós o que é a Condessa de Noailles na França, precisa pôr um intervalo maior entre a publicação dos seus livros — e decidir-se a poli-los e repoli-los mais carinhosamente.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



---

---

# LUCIANO, LUZ E STRAUSS

(NOVELLA)

Ha idéas chegadas ao estado crepuscular e idéas que são como uma aurora. Levantam-se disputas para saber quaes são as que vão tornar-se em noite e as que se converterão em luz. O dia, só com mostrar-se, põe termo ao debate. A historia desmentirá as afirmações de uns e dará razão a outros.

A. Foulléc.

Já vae em cerca de dez annos que os conheci, ao Luz, a Luciano e ao doutor Strauss. Este ultimo era medico e allemão. Moravamos juntos em uma casa de pensão afastadissima do centro da cidade, nas abas de S. Paulo, extremo do bairro do Belemzinho. Lembro-me perfeitamente do seu aspecto — Estatura enorme, massiço, pernas finas, tinha o rosto vermelho, côr de lagosta cozida, e redondo á maneira de um sol bonachão. Os olhos eram infinitamente azues, de um azul mysterioso, longinquo, todo de sonho e nebulosas irrealidades.

Luz, o Luz, como lhe chamavamos, era bacharel em direito, padecia do figado e usava um chapéo em fórma de melão.



Quanto a Luciano, não se lhe conhecia ao certo nenhuma profissão. Era discursador e patriota. Corpulento, de um moreno tirante e escarlate, olhos chispantes, labios grossos, cabellos em desordem, como quo varriods de um sôpro quente, dava a imagem de um vendaval feito homem.

Lá vae em cerca de dez annos... Passeavamos, certa noite, meu amigo Strauss e eu, pela rua Quinze de Novembro.

Eis senão quando, ás portas de um café, ouvimos vozes alteradas, que se destacavam de todas as outras. A princípio supuzemos que fosse alguma altercação ou urixa entre empregados do estabelecimento e consumidores exigentes, pois ouvia-se repetida insistentemente a expressão: "Não presta para nada", ao que contraviñha uma voz tonitroante e pathetica: "Perdão! E' um producto de primeira ordem..." Entrámos. Qual não foi a minha surpresa, ao reconhecer no trovão que, em me vendo, entrára a bradar: "Aqui está quem vae dizer verdade ao illustre amigo!" o meu velho conhecido Luciano Aymoré da Penha e no seu contradictor o não menos intimo camarada bacharel Benício da Silva Luz! Aclarou-se a situação. Ninguem punha em duvida a excellencia da rubiaceia com que o Faria (Faria era o dono do café, se não me falla a memoria) preparava o nectar destinado aos freguezes. O producto de que se tratava, não era nada mais nada menos do que "o brasileiro". Doutor Luz, em som de troca, tivera a infelicidade de contrariar os entusiasmos patrióticos de Luciano, e este a protestar, a declamar, a attrahir a attenção de todas as mesas! Tal publicidade irritára o fígado, já minado, do bacharel, que resumira a treplica num obstinado e escarninho "Não presta para nada".

Ao approximarmo-nos, o patriota precipitou-se ao nosso encontro. Fiz as apresentações, pois elles e o medico alemão ainda não se conheciam, e sentamo-nos todos á mesma mesa, proxima da sahida.

Serviu-se o café em meio de medonha algazarra, dominada, porém, pela infatigavel oratoria de Luciano, que não se esquecia de aproveitar a occasião para ir fazendo allí mesmo, de corpo presente, um bocado de propaganda regeneradora, na esperança talvez de integrar sem maiores detengas no organismo superior da patria o admiravel specimen de dolicho-toiro que apparecêra a meu lado. "Reunir os povos num abraço fraternal, sem distincções de raças nem de nacionalidades, chamando filhos a todos os que se viessem abrigar á sombra do pendão auri-verde, tal era a missão historica do Brasil. Terra de todas as liberdades, aqui não devia haver desavenças nem hostilidades... Razão tivera Silva Jardim de dizer que nos nossos dictionarios não existia a palavra "estrangeiro"... Amassem embora os recém-vindos os seus paizes de origem. Era esse um dever sagrado... Amor de filhos para com as mães longinquoas, porém inolvidaveis. Mas amassem tambem a esposa, a terra hospitaleira, a nova patria..."

Tão pandas iam as velas e tão alheias ao primeiro rumo, que o Luz já se dava por descartado da infelicissima disputa em que atabalhoadamente se mettêra.

Eganára-se, contudo, Luciano, ganhando maior vehemencia com a chegada de mais dois ouvintes, voltava á carga. Appellava

agora para a opinião do "illustre discípulo de Hippocrates", mas encarregando-se de responder por elle, como se o médico o hou-  
vera constituido seu porta-voz e depositario de todas as suas  
idéas.

— Aqui está quem vae dizer verdade ao distincto amigo, bra-  
dava em voz melodramática e ia atirando phrases, que attribuía  
ora a Humboldt, ora a Martius, ou a algum outro sabio illustre da  
"cultura Germania", convencido de que representavam o juizo do  
doutor Strauss, bem como o de todos os Allemaes do mundo. Ao  
parecer de Luciano, os tudescos, sem excepção, professavam pelo  
Brasil o mesmo entusiasmo lyrico do autor do "Cosmos" ou do  
grande botanico que sonhou dormir o ultimo sommo á sombra das  
palmaceas destes climas.

— Quem pisa terra brasileira começa desde logo a tornar-se  
brasileiro! vociferava com grandes gestos, enquanto Strauss, mui-  
to vermelho, acabava de tomar sua chicara de café e o Luz, ama-  
relho e sarcástico, olhava para as mesas visinhas, como que a avi-  
sar aos demais que o companheiro era maniaco e não havia outro  
remedio senão terem paciencia.

A chavena de Luciano continuava chela e intacta.

— Tome o café, homem, disse o Luz.

— Obrigado, amigo... acudiu o patriota, inclinando-se e fa-  
zendo signal que ia attender, mas proseguindo com o mesmo fer-  
vor inaudito na exposição das grandes idéas destinadas a salvar  
a patria. "Não, o brasileiro não estava condemnado a desappare-  
cer... Illusão das illusões! Muito ao contrario, sahiria trium-  
phante da refrega. O primeiro passo estava em clamar, nos jor-  
naes, nas revistas, nos comícios, nos salões, em toda a parte, que  
ó Brasil se estava levantando e o Brasil se levantaria na realida-  
de. As raças mais diversas eram chamadas a contribuir para a for-  
mação da vasta consciencia nacional. O passado, a historia seria  
apenas o ponto central em torno do qual se haviam de agrupar  
as formidaveis torrentes humanas vindas das mais remotas para-  
gens. Aqui tempestuariam as forças do futuro... Aqui seria a  
forja, a confusão, a mixtura caotica dos mais extremados, ele-  
mentos... Mas desse céos surgiriam estrelas de ouro e de toda  
essa apparente desordem sahiria illesa, mais formosa que nunca, a  
aima grandiosa da patria..."

— Você não quer o café, Luciano, interrompeu o Luz deses-  
perado. Nós queremos sahir...

— A's suas ordens, illustre amigo, obtemperou o fogoso de-  
clamador. Obrigado... Não quero café!...

E ia reatar o fio, todo destumbrado pelo fulgor da propria  
palavra, quando Strauss o atalhou, levantando-se:

— Preciso sahir, senhor... Desculpe...

— Oh! meu caro e illustre doutor... Perdoe-me... Estou inteiramente ás ordens dos meus bondosos amigos...

Até que afinal nos levantámos e batemos em retirada, perseguidos por olhares de esconso e risinhos zombeteiros das mesas proximas.

Uma vez na rua, o medico desapareceu no melo da multidão que a enchia. Debalde o procurámos. O homem havia-se evaporado.

O seu allemão, meu caro, disse-me o Luz em voz baixa, foi com certeza suicidar-se de puro horror...

Puzemo-nos a rir. Luciano, colossal e apoplectico, abria caminho, á frente, rumo do largo do Thesouro.

Ficámo-nos, mui deliberadamente, para traz, saudosos de uma vida á flor da terra, a Deus e á ventura, sem atrocada nem espalhafato.

— Você já leu "Port-Tarrascon", de Daudet? perguntou-me Luz.

— Já. Porque? respondi, sorrindo.

— Porque isto aqui se parece com Port-Tarrascon... Lembra-se da fertilidade assombrosa e exquisita da terra descripta por Daudet? Plantavam couves... Nasciam uns pés de couves enormes, que nem arvores, mas exóticos, estapafurdios, inuteis... Tudo brotava com uma exuberancia descompassada e ridicula... A terra zombava dos cultivadores, mettia-os a troça, pagava-lhes os esforços com destemperos malignos...

— Mas a que vem isso?

— Ora essa! Pois não fallavamos do Luciano? E' o pé de couve de Port-Tarrascon...

— Você tem cada uma...

— Tenho, não. E' verdade dura de roer para estes Brasile, mas verdade... Não somos nós que nos fazemos... Somos quaes nos fez um longo passado... Não podemos fugir á hereditariedade nem ao melo... Os exaggeros explosivos do Luciano valem o mesmo que os meus desalentos... Quando considero a arvore de que sou fructo e reflecto que não posso modificar a somma nem a qualidade das forças de que sou resultante, convengo-me de que tanto os entusiasmos comicos do Luciano, como esta minha fraqueza, este desanimo, esta incapacidade de acção, este tédio que você sabe, tudo isto, meu caro, são os ultimos arrancos de uma raça agonisante, de um povo que falhou...

— Diabo! Você está lugubre...

— Está enganado. Não faça tragedias... Fallo verdade... E a verdade para nós não tem nem o merito de ser tragica... E' simplesmente aborrecida...

Iamos já desembocando no largo do Thesouro, mui logradicos e certos que estavamos livres de Luciano, pois havia muito

que o tínhamos perdido de vista, quando a sua voz estentorea nos chegou das bandas do edificio dos Correios:

— Ilustres amigos, façam o favor de vir para este lado...

O desespero de Luz pareceu-me tão grande, que desatei a rir perdidamente.

— Hoje esse athleta da palavra não nos deixa, antes de nos haver impingido todos os compendios patrioticos feitos para as escolas publicas, exclamou rindo tambem, mas de má vontade, só por me acompanhar na irreprimivel hilaridade.

Iamos a atravessar, porém um bonde que subia da ladeira João Alfredo fez-nos recuar.

— Abjecção de movimento! pragueou o Luz, irritado.

— Vamos dar volta, propuz.

— Venham até cá, amigos... Quero mostrar-lhes uma maravilha... bradava Luciano.

— Depressa, disse já resignadamente o meu companheiro, senão esse tragalhadanças é capaz de encher o largo de basbaques, para condemnarem a nossa falta de civismo...

Ao cabo vingamos arribar, sãos e salvos, ao passeio para onde nos chamava o patriota.

Luciano então, com largos gestos, levou-nos até a entrada do Jardim do Palacio e, virando-se para o Luz, disse em tom de discurso, mas como sempre sinceramente commovido:



— Tenham a bondade de olhar, meus amigos, para esse magestoso edificio — E apontava o palacio do Governo — Perguntou-me o presado doutor Luz que haveria de commum entre o Brasil de hoje e o Brasil do futuro, em que, a seu ver, predominarão elementos estranhos a nossa raça... Mas olhem-me essa soberba construcção... Ha trezentos e sessenta annos, sabem os illustres amigos o que existia nesse mesmo logar... Uma miseravel casa de palha, cujas portas eram de esteiras de cannas, com o nome pomposo de collegio... Era o collegio do excelso apostolo do Novo Mundo,

padre José de Anchieta, um dos maiores creadores de nossa patria, vulto ingente, que a alma reconhecida do Brasil não poderá já-mais esquecer...

Luciano tirou o chapéo côco, vivamente enternecido.

— Ponha o chapéo, que está garoando, aparteu o Luz, trocista. Começava na verdade a cahir uma chuvinha fina e impertinente. Luciano attendeu logo, como meio mais facil de não distrahir a attenção das sublimes idéas que trazia prevenidas para dar combate ao pessimismo do bacharel.

— O doutor Luz, o meu caro amigo e compatriota doutor Luz, a cujo alto saber rendo homenagem, não falla de coração, não pôde fallar de coração... Elle sabe que o soberbissimo palacio que ahi vemos, é o prolongamento, atravez dos tempos, da pobre choupana onde, ha mais de tres seculos, se reuniam, sob as bênçãos do grandioso apostolo, os bronzeados filhos das selvas, os guayanazes e tamoyos, que aqui vinham receber, ao ar livre, armados de arcos e flechas, os ensinamentos divinos... Que ha de commum entre tão humildes começos e esse palacio, essas luzes, toda essa vida borbulhante e agitada? (Fazia aqui um largo gesto circular, destinado a abranger a cidade inteira). Parece que não ha nada e ha tudo... E' a mesma lingua, fallada no mesmo logar... E' o mesmo ideal, a mesma alma, a mesma nação — assombrosamente ampliada, mas a mesma nação... Não, amigos, não houve solução de continuidade... Venham outras raças, outro sangue, outras energias... Que importa? Uma coisa permanecerá — E' a alma da nação, que não morre... Pois o Brasil maravilhoso do futuro, o Brasil estupendo, que, dentro de alguns seculos, ha de assombrar o mundo, estará para o Brasil de agora como o S. Paulo de hoje está para o S. Paulo de trezentos e tantos annos atraz, — como esse majestoso palacio está para a casinha de palha do excelso José de Anchieta...

O chapéo côco tornou a desenhar no espaço movimentos de adoração religiosa.

O Luz, porém, que já vinha aborrecido, quiz atormentar a Luciano. Com um sorriso maligno, observou:

— Olhe, Luciano... Ha de ser uma coisa realmente esplendida o futuro da nossa terra. Mas sinto-me tão extranho a elle como á constellação de Hercules... E' bôa! Que restará de nós nesse Brasil?

Luz fallou e olhou para mim, com expressão de quem dizia: "Você vae ver a caixa de maribondos em que mexi".

Luciano espumava. Parecia possesso. Foi á custo que esperou o bacharel pronunciar taes palavras.

— Perdão! bramiu. Perdão! Que restará de nós? E' incrível, caro doutor, é incrível que faça semelhante pergunta! Ainda que no futuro se transforme quasi tudo... Transforme-se a lingua, transformem-se as instituições, transforme-se o sangue, a raça, o povo — o Brasil será sempre o Brasil...

— Mas que quer dizer isso? Você contenta-se com palavras...

— Palavras?! /

Luciano não sabia ao certo que dizer, de tão esbofado e ferido. Levantou espectacularmente os braços possantes, como quem procurava apanhar idéas baralhadas e sumiças.

— Palavras?! exclamou. Não restará então nada de nós? Ora, doutor, faça justiça ao seu talento, mas, perdoe-me... Acima de tudo está a alma da nação, alguma coisa divino que lhe dá a personalidade superior, um quid que não morre...

Meditou um instante (a primeira e última vez que o vi entrar em conselho consigo mesmo) e proseguiu:

— Que ha de commum entre o doutor Luz de dez, de vinte annos atrás e o de hoje? As idéas, as paixões, as aspirações — tudo mudou. O seu proprio organismo, segundo os physiologistas, não contem mais uma parcella sequer da materia que nesse tempo o constituia... Entretanto não me dirá por certo que não ha nada de commum entre o doutor Luz de cinco annos...

— Nessa epoca felizmente ainda não era bacharel...

— ... entre o Luz de cinco annos, continuou Luciano um pouco desconcertado, entre a intelligente e promettedora creança de cinco annos e o doutor Luz de trinta...

— Aliás, vinte e oito, emendou o Luz, rindo.

— Perdão... é o illustre amigo de hoje, com os seus vinte e oito annos de vida, cuja maior parte está cheia de inestimaveis serviços prestados á causa da instrucção e ás letras patrias...

— Vencido... Estou vencido! exclamou o Luz, ganhofando. Não acha você, perguntou-me, que com tantos predicados que tão generosamente me dá o nosso amigo...

— Faça justiça ao seu merito e nada mais.

— ... não acha que seria impolido persistir em discordar? Luciano, você é um homem feliz... Você tem fé. Seria uma crueldade roubar-lhe esse thesouro. A fé não deve ser raelocinada. *Credo quia absurdum*, dizia Santo Agostinho...

O Luz ria, batendo conciliadoramente ao hombro de Luciano. Este, muito vermelho, parecia desmontado por aquella familiaridade. Mas foi obra de um relampago. Já o possuia todo — verdadeiro furor epico, "Por maiores que fossem os desalentos da epoca, a nossa historia nos dava direito de esperarmos do povo braçheiro milagres de energia. Não houvesse receio de que a inundação immigratoria viesse a afogar a alma da patria. Essa alma invisivel, mas profunda e forte, vivia em todo o vasto territorio do paiz. Formara-se atravez de iuctas encarniçadas, tornando-se inviolavel e immortal. Cada pagina da nossa historia era uma prova de vitalidade, de ardor, de força incomparavel... Podiam vir, muito bem vindas, as novas torrentes humanas colaborar conosco no engrandecimento da nação. Encontrariam uma realidade

indestructível — o Brasil, a alma indomita e adamantina do Brasil...”

E Luciano, ao fallar, mostrava os dentes fortes, alvos e agudos, com expressão de vehementissimo enthusiasmo. Era um como sorriso nervoso e deslumbrado, revelador de tão intensa sinceridade, de tal violencia de commoção, que eu e o proprio Luz, embora achassemos graça áquella creança grande e tempestuosa, sentimos, realmente sentimos, um instante, allí presente e formidável, em torno de nós, no ar, nas arvores do jardim, no palacio, na cidade, no paiz inteiro a alma bravia e heroica do passado a desafiar destemerosamente todas as investidas e vicissitudes do futuro.

\*  
\* \*

Já passava de dez horas da noite, quando entrei no largo da Sé, para tomar o meu bonde. Estava bastante reduzido o movimento. Apenas no cruzamento da rua Direita com a Quinze de Novembro havia ainda alguma nimção. Avancei distrahidamente para o logar de espera, onde já se encontrava um pequeno grupo de pessoas. Logo ao approximar-me, dei com os olhos num alentado sujeito, mettido em espesso e comprido casação de abundantissima e pardacenta lan — tudo coroado por um chapéu duro, enterrado na cabeça a modo de se querer communicar com a gola da pesada vestimenta.

— Ora esta! Onde estava eu, que não o tinha conhecido, doutor! exclamei rindo — Fazia-o já em casa, livre da garça e da eloquencia do meu amigo Luciano...

Straus (pois era elle) preparava-se para fallar, quando chegou o nosso bonde. Houve um movimento de precipitação á escolha de logares.

— Aqui, doutor, disse eu, subindo a ajojar-me num dos deradeiros bancos. Aqui vamos melhor... Ahi não se pôde fumar.

O allemão, que já se ia querendo accomodar á frente, retrocedeu com difficuldade e foi sentar-se a meu lado.

— Aqui pôde-se fumar á vontade...

Straus tirou o cachimbo de osso e acendeu-o socegradamente.

Foi dado o signal. Soou furiosamente a campana, e o carro partiu, rumo da Varzea do Carmo.

Então o medico, cruzando descansadamente as pernas, observou, como quem se dignava de pensar em voz alta algumas das vastas e profundas coisas que lhe iam passando pelo espirito contemplativo:

— Aquelle senhor não parece pertencer á classe das pessoas que não sabem agir sem primeiro fundarem a sua actividade em



um principio de ordem intellectual... — E accrescentou, aspirando com prazer o fumo do grosso cachimbo: De sorte que toda a acção dissolvente do raciocinador em nada pôde diminuir a exaltação do apostolo.7..

O apostolo era evidentemente Luciano, e o raciocinador devia de ser o Luz. Procurei fazer-lhe esclarecer o que dissera.

— Então o doutor acha que o Luz tem razão em depreciar a raça a que pertence e condemnar a propria patria?

— Se tem razão?... Tem razão quem pensa e falla a sua verdade — e a verdade d'elle é a verdade de um vencido... Fallando contra si mesmo e contra os seus, adoptando a verdade de outras raças, os valores, os juizos dos povos superiores, por esse acto se confessa vencido, renuncia á lucta... A attitude que toma é a de um fraco, de um aspirante ao suicidio, de um quasi-morto... Não é ainda a renuncia total e absoluta. Essa só se manifestaria com um gesto de auto-eliminação. O facto de querer mostrar que não se illude a respeito de si mesmo, que tem consciencia da propria inferioridade, ainda é uma manifestação de vida e um signal de lucta... Lucta ás avessas, lucta de subterfugios, mas sempre lucta... O que elle faz é affirmar indirectamente a predominancia do senso critico sobre os demais valores — e, como se julga dotado dessa qualidade, assim procedendo, procura de certo modo eximir-se paradoxalmente á condemnação que é o primeiro a lançar sobre todo o seu povo...

O allemão expelliu vasta baforada e poz-se a acompanhar com os olhos infinitamente azues as ondulações caprichosas da fumaça por sobre as cabeças dos passageiros do bonde.

— De sorte que, a seu ver, o outro, o Luciano é, a despeito de tudo, um forte? inquiri, sorrindo.

Strauss desceu as palpebras, como se tivesse necessidade de volver para dentro o olhar, afim de com elle illuminar, aqui, alli, as paisagens nebulosas do espirito, e, passados momentos, respondeu:

— Se tomarmos o partido da vida contra a morte, se assentarmos que vale a pena viver, ou que a vida é preferivel á morte, por certo que a fé e o enthusiasmo daquelle senhor são dignos de louvor... Vê-se que elle representa um povo que não quer morrer e que se dispõe a luctar... Força illusoria, que se affirma muito mais por palavras do que por actos, mas emfim — força... Prefiro-o ao outro. Porque? Porque esse é o meu ponto de vista, o imperativo da minha grande razão, para me servir da expressão com que Nietzsche designa a somma dos innumeraveis factores inconscientes do nosso ser, em opposição ás miragens inconsistentes e moveis da consciencia... Depois... sabe que sou allemão, esta palavra diz tudo...



Doutor Strauss, visivelmente satisfeito consigo mesmo, levou á bocca o alvíssimo cachimbo, que ameaçava apagar-se, e em seguida entrou a explicar o pensamento. "Os allemães, a seu ver, haviam decididamente tomado o partido da vida ascendente, da vida em toda a exuberancia. Desagrada-vas-lhes o espectáculo da fraqueza e da renuncia. Eram um povo de guerreiros, incapazes de abdicar... Não obstante sua cultura philosophica os conduzir

ao mais radical dos scepticismos, tal era a sua aptidão para a lucta e para o triumpho, que sobre o terreno arido varrido pela critica extremada e despiedosa, sobre o vacuo final a que arrastam as analyses destruidoras, souberam lançar os fundamentos de uma vida poderosa e incomparavel... Todos os homens sentiam mais ou menos a necessidade de resolver os formidaveis problemas metaphysicos. Mas, pelo commum, satisfaziã-se com a primeira explicação dada. Elles, porém, os allemães tinham sido mais exigentes. Haviam attendido ao appello do grande Goethe, que os convidára a "resolver o enigma sagrado do universo". Advertiram, todavia, que para se proceder a um inquerito dessa natureza, o primeiro passo a dar, o mais logico e plausivel era cuidar preliminarmente de apurar bem qual o valor do conhecimento, qual a força da razão humana, até onde ia a sua capacidade de explicação. Antes de tudo tinha sido necessario examinar o instrumento mesmo com que determinavam violar o mysterio da existencia universal. E esse exame vestibular, essa obra gigantesca e immortal que subverteu de vez, irremissivelmente, todo o racionalismo, todas as ontologias e metaphysicas, desde Platão até os nossos dias e provavelmente até o fim dos seculos, esse prodigio, havia-o realisado Emmanuel Kant, offerecendo ao mundo a sua "Critica da Razão Pura". Pena era que o maravilhoso autor de tal milagre se houvesse sentido como que trasbordado pela vastidão de sua obra vindo a recahir, com a "Critica da Razão Pratica", nas illusões pueris que acabára de destruir. Mas não importava. O gesto illuminador do espirito germanico ficára. E mais tarde Nietzsche levára-o ás suas ultimas consequencias. Desde logo patenteou-se a inañidade das metaphysicas. Era a propria razão que se declarava incapaz de mover-se na atmospherã rarefeita das especuações transcendentis. Deante desse golpe magistral que condemnava o espirito humano a não mais alimentar velleidades de fugir ao circulo do relatorio, seguir-se-ia declarar a vida e o universo invio-

láveis e recolher-se a gente a vegetar mesquinamente na treva irremediável... A tamanha humilhação não se resignará, porém, o espírito alemão. Embora a sua veracidade, a sua extrema lealdade para consigo mesmo o impossibilitasse de vir a ser joguete cego de nova illusão, vingará arrancar das entranhas profundas da Vida todo um mundo de virtualidades incommensuráveis. Em face da harreira intransponível, ao envez de se confessar vencido, levantára-se heroicamente contra a mudez das coisas e determinára — uma vez que a Natureza não tinha segredos para revelar, nem a vida, escôpo algum — inventar para si mesmo fins maravilhosos e crear todo um universo com a violencia e o esplendor dos seus desejos... Nietzsche fôra eminentemente alemão e d'ahi o seu amor á vida triumphal, o seu gosto á lucta, o seu horror invencível ás fraquezas e abdições... Preferia por todas essas razões o Luciano ao Luz... O primeiro assumia attitude de vida, ao passo que o segundo tirava gloria da consciencia da propria fraqueza... Luctava ainda, porque a agonia tambem é um modo de viver, mas dava um espectáculo repugnante e abjecto, só comparavel ao *morituri te salutant* dos escravos de todos os tempos... Os cesares-natos, os senhores, os dominadores haviam de desejar inimigos dignos de provarem forças com os fortes, capazes de crear uma resistencia, de provocarem um esforço e de darem aos adversarios o sentimento do proprio valor, a sensação de que violentos obstaculos vão sendo removidos e superados..."

Era realmente curioso aquelle homemzarrão redondo e molle, tão loiro e inoffensivo, usar com delicia de imagens marciaes, como se acabasse de sahir de combate encarniçado. O cachimho apagára-se e reentrára no estojo. As rodas do bonde trilavam numa curva, já na avenida Intendencia, hoje denominada Celso Garcia. O numero dos passageiros havia-se aos poucos reduzido. Eramos nós e mais dois sujeitos — um já em pé para saltar e outro a cabecear, meio adormecido, a um canto.

Aqui Strauss, com aspecto de quem ia fazer uma revelação estupenda, explicou-me, a modo de confidencia, que as nações haviam de se ir organisando á semelhança dos individuos, pois era uma lei da Vida constituir conjunctos harmoniços que, aperfeiçoando-se, viessem a obedecer a um *sensorium* unico. Assim a vida do vertebrado, por exemplo, era resultante das vidas individuais de todas as vertebrae e a consciencia de um ser animado provinha da consonancia de milhares de consciencias elementares... Do mesmo modo as nações podiam ser comparadas a células destinadas a agruparem-se em torno de uma força central e ordenadora. E não seria difficil conceber-se a formação lenta de uma futura consciencia da humanidade, formada do concerto de todas as consciencias de individuos, de cidades, de estados e nações, á maneira de um unico ser animado e divino... Então co-

meçaria realmente a idade de ouro do planeta Terra. Cessariam as guerras. Reinaría uma paz nobre e honrosa, não a paz dos fracos e humildes, senão uma paz resultante da hierarchisação das forças, a paz dos fortes e dos triumphadores...

— E a Allemanha será a consciencia ou sensorium unico, como diz o doutor, desse ser immenso que se vae formar? perguntel, disfarçando um sorriso que me queria aflorar aos labios.

— Assim o creio, respondeu Strauss bondosamente. Já houve quem lhe chamasse á Allemanha "a consciencia da Europa". Esperamos que o venha a ser da humanidade...

Mas o bonde approximava-se do ponto terminal. O homem que cabeceava de somno já havia sahido. Os dois ultimos passageiros, Strauss e eu, descemos então, suspendendo as golas dos sobretudos, que cahia uma garôa cada vez mais fria, mais penetrante e insupportavel...

\*  
\* \*

Dez annos são passados que vi peia ultima vez os meus tres amigos. O Luz daquelles tempos não existe mais. Foi para Goyaz, onde casou com a filha unica de um fazendeiro muito rico. Está um sertanejo acabado, não padece mais do figado e, segundo me affirmaram, é chefe politico de grande prestigio. Strauss zarpou para a Allemanha. Actualmente presta os seus serviços medicos ao exercito encarregado de fazer triumphar os idéaes que teve a bondade de me explicar. Quanto a Luciano, soube que, durante certo estado de sitio, no Rio de Janeiro, foi preso como agitador e exportado para longinquas e pestilentas paragens, donde tornou para morrer num hospital, isto ha cerca de dois ou tres annos.

Máo grado, porém, taes informações, allás recentes, estou convencido de que o unico que está realmente vivo é o meu forte e ingenuo Luciano. Anda eile agora disperso por todo o Brasil. E se é verdade que as idéas e aspirações são forças superiores ás demais forças, um dia virá em que o nosso Quixote, tão incomprehendido e ludibriado, terá convertido á sua ioucura, não só os "illustres amigos" a quem se dirigia, senão todos os habitantes deste vasto paiz de ouro e esmeralda.

JOSE' ANTONIO NOGUEIRA.

# VOCABULARIO ANALOGICO

## III

### PEJORATIVOS

Advogado: chicaneiro, chicanista, leguleio, legulejo, pégas, rabula, rabulista.

Alfate: albardeiro, remendão, remendelro.

Argentino ou platino: gringo.

Arvore: chaparro, garrancho.

Balle: arrasta-pé, bailarico, bate-chinela, can-can, chinfrim, chodó, dançarás, forró, forrobodó, salsifré, sarambeque.

Barbeiro: barbeirola, esfolaras, sarrafaçal.

Barriga: bandulho, barrigão, pança, panturra.

Cabeça: bestunto, cabeçorra, cachola.

Cabello: arapuá, caraminhola, carapinha, cupim, falripas, farripas, gadelhas, goforina, guedelha, grenha, melena, répa, trunfa.

Cachimbo: catimbau.

Café: escolha.

Calxeiro: marçano.

Calçado: abarca, chanca, chuzos, chuzes, patola, sapaterra, sapatorro, xorcas.

Cama: catre, enxerga, grabato.

Caminho: atalho, batida, brocotós, carreiro, picada, sonda, tareco, travessio, trilha, trilho, vereda.

Carra: caramono, caranchona,

carantonha, carranca, focinho, fuças, lata.

Carne: badana, chamban, chambão, langanho, palhada, pellanga, muxiba.

Carpinteiro: rapa-tabuas, sarrafaçal.

Carro de bols: chiola.

Carruagem: calhambeque, carrimonia, tipola.

Casa: arapuca, arranchamento, arribana, cabana, cafua, cafurna, caritó, casalejo, casebre, casinhola, casiteu, casoto, chafurda, choça, choupana, cochicholo, cochicho, colmado, cortiço, cubículo, curral, espelunca, mansarda, meia-agua, palhal, palheiro, palhoça, palhote, pardielro, pocilga, quimbembe, rancho, tapera, tugurio.

Catholico: artólatra, catholcão, papista, romano, theóphago.

Cavalleiro: batisella, maturranço, maturrengo.

Cavallo: azemula, cangalheiro, catatau, catrapão, cavallecoque, cavallo de melrinho, eguado governo, matungo, maturrão, plica, plungo, punga, rodim, rocinante, sendeiro, trotão.

Chapéu: caqueiro, casquete, chapelrão, chapeleta, chapelete, chaspelete, gulco.

Charuto: clarineta, quebra-queixo, trabuco.

Cidade: aldeia, aldeóla, logarejo.

Cirurgião: magarefe.

Comediante: capotino.

Comida: chanfana, massamórda, misteia, paparrotada.

Comerciante: adeio, beidhior, bufarinheiro, chatim, especulador, ferro-velho, meichior, merca-tudo, tarega, traficante, trapeiro, zangam, zangano.

Crença: abusão, credulidade, crendeirice, credlice, fanatismo, preconceito, prejuizo, superstição.

Critico: critiqueiro, palmatoria do mundo, tesoura, zollo.

Dentista: saca-molas.

Discurso: amphiguri, apontoado de rodilhas, aranzel, arenga, bestialogico, engrimanço, galimatias, lenga-lenga, manta de retalhos, nariz de cera.

Doença: macacóa, manha.

Drama: dramalhão.

Enxada: cacumbú.

Escriptor: escrevedor, escrevinhador, plagiario, rabiscador.

Espada: catana, catatau, chanfaihão, chanfalho, chanfana, chifarote, durindana, espadagão, fandango, farrancha, farrusca, ri-peira, tarrasca.

Espingarda: bacamarte, catarlau, pica-pau.

Faca: cacherim, caxerenguen-gue, cotó, quicó, xerengue.

Ferradura: cannelo.

Frade: fradalhão, fradeco, fradegão, fradépio, masmarro.

Hotel: albergaria, albergue, estalagem, frege, frege-mosca, hospedaria, mosqueiro, tasca.

Inglez: bife, John Bull.

Italiano: carcamano, macar-rone.

Jogador: batoteiro, patinho, pato, patoteiro, pechote.

Jogo: batota, patota, trapaça, tribofe.

Jornal: corsario, jornaleco, papelejo, papeleta, papelucho, pasquim, pastelão.

Jornalista: folicuiario, periodiqueiro, plumitivo.

Lan: churdo, churro.

Laranja: rabo de gato.

Lenço: lençalho, marotiuho.

Letra: açangalhada, garabulha, garabulho, garafunho, garatuja, garavunhas, garrancho, gatafunho, gravunhas, gregotins, paparatos, rabiscas, rabiscos.

Linguagem: aravia, argot, algaravia, burundanga, caião, engrimanço, entciêchia, gerigonça, giria, jargão, palavracho, vasconço.

Lisbonense: alfacinha.

Livreiro: alfarrabista, caca-sebo, caga-sebo, sebo.

Livro: alfarrabio, bacamarte, cadeixo, calhamaço, cartapacio, livresco, livrorio, palheirão, rabe-co.

Mãe: madraستا, megera.

Mão: manzorra, manapuia, manopla.

Medico: bento, benzedeiro, benzedor, carimbamba, charlata, charlatão, curandeiro, doutor da mula russa, jalapeiro, matasão, matasano, medicastro, mediquito, mezinheiro, raizeiro.

Mercadoria: alcaide, canudo, encravo, pinola.

Mineiro, (natural de Minas Geraes): baeta.

Mulher: bruca, bruxa, caçara, calhamaço, camafeu, cangalho, canhão, carcassa, cascata, catatau, centopeia, cuca, coruja, dorna, jarreta, seresma, serpente, tartaruga, toupeira, urca, velhota.

Nariz: batata, beque, bicanca, bitacua, nariganga, narigão, narigueta, penca, pimentão, póna.

Navio: calhambeque, chaveco.

Noticia: balela, canard.

Official mechanic: albardeiro, aldravão, chamborreirão, sarrafaçal, verrumão.

Ouro: aichime, ouropel, pechisbeque, plaqué.

Padre: cabeça rapada, corôa, coroado, formigão, morcego, padreca, padreco, padre de requiem papa-hostias, rapado, raso, roupa, samarra, sotaina.

Patriota: chauvin, chauvinista, demagogo, jingo, jingolista, patrioteiro.

Pé: canastra, chanca, pata, patola, patonha, pesunho, prancha, toêsa.

Pelle: peihancas, peilanga, pe-lharancas, pelianca, pés de galinha, ruga.

Pedreiro: troiha.

Pharmaceutico: boticario, phar-macopóla, punguista.

Pintor: borrador, calador, ma-marracho, pinta-monos.

Poeta: poetaço, poetastro, ri-mador, trovista, versejador.

Politico: politicote, politiquei-ro, politiquete.

Portuense: tripeiro.

Portuguez: abacaxi, bicudo, carne-seca, emboaba, gallego, novato, pé de chumbo, portugua.

Povo: arrala, arrala miuda, canalha, escoria, escoria social, escuma, escumaiha, gentaça, gentalha, gentioga, gentinha, patuléa, plebe, populaça, populacho, poviléu, povoiéu, povo mludo, ra-ié, relé, roião, sarandalha, vul-gacho, vulgo, zé-povinho, zé-po-vo.

Quadro ou teja: pastiche.

Rei: regulo, reizete.

Religioso: altareiro, beato, beatorro, beguino, capona, carola, fanatico, igrejeiro, papa-hostias, papa-missas, papa-san-tos, patamaz, rato de sacristia, rezadeiro, rezador, santarrão, tartufo.

Remedio: pungarécós, panacéa, tisana.

Roupa ou vestido: albarda, andrajo, burjaca, farrapo, fran-galho, molambo, trapo.

Rua: beco, bitesga, congosta, quêlha, ruela, viella.

Sabio: pedante, sabichão, sa-bidorio, sabichoso.

Sacristão: escorropicha-galhe-tas, patachoa, sacrista.

Sapateiro: chuméco; remen-dão, remendeiro.

Soldado: bisonho, gallucho, re-cruta.

Tabua: casqueira, costaneira, falheiro.

Terreno: arneiro, baldio, car-rascal, catanduva, charabasca, charabasco, charabasqueira, cha-raviscal, charneca, chavascal, fei-tal, gandara, jardia, landa, pragal, rapador, rapadouro, safara, sapezal, sarandy, terréu.

Trastes: badanos, cacarecos, cacareus, cacos, cangalho, ca-raminguás, tarecos, xurumbam-bos.

Venda, tenda ou mercearia: baiuca, bitesga, bodega, boiiche, chafarica, locanda, taberna, tas-ca, vendola.

Veterinario: alveitar.

Vinho: agua-pé, briol, cangi-ca, carrascão, gesso, graxa, mata-ratos, morraça, mlstela, timbó, vappa, vinagreta, vinhaça, vi-nheta, vinhoca, vinhote, zurrapa.

## RELAÇÃO ALPHABETICA

Abacaxi, alcunha depreciati-va dada aos portuguezes no Rio de Janeiro. A. Taunay, Lexico de lacunas.

Albarca, calçado largo e mal feito.

Abusão, crença supersticiosa. Aulete considera esta palavra do genero masculino, e Figueiredo, do feminino.

Açangalhada, porção de rabi-cos ou gatafunhos. Fig. Dic.

Adeio, negociante de roupa e outros objectos, usados.

Aguapé, vinho muito fraco.

Albarda, roupa mal feita.

Albardeiro, mau alfaiate, mau official.

Albergaria, hospedaria sem conforto e de pouco asseio. Nes-te sentido usa-se tambem do ter-mo albergue.

Alcaide, mercadoria de diffi-cil venda. Com a mesma signifi-cação se emprega a palavra en-cravo, e como antonymo deste se usa o termo cannela.

Aichime, ouro faiso, pechls-beque.

Aideia, diz-se de uma cidade muito atrazada ou decadente.

Aidravão, mau operarlo ou mau official.

Alfacinha, aicunha que se dá aos naturaes de Lisboa, por gostarem muito de aiface: "Que Immenso contraste entre a lavadeira de fóra da terra, como nós dizemos, e a lavadeira alfacinha, toda ella prosa, toda ella encenrada, toda ella aivo da jurisdicção municipal". L. A. Palmeirina, Galeria de figuras, 25.

Alfarrablo, livro velho e de leitura aborrecida.

Alfabarrista, o que negocia em livros antigos.

Algaravia, aravia, linguagem confusa, que não se entende.

Altareiro, exageradamente religioso.

Aiveltar, veterlnario empirico.

Amphiguri, discurso sem sentido.

Andrajo, roupa esfarrapada.

Apontoado de rodilhas, composição dlsparatada: "O que chegam a expor, é um apontoado de rodilhas que ninguem os entende". Castilho, Colloquios Aidaños, 36.

Aranzei, discurso ou escripto enfadonho e sem importancia.

Arapuá, (N. do Brazil), cabelleira emmaranhada. R. de Magalhães, Voc. Popular.

Arapuca, casa velha, esburacada, que ameaça ruina. Macedo Soares, Dicc. Brazilero.

Arenga, discurso fastidioso.

Argot, termo francez usado em portuguez e significando calão.

Arneiro, terreno arenoso, esterli.

Arrala, as ciasses mais baixas da sociedade. Tambem se diz arrala miuda. Arranchamento, rancho, casebre, choça com todos os pertences rusticos, como curraes, etc. Romaguera, Voc. Sul Rio-Grandense.

Arrasta-pé, (bras.), balle sem importancia.

Arribana, choupana, caça de capim.

Artoiatra, nome dado por zombari. aos catholicos. Ramiz Galvão, Vocabulario.

Atalho, caminho estreito e mais curto que a estrada commum.

Azemuia, burro ou cavallo velho e cansado.

Bacamarte, espingarda de cano curto e largo; livro velho e volumoso.

Badana, a mais vil carno de açougue que ha; ovelha que, por lnutil para mais nada, se mandou ao matadouro. Garrett, Dona Branca, 267.

Badanos, trastes em mau estado de conservação. Bessa, Glria Portugueza.

Baeta, mlneiro, habitante de Minas Geraes. Vem das jaquetas de baeta com que se veste a gente dos campos. Macedo Soares, Dicc. Brazilero.

Bailarico, baile popular; pequeno baile.

Baluca, taberna pequena e suja.

Baldio, terreno inculto.

Baieia, noticia falsa.

Banduiho, pança, barriga grande.

Banzé, festa ruidosa, barulhenta.

Barbeiroia, mau barbelro.

Bas-bieu, designação depreciativa da mulher letrada, pretenciosa, pedante. Fig. Dicc.

Batata, nariz muito grosso.

Bate-chlneia, (N. do Brasil), baile de gente ordinaria.

Batida, (bras.), caminho improvisado, no mato, pela passagem de carros.

Batisella, mau cavalleiro.

Batota, patota, jogo desleal.

Batotelro, patoteiro, o que faz patotas.

Bazé, (N. do Brasil), fumo ruim.

Beato, religioso fingido. Ha o derivado beatorro.

Beco, rua estreita e curta.

Begulno, o mesmo que beato.

Belchior, vendedor de objectos velhos ou usados.

Belegulm, designação depreciativa do official de justiça.

- Bento. (Viseu). curandeiro.  
Gonçalves Vianna, Apostilas.
- Benedeiro, benzedor, aquelle que faz benzeduras para curar doenças.
- Beque, nariz grande.
- Bestialogico, discurso empolado, cheio de logares communs.
- Bestunto, cabeça de pouco julzo.
- Bicana, nariz grande.
- Bicudo, alcunha dada ao portuguez na Amazonia. Rev. Acad. Brasileira, n. 3, 101.
- Bife, pessoa de nacionalidade ingleza, em sentido depreciativo.
- Bilhostre, depreciativo de estrangeiro.
- Bisonho, soldado inexperiente.
- Bitacula, nariz grande; vendola, taberna ordinaria.
- Bitega, rua pequena e estreita; vendola.
- Bodega, venda pouco asseada.
- Boliche, o mesmo que bodega.
- Borrador, mau pintor.
- Boticario, termo que ás vezes se usa como depreciativo de pharmaceutico.
- Brejeiro, cigarro barato, ordinario. Bessa, Gíria.
- Briol, vinho ordinario.
- Brocotós, (bras.), estrada cheia de morros e de barrancos.
- Bruaca, (bras.), casaca velha; mulher velha e feia.
- Bruxa, mulher idosa e feia.
- Bufarinheiro, vendedor de bugangas.
- Burjaca, roupa mal feita.
- Burundanga, linguagem confusa.
- Cabana, pequena casa rustica.
- Cabeça rapada, pejorativo de padre: "Fôra o padre! até os cabeças rapadas nos querem disputar o terreno!". J. Ribeiro, Crepusculo dos Deuses, 30.
- Cabeçorra, cabeça grande.
- Cabotino, mau comediante.
- Cacareus, trastes velhos e de pouco valor. Usa-se geralmente a fórma cacarecos.
- Caca-sêbo, o que negocia em livros usados. Tambem se diz caga-sêbo ou simplesmente sêbo.
- Caçarrêta, (prov. alent.) ruim caçador.
- Cacherim, (bras.), faca velha ou usada.
- Cachola, (vulg.), cabeça.
- Cacos, trastes e louças estragadas.
- Cacumbú, (bras.), enxada velha ou estragada.
- Cadelxo, (prov.), livro velho. Fig. Dicc.
- Cafúa, habitação pequena e improvisada, para trabalhadores de estrada de ferro, etc.
- Cafurna, o mesmo que cafúa.
- Calador, mau pintor, borrador.
- Caçara, (bras. do N.), mulher velha e feia.
- Calão, linguagem especial dos gatunos e classes inferiores.
- Calbamaço, livro grande e usado; mulher velha.
- Calhambeque, navio ou barco arruinado; carruagem velha.
- Camafeu, velha feia. A. Bessa, Gíria Port.
- Canalha, a classe mais baixa da sociedade.
- Canastra, (bras. de Minas), pé grande.
- Cancan, dansa affectada, impudica. Fig. Dic.
- Cangalhê, objecto velho, ferramenta imprestavel. J. Ribeiro, Dicc. Gram., 261.
- Cangalheiro, cavallo que sómente serve para carga, para cangalva. Em Macedo Soares, Dicc. Brasileiro: cavallo aiva, punga, de maus andares, cangalheiro, mofino.
- Cangalbo, pessoa velha, inutil: "O Viegas, um cangalho de setenta invernos". M. de Assis, Braz Cubas, 192.
- Cangica, vinho que não presta. Bessa, Gíria.
- Canhão, mulher muito feia.
- Cannelo, ferradura velha, servida.
- Canudo, mercadoria pouco vendavel, alcaide. Bessa, Gíria.
- Capôna, o mesmo que beato.
- Caqueiro, chapéu velho.
- Caraminguás, arrellos velhos e de quasi nenhum valor; cousas ou objectos, moveis de pouco va-

lor. Romaguera, Voc. Rio-Grandense.

Caramnhola, o mesmo que gadelha.

Caranchona, (prov. trasm.), cara feia, carantonha. Fig. Dicc.

Caranguejola, armação de madeira pouco solida.

Carantonha, cara feia.

Caraplha, cabelo crespo, como o dos negros.

Carcamano, alcunha dada aos Italianos.

Carcassa, mulher magra, velha e feia.

Carimbamba, o mesmo que curandeirol.

Caritó, (bras. do N.), casa pobre. Fig. Dicc.

Carne-secca, (bras.), depreciativo de portuguez.

Caroca, obra manual, artefacto de pouco trabalho e de pouco valor, principalmente obras de carpinteiro. Cortesão, Dicc. Addt.

Carola, religioso fingido ou exaltado.

Carranca, cara carregada ou de sobrancelhas cahidas, testa enrugada, que indica mau humor; cara feia. Aulete, Dicc.

Carrascal, mato ruim, baixo, sujo.

Carrascão, vinho ordinario, adulterado.

Carreiro, caminho estreito feito pela passagem de carros.

Carrimónia, carruagem velha ou ordinaria.

Cartapacho, livro grande e esmagado.

Casalejo, casa rustica e miseravel. Fig. Dicc.

Cascata, velha pretenciosa e feia.

Casebre, casa pequena ou arruinada.

Casitéu, casa pequena e ordinaria. Cortesão, Dicc.

Casoto, casa pequena e reles. Fig. Dicc.

Casquelra, tabua velha ou ruim. Vlanna, Apostilas.

Casquete, chapéu velho.

Catana, pequena espada curva.

Catanduva, conforme Eucly-

des. Os sertões, 44: "E pouco mais especlallsa quem anda, pelos dias claros, por aquelles descampados, entre arvores sem folhas e sem flores. Toda a flora, como em uma derrubada, se mistura em baralhamento indescriptivel. E' a caatanduva, matto doente, da etymologia indigena, dolorosamente cahida sobre o seu terrivel leito de espinhos!"

Catarlau, espingarda velha ou reles.

Catatau, pessoa velha e magra; animal grande e velho; espada ruim.

Catimbau, cachimbo ordinario.

Catrapão, (t. do Fundão), cavalgadura pesada, feia e de mau passo. Fig. Dicc.

Catre, leito pobre e tosco.

Cavallcoque, cavallinho de pouco valor.

Caxerenguengue, faca velha e ordinaria. Tambem se diz xerenguengue, conforme Romaguera, Voc. Sul Rio-grandense.

Caxli, (bras. Norte), aguardente muito fraca. R. de Magalhães. Voc. Popular.

Ccntopela, mulher feia, de aspecto repellente.

Chafailça, loja pequena, mal sortida.

Chaforda, casa imunda.

Chama-rita, musica ordinaria, especialmente nos Açores. Bessa, Gíria Port.

Chambão, chaman, carne de má qualidade.

Chamborreirão, (prov. alent.) official grosseiro, imperfeito no seu trabalho. Tambem se diz champorreirão.

Chanca, pé grande; calçado largo e mal feito.

Chanfalho, espada velha e sem corte.

Chanfana, comida mal feita; carne magra; chanfalho.

Chaparro, arvore pequena e tortuosa, chaparreiro.

Chapeleta, chapelete, depreciativo de chapéu.

Charabasca, terreno esteril. Ha as fórmas charabasco e charabasqueiro.

Charaviscal, o mesmo que **charabasca**.

Chariatão, medico empirico, sem diploma. Usa-se egualmente a forma **charlata**.

Charneca, terreno inculto, em que sómente existem plantas rasteiras.

Chavascai, terra pouco produtiva; taverna immunda.

Chaspelete, chapéu ordinario: "Chaspelete de palha já encardido". Azevedo Junior, Quadros, 53.

Chatim, commerciante pouco serio em seus negocios.

Chauvin, aquelle que tem sentimentos exaggerados e ridiculos de patriotismo e de guerra. Fig. Dicc.

Chauvinista, o mesmo que **chauvin**.

Chaveco, embarcação pequena e mal construida.

Chebê, toicinho baixo, ruim. J. Ribeiro, Dicc. Gram., 261.

Chicaneiro, advogado trapaceiro. Diz-se tambem **chicanista**.

Chinfrim, baile popular.

Chioia, (prov. trasm.), carro de bois, fraco ou prestes a desconjuntar-se. Fig. Dicc.

Chitéiha, chita de má qualidade.

Chocha, cabana feita de ramos de arvores ou de capim.

Chodó, (bras.), namoro descarado; baile de gente ordinaria.

Choupana, casa rustica de madeira ou de ramos de arvores.

Chuços, ou chuzes, botas mal feitas. Bessa, Giria Port.

Chumeco, sapateiro remendão.

Churdo, ou churro, lan de inferior qualidade e baixo preço.

Ciarineta, charuto ordinario ou estragado.

Cochicho, casa pequena; chapéu velho.

Cochicholo, casa muito acanhada.

Coimado, choupana, palhoça.

Congosta, rua estreita e comprida.

Coroado, pejorativo de padre. Diz-se tambem **corôa**: "Fôra o padre! Fôra o corôa!" J. Ribeiro, Crepusculo dos Deuses, 30.

Corsario, pasquim, jornal difamatorio.

Cortiço, (bras.), casa mal conservada, onde residem diferentes pessoas.

Coruja, mulher feia e velha.

Costaneira, a primeira ou a ultima tabua de um tronco serrado, mais estreita e menos perfeita do que as outras; papel grosso e ordinario.

Cotó, (bras. Sui), faca pequena e ordinaria. Romaguera, Voc. Sui-Rio-grandense.

Credulidade, crença simples, ingenua.

Crendice, crença absurda ou ridicua.

Credeirice, o mesmo que **crendice**.

Critiqueiro, mau critico.

Cubiculo, casa pequena.

Cuca, mulher velha e feia.

Cupim, (bras. Norte), carapinha dos pretos. R. Magalhães, Voc. Pop.

Curandeiro, aquelle que trata de doencas sem ter conhecimentos de medicina.

Curral, casa immunda.

Dançarás, o mesmo que **balearico**.

Demagogo, agitador que excita as paixões populares.

Dorna, mulher gorda e baixa.

Dramalhão, drama de pouco valor.

Durindana, espada grande, espadagão.

Duro-a-fogo, (bras. Norte), fumo de pessima qualidade.

Emboaba, (bras.), apelido dado aos portuguezes, no principio das Minas, por andarem de caigas, equivalente a pintos calçados.

Engrimanço, discurso inintelligivel.

Enteléchia, linguagem difficil de entender.

Enxerga, cama grosseira.

Escolha, (bras.), café da peor qualidade.

Escoria, a parte mais baixa do povo. Tambem se diz **escoria social**.

Escorropicha-galhetos, depreciativo de sacristião.

Escrevedor, escrevinhador, mau escriptor.

Escrevedura, composição de pouco merecimento.

Escuma, povo baixo, escumalha.

Esfola-caras, mau barbelro.

Especulador, negociante aventureiro, sem a devida seriedade em suas transações.

Espelunca, casa immunda; casa de jogo.

Estalagem, hotel de segunda ordem.

Estamenha, tecido ordinario de lan.

Falhelro, primeira tabua serrada de um tronco, que é sempre falho na face externa.

Falripas, ou farripas, cabelos ralos.

Falsete, voz fina e contrafeita, voz de plipa.

Fanatismo, religião exaggerada que leva a pessoa a actos censuraveis.

Fandango, dança alegre e mais ou menos licenciosa; espada velha, não lnteira, reduzida a facção.

Farrancha, (prov. bair.), espada velha, chanfalho. Fig. Dicc.

Farrapo, roupa suja e rôta.

Farrusca, espada ferrugenta.

Feital, terra cansada. Rev. Acad. Bras., n. 2, pag. 394.

Ferro-velho, negociante de objectos usados.

Foliculario, periodiqueiro, autor de artigos diffamatorios.

Formlgão, depreciativo de seminarista ou de padre.

Forrohodó, (bras.), baile de gente ordinaria. Diz-se tambem forró.

Fradepio, fradalhão, fradegão, frade pouco escrupuloso.

Frangalho, o mesmo que farrapo, trapo.

Frege, ou frege-mosca, (bras.) restaurante de infima ordem.

Frisa, tecido grosseiro de lan.

Gadêlha, ou guedelha, cabelo comprido e desgrenhado.

Gafornia, cabelo embaraçado, em desalinho.

Galimatlas, discurso confuso, incomprehensivel.

Gallego, (bras.), alcunha dada ao portuguez.

Gallucho, soldado novo, bisinho.

Gandara, terreno arenoso, esteril.

Garatuja, letra mal feita, escripta pessima. São fórmãs equivalentes garabulha, garabulho, garafunha, garafunho, garavunhas, gravunhas.

Garrancho, arbusto tortuoso; o mesmo que garatuja: "Cujos garranchos, que não letras, por vezes se viu obrigado a encostar aos olhos para poder decifrar." Taunay, Innocencia, 152.

Garras, arreios velhos e grosseiros. Romagueza, Voc. Sul Rio-Grandense.

Garra, panno ordinario de algodão.

Gentalha, gentaça, gentinha, povo miudo, povo baixo.

Gentiaga, o mesmo que gentilha: "Era um borbordinho de gentiaga á roda delle que ninguem se entendia". Castilho, Colloquios, 277.

Geringonça, o mesmo que calão; obra mal feita.

Gesso, vinho ordinario. Bessa, Gíria Port.

Gíria, calão; linguagem peculiar aos que exercem uma mesma profissão.

Grabato, cama pequena e pobre.

Graxa, vinho ordinario. Bessa, Gíria.

Gregotins, garatuja, letras mal feitas.

Grenha, cabelo emmaranhado, não penteado.

Gringo, (bras.), alcunha dada aos naturaes da Republica Argentina.

Hospedarla, hotel de segunda ordem.

Igrejeiro, grande frequentador de Igrejas, beato.

Jalapeiro, curandeiro: "Vem tarde, e muito tarde um Jalapeiro, quando o celtico humor no corpo é velho". A. de Macedo, os Burros, 44.

Jardía, (prov. alent.), o mesmo que charneca.

- Jargão, calão; giria; linguagem estropiada.
- Jarrêta, pessoa velha e ridicula.
- Jingo, patriota exagerado e ridiculo. Fig. Dic.
- Jingoista, o mesmo que jingo: "E' esta a politica chamada patriótica quando em sua fórmula benigna, e jingoista na sua fórmula exaltada". Oliveira Lima, Nos Estados Unidos, 406.
- Jornaleco, jornal sem importancia.
- Landa, charneca, terreno inculto.
- Landes, planicies paludosas e quasi incultas, em França, Fig. Dic.
- Langanho, (bras. N.), carne magra; fragmento de carne dilacerada. R. Magalhães, Voc. Popular.
- Lata, (chulo), cara.
- Leguleio, chicaneiro, rabula. Tambem se diz **legulejo**.
- Lençalho, lenço grande e ordinario.
- Lenga-lenga, discurso enfadonho.
- Livreco, livro de pouco valor, livrorio.
- Locanda, o mesmo que baluca.
- Logarejo, cidade ou lugar pequeno, atrazado.
- Macacôa, doença sem importancia.
- Macarrone, alcunha de italiano. João Ribeiro, Livro de exercicios, 82.
- Madrasta, mãe desnaturada. "Assim como a negligencia é **madrasta** das virtudes, assim a diligencia é mãe de todas ellas". Heitor Pinto, Imagem, I, 4.
- Magarefe, cirurgião inhabil.
- Maleta, toureiro sem merito. Fig. Dic.
- Mamarracho, mau pintor.
- Manha, doença fingida.
- Mansarda, agua furtada; morada ordinaria.
- Manta de retalhos, discurso sem valor.
- Manzorra, mão grande e mal feita, manapula, manopla.
- Marçano, aprendiz de caixeiro, caixeiro da vassoura. Fig. Dic.
- Marotinho, lenço, ordinario.
- Masmarro, frade leigo, marufo; fradalhão.
- Massamôrda, comida mal feita.
- Mata-ratos, vinho ordinario.
- Matasano, ou matasanos, curandeiro. A Rev. da Acad. Bras. n. 2 de 1910, regista a fórmula **matazão**.
- Matungo, cavallo velho e quasi sem prestimo.
- Maturrango, (bras do S.), mau cavaleiro. Fig. dá tambem a fórmula **maturrengo**.
- Maturrão, besta velha e imprestavel.
- Medicastro, fórmula pejerativa de medico, mediquito.
- Megera, mulher de mau genio; mãe desnaturada.
- Meia-agua, "Quando entrou em casa uma **meia-agua** situada num recanto da larga praia branca". V. Varzea, Mares e Campos, 127.
- Melchior, o mesmo que belchior.
- Melena, cabelo desgrenhado.
- Merca-tudo, negociante de artigos usados.
- Mezinheiro, charlatão, curandeiro.
- Mistela, zurrapa; comida ou bebida desagradavel.
- Mocambo, (bras.), choça, em que os escravos se abrigavam, quando fugiam para o mato; (ext.) choça.
- Morraça, o mesmo que zurrapa.
- Mosqueiro, (bras. N.), hotel de infima ordem.
- Mulambo, (bras.), andrajo, farrapo, roupa velha ou rasgada.
- Muxiba, (bras.), pelle de carne magra.
- Narigão, nariz grande, mal feito.
- Nariz de cera, discurso cheio de logares communs, que só serve para encher o tempo.
- Novato, depreciativo de portu-guez.

- Ouropel, ouro falso.
- Padreca, padreco, pejorativo de padre.
- Padre de requiem, padre ignorante. Anlete.
- Palavreado, conjuncto de palavras sem importancia, palavrolo; logorréa, verborréa.
- Palhada, palavreado; carne ordinaria.
- Palhal, casa coberta de palha, palhoça, palhota, palhote, palhar.
- Palheirão, livro extenso e confuso.
- Palheiro, casa de habitação ordinaria.
- Palhço. "Mas o grande jubileu, esse era celebrado pelos recantos da fazenda, nos palhços dos escravos". C. Netto, Rei Negro, 153.
- Palmatoria do mundo, aquelle que tem por costume criticar tudo.
- Panacéa, remedio para todos os males.
- Pança, barriga grande.
- Panturra, o mesmo que pança.
- Papa-hostias, pessoa muito beata, papa-missas, papa-santos.
- Papa-ratos, garatujas, garafunhos.
- Paparrotada, alimento mal preparado.
- Papelejo, jornal sem importancia, papeleta, papelucho.
- Papista, depreciativo de catholico.
- Pardleiro, casa velha e suja, ou em ruínas.
- Pechote, mau jogador.
- Pasquim, jornal dífamador.
- Pastiche, obra ordinaria de pintura.
- Pata, pé grande.
- Patachoca, servente de sacristia.
- Patamaz, santarrão, beato.
- Pato, mau jogador. Tambem se diz patinho.
- Patola, pé muito grande; calçado mal feito.
- Patonha, pé muito grande.
- Patota, vide batota.
- Patuléa, povo mludo, plebe.
- Pechlsbeque, ouro falso, ouro-pel.
- Pé de chumbo, (bras.), designação depreciativa dos portuguezes: "O pé de chumbo não queria saber de conselhos". V. Varzea, Nas Ondas, 3.
- Pêgas, advogado rabula.
- Pellanga, pelle molle e cahda; carne magra. Ha as fórmãs pe-lhancas, pelharancas, pellanca, pellangana.
- Penca, nariz grande.
- Pezunho, pé grande e mal feito.
- Pharmacopóla, pejorativo de pharmaceutico.
- Picada, "Sem díficuldade achnou a entrada da picada que levava á morada do Pereira". Tannay, Innocencia, 114.
- Pica-fumo, lavrador pobre.
- Pica-pau, (bras.), espingarda antiquada de carregar pela boca.
- Pileca, cavallo pequeno e ruim.
- Pifungo, (bras. do S.), cavallo ruim, sem prestimo.
- Pinoia, mercadoria ordinaria, mau negocio. Em Lisboa exprime o contrario.
- Pinta-monos, mau pintor, borrador.
- Pinta-ratos, o mesmo que pinta-monos. "Este pinta-ratos em materia juridica". Ruy Barbosa, Esfolia da calumnia, XXIX.
- Plaglarlo, aquelle que apresenta como seu o que pertence a outros escriptores.
- Plaquê, metal imitando ouro.
- Plebe, povo baixo, ultima camada da sociedade.
- Plumitivo, depreciativo de jornalista. Fig. Dicc.
- Pocilga, casa immunda.
- Poetaço, mau poeta, poetastro.
- Pona, nariz achatado.
- Populacho, populaça, o mesmo que plebe.
- Portuga, pejorativo de portuguez.
- Povileu, povoleu, o mesmo que plebe.
- Preconceito, superstição, prejuizo, crendice.
- Punga, cavallo ordinario, de maus andares.
- Pungarécós. (bras.), drogas de charlatão.

- Punguista, (bras.), pharmaceutico charlatão, sem diploma.
- Quebra-queixo, charuto ordinario.
- Quêlha, rua estreita.
- Quicé, faca em mau estado.
- Quico, chapéu muito pequeno e ridiculo.
- Quimbembe, (bras. N.), habitação pobre; cabana.
- Rabeco, livro inutil.
- Rabiscador, escriptor medlocre, escrevinhador.
- Rabisco, letra mal feita, rabisca.
- Rabo de gato, (bras.), iaranja de má qualidade; cavallo, que não é de raça.
- Rabula, advogado sem diploma, ou que é chicaneiro.
- Ralé, ou relé, camada mais baixa da sociedade.
- Ralzeiro, (bras.), curandeiro que trata por meio de raizes.
- Rancho (bras. S.), cabana, casebre feito de pau a pique e coberto de folhas. Romaguera, Voc. Sul Rio-Grandense.
- Rapado, depreciativo de padre.
- "Em que a ti te hei-de metter, meu rapado,  
Descarado,  
A comer  
Um presunto  
Com seu unto  
Apesar de São Mafona,  
E do velho lá de Roma".  
Al. Herc., O Bobo, 68.
- Rapador, ou rapadouro, pasto ruim e estragado.
- Rapa-tabuas, carpinteiro ordinario.
- Raso, pejorativo de padre ou de frade.
- Rato de sacristia, o mesmo que carola ou beato.
- Recruta, soldado novo, que ainda não sabe exercicios militares.
- Relzete, rei pouco importante, regulo.
- Remendão, remendeiro, alfaiate, sapateiro ou outro official inhabil.
- Répa, cabelo ralo.
- Rezador, rezadeiro, beato.
- Rimador, mau poeta, versejador.
- Ripeira, espada velha.
- Rocim, cavallo pequeno e fraco.
- Rocinante, nome do cavallo de D. Quixote, cavallo fraco.
- Rolão, gente ordinaria, populacho. Fig. Dicc.
- Romano, nome dado por desprezo aos catholicos.
- Roupeta, depreciativo de padre.
- Ruela, rua pequena ou estreita.
- Sabichão, diz-se ironicamente de quem sabe muito, sabidorio, sabichoso.
- Saca-molas, mau dentista.
- Sachrista, synonymo vulgar de sacristão.
- Safara, terreno esteril.
- Salsifré, bailarico, baile ordinario.
- Samarra, padre, em sentido depreciativo.
- Santarrão, beato hypocrita.
- Sapatorra, ou sapatorro, sapato grosselro e mal feito.
- Sarandalha, gente ordinaria, plebe.
- Sarandy, terra maninha, improductiva.
- Sarrafaçal, mau barbeiro; official imperito.
- Senda, caminho estreito.
- Sendeiro, cavallo velho ou ruim.
- Seresma, mulher imprestavel; mulher velha e feia.
- Serpente, pessoa má; mulher velha e feia.
- Sol-e-dó, banda de music ordinaria.
- Sotaina, depreciativo de padre.
- Superstição, crença falsa e ridicula.
- Taberna, ou taverna, venda ordinaria.
- Tapera, (bras.), casa abandonada e quasi sempre em ruinas.
- Tareco, (bras. de Minas), caminho mau.
- Tarecos, trastes velhos e de pouco valor.
- Tarega, negociante de trastes usados.
- Tarrasca, (prov. beir), espa-

da velha, durindana, chanfaiho.  
Fig. Dicc.

Tartaruga, mulher feia e ve-  
lha.

Tartufo, hypocrita; religioso  
falso.

Tasca, o mesmo que taberna.

Terréu, terreno safaro.

Theophago, epitheto injurio-  
sado aos catholicos.

Tibira, mau tirador de leite;  
vacca que dá pouco leite. R. de  
Magalhães, Voc. Popular.

Tipoia, carruagem velha ou es-  
tragada.

Toêsa, pé grande.

Toupeira, pessoa estúpida;  
mulher velha mal vestida.

Trabuco, charuto ordinario.

Traficante, negociante fraudu-  
lento.

Tratante, mau pagador, ve-  
lhaco.

Trapeiro, negociante de tra-  
pos.

Trapo, pedaço de panno velho  
ou usado; roupa velha ou estra-  
gada.

Travessão, (bras.), o mesmo  
que atalho.

Tribofe, trapaça em corridas  
de cavallos.

Triho, caminho estreito, tri-  
lha.

Tripeiro, (deprec.), habitante  
da cidade do Porto, portuense.

Trólha, pedreiro ordinario;  
servente de pedreiro.

Trotão, cavallo ruim, que só-  
mente trota.

Trovista, mau poeta, verseja-  
dor.

Trunfa, cabelo em desalinho.

Tugurio, choupana, cabana.

Urca, mulher gorda e feia.

Vappa, (des.), vinho fraco;  
zurrapa.

Vasconço, linguagem quasi  
incomprehensivel.

Velhote, velho, em sentido  
burlesco; velhusco, velhustro,  
velhaças, velhão.

Vendola, venda pequena e or-  
dinaria.

Verbos. Além dos verbos pejo-  
rativos, derivados de outros ver-  
bos, como **escrevinhar**, de escre-  
ver, **pedinchar**, de pedir, ha uma

classe interessante, conforme os  
seguintes exemplos: — **albardar**,  
**aldravar**, **allubavar**, **chavascar**,  
**escorchar**, isto é, fazer mal, im-  
perfeitamente, (qualquer servi-  
ço); **atabalhoar**, executar ou fa-  
lar com precipitação, inconside-  
radamente; **chanfalhar**, tocar de-  
safinadamente; **pinturilar**, pintar  
sem arte; **atamancar** uma obra,  
fazel-a mal feita; **esgaratujar** u-  
ma novella, escrevei-a sem cui-  
dado; **petiscar**, conhecer super-  
ficialmente; **gaguejar** algumas  
descuipias, etc.

"O primo vae ao piano e ar-  
ranha um fado". G. Lobato, Co-  
media de Lisboa, 202.

"Engorolava o latim da mis-  
sa comendo periodos de afogadi-  
lho, dando syllabadas extraordi-  
narias". C. Branco, A Corja, 138.

A mulher, falando ao homem,  
**estropiava** o portuguez de uma  
maneira horrivel". Alencar, So-  
nhos d'ouro, I, 25.

"Vaisinhas e operazinhas que  
eu martellava". Alberto Costa,  
Livro do Doutor Assis, 10.

Vereda, caminho estreito, tri-  
lho.

Verrumão, operario inhabil,  
especialmente nos Açores.

Versejador, mau poeta, poe-  
tastro.

Vieia, rua estreita.

Vinagreta, vinho azedo.

Vinhaça, vinho ordinario, vi-  
nhoca.

Vinhete, vinho fraco, vinhote.

Vozeirão, voz muito grossa e  
forte, vozeiro.

Vulgacho, vulgo, plebe.

Xorcas, (prov.), sapatos gran-  
des, acalcanhados e mal feitos.  
Fig. Dicc.

Xurumbambos, (bras.), tras-  
tes velhos e sem valor.

Zangano, o mesmo que adelo  
ou bufarinheiro.

Zé-povo, zé-povinho, povo miu-  
do.

Zollo, (nome de um crítico de  
Homero), crítico maligno, inve-  
joso.

Zurrapa, vinho ordinario.

Firmino Costa.

---

---

# PAGINAS ESQUECIDAS

---

## EÇA DE QUEIROZ

Duma irmandade tuberculosa, que se foi indo, mais ou menos elegantemente, para as bolorencias do sepulchro, Eça de Queiroz tem sido, depois de uma irmã que resta ainda, a mais resistente vergonhea da familia que o magistrado Queiroz creou entre os exemplos da sua proverbial e austera probidade. Conheci-lhe dois irmãos, (1) Alberto e Carlos, dum dos quaes fui camarada de escola e companheiro d'esturdia, em annos juvenis, e que com seus ditos mordentes, sua viveza macabra, suas fallas litteratigas, seu janotismo inglez pretencioso, dir-se-lam socialmente encarregues de vulgarisar pelo mundo edições baratas do irmão José Maria, o grande homem da familia, nas duas phases de bohemia artistica anteriores á sagração que lhe veio do **Padre Amaro**.

Eça de Queiroz foi sempre uma organisação debilitada, um poste d'osso suspendendo fios electricos de nervos, este predominio nevrotico explicando as sensibilidades d'estheta que lhe fizeram na vida litteraria o temperamento intenso de humorista, assim como na material em coisas de mesa, vestuario, amor, arte e conforto, um desses typos d'aristo, cuja degenerescencia recorda, pelas predilecções sensuaes, scepticismo delicado, inconstancia do dilettantismo, raridades frustes d'elegancia, o que trazem as chronicas sobre certos principes perversos da Renascença.

Quem via a sua cara chupada, verde terra, o seu bigode sem força, as temporas deprimidas, a bocca murcha, de sorriso rugo-

---

(1) Destes rapazes até o mais novo, Carlos, ainda em plena posse da saude, estando a familia de nojo pela morte d'Alberto, lhe aconteceu vir uma vespera de Santo Antonio á janella do quarto andar do Rocio, onde moravam. Era deshoras: na praça, grande assoisse de gente, em descantes e dansas populares; e o moço, a conversar com uma das visitas á varanda, dizia lastimando a horrivel tara que lhe carregara os irmãos p'ra sepultura — "qual de nós será que váe agora?" Inda não disséra estas palavras, torna uma voz da rua — "agora, és tu". Carlos Queiroz nunca mais pôde esquecer o vaticinio, que effectivamente se cumpriu, mezs depois, fallecendo aquelle de febre galopante.

so, e como conjugando os beijos para uma especie de beijo vicioso — quem olhava essa figura de fadiga, marrêca de cansaço, bambaleante no ramerrão arhythmico dos passos — esses olhos de escie-rotica enxundicea, sem viço, em que toda a verve parecia vibrar na quasi continua circumflexão das sobranceilhas, essa elegancia de cabide, onde, pelo escanzelamento da figura, as sobrecasacas nunca cingiam, e as calças fluctuavam sem lhe cairem bem nas tibias de cegonha, mal diria que naquella apparente morte da vontade, sob tão valetudinarias quebreiras, estivesse um dos mais altos sensacionistas do Portugal contemporaneo, um espirito de facetas, refrangendo a civilisação por paradoxos, um satanaz emfim, varrido da mocidade, absorto na idéa suprema de belleza, e morrendo, positivamente morrendo, como todos os artistas, de habitar, com aquella aim a apollinea, esse desmantelado corpo de fanteche!

A sua agonia era já longa, datava de quatro ou cinco annos, quando a tuberculose hereditaria se lhe fixou na tórma mesentérica, e mais prosaica para um dandy amoroso da graça poetica, e a que mais offensivamente devia contundir os seus pudores de gentilhomem. Com intervallos pequenos de melhora, viveu todo esse tempo em supplicios de digestões intestinaes, mal ultimadas, febriculas nocturnas, irritações, suores, extenuantes insomnias, todos os rebates dum esperecer gradual de seivas e energias, de cuja noite abysmal, a certas horas, a face verde terra e o oihar encinzelado tralam o mortal presentimento.

Peia complexa tempera d'escriptor, pelo mundanismo da vida e das viagens, Eça de Queiroz é um caso de cosmopolitismo, raro bastante, senão unico, na litteratura portugueza, e como tal o havemos de julgar, longe e bem longe da disparatada apotheose dos encomios bombasticos, das farofias exhibitivas d'alguns jornalistas inconscios da justiça e rebeldes ao criterio do justo meio. Em 1878, escrevia elle, na *Renascença*, em artigo a respeito de Ramalho: "Ha quasi doze annos, appareceu, vinda parte de Coimbra, parte daqui, parte d'acoiá, uma extraordinaria geração, educada já fóra do catholicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado delles, reclamando-se exclusivamente da Révolução e para a Révolução... "Esta geração nascera, toda a gente o sabe, da bestificação em que caíra, por mingua de creadores originaes, a litteratura portugueza, reduzida a traducções de poetas latinos e á immundicie do elogio mutuo, causas longinquas da dissidencia coimbrã contra o pontificado de Castilho, codificada principalmente no pamphieto d'Anthero, Bom senso e bom gosto; e tomára fóros de grupo dirigente, no Cenaculo, especie de bohemia artistica formada em Lisboa pelos insurrectos de Coimbra, já bachareis e sem emprego, de roda aos destumbramentos do cavaco d'Anthero, cujo mysticismo metaphysico fazia delie uma especie de genio perturbante, illuminado, ajuntando-se-lhes outros de proveniencia vária,

de rustilhão com alguns janotas simplesmente interessados de fregar, pela evidencia, modo de vida ou casamento. Não posso mesmo affirmar que o Cenaculo tenha tido existencia de sociedade litteraria ou centro de cavaco regular; por ventura, a palavra não passaria dum modo de designar, na litteratura nova dentre 1866 e 1872, o grupo preponderante, vivendo em commumidade de patuscadas e de idéas, e celebrando polemicas e conferencias um pouco ao acaso dos encontros, nalguma esquina celebre, num botequim nocturno, em casa dum, em casa doutro... O certo foi que deste grupo saíram, por suggestões do espirito organisador de José Fontana, as chamadas conferencias democraticas do Casino, de que se fizeram poucas, por o duque d'Avilla as ter mandado cessar quando se ia discutir materia religiosa, e que, a proseguirem, teriam feito nos cerebraes uma renovação mais rapida d'idéas a avançar de muitos annos o ramerrão philosophico e artistico da terra.

As conferencias do Casino fóram, como mais tarde as duas reuniões preparatorias do Grupo Republicano de Estudos Sociaes, o rebate duma consciencia nova, formulando na morrinha nacional, sédes d'ar puro; a rotina governativa, sempre acanhada de andar por mãos de caixeirólas politicos, asphixiou-as á nascença, o que nem foi preciso fazer aos vagidos do Grupo, circumscriptos á divulgação dum programma curto d'estudos, que ninguem inaugurou, de sorte ao Grupo morrer bem antes de ter nascido, no meio das chufas da pulhastraria da imprensa e da má lingua, sempre irritadas pelo advento de qualquer idéa intelligente.

A conferencia d'Eça de Queiroz chamava-se **Realismo na arte**; ahi se punha a theoria de Proudhón, modificada, talvez, no criterio do artista pela resplandecente idealidade esparsa da Comedia Humana e dos romances de Stendhal e Flaubert. Assim como, quem historiar, na litteratura portugueza, a renovação romantica, tem de deter Garret, Castilho e o illustre Herculano, como avocadores desse periodo à la fois très arbitraire e très exalté, surtout sublime... diz Bourget, trazido por elles da emigração e das leituras, com a sua necessidade de sensações intensas, a nostalgia das grandezas, das decorações sumptuosas, do exotismo huguesco e byroniano, dos typos excepçoes e das fortes selvas physicas, focadas pela selecção das guerras napoleonicas — assim, quem entre nós disser do realismo, recordará por seu turno o grupo do Cenaculo, como aquelle de cujas assimilações litterarias e criticas brotou a, poderemos dizer, moderna e ultima renovação das letras patrias, emquanto se não definir outra que normalmente possa derogal-a. Nesta sorte d'émute intellectiva punha-se a urgencia d'alliar a philosophia á poesia, que, deixada ao subjectivismo metaphysico, ia forçosamente resvalar num pessimismo mystico e idiota — reclamava-se uma philosophia inspiradora, indispensavel a toda a concepção esthetica, e disciplina critica que, applicada á historia,

á philologia, ás tradições, aos costumes, aos idéaes e ás tendencias, engatassem Portugal ao formidavel comboio da Europa activa, "evitando, diz Theophilo. a especialisação que amesquinha as intelligencias ou a dispersão incoherente dos estudos, que leva á banalidade acobertada com o verniz do estylo". Referindo-se á gente do Cenaculo, dizia Eça de Queiroz, no artigo da *Renascença*, já citado: "esta geração tem o aspecto de ter falhado". Falhar, nem toda. E' mesmo das borregadas litterarias que môr numero de trabalhadores tem produzido — veja-se a obra d'Oliveira Martins e de Theophilo, de João de Deus, Eça e Ramalho, alguns livros d'Anselmo d'Andrade, os profundos sonetos d'Anthero, e coisas dispersas mais, obra minuscula que não vem agora destrinçar.

Eça de Queiroz, bacharelado com o seu R de cabula mergulhador e jogador de porta, d'inquilino chronico da coelheira, facilmente accitou, á voita de Coimbra, (como ainda não fôsse celebre e nem sequer rico nascesse) umas destas dobradiças que a politica tem sempre ao dispor das vadiagens que promettem. Desde a saída das aulas e a vinda para a casa dos paes, uma pouca murcha, visto não abundar o dinheiro, e elle sentir, nitidamente, no conflicto da vida, a irrisão da carta de bacharel — desde a saída das aulas que começára a mostrar, na *Gazeta de Portugal*, primicia dum estranho amojo d'arte, manando em preciosas paginas poeticas. Quem fôr ler esses bocados errabundos, dum estylo fluído, francez, voltando em boutades, e todo cheio de maravilhosas azas que o baloçam, a elle — humorismos, payzagens, historias phantasticas, visões onde o romantismo francez e o humorismo inglez se dão o braço, onde João Paulo surge entre Carlyle e Michelet — coisas de sonho, coisas de humor, coisas de tédio, em que peróra o bacharel foragido da magistratura peio R, e se aliucina o cerebro do antigo leitor de Quincey e de Poe, para logo diagnostica um temperamento acido d'estheta desdenhoso, de narrador estudando as trivialidades da vida á luz duma especie de logica sardonica de doído, e na parte biographal o preparo lento, antigo, que desde Coimbra elle secretamente cumulava, para surgir em publico, escriptor feito. Tentou minal-o, disse, a camarilha partidaria.

Redactor de um jornal politico em Evora, em que julgo collaborou depois João de Deus; administrador de conceição em Leiria por alguns mezes, ahí soffreu directamente a quietação deletéria da provincia, onde, sob artificios de hospitalidade e bonhomia, os fermentos da velhacaria humana misanthropisam cedo as almas delicadas, pois lá a perversidade iorpa tem um rechazo grosseiro que os bons ruracs não sabem mascarar sob esses abat-jours de côr ironica ou graciosa que a civilisação lhe põe para fazer supportavel ás pupillas doídas e sensibilidades estancadas. Em Evora, veria elle o fundo de intriga padresca que no *Padre Amaro* move, de roda da igreja de Leiria, onde até figuras, como as Gançosos,

o Libaninho e o sr. Chantre, algumas com os seus nomes, são recordações pessoasas da sua fastidiosa vida de jornalista trastagano.

De administrador de concelho em Leiria, onde um namoro com mulher casada lhe deu, por algum tempo, o papel, um pouco aimasso, que tem mr. Léon, na *Bovary*, Eça de Queiroz passou para as esquinas da Havaneza, a fazer concurso de consul, derreado pelo nihilismo bestificante do campo, e a irritação d'orgulho causada pelo meio bossal daquelle burgo d'agricolas, onde as suas preocupações de traço passavam por toleima, e a terrível, posto refreada, ironia do seu labio, chamava o odio das victimas a uma conspiração de calumnia sempre alerta. A' entrada em Lisboa, trazia começado o seu romance *Crime do Padre Amaro*, que viu luz na *Revista Occidental*, em 75, numa versão com todos os mordidos da moldagem primitiva, esses barbarismos pictorescos, duma sensibilidade hiper-aguda, tropeçando em obtusidades de prosa inexperiente, esses néologismos de fórmula gravativa que um novo encontra para enquadrar a idéa, fresca, a escorrer vida, nos instantaneos da expressão — e que para os artistas, como peça de processo, é a mais bella das tres fórmias que Eça de Queiroz deu ao romance, nas successivas edições em que appareceu.

A idéa do *Padre Amaro* viéra-lhe em Coimbra, estudante, servindo, como disse, os destertos provinciaes para o proverem de notas, detalhes, typos com que vestir a acção e povoar o quadro de figuras. Longo tempo, o manuscripto andou pelas gavetas e maíias de viagem, hibernado, trabalhado pelo escriptor na angustia do segredo, cerzido e acrescentado no meio das folhas de gestão que faz o cerebro dos nervosos, aternativamente estúpido e vidente, segundo a aura em que a columna atmospherica, a humidade do ar, o repouso da noite, a digestão e os ventos dominantes lhe modalisaram o espirito doente: e já o *Senhor Diabo* e as *Singularidades duma rapariga loira*, a primeira narrativa realista escripta em portuguez, tinham vindo, com o seu estylo desarticulado, kodakizado do real, chelo de ironia aguda e lyrismo pessimista, espavorir a chapa rotineira das artes d'escrever em Portugal, a ponto do proprio Herculano repulsar o bocado como "uma traducção peor de francez pessimo", o que bem mostra o abyssmo que, tão perto ainda, separava já as duas epochas.

Com a permanencia de Queiroz em Lisboa, a aguardar a nomeação de consul, promettida, resultou a collaboração das *Farpas*, com Ramalho, que tiveram em Portugal e Brasil, voga notavel, e foi moda seguir como evangelho de *dandysmo* e *bel esprit*. Essa collaboração se cha hoje em separata de volume, appensa á edição nova das *Farpas*, sob o titulo d'*Uma companhia alegre*, me parece, e ahi se confirmam e robustecem as qualidades que os artigos da *Gazeta de Portugal* prenunciavam: uma juvenil desenvoltura, a phantasia escandinava, ultra-poetica, um esylo de nervos e

d'esgares, uma verve de paradoxos e contrastes; sómente a mão do escriptor é mais feita, e ganha justeza a fôrma, brunhindo-se de flexuosidades d'aço e d'olro fino.

Em 1872, ficaram as *Farpas* exclusivamente entregues a Ramalho, que iniciára uma especie de phase scientifica, apregoada por Theophilo como inspiração "da forte disciplina mental recebida no curso de Philosophia Positiva, de Augusto Comte" — patacoada de mestre demasiado baboso pelo alumno, e que certo fará sorrir quem conhecer essa quadra inferior do pamphleto celebre, que não podia fazer pensar os antigos fiéis, com biologices e sociologices da bibliotheca de dois sous, e por outro lado perdera a graça, o dandismo, o riso, o encanto litterario, em detrimento de missões para que o seu redactor não estava preparado.

E' tambem deste periodo (1870) o romance epistolar *Mysterio da Estrada de Cintra*, que os dois amigos escreveram para o folhetim do *Diario de Noticias*, barulhada emocional, escripta sobre o joelho, mas desgrenhadamente brava e antonyesca, com os seus lances patheticos, seus quintos actos candentes, sua condessa loira, seu cadaver d'inglez num cuté mysterioso, seus mascarados fidalgos, sua hespanhola ao mar, seu corsario correndo a plenas vélas, que fez bater o coração de muita gente, e é o ultimo adeus, ironico embora sob as lagrimas, do romantismo congenito dos autores — romantismo de herdança o encerebração inconsciente, apesar da cultura moderna e suas profissões de fé naturalista — e que em Eça de Queiroz, ainda ultimamente, na fabulisação dramatica dos *Malas*, mostrava o topoete grisalho familiar, ga-ga, como quem diz: "hei de morrer na casa só por teima..." Ahi por 1872 ou 73, Eça de Queiroz foi despachado consul para a Havana, e, dessa epocha até a morte, (isto é, durante os vinte e sete annos mais fecundos e melhores de sua vida) nunca mais viveu em Portugal senão por férias de dois, tres, quatro mezes, o maximo, separadas por tres e quatro annos d'ausencia, e na mais completa desatenção pelas transformações radicaes que, durante esse tempo, a sociedade portugueza la soffrendo. Essas vindas á patria, passava-as Eça de Queiroz em Lisboa, num quarto andar do Rocio, ou, depois de casado, no Porto, a dormir de dia, almoçando á noitinha, e a sahr, só quasi depois do lusco-fusco, á palestra com velhas relações, ou nos restaurantes, com admiradores, de quem elle se deixava cordialmente approximar, despresando-os com a elegancia mais polida, até que a manhã clareava os vidros dando de mão á comedia litteraria.

A este periodo de vinte e sete annos, fóra de Portugal, pertencem os seus romances e trabalhos de mór folego, como o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Bazilio*, o *Mandarim a Reliquia*, as *Cartas de Fradique Mendes*, os prefacios do *Almanack Encyclopedico*, a *Illustre Casa de Ramires* e alguns escriptos mais que se diz del-

xou inéditos (2). Escorrida a summula do que antigas e aturadas leituras daquelles livros me permittem pensar sobre o seu merito, concisamente direi de cada qual só o bastante á illucidação do meu juizo geral sobre a gloria do escriptor, sua categoria hierarchica na serie, e do seu papel na epocha em que veio. E' a maneira de, com o espirito de justiça que me guia, a penna se me não tresviár pelo mcio das ballelas parvas dos jornaes, e dos que me lerem sentirem o quanto a minha imparcial razão pede equidade para os mortos, retirando a uns o exaggero de gloria que outros, maiores, desconhecera — mais perto do nosso coração e na nossa raça — á hora de morrer tragicamente.

**Crime do Padre Amaro** pôde chamar-se, em romance, a obra capital do romancista, que, tendo podido estudar o thema em pleno fôco de beaterio nacional, enquadrá-o em fundos nossos, fez por esse facto, uma obra integra, a que, todavia, faltam o realce duma intensa psychologia, dum estylo feito e duma linguagem escrupulosamente castiça e portugueza. A Oliveira Martins, cujo senso crítico, em obras de imaginação, não valia grande coisa, ouvi, todavia, dizer, lucidamente, que "era este o unico romance que Eça de Queiroz trouxera no ventre, e tudo mais eram trabalhos de humorista". **Primo Bazilio** é um caso de adulterio num meo de pequena burguezia. No artigo sobre Ramalho, (**Renascença**) leio os seguintes periodos: "seria, diz Eça, um romancista extraordinario, si fosse psychologo como é desenhista e tivesse o instincto certo do momento dramatico, como tem a visão exacta da attitudo caracterisante".

"Uma obra admiravel que elle poderia fazer, seria uma larga caricatura da epocha, á **Pickwick**, dando apenas as superficies da vida, as grandes linhas, pondo em relevo, com uma factura ampla de contornos grossos, o comico contemporaneo".

Coisa interessante vem a ser que, neste projecto d'obra jocosa, alvitrado ao amigo, melhor, muito melhor do que idéa complexa de romance, se pôdem catalogar o **Primo Bazilio**, os **Mulas**, e as molduras comicas do **Mandarim** e da **Reliquia**, que são, antes, humo-

(2) Nasceu na Povoá de Varzim em 1846; formado em direito em 1867. Publicou na **Gazeta de Portugal**, entre outros contos, o **Milhafre**, **Memorias de uma forea**, o **Senhor Diabo**, etc., e na **Revolução de Setembro**, a **Morte de Jesus**, que Junqueiro diz ter paginas deslumbrantes.

O **Crime do Padre Amaro**, que dissemos ter sido allinhavado o notulado durante os annos de Coimbra, Evora e Leiria, e inserto na **Revista Occidental** em 1875, conta a primeira edição de livro, ou defluctiva, em 1878-79, e em 1880 a segunda, ou **luteiramente refundida e recomposta**. O **Primo Bazilio** tovo a primeira edição em 1878; o **Mandarim**, em 1880; a **Reliquia** em...; Os **Mulas** em 1888. As **Curas de Fradique Mendes** appareceram, com biographia, na **Revista de Portugal**, em 1889-90. Os prefacios do **Almanack Encyclopedico** pertencem a 1896-97, e emfim, a **Illustre Casa de Raulres** acha-se incompletamente publicada na **Revista Moderna**, de Pariz, 1898-99, por ter cessado a publicação desse jornal. Não ha, até o presente, outras publicações em livro, do escriptor.

radas crueis de diabo côxo, judiarias de picaro em licença de vinho iconoclasta, irmãs gêmeas das caricaturas de Bordallo, do que propriamente substancias dramaticas autopsiadas sobre o vivo, fatias de mundo, latejantes do golpe, a escorrer o sangue arterial da força viril, do instincto amoroso, da consciencia critica e da acção.

Sobre os **Malas**, juizo identico ao de **Bazilio**: uma galeria estranha de grotescos, **retratos-charge**, ligados por um fio de melodrama inverosimil, que dir-se-ia visto em certos actos internacionaes de peças de Sardou (3).

A mais completa ausencia de vida interior nos personagens que quasi todos falam, procedem, pensam, segundo alguma falha moral d'irresponsaveis, com a vida da ironia litteraria do autor, e a força de negação que nos faz agradecer a Deus, a providencia de nunca a sua obra poder vir a tornar-se popular.

Não conheço da **Casa Ramires** senão bocados da **Revista Moderna**, pouco seguidos, que me deram a impressão de fundos de gavete, e restos de pachorra prosante, com assignaladas asthmas d'entrecho e bastantes rugas de precoce antiguidade. Porque Eça de Queiroz o reviu, e dizem que refez, resalvo juizo ingrato, esperando que uma edição livresca m'o esclareça a toda a luz.

Do **Mandarin** e da **Reliquia**, que dizer? Em ambos a narrativa phantastica são duma moldura trocista de casa de hospedes e colo de beatos, repisada do serão da S. Joaneira do **Padre Amaro**, (o tal romance que Eça de Queiroz tinha no ventre) e até com typos identicos que mal dispõem o leitor, com suas grossas mordacidades e garotadas d'escolar, a suggerir-se o crepusculo d'assombro sob que deve ser recebido, num, a corrida macabra por Pekin; no outro, o sonho historico da Judéa de Antipas Herodes e Jesus Christo.

Dada essa impressão geral das obras d'Eça, publicadas em volume até agora, fixemos num succinto quadro o resumo das suas qualidades boas ou más de homem de letras. A primeira coisa que salta é a pobreza structural do estylo e a miseria profunda do vocabulario repisado. Comparando trabalhos de maturidade com os primeiros ensaios da **Gazeta de Portugal**, e edição primitiva do **Padre Amaro**, sente-se que o escriptor, neste campo, declinou, ou, melhor talvez, não progrediu, e que a abundancia e finura dos motivos pittorescos, realçadas nestes primeiros escriptos, não foram supridas, á proporção que iam murchando, por nenhuma dessas outras qualidades de factura que traz a pratica d'escrever, lapidadora da fórma, variadora infinita das cadencias, que enriquece o rythmo, areja, e precisa, nas suas arestas de rosa, a joia do vocabulo, transformando, pouco a pouco, o teclado rude da palavra.

---

(3) **Fernanda, Odette, etc.**

num maravilhoso aparelho registrador de sensações e notulações do eu vibrante.

Quem, por exemplo, ler de seguida o **Primo Bazílio**, a última edição refundida do **Padre Amaro**, os **Maias**, as molduras grotescas do **Mandarim** e da **Reliquia**, e a introdução das **Cartas de Fradique Mendes**, não pôde furtar-se, a uma impressão de lazeira monotoná, de fadiga acústica, ante esse estylo d'impressões physicas, mordacidades destructivas, vivazes sem alcance, — estylo de periodos curtos e, ás vezes, pelos rebocos successivos da recópia, pouco nítidos, cuja estrutura derreada se repete em rozarios d'orações identicas de rythmo, sem inversões nem cadencias, traíndo o esforço duma observação sem subsídios, e a amnesia da phantasia que, perdido o habito do sonho, não pôde mais, pela seccura congenita, recorrer ao sentimento.

Tudo isto resulta do precoce esgotto myelasthenico e cerebrasthenico do romancista, que sendo, de nascença, um fraco, creára desde moço necessidades sensuaes que haviam de lhe desbaratar a força neurica antes de tempo.

De facto, perdido o estomago pelo habito dos exotismos culinarios, das ceias artistas, té de manhã, com vicios loiros, cortados pelo esforço horrível de ter graça entre dois males — falseada a hygiene do trabalho, que nos homens de penna cada vez mais requer viriculturas sollicitas, desinfecções moraes, meticulosas — a ancía d'amar, eleganciar, viver, feita centupla, o pobre neurasthenico achou-se subito com uma pavorosa despeza de força, para o que dez mil calorías como a sua seriam talvez pasto mesquinho na devorante fornalha que o ruía.

Deste esfalfamento precoce, a derivante primeira é embotarse-lhe a phantasia lucilla dos primeiros trabalhos, essa japonezice extranha que ás vezes passa na curva de certos periodos seus, damasquinando a seda dum oiro velho de **foukoussa**, e não lhe ficar para o aperfeiçoamento da fórmula, esse retardatorio instincto de pureza castiga que, sem excluir nervosidade, fizesse do seu estylo, um estofa unido, electrico, drapejando em pregas nobres, elastico de trama como a gaze, espumando o ar da graça rosea, do néologismo technico, da modernidade perversa sob o contorno antiquado em que as artes d'escrever desabrocharam desde a intervenção do objecto d'arte na vida do poeta e do escriptor. Outras ruínas após fazem sequencia: o equilibrio das faculdades creadoras perdido a ponto delle em certas obras. (nos **Maias**, por exemplo, e alguns capítulos da edição refundida do **Padre Amaro**) ver primeiro que o espinhaço do entrecho, detalhes incoordenados, episodios secundarios captivando-o pela mancha, pelo escandalo da **charge**, ironia perversa do paradoxo: toda a noção de drama, isto é, d'acção, reduzida, por vezes, a librettos de farça e fabulações,

de melodrama, sem mór escrupulo pelas realidades da vida, e força cohesiva da logica, num fim pueril de galvanisar enormidades de satyra, que para logo lhes tiram todos os visos de razão... Pelo dialogo, poucas vezes o character dos typos se retrata: umas vezes, invade-os a *blague*, ou a linha moral em outras se desmente, a tropeçar em contradicções dum profundo vasio psychologico; o que elle apercebe das fallas é o detalhe que julga caracteristico, e quando muito se queda em pittoresco; ou as figuras não fallam e é elle que vae contando o que ellas dizem, esmaltada a resenha dalgum dichote ou phrase realista, que só, porém, recorta a silhueta externa, dá o contorno do vulto, e uma ou outra vez as arrebanha em grupo, e dá semelhanças atavicas de classe, sem, todavia, fixar por dados psychicos infinitas successões d'estados affectivos, equações d'algebra moral, aquillo que se lhes poderia querer do typo vivo, inconfundivel, uno e sem irmão na série psychologica. Claro que um estylo assim bohemio, de visão quasi exclusivamente physica e monotona, e vocabulos exiguos, poucos, pintando mal, orquestrando peor a musica do periodo, estylo anti-grammatical, pouco desenvolvido no systema osseo, puído de cosmopolitismo, co'a lingua grossa da regurgitação franceza, indigerida, raro será apto a exprimir do homem mais que a basta obrante, a descrever-lhe os costumes, o passo, o porte, idas e voltas no ergastulo da vida, a sarabanda toda das modalidades exteriores — isto em detrimento dessa sensibilidade intellectiva, analytica, que attingem outros, como Balzac, Stendhal, Tolstoi e Georges Elliot, á força de reflexão pessoal, d'interpretações eruditas, continuas, do proprio eu, chegando a colleccionar factos moraes como quem collecciona bibelots, e a authenticar em finas plurigraphias chamadas romances, todas as doenças moraes do homem moderno. missão superior das litteraturas contemporaneas. Na especie de secura precóz a que pendera, mercê desses vinte e sete annos longe do canto de terra escolhida para theatro das suas fabelas e pinturas, a mesma paysagem em que era eximio prosaista (como a fôrma não seja senão um capricho de côr, particular) e de que ha no **Padre Amaro** e no **Mandarim**, tão lindos pannos decorativos, a mesma payzagem parece que perdera nelle a idyllica frescura, o *impromptu* matinal, arco-irizado, revertendo a descriptivos, como a payzagem de Cintra e corridas de cavallos dos **Maias**, donde a emoção debanda a açoites de humorada, na acidez dum espirito que regatêa a gloria do sol e a magica ridente dos seus campos.

A falta de temperamento philosophico, cultura philosophica, deviam leval-o, disse, a ver por fóra em vez de olhar para dentro; em vez dum psychologo frequentador de todas as horas do homem, á procura do eu determinista, em vez dum creador d'almas, como

os grandes — a sua organização discursiva, a sua impressionabilidade cortical do detalhe physico e da palavra viva que o releva o foram transfazendo, pouco a pouco, num chronista mephistophelico de vicios, num pintor de genero, algo maldoso, ou, se mais de largo querem, num romancista de costumes. Sudermann, Hauptman, Strindberg, Ibsen, Bjørnstjern-Bjoernson, Tolstoi, Dostolewsky, Henrik Sienkiewsky, Gogol, Gunard-Helberg, Balzac, Stendhal, Shakespeare, Georges Elliot, Arthur Pinero, François de Curel, são pintores de caracteres, vindo de dentro para fóra o homem espirito, nas suas catastrophes de sentimento e decomposição da vontade, soffrer a lei ironica que lhe domina todas as fal-lazes energias.

Sacher Masoc, Knut-Hansun, os dois Goncourts, os dois Marguerittes, Paul Adam, o proprio Zola, com o seu registro de impressões nervomaniacas, os seus detalhes intensos, a sua paixão do descriptivo, (brique-à-braquismo, payzagismo) e aquelle estylo renovado incessantemente em diccionarios d'artes e officios, construções rebuscadas, notações extravagantes, são romancistas de costumes, vindo de fóra para dentro o homem de relação, comparso ridiculo num drama cosmico gigante, fantoche movido por sensações e instinctos bestas, é que assim surge no drama ou no livro, como esses bonecos cortados num fundo opaco, e feitos valer á luz pelos contornos.

Os primeiros, ou escriptores d'idéas, dizia Balzac, representam os personagens em relevo, consegue dar-lhes autonomia moral, fazel-os unos; os segundos, escriptores d'imagens, só sabem caracterisar medianias, os costumes e traços por onde o homem se assemelha a uma classe e resabe ás pechas da sua profissão. Neste grupo de romancista de costumes, os typos são sempre poucos, por se não tratar d'almas diferentes, mas de documentos duma certa vida quotidiana — poucos, e esses poucos vulgares, sem noblificação nem epopéa —; o drama, ou falta, ou em vez dum nucleo d'acção, é apenas pretexto chlorotico de kodaks; a psychologia, curta, porque não ha curiosidade das situações do coração, todo o esforço cifrando-se em fazer render a sensação pittoresca, cujo primeiro rosiclér é a forma, que attráe o leitor pelo byzantinismo do vocabulo, mordacidade mais ou menos vivida da critica e bizarria artistica da syntaxe. Eis o caso desse terrivel Eça de Queiroz, que de mais teve sobre os representantes equilibrados do grupo, o predicado da ironia corrosiva, do rir, sem echo, de caveira e de mascara, por ondo a blasphemia baba como por uma bocca de voyou que tivesse nascido gentilhomem.

Eis o que, com pequeninas variantes, percebe, nos romances e contos do escriptor, quem lá fizer leitura comparada e paciente: mui poucos typos, que, desenvolvidos ou retraídos, são, por todos

os livros, versões de tres ou quatro manequins invariaveis (4); uma certa importancia dada á descripção, sobretudo nos **Maias**, no **Amaro** e na **Reliquia**; mui pouco drama, que a não ser no **Padre Amaro** e **Primo Bazilio**, é uma fabula incoherente, ligando mal instinctos bestiaes; a cada instante, a interferencia do pamphletario, demolindo com chufas a boa fé do leitor quanto á illusão real da narrativa; e como qualidade avassaladora, suprema, a ironia, agredindo por vicio d'educação, por frialdade de sangue, por **ignorancia negadora**, e que seria tremenda se tem sido posta ao serviço duma philosophia profunda, e duma moral d'instinctos definidos. O homem para elle é uma machina do tempo ainda da mechanica rude, movendo-se por grosseiras sensações e instinctos porcos, deboche, avareza, inveja, gula: a vida, sem idéal, não levanta o olhar aos vastos céos, nem estreluz d'esperanças pantheistas, é uma coisa triste, réles, reduzida a malandrices, com intermittencias de luxuria, num meio duma natureza cumplice que parece reflectar-se no humus de todas aquellas immundicies. Dos enigmas da alma moderna, onde, diz Bourget, parece que "toda a superioridade faz chaga, toda a complicação, dôr, e toda a riqueza, miseria" — dos phrenesis grelhantes da duvida, dos esperecimentos da personalidade e da vontade, que pelo tempo fóra se vêem chamando nevrose, pessimismo, nihilismo, mysticismo — do excesso, enfim, do elemento morbido, em detrimento do são, reparador, que tantos problemas intimos explica, Eça de Queiroz nada commenta, perscruta, entende ou interpreta, d'entretido c'os fan-toches autobiographistas do seu escarneo, movendo-se no despafamento do seu cosmopolitismo de consul enojado da terra que lhe paga e chama filho, entre os saltos mortaes duma ironia que faz luxo em deformar p'ra estarrecer, e as incertezas da memoria falseada por vinte e sete annos d'ausencia, longe da raça tolerante de que elle se fez, ao mesmo tempo, parasita e algoz, e cuja vida julgou chinesa e decomposta. só porque ao seu **dandysmo** desprou-

(4) "...assim, diz v. que os meus personagens são copiados uns dos outros.

Mas, querido amigo, numa obra que pretende ser a reprodução duma sociedade uniforme, nivelada, chata, sem relevo e sem saliência (como a nossa incontestavelmente é) — como queria v., a menos que eu falseasse a pintura, que os meus typos tivessem o destaque, a dessemelhança, a forte e crespia individualidade, a possante e destacada **personalidade** que pôdem ter, e têm, os typos duma vigorosa civilisação como a de Paris ou de Londres?

V. distingue os homens de Lisboa uns dos outros? V., nos rapazes do Chiado, acha outras differenças que não seja o nome e o feitio do nariz? Em Portugal, ha **só um homem** — que é sempre o mesmo, ou sob a fórma de **dandy**, ou de padre, ou d'amanuense ou de capitão; é o homem indeciso, debil, sentimental, hondoso, palrador, **deixa-te-ir**, sem móla de caracter ou de intelligencia que resista contra as circumstancias. E' o homem que eu pinto, — sob os seus costumes diversos, casaca ou batina. E é o portuguez verdadeiro. E' o portuguez que tem feito este Portugal que vemos..." (Carta respondendo a um artigo sobre os **MAIAS**, por mim publicado no **REPORTER**. Data de 8 de agosto de 1888. Bristol).

ve reestudal-a com impassibilidades de philosopho e pudores austeros de moralista. Se me perguntarem agora qual a moral dos romances e grandes livros de Queiroz, que hei de eu dizer? Qual é a moral naturalista, zolaica, que põe as creaturas como pilhas d'instinctos, molhos de forças naturaes, travando luctas onde a mais bem armada dellas é que vence? Que da narrativa impassivel destas luctas, saê, por contraste, uma força de protesto, taihada em aspiração do homem para um idéal de graça que lhe foge? Bom Deus! mas impossivel subordinar os romances de Queiroz a uma tal lei!— Daquellas forças e instinctos, só um numero pequeno atravessa as organizações taradas que elle avôca, e tão fugidias, essas, que quasi não fazem eixo no typo, desmentindo-se, incoherenciando-se sempre que isso convenha ao improviso sardonico do romancista. Amaro e Carlos da Maia, dois voluptuosos sentimentaes, descambam em odientos bilhostres, quando o primeiro, farto d'Amelia, quer della descartar-se, e quando o segundo, sabendo-se irmão de Maria Eduarda, continúa a ser o seu amante. Além disso, na obra d'Eça, a aspiração idéalista é imprecisa, raras baibuciações a denunciam em vagas fórmulas que nem sequer formulam sonho, pois a ironia, egoista, não quer ver Triboulet chorar no meio da orgia dos senhores. Direi então que Eça de Queiroz, pelo temperamento de garoto, pelos phrenesis da vida gosadora, e demazelos da educação litteraria e scientifica, nunca conscientemente pôde realisar vida superior, uma autonomia moral e mental onde os germens de litteratura social quo porventura haveria no seu genio, desabrochassem em obras fortes, autopsias d'alma, musculaturas de luctas, raivas d'interesses, o todo por sequencias de razão critica, numa sciencia profunda de relações e de conjunctos. Assim mercê das futilidades dum espirito que ficou sempre embryonario, as qualidades fortes, que originariamente seriam muitas, pelo cosmopolitismo de artista, venho a dizer, vinte e sete annos de exilio propositadamente isolado de toda a observação e constatação da vida patria, só deram abortos; e só as outras vingaram, mas mesquinhas, deformando-se, por exemplo, em chufa, a ironia sem força philosophica; em catitismo, o dandysmo; em virtuosidades de quadrista episodico, a mais nervosa força litteraria modernamente vista em organização d'artista portuguez...

Talvez não valha a pena, depois do que dito fica, averiguar da capacidade critica e philosophica do romancista; mas quem se quizer prover de razões p'ra julgar certo, folheie na *Revista de Portugal* as *Cartas de Fradique Mendes*, particularmente a especie de biographia que do pretendido Brummel, Eça de Queiroz trouxe, sobre reminiscencias do *Cenaculo*, dos vencidos da vida e do dandysmo ridiculo de que nunca pôde emancipar-se. Tai como o romancista queria dal-o, Fradique era o typo synthetico, idéal, das perfeições da epocha decursa entre os finaes do reinado de

Napoleão III e a actual quadra democratica: especie de homem-Larousse, de figurino polyedrico de todos os records do espirito e do corpo, d'Adonis philosophico e cyclista, d'Ahasverus flegado em Belac e Jeronymo Condexa — crystallisação do que Eça julgava ser o complexo de perfeições do habitante superior da Cosmopolis, a cidade-resumo das civilisações livrescas de Pariz.

Orundo dos Açores e com a ascendencia morgada d'Anthero, o idolo do grupo, bacharelado em Coimbra, na contemporaneidade da tia Camella e das diatribes a Castilho — lendo os *Chatiments* no Penedo da Saudage, á lua, entre guitarras, commungando a "arte nova" de Lecomte de Lisle, Mallarmé, Diex e Baudelaire, (dito fumista ao tempo, por alguns) — com a monomania de Pariz a desnacionalisai-o, antes do buço adoptando a camisa vermelha de Garibaldi e a philosophia particularista de Proudhon — indo quatro vezes á Arabia, por causa da archeologia, e nenhuma ao Algarve por causa d'Ossonoba, chorando a perda da Aisac e Lorena e ignorando, diz Prado, num artigo da *Revista Moderna*, "até que ponto, pelo seu desleixo, Portugal estava prestes a perder em Africa territorios que eram dezenas e centenas de Alsacias e Lorenas, proprias e não alhelas" — indo sem orientalismo serlo á Terra Santa pollucionar nas ruínas o crevetismo francez, com rabonas pintadas do boulevard — clarescurando o typo com remoques da gente do Cenaculo e dos vencidos, já munchos uns, sem critica exacta outros, e quasi todos brigando, pelas diversidades d'origem, em vez de nos darem desse espirito uma idéa de todo Inconfundivel, — Fradique Mendes, que principia poeta e acaba tolo, que atravessa as reglões da idéa forçando o bronze de todos os arcanos, vibrando ás religiões e ás sciencias, paradoxos — Fradique, de que Eça faz um tecedor jocundo de sophismas, da raça ironica dos despotas affeitos a thronar sem competencias — Fradique, querendo ser o typo idéal do homem moderno, generalizador e artista, amoroso e encyclopedico, nada mais consegue, pelas deficiencias pychicas do romancista, sem anglophilia de mulato, sua paixão estrangeira de renegado, seus catilismos de alfacinha, do que realisar um caso fruste de poseur, um destes philosophos do *Monde où l'on s'ennuie*, elegantes, parvos, e de cuja vacuidade se parte para bem desoladoras conclusões.

Oh, desoladoras, se folheando essa biographia curiosa, telmarmos em querer ver luzir no craneo d'Eça um espirito de pensador vasto e profundo!

Fradique sabe tudo, estuda, entende e pratica tudo; babista no Oriente, para "desvendar o babismo"; positivista, quelmando incenso e myrrha "na ara da humanidade", com os positivistas rituaes, nos dias festivos de kalendarlo comtista; theosopho, nas paginas da *Revista Espirita*; nihilista, com o principe Koblaskini, antropologista, linguista, occupado de religiões, litteraturas, direi-

to ceítico, magia chaldaica, povoações lacustres, sellos... Não ine resalta a transcendentalidade, porém, de tres ou quatro traços iampejantes, como seria mistér para o transformar num symbolo lucido, senão por diffusões, incongruencias, parola, resvava no conselheiro Acacio a serlo, uma especie de cretino megalomano que nos põe a alvitrar bem pobres coizas sobre a mentalidade superior dos taes vencidos.

Querem saber, por exemplo, como Fradique teve a "paixão da Historia"? Aos onze annos, a avó mandou-o para a escola; dava-lhe um pataco para bolos, e o jardineiro levava-o pela mão. "Este creado, este pataco, estes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nivel dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando uma Encyclopedia de antiguidades romanas, que tinha estampas, li com surpresa, que os rapazes de Roma (a grande Roma!) iam tambem para a escola, como eu, pela mão dum servo, denominado o capsarius, e compravam tambem, como eu, um bolo na tia Martha do Velabro ou do Quirinal, para comerem a merenda — que elles chamavam o ientaculo. Pois, meu caro, escreve elle a Oliveira Martins, no mesmo instante a veneravel antiguidade destes habitos tirou-lhes a vulgaridade toda que nelles me humilhava tanto".

A razão da compra duma quinta não deixa tambem de revelar a phase acacial a que o Eça philosopho propendera.

"A compra da quinta do Saragoça em Cintra, realisára-a Fradique para se prender mais, e pelo forte vinculo da propriedade, ao sóio augusto donde um dia tinham partido, levados por um ingenuo tumulto de idéas grandes, os buscadores do mundo, de quem herdára o sangue e a curiosidade do além!"

Em culinaria, traz esta mirabolante opinião: "o parlamentarismo e o constitucionalismo estragaram em Portugal a cabidella de frango".

Fradique, saloia dos carnavaes: "... sempre que lia num jornal uma catastrophe ou uma indigencia, marcava a noticia com um traço a lapis, lançando ao lado um algarismo que indicava ao velho Smith o numero de libras que devia remetter, sem publicidade, singelamente, pudicamente. E a sua opinião era que — mais vale um pataco que duas philosophias a voar".

Fradique, protector de bichos: "... uma vez, em Pariz, correndo a uma estação de fiacres, para nos salvarmos dum chuveliro que desabava, e seguir na pressa que nos levava a uma venda de tapeçarias, (onde Fradique cobiçava umas nove musas dansando entre loitreiras) encontrámos apenas um coupé, cuja piteca, com o sacco pendente do focinho, comia melancolicamente a sua ração. Fradique teimou em esperar que o cavallo almoçasse com tranquillidade — e perdeu as nove musas". Por uma tal introdução,

sentem-se as cartas, as pobres cartas que parecem artiguinhos soltos d'almanack, sem estylo epistolar, sem improvisação rom-pante, em trabalhosos periodos occupando-se d'extravaganças pueris, aphorismos sedições, pedanterias dos cormorans soireux do Hotel Bragança, a desencantar muito fetichista quanto á infal-libilidade dos deuses, á impeccavel exteriorisação dos seus al-tares.

Direl, por conclusão, que Eça de Queiroz é um genio falhado pelo máu uso que de si proprio fez na traça d'escriptor, genio que se amesquinhou por indisciplina philosophica, predomínio d'instinctos mundanaes, falta de fé num idéal intenso e absorvente.

Dos tres ou quatro grandes livros que deixa, nenhum promet-te, na memoria dos homens, vida longa, que, á uma, é duvidoso o portuguez em que estão escriptos, e, á outra, hão de matal-os qualidades de dilettantismo, ainda seductoras e bem depressa fastidiosas, assim como a ironia leonoclasta, que em cincuenta annos passa, quando futuras gerações, mais cerebralmente definidas, comecarem a rir doutra maneira. Eça de Queiroz é um escriptor eu-ropeu, não um escriptor nacional. Na historia do portuguez es-cripto, vem talvez a contar-se a prosa de Ramalho; a d'Eça, nunca.

Por isso, tantos bombasticos artigos chamando-lhe unico, tan-tas homenagens huguescas chorando-o como pedra angular da lit-teratura lusitana, me parecem alguma coisa fóra de proposito, e por ventura armando á successão da corôa sem herdeiro. Este cortejo não é talvez tanto o enterro dum morto, como o exhibismo da litteratice gato-pingando o seu memorial de pretendente. Só as-sim pôde explicar-se a choradeira de róda do maior desnaciona-lizador que teve Portugal modernamente, do genio cynico que tão mal comprehendeu a sua missão moral de homem de penna, e que em vez de erguer a alma do palz para idéaes centralistas, que o defendessem contra a morte; em vez de arralgar nas almas, ger-mens de trabalho; de patria e de família, gastou a vida a negar, a deprimir, a dar supremaçias a modernices francezas, a fazer des-erer da honra e da virtude, a não ver nos homens senão cretinos ou biltres, e nas mulheres senão rudimentos vulgares de prosti-tuição.

Adorem-no, embora, os complicados e os artistas: é dever seu, tratando-se dessa venenosa flôr de raça espurla, desse impulsivo chronista das perversões do sexo e do character; como artista mo-derno. Eça de Queiroz é um caso raro e curioso; glorifiquem-no os litteratos e os mundanos — mas sem dizer a cinco milhões d'analphabetos: váe allí um deus que cumpre venerar. Porque es-ses cinco milhões d'analphabetos não téem que ver com Eça de Queiroz, e a propria barbaria os salva de, lendo a obra do artista, se poderem tornar outros tantos milhões de malandrins.

Houve, é certo, nesta metade de seculo, um grande escriptor portuguez que não foi consul nem **dandy**, e de tudo escreveu paginas supremas, e fez da lingua dura dos chronicons, um instrumento sonoro, maravilhoso, elastico e vibrante, exprimindo á nossa moda, fazendo chorar, fazendo pensar, fazendo rir como ha sete seculos exprime, chora, pensa e ri todo o animal da nossa raça, que, seja o que fôr, não é menos esperto nem menos bravo, nem menos progressivo, nem menos probo, nem menos digno da civilisação do que qualquer outro homem trigueiro ou loiro, saxonio ou latino, surto em paiz de própria fortuna!

O que esse precisa é desanesthesiar a cabeça do pezado estrangeiro que o acobarda, trabalhar com os seus braços, proceder por sua iniciativa, expulsar os que o roubam, dar castigo severo aos que o insultam; e se é este o fito de quantos, nesta hora d'angustias, amam a patria; se é propósito de todos resuscitar, pelas aquisições parciaes da archeologia, da historia, da agricultura, da industria, das artes e das letras, um espirito nacional que faça de nós no mundo, um aggregado politico indiviso — como se explica esta apothose ao escriptor dissolvente, quando o verdadeiramente grande, o outro, o nosso, lá jáz no Porto esquecido e tratado como um cão?

**FILHO D'ALMEIDA.**



---

---

# MACHADO DE ASSIS

---

## CARTAS INÉDITAS

Rio, 7 de Março de 1897.

Exmo. sr. dr. A. Coelho Rodrigues.

Tenho a honra de communicar a V. Exa. que a quantia de 100\$000, a mim entregue por V. Exa. para as despesas da Academia Brasileira de Letras, foi por mim transmittida ao sr. dr. Inglez de Souza, thesoureiro da Academia, em sessão da Directoria desta. A Directoria incumbiu-se de agradecer a valiosa offerta. Tendo-lhe lido a carta de V. Exa. de 11 de janeiro, nada lhe disse do meu proprio sentimento ácerca do autór verdadeiro da doação, que V. Exa. declara ser pessoa que quer ficar occulta, mas é mui provavel que todos participem da minha suspeita de que a pessoa é V. Exa., cujo acto generoso fica assim realçado pela modestia.

Para si ou para outrem, receba V. Exa. os agradecimentos da Academia, com os protestos do respeito e estima com que sou

De V. Exa.

Mto. att.º e adm.º obrigado

MACHADO DE ASSIS.

Rio de Janeiro, 19 de Fevereiro de 1898.

Exmo. sr. Cons. Lafayette Rodrigues Pereira.

Soube hontem (não direi por quem) que era V. Exa. o autor dos artigos assignados *Labierno*, e publicados no *Jornal do Commercio*, de 25 e 30 de janeiro e de 7 e 11 do corrente, em refutação ao livro a que o dr. Sylvio Romero poz por titulo o meu nome.

A espontaneidade da defesa, o calor e a *sympathia* dão maior realce á benevolencia do juizo que V. Exa. alli faz a meu respeito. Quanto á honra deste, é muito, no fim da vida, achar em tão elevada palavra como a de V. Exa. um amparo valioso e solido pela cultura literaria e pela autoridade intellectual e pessoal.

Quando comecei a vida, V. Exa. vinha da carreira academica; os meus olhos affeçoaram-se a acompanhal-o nesse outro caminho, onde nem o direito, nem a politica, nem a administração, por mais alto que o tenham subido, puderam arrancal-o ao sabor particular das letras em que ainda agora prima pelo conhecimento exacto e profundo. A pessoa que me desvendou o nome de V. Exa. pediu-me reserva sobre elle, e assim cumprirei. Sou obrigado, portanto, a calar um segredo que eu quizera publico para meu desvanecimento. Queira V. Exa. aceitar os meus cordiaes agradecimentos, e dispor de quem é

De V. Exa.

Att.º admor. e obr.º patricio

MACHADO DE ASSIS.

---

(1) — Devemos estes dois preciosos autographos de Machado de Assis ao nosso distincto collaborador sr. Mario de Alencar. — N. da R.

---

---

## RESENHA DO MEZ

---

### BRASIL-ALLEMANHA

O Brasil rompeu as relações diplomaticas com a Allemanha. A Allemanha affrontou-o, cruel e deliberadamente, mettendo a pique, contra todas as regras de direito internacional e contra todos os principios de humanidade, o navio *Paraná*, que navegava sob o pavilhão brasileiro e com tripulação brasileira.

O Brasil cumpriu o seu dever. Cumpriu-o, porém, um pouco fóra de horas e não o cumpriu integralmente. De relações rotas com a Allemanha devia ter ficado desde o momento sinistro em que as tropas germanicas, calcaudo seculos de civilização e reduzindo a pó todas as conquistas liberaes das nações modernas, puzeram os pés para dentro da fronteira belga e desfecharam contra os belgas o primeiro tiro de canhão.

Através da Belgica aniquillada, o golpe foi attingir, na face e no peito, a todos os paizes civilizados. Só a Inglaterra, entretanto, repelliu a affronta. Não a quizemos acompanhar; ninguém, no mundo inteiro, quiz acompanhá-la. Explicou-se até, commodamente, o seu gesto, de uma alta e suggestiva nobreza, como sendo apenas um movimento reflexo de alarma pela sua propria segurança. Não eram os principios de direito nem o amor á liberdade dos povos fracos que a punham em pé, de armas nas mãos:

era apenas o velho e prosaico instincto de conservação...

Pois que fosse! Instincto de conservação não o podem ter os povos como o têm os individuos? A legitima defesa que, nos codigos de todas as nações policiadas, figura como um direito imprescriptivel de todo o cidadão, será acaso, para os povos, um crime ou uma immoralidade?

Por instincto de conservação, uma vez que os principios abstractos não podem nem devem mover os Estados, agisse tambem, naquelle instante, o Brasil e teria agido com a clarividencia e com a dignidade que os seus destinos reclamavam. O protesto contra o assalto á casa alheia mais forte e mais bello tornaria agora o protesto contra o assalto á propria casa, se é que, de todo em todo, o não teria evitado. Uma voz que clama justiça, por mais debil que seja, nunca morre sem eco.

Não reeriminemos, porém. O que lá foi, lá foi. Ha erros que podem ser emendados. Tarde movemos o braço, mas não tão tarde, felizmente, que o gesto se apague no ar sem vibração e sem sentido. E não se apagará, se o povo e o governo fizerem o que a cada qual delles cumpre agora fazer. Ao povo cumpre offercer á patria serenamente, tudo o que ella reclamar — haveres e sangue, o corpo e o espirito, o conforto e a vida; ao governo cumpre dar mais um passo para a frente, o passo que fal-

tou para que pudessemos dizer que tínhamos cumprido integralmente o nosso dever — o passo heroico que decidirá do presente e do futuro o que levará o Brasil pelo rumo da honra e da grandeza.

Não se arreceie o governo de dar esse passo. O Brasil irá docilmente; elle está habituado aos espinhos e aos precipícios da estrada da dignidade... O seu passado responde pelo seu presente e pelo seu futuro. Quando, em 1862, tivemos a dolorosa questão ingleza, o Brasil estava talvez mais doente do que está hoje: as instituições militares, corroidas pela ferrugem do relaxamento e da imprevidencia, escassa e incerta protecção asseguravam ao paiz e do sul já subiam, espaçadas, mas inquietadoras, as primeiras lufadas do tremendo temporal paraguaia, que se avisinhava. O Brasil, entretanto, não hesitou: rompeu com a Inglaterra...

Foi uma temeridade. E' verdade que não nos faltaram applausos até na propria Inglaterra, paiz singular onde ha sempre um espirito liberal para applaudir todas as affirmações de independencia, venham de onde vierem, e um coraço generoso para admirar todos os actos nobres, pratique-os quem os praticar. Mas é tambem verdade que, so a Inglaterra nos quizesse aggre'dir, não se moveria um só soldado ou um só marinheiro das outras nações para nos amparar.

Jogamos tudo para salvar a nossa dignidade — e salvamola. O governo de então comprehendeu que não ha fraqueza que justifique ou desculpe certas inercias e que para os povos, como para os individuos, se nem sempre é possível viver com honra, é sempre possível morrer.

O governo de hoje não precisa de outra lição, nem poderia invocar qualquer outra.

O momento é de actos decisivos e radicaes. Se a situação politica é melhor agora do que era em 1862, — ao nosso lado estão a flôr do liberalismo universal e a voz dos mais poderosos canhões do mundo — mais perigoso, por ser perfido o

deshumano, é, entretanto, o adversario de agora.

As nossas relações com a Inglaterra reataram-se com suavidade e nobreza, por um movimento de reflexão e arrependimento da nossa adversaria, a qual não teve pejo de confessar o seu erro e de levar, pela voz do embaixador especial que mandou ao campo de batalha onde nos mediamos com a tyrannia paraguaia, estas palavras de satisfação o reconciliação ao nosso Imperador:

— Vi com pesar as circumstancias que acompanharam a suspensão das relações de amizade entre as duas côrtes. Nego, da maneira mais solemne, qualquer intenção de offender a dignidade do Brasil. Aceito completamente e sem reserva a decisão de sua magestade e o rei dos Belgas e serei feliz em nomear um ministro para o Brasil, logo que Vossa Magestade Imperial estiver prompto para renovar as relações diplomaticas.

A Allemanha não é susceptivel destes accessos de cortezia. Ella ignora como se move a cabeça para, numa inclinação ligeira, fazer um cumprimento e os labios para, num sorriso amistoso, amaciar a aspereza irreflectida de um gesto... A sua cortezia não vao além da rigidez mechanica de uma continencia militar.

Sem que o seu orgulho se abata o a sua força esmoreça, a Allemanha não nos dará nunca a satisfação leal, franca e completa que temos o direito, e o dever, de exigir pela affronta que nos fez.

Tudo é necessario, portanto, que evitemos para que se lhe mingue a força e lho desfalleça o orgulho.

O governo não póde parar no meio do caminho que tomou. Tem de ir até o fim. O fim é a guerra...

Avance até lá sem receio e vacillação. Bom sabemos que a nossa politica externa sempre se caracterisou pela dignidade na moderação. Mas sabemos tambem que a moderação não é o encolhimento, o recuo, o silencio, o repouso: é apenas a oppportunidade na acção. Se

o governo ainda não o percebeu, o povo, com o seu maravilhoso instinto, já sentiu que chegou a hora da guerra e que nessa guerra está a salvação do Brasil.

O governo que não estremeça de pavor. A nação está ao seu lado neste instante e ao seu lado estará no dia tenebroso da luta. O vermelho eseuo do sangue que acaso venha a tingir os nossos campos e as nossas aguas dilue-se, esbate-se, transforma-se e ganha estranhas fulgurações no espirito de cada um de nós, ao toque do ouro vivo da gloria que rola, em catadupas, sobre todos quantos padecem o morrem pela liberdade e pela honra de sua terra.

A visão da guerra é menos aterradoradora, em todo o seu horror, que a visão do desprezo universal e do amesquinamento aos proprios olhos.

O Brasil, pela sua extensão territorial, pelas suas riquezas naturaes, pelo numero de seus filhos o pela sua posição na America do Sul, tem uma alta missão historica a cumprir. Não a cumprirá jámais se persistir na politica de meias providencias, de avanços e recuos, de ameaças e contemporisações em que deploravelmente se enfiçou. A timidez o a humildade podem ser virtudes no individuo; nos povos, são symptomas de incapacidade ou decadencia. A marcha de uma nação viril não pôde ser interrompida a cada instante, como a de um cardiaco que a dyspnea atormenta, pela constrição do susto:—tem que ser uma progressão continua methodica e segura para a frente e para os eimos.

Ou declaramos a guerra já, ou caíromos amanhã no isolamento, no abandono e na vergonha.

Hoje entraremos na lucta de cabeça erguida; amanhã talvez já isso não seja mais possivel... Hoje, teriamos por nós a sympathia e o respeito de todos os povos que, ao lado dos alliados, se batem pela liberdade e pela civilisação; amanhã, teriamos apenas — se não tivéssemos coisa peor — um sorriso frio de proteccão e desprezo...

## ALBERTO TORRES

O fallecimento de Alberto Torres representa neste momento para o paiz uma das perdas mais sensiveis. Alberto Torres não era apenas um espirito de vastissima erudicção, como tantos outros que existem no paiz. Era mais do que isso. Era um espirito efficiente, isto é, um creador e um propagador de ideias. A erudicção em si, por mais bella que seja, é quasi sempre esteril, quando não é fecundada por um largo espirito de acção e por um sentimento vivo das realidades.

Alberto Torres não se illustrou pelo simples prazer egoistico de se distinguir dos seus patricios pelo



brilho do seu saber. Ilustrou-se para servir ao seu paiz e para se tornar um obreiro de grandes e alevantados ideaes. Nisto é que está a distincção da sua personalidade e isto é que dá ao seu desapparecimento a significação de uma perda nacional.

Poucos espiritos terão hoje, no Brasil, a orientação profundamente nacionalista que elle tinha e o amplo deseortino com que elle enearava todos os problemas sociaes que interessam particularmente ao Brasil e as grandes questões que abalam a humanidade em geral.

Os livros que publicou podem ser atacados, mas revelam incontestavelmente uma somma enorme de ideias uteis e embora de vez em

quando pequem por excesso de generalizações e desgaviem para a utopia mais rasgada constituem em suas linhas geraes, uma sementeira inexaurivel de vigorosos ensinamentos politicos e destacam-se na literatura brasileira, pela envergadura das suas concepções e pela sua natureza especialissima.

Revelam, quando menos, a fibra de um sociologo e de um pensador, individualidades demasido escasas no meio nacional.

Por mais de um titulo Alberto Torres foi um homem superior e é, com profundo pezar, que registamos o seu desaparecimento.

## BIBLIOGRAPHIA

*Artistas Bahianos* —  
(Indicações biographicas) — por Manoel  
R. Querino.

Está aqui um livro precioso, e honesto. Editado na Bahia em 1911 só agora chega a S. Paulo. Gastou na viagem cinco annos apenas. Foi feliz o autor. Outros ha, igualmente valiosos, dados á luz no Norte e no extremo Sul, que ainda não chegaram, e não chegarão nunca, talvez. Ne entanto as nossas livrarias andam pejudadas de novidades beligerantes francezas, dadas a preço este anno, inclusive a ultima frascarice *faisandée* do sr. Willy. Isto mostra que a França está muito mais perto do Brasil do que o proprio Brasil.

No prologo do livro o sr. Torquato Bahia diz: "A nossa preocupação de falsas grandezas não nos dá tempo de volver olhos a coisas minimas".

Coisas minimas chama elle á arte e ao que lhe diz respeito E' isso mesmo. O sr. Torquato é bom psychologo. D. Quixote, no empenho de romper moinhos e salvar Dulcinéas inexistentes, esquecia do pôr aveia ao Rossinante. D. Quixote — paiz, preocupadissimo com alta bellica, moinhos de vento,

Dulcinéas hyperboreas e quejandas visões, esquece de examinar as roupas que traz no corpo e inventariar os moveis que tem em casa E' isso mesmo. E Manuel Querino completa o pensamento do sr. Bahia com estas palavras rispidas:

"Não me foi possivel precisar as datas de nascimento e morte deste artista (fala do esculptor Chagas) porque ninguém ignora o pouco apreço a que são votados os homens que se lovantam por esforço proprio, glorificando a terra de seu berço; e assim é que intelligencias peregrinas por ali vegetam, desprovidas de bafejo aulico, desdo o tempo do despotismo atarrador até hoje, em plena civilização de palavras, unida a uma democracia que se tem distinguindo por banquetes e desfalques, sem ideal decente, sem escrupulos, e balda de patriotismo."

E' isso mesmol Mas vamos ao livro. Manuel Querino é membro do Instituto Historico da Bahia, e é preto, como nol-o revela o seu retrato. Isto só lhe accrescenta o valor. Ser preto é ser humilde, partir do nada, encontrar na vida todos os obices do preconceito social e dispender para a obtenção das coisas minimas um esforço duplo do requerido pelos que nascem limpos do pigmentos. Honra lhe seja pola ardua tarefa levada a cabo com tanta modestia e discernimento. Não é nem faz obra de critico, amontoa simplesmente material para quo os Taines maiores e menores da terra impem de sabios a custa do esforço alheio. Sub-intitula o seu livro de Indicações biographicas — e roune tudo quanto em annos do labor conseguiu colher relativo aos esculptores, pintores e musicos bahianos. Na esculptura biographica vinto o sete artistas, alguns esculptores, a maioria simples sauteiros.

A Bahia foi o ainda é nma verdadeira fabrica de imagens religiosas. Desde os tempos colonias é lá que se abastecem as igrejas todas do paiz. A bella imagem ingenua e primitiva, como a quer o nosso po-

vo, imagem que lhe fale lingua intelligivel ao seu mysticismo congenial só lh'a fornece a Bahia. Santos que attendem com os olhos a todos os fieis, como aquella *N. S. do Carmo* e o *Senhor da Redempção*, de Chagas — o cabra, o quaes “qualquer que seja a posição do observador, parece que o acompanham com a vista devido á bõa collocação dos olhos”. Santos que apiedam a alma como o celebre *S. Pedro de Alcantara*, do Convento de S. Francisco, na Bahia, obra de Mannel Ignacio, tão sincera e comovente que tentou a D. Pedro II quando lá o viu. Quiz S. M. possuir a obra prima “mas teve que ceder á resistencia opposta pelos franciscanos”. Bellos tempos em que se resistia á vontade do imperante! Fosse hoje e o proprio santo era capaz de vir a correr pelos proprios pés, na ancia de “engrossar” o paredro com antojos. Os esculptores da Bahia no periodo aureo, Chagas, Felix Pereira, Sabino dos Reis, Manoel Ignacio, Paranhos, os Peçanhas, Baptista Franco, Baião, Aurelio Silva, Sacramento, Setubal, Erotides, Rocha Barros, Lisboa, Gomes Junior e outros, não eram simples santeiros, eram de facto esculptores porque punham na sua obra amor, carinho e individualidade. Profundamente religiosos, mysticos por temperamento, não por negocio, insuflavam no barro cosido, no jaspe e na madeira todo o sentimento que lhes ia n'alma, como aquelles artistas italianos anteriores a Raphael, Frai Angelico, Donatello, e *tutti quanti*. Essa arte, caracteristicamente bahiana e só lá reflorida, entrou a decahir depois que com o engrossar do commercio passou d'arte a negocio, e o artifice substituiu o esculptor. Veiu em seguida a concorrência européa, a Italia despejou para cá imagens “lindas” feitas ás grozas por anarchistas atheus e por machinas menos deistas ainda. A esculptura bahiana cedeu o passo aos invasores e mais não disse. A par com imagens, genero de grande sahida, os esculptores

bahianos exercitavam a veia na fatura de obras profanas, nobilissimas. Erotides, que nasceu em meados do seculo passado e tomando como professor a um celebre Beirão, tamanqueiro portuguez guindado á esculptura á força de perseverança, breve ao mestre excedeu “como Raphael a Peregrino”, especializou-se em miniaturas em jaspe e casca do cajazeira “no que é inexcedivel”. Suas obras espalharam-se pelo mundo, sobretudo Portugal, Inglaterra e França; seus typos de rua: ganhadeiras com gamellas de fructas ou peixe, criadas com samburás do compras, negros aguadeiros, bufarinheiros, etc; seus jaspes “*Grega domando tres leões*”; “*copia de uma gravura ingleza*”; “*Creoula em grande gala*”; a “*Venda do Campones*,” contendo casa, arvoredro, curral de bois, uma mulher com trouxa de roupa, duas cabras pascendo, um cavalleiro, gallinhas, pintos, pombos e outros animaes em redor da casa;” a “*Lucta de dois leões*, dividida em tres grupos; a “*Aguia suspendendo um carneiro*”; outra apanhando uma cobra; o “*Trabalho interrompido* — tigre que devora uma cabra e “de repente olha para os lados receando alguma cousa” (esculptura que talvez suggeriu a A. Junior o seu quadro celebre); “*Lucta do touro contra dois leões e uma leoa* (é notavel a inclinação de Erotides para lidar leões!); “*Vcado sobre uma rocha*, tida como sua obra prima; tudo isso e muito mais anda esparsso pelo mundo sem que a nossa critica d'arte tome conhecimento dellas e lhe balanceie os meritos — tanto vivemos alheios de nós proprios. Rocha Barros esculpiu bustos muito louvados, de Gutemberg, Galeno, Vitello (?) e Hugo; e Baião varios *Caboclos* e *Caboclas* para as festas de 2 de Julho.

O leitor paulista abre a bocca ante este dois de Julho. Que será? Foi aquella batalha homerica travada nos areas do Pirajá, cantada com fogo Erebio por Castro Alves. E' a hora das epopéas Das Iliadas reaes,

Ruge o vento do passado  
Pelos mares sepulchraes.  
E' a hora em que a Eternidade  
Dialoga com a Immortalidade...  
Fala o heroe com Jeovah!...  
E Deus—nas celestes plagas —  
Colhe das glorias nas vagas  
Os mortos de Pirajá  
... A pugna immensa  
Travara-se nos cerros da Bahia...  
O anjo da morte pallido cosia  
Uma vasta mortalha em Pirajá.  
—Neste lençol tão largo, tão exten-

so  
Como um pedaço roto do infinito...  
O mundo perguntava erguendo um  
grito:

—Qual dos gigantes morto rolará?  
Esta epopeia o povo bahiano  
commemora piamente em festejos  
annuaes e varios esculptores tallia-  
ram o *Caboclo* symbolico que nellas  
passeia victorioso.

A proposito do patriotico feste-  
jo conta Manoel Querino um inci-  
dente havido entro o general An-  
drea, presidente da provincia, e o  
povo. Queria o general que figuras-  
se no prestito em vez do *Cabocio*  
classico, uma *Cabocla*, por conside-  
rar humilhante para os portuguezes  
aquelle triumpho. Como os portu-  
guezes já se casavam com as natu-  
raes do paiz “não havia razão  
para continuar um emblema que  
significava uma nação esmagando  
outra. Achava prudente que se fi-  
zesse uma *cabocla*, representando  
Paraguassu’, e desaparecesse o *ca-  
boclo*”. O povo não concordou, e  
em nome delle foi parlamentar a  
palacio o major Umburanas. Houvo  
troca de razões e o veterano con-  
cluiu gritando: “*O cabocão ha de  
sahir, custe o que custar, ainda que  
cu morra; o emblema pertence a  
nós e não ao governo*”. E sahio  
Félices tempos, tempos heroicos om  
que o povo tinha vontade, e tinha  
por si Umburanas! E chama a esso  
tempo o sr. Querino “tempo de des-  
potismo aterrador!” Hoje um se-  
creta demolia o cabocão a porrete  
e o povó a chanfalho. E nem *caboclo*  
nem *cabocla*.

Por essas e outras é que céus e  
terras se moviam quando os heroes  
bahianos pugnavam:

Debruçados do ceu... a noite e os  
|astros

Seguiam da peleja o incerto fado...

Tal povo merecia essa attenção  
da noite e dos astros, como ainla,  
no cantal-os, estylo de coudor. Va  
a gente hoje meter a noite, os astros,  
Jeovah, as epopeias, as iliadas, a es-  
piarem o Contestado... Voltando  
ao livro: Manoel Querino lança ao  
publico uma collecta de materiaes  
que vale por uma revelação. De-  
nunciou uma jazida riquissima de  
obras d'arte ignoradas. Compete  
agora á critica estudal-a a fundo,  
joeirar a ganga e incorporar o que  
for de valia á Arte nacional. Eu  
outra occasião falaremos da pintu-  
ra da qual M. Querino aponta na  
Bahia nada mais nada menos do  
que 94 culturas!

M. L.

## AS ARMAS DE S. PAULO

Em nosso n. 8, de agosto do anno  
findo, referimo-nos á deliberação  
do sr. prefeito municipal de São  
Paulo de abrir um concurso para  
a escolha do brazão da cidade. Es-  
se concurso teve a 8 de abril solu-  
ção definitiva. Desde esse dia,  
pois, a cidade de S. Paulo possui  
o seu brazão de armas.

Crion-o o acto n. 1057, do pre-  
feito municipal, dando execução á  
lei n. 1930, de 3 de Dezembro de  
1915. Em virtude dessa lei, como  
já tivemos occasião de dizer, o  
sr. dr. Washington Luis abriu um  
concurso para a escolha das armas  
da cidade, o nomeou um jury com-  
posto dos srs. dr. Carlos de Cam-  
pos, monsenhor dr. Benedicto de  
Souza, dr. Eduardo de Aguiar de  
Andrada, Mario Villares Barbosa  
e Nestor Rangel Pestana. Esse jui-  
ry não julgou digno de acceitação  
nenhum dos projectos apresentados  
o nesse sentido lavrou parecer pro-  
pondo a abertura de nova concor-  
roncia. Concedou o prefeito, que  
nomeou para fazer a escolha do pro-  
jecto a mesma comissão, alterada  
apenas com a entrada do pintor  
sr. Benedicto Calixto, que substi-

tuiu o sr. Mario Villares Barbosa, actualmento ausente na Europa.

Terminado o prazo do segundo concurso, reuniu-se de novo a comissão a 2 de Março e lavrou o seguinte parecer:

“Attendendo, pela segunda vez, ao appello da Prefeitura de São Paulo, numerosos concorrentes, em um esforço brilhante, disputaram a honra de dar á cidade o seu braço do armas.

Em presença de todos esses projectos, a comissão nomeada para os julgar deliberou classificar em primeiro logar o n. 7; em segundo o n. 27 e em terceiro o n. 1.

Em virtude dessa classificação ficam as armas de São Paulo constituidas de accordo com o escudo representado pelo projecto n. 7.

A comissão julgadora baseou a sua escolha nas seguintes considerações:

De todos os trabalhos que figuraram no concurso, é o projecto n. 7 aquelle que obedece de uma maneira mais completa ao antigo e verdadeiro preceito heraldico, de que toda a belleza do um braço do armas reside na simplicidade de sua concepção. O autor adoptou para a fórma do escudo a portugueza ou flamenga; nesse escudo gravou apenas um emblema e em toda a sua composição, exceptuando os attributos externos, empregou apenas um esmalte o um só metal.

De todas as fórmas de escudo, e a das antigas cidades e villas do Portugal a mais singela e, adoptando-a, o artista não só favoreceu o conjunto, como indicou, de realce, a origem portugueza de S. Paulo.

Na impossibilidade material de representar dentro dos limites restrictos de um braço toda a historia da cidade, o autor teve a feliz inspiração de adoptar o unico emblema capaz de resumir de uma fórma eloquente toda a historia de seu povo: — o symbolo do Bandeirante, titulo de gloria dos filhos desta terra! — De um jacto esse symbolo não só evoca as primeiras

e arduas lutas dos tempos remotos das conquistas, quando diante da bandeira intrepida o altivo se dilatavam os limites do Brasil primitivo, como representa, ainda, com o seu braço armado e o seu guante de aço, a acção sempre pujante do paulista em todas as phases do Brasil historico.

O autor adoptou para o emblema o metal symbolico da loaldade e da nobreza e, para o campo, o esmalte representativo da altivez e da audacia. Emblema, metal e esmalte se completam em uma harmonia perfeita, tornando o braço eminentemente parlante.

A comissão julga, todavia, que, sem alterar a concepção, algumas pequenas modificações contribuiriam a dar maior realce ao escudo.

O artista, por exemplo, representou o braço armado movente do flanco dextro e muito acertadamente justificou essa disposição por ser esse o lado nobre do braço. Embora muito generalisada, essa disposição, em heraldica, não é rigorosamente correcta. Movente do flanco dextro, deve-se mostrar o braço esquerdo do guerreiro. Mas, como o braço da acção é o braço direito e o emblema figura a não empunhando não uma simples bandeirola, mas uma haste lanceada em acha d'armas, somos de opinião que seria preferivel sacrificar a idéa do lado nobre e, invertendo a disposição, mover o braço direito do cavalleiro do flanco sinistro, collocando ainda o emblema em uma posição mais symetrica em relação ao chefe e á ponta do escudo.

A suppressão da espada de côpos em cruz favorecia, igualmente, o aspecto do conjunto; obedece esta suggestão á preocupação de não sobrecarregar o braço de emblemas e de evitar a repetição de symbolos.

Sem entrar na discussão do criterio a quo obedeceu o autor do projecto para a escolha das côres do corpo e alma da divisa que, aliás, se afasta dos limites a que deve ficar circumscripto o braço de armas do uma cidade, a comissão

opta pela repetição das côres do escudo nos seus accessorios, como é de bôa regra, em horaldica.

Quanto á alma da divisa, a comissão já teve o ensejo de se pronunciar a seu respeito por occasião do primeiro concurso em que ella figurou: completa o escudo e tra-

“pendão de quatro pontas farpadas  
“ostentando uma cruz de góles, a-  
“berta em branco sobre si, da Or-  
“dem de Christo, içada em haste  
“lanceada em acha d’armas, tudo  
“de prata. Encima o escudo a co-  
“rôa mural de ouro, de quatro tor-  
“res, com tres ameias e sua porta



duz de uma maneira vibrante a indole do povo paulista.

Nessas condições serão brazoadas as armas da cidade pela fórmula seguinte:

“Escudo portuguez de góles com  
“um braço armado movente do  
“flanco sinistro empunhando um

“cada uma. Supportos: dois ramos  
“de café de sua côr. Divisa: “Non  
“ducor, duco”, de góles em listão  
“de prata”.

Finalizando, a comissão julga ainda dever propôr uma menção de aceitação a todos os projectos que figuraram no concurso e uma men-

ção especial para os ns. 13, 16 e 19, que apresentaram trabalhos mais completos. S. Paulo, 2 de Março de 1917. (Assignados) — Carlos de Campos, mons. Benedicto Paulo Alves de Souza, Eduardo de Aguiar d'Andrada, Benedicto Calixto de Jesus, Nestor Rangel Pestana''.

O projecto n. 7 é da autoria do dr. Guilherme de Almeida e do pintor José Vasth Rodrigues.

De accôrdo com esse parecer, o dr. Washington Luis, prefeito municipal de S. Paulo, expediu o seguinte acto:

**ACTO N. 1057, DE 8 DE MARÇO DE 1917**

*Manda publicar o braço de armas para a cidade e municipio de São Paulo.*

O prefeito do Municipio de São Paulo, usando das attribuições que lhe são conferidas por lei, resolve mandar publicar o braço de armas da cidade de S. Paulo, escolhido nos termos do art. 1.º da lei n. 1930, de 3 de Dezembro de 1915 e art. 13 e 14 do acto n. 867, de 16 de Fevereiro de 1916.

Art. unico — O braço de armas da cidade e municipio de S Paulo consta do seguinte: "Escudo portuguez de góles com um braço armado movente do flanco sinistro empunhando um pendão de quatro pontas farpadas, ostentando uma cruz do góles, aberta em branco sobre si, da Ordem do Christo, içada em haste lanceada, om acha d'armas, tudo de prata. Encima o escudo cordão mural de ouro, de quatro torres, com tres arceias e sua porta cada uma. Supportes. dois ramos de café de sua côr. Divisa: NON DUCOR, DUCO, de góles em um listão de prata''.

Profeitura do Municipio de São Paulo, 8 de Março de 1917, 364.º da fundação de S. Paulo. — O prefeito, *Washington Luis P. de Souza*. — O Director Geral, *Arnaldo Cintra*.

## ENSINO PRIMARIO

*Collaboração da familia no trabalho escolar.*

Constantemente, no nosso paiz, attrietos diversos surgem nas escolas e nas familias em virtude de mal-entendidos entre discipulos e mestres. As mais das vezes questões sem a minima importancia provocam lutas que, em certos casos, tornam-se violentas e vão mesmo até ás *secções livres* dos jornaes, bem como ás cartas denunciatorias ás autoridades superiores do ensino, ou aos officios de queixas contra o professor, com todo o cortejo de aspezeras o agruras proprias a esses factos, tudo concorrendo afinal para desprestigio dos educadores, contrariedades dos chefes e aborrecimento das familias.

Noutras occasiões uma palavra mal ouvida, um gesto equivoco, uma expressão. infeliz geram um estado de guerra entre o lar e a escola, o que não é absolutamente edificante. De um lado a familia a proceder acintemente, de outro o mestre a fazer pirraças; intervem a politiquice soez em nome dos mais inconcessaveis interesses... é inutil concluir que só o desproveito geral nasce do semelhantes inconveniencias, muito mais frequentes do que geralmente se suppõe. Considere-se quo já a simples antipathia é tão pernicioso ao trabalho quanto mais os successos de mór vulto!

Bem avisados e conhecedores desses acontecimentos, os paizes adiantados om materia de instrucção publica teem dado largos passos no sentido de se favorecer um estado de coisas muito superior ao exposto, trazendo o auxilio das familias o a de todos o cidadãos intelligentes e operosos ao trabalho da escola, comparticipação essa indispensavel para o progresso dos alumnos e dos proprios ensinantes, tantas vezes malquistados o até mais ou menos peiados nos seus trabalhos por questões de nonada.

Encarada a escola como o natural prolongamento do lar, numerosas foram as *ligas* e *associações* de paes e de mães de familia, ou ainda de simples almas caridosas, afim de trazerem seu valioso concurso ao mestre cuja função educativa, importantissima, tanto se reduz se attendermos ao numero restrito de horas que o alumno passa na escola, comparado com o durante o qual está na sua casa, ou apenas sob a responsabilidade paterna. Sabemos não serem muitas as familias que, tendo os filhos na escola publica, occupam-se em verificar e acoroçoar o adiantamento dos mesmos quer os instruindo, quer educando-os. E é exactamente neste ponto que reside a principal differença entre a escola publica e a escola particular, qualquer que seja o credo a que esta so filie. A primeira, mantida com o dinheiro de todos, recebendo crianças de todas as procedencias, não podendo eliminar alumnos por serem de côr (como ainda agora, em Petropolis) ou por pertencerem a partidos politicos ou grupos religiosos diversos, tem uma difficilissima e delicada missão que não escapa mesmo ao investigador desuaido. Demais, o facto da familia haver escolhido uma determinada escola para o filho denota da parte della certa orientação educativa e uma attenção e vigilancia muito favoraveis á obra do educador, segundo observa o pedagogista portuguez Albano Ramalho, no seu livro de impressões de viagem.

A escola privada pode, pois, seleccionar os alumnos, só mantendo as crianças que convierem aos seus intuitos por quaesquer motivos, e esse facto, insignificante na apparencia, é a chave do problema da melhor frequencia de taes estabelecimentos, o do exito do trabalho educativo, com relação aos ideaes que se pretenderem criar no espirito dos alumnos de semelhantes institutos de ensino.

Resulta disso, dessa collaboraçãomuito mais assidua dos paes dos discentes das escolas privadas, a apparente superioridade numerica

nos resultados das mesmas sobre os estabelecimentos de publica instrucção, isto é, aquelles mantidos pelo Estado e, portanto, obrigados a matricular discipulos de todas as classes sociaes e de todos os principios e até os que norma alguma professam. Como bem nota o citado Albano Ramalho, a comparação há de ser feita não entre numeros brutos, e sim entre percentagens, levando-se ainda em conta o que acima foi dito.

De maneira que na Europa (Alemanha, Inglaterra, França, Belgica) e nos Estados-Unidos da America do Norte as instituições que trazem á obra escolar formas variadas do auxilio estão muito generalizadas e, pelos excellentes serviços prestados, é de crêr que proliferem não só onde já existm como tambem nas outras partes do mundo ainda não em gôzo de tão grandes beneficios.

O concurso é prestado ora sob a forma de assistencia medica e dentaria, ora pelos fornecimentos do roupas e alimentação (sopa escolar, ração supplementar), ora em dadivas do livros, cadernos e mais utensilios escolares necessarios, ora com a abertura de bibliothecas escolares infantis e para adolescentes assim como para adultos, ora favorecendo-se festas escolares, passeios e mais diversões apropriadas, e ainda no socorro aos paes afim de qu os filhos possam frequentar assiduamente as classes, etc.

E', porém, sobretudo pelo amparo á formação do caracter, pelo patrocínio no que diz respeito ao fortalecimento da educação moral que essas *ligas* e *associações* prestam um inestimavel serviço.

Sob tres pontos de vista devo ser exercida a cooperação da familia ou dos philanthropos na vida da escola: quanto á educação physica, quanto á educação intellectual, quanto á educação moral.

1. — Relativamente á **EDUCAÇÃO PHYSICA** vê-se logo que, desde o periodo de gestação, podem as mães concorrer para a efficacia do trabalho escolar futuro, cunprindo as regras prescriptas pelos

hygienistas; de tal maneira a eriança nascerá robusta e é dos tempos e da auctoria de Juvenal (42-125) o preceito *mens sana in corpore sano*. Depois, na primeira infancia, quantos cuidados a observar no aleitamento, na passagem para a alimentação solida, no vestuario, na habitação e até nos brinquedos a fornecer á eriança! Cada assumpto destes, que se attenda convenientemente, é um proveito immediato para a robustez do corpo, de que dependerá o bom temperamento, o grau de resistencia á fadiga e ás molestias, a assiduidade ás aulas, a disciplina, a calma na vida do alumno, a alegria de viver, abençoada alegria que jámais existirá ao lado de um systema nervoso irritadigo, ou do um estomago preguiçoso, de musculos flaeidos, ou ainda do um sangue pobre.

E os desvêlos para que se não estraguem os órgãos dos sentidos, e os carinhos para não so deteriorarem os dentes das erianças! Entretanto, por causas multiplas, a maioria dos paes ignora quasi completamente que nessas pequenas cousas está uma parte da felicidade dos filhos. Muitos paes, olhando a prole enfraquecida por ter crescido ao Dous dará e porque herdou mazelas dos progenitores, dizem orgulhosos, na sua inconsciencia, "os moços de hoje não prestam, são fracos; no meu tempo, sim, é que havia gente forte; eu, com esta idade, ainda tenho mais saude do que os filhos". De quem a culpa entretanto?!

2. — Na parte referente á EDUCACÃO INTELLECTUAL a ajuda que a familia poderá dispensar ao professor é de dupla natureza— ou instruindo simplesmente o alumno, sem a preocupação prejudicial, está claro, de formar pequenos sabios senão apenas ampliando lentamente as noções compatíveis com a perfeita saude physica e mental do educando (este trabalho exige muita finura e observação espeeiaes da vida infantil); — ou então exercitando os processos mentaes que devam ser desenvolvidos, por atra-

zados. Há treinos faceis e adequados ao aguçamento das faculdades acquisitivas, das conservatorias e das elaborativas, cuja synthese constitue a intelligencia. Todavia como taes exercéios estão fóra do alcance de muitas pessoas e exigem certas precauções da parte de quem os applica, melhor será que a collaboração, neste capitulo, só se manifeste quando solicitada pelo doente.

3. — Com referencia á EDUCACÃO MORAL não custa descobrir que é aqui que transeende a valia de cooperarem mestres e discipulos nas tarefas escolares, *peri e post* escolares. Tratando-se da escola publica, leiga, os priucípios são precisam ser apresentados quotidianamente no seio do lar domestico e na continuidade da vida escolar, não só por palavras, o que evidentemente não basta, mas o de modo necessario, por exemplos que edifiquem. Inutil é prégar por palavras que não por exemplos; não só inefficaz como prejudicialissima é a contradicção entre o meio escolar e o meio familiar. Para que os preceitos se gravem no subconsciente do alumno, o só então servem como normas de condueta, devem elles ser sempre ouvidos na casa e na escola, em harmonia de vistas; observados na vida de ambas o do meio ambiente; o ainda praticados por imitação dos naturaes modelos (paes e mestres).

Sejam de vez afastados os comentarios deprimontes, os boatos malevolos e inconsistentes, a intriga aviltante, as questiunculadas de intolerancia religiosa, politica e quejandas; congreguem-se todos os esforços no sentido de ser a eriança rodeada no lar e na classe dos mesmos optimos ensinamentos, dos mesmos elevados ideaes.

Se a familia professa alguma religião, que mande os seus filhos ás igrejas catholico-romanas, aos templos evangelicos, ás synagogas judaicas, ás mesquitas mahometanas, aos templos positivistas, etc., conforme fôr o caso para, nesses meios apropriados, recebam as erianças

os ensinamentos dessas crenças. Tal ensino religioso completará o trabalho moralizador da escola, collocando a fé ao lado dos principios universaes e leigos, para a formação de mais solidos caracteres; evite a escola ataques ás crenças dos alumnos, abstenham-se os sacerdotes das diversas seitas de referencias desairosas ás escolas publicas, oralmente e por escripto, pois taes conceitos gerarão a anarchia mental, moral e religiosa nas crianças, segundo temos observado.

Se o professor se esforce por inculcar bellos preceitos da mais pura moral christã, como, por exemplo: **NÃO FAÇAES A OUTREM A-QUILLO QUE NÃO QUIZERDES QUE OS OUTROS VOS FAÇAM, DEVEIS AMAR-VOS UNS AOS OUTROS COMO A VO'S MESMOS, NÃO SE DEVE PERDOAR SO' SETE VEZES MAS SETENTA VEZES SETE VEZES**, encontrando os discipulos, em casa ou algures, preceitos o praticas contrarias a esses ensinamentos biblicos, claro é que não será no curto prazo de quatro ou cinco horas de convivencia na escola que os bellissimos principios de meral ficarão tão intimamente gravados no espirito do alumno que vão servir de base para a sua conducta na vida, porque a escola prepara a vida (*non scholae sed vitae discimus*, já dizia Seneca).

Pesa-nos no entanto declarar que nada temos ainda no Brasil e este rospito de collaboração da familia na escola. Indagando bem, percebe-se até uma certa indisposição quanto á escola publica, da parte de numerosos membros da nossa sociedade, má vontade que nada mais é do que a incompreensão absoluta do alcance social da escola e do papel que ella representa no evoluir da humanidade. Não é menosprezando a escola o muito menos desprestigiando o professor que se há de obter para o Brasil o que outros povos mais adiantados tem obtido para si. Nunca o des-

prezo ao mestre primario gerou energias civicas na massa da população de paiz algum: collaboração effectiva da familia na escola tem, entretanto, operado maravilhas onde ella se pratica.

Quaes são, porém, os meios de obter a entrada, na tarafa escolar, das familias ou dos philanthropos apenas? Varios são elles e nosso intuito não é apresentar um quadro completo dos expedientes possiveis e sim, unicamente, dar algumas indicações nesse sentido.

Em primeiro lugar expurgue se o magistorio de alguns elementos maus que porventura possui e quicá tolerados por motivos estranhos á pedagogia. Isto levantará o moral da classe e a collocará bem no seio da sociedade. Não nos esqueçamos jámais de que o mestre deve ser o exemplo vivo da moralidade inatacavel.

Depois crie-se o habito, que entre nós não existe, de visitarem as familias, por si ou por seus representantes, as escolas locais, para conhecerem-n'as de perto, para saberem como se tratam ali as crianças, qual o regimen disciplinar, qual o methodo do professor, etc. Os professores devem ser os primeiros a querer mostrar a excellencia do trabalho que fazem e procurarão, a bem da propria tranquillidade e bom nome, revelar a vida escolar em toda a sua intimidade. Desse modo gerarão uma solida confiança no animo dos interessados — parentes ou quem quer que seja —, confiança que será de valor real na efficiencia educativa.

Mais uma vantagem que advirá das visitas — o desembaraço do professor. Em geral o professor nosso é acanhado e todos sabemos que o acanhamento profissional é um mau companheiro do mestre.

Crio-se tambem o livro de apontamentos, caderninho de notas, boletins do alumno ou que outro nome convenha e ahi, para uso exclusivo do educador e do encarregado

do discípulo, sejam indicadas as faltas commettidas bem como as correções, se foram feitas e de que maneira. Esso livrinho, reservado, será escripturado sem rancor, sem espirito prevenido, superiormente, de parte a parte, e por elle muitos dissabores desaparecerão.

Não convindo o *livrinho de apontamentos*, o melhor é organizar-se em cada localidade, independentemente da acção do Governo, uma junta de pessoas cultas e interessadas pela causa do ensino, junta essa á qual competirá a solução dos mal-entendidos entre mestres e paes de alumnos que, assim, perderão o costume de dar ouvidos a quantas invencionices a crança haja por bem dizer em casa, baseada na credulidade excessiva dos paes.

Ao espirito inventivo dos entusiastas cabe descobrir outras vias, do accôrdo com as condições locais, para que seja uma realidade, entre nós, aquillo que os povos mais civilizados reconheceram há muito como necessario e que praticam com vantagens dignas de uma superior imitação. — *Carlos da Silveira.*

## BRASIL-ALLEMANHA

"Os discursos que se pronunciam desta tribuna, da tribuna do onde se ora ao povo rosto a rosto, em dias como estes, não podem emprohender largas oexursões pela benevolencia dos ouvintes. Em torno do homem que lhes fala, as multidões engrossam como os mares ao redor do veleiro, que, de crista em crista, se vae aguentando nas aguas agitadas. No meio dos successos que se apressam em ondas encapeladas e sobreerguidas, não ha lugar para o trabalho do raciocinio equilibrado em deducções e argumentos. A eloquencia ahí é a da concisão das vozes do manobra entre os assovios do vento, ou a dos clarões do pharol entre os cabeços dos abrolhos.

Eis porque não me é dado agradecer, como quizera, aos oradores

que me acabam do saudar om vosso nome, as honras do seu onthusiasmo, o a vós, brasileiros, que me cercaos, este concurso immenso, estos applausos, estas aclamações, tão minhas conhecidas, que seriam uma glorificação para quem as merecesso, se as pudesse merecer alguma coisa, neste mundo, senão a idéa impessoal, a idéa augusta, a idéa soberana, em volta da qual giramos, os atomos humanos, que o sopro eterno conduz para o otorno desconhecido.

A mim não me assiste senão o merito de ter sido o homem de uma só convicção, amadurecida numa vida inteira: do ter sido sempre, entro as tortuosidades da politica, o espirito da linha recta, a recta da liberdade e do direito; de ter sido, até hoje, um obreiro irreductivel da verdade, cavendo na consciencia, no coração, no iustincto, na mira das realidades o communicada, sem transações, aos meus semelhantes, custasse o que custasso, partidos, regimens, derrotas, espoliações, affrontas, riscos e amarguras de toda ordem, contanto que se salvasso a minha fé, a minha sujeição á evidencia interior dos meus deveres para com a humanidade, para com a Patria, para com a justiça, expressão viva da existencia do Deus, entro os homens.

Quizestes-me ouvir hoje. Exigistes a minha presença nesta vasta assembléa. Ditastes-me uma ordem, a que o homem publico, nesta conjuntura, não podia desobedeccer. Obrigastes-me a quebrar o silencio, por mim resolutamente guardado ha muito e não intervalado senão de longo a longo, de muito longo em muito longe, para exonerar as minhas responsabilidades nesta crise universal, om que, a mou vêr, se acha envolvida a duração do nosso regimen, a conservação do nosso territorio, a preservação da nossa nacionalidade.

Para que o quizestes? Para que seria, se não era para oscutar-des alguns accents dessa pertinacia na recta que me tracei a mim mesmo desde o começo da confla-

gração européa, e que, apenas se me offeroceu a occasião inevitavel, busquei mostrar nos estava traçada a todos, brasileiros, americanos, christãos, homens civilisados? Para que teria sido, senhores, se não fosse para vos dar mais um testemunho da minha confiança, originaria, constante, inalteravel, da victoria dessa causa, grandando sobre todas as causas grandes, sublimo acima das mais sublimes, que tão energicamente atráe o Brasil para o seu centro de gravitação irresistivel?

Pois bem, concidadãos, esse testemunho aqui o tendes nos meus applausos á intervençõ popular om um lance da nossa historia, quo sem a interferencia do povo nunca se resolveria, o quo, apesar della, ainda não está resolvido. Necessario era que tomásseis nas mãos o litigio supremo, quo a vossa vontade so onunciassse nas ruas, peremptoria o intransgredivel.

Mas, agora, ainda mais necessario será que não cesseis este movimento, que não abaleis desta attitude, quo não descanseis na marcha para a frente, que saibais manter até ao cabo o zelo da vossa dignidade, o acceiteis, sem entibiar, sacrificios, perigos, contratempos, resistindo aos sophismas do egoismo, da indolencia ou da covardia. Para sossobrar a causa dos allia-dos era mistér que o genero humano percessse. Para que o Brasil errasse, abraçando-se com ella, seria preciso que todas as leis moraes desaparecesssem da regencia do mundo; o. em hypothese tal, desgraçados seriam os que sobrevivessem a essas leis, fóra das quaes a vida não valeria a pena do se viver.

Não, senhores! Quando se trata da propria substancia da humanidade, negada o destruida, quando se trata da essencia mesma das nações, desmentida o abalada, quando se trata do salvar do diluvio dabarbarie todo o passado, todo o presente o todo o futuro do mundo christão, não ha obstaculos que possam atemorizar os povos, grandes ou pequenos, se uma solidario-

gado universal os associa no mesmo campo, debaixo das mesmas tendas. Tudo se tem de expor, com o animo em Deus, para salvar tudo. Lembrae-vos daquella famosa batalha naval, que immortalizou o nome do Farragut.

Estreita é a passagem. Os torpedos, seguros da sua sinistra missão, esporam no fundo com a morto provavel, quasi certa, o atrovimento da quilha temoraria. Mas a voz do grandando almirante se levanta como a voz da honra. "Lovo a breca os torpedos! Avanto!" "Damned torpedos! "Go ahead!" As navos se abalam. A capitanea transpõo galharda o passo, a victoria estende os braços aos homens de fé na sua causa, a democracia, a liberdade, o christianismo triumpham nas bandeiras dos que põem acima de todos os riscos, o seu brio, as suas crencas, os seus deveres.

Em occasiões destas, concidadãos meus, ou antes, nesta occasião, porque como esta nunca houve na historia do universo, o povo não pôde entregar a ninguem as suas reivindicaciones, as suas necessidades, o seu destino.

A nota Wilson não é a obra de um homem: é a obra do povo americano, victorioso das hesitações do seu governo após dois annos de opinião publica agitada e vibrante contra as promessas o falacias, as concessões e rocuos, as idas o vindas, om quo a diplomacia do Berlim entretinha a diplomacia de Washington, geuerosa o illudida, omquanto nos torpedeamentos successivos do "Falaba", do "Gulflight", do "Nebraska", do "Imsitania", do "Armenian", do "Arabie", do "Aneona", do "Persia", do "Sussox" o do tantos, tantos outros, até hontem, a pirataria alleman varria do oceano a propriedade americana, as mulheres o crianças americanas, a bandeira americana, nosso vil systema do traições o impiedades, a guerra submarina, a que o genero humano deve dar caça, como so deu aos corsarios do Mediterraneo, aos cannibaos da America, aos "thugs" da India, aos "boxers" chinezes, a todos esses

phenomenos do instinetto da carniceria e da pillagem, que a policia das nações civilisadas banii da superficie do globo.

Dado esse trabalho da politica alleman, que rasteja por toda a parte, quo om todas as profundidades, mergulha, que se infiltra em todas as camadas, que soborna todos os interesses, quo invado todas as espheras, essa politica de intriga e peita, de conspiração e revolta, de incendios e machinas infernaes, essa politica de espionagem e contaminação universal que se projecta até ao scio da administração dos paizes em armas contra ella; dada a brutalidade cynica desse elemento que se resgatou de todas as leis divinas e humanas, e que em tudo se sente, jogando, comprêndo, esportando, ameaçando, tramando, nem mesmo a guerra declarada basta, para assegurar uma nação, quando ella não tenha os olhos abertos sobre os que a governam, de que elles não a esqueçam, não a compromettam, não a sacrificuem.

Vêde, concidadãos: vêde, reflecti, e explicac. A Russia cuidava estar seriamente em luta com os Imperios contraes. Havia-lhes declarado guerra. Tinha os seus exercitos contra elles em campanha. Exhauria as suas finanças em gastos colossaes. Perdia nos campos de batalha milhões de homens. Estava ligada para a vida e para a morte ás potencias aliadas. Um pacto de honra a obrigava a não liquidar senão de accôrdo com ellas a paz o a situação ulterior da Europa. Mas, por baixo de todas essas apparencias, roja uma trama de Iscariotes. O polvo de Wilhelmstrasse estende os tentaculos até Petrogrado. O kaiser tem collaboradores no scio da nobreza russa, da côrte russa, da dynastia russa, do exercito russo. Generaes, ministros, principes, trabalham onvolvidos nessa teia, pela paz em separado e pelo abandono da alliança. A acção militar claudica, atrasam-se as operações, desastres inexplicaveis annullam o poder gigantesco das massas moscovitas. Até que

um dia a sensibilidade nacional, advertida pelos rumores subterraneos da traição, accorda a subitas, uma força imprevista ergue da gleba o titão esmagado, o throno imperial desaparece, o as prisões do Estado se fecham sobre os administradores, os magnatas, os geueraes amigos do inimigo. A nobreza adhero. E os grãos-duques annuem. O Santo Synodo subscrive. Os exercitos, com as esquadras, exultam. E, num paiz de doz ou doze milhões de soldados em armas, não ha influencias militares que usem abraçar-se, em nome da classe, com os seus membros accusados, suscitando questões militares em beneficio da Allemanha, privada alli agora dos seus Judas e ameaçada nas suas instituições. A Russia libortada não reconhece a uenhuma ordem, a nenhuma casta, a nenhum principado, a ninguém, a coisa nenhuma, espada, bastão ou sceptro, o direito de se sobrepôr á nação e trail-a impunemente.

Eis a grande lição. Preciso é não a esquecer. O Brasil não tem categorias politicas, não tem castas, não tem privilegiados. E' um paiz de cidadãos, com um governo de leis e um regimen de liberdade. Não substituiu o mando da realza pelas insignias da força. Combateu-o no militarismo de origem nacional. Agora, quando o ameaça o militarismo estrangeiro, é para o combater que conta com os seus homens de espada, certo de que ellos não a utilizarão nunca, senão para morrer pela Patria, e sustentar a ordem constitucional.

Pela ordem constitucional, pela patria é que estaes aqui reunidos, concidadãos meus. Não me enganava eu om me crêr o vosso mais fiel interprete, quando, em Julho do anno passado, na grande capital argentina, depois de concluida a minha missão diplomatica, orgui a voz, para combater em nome da lei internacional, a falsa neutralidade, que violava essa lei grosseiramente, assistindo impassivel ao dosmoronamento systematico das

convenções do Haya pelo martelo dos hunos.

Desejaria ter errado. Congratular-me-ia hoje commigo mesmo de ter então visto e previsto o mal. Mas, ponto por ponto, em todo o meu ver e prever, me dou a mais estrondosa razão o curso dos successos. E' que já era facil vor e prever, quando não se tratava senão do applicar o bom senso á itelligencia dos acontecimentos e as leis moraes á dedução das previsões. As leis moraes e o senso moral não podiam falhar num dos casos mais obvios de sua applicação, a que tem assistido a historia da humanidade. O diagnostico e o prognostico estavam ao alcanço da menos intrincada medicina. Mas os interesses do ogoismo politico turvaram a razão dos grandes Esculapios, e o mundo neutro está hoje quasi todo no vórtice da conflagração, porque os guias das nações não souberam oppor, em tempo, ao menos no terreno moral do um protesto generalizado a resistencia do genero humano aos adversarios do prussianismo. Protesto e não guerra.

Não foi a guerra o que eu pré-guei em Buenos Aires; foi a evidencia da solidariedade entre os povos não atacados e os povos atacados na causa da legalidade internacional que estes representavam. Não foi a guerra o que allí sustentei; foi a lei da correspondencia inevitavel entre a segurança dos neutros e a reivindicção do direito constituido, cuja queda o kaiserismo proclamava. Não foi a guerra o que eu advoguei naquella solemnidade memoravel; foi a união resoluta dos neutros em reprinirem, com um acto collectivo de reprovação absoluta, a insurreição do pan-germanismo contra a existencia de todas as nações independentes.

Se, logo ás primeiras explosões da revolta insana contra o direito constituido nas convenções de Haya dizia eu "Os signatarios dessas convenções levantassem o clamor publico da censura universal contra o arrojo das paixões embriaga-

das do delirio do orgulho, a torrento da desordem ter-se-hia moderado, senão recuasse". Minha confissão era, e continua a ser agora ainda mais energicamente, que a selvageria germanica recuaría diante dessa barreira formidavel. Ora, para começar a erigil-a, não se requeria, a iniciativa das grandes poteneias armadas. Todas as nações eram obrigadas a esse movimento, porque todas eram contraentes nos actos juridicos do Haya, todas por elles deviam acudir, quando violados, todas provarienram, repudiando osse dever, commum a todas.

Como ellas, o Brasil prevaricou em seu proprio damno; e a sua provaricção mal se attenu'a, por brilhar em tão luzida companhia. Entro as nações, como entre os individuos, os grandes, pela sua mesma grandeza, podem contar mais com o seu poder que com o seu direito. Mas, os pequenos só com o seu direito podem contar contra a soberbã dos poderosos. Nesta situação, porém, dominada pelos mais altos interesses humanos, qualquer que fosse a nacionalidade, cuja voz se levantasse, imporria, determinaria, arrastaria o concurso das outras. So viesse a ser o Brasil, esse Brasil do valor moral de cujo rompimento de relações com a Allemanha tantos encarecimentos agora se tecem na Europa e nos Estados Unidos — se viesse a ser o Brasil, a sua attitude repercutiria em todo o continente a opinião publica, já em braza na grande Republica da America do Norte contra as vacillações do seu governo, so clevaria a uma altura de pressão decisiva, as outras democracias americanas, suas irmans, so lho seguiriam, o a insolencia aggressiva do germanismo entraria em vasante.

Os dois annos de liberdade, que se lho deixaram, com a criminosa connivencia de todos os governos neutros, essa larga tolerancia, essa eumplicidade monstruosa o acorçaram, de vesania em vesania até á systemasiada exterminação do povo belga, á brutali-

dade cynica da guerra submarina e ao privilegio bestial assumido pela derrota de assolar, na retirada, as regiões abandonadas pela occupação militar.

Os neutros renunciaram ao papel glorioso de evitar, de atalhar, de represar essa inundação de crueldade. Mas, a sua abstenção animou até ao extremo do extremo a demencia truculenta do inimigo do genero humano, incutindo-lhe coragem para lhes lançar á cara o repto da guerra submarina.

Esse repto era a declaração geral de guerra a todos os neutros, porque era o prégão, deitado a todos elles, de que a Allemanha não distinguiria, nesse tratamento illegal e barbaro, entre o commercio das nações neutras e o commercio das nações belligerantes, que as selvagerias allemans contra a propriedade commercial dos belligerantes se estenderiam á propriedade commercial dos neutros, que no mesmo exterminio se amalgariam os navios, as tripulações, os passageiros de todas as nacionalidades.

Então é que os neutros se lembraram de protestar. Um protesto em resposta á mais insolita de todas as declarações de guerra!

As declarações de guerra presuem-se reguladas pelas normas juridicas da guerra. A primeira das normas juridicas da guerra é a das immunidades reconhecidas ás populações e aos individuos não combatentes, principio de humanidade que, desde Grcio, desde a primeira metade do seculo dezescis, se considera, em tempo de guerra, como a divisa capital entre a barbarie e a civilisação. O direito, assumido pela Allemanha, de metter a pique os mercantes, sem aviso prévio, nem consideração do especie alguma para com as vidas humanas alli transportadas, abolia esse principio terminantemente, rasgadamente, desafiadoramente. Era, portanto, a declaração de guerra, mas uma declaração de guerra aggravada pela illegalidade, pela deshumanidade, pela brutalidade, pelo inaudito da provocação.

Essa opinião bastava, claro está, bastava ser minha, para não ser exacta. Mas graças a Deus, é, afinal, a opinião sustentada na mensagem do presidente dos Estados Unidos e formulada na resolução do Congresso Americano. Os Estados Unidos "não declaram" a guerra, aceitam, reconhecem, annunciam o estado de guerra já existente. Os actos da Allemanha importam no estado de guerra, a que a nação americana se submotte.

Mas, esta situação não era, não é, diversa da nossa. Não. Era, o é absolutamente a mesma situação do Brasil. De onde resultou, para os Estados Unidos, o estado de guerra, por elles reconhecido? Da nova fórmula do bloqueio instituido com a nota comminatoria do afundamento dos navios, sem prévio aviso, nem contemplação de ordem alguma com as vidas humanas. Da promulgação dessa fórmula, seguida, pouco depois, de actos de execução no torpedeamento de um vaso mercante americano, emanou, para o governo de Washington, a guerra em estado inevitavel de acção actual, a guerra decretada, não pela Republica americana, mas pelo Imperio allemão.

Este, porém, não intimou a fórmula selvagem do bloqueio, a comminação do exterminio dos passageiros e equipagens embarcados nos vasos mercantes, não dirigiu essa categorica ameaça unicamente á patria de Wilson. Endereçou-a a todos e a cada um dos neutros, communicou-a a todos os neutros e a cada um delles, endereçou-a, especialmente, solennemente, ao Brasil, e, dali a dias, a poz em effectividade com actos de execução cruéis em um vaso mercante brasileiro, tres de cujos tripulantes morreram assassinados, no barbaro assalto naval, pelos corsarios allemães.

Pois bem, senhores: do mesmo caso, dos mesmíssimos elementos, de uma situação só, mas commum aos dois paizes, vamos derivar para o da America do Norte, para os Estados Unidos, a inauguração do estado de guerra, para o da Ame-

rica do Sul, para o Brasil, a continuação do estado de paz. Por que, senhores? Por ser um direito internacional além do equador, outro aquom, um para os "yankees", outro para os brasileiros? Ou porque as vidas brasileiras valham menos do que as vidas americanas? Ou porque exista uma soberania para as nações poderosas, outra para as fracas? Ou porque haja uma honra para a grande Republica do norte, outra para a vil Republica do sul? Ou porque a vergonha seja do uma tempera no Mississipe, do outra no Amazonas, o o brio cõre mais depressa em Washington do que no Rio do Janeiro?

Resolvam os que souberem. Eu não logro atinar como condições absolutamente identicas no facto o no direito, om um só continente, sob a mesma legalidade e na mesma occasião, possam determinar em dois paizes independentes, civilisados e livres, dois estados juridicos diversos, duas situações politicas oppostas. A Republica norte-americana passou rapidamente do protesto ao rompimento do relações, do rompimento de relações á guerra. A Republica sul-americana tentou limitar o protesto e, afinal, com a interrupção do relações, lançou ancoras ao fundo.

Ha de garrar até á guerra. Lá irá ter arrastada pela reiteração das aggressões, mas não antes que a pirataria sábia nos mate mais alguns brasileiros, e a manopla germanica nos marque no outro lado do rosto. Tremenda fatalidade é essa da rotura da paz ontro dois Estados. Mas não so lho resiste, quando a essa fatalidade se vê arrastada com violoncia uma nação tranquilla e innocente, em desagruvo dos seus cidadãos exterminados a tiros de canhão o arremessos de torpedos.

Aliás, se ali chegarmos, como paroco inevitavol, a nossa actividade terá de se limitar ao territorio brasileiros o suas aguas. Do entrarmos em campanha não se nos abria ensojo, a não ser que o elemento allemão, realisando as suas as-

pirações inveteradas, so insurgisse agora nos nossos Estados meridionaes; o que não se crõ provavel neste momento, quando os imperios centraes, assediados pelo mundo, comoçam a sentir o peso da sua ruina, cujas proporções um levante germanico no continente americano aggravaria immensamente, incompatibilisando com a America a Allemanha, já incompativol com a Europa.

Nem por isso, entretanto, deixará de ser consideravel a nossa contribuição, nem por isso deixará de ser util o nosso modesto, mas nobre contingente na luta dos Titãs. Além do concurso de uma nação de vinte o cinco milhões de almas, com a sua solidariedade, cujo valor moral não se poderia desconhecer, entraremos para a victoria definitiva com a nossa associação ás esquadras alliadas no policiamento do Atlantico meridional; entraremos com a vastidão e a variedade maravilhosa das situações do nosso litoral, seus ancoradouros, sous abrigos, suas ilhas, suas bases de operações navaes; entraremos com a nossa alliança commercial, com a importancia do nosso commercio, com o thesouro da nossa clientela no trabalho ulterior de resistencia á penetração mercantil o colonial do germanismo, precursora da sua absorpção militar.

Contidaostas linhas, que naturalmente, quo necessariamente se lho acham traçadas, a nossa intervenção na guerra, que tudo nos impõe, e não so evitaria senão á custa de projuizos irreparaveis, de contemporisações humilhantes, de erros desastrosos ao nosso futuro, a nossa interferencia, digo, a nossa participação na guerra, se nos var levar a sacrificios, não é a sacrificios, que excedam a tensão possivel da nossa capacidade, os limites supportaveis da nossa abnegação, da nossa coragem, da nossa honra, a extensão exploravel dos nossos recursos, dilatados pelas collaborações uteis quo adquiriamos na nossa reorganisação nacional, nem que nos constranjam a necessidade al-

guma de nos desviarmos da orbita normal das nossas instituições, para legitimar anomalias inconciliáveis com o nosso regimen.

Sim, concidadãos meus, assentae, sobre tudo, no espirito, esta verdade, que, acima de todas, recommendo, neste momento, ao vosso civismo, esta verdade, em que, para o caso occorrente poderemos dizer que se encerram a lei o os prophetas. Se a guerra não pôde ser eusejo ás reivindicações populares, para sahirem da ordem constitucional, não pôde a guerra servir de pretexto á acção do poder.

Nisto vos toco, senhores, porque já me chegaram aos ouvidos, através dos clamores patrioticos da imprensa, rumores de um trabalho pela dilatação dos orgams militares do governo á custa dos seus orgams civis. E não pôde haver insinuação que mais devamos atalhar, logo ao começo, com toda a nossa energia.

Não: para que as armas tenham a liberdade necessaria aos seus movimentos, não se ha mistér de quo assumam um dominio incompativel com os nossos direitos. Nem a França, nem a Inglaterra, nem a Italia sahiram das regras do systema constitucional, para criarem essa estupenda organização militar, que assombra o mundo. Não são os chefes dos exercitos, mas os delegados da Duma, os que estão no governo da Russia redimida, succedendo ao imperio militar, desethronado pelos elementos liberaes. Com essas potencias da guerra se vão medir os Estados Unidos em rasgos de força e grandeza. Mas ninguem seria capaz de murmurar alli que, para assegurar á organização das tropas e esquadras norte-americanas a mais poderosa amplitude, seja mistér desalojar o presidente da Republica da sua primazia constitucional, entregando-a aos ministros militares. A sua docilidade á posição quo lhes attribue á lei fundamental é tão necessaria, na guerra, como na paz, á ordem da guerra, ou á ordem da paz, como a docilidade corespondente dos ministros civis a essa mesma lei.

Os que della discrepassem, não iriam a caminho da salvação da patria, iriam a caminho do nosso captivo, não concorreriam para a desprussianização da politica do mundo, mas para a prussianização da politica do Brasil. Muito vale o nosso territorio, muito os nossos navios, muito as vidas dos nossos concidadãos. Mas mais do que tudo valo a liberdade, que está muito acima de todas as organizações politicas, e não é nossa: pertence ao genero humano, cuja integridade não podemos lesar, alienando com ella o que a lei da nossa criação nos deu, para merecermos nosso lugar entre as obras do Criador. Cara é a patria. Mas mais cara a liberdade, o a humanidade ainda mais cara. Se a patria se deshumana e se captiva, os corações altivos, os espiritos são, as raças nobres abandonam a terra do seu berço em busca da humanidade e da liberdade. Com uma e outra é inconciliavel o militarismo. A Allemanha o attesta!

Se á Allemanha, pois, declararmos a guerra, não será, não poderia ser, para criarmos um Brasil novo á semelhança da Allemanha. Combatendo o kaiser-assu, não poderemos admittir os kaisers-mirins. Do não menos de tres ditaduras, todas militares, já gosaram a excellencia os nossos vinte e sete annos de existencia republicana. A experiencia é cabal. Tental-a outra vez seria precipitar o Brasil inteiro na mais justa das revoluções. Promovel-a agora, aconselhal-a agora, insinual-a agora diante do inimigo, ás portas da guerra, soria commeter a mais negra das traições; traição á liberdade, traição á patria, traição á causa dos nossos alliados.

Essa causa, a causa que se debate nesta guerra, é a causa da emancipação das nações oprimidas; não é a da escravização das nações livres. A ella somos compellidos, reduzidos, arrastados. Mas, buscando na escoria do mal, todo o minerio precioso, que com ella se encontre de envolta, não sahiremos

desta guerra sem grandes benefícios, se o paiz a dirigir, e não renunciarmos ás leis do nosso regimen. Com ella toremos a possibilidade unica de encararmos seriamente o seriamente resolvemos o caso da germanisação do Brasil meridional.

Nella estreitaremos intimamente as grandes amizades européas e americanas, a que tudo devemos e ainda mais ganharemos em dever no nosso vindouro desenvolvimento. Por ella entrando em contacto com a politica das grandes potencias liberaes, alargaremos, consolidaremos, melhoraremos a nossa democracia.

Quo haja nesta guerra a competencia de muitas rivalidades não se nega. Mas o que lhe constitue a essencia, o que lhe dá o typo, o que a define, é outra coisa: é o encontro da força com o direito, do governo pela justiça com o governo pela espada, dos povos livres com os oppressores de povos. E' a guerra da liberdade contra o militarismo. E' a guerra das nações contra os despotas. E' a guerra da Gran-Bretanha, a mão dos Parlamontos, da França, a mãe da revolução, da Republica norte-americana, a mãe das federações modernas, contra o kaiserismo teutonico e o sultanismo tureo. E' em summa a guerra da democracia contra a autoeracia. A prova está na transformação moscovita. O throno dos ezares cahiu, para que a coherencia liberal da grande alliança illuminasse em todo o esplendor da sua harmonia a luta gigantesca.

Desse fóco luminoso nos acercaremos, e agora acceleradamente, inobstavelmente. Sob os seus raios, dentro em pouco, se verá, unido num só corpo, todo o continente americano. O açoitado da pirataria acaba do passar pela Republica Argentina; e a nossa grande irman do Prata não pertence á raça das nações resignadas, por cuja cartilha um povo de brio não desembainha a espada antes de esbofeteadado nas duas faces.

Amanhan, na America inteira se

ouvirá o clarim da nova alvorada. Deus não desencadeou a conflagração para consumir o genero humano, mas para o salvar. Da grande calamidade vae emergir a grande renovação. Na curva do horizonte roxeado pelo sangue começa a se anilar a aurora de um mundo melhor. Cabirão os governos do arbitrio, e surgirão os governos da lei. Hontem, a Russia. Amanhan a Alemanha. Depois, outros.

Oxalá que nós tambem, meus concidadãos, nos embebamos desse contagio regenerador, o bom contagio, o contagio do verdadeiro heroismo, do heroismo humano, do heroismo liberal, do heroismo christão, e que a nossa nacionalidade, a nossa constituição, a nossa vida social, retemperando-se nessas fontes, nos sanchem o presente, e nos assegurem no porvir melhores dias, para que a nossa entidade moral cresça, para que mereçamos o nosso logar na superficie da terra. Então poderei começar a ver realizado, no declinio dos meus annos, o sonho patriotico da minha mocidade: um Brasil em cujos primeiros surtos o nosso coraçao possa divisar, como na visão de Milton, "uma nobre e poderosa nação, erguendo-se á semelhança de um homem robusto que despertou, sacudindo as suas suas cadeias." (Ruy Barbosa — Discurso no Rio de Janeiro).

## REVISTAS E JORNAES

### HOMENS E COISAS NACIONAES

#### COTEGIPE INTIMO

Cotegipe, ainda que apreciase os lazares, havia de ser trabalhador. Não se occupa em vão os mais variados cargos na actiidade publica durante quarenta e nove annos cheios como o foram os do Brasil, de 1840 a 1889, plenos de factos culminantes, de rivaes tomerosos, de lutas civicas, de contendas sérias. Tempo houve, em 1885, no qual foi simultaneamente Presiden-

te do Conselho, Ministro de Estrangeiros e do Imperio, Chefe do partido conservador e tambem Chefe do grande o inextinguivel partido da caridade, por nome a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro.

Cotegipe madrugava. Enquanto muito amanuense bocejava na cama, pensando na proxima promoção, o eminente politico deixava o leito para, ao romper do dia, passar os olhos pelos jornaes. E delles quantos conheceu... Era o primeiro café intellectual, ás vezes com assucar, ás vezes bem amargo. Bebido o trago de imprensa, Cotegipe, se era simples parlamentar, marcava nos jornacs, com um traço, as publicações dignas de leitura attenta: ao governo, marcava-as para providencias deste. Em seguida passava do quo fôra escripto ao que devia escrever. A sua correspondencia assidua tinha destinatarios em todo o Imperio e no estrangeiro.

Na carta corriqueira o lapis corria pelas entrelinhas traçando a resposta, não raro tão nitida, tão perfeita, que o auxiliar solerte apenas copiava.

Escrevia devagar, reflectindo, colhendo expressões amadurecidas no pensamento. Não lhe aprazia resculhar e gostava de dizer muito, dizendo claro.

Quando não respondia de proprio punho, para evitar omissões de endereço, enidadoso mencionava quaesquer titulos honorificos, scientificos ou militares dos destinatarios.

Findo o serviço epistolar, ia ouvir as pessoas que o esperavam, sobretudo quantas traziam interesses ou negocios ligados á administração da Santa Casa, sardamente caridosa e complexamente difficil.

Recebia-as numa sala contigua á de espera, uma por uma, sem promiscuidade, nem audiencia de terceiros. Nem sempre é agradável falar do si perto dos outros.

Cotegipe attendia os solicitantes matutinos despachava-os, obstando sem desprimor de polidez as exposições que para pedir, por exemplo, um lugar no Recolhimento das

Orphãs queriam remontar á velha culpa de Adão e Eva. Findo o almoço, fumava um Havana forte, accendendo-o quasi com volupia, pois pretendia que de accender devagar depende, em parte, o bom charuto.

Punha-se a passeiar ao comprido da sala. Era a hora concentrada, do affluxo da reflexão, da coordenação de idéas, da memoria, aliás admiravel, permittindo-lhe responder aos discursos mais extensos dos adversarios mais tenazes sem apontamentos, sem o olvido de minucias. Aliás gostava do responder incontinentemente ao competidor, allegando que "o intervallo lhe esfriava os nervos"

Homem publico, sobrecarregado de tarefas, só a poder de muito methodo conseguia tempo e folga para acudir áquellas tarefas, accrescidas das do amizade, cortezia e sociedade, sobremaneira do seu agrado. Quando appareciam encargos novos, Cotegipe achava geito como que para empurrar o tempo já preenchido o repartil-o com os recémvindos encargos, fiando-se em alto gráo na confiança no proprio valor, na calma, na sua intuição e no seu prodigioso poder assimilador. Assim fôra desde estudante, na velha Faculdade do Olinda. Todo esse capital se achou, com o correr dos annos, dobrado pelo juro inapreciavel do trato humano, da experiencia dos dias, de tudo quanto o ente de escol vai sommando enquanto se approxima a subtração brnsea ou vagarosa da sepultura.

Findas as occupações diarias, recolhia-se para, ao anoitecer, despachar o expediente da pasta da Santa Casa, expediente volumoso e variadissimo como o do qualquer Secretaria do Estado. Gostava de jogar a manilha ou o voltarete, o celebre voltarete que contra elle voltou o dicto de certo adversario: "O Sr. Cotegipo, a mais bolla intelligencia deste paiz, estragada pela chalaça e pelo voltarete".

Entretanto esta diversão era tida por Cotegipe como "salutar ao cerebro sobrecarregado".

Um dos infallíveis parceiros do jogo era o Senador José Ignacio Silveira da Motta, que muitas vezes se assentava á mesa da manilha ou do voltarete, depois do ter accusado vehemente no Senado o partido ou os Governos dos quaes Cotegipe fazia parte.

A regra geral das relações entre os politicos do segundo reinado foi a cordialidade entre rivaes partidarios extremados, não raro amigos extremos. Havia na sociedade carioca muito maleriado; mas era logo percebido por numerosissima gente bem educada. Tomava-se chá em pequeno e em chicara grande.

A casa de Cotegipe sempro foi divertida. Della ainda ha hoje quem falle com reaes saudades. A's quintas-feiras Cotegipe recebia. As filhas, senhoras do fino trato e de varios idiomas, sustentavam a conversa, não raro em francez, allemão ou inglez, com diplomatas.

As recepções muito cheias, de agrado e de visitas. A uma dellas Cotegipe declarou aos hospedes que se cifraria a méra palestra, por haver fallecido a esposa do Senador Saraiva, com o qual estava de relações restringidas a cerimoniaosa saudação.

Assim foi nas diversas residencias cariocas de Cotegipe: em 1871, na rua de S. Clemente n. 70, em 1873, no Rocio n. 86, hoje praça Tiradentes; em 1875, na rua Dous de Dezembro n. 53, hoje Christovão Colombo; em 1877, na rua Senador Vergueiro n. 9, como Ministro da Fazenda. Nesta casa permaneceu por muitos annos e no telephone della, n. 1.037, quanta cousa interessante ouviu e disse.

Ahi exhalou a 13 do foveiro de 1889 o ultimo suspiro, ahi chegou á familia enlutada o telegramma de pezames de D. Pedro II: "Sinto-o muitissimo. Estimo-o desde cincoenta annos..." Parodiando um personagem de Murger, o Soberano poderia ter exclamado: "*Oh! mon régime, c'est vous qu'on enterre!*" — (Eseragnolle Dória — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

## HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

OCTAVE MIRBEAU

Era um bello typo normando, como Flaubert, Barbey d'Aurovilly e Maupassant, que tinha nascido no mesmo anno em que elle, isto é, em 1850.

Destes tres é a Flaubert que elle se assemelhava menos do ponto de vista intellectual o a Barbey, quo mais se assemelhava, apesar das apparencias. Mirbeau deve ser considerado como pertencente a escola naturalista, ao grupo dos discipulos de Zola. Mas, foi por um desvio que elle chegou ao naturalismo. Originario de familia conservadora, educado no collegio dos jesuitas de Vannes, que parçe entretanto tor-lhe deixado más recordações, a julgar pelo seu romance *Sebastien Roch*, Octave Mirbeau adheria plenamente, no primeiro periodo de sua carreira, ás doutrinas politicas e religiosas que lhe tinham inculcado seus paes e seus professores. Foi nesse tempo e com esse espirito que elle publicou em 1882 o seu famoso artigo sobre os comediantes, artigo que provocou grande celeuma. Pouco tempo depois fundou um pamphleto hobbomadarario intitulado *Grimaces*, onde se affirmava catholico, militarista e realista e invectivava furiosamente contra os republicanos. Evidentemente essas paginas de ha trinta e cinco annos devem espantar os jovens leitores de hoje de Mirbeau, que não conheceram senão um Mirbeau convertido por principios exteriormente diferentes. O quo é singular ó quo a evolução de Mirbeau tenha sido tão tardia. Geralmente essa evolução opera-se no sair do collegio. A nova phasa das convicções de Octave Mirbeau não data sómente da celebre questão quo conheceis e na qual tomou partido ostensivamente, mais uma vez, sob a bandeira do Zola. *Grimaces* tinham cessado de apparecer em 1884. Em 1886, 1888 e 1890 Mirbeau dava successivamen-

te tres romances de forma naturalista e de pensamento terrivelmente emancipado. O *Calvaire* obtinha a aprovação de Paul Bourget, na opinião do qual esse livro era "um dos mais originaes que têm apparecido ha annos pela magistral simplicidade da factura, a sinceridade emocionante e a coragom em por á nu' secretas feridas da alma. Trata-se de aventura de um rapaz, dominado, arruinado e envelhecido por uma Dallila do *demi-monde*, uma Sapho. Como o uso era então escrever romances que não fossom sómente crises, mas biographias completas, Mirbeau nos mostra o seu heroe creança, depois soldado em 1870. E não dissimula o seu horror da guerra. Do mesmo modo que Sebastien Roch, sahindo do seu collegio de jesuitas, no tempo dessa mesma campanha, diz: "Vou partir e bater-mo o nem sei mesmo porque vou partir e bater-me". Devo-so notar que se Mirbeau teve algum exaggero outrora nas suas theorias antimilitaristas, em 1914 ponde, entretanto, proclamar seus procedimentos patrioticos e sua fé na victoria. Quanto ao terceiro romance dessa época, *l'Abbé Jules*, é a aventura de um padre revoltado que volta ao paganismo e deixa a sua fortuna em testamento ao primeiro de seus collegas da diocese que lançar a batina ás urtigas. Só dez annos mais tarde é que appareceu o *Jardin des Supplices*, pesadello chinéz com intenções satyricas. *Les Memoires d'une femme de chambre*, *Vingt et un jours d'un neurasthénique*, a 628-E 8, e *Dingo*, são menos romances do que series de episodios, anedotas e impressões sobre assumptos diversos. Mirbeau tinha, por muito tempo, collaborado nos jornacs literarios e ficou sendo jornalista mesmo no livro. Era, além disso, autor dramatico, com o *Mauvais Bergers*, peça sobre o socialismo e as greves, com pequenos actos mordentes como *L'Epidemie* e *Le Porte Feuille*, em que certo Jean Guenille, precursor do Crainquebille de Anatole France é preso como vaga-

bundo pelo commissario de policia, a quem entrega uma carteira contendo dez mil francos que encôntrou na rua; com *Les affaires sont les affaires*, forte estudo da alta finança, que valo *Turecaret et Mercadet* e que desde 1903 pertence ao repertorio da Comedia Franceza; e emfim, com o *Foyer*, onde se põe em scena um typo de pretensa philanthropia e sem escrupulos. — (Paul Souday — *Le Temps* — Paris).

#### LLOYD GEORGE

O problema da excepcional fortuna politica de Lloyd George e de suas extraordinarias alternativas apresenta duas phases: uma pessoal, a outra nacional. Como so operou no espirito desse homem uma transformação que o fez passar de tribuno revolucionario a supremo representante da nação inteira numa lucta de vida ou de morte? E como a mesma opinião publica que até o principio da guerra o detestava faz delle agora um idolo, procurando apoio na sua pessoa? A resposta á primeira pergunta é de caracter psicologico: Lloyd George, não obstante todas as suas antigas predilecções pelas ideias democraticas, não é homem do pensamento, mas homem de acção. Todo o seu ardente apostolado democratico não tinha sido, na roalidade, a expressão de uma fé apaixonada por essas ideias, o que bem demonstra o facto do que não trouxe nenhum elemento novo de pensamento ao movimento democratico. Tinha tido a intuição simplesmente, com o instincto vidente do homem de acção, de que essas ideias correspondiam ás necessidades e aos desejos das massas naquello momento da vida do seu paiz, e havia-se lançado nessa propaganda porque ellas lhe davam um meio de empregar o desenvolver as extraordinarias potencialidades de acção do seu temperamento. Assim, quando uma tempestade imprevista transtornou do choque todo o mundo dentro do qual elle

• agia, Lloyd George, homem sincero e forte, cheio de energias primordiais, não encontrou no seu espirito nenhum obstaculo historico que impedisse de volver a sua enorme capacidade de acção para uma tarefa nova o adaptal-a ás novas necessidades historicas. E foi assim que o tribuno subversivo de hontem, o demagogo detestado não teve a menor difficuldade moral em trocar o seu papel o converter-se no supremo organisador o guia do seu povo em guerra. Mas como poude vencer as difficuldades externas, como poude impor-se, fazer com que o accitassem como o homem do destino, os mesmos elementos da nação que até á vespera da guerra o consideravam como a suprema desgraça nacional? E' esto um dos mais delicados problemas da psychologia collectiva das nações o das raças. Graças ao meu profundo conhecimento da Inglaterra o do seu caracter psychologico e moral, creio poder affirmar que o assombroso exito de Lloyd George é devido nada menos do que a isto: que Lloyd George "não é inglez". Mas, ao contrario, representa tudo quanto se pôde imaginar de mais contrario espirito dos inglezes. Filho do Galles, do antiga raça celtica, isto é, da raça que foi combatida e repellida para as montanhas pelos invasores saxões, Lloyd George, o proprio aspecto de sua pessoa, o olhar sonhador e iluminado, na paixão violenta e concentrada, com que organisa a sua actividade consagrada á tarefa que se impoz, na multiplicidade simultanea de sua alma, representa mais violento contraste com as capacidades certamente poderosas mas lentas, flogmaticas, hierarchicas e disciplinadas do temperamento dos anglo-saxões, que constituem o substractum fundamental da nação. Esta convergencia de qualidades e capacidades oppostas, do ardonto, rapido e multiplo pensamento o da actividade febril no espirito celta de Lloyd George, com a lenta, pesada, ponderada e disciplinada capacidade de applicação propria da grande maioria nacio-

nal, é uma grande fortuna para a Inglaterra, e a revelação da excepcional dedicacão politica desse povo, que soube passar dos preconceitos e das paixões de recentissimas luctas intornas á situação actual elegendo como se tivesse uma só vontade, uma só voz, o homem que se mostrava mais apto para a tremenda situação da guerra e para a solução dos seus problemas complexos e vastos. Este factio do homem exotico que justamente pela diversidade de suas qualidades e capacidades relativamente á massa nacional chega a ser, num momento dado da historia, o guia mais proprio da nação, tem-se repetido na Historia algumas vezes. Homens como Mazzarini e Alberoni com a sua frieza intellectual de filhos da Renaissance italiana, com o seu espirito subtil, diplomatico e critico, puderam reger os destinos da França o Hespanha e conduzir especialmente a primeira a uma profunda transformação, precisamente por causa do contraste do suas qualidades com o temperamento apaixonado e primitivamente turbulento dos povos que deviam governar. Ha tambem o exemplo do Napoleão, desso menstro genial o colossal creator, de estirpe italica que levou a sua noção de realismo a machiavelismo e sua força de vontade a desordem sentimental o theorica da Revolução Franceza, dominando-a no interior e dirigindo-a no exterior á realisacão do seu destino supremo de revolução mundial. — (Olindo Malagodi — *La Nación* — Buenos Aires).

#### PORQUE MORREU METCHNIKOFF

Apesar dos seus setenta o tres annos, Metchnikoff não morreu per causa da sua idade avancada. Seguindo os seus proprios ensinamentos, havia-se conservado sempre bem disposto e provavelmente teria vivido muito mais se não fosse uma affecção cardiaca, hereditaria em sua familia. Ha muito tempo elle sabia que essa doença lhe arrebataria a vida. Entretanto, el-

le viveram mais tempo do que os seus immediatos antepassados, os quaes succumbiram todos devido a este padecimento. Por occasião do jubileo de Metchnikoff, que se celebrou no Instituto Pasteur quando elle completou 70 annos, o illustre sabio russo chegou a predizer o seu proximo fim. E fez um quadro, em que assignalou as edades em que falleceram seus avós, seus paes, seus irmãos e irmãs. Quadro que indica terem elles morrido, respectivamente, aos 45, 51, 54, 64, 65, 67 e 68 annos de idade. "Todos desappareceram antes de alcançar a minha idade", dizia elle, de modo que me sinto tentado a attribuir a minha idade ao regimen da minha vida. Durante muitos annos segui um methodo baseado sobre a convicção que conservo, dos damnos que os alimentos do nosso aparelho digestivo. Pensa-se geralmente que os organismos que se criam em nosso tubo digestivo não são capazes de causar damno algum. Por mim, creio que possuímos grande numero de microbios damninhos que encurtam a nossa existencia, trazendo-nos prematuramente a velhice. Por isso, fiz em mim mesmo uma experiencia nos ultimos 18 annos, com a esperanza de fazer desapparecer esse infausto resultado. Abstive-me de comer toda a especie de alimentos cru's (inclusive saladas, fructas não cozidas, etc.) e bebi com regularidade leite coallado, o qual contém microorganismos capazes de destruir os organismos prejudiciaes que todos temos. Só fiz isso durante 18 annos. Esse regimen deve seguir-se desde a meninice. Actualmente, nos consideramos muito favorecidos quando chegamos a uma idade de 70 annos e nos sentimos ainda capazes de realizar o nosso trabalho diario. No futuro, o limite da actividade humana será uma idade mais avançada. Mas para alcançar um feliz resultado será preciso dispor de uma larga preparação scientifica.

O Metchnikoff intimo era tão interessante como o Metchnikoff sabio. Certo dia, achava-se elle sózinho no seu laboratorio, quando

chegaram, para visital-o, varios viajantes estrangeiros. Como o sabio ostivesse a lidar, um dos visitantes observou:

— Som duvida, alguma experiencia interessante o demorou aqui até agora...

— Veja, respondeu-lhe Metchnikoff, — e levantava um prato com alguma coisa de quo se exhalava delizioso odor — é visto que trabalho. Estou fritando talhadas de banana com manteiga...

Na realidade, Metchnikoff não se limitava exclusivamente ao seu regimen alimenticio. Pelo facto delie aconselhar tanto a coalhada, muita gente suppunha que se limitava a isso a sua alimentação. Tomava-a com regularidade. Mas precisava de mais. Comia de todas as coisas quo geralmente se servem nas mesas francezas, e de vez em quando tomava vinho, embora fosse um dos primeiros a assignalar os maus effectos que o alcool produz nas arterias. Attribuia ao uso do alcool uma parte dos casos de velhice prematura; outra parte ás enfermidades; e outra aos organismos deleterios do intestino, as quaes se criam com os alimentos que não estão cozidos.

Morreu no dia 15 de julho do anno passado. A sua ultima visita ao laboratorio foi no dia 13.. Chegou cedo como de costume, e trabalhou o dia todo. Mas não tratou de occultar a anxiedade que lhe causava a debilidade do seu coração. Quando suspendeu o seu trabalho para regressar á casa, disse aos discipulos:

— Amanhã é 14, não é verdade? Assim, não trabalharemos. Receio que seja este o ultimo dia em que passo aqui. Não posso viver dois dias mais. Morrerei amanhã...

Com effecto, morreu no dia 15 de julho. Pelo profundo affecto que consagrava á França, provavelmente ello preferia morrer no mesmo dia da commemoração da Bastilha.

— Legou-nos um encargo muito pesado, disse-me um dos seus discipulos. Tinha-nos feito prometter que dessecaríamos o seu cadaver para que verificassemos os estra-

gos que a velhice produz. Isso foi para nós, uma coisa horrível, por mais que estejamos habituados á dissecação. Tivemos que cumpril-o, e descobrimos que realmente tinha morrido de uma lesão cardíaca, sem que nenhum outro orgam estivesse affectado. (Arno Doseh — Fieurot — *World's Work*, Nova York).

## ZORRILLA

Nasceu em Valladolid a 21 de fevereiro de 1817 e falleceu a 23 janeiro de 1893, esse que bem se póde chamar o poeta dos poetas e que, segundo Menendez y Pelayo "será querido e admirado enquanto pulsar o coração hespanhol e enquanto houver uma reliquia do espirito da nossa raça". Filho de José Zorrilla, funcionario da Administração da Justiça, Zorrilla passou alguns annos da sua meninice em Valladolid e depois em Sevilha e Madrid, para onde se mudou a sua familia. Sendo em 1832 desterrado seu pae, acompanhou-o no exilio. Depois cursou alguns annos de direito em Toledo e Valladolid. Mas tão mal se dava com as leis, que um dia, abandonado a casa paterna, montou a cavallo e fez-se de rumo para a Côte. Tinha vinte annos quando em 1837 o fizeram conhecido os versos que recitou no enterro de Larra. Nesse mesmo anno publicou o primeiro volume de suas *Poesias*, ao qual logo se seguiram outros seis em que se encontram as suas melhores composições lyricas: *Indecision*, *El dia sin sol*, *La duda*, *Gloria y orgullo*; e as admiraveis lendas arrancadas á tradição popular: *Para verdades el tiempo*, *A buen juez mejor testigo*, *Recuerdos de Valladolid*, *Principe y rey*, *Las dos rosas*, *El capitan Montoya*, *Justicia del rey D. Pedro*, *El escultor y el duque*. Tinha surgido assim um poeta tão grande o tão hespanhol como Lope de Vega, que convertia em épica moderna a mosma materia legendaria que Lope fixara em drama. Outros livros de versos produziu Zorrilla, e entre elles os

*Cantos del Trovador*, além de dramas, todos cheios de poesia. Em 1846 seguiu Zorrilla para França, de onde voltou por tor-lhe morrido a mão. Então voltou a Bordeus e Paris, vendeu á Casa Baudry a propriedade de suas obras e conquistou a amizade de Dumas, Musset, Gautier e outros. Morto seu pae volveu a passar algum tempo em sua casa solarenga de Torquemada. Escreveu o grandioso poema do Granada em 1852 e em 1855, depois do curta demora em Paris, embarcou para o Mexico onde teve a amizade do desgraçado imperador Maximiliano. Após onze annos de ausencia, voltou á Hespanha em 1866, vivendo e escrevendo na Catalunha até 1881, em Valladolid e em Madrid. Em junho de 1889 foi solennemente coroado em Granada e a 23 do janeiro de 1893 baixou ao tumulo o poeta mais assombroso e popular que tem tido a Hespanha. Porquo na verdade Zorrilla, mais do que admirado, é querido por encarnar o espirito não só da Hespanha mas do toda a raça hispanica. A prova disso está na sua popularidade em todas as republicas sul-americanas, popularidade tão grande ahi como na peninsula. Foi toda a sua vida errante, um aventureiro, um bohemio, até que as côrtes lhe votaram uma pensão em 1884. Suas obras enriqueceram, ontretanto, os livros e continuam a enriquecer os emprozarios. Vendeu *D. Juan Tenorio* por uma somma infima e no emtanto essa peça ha annos dá á Sociedade de Autores mais do que todas as peças de todos os outros autores reunidos. Jámais poude acabar Zorrilla qualquer coisa com perfeição: tinha nascido improvisador e elle mesmo confessa que *El puñal del godo* foi escripto em vinte e quatro horas. O temperamento poetico de Zorrilla é eminentemente épico e tem suas mais fortes raizes na imaginação. E que imaginação assombrosa! Sou espirito está povoado de visões, fantasmas, anjos e diabos, que, como diz Valera, ora o exaltam, ora o atormentam, ora o delectam ou o ater-

ram. O poeta apparece então como um energumeno ou como possesso. E na descripção desses seres sobrenaturaes sua imaginação, e a abundancia e força de seu brilhante espirito têm tal magia, que nos fazem ver a nós tambem esses seres vagos e informes, cuja tenebrosa essencia para elle e para nós continu'a occulta:

Sueño ,estrella o espectro, quien  
 Qu'e buscas, fantasmas? Qu'e  
 No hay sin ti ni dolor ni place-  
 No hay lecho ni tumba ni mun-  
 |do sin ti?

Mas Zorrilla está todo em suas lendas e contos fantasticos tomados da tradição popular. Poram, de resto, suas lendas que o fizeram popular, porque nellas era toda a Hespanha que cantava por sua bocca, como outr'ora cantou pela bocca dos jograes a épica do Romaneiro. E que canta esse errante trovador? A Hespanha que se foi. Sua poesia épica, são lendas hespanholas e christãs. O que se diz das lendas de Zorrilla deve applicar-se aos seus dramas. São lendas dramatisadas. Os seus dramas não são obras de arte e estudo, mas improvisações brilhantes e ephemerias. Um dia necessita dinheiro e vae á casa de Garcia Gutierrez, que tambe não o tem. Projectam ambos escrever um drama em tres dias, *Juan Dandolo*, para sairem dos apuros. A peça tem exito, e então Zorrilla logo escreve outra, tão atropelladamente como a primeira. Em menos de cinco annos compõe assim, vinte e duas obras.

Zorrilla foi, em summa, um poeta espontaneo e original, de uma força creadora inesgotavel, sem estudos nem mestres, improvisador, falando em verso com a mesma facilidade com que em prosa, senhor de rythmos e cadeieias, profundamente hespanhol, apaixonado da tradição hespanhola e das lendas populares, poeta verdadeiramente nacional. — (Julio Cejador — *La Revista Quincenal* — Barcelona).

## VARIIDADES

### BARBA E CABELLO NA POLITICA E NA HISTORIA

E' extranho como no caprichoso volver dos tempos e dos factos se pôde estabelecer uma certa parentella entre os pellos que nascem no eraneo humano e das ideias especialmente politicas que nelle germinam e pullulam. Dahi talvez a indagação de um humorista, que procurava subteis relações entre a politica e a... pellitica. Em geral as venerandas perueas têm sido sempre symbolos de conservatorismo, ao passo que os bigodes e a barba de liberalismo. As vezes, porém, as opiniões, segundo as épocas e os lugares, e mesmo segundo as classes dos cidadãos, divergem quanto ao significado que se attribue aos cabellos loiros ou aos curtos, aos bigodes para cima, ou para baixo, á barba quadrada ou em ponta, etc. Houve quem dissesse que os tartaros, na antiguidade, moveram frequentes guerras aos persas e aos chinezes por um motivo bizarro: é que estes usavam os bigodes para baixo, em vez de os usarem para cima. E, segundo parece, os tartaros consideravam isso como uma offensa ao seu amor proprio. Nas velhas leis sumptuarias romanas o medievaes, encontramos ás vezes normas severas que regulam a arte de pentear-se e de barbear-se. A peruea importada por Veneza da França em 1665 encontrou primeiro a opposição do Conselho dos Dez, o qual, por decreto de 29 de maio de 1668 a prohibiu rigorosamente. Mas os venezianos não deviam ser então muito obedientes ao governo, porque o decreto resultou inefficaz e a peruea, pouca a pouco, se impoz, a ponto de se tornar commum no seculo XVII e de se fazer mesmo della no XVIII um uso verdadeiramente nacional. Narra Molmenti que não era considerada como pessoa seria quem andava privado della, nem podia concorrer aos cargos publicos. Nos tempos merovíngeos a perda dos cabellos

era considerada como uma grande desgraça, tanto quanto a perda da liberdade. Não foi sempre igual, mas varia e incerta a sorte da barba no decorrer dos seculos e a travéz das peripecias politicas. Alexandre, o Grande, a fazia raspar aos seus soldados, julgando-a appendice perigoso na guerra. Carlos Magno, ao contrario, a fazia conservar. E os marechaes de França tinham predileção especial pelas costelletas. Tida a principio em especial consideração pelos padres do Egreja (porque o barbear-se significava ter a presumpção de corrigir a obra de Deus), a barba foi depois objecto de anathemas em furibundas bulas papaes. Pela metade do seculo XVI era prohibido aos bispos usar barba emquanto se reputava ornamento indispensavel a barba aos embaixadores. E' de lombrar-se o occorrido com Luiz VII. Em 1146, depois de umas predicas de Pedro Lombardo, o rei se julgou obrigado, em consciencia, a dar o bom exemplo aos seus subditos, submettendo-se ás ordens dos bispos. E fez-se tosar a longa barba que lhe ornava o queixo. Eleonora d'Aquitaine, sua mulher, princeza caprichosa, revoltou-se contra isso, e quiz ridicularisar o esposo. O rei respondeu contritamente que não era aquillo motivo para brincadeira. O tom de penitente em que falava o rei acabou por tornal-o ridiculo aos olhos da rainha, a qual prestou logo ouvidos aos galanteios de um namorado pouco devoto de Pedro Lombardo, mas em compensação dono de uma bellissima barba. Luiz VII, percebendo a coisa, censurou a esposa. Mas esta não só continuou a fazer das suas, mas pediu o obtive divoreio. E quereis saber no que fundou a rainha o seu direito? "Eu, diz ella, fui enganada: pensei que me casava com um principe e casei-me com um... frade". Eleonora passou a segundas nupcias com Henrique, duque da Normandia, depois rei da Inglaterra, que ella levou logo a mover guerra á França. Pequenas causas, grandes effeitos! Tres seculos de guerra e

tres milhões de mortos, por causa de um bispo que tinha condemnado os cabellos e a barba. Mas o adversario declarado invencivel, teve a barba na pessoa de Pedro I, o Grande, czar de todas as Russias. Elle não podia tolerar a barba e, querendo combatel-a, rousou a 25 de agosto de 1698 os maiores dignitarios da Côte, isto é, as mais bellas barbas do Imperio. Escutou-se a principio com paciencia. Mas logo, subitamente, tomando de uma tesoura, cortou a barba ao feld-marechal Schein, a Rodonowski e a outros ainda. Em seguida a isso Pedro, o Grande, teve uma ideia luminosa. Lançou imposto sobre a barba: os grandes negociantes pagaram a cem rublos por anno a licença de a usarem; sessenta rublos os cortezaos e os officiaes; trinta, os empregados e os pegunos burguezes; um *copek*, <sup>1/2</sup> os camponezes e os cidadãos. E o dinhoiro choveu. Mas choveram tambem os protestos e as rebelliões. A barba se tornou para alguns motivo do orgulho nacional; para outros, signal de idoiias revolucionarias. Dos tempos napoleonicos até a revolução de 1830, em França, traziam bigodes sómento os militares. Hoje, cahiram de moda as romanticas costelletas, as barbas e os bigodes, as peras napoleonicas, etc. O habito de escanhoar-se completamente se diffunde cada vez mais, especialmente nas classes elevadas. Cada vez mais nos tornamos calmos e positivos e preferimos outros meios de expor as nossas ideias. Mas certa influencia exercem os acontecimentos sobre a moda, embora a gravidade da hora que atravessamos não nos deixe pensar nisso. Mas se ha uma barba que nos interessa é justamente a barba inculta, intonsa e aspera, a barba em batalha do heroico *poilu*... (Gino Bellincioni. — *Cultura Moderna* — Milão).

## AS CARTAS ANONYMAS

Não é recente a mania de escrever cartas anonyms. Na Republi-

ca de Veneza a delação por escripto subira quasi a ser um systema de governo: todo o cidadão podia a qualquer hora do dia ou da noite, depositar em lugar apropriado, no canto do palacio dos Doges a sua delação, o seu relatorio ou as suas queixas, que eram cuidadosamente estudados pelo Conselho dos Dez. Em Florença depois houve a *tamburazione*, assim chamada porque o receptaculo das cartas anonymas tinha justamente a forma de um tambor. Nos nossos dias as cartas ou escriptos anonymos são muito communs, mas tornaram-se um verdadeiro flagello com a guerra actual. Como a calumnia verbal é estreitamente ligada á verbomania, assim tambem as cartas anonymas têm quasi sempre a sua origem na graphomania, que é uma manifestação morbida do indole psychologica. Os hystoricos não têm escrúpulo nenhum em levantar as accusações mais inverosimeis contra amigos o parentes e até contra pessoas desconhecidas; e as mais das vezes taes accusações, confiadas a cartas anonymas, são redigidas em termos frios, medidos o do maravilhosa perfidia. Têm toda a apparencia da sinceridade e da verosimilhança, e consideradas superficialmente conseguem ás vezes persuadir e convencer, de sorte que as victimas envolvidas na insidiosa trama inventada pelo anonymo malfazejo difficilmente podem fugir ás consequencias e provar a sua innocencia. Em seu livro *Les Hystériques*, publicado em Paris em 1882, Legrand du Saulle narra um caso typico "o caso La Ronciere" pelo qual toda a França se apaixonou em 1835. Trata-se do seguinte: — a familia do general M., commandante da celebre escola de cavallaria de Saumur, era perseguida por cartas anonymas — declarações de amor, insultos triviaes, ameaças. Ao mesmo tempo um official amigo da familia recebia cartas escriptas com a mesma calligraphia que o inicitavam a comprometter a filha solteira do general. Do conjuncto dessas cartas, das allusões e miu-

cias que continham, resultou cahirem as suspeitas sobre um certo tenente de La Ronciere, e como essas suspeitas se accentuassem, tornando-se quasi certeza, o general intimou-o a não se apresentar mais em sua casa, onde antes era bem recebido. Passadas algumas semanas succedeu um facto extranho: ás duas horas da madrugada a professora da joven Maria de M. suppondo ouvir lamentos suffocados no aposento desta, penetrou ahi o com grande espanto viu a moça por terra, amarrada o ensanguetada. Socorrida immediatamente, Maria contou que um homem mascarado, mas que ella tinha reconhecido ser o tenente de La Ronciere tinha entrado no seu aposento, quebrando os vidros da janella o depois de ter inutilmente tentado violenta-la lhe tinha vibrado varios golpes de punhal em lugares delicadissimos do seu corpo. Os progenitores, por motivos facéis de comprehender, mantiveram o mais profundo segredo em torno ao pretenso attentado. Mas dois dias depois a senhorita Maria dansava com muito desembaraço em um baile da guarnição. E é de notar-se que nunca quiz mostrar as suas feridas, nem mesmo á sua mãe. Entretanto, o general continuava a receber cartas anonymas, nas quaes o autor do delicto se vangloriava delles nos termos mais odiosos, dando prova de um cinismo revoltante. Afinal a familia decidiu-se a denunciar o tenente de La Ronciere, que foi preso. Iniciado o processo penal, o defensor mostrou todas as inverosimilhanças, contradicções e impossibilidades materiaes que a accusação continha. As cartas anonymas, escriptas com papel identico ao usado pela senhorita Maria e que não era facil de encontrar no commercio foram reconhecidas por quatro peritos como não apresentando semelhança alguma com a calligraphia do tenente de La Ronciere, enquanto que nellas se encontravam as characteristics voluntariamente alteradas da letra da accusadora. E o defensor concluiu que as cartas ano-

nymas eram obra da senhorita Maria e quo o attentado não se realisara senão na imaginação dessa moça allucinada e nevropathica, a qual, de rosto, já tinha dado provas do invencões romanticas o phantasticas. A opinião publica, porém, tomada de piedade pela pretensa victima, tinha já dado o seu "veredictum", que foi confirmado pelo jury com a condemnação a dez annos do trabalhos forçados por tentativa de violencia carnal o ferimento voluntario, admitindo-se, porém, a circumstancia attenuante. O pobre tenente do La Ronciéro teve do cumprir essa pena inteira e só foi rehabilitado em 1847.

Um escriptor francez, que depois teve de ficar em tratamento durante algum tempo numa casa de saúde, por doenças nervosas, tinha a extranha mania de escrever a si mesmo cartas de admiradores imaginarios, que começavam mais ou menos assim: "Caro e illustro mes- tro, — a obra prima com que recentemente enriqueceste a litteratura franceza..." e assim por deante. Mania relativamente inocea, porque não trazia damno a ninguém. Mas o caso pathologico mais interessante é o seguinte, referente a um joven estudante, originario dos Balkans, que se havia matriculado na Universidade de Bruxellas, o que por algum tempo seguiu o meu curso de psychologia: transferindo-me para Paris recebi um dia com grande surpresa a visita do estudante, que parecia embaraçado e preso de uma grande agitação. Convidado amistosamente a explicar a causa da sua perturbação, N. confessou entre lagrimas que soffria de uma doença nervosa do natureza moral que o obrigava a escrever cartas anonymas contra os seus molhores amigos. Submetti-o durante alguns dias a um exame attento e eis quaes foram os resultados: N., com 25 annos, nada sabe dos seus precedentes hereditarios, e limita-se a dizer que o pae era um violento e a mãe frequentemente doente. Ambos analphabetos. Em creança foi recebido na escola

de um convento, e após tres annos de Escola Normal tornou-se professor primario na sua aldeia. Cinco annos depois, com as suas economias, seguiu para Bruxellas, onde se matriculou na Faculdade de Letras e Philosophia. Ahi conheceu uma estudante russa, da qual se apaixonou, mas como a familia dolla so oppunha á união, ollo começou pela primeira vez a escrever cartas anonymas, nas quaes fazia a principio o louvor do "joven estudante honesto o laborioso" e depois, pouco a pouco, acabando por injuriar e ameaçar. Desde esse momento não o abandonou mais a mania das cartas anonymas. N. é pallido anemico, desnutrido, soffre de vertigens e de cephalalgias, especialmente frontal o occipital. A insufficiencia e a irregularidade da alimentação produziram<sup>1)</sup> nelle absoluta falta de appetite e a ausencia do instincto nutritivo. A anomia causada pela desnutrição devo ser neste caso considerada como causa principal das perturbações psychicas e das allucinações. As pupillas são largas, de reacção demoradissima. O doente fala durante o exame clinico com a maior lucidez o bom senso, indicando as singularidades do seu caso. Diz, por exemplo, que o desejo do escrever cartas anonymas se lhe torna uma obsessão, que a todo o custo deve ser satisfeita, mas isso cria um circulo vicioso porque apenas foi expedida a carta já olle sente a necessidade imperiosa do escrever outra para attenuar-lhe os efeitos e ás vezes para desmentil-as o sempre sob o veu do anonymato. Sentia-se, para citar as suas proprias palavras, "moralmente paralyzado". Tendo-se sujeitado depois disto aos cuidados de um professor belga especialista do molestias nervosas, um anno depois N. escrevia do seu paiz communicando que havia readquirido a sua força de vontade, o dominio de si mesmo, e que não era mais "obcecado pela mania de escrever cartas estupidas". Em dezoito cartas anonymas, foi possivel observar, do ponto de vis-

ta graphico, que as linhas são quasi sempre irregulares com intervallos ou muito largos ou muito estreitos; as letras têm altura desigual e frequentemente incompletas, indicando nervosismo, canecira moral, inquietação. A escripta tem sempre um aspecto artificioso e as qualidades do papel, o seu formato, os erros orthographicos voluntarios, tudo revela o desejo de occultar a verdade e de enganar, como ainda demonstra a alteração da vontade e da personalidade, a insufficiencia psychica ao menos momentanea dos individuos atacados da mania das cartas anonymas. (Ossip Lourié, *Grande Revue*, Paris).

#### O SYSTEMA METRICO E A GUERRA

Vamos sahir agora da tutella commercial e industrial dos allemaes. Será, por isso, indispensavel intensificar as relações commerciaes entre a Europa, a Inglaterra, a Russia e os Estados Unidos. Ora estas ultimas tres potencias são precisamente as unicas ou quasi as unicas que não têm ainda officialmente adoptado o systema metrico. E' claro, todavia, que para facilitar as transacções commerciaes será necessario usar das mesmas medidas, das mesmas unidades de cumprimento, de peso, do capacidade, de moeda, etc. Será, em summa, necessario substituir os methodos antiquados, que tornam os calculos longos e complicados, difficeis até aos que se habituaram a elles desde a infancia, polo systema metrico tão simples e pratico. A superioridade do systema metrico está sufficientemente attestada pelo facto de que a maior parte dos paizes civilizados já o adoptou. Sómente a Inglaterra, os Estados Unidos e a Russia é que até agora o não adoptaram officialmente, com grave damno para o commercio. Na Inglaterra o uso do systema metrico foi declarado facultativo em 1897. Nos Estados Unidos, muito antes: em julho de 1866, por uma lei eu-

jo art. I é assim formulado: O Senado e a Camara dos Estados Unidos, reunidos em Congresso, resolvem declarar, depois da promulgação desta lei, legal em todo o territorio dos Estados Unidos o uso dos pesos e medidas do systema metrico, e que nenhum contracto e nenhum acto juridico será annullado ou sujeito a objecções pelo facto de ser baseado em pesos e medidas do systema metrico. Tudo isto constitue, sem duvida, bons augurios para a adopção universal do systema metrico. Entretanto, a experiencia tem demonstrado que em todos os paizes em que o systema metrico é facultativo não se pôde fazer muito para generalisalo-o. Os negociantes são contrarios visivelmente a mudar os seus habitos e abandonar tradições seculares. Pois não vemos na propria França os mercieiros, os vendedores ambulantes obstinarem-se em contar por libras, por um quarto de libra (demi-setier); os marinheiros a avaliarem as distancias em nós, em braças em *encableures*, cerea de duzentos metros; os camponozes referirem-se ainda ao pé, a polegada, á linha; o a lingua corrente usar das velhas unidades monetarias: o *louis*, o escudo, o soldo? Isto ainda não é tudo. Além da perturbação que produziria durante algum tempo o abandono dos systemas aos quaes se habituaram, ha, pelo menos na Inglaterra e nos Estados Unidos, uma questão tão de principio a regular. A massa da população desses paizes sabe que representa cinco oitavos na industria e no commercio mundiaes, o pensa que mais do que a ella toca aos outros tres oitavos abandonar as medidas proprias pela regra de que a minoria deve ceder á maioria. Essa objecção seria fundada se os inglezes e os norte-americanos tivessem um systema unico de pesos e medidas o se este systema fosse tão simples, claro e logico como é o nosso systema metrico. Mas esses systemas estão longe de ser assim. A complicação das medidas inglezas, as difficuldades que gera

o emprego de multiplos e submultiplos não decimaes são muito conhecidas dos commerciantes. E isso não é nada ainda em confronto com o chaos das medidas em uso nos Estados Unidos. Para não se dar senão um exemplo, notamos que o *bushel* tem cerca de cincoenta valores diversos segundo as mercadorias a que se applica e segundo o Estado em que se faz a medida. O peso do *bushel* pôde assim variar de quatro a cento e trinta libras, sem cessar de ser legal. Podiam ser citadas outras muitas extravagancias do mesmo genero, mas esta basta a dar uma ideia da vantagem que offereceria ás transacções commerciaes a adopção do systema metrico decimal em todos os paizes. E' de desejar que uma das consequencias beneficicas da guerra seja essa. — (*Revue Scientifique*, Paris).

#### O CRUZEIRO DO SUL

E' bem conhecida dos rutilos a larga discussão travada a respeito da interpretação do celebre terceto de Dante, referindo-se ao Cruzeiro do Sul sem nunca tel-o visto e sem poder vel-o:

"Io mi volsi a man destra, e posi  
All'altro polo, e vidi quattro stelle  
Non viste mai, fuor ch'alla prima  
gente."

"Voltei-me para direita, e puz minha imaginação no outro polo, onde vi quatro estrellas, só vistas pelos primeiros homons." Essas quatro estrellas, diziam os commentadores do então, symbolisam as quatro virtudes cardeaes, praticadas e respeitadas sómente pelos primeiros homens. Na verdade, porém, Dante não pensou nisso. A allusão era directamente astronomica, isenta do todo o symbolismo. Dante, como toda a pessoa decente, foi um apaixonado da Astronomia e um erudicto no systema astronomico do Ptolomeu. Era mesmo forte em meteorologia. Pois bem: Ptolomeu

collocava o Cruzeiro do Sul — sem entretanto dar-lhe esse nome — na constellação do Centauro. Ora Dante, cultivava relações com alguns astronomicos arabes. Dada a latitude da Arabia, o Cruzeiro do Sul, o seu ponto culminante é visivel de lá. Mas, prescindindo da supposta amizade com aquelles astronomicos, o facto é que Dante conhecia os globos celestes deixados pelos arabes na Italia, e nos quaes estava desenhado o Cruzeiro do Sul. A allusão do Dante com sua onigmatica phrase "Non viste mai, fuor ch'alla prima gente", referindo-se ás quatro estrellas do Cruzeiro, revela a sua grande erudição em astronomia para aquelles tempos.

Desde que a invisibilidade do Cruzeiro do Sul para a Europa ou o Hemispherio norte não será eterna, quando tornará elle a ser visto desse hemispherio? Tomando como ponto de referencia a estrella mais austral do Cruzeiro e, portanto, a que mais se faz rogar para ser vista do outro hemispherio, e tambem a mais formosa, a que forma o pé do symbolo — Alpha Crucis — o calculo das coordenadas equatoriaes dessa estrella nos diz que ha 3.500 annos deixou de ser vista da latitude de 45 graus norte, isto é, do centro da França, Norte da Italia, etc. As outras tres estrellas, Beta, Gama e Delta, do Cruzeiro, puderam ser vistas durante bom tempo, depois de desaparecer a estrella Alpha pois todas ellas têm menor declinação austral do que esta. Entretanto, não ha mais de 2.000 annos a cruz ainda podia ser vista do limite sul da Hespanha, de Gibraltar, por exemplo, pois a declinação da Alpha Crucis era então de 52 graus. Disto se deduz que a Hespanha é o paiz que viu o Cruzeiro do Sul até o ultimo momento e o primeiro da Europa que tornará a vel-o. Mas, se tomamos como valor medio de latitude norte 45 graus mais ou menos, o centro da França, toda a Italia, boa parte da Austria, etc., o Cruzeiro do Sul tornará a ser visto dalli no anno 12.300, permanecendo visivel durante doze mil annos. Sua altu-

ra maxima sobre o horizonte europeu ou boreal terá lugar seis mil annos depois, isto é, no anno 18.300, culminando a 15 grans e 30 minutos no horizonte de latitude media rudiçada, podendo ser vista então de toda a Inglaterra e do extremo sul da Suecia. Indiscutivelmente terá corrido muito tempo quando esses paizes projectarem uma festa nacional que esteja á altura do celeste acontecimento... (Martin Gil—*La Nación* — Buenos Aires).

### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

#### Brasil:

O CENTENARIO DA REVOLUÇÃO DE 1817 — Trabalho de Vicente Themndo Lessa—S. Paulo.

A BANDEIRA DO ANHANGUERA A GOYAZ EM 1722 — Henrique Silva — Rio.

LITTERATURA NACIONALISTA — Andrade Muricy — Petropolis.

DISCURSO — O que pronunciou Abelardo Vergueiro Cesar no almoço offerecido aos voluntarios paulistas pela officialidade do 1.º Regimento de Infantaria, a 10 de Novembro de 1916, na Vila Militar do Rio de Janeiro.

TRAÇOS ALEGRES — Caricatura a crayon, por Abelardo Maia — Recife.

AMORES DE GENTE NOVA— Romance de Raul de Azevedo — Manaus.

MOYSE'S — Poema biblico de Menotti Del Picchia — Itapira.

EXCELSIOR — Ns. 1 e 2 — Março e Abril de 1917 — Juiz do Fóra.

COMEDIA — Ns. 18, 19 e 20 — Abril de 1917 — Rio.

RENASCENÇA NATURISTA — N. 6 — Março de 1917 — São Paulo.

O CRIADOR PAULISTA — N. 3 — Março de 1917 — S. Paulo.

INDUSTRIA E COMMERCIO— N. 12 — 20 de Abril — Rio de Janeiro — A destacar: O novo Funding, por Serzedello Corrêa; O Estado do Paraná, por Osear Corrêa;

A' margem das massas fallidas, por Annibal Duarte.

ARCHIVOS DA UNIVERSIDADE DE MANA'OS — N. 1 — Anno V — Dezembro de 1916 — Manaus — Trabalhos de Braul e Pinto, Benjamin do Araujo Lima e Raphael Benaion.

REVISTA DOS MILITARES— N. 81 — Março — Porto Alegre.

REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA — S. Paulo, Março de 1917 — Principaes trabalhos: Da ingerencia do fallido na verificação de creditos, por Waldemar Ferreira; Portos de commercio, por Clodomiro Pereira da Silva; Consultas e pareceres, por Alfredo Pujol; O formidavel progresso dos Estados Unidos, por Victor de Suesnay.

VIDA MODERNA — Ns. 308 e 309 — Abril — S. Paulo — Trabalhos de Olavo Bilac. Armando Prado, Monteiro Lobato, Gustavo Teixeira, Manoel Carlos, Saul Maia, Leo Vaz, Octacilio Gomes, etc.

REVISTA FEMININA — N. 35 — S. Paulo, Abril — Trabalhos de Jesuina de Barros, Orlando Marçal, Wenceslau de Queiroz, Amélia de Oliveira, Aurca Pires da Gama, Mario Setti, etc.

REVISTA AMERICANA — Ns. 5 e 6 — Fevereiro e Março — Rio — Principaes trabalhos: Bibliographia do José Maria da Silva Paranhos, pelo sr. Rio Branco; L'Arbitrage au Brésil, pelo professor Sá Vianna; Relações entre os Estados Unidos e o Brasil. Uma nuvem que passa, pelo sr. Helio Lobo; Meus sete peccados, poesia por J. M. Gonlat de Andrade; A' margem das grammaticas, por José Oiticica; Notas á Historia da Revolução de 1817 de monsenhor Muniz Tavares, pelo sr. Oliveira Lima; Impressões dos Estados Unidos, pelo sr. Rodrigues Doria; Spinoza, per Januario Lucas Gaffré; A civilização do Brasil nos fins do seculo XIX, de Rocha Pombo; Oda Continental, por José dos Santos Choccano; O triste fim de um peeta de raça, por Alipio Machado; As fronteiras do Brasil, por J. C. Gomes Ribeiro; Versos de Alfredo

de Assis; *Selecta Canoneana* clasificada, por Arthur Bomilear.

A CIGARRA — N. 64 — 18 de Abril — S. Paulo — Trabalhos de Emilio de Menezes, Amadeu Amaral, Martins Fontes, Guedes de Melo, Cornelio Pires, João Felizardo, Oavo Bilae, Manuel Leirod, Guilherme de Almeida, Ulysses Sarmiento, René Thiollier, Alcanta Carreira, J. Marques da Cruz, Carneiro Leão, Caio de Mello Franco, etc.

OS QUE TRIUNFAM — *Novela Romantica*, de Souza Costa — Edição da Livraria Francisco Alves.

APOLLO — N. 1 — Janeiro do 1917 — Rio — Trabalhos de Colatino Barrozo, *Legenda das aguias divinas*; Da Costa e Silva, *Verhaeren*; Ildefonso Falcão, *A' Humanidade*; Olegario Marianno, *Canção da Saudade*; Mario Pedernoiras, *Madrigal*; Lima Campos, *Vitraes*; Caio de Mello Franco, *Arropondimento*; Hermes Fontes, *Transformação*; Gonzaga Duque, *Sangra-Vida*; Alvaro Moreyra, *Mãos Postas*; Rodrigo Octavio (filho), *Do Sonho e da Saudade*; etc.

*Estrangeiro:*

ATLANTIDA — N. 17 Anno II — Lisboa, 15 de Março de 1917 — A destacar: *Columbano*, por Manuel de Souza Pinto; *Saudades tragico-maritimas*, por Affonso Lopes Vieira; *A Sorte do Cambaia*, por Henrique Lopes de Mendonça; *O meu Natal em Mansurah*, por Manuel Monteiro; *A função social da guerra europeia na Historia da Humanidade*, por José de Mattos Braamcamp; *O meu enterro*, por A. Rita Martins; *Cartas a uma rapariga loira*, por Julio Dantas; *A cobra de Teófilo Braga e as tradições portuguezas*, por Marques Braga.

A AGUIA — Ns. 61, 62 e 63 — Janeiro a Março de 1917 — Porto — A destacar: *Fanny Owen e Camillo*, pelo Visconde de Vila-Moura; *Tentativas pedagogicas*, por Alfredo Coelho de Magalhães; *Musicos portuguezes*, por D. Miguel Sotomaior, com apresentação de Vi-

la-Moura; *Etnographia artistica*, por Virgilio Correia; *O Instituto Superior Técnico e o desenvolvimento da industria nacional*, por Alfredo Bensaude; *A Educação religiosa*, por Leonardo Coimbra; *Sciencia e educação*, por Antonio Sergio; *Colonização, elimas e linguas*, por Affonso Cordeiro.

ESTUDOS DE LITERATURA — *Artigos varios de Fidelino de Figueiredo* — Lisboa.

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — N. 78 — Buenos Aires, 12 de Março de 1917 — A destacar: *Finanzas modernas. Ideas para la Republica Argentina*, por Luis B. Tamini; *Libertad constitucional y licencia práctica de la prensa*, por Francisco Durá; *Fiscalización de sociedades anónimas*, por Mario A. Rivarola; *Problemas educacionales*, por Alejandro Calzada; *El derecho social al trabajo*, por Enrique Fermann; *De politica y religión*, por Leopoldo Velasco; *Inembargalidad de las dietas legislativas*, por Luis Reynald O' Connor; *Fallos de la suprema corte*, por Raimundo Wilmart.

REVISTA COMERCIAL — N. 12 — Montevideo, Março de 1917 — A destacar: *La protección a la industria*, por Pedro de Castilla; *El impuesto unico y el problema de la tierra*, pelo dr. Andrés Máspero Castro; *El Presupuesto*, por Juan R. Garrone.

LA GRANDE REVUE — Fevereiro — Paris — *Pour la Nouvelle Iliade*, do Alexis Danan; *La Jeune Italie: Une Guerre d'ineliation*, por Aurel; *Les "Songeries" d'un Peintre Soldat*, por Hubert Morand; *L'Obstacle au Service de Guerre obligatoire*, por Paul Deprade; *La Guerre et la Musique*, por Louis Boisso.

REVUE BLEUE — Paris, Março do 1917 — Principaes trabalhos: *La Guerre et L'Expansion économique française á l'E'tranger*, por J. Siegfried o Raoul Péret; *Miranda, Général de la Convention*, por Paul Adam; *O, Fils d non ami*, poesia de Eugène Hollande; *L'Evolution de la Politique Wilsonnienne*,

por Paul Louis; La Froideur anglaise, por E. Cammaerts; Moral e Kantienne et Moral e Humaine, por Boutroux; L'Abri, por Adolphe Aderer; Une nouvelle e physionomie des Ruines, de Raynond Bouyer; Les Philanthropes et la Guerre, por Tony D'Ulmés; L'Education physique et la Proration militaire en Allemagne, por V. H. Friedel.

REVUE SCIENTIFIQUE — Paris, Março de 1917 — A destacar: Le Chapitre de la Guerre navale, por L. E. Bérin; L'Organisation méthodique des Recherches scientifiques en vue des Arts de la Guerre et de la Paix, por Gabriel Lippmann; Qu'est-ce que la "Biologie humaine?"; L'Afrique occidentale française, de René Chudeau.

MERCURE DE FRANCE — N. 450 — Paris, 16 de Março de 1917. A destacar: Herbert-George Wells sociologue, por Maurice Simart; La Mobilisation de l'Imagination, por Saint-Pol-Roux; Les Héritiera de la Succession d'Autriche, por Etienne Fournol; L'Origine des "elous" d'Hindenburg, por Louis Courthion.

FRANCE-BRESIL — Paris, 24 de Fevereiro de 1917 — A destacar: Neutralité, por E. Montarroyos; Peuples et Gouvernements, por Georges Gévile.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — Ns. 10, 11 o 12 — Março de 1917 — Paris — A destacar: Les Canons et les Munitions, por Maurice Spronek; La Vertu française, por Louis Madelin; L'Allemagne contre le monde entier, por Abbé Wetterlé; L'Art français après la guerre, por André Michel; Les Deux Propagandos, por Edmond Rostand; La Mairie, l'E'cole et l'Eglise, por Fernand Laudet; La Transfiguration des nations, por S. N. Watson.

REVIEW OF REVIEWS — N. 326 — Fevereiro de 1917 — Londres — A destacar: The Truth about thi Country's Food, por Alfred Stead; The Problem of Venereal Diseases, por Mrs Henry Fawcett; Willainy and Virtue the "Strand", por A. Croom-Johnson.

LA REVISTA DEL MUNDO — Edição espanhola do "World's Work" — Nova York — Abril de 1917 — A destacar: El proceder de Japón en China; La Primera Exposición Aeronáutica Panamericana; Un Diario de Alemania.

RASSEGNA NAZIONALE — Florença, 16 de Fevereiro de 1917 — I secoli della storia dell'India, por A. M. Pizzagalli; Carlo I e Zita d'Austria e la loro famiglia, por Angelo Raggianti; Attorno al Metstasio, de Raffa Garzia; L'infanzia dei Principi di Casa Medici, por Carolina Acerboni; La nave ritorna, por Maria Savi-Lopez.

RIVISTA DELLE NAZIONI LATINE — N. 11 — 1 de Março de 1917 — Prineipaes trabalhos: Le ragioni del Portogallo, por Magalhães Lima; La piu' grande Francia, por Probus; La psicologia della donna e la sua funzione futura, por Gina Lombroso; Il rialzo dei prezzi durante e depo a guerra, por Emilio Bouvier.

LA REVISTA QUINCENAL — N. 5 — Março de 1917 — Barcelona — Prineipaes trabalhos: Por las tierras del dolor, por Johannes Joergensen; El cardenal Mereier, por Angel Salcedo Ruiz; Años de juventud del Doctor Angelico, por Armando Palacio Valdés; La emigración española y la guerra, por Eduardo Sanz Escartin; Problemas pedagógicos, por Rufino Blanco; Cancionero Español Musical Popular, por Felipe Pedrelli; Cavatinas, por Huberto Pérez de la Ossa.

# AS CARICATURAS DO MEZ

PÃO DE CEBO

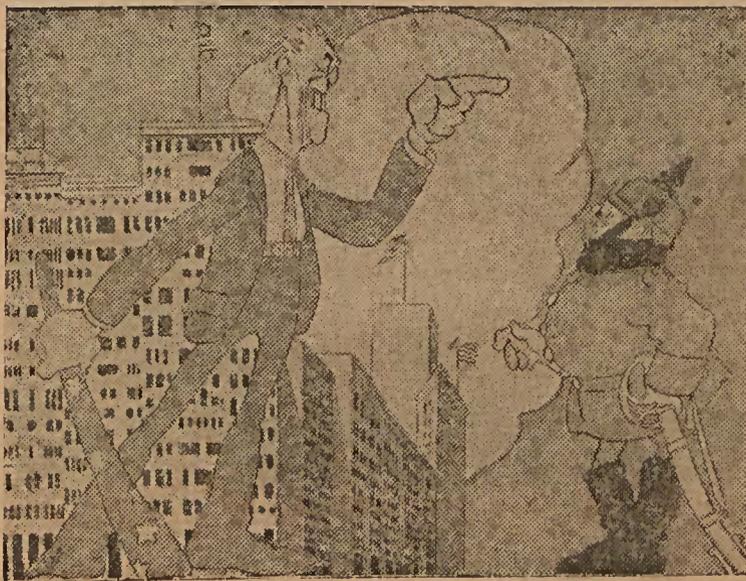


— Galgará?



1  
("Gazeta de Notícias" —  
Bambino)

POTENCIAS



Wilson — Saiba que nos Estados Unidos tudo, tambem, é colossal!  
("Caretta" — J. Carlos)

O AMIGO URSO



— Lá se foi tudo quanto o “marco” fiou.

(“Careta” — J. Carlos)



Um sucessão!! — *Three legged race* — Um sport inglez, genero alegre, na politica nacional.

(N. R.) — Ruy e Lauro não se casaram por causa da guerra ou das pernas.

(“Careta” — J. Carlos)

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Palva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medlea especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetinluga, 9. Telephone 2.296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commerelo, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commerelo 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Comercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

## ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-arhitecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

**DESPACHANTES:**

**BELLI & COMP.** — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATÉS:**

**ALFAIATARIA ROCCO**—Emilio Rocco — Novidades em case-

mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

**JOIAS** — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

△ SECÇÃO DE OBRAS DO △  
**O ESTADO DE S. PAULO**

EXECUTA-SE QUALQUER  
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145  
TELEPHONE 725 S. PAULO

**Loteria de S. Paulo**  
Em 18 de Maio

**100.000 \$000**

Bilhete inteiro . 5\$000  
Quintos . . . . 1\$000

*Os bilhetes estão á venda em toda parte*



# WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523

End. Telegr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

## IMPORTADORES

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke etc. ; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para indústrias; barro e tijolos refractários, barrilha etc.

## AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres

Seguros marítimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres

Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement & Lime  
Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres

Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres

Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres

Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull

Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo

Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne

Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha

Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne

Tintas preparadas "Lagoline"

Aceitam pedidos para Importação directa mediante modica commissão

# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Trouseaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes*

*Rua 15 de Novembro, 30*

*São Paulo - Paris*

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIÓ DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega

S. PAULO  
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ VIETRÉ

# As Machinas **LIDGERWOOD**

---

Para **CAFÊ**      **MANDIOCA**  
**ARROZ**        **MILHO**  
**ASSUCAR**      **FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de  
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

**CORREIAS-CILINDROS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA**

**GRANDE STOCK** de canos de  
ferro galvanizado e pertences

---

**CLING SURFACE**, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-  
quer machinas, canos de fer-  
ro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-6**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



